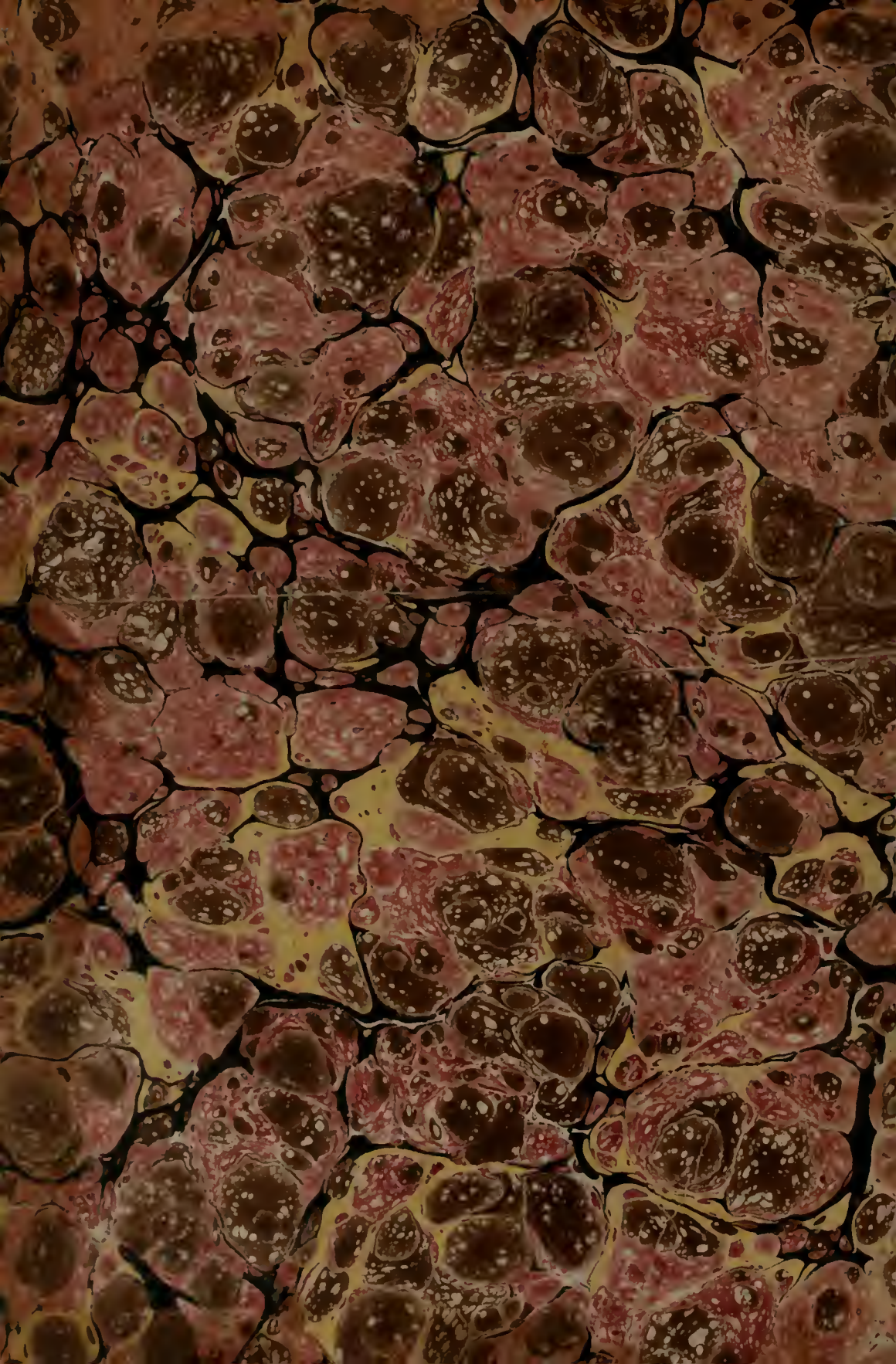
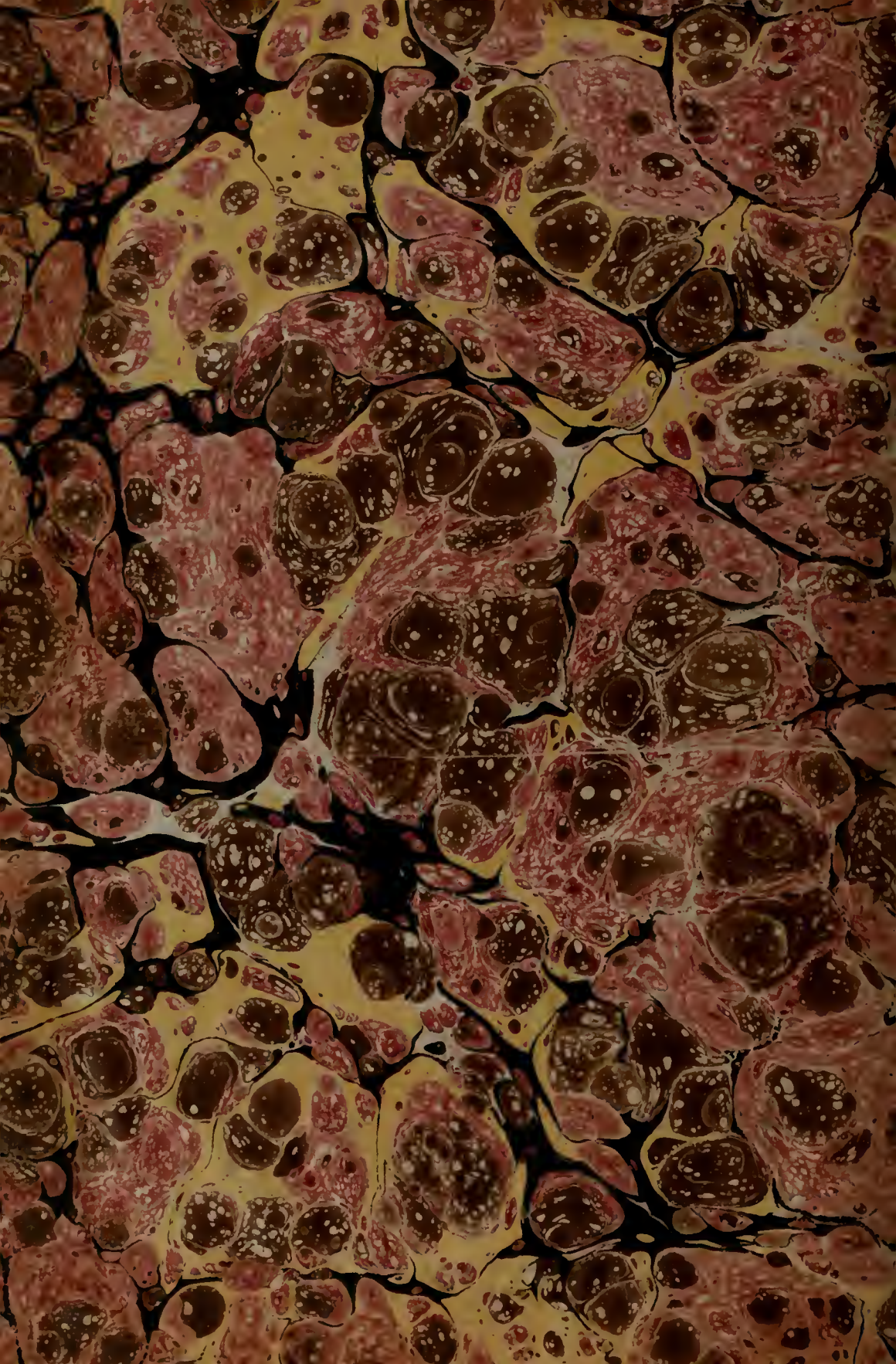
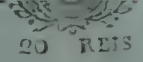




HISTORIA
E
MEMORIAS
DA
ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.


20 REIS

HISTORIA
E
MEMORIAS
DA
ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO IV. PARTE I.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.
1815.
Com licença de S. ALTEZA REAL.

20 REIS

S.1051 D.4.

HISTORIA
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA
PARA O ANNO DE 1814.

Discurso recitado na Sessão publica de 24 de Junho de 1814

PELO VICE-SECRETARIO

SEBASTIÃO FRANCISCO DE MENDO TRIGOZO.

SENHORES. Tendo concorrido algumas vezes neste mesmo lugar, em tempos de amargura, em que nos era preciso hum esforço extraordinario para attender a outros objectos, que não fossem a salvação da Patria, e da independencia Nacional; quão grande não deve ser o nosso contentamen-

to por nos acharmos hoje outra vez reunidos, quando a nossa honra brilha livre de toda a mancha, quando estão cumpridos os nossos votos mais ardentes, e quando a Paz precursora de todas as prosperidades vem affugentar as nossas penas, e debuxar a expressão da alegria sobre todos os semblantes? Os males fysicos e moraes, que até agora nos opprimião, estão desvanecidos, ou vão a desvanecer-se dentro de pouco tempo; e os nossos esforços acabão de ser coroados com a mais ditosa recompensa: mas elles forão extraordinarios em todo o sentido durante aquella época; era necessario segurar ao mesmo tempo a gloria das armas, e a das lettras: ¿e que constancia podia ser bastante para estas se não deixarem ao desamparo, quando os horrores da guerra devastavão o nosso Paiz, quando viamos correr perto das proprias habitações o sangue dos nossos concidadãos?

Eu não pretendo trazer-vos á memoria o calamitoso periodo, em que curvados debaixo de hum dominio usurpador, vacillavamos ainda na incerteza do nosso ultimo destino; nem tão pouco aquelle, em que arrojando com hum nobre enthusiasmo os grilhões, que parecião de novo ameaçar-nos, perseguiamos o inimigo além das nossas Fronteiras; basta-me só lembrar-vos, que durante estes mesmos periodos, não desamparou esta Academia o posto, que lhe havia sido confiado, e que não só não ficárão estacionarios, mas ainda fizerão alguns progressos os seus estudos scientificos e litterarios. Ella tinha mostrado a energia, que a animava no meio dos perigos e das calamidades; e devia igualmente dar-vos, dentro de pouco tempo, outro exemplo proprio a fazella credora dos vossos applausos.

O Deos dos Exercitos abençoou as nossas armas: huma victoria seguia-se a outra victoria, hum triunfo a outro triunfo; o regato que no principio corria pobre e vagaroso, engrossou, rompeo os diques, e desbaratou quantos

tos obstaculos se lhe oppunhão; nada resiste ao valor Portuguez, e he elle o primeiro que faz arvorar a Bandeira branca aos nossos oppressores, envergonhados da sua propria escravidão. A força sustentada pelo despotismo ficou aniquilada; ¿e que espirito poderia, no meio de tanta gloria, conservar bastante sangue frio para se dedicar exclusivamente ás meditações scientificas, e deixar de seguir, ao menos com o pensamento, as ditosas fadigas, e immortaes trofeos dos nossos compatriotas?

Tal era sem dúvida a situação do Reino inteiro, e principalmente a desta Academia, desde a ultima vez que aqui concorrestes: toda a sua attenção parecia reunir-se em o objecto mais digno de ser contemplado, em a successão de scenas as mais brilhantes, que huma imaginação exaltada podia apenas conceber em os seus prestigios; mas quem se não deixou abater pelo terror, e pela desgraça, tambem se não devia deslumbrar com o resplandecente clarão da nossa gloria. Os deveres contrahidos por este Corpo continuavão a ser os mesmos, e era justo que o ardor a desempenhallos continuasse tambem com igual actividade.

Mas ¿será por ventura isto bastante para apparecermos hoje em público de maneira que fique satisfeita a vossa expectação? Algumas circunstancias particulares podem fazello recear; a dispersão de muitos dos nossos Socios, empregados em objectos de interesse mais immediato e urgente, he huma dellas; a prolongada ausencia e grave molestia do nosso Secretario o *Sr. José Bonifacio de Andrada* he a outra, pois não só o impedio de assistir a quasi todas as nossas conferencias, que tanto animava, mas até de occupar agora hum lugar, em que tanto se distinguia. Obrigada a Academia, por este extraordinario motivo, a confiar de mim a historia das suas transacções e estudos deste anno, eu temo justamente que elles pareção diminutos e mesquinhos, em razão da grosseira penna, que vo-los vai tra-

çar. O parallelo do que hides ouvir, com os Discursos que tendes ouvido em outros semelhantes dias, seria sufficiente para me desanimar de todo: lisonjeio-me porém que não criminareis a Academia pelas faltas, que conhecerdes no seu Orador; e que attendereis principalmente á relação dos seus trabalhos, desculpando o estilo e linguagem, com que vós vão ser annunciados.

A Enumeração dos accontecimentos, mencionados nos nossos Fastos, involve desta vez successos calamitosos, cuja recordação excita ainda a nossa sensibilidade. He a parte mais difficil e penosa da minha tarefa, e eu me apresso a cumprilla com o mesmo sentimento de amargura, com que o viajante atravessa as pavorosas solidões, e horriveis precipicios dos Alpes, impaciente de estender a vista sobre as ferteis campinas da Italia, e sobre o pomposo espectaculo do Adriatico.

Roubou-nos a Morte no decurso deste anno dois Socios Honorarios, que reunião em si as qualidades proprias para o desempenho daquelle lugar; o amor ás Lettras, e o exercicio dos empregos mais eminentes. Taes forão o Arcebispo d' Evora, o *Sr. D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-Boas*; e o Patriarcha Eleito de Lisboa e hum dos Governadores do Reino, o *Sr. D. Antonio de S. José de Castro*. O primeiro tendo enchido huma longa carreira, repartida entre o estudo, e as obrigações do seu Ministerio, fez-se mais do que ninguem acredor do premio, com que esta Academia costuma recompensar, principalmente aquelles dos seus Socios, cujo nome deve passar á Posteridade na frente dos seus escritos: assim vós ouvireis o seu Elogio no fim desta Sessão. O segundo, consumindo grande parte da sua

sua vida em a austeridade de hum Instituto, que separa os seus membros da communicação dos outros homens, soube tirar partido disto mesmo para profundar os estudos da sua profissão, e applicar as horas que lhe restavão ao conhecimento da nossa Litteratura. Existe huma prova desta verdade na reimpressão dos opusculos do nosso celebre João de Barros, cuja raridade era tal, que se tinhão feito quasi desconhecidos; e he igualmente certo, que elle projectava ainda novos trabalhos desta natureza, quando as suas reconhecidas virtudes o fizerão subir á Cadeira Episcopal do Porto.

Empregado então unicamente em apascentar a sua Diocese, e instruir o Clero, para o qual edificava hum Seminario amplamente dotado; mal presumia elle que huma repentina serie de successos inesperados, e incalculaveis o viria pôr á testa do Governo Civil, Economico, e Militar daquella Cidade, que durante hum curto periodo se póde dizer que foi tambem o principal do Reino. Não he da nossa competencia referir os accontecimentos desta época, tão fatal, quão gloriosa da nossa Restauração; outra melhor penna se empregará sem dúvida em os transmittir aos vindouros; e esta Academia occupada exclusivamente em objectos scientificos, inhibio-se a si mesmo tudo o que diz respeito aos politicos. Não posso porém passar em silencio, que os seus serviços forão julgados de tão relevante natureza, que o conduzírão a ser hum dos Governadores do Reino, e Patriarcha Eleito de Lisboa.

Foi então que esta Academia o nomeou seu Socio honorario; não era a adulação quem dirigia hum semelhante passo, era a experiencia comprovada pela Historia Litteraria de todas as Nações, de quanto o amparo e protecção das grandes Personagens he proveitosa ao adiantamento das Sciencias; ellas são semelhantes á Videira, que com o apoio de alguma arvore cresce, enrama, e dá fructos copiosos; quando isolada, recompensa apenas mesquinhamente as despezas do Agricultor.

Não

Não ficou por esta vez enganada a nossa expectação. Assiduo áquellas das Sessões Academicas para que era convocado, vós concorrestes aqui com elle, ainda quando huma grave ophtalmia lhe fazia penosa qualquer claridade. Zeloso pelo adiantamento da Litteratura Nacional, elle achou nos manuscritos da Livraria da Cartuxa d'Evora o Livro chamado *Da Virtuosa Bemfeitoria* escrito pelo Senhor Infante D. Pedro nos principios do Seculo XV., e por conseguinte hum dos antigos monumentos da linguagem Portugueza: a pezar de estar escrito em huma lettra muito apagada, e quasi inintelligivel, elle estudou e descobrio a sua chave, fez trasladallo na sua presença, não confiou de ninguem mais a sua revisão, e presenteou por fim a Academia com huma nitidissima copia, que ella conserva cuidadosamente no seu Cartorio.

Se hum dos nossos Socios não vos devesse dar conta dos progressos da Instituição Vaccinica, eu vos faria ver quanto este projecto de Beneficencia lhe era devedor, e quanto as suas exhortações Pastoraes fizerão propagar nas duas Dioceses que administrava, este incomparavel preservativo. Far-vos-hia igualmente conhecer outros factos, que provão com toda a verdade o interesse que elle tomava por esta Corporação, mas a escacez do tempo deve desculpar o meu silencio; ella me obriga, ainda que involuntariamente, a contentar-me com as poucas linhas, que deixo consagradas á sua memoria.

¡Quanto não estimaria parar aqui com a narração afflictiva das nossas perdas! mas hum dos Socios effectivos da Classe das Sciencias Mathematicas, e que consagrou grande parte da sua vida á utilidade do Estado, merece sem dúvida que se lhe não roube hum lugar, que os seus trabalhos tão dignamente lhe grangeárão. A elles he que se deve a medição dos grandes Triangulos para a Carta Geografica de Portugal, e o adiantamento em que ella se achava quando a dureza dos tempos fez suspender aquellas ope-

ra-

rações; a elles se deve huma serie de Observações Astronomicas, que a Academia fez imprimir nas suas Actas: a elle finalmente se deve o simples, e bem combinado systema de Telegrafos, de que se faz uso com tanta ventagem no nosso Reino. O *Sr. Francisco Antonio Ciera* merecia sem dúvida, que nos demorassemos mais a seu respeito; mas a continuação e publicação daquelles trabalhos, que forão por ordem superior remettidos ao Archivo Militar; formará o Elogio mais agradavel á sua memoria, e o mais proporcionado ao seu merecimento.

O ultimo, que em ordem de tempo tem tambem hum direito incontrastavel á nossa recordação, he o *Sr. João Manoel de Abreu*, Socio livre desta Academia. Ainda moço elle se applicou ao estudo das Mathematicas, ao principio com seu Mestre e amigo José Anastasio da Cunha, e depois em a Universidade de Coimbra. Alguns infortunios e desgostos offuscárão esta época da sua carreira; porém a sua alma não succumbio a elles, e os seus reconhecidos talentos o fizerão nomear Lente da Academia Real da Marinha, e da Cadeira de Historia em o Real Collegio de Nobres. Eu tive a fortuna de ouvir as suas prelecções neste ultimo Estabelecimento; e posso segurar, que jámais conheci pessoa dotada em gráo mais eminente das qualidades necessarias para o Magisterio, que mais fizesse amar o estudo aos seus Discipulos, e melhor obtivesse o seu affecto. Acerrimo propugnador, e defensor dos Principios Mathematicos do seu primeiro Mestre, e desejoso de divulgallos aos Estrangeiros, achando-se em París, elle emprehendeo a sua traducção: as importunações dos seus amigos, e a contemplação dos incommodos que o ameaçavão, nada foi bastante a desviallo deste intento. Em fim, entre afflicções e pezares, de que esteve a ponto de ser victima, he que elle acabou de imprimir aquella obra, de que tanto lustre resulta á Nação Portugueza; depois do que, teve ainda a doce consolação de vir acabar os seus dias no seio da sua Patria.

Taes

Taes forão aquelles de cujas luzes, e patrocinio nos vimos privados no decurso de hum anno; em qualquer outra occasião seria a sua falta por extremo sensivel, porém na presente ella se podia olhar como huma calamidade, pelas poucas acquisições que a Academia estava em circunstancias de fazer para a reparar; com tudo ella elegeo o *Sr. Justiniano de Mello Franco* seu Correspondente e collaborador da Instituição Vaccinica: nomeou tambem Correspondente o *Sr. Joaquim Machado de Castro*, e Socio Estrangeiro a *Mr. Haüy*; querendo assim dar no primeiro huma prova de gratidão, devida a hum dos melhores Artistas deste Seculo, e que empregá os seus momentos de descanço em o commercio das Musas; e ao segundo hum signal do apreço, que a Academia e a Europa inteira faz dos seus importantissimos descobrimentos mineralogicos e cristalographicos, e das suas virtudes sociaes.

Passando já a fazer a rezenha dos trabalhos litterarios, e privativos dos Membros da Academia; eu chamarei primeiro a vossa attenção para as Sciencias Fysicas, que fazem a principal base dos seus estudos. A Medicina, a Chimica, a Historia Natural, a Fysica, e a Economia, são os differentes troncos, em que ellas se ramificão, e que eu tratarei promiscuamente.

O *Sr. Francisco Elias Rodrigues da Silveira* lêo huma Memoria sobre a *Digitalis purpurea*, Planta da classe das *Mascarinas*, bastante trivial entre nós principalmente nas Provincias do Norte, e de que não ha ainda muitos annos que a Medicina tem sabido tirar hum vantajoso e energico remedio para a cura de muitas enfermidades.

O *Sr. Francisco de Mello Franco* offereceo hum Tratado completo de Hygiene, o qual merecendo muito a approvação da Academia, foi logo mandado imprimir em hum volume separado; não só por não poder fazer parte das Collec-

leeções Academicas, pela sua extensão, mas porque a materia he de huma utilidade tão geral, e está tratada com tanta clareza e exactidão, e até com hum estilo tão elegante, que não se devem poupar meios alguns para vulgarizar este precioso trabalho, cuja impressão já chega ao meio.

Se porém o methodo de prevenir as molestias em geral fórma huma parte tão importante da Medicina, ¿ quanto o não deve ser aquella que trata de minorar ou impedir o contagio das que já huma vez se declarárão? A Peste, e a Febre amarella, nomes que repetidos bastão para fazer sentir huma especie de horror, são as que se propagão mais facilmente, quasi por todas as maneiras imaginaveis, e cujo foco póde permanecer largos tempos, até talvez dentro de huma carta. Por esta razão julgava-se, ainda ha pouco, necessario abrir todos os papeis, que vinhão de terras infectadas ou suspeitas, com o fim de os passar pelo vinagre. Esta medida, que por huma parte podia parecer perigosa e impolitica, era por outra a unica que dictava o bem da saude pública, Lei suprema de todos os Estados. As bellas experiencias de Mr. de Morveau sobre a propriedade desinfectante dos Acidos, principalmente do muriatico oxygenado, derão logo esperanças, que elles fossem hum defensivo contra a propagação da Peste; e algumas experiencias directas, accompanhadas de todos os argumentos que pode sugerir a analogia, assim o demonstrárão convincentemente. Mas ¿ he o gaz muriatico susceptivel de atravessar os poros do papel, e destruir o *fomes* pestilencial, que se occulta dentro de huma carta, sem que seja necessario primeiro abrilla? He o que provão as curiosas experiencias do *Sr. Bernardino Antonio Gomes*, o qual não satisfeito ainda com a efficacia deste agente, nem com a do gaz acetoso, que igualmente empregou, descobrio em o vapor do Acido sulfurico, outro que elle reputa mais proprio para permear a materia do papel, e desinfectar economica, e quasi instantaneamente as cartas, e os corpos susceptiveis, que dentro dellas estiverem fechados.

O *Sr. Justiniano de Mello Franco* lêo huma Memoria intitulada *Tabellas comparativas do estado da Puberdade, Fecundidade, Gestação, Grandeza individual, e termo da vida dos Animaes mammiferos*; e igualmente a *Descripção das vantagens de huma nova Cadeira obstetricia*, inventada primeiro pelo Dr. Stein, reformada e emendada pelo Professor Osiander, e aperfeiçoada ultimamente segundo as suas proprias observações: era esta Descripção accompanhada de hum modello em pequeno; e a Academia olhando este objecto como muito digno da sua attenção (por dizer respeito á época mais essencial da existencia humana, em que a reproducção da nossa especie reclama todos os desvelos para ajudar a grande obra da Natureza) mandou construir hum modello em grande da dita maquina, o qual não foi possivel acabar a tempo de se expor aos vossos olhos.

A Analyse das Agoas mineraes he outro objecto de tão grande utilidade na praxe clinica, que todos os trabalhos tendentes a augmentar estes conhecimentos no nosso Paiz, devem ser recebidos com todo o appreço. Assim succedeo a huma Memoria que entregou o Illmo e Exmo *Sr. Visconde de Balsemão* sobre os Banhos dos Cucos junto á Villa de Torres Vedras, que ha poucos annos se tem feito célebres por algumas curas prodigiosas.

Estas agoas são quentes, mas a sua temperatura varía á proporção da estação, e da quantidade da chuva, ainda que nem sempre por hum modo uniforme: o estado da atmosfera, limpa ou nublada, influe nellas mui sensivelmente: estas alterações, que muitas vezes se observão no mesmo dia em huma mesma nascente, fazem a sua analyse mais difficultosa; a agoa de que se trata nesta Memoria foi tirada do Banho vulgarmente chamado da Bomba; ella dá pela evaporação alguns productos gazosos, como o Gaz acido carbonico, e huma pequena porção de Hydrogenio sulfurado; e contém Saes formados pelo dito Acido carbonico, e pelo sulfurico, e muriatico, com a cal, ferro, magne-

gnesia, e soda. Estas observações são tanto mais estimaveis, que ellas comprovão os resultados que tinha indicado o nosso Socio o *Sr. Francisco Tavares*, que alem disso observou nas mesmas agoas huma grande porção de Nafta: eu mesmo a tenho visto muitas vezes formando huma especie de teagem sobre a superficie dos Banhos.

O mesmo *Sr. Visconde* lêo huma *Descripção do Destrito da Marinha grande*, nas visinhanças de Leiria, que comprehende a noticia dos seus Estabelecimentos. Não ha talvez, em toda a extensão do Reino, hum pequeno recinto, onde o Observador tenha tanto a contemplar, quer o olhe pelo lado da Agricultura, quer pelo das manufacturas: huma parte da Memoria cujo extracto se vai ler nesta Sessão, provará o que acabo de dizer.

A *Descripção Fysica e Economica da Villa da Ericeira* ainda he obra da mesma penna, e igualmente o he outra *Dissertação sobre a Agricultura da Provincia do Minho, e em particular no que toca ao ramo florestal.*

Entre as Sciencias Economicas não ha nenhuma, que deva fixar agora tanto a attenção dos Portuguezes, como a Agricultura; conforme o seu estado ella será para nós huma fonte inexhaurivel de riqueza e prosperidade, ou de abatimento e de miseria. Esta asserção tem ainda de vir a ser demonstrada pela experiencia; e em quanto o não he, todos os escritos, que tratão deste assumpto, são recebidos avidamente. Parece, a darmos credito a alguns, que temos chegado neste ponto a hum grande gráo de perfeição, em quanto outros nos fazem sepultados na maior barbaridade. Longe de nós o falso patriotismo de apresentar a nossa Nação como grande agricultora, seria attentar do modo possivel contra a felicidade pública: temos o mais bello clima, susceptivel das producções mais variadas, o cultivo de algumas dellas chega a ser perfeitamente conhecido, a nossa posição geografica he summamente vantajosa, os nossos operarios não cedem a nenhuns da Europa, em fim tratou-nos a Natureza como a seus filhos mimosos: são estes os bens

com que podemos contar, e realmente não são poucos; mas ainda resta muito para fazer, e huma das cousas mais urgentes he dar aos nossos Agricultores huma sufficiente instrucção dos conhecimentos praticos da sua arte.

Convencido desta necessidade, offereci á Academia hum *Projecto de Escolas ruraes praticas*, que me parecêrão capazes de melhorar muito o nosso systema agrario: foi este projecto remettido ao *Sr. Felix Avellar Brotero* para o examinar, e dêo assim occasião a elle escrever as suas *Reflexões sobre a Agricultura de Portugal, sobre o seu antigo e presente estado, e se por meio de Escolas ruraes praticas ou por outros ella póde melhorar, e tornar-se florescente?* Esta Obra augmentou consideravelmente o pequeno merecimento do meu Opusculo, pois he provavel que sem elle nos não fossem conhecidos os principios daquelle sabio Professor, que está muito acima dos meus elogios.

Outro Lente da Universidade de Coimbra tambem Socio da Academia, o *Sr. Constantino Botelho de Lacerda* lhe mandou huma *Memoria sobre a cohesão artificial das madeiras*; elle fez huma quantidade de experiencias sobre differentes páos principalmente do nosso Paiz, unidos com grude, e ao mesmo tempo que reconhecia que a adhesão do grude era mais forte, que a das fibras lenhosas, determinava a força que era necessario empregar para estas se romperem.

Porei o ultimo remate ao que tenho para dizer sobre as Sciencias Naturaes com huma noticia Botanica communicada pelo *Sr. Anastasio Joaquim Rodrigues*: descobrio elle nas ruinas do Castello de Almourol, hum tronco de *Cactus*, da especie chamada vulgarmente *Figueira da India*, de huma altura prodigiosa: todos conhecem aquelle arbusto bastante trivial entre nós; mas nem todos sabem, que na sua velhice elle tem por base hum tronco pardo, lenhoso, e que não costuma ser muito alto: o comprimento total do de-

Al-

Almourol he-nos desconhecido, mas hum toro cortado delle, e que veio para a Academia, tem cento e cincoenta pollegadas d'altura, e perto de vinte de diametro na sua maior grossura. ¡Qual não deve ter sido a duração daquella Arvore, que provavelmente he coeva ás primeiras ruinas deste monumento dos Templarios!

As Sciencias Mathematicas continuárão tambem a fazer alguns progressos, quer em os seus principios, quer em algumas das suas applicações. O *Sr. Francisco Simões Margiochi* em os seus *Fundamentos da Algorithmia*, deduzio de algumas Proposições elementares da Algebra, por hum modo simples e elegante, formulas Logarithmicas proprias para demonstrar as propriedades destes numeros.

O *Sr. Mattheus Valente do Couto* em huma Memoria intitulada *Breve Ensaio sobre a deducção Filosofica das operações Algebricas* comprehende huma theoria luminosa das operações e sinaes Algebricos, deduzida com muita clareza da operação primitiva da addição.

Este mesmo Socio offereceo tambem hum breve *Tratado da theorica da construcção naval*, para della se derivarem as regras praticas relativas á construcção, carregação, e manobra dos Navios. Este escrito era destinado a formar a primeira parte de hum Compendio para a Aula de Construcção naval, e por differentes motivos não chegou a concluir-se; mas ainda mesmo olhado sobre si, e como hum Exame das Forças, a que fica sugeito hum Navio, logo que se acha fluctuando, elle não diminue o nome, que o Author tem ganhado com as suas outras publicações.

O *Sr. Francisco de Paula Travassos* apresentou huma *Taboa Cosmografica dos Portos, Ilhas, e Lugares das Costas Maritimas*, a qual he tirada das Ephemerides de Coimbra, mas com as latitudes e longitudes de Lisboa; trabalho enfadonho e muito inferior ás suas forças, mas de que havia

si-

sido incumbido, para se ajuntar ás *Taboadas perpetuas Astronomicas para uso da Navegação Portugueza*, que estão debaixo do Prelo.

Finalmente o *Sr. Paulo José Maria Ciera* entregou as suas *Observações Astronomicas*, feitas no Observatorio da Marinha em o anno de 1807, e nos que se seguirão até 1812. Semelhantes Observações, que a Academia se tem feito hum dever de publicar logo que lhe são entregues, principiárão em 1778, e tem depois sido continuadas, e interrompidas por diversas vezes: agora porém que se determinou para ellas hum estabelecimento permanente, he de esperar que o zelo daquelle Socio nos habilite a divulgallas de huma maneira mais regular.

Depois das Sciencias Fysicas e Mathematicas segue-se a Litteratura, terceira ramificação dos Estudos Academicos. Nesta parte fizemos este anno huma acquisição importante em alguns manuscritos do *Sr. Joaquim de Foyos*. São tres Traducções do Grego, a primeira da *Cyropedia de Xenofonte*, a segunda da *Expedição do mesmo Cyro á Asia alta*, e a terceira da *Oração de Lycurgo contra Leocrates*. Estas Obras postas em Linguagem, e com as annotações de hum dos nossos melhores Hellenistas, são muito merecedoras de ver a luz pública, e sem dúvida conseguirão este beneficio, logo que as circunstancias permittão prover-se a nossa Typografia dos caracteres necessarios.

Não sómente se fez conhecida esta parte da Historia antiga, fizerão-se tambem esforços para romper as trévas que o tempo, e a falta de noticias espalhárão sobre alguns pontos da moderna: por isso o *Sr. João Pedro Ribeiro*, continuando nas suas indagações diplomaticas, apresentou tres Dissertações huma sobre o uso do Papel sellado no nosso Reino, outra sobre os Documentos divididos pelas letras do Alfabeto, e a terceira sobre os sinaes publicos, rubricas, e assignaturas empregadas nos nossos Diplomas. Estas Memo-

morias accompanhadas de sessenta e quatro Documentos, até agora ineditos, correm já impressas, e formão a segunda parte do 3.° volume das suas *Dissertações Chronologicas e Criticas.*

Este estudo das nossas antiguidades tão util, e indispensavel, he ao mesmo tempo arido e escabroso; e o *Sr. Alexandre Antonio das Neves* veio a proposito tornar mais amenas algumas das nossas Conferencias, com a leitura da sua *Traducção de Esther*, producção inimitavel do immortal Racine. Esta Tragedia, que respira os mais nobres sentimentos de Religião e de Piedade, e cujos Coros sobre tudo tem hum estilo simples e terno, que vai direito ao coração, devia ha mais tempo ter passado para a nossa linguagem, se mil difficuldades não fizessem desanimar o commum dos Traductores. Não he por certo pequena gloria tellas sabido vencer, e passar para o Portuguez no mesmo numero de versos as bellezas do Original.

Eu tive tambem a honra de ler o *Elogio Historico do Sr. Fr. João de Sousa*, Religioso da Terceira Ordem da Penitencia, Professor Regio de Lingua Arabica, e Socio desta Academia, fallecido em o anno de 1812; e li igualmente huma extensa *Memoria a respeito do nosso celebre Mathematico Martim de Bohemia*, sabio muito conhecido e nomeado entre os Estrangeiros, e do qual entre nós se conservão escassas, e pouco exactas noticias.

Além dos trabalhos individuaes, que até agora tenho numerado, conta a Academia outros, feitos em commum pelas suas Commissões, de que igualmente vos devo dar noticia. A Instituição Vaccinica continúa com o mesmo zelo e actividade, com que se tem distinguido desde o seu principio: a ella se deve ter-se vaccinado neste anno huma grande quantidade de Individuos, entre os quaes 8527 tiverão Vaccina verdadeira, fóra outros muitos que igualmen-

mente a terião, mas que não se apresentárão a tempo de isto se verificar. ¡ Que de victimas pois não se subtrahírão a huma morte antecipada! ¡ que de Cidadãos conservados ao Estado! ¡ e que satisfação não devem experimentar aquelles que concorrêrão para huma tão nobre empreza, que se tem estendido a todas as Provincias! Mas eu conheço que estou usurpando hum direito, que hoje me não pertence, e o *Sr. Francisco Elias Rodrigues da Silveira* deve logo annunciar-vos os louvaveis esforços da Instituição, e dos seus benemeritos Correspondentes.

A Commissão de Historia traz entre mãos duas obras importantes, que os Eruditos desejão ha muito tempo: he a primeira a publicação das antigas *Chronicas do Sr. Rei D. Pedro I., e D. Fernando*; escritas ao que parece originariamente por Fernão Lopes, e retocadas depois pelo outro Chronista Ruy de Pina. He certo, que José Pereira Bayão tinha já impresso a Chronica do Sr. D. Pedro, mas com huma frase tão adulterada, que ella se podia ainda reputar como inedita; pelo contrario a Chronica do Sr. D. Fernando faltava totalmente á nossa Litteratura. Estas edições, que já entrárão no Prelo, são feitas escrupulosamente sobre os manuscritos da Torre do Tombo, cotejados com os da Bibliotheca Pública, e com os que o Ill.mo e Ex.mo Sr. Marquez de Tancos teve a bondade de confiar da Academia, que gostosa se aproveita desta occasião, para lhe dar huma prova authentica do seu reconhecimento.

O segundo trabalho em que se emprega a Commissão he colligir chronologicamente os principaes, e mais importantes Documentos da Historia de Portugal, debaixo de qualquer aspecto que seja considerada. Este projecto concebido ha bastantes annos por hum dos nossos Socios mais distinctos, e que mais se disvelava pelo adiantamento das Sciencias, e da Litteratura nacional, o *Sr. José Correa da Serra*, foi approvado pela Academia, que logo mandou alguns dos seus Membros a examinar a maior parte dos Cartos-

torios do Reino; mas suspendeo-se depois por algum tempo, em consequencia de circunstancias calamitosas, que não deixavão nem os meios, nem o socego de espirito necessarios para huma empreza tão prolixa. Como porem entre tanto aquella primeira idéa estava apenas adormecida, despertou novamente, mal começárão a ouvir-se as vozes, que auguravão o nosso descanço e felicidade. A Commissão creada ha pouco mais de hum anno, principiou por examinar a grande collecção destes Diplomas, que com tanto trabalho tinha sido feita, e remettida para o nosso Cartorio; e não contente ainda com isto, faz novas indagações em o Real Archivo, e em o do Mosteiro de S. Vicente de fóra; ambos minas riquissimas destas preciosidades, mas onde he necessaria toda a pericia da parte do Operario, para não confundir o diamante com o cristal rocha, e para o lapidar de modo, que brilhe em toda a perfeição.

O primeiro destes dois trabalhos, isto he, a impressão das Chronicas, está já principiada, e continuará sem interrupção; o segundo caminha com hum passo mais vagaroso, e mediará ainda bastante tempo, antes que acabe de aprontar-se o primeiro volume, que deve conter os Monumentos anteriores á Monarchia, e até ao fim do Seculo XII.

Resta ainda fallar da Commissão de Lingua, estabelecida ao mesmo tempo que a de Historia; e sinto ter a annunciar-vos, que os seus trabalhos estão em parte suspendidos interinamente. Era ella incumbida com particularidade da continuação do Diccionario da Lingua Portugueza; e como esta he huma das obras de maior interesse para a Litteratura Nacional, parece que não será fóra de proposito dar huma ligeira idéa dos motivos, que obstárão ao seu adiantamento.

O Vocabulario de huma lingua morta, póde ser composto debaixo de hum de tres planos; ou contendo só as palavras e frases dos tempos, em que ella se escrevia com pureza; ou escolhendo tão sómente os vocabulos e expres-

sões barbaras que se introduzírão na sua decadencia; ou ajuntando promiscuamente no mesmo corpo humas e outras, com a indicação das authoridades que as abonão. Em qualquer lingua que não está em uso, o trabalho do Diccionarista he regulado por huma destas tres normas. Elle póde escolher a seu arbitrio, certo de que a revolução dos Seculos nunca hade augmentar, nem diminuir o merecimento intrinseco e absoluto da sua Obra.

Pelo contrario as Linguas Vivas marchando em hum sentido differente, se por hum lado perdem, pelo outro accrescentão todos os dias os seus cabedaes; o que hoje he neologia, passa brevemente a ser usado; e o que ha pouco era puro e corrente, vem a olhar-se como expressão antiquada. Hum Diccionario em huma lingua destas, nunca póde ser perfeito, senão respectivamente ao tempo em que se escreveo.

Mas para se adquirir esta mesma perfeição relativa, ¿qual he o methodo que deve buscar huma Sociedade de Litteratos incumbidos de tal empreza? Dois são os caminhos que até agora se tem trilhado: ou esta Sociedade se compõe de homens de reconhecido merecimento, e emprehende este projecto no Seculo aureo da Litteratura nacional, e neste caso ella se erige em Legisladora, e determina decididamente o uso e regras da linguagem: ou o Vocabulario he composto em tempos de decadencia, em que o idioma está contaminado com dicções e neoterismos estrangeiros, e então tem os Diccionaristas (que não se devem considerar livres do mesmo mal) de se regular pelo que se acha escrito em tempos mais felices, em que elle florecia com mais elegancia, pureza, e magestade.

Os Socios da Academia Franceza, que escrevião no Seculo das luzes, e das Bellas Letras, no Reinado de Luiz XIV. seguírão com razão o primeiro destes systemas: os Socios da Academia Real das Sciencias de Lisboa, que publicárão as primicias do seu trabalho em o anno de 1793, seguírão, e tambem com razão, o segundo.

To-

Tomando pois sómente por guia a authoridade alheia, lêrão a maior parte dos Authores do Seculo chamado de quinhentos, e escolhêrão os que o juizo geral dos homens doutos tinha já antecipadamente recomendado do Seculo seguinte, em que a linguagem principiava a marchar para a sua ruina com passos agigantados; e parando assim em o principio do Seculo passado, prescindírão de quanto se tinha escrito depois, e até aos nossos dias. Não porque não reconhecessem nesta época bastantes Escritores puros, elegantes, e por isso dignos de toda a estimação; mas porque pensárão que elles não devião ser julgados (com huma especie de monoscabo dos outros a quem se preferião) senão por hum tribunal competente, isto he, pelo juizo publico, que he quem coufirma pelo andar do tempo as decisões em materias de gosto, que de outra maneira podem ser precipitadas ou influidas.

Tal foi o plano do primeiro volume do Diccionario, tal foi tambem o que a Commissão quiz adoptar para o segundo; com tudo era ella a primeira a reflectir, que a Obra podia ser olhada como defeituosa e imperfeita; por isso que de alguma sorte suppunha a lingua estacionaria durante o ultimo Seculo: visto porém, que fiel aos seus principios, não podia fazer uso do seu juizo particular em a escolha destes Authores modernos, determinou seguir a mesma vareda, que já tinha principiado a trilhar a outra Commissão que a precedêra.

Era porém necessario obter o voto da Academia, a quem se dirigião todos aquelles trabalhos; e esta, ouvindo por escrito, e de viva voz a sua Classe de Litteratura, não approvou aquella restricção; pelo contrario tendo em vista a maior perfeição da Obra, e o desar com que podia apparecer aos olhos de alguns Criticos, e mostrando sobre tudo huma confiança illimitada nas forças e luzes da Commissão, determinou que esta se fizesse cargo dos principaes Escritores do Seculo passado, e até aos nossos dias; ficando

do a seu arbitrio determinar o seu merecimento, e pôr de parte os que não fossem da sua approvação.

Esta decisão era summamente honrosa; mas os dois novos trabalhos que accrescião á prolixa e fastidiosissima tarefa, que já se havia encetado, fez desanimar os Membros da Commissão, que não se considerárão aptos para contrahir hum tão grande empenho. Era necessario ler attentamente perto de mil volumes, extractar as suas frases e termos, ou para melhor dizer copiallos mais de huma vez; era necessario alfabetar esta collecção immensa, para depois escolher e joeirar, segundo regras fixas e anteriormente estabelecidas, o que fosse mais digno de se aproveitar; era necessario buscar Ethimologias, Definições, em fim tudo o que constitue os materiaes da grande compilação do Thesouro da Lingua Portugueza; e era sobre tudo necessario, antes de qualquer destes trabalhos, formar hum juizo critico dos Escritores modernos; materia difficil de sua natureza, ainda mesmo que se olhe despida de algumas circunstancias, que a tornão melindrosa e cheia de espinhos. Eu tinha a honra de ser hum dos cinco Membros da Commissão, quando se deliberou sobre este objecto; e posso segurar-vos que só depois do mais maduro exame, e de conhecer que os seus hombros erão summamente fracos para supportar hum tão grande peso, he que ella se resolveo, ainda que com custo e pezarosa, a suspender nesta parte o seu trabalho, reservado talvez para tempos mais felices, em que maior concurso de Socios, e de meios segure o cabal desempenho dos votos e importantes projectos da Academia, e da sua Classe de Litteratura.

Taes forão os estudos desta Sociedade durante o ultimo anno, ella desejava poder dar-vos conta de outros, que tinha promovido fóra deste recinto, pelo concurso aos Premios do seu Programma; mas esta mesma esperança era limitada, por conhecer que no meio da Guerra poucas pessoas se poderião dedicar a trabalhos aturados: conhece ainda

da agora que as Sciencias se hão de sentir talvez por longo tempo do estado de oppressão, por que passárão; semelhantes aos pendulos, que depois de ter cessado a força, que lhes dêo o primeiro impulso, continuão a fazer oscillações progressivamente menores, até virem a ficar em quietação. Com effeito não appareceo senão huma Memoria, a qual não póde ser coroada. He hum esboço do estado da Agricultura da Comarca de Castello-branco, onde ha factos interessantes, e bastantes idéas que se podem aproveitar: como porém tudo o que alli se diz relativo a alguns dos Programmas propostos, he antes indicado doque tractado, não poude a Academia conferir nenhuma das Medalhas destinadas áquelles assumptos; sem embargo do que, desejando dar ao Author huma prova do quanto apprecia os seus conhecimentos, mandou-lhe passar a Carta de Correspondente, e tendo-se para isso aberto o bilhete que continha o seu nome, achou-se ser o *Sr. João de Macedo Pereira da Guerra Forjaz*.

Os outros Premios de Agricultura, que o zelo e beneficencia do Governo destes Reinos a tinha habilitado para offerecer aos Lavradores, que mais se distinguissem no cultivo das batatas, ficárão igualmente por distribuir, á excepção de dois; hum dos quaes foi adjudicado ao *Sr. Francisco Joaquim Carvalhosa*, assistente no Lugar do Arneiro, Comarca de Alemquer, e o outro ao *Sr. Francisco Luiz Ferreira Tavares*, do Lugar da Palhaça, Comarca de Aveiro, os quaes ambos, cada hum no seu destricto, tiverão huma ampla colheita daquellas raizes. A Academia, conferindo estes Premios, não póde deixar de lamentar amargamente as desastrosas calamidades, que entorpecêrão os Povos de algumas das nossas terras invadidas, e que a embaração de distribuir o deposito que se lhe confiou, para animar aquelle precioso ramo de Industria Nacional.

A Bibliotheca, e Medalheiro Academico tambem se locupletou neste mesmo periodo com os dons de algumas pes-

pessoas que se interessão pela nossa prosperidade. O *Sr. João Pedro Ferreira Cangalhas* offereceo hum exemplar das suas *Taboas de Unidades de peso e medida de Lisboa e Londres.* O *Sr. Fr. Diogo de Mello e Menezes*, Professor Regio nesta Corte, mandou hum exemplar da sua *Arte Grammatico-Filosofica* para aprender a lingua Latina. Os Redactores do *Jornal de Coimbra* entregárão varios Numeros do seu Periodico. Os nossos Socios os *Snr.s Francisco de Borja Garção Stockler*, e *José Maria Dantas* remettêrão da Corte do Rio de Janeiro, o primeiro hum exemplar das suas *Cartas ao Author da Historia da invasão dos Francezes em Portugal*; e o segundo o seu *Elogio Historico do Sr. Infante D. Pedro Carlos.* O benemerito Director da Classe de Sciencias exactas, o *Sr. José Monteiro da Rocha* prezenteou a Academia com as suas *Taboas Astronomicas*, o *Sr. Francisco Manoel Trigozo* com a continuação das *Obras de Antonio Diniz da Cruz*, que formão o quarto volume das suas Poesias, e o *Sr. Antonio de Araujo Travassos* com hum Folheto em que responde a algumas objecções, que se havião feito aos seus descobrimentos sobre a destillação e outros assumptos. Finalmente o *Sr. Joaquim Machado de Castro* enriqueceo-nos com algumas obras Estrangeiras, e com huma collecção das suas que tem publicado até ao presente.

Foi esta remessa accompanhada de algumas Medalhas modernas, e o *Sr. Francisco Xavier de Almeida Pimenta*, Correspondente da Instituição Vaccinica, augmentou tambem hum semelhante donativo, que havia feito no anno passado; mas o maior mimo desta natureza foi feito pelo *Sr. Fr. Bento de Santa Gertrudes Magna*, Cartorario da Congregação Benedictina, o qual offereceo huma quantidade de Medalhas Romanas do Baixo Imperio, achadas todas na Freguezia de Marecos, junto á Cidade de Penafiel.

Tenho-vos, Senhores, dado conta do que succedeo mais notavel em o ultimo anno da nossa carreira Litteraria: todos trabalhárão, a pezar das difficuldades que ponderei no principio deste Discurso, para não desmentir da no-

nobre confiança, que a Nação parece ter posto nesta Academia. As Obras que hoje mesmo se publicão mostrarão até que ponto ella he merecida. Mas ou se repute grande ou diminuta a extensão destes trabalhos, ¿ que immensa carreira nos não resta para caminhar? Esta mesma Paz que veio felicitar-nos, e abrir a communicação com o resto da Europa, de que tantos annos haviamos sido privados, ¿ em que atrazamento nos vai achar a respeito dos seus novos descobrimentos e escritos nas Sciencias, nas Artes, e na Litteratura? ¿ Que reunião de meios, e de esforços não será necessario empregar para hombrearmos com as outras Nações cultas em os seus novos conhecimentos? Os thesouros que ellas tem amontoado ha mais de doze annos, são-nos quasi desconhecidos; e a nossa situação he de alguma sorte semelhante á daquelle que depois de huma longa peregrinação, fosse obrigado a estudar de novo as ruas, e praças da Cidade em que foi criado, pelas grandes alterações e melhoramentos feitos durante a sua ausencia.

Esta consideração ainda que penosa, deverá incitar-nos a redobrar de zelo, e actividade em a nossa empreza. Nós pomos huma confiança illimitada no patrocinio do Governo, que ainda nos não faltou, e nas luzes dos Sabios espalhados pelo corpo da Nação, que se dignarão de auxiliar-nos: munidos com estes soccorros tudo nos será facil; sem elles tudo difficultoso. Huma nobre emulação tem até agora prevallecido sobre o egoismo apathico, e feito reviver no momento do perigo todas as virtudes sociaes, patrioticas, e militares; ¿ e porque não continuará ainda esta emulação a estimular-nos para o amor das Sciencias e da Litteratura como nos felices Reinados do Sr. D. João II., e D. Manoel? Quando a Nação Portugueza em esta brilhante época, impellida pelos mesmos sentimentos que agora, desbaratava os seus inimigos na Europa; extendia o seu Commercio na Africa, alcançava o respeito de toda a Asia, e fundava novas Colonias na America, então mesmo ella produzia os Barros, os Rezendes, os Camões, os Pedros

Nu-

Nunes, e tantos outros Escritores estimados entre os mesmos Estrangeiros: a nossa gloria militar não he agora por certo menor do que o foi naquelle tempo; ¿porque razão pois o não ha de igualmente ser a litteraria? ¿Porque razão o Paiz que converteo dentro de cinco annos as suas novas levas em soldados experimentados e valentes, não dará aos Estudos aquelle impulso proprio para lhe fazer reassumir o brilhante nome, com que já foi conhecido na Europa? Basta sómente querello, e o progresso dos conhecimentos humanos chegará facilmente áquelle gráo de perfectibilidade, a que a Nação Portugueza em todos os tempos tem mostrado que he capaz de aspirar.

PRO-

PROGRAMMA

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA,

ANNUNCIADO NA SESSÃO PUBLICA DE 24 DE JUNHO DE 1814.

Para o anno de 1816.

NAS SCIENCIAS NATURAES.

EM FYSICA. A Analyse Chymica das Agoas dos Chafarizes de Lisboa, que provêm das Agoas Livres.

EM ECONOMIA RURAL. Que diversidade ha de Lans em Portugal? Em que differem as nossas das melhores de Hespanha? De que provêm aquellas differenças? Quaes os meios de melhorar as nossas Lans?

EM MEDICINA. Quaes são os signaes caracteristicos, que distinguem as diversas affecções de Gota anomala das outras enfermidades, com as quaes se parecem, e muitas vezes se confundem, e qual o methodo em geral mais proprio de tratar cada huma daquellas anomalias gotosas?

Assumptos fixos para todos os annos.

I. *A Descripção Fysica de alguma Comarca ou Territorio consideravel do Reino, ou Dominios Ultramarinos, que comprehenda a Historia da Natureza do Paiz descripto.*

II. *A Descripção Economica de alguma Comarca ou Terri-*

torio consideravel do Reino, feita conforme o Plano adoptado pela Academia para a visita da Comarca de Setubal; e que se publicou no Tom. III. das suas Memorias Economicas.

III. *A Topografia Medica de huma grande Povoação (Cidade ou Villa notavel) de Portugal: segundo o Plano indicado na* Histoire et Mémoires de la Societé Royale de Médicine, Prefac. *p. XIV. Tom. I.*

Para o anno de 1816.

NAS SCIENCIAS EXACTAS.

EM ANALYSE. * *Exposição da idea que deve formar-se das quantidades negativas.*

EM ASTRONOMIA. Dar hum Criterio *dos Calculos de Longitude feitos a bordo.*

EM LITTERATURA PORTUGUEZA.

EM LINGOA PORTUGUEZA. Avaliar com exactidão os fundamentos, por que alguns dos nossos Escritores tem reputado a Lingoa Portugueza derivada da Latina, e outros da dos Povos do Norte.

Huma Chrestomathia dos mais acreditados Auctores Portuguezes, ou Collecção dos passos mais elegantes, e proprios para servirem de modelos de Estilo: arranjados sobre o Plano da Obra de Heineccio De stylo cultiori, *e contendo os que servem de exemplo do melhor Estilo Epistolar, Dialogistico, Historico, &c. Tudo accommodado á instrucção da Mocidade, que do estudo da Grammatica passe ao de Rhetorica.*

EM HISTORIA PORTUGUEZA. A Historia das Confirmações

* *Ao Programma de Analyse proposto em o anno passado, para o anno de 1815, se deve accrescentar o seguinte: « Dando porém huma explicação diversa da que vem na Introducção á Philosophia das Mathematicas » de Mr. Hoené Wronski, em que entra a distincção de Zero absoluto, e « de Zero relativo. »*

ções geraes determinadas por algum dos nossos Soberanos; com huma noção historica das Confirmações chamadas por Successão, e de Rei a Rei.

A Historia das enfermidades pestilenciaes, que tem havido em Portugal: indicando-se da fórma possivel as causas de suas origens, e progressos; e os meios que se empregárão para obstar á propagação dellas, e para as debellar.

Para o anno de 1817.

Huma Historia dos Monumentos sepulchraes de Lisboa, isto he, huma Collecção de quantos se achão nesta Capital: com a exposição dos factos, de que podem servir de prova, ou de illustração.

Assumptos fixos para todos os annos.

EM POESIA, E THEATRO NACIONAL. Huma Tragedia Portugueza.

Huma Comedia de Caracter em verso, ou em prosa.

Assumpto de Premio dobrado, sem limitação de tempo.

Huma Grammatica Filosofica da Lingoa Portugueza.

Os Premios ordinarios consistem em huma medalha de ouro do peso de 50$000 réis, ou este valor: e todas as Pessoas podem concorrer a elles, á excepção dos Socios Honorarios, e Effectivos da Academia.

As condições geraes para todos os Assumptos propostos são: Que as Memorias, que vierem a concurso, sejão escritas em Portuguez, sendo os seus Auctores naturaes destes Reinos; e em Latim, ou em qualquer das Linguas da Europa mais geralmente conhecidas, sendo os Auctores

Estrangeiros: Que sejão entregues na Secretaria da Academia por todo o mez de Maio do anno, em que houverem de ser julgadas: Que os nomes dos Auctores venhão em carta fechada, a qual traga a mesma divisa que a Memoria, para se abrir sómente no caso em que a Memoria seja premiada: E finalmente que as Memorias premiadas não possão ser impressas senão por ordem, ou com licença expressa da Academia; condição que igualmente se extende a todas as Memorias, que não obtendo Premio, merecerem com tudo a honra do *Accessit*. Porém nem esta distincção, nem mesmo a publicação determinada, ou permittida pela Academia deverá jámais reputar-se como argumento decisivo, de que esta Sociedade approva absolutamente tudo, quanto se contiver nas Memorias, a que conceder qualquer destes signaes de approvação; porém sómente como huma prova, de que no seu conceito desempenhárão, senão inteiramente, ao menos em relação ao estado presente das circunstancias da Nação, a parte mais importante dos Assumptos propostos.

TEndo-se distribuido alguns dos Premios, que para este anno se tinhão offerecido aos Lavradores, que em alguns Districtos tivessem maior producção de Batatas; restão ainda os seguintes, que a Academia ha de conferir, logo que se apresentem os Concorrentes.

Territorio além do Lima	- - - - - - -	Premios 2
Comarca de Bragança	- - - - - - - - - - -	2
Miranda	- - - - - - - - - - - -	2
Moncorvo	- - - - - - - - - - - -	2
Castello branco	- - - - - - - - - -	3
Portalegre	- - - - - - - - - - - -	2
Elvas	- - - - - - - - - - - -	2

Co-

Comarca de Viseu	Premios	1
Linhares		1
Lamego		1
Mira		1
Coimbra		1
Arganil		1
Leiria, e Alcobaça		3
Thomar, e Ourem		3
Chão do Couce		1
Santarem		2
Ribatéjo		1
Torres Vedras		1
Villa da Chamusca		1
Territorio além do Guadiana		2
Comarca de Lagos		1
Faro		1
Tavira		1

Lisboa na Secretaria da Academia Real das Sciencias aos 24 de Junho de 1814.

CON-

CONTA

DOS TRABALHOS VACCINICOS:

Lida na Sessão Pública da Academia Real das Sciencias de Lisboa aos 24 de Junho de 1814.

POR FRANCISCO ELIAS RODRIGUES DA SILVEIRA.

I.

HE esta a vez segunda, que a Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias tem de apresentar-vos em Pública Sessão o resultado das suas philanthropicas tarefas; e fazer-vos conhecer, quanto os seus desejos tem sido em grande parte preenchidos a beneficio da Humanidade: e tendo sido eleito para ser hoje o seu orgão, he de meu dever expor-vos fielmente; de que maneira tem sido propagada a Vaccina por todo o Reino; quaes sejão as Observações dos Correspondentes e a sua utilidade; e os differentes torpêços, que tem havido, para que a Vaccinação não tenha caminhado de hum modo mais vantajoso a todos os respeitos. Este objecto he tanto mais interessante e digno da vossa attenção, quanto o seu fim he libertar a Humanidade de hum mal, que tem causado a destruição de milhares de individuos da nossa especie, arrancando a vida a muitos, que deverião ser algum dia membros do grande corpo social.

Desde que pela primeira vez appareceo á face do Globo o terrivel flagello das Bexigas, e que de dia em dia os seus estragos erão marcados com a deformidade e mor-

te

te de muitas pessoas, que soffrião o seu contagio; então todos á porfia pertendião achar o meio de extinguir tão terrivel mal, não menos exterminador que a Peste: porém não foi preciso muito tempo, para que conhecessem que os seus maiores esforços erão inuteis, e que os pretendidos preservativos não servião mais do que de illudir a imaginação de huns, e a credulidade de outros, visto ser sempre incerta a sorte daquelles que se vião delle atacados. Foi então que depois de inuteis fadigas, conhecendo-se a impossibilidade de extirpar pela raiz similhante mal, o julgárão como congenito á nossa especie, e, contentes por tanto com o fazerem só mais benigno, inventárão a Inoculação das Bexigas.

Esta medida assás engenhosa vogou por muito tempo, e seus Proselytos todo-cheios de orgulho, e até maravilhados da sua descuberta, julgárão ter com ella feito o abrigo da especie humana: porém desgraçadamente bem depressa foi conhecido que, longe de afugentar-se huma tão terrivel enfermidade, a fazião apparecer mais prematura, originando-se talvez daqui damnos, que aliàs ter-se-hião evitado.

Foi no meio de tão desastrosos successos que o immortal *Jenner* appareceo, e com elle o precioso preservativo, que ha tanto tempo e com tanta ancia se procurava. Huma tão importante descuberta não podia deixar de fixar a attenção de todos os Medicos Inglezes; e logo os trabalhos de muitos com os de *Woodville*, Medico do Hospital de Bexigas e Casa de Inoculação de Londres, e os de *Pearson*, o primeiro que fundou hum Estabelecimento sustentado e dirigido por Subscriptores, fizerão a par dos de *Jenner* marcar com evidencia a marcha da Vaccina no homem, determinando os pontos essenciaes para a sua utilidade.

Por toda a França, Dinamarca, Alemanha, Russia, e mes-

mesmo a Turquia foi levado tão saudavel beneficio; e viose muitas vezes empregar-se a voz da Religião, para obrigar os povos a participarem de tão soberano bem: e tanto se estendeo a Vaccina, que por quasi toda a superficie do Globo se levou aos seus habitantes o preservativo de hum mal, a que elles não podião escapar, e de que muitos delzes tinhão sido desgraçadas victimas. Formão-se então Estabelecimentos philanthropicos erigidos com a protecção dos Governos, apparecem Leis sabias, premios multiplicados aos mais trabalhadores, e em fim resultados felizes são o fructo de tão soberana descuberta: de sorte que em 1800 o Almirantado Inglez fez vaccinar quasi todos os filhos dos marinheiros, e os proprios marinheiros; e foi então mesmo que se vaccinárão Regimentos inteiros; e deste modo se via grandemente diminuir o numero dos Detractores de similhante invento, sendo vencidos pela força do poder, da razão, e da experiencia.

Hum tal acontecimento não podia deixar de ser tambem conhecido em Portugal, quando os escritos dos Vaccinadores particulares, e de Sociedades inteiras procuravão com o maior esmêro fazer chegar ao conhecimento de todo o Povo civilizado tão preciosa descuberta. Era então que vogava o partido da Inoculação, o qual, apezar da valentia dos seus abonadores, começava já a vacillar; por quanto apparecião factos, que elles de balde procuravão esconder, e que longe de demonstrar a utilidade de huma tal prática, só erão capazes de desacreditalla. Com tudo elle era ainda grande, e por isso as primeiras Vaccinações feitas em Portugal soffrêrão grandes obstaculos, a ponto de se perder quasi toda a esperança de propagar-se tão saudavel beneficio; até que, pelo andar dos tempos, por esforços repetidos, e persuasões continuadas de muitos Medicos sensatos, e mais que tudo pela perda de individuos que, a todo o momento, erão sacrificados á morte, olhou-se com attenção para o que até alli se tinha rejeitado com tanto aferro.

ro. Porém tudo então apresentava ainda huma fórma irregular e vacillante; porque lhe faltava hum Estabelecimento seguro, de que dimanasse como de hum manancial perenne e sem interrupção tão soberano preservativo, e que com hum caracter todo verdadeiro infundisse a maior confiança a quem o procurasse.

II.

Foi então que do seio da Academia se organizou com alguns dos seus Membros a Instituição Vaccinica; fazendo-se para esta hum Regulamento proprio, e fundado sobre bases, cuja estabilidade promettesse, que a Vaccinação caminhasse uniformemente com a extensão e maior aproveitamento possivel, de sorte que fosse decoroso á Nação, e ao Corpo a que pertencia.

Mas hum tal Estabelecimento seria pouco duravel e fructifero, se a protecção do nosso vigilante e sabio Governo não o amparasse com a sua approvação, expedindo Ordens positivas a todos os Ministros territoriaes, e Insinuações aos Senhores Bispos, para que houvessem de persuadir aos Povos, que a Vaccina era hum bem, que elles devião anciosamente abraçar, a fim de se livrarem do funesto effeito das Bexigas. Foi então que a voz do Governo, ouvida por todo o Reino, fez com que Magistrados zelosos pelo Bem Público, e benemeritos Vaccinadores, tomando a seu cargo destruir toda a preoccupação contra a Vaccina, despertárão a indolencia e tibieza, começando a ver-se de dia em dia crescer o numero dos vaccinados: de sorte que tenho hoje a maior satisfação de annunciar-vos que tiverão este anno Vaccina legitima 8.527 Individuos; além de outros muitos de que não ha relação, ou porque sendo vaccinados não voltárão para se tomar delles assento, ou porque se vaccinárão fóra do alcance dos Correspondentes Vaccinadores e da Instituição, sendo huma das

razões, para o poder asseverar, o prodigioso numero de *laminas* com materia vaccinica, que tem sido pedidas e enviadas da Instituição para pessoas particulares, e até para as Ilhas e Brazil: não numerando as *crustas*; pois que estas tambem costumão desenvolver a Vaccina legitima, reunindo de mais a propriedade de conservar-se por mais tempo inalteravel, e ser mais segura a sua conducção.

Este trabalho todo philanthropico foi executado pela Instituição e seus Correspondentes: e para tecer o mais decidido elogio da sua actividade, e espirito de beneficencia pública, devo annunciar-vos, que chega hoje a 100 o numero dos Vaccinadores por todo o Reino.

Mas suas fadigas não tem sido limitadas unicamente a vaccinar, elles tem feito mais; observações sagazes, reflexões mui sensatas, hypotheses bem combinadas, escritos em fim habilmente delineados são remettidos á Instituição; mostrando em tudo quanto he vivo o seu desejo de trabalhar pelo interesse da Humanidade. He por este motivo que cumpre lembrar os que com mais particularidade se tem distinguido, sendo aliàs isto huma mui pequena paga do reconhecimento público.

Entre estes apparece o Snr. *José Francisco de Carvalho*, Medico em Lagos, cujas judiciosas Contas tem merecido a approvação, para serem inseridas entre os Opusculos da Instituição, como tambem a 1.ª e 2.ª parte da sua Memoria, onde apparecem observações, que até aqui só erão conhecidas pelo testemunho dos Estrangeiros: tendo sido por tão particulares serviços nomeado este anno Correspondente da Academia, e premiado o anno passado com huma Medalha honorifica.

Merece igual consideração o Snr. *Antonio d'Almeida*, Medico em Penafiel, cuja intelligencia e exactidão na cor-

res-

respondencia nos tem penhorado, accrescendo a isto ainda maiores serviços; porque não contente de beneficiar por si só o Público, tem associado para este tão importante objecto varios Cirurgiões de diversos Lugares, conservando com elles huma estreita e util relação: entre os quaes lembra com particularidade o Cirurgião de Paço de Sousa o Sñr. *José Antonio Moreira*, e os Sñrs. *José Antonio Coelho*, e *Antonio Rodrigues*. He com effeito o maior elogio, que posso exprimir deste digno Professor, dizer que n' hum Mappa nominal appresentado á Instituição chega a perto de 1200. o numero das pessoas, que por seu zelo forão vaccinadas este anno; de maneira que hoje na Cidade de Penafiel os que não tiverem soffrido o contagio das Bexigas naturaes, existiráõ vaccinados. Tanto se deve á philanthropia deste digno homem! Huma das Medalhas honorificas lhe foi gostosamente conferida.

O Sñr. *José dos Santos Dias*, Medico em Montalegre, observador muito exacto e circumspecto, refere algumas observações, que além de mostrarem com toda a evidencia a virtude antivariolosa da Vaccina, provão poder ella desenvolver-se maravilhosamente, sem que por isso obste o excesso de humidade e frio; como aconteceo a muitas pessoas mendigas, e guardadores de gado, estando expostos a copiosas chuvas, e ao frio d' huma athmosfera de 5 gráos a baixo de Zero. Esta observação he toda a favor da preferencia da Vaccina á Inoculação das Bexigas: e pela maneira por que todos os seus trabalhos forão feitos, mereceo este digno compatriota ser premiado este anno.

He digno da maior contemplação pública o Sñr. *José Fradesso Bello*, Cirurgião mór em Elvas, que sendo o anno passado premiado com huma Medalha, o foi novamente neste, pelo muito que zelosa e assiduamente tem trabalhado na propagação da Vaccina, não deixando até ao presente de remetter mensalmente as suas Contas; e pelo

numero consideravèl de vaccinados que ellas apresentão, bem depressa será alli desconhecido o terrivel flagello da Humanidade. Este serviço o fará sempre lembrado pelos amadores do bem público, prestando os devidos tributos ás suas virtudes sociaes.

O Sñr. *José Luiz da Cunha*, Cirurgião em Vianna do Minho, cujos conhecimentos o fazem credor de grande apreço, tem nas suas Contas apresentado judiciosas reflexões, quando pertende demonstrar a razão, por que a Vaccina local se torna constitucional, e deixa algumas vezes de pegar a materia; o que tem fixado fortemente as vistas da Instituição: por quanto as suas idéas são tanto mais ajustadas, quanto as deriva da natureza do *virus vaccinico*, e sensibilidade do orgão cutaneo; sendo, por seus distinctos merecimentos, premiado este anno.

O Sñr. *Valentim Sedano Bento de Mello*, Medico das Caldas da Rainha, ao mesmo tempo que nos seus trabalhos mostra muito interesse e discernimento, tem procurado, quanto he possivel, a cooperação de outras pessoas para o progresso da Vaccina; fazendo expressa menção do Reverendo Parocho de N. Senhora dos Anjos do lugar do Cotto o Sñr. *Manoel dos Reis*, e do Cirurgião do Lugar de Carvalho Bem-feito.

O Sñr. *Manoel José Mourão*, Medico da Mealhada, já bem conhecido na Instituição pelo seu discernimento e actividade, não tem sido menos assiduo; e n' huma Conta bem delineada, que apresentou, apparece o seu genio observador, e hum arreigado desejo de propagar a Vaccina: devendo-se ao seu zelo o contar-se hoje entre os Correspondentes o Sñr. *João da Costa Baptista*, Cirurgião do mesmo Lugar.

He não menos trabalhador e exacto o Sñr. *José Antonio Barbosa da Silva*, Cirurgião de S. Thyrso, que animado

do sempre pelo interesse da Vaccinação, tem posto a salvo de serem atacadas pelas Bexigas muitas pessoas do seu districto.

Não posso deixar de mencionar o Sñr. *Sebastião Arcanjo Paes*, Medico em Alemquer, que não só tem apresentado hum bem circumstanciado e exacto Mappa de vaccinados; mas tambem dignas observações, para mostrar que a dissolução da materia secca vaccinica feita com a saliva deve ser preferida á praticada com a agua: verificando com isto o que diz *Brera*, e *Chiaranti*.

Seria notado de omisso, se, além destes, não nomeasse o Sñr. *Francisco Xavier d'Almeida Pimenta*, Medico do Sardoal, tanto zeloso pelo bem público, como intelligente na sua Profissão; o qual em huma Carta que escreve no 1.° de Outubro de 1813, diz assim: «No Sardoal não ap-» parecem Bexigas naturaes ha treze annos, á excepção dos » individuos que com ellas tem vindo contagiados fóra da » Villa». Este grande serviço he unicamente devido ao seu zelo em propagar a Vaccina, quando ella era ainda pouco conhecida no nosso Paiz.

O mesmo tem acontecido no Cartaxo, pelo muito que o Sñr. *João Gervasio de Carvalho*, Medico dessa Villa, tem trabalhado na Vaccinação, indo até grandes distancias, não contente só com vaccinar em sua casa a todas as pessoas que por este fim o procuravão: e o seu nome será sempre lembrado com estimação pública, por taes serviços.

Merece não menos mencionar-se o que tem feito o Sñr. *Antonio José d'Almeida*, Medico da Ericeira, que, á força dos seus disvellos e persuasões, tem conseguido estabelecer ahi a Vaccinação; de maneira que vai sendo mui crescido o numero dos que diariamente concorrem a procurar o sobe-rano preservativo das Bexigas: sendo para sentir que elle ha

ha mais tempo, por motivos poderosos, não tivesse podido livrar tantos individuos sacrificados á morte por hum mal tão pestilente.

O mesmo tem praticado o Sñr. *Luiz Cypriano Coelho de Magalhães*, Medico em Aveiro; queixando-se sempre da tibieza e indifferença, com que aquelles Povos procurão a Vaccinação: de sorte que cada individuo vaccinado poder-se-ha julgar como hum triunfo da sua philanthropia.

Deve ser particularmente lembrado o Sñr. *Guilherme Newton*, Medico em Pereira, bem conhecido pelas suas luzes, o qual apresentou huma Conta de 446 vaccinados com Vaccina legitima, bem que principiando antes de ser instalada a Instituição; sendo necessario interromper por algum tempo os seus trabalhos vaccinicos, por não haver já alli quem se vaccinasse.

Sejão igualmente sabidos os nomes dos Sñrs. *Joaquim Alves d'Araujo*, Medico de Alter do Chão; do Sñr. *Manoel Nunes Furtado*, Cirurgião em Bragança, e do Sñr. *Antonio Manoel Pedreira de Brito*, Cirurgião em Valença do Minho: que rivalizando na gloria de promover a causa da Humanidade, não tem poupado esforços nem precauções para conseguir o progresso da Vaccina.

Em fim, Senhores, seria não acabar nunca, se intentasse especificar os nomes de cada hum dos Vaccinadores das Provincias, os seus trabalhos vaccinicos, as suas observações parciaes: que referindo-se a diversos respeitos mostrão o infatigavel zelo, com que elles tem feito propagar pelos Povos a materia antivariolosa; e sobre tudo os differentes meios, de que elles se tem servido para vencer a ignorancia de huns, e os prejuizos de muitos.

Porém eu faltaria a huma grande parte do meu dever, se

se deixasse de referir com particularidade os trabalhos da incomparavel Sñ.ra *Dona Maria Isabel Wanzeller*, residente na Cidade do Porto, a qual tem sempre remettido á Instituição, desde o seu principio, Mappas mensaes dos seus vaccinados em muito crescido numero; pois que excedem a alguns milhares as pessoas, a quem ella tem feito participar do beneficio antivarioloso. Este tão grande, e interessante serviço, praticado por huma Senhora, que não se tem esquecido de meio algum para o fazer abraçar, faz na verdade o seu maior elogio, tornando-a sempre merecedora da maior contemplação pública.

Não he menos apreciavel que em S. Vicente de Penso, districto de Braga, o Sñr. *Manoel José Malheiro da Costa e Lima*, homem dotado de virtudes sociaes, e que em outras occasiões já se tinha feito conhecido em rasgos de beneficencia e patriotismo, fizesse em 26 de Agosto de 1813 hum Estabelecimento de Vaccinação, convocando para cooperadores de tão digna empreza aos Cirurgiões os Sñrs. *Bento José Gomes*, *Agostinho Rodrigues*, *Custodio José Gomes da Costa*, e *Manoel Joaquim Rodrigues*; avisando ao Público que alli se vaccinava gratuitamente duas vezes cada semana: para onde tem concorrido muitas pessoas a aproveitarem-se do bem, que lhes offerecia hum tão digno Patriota. A Instituição recebeo com a maior satisfação a noticia deste importante serviço; e para mostrar o muito que apreciava a quem o fez, votou unanimemente, que se lhe dessem os maiores agradecimentos, conferindo-se-lhe hum dos Premios deste anno.

Muitos respeitaveis Bispos, benemeritos Parochos, e Ecclesiasticos, e zelosos Ministros territoriaes tem feito á porfia propagar a Vaccina, fazendo assim serviços verdadeiramente grandes á causa do Estado e da Humanidade: e só para fazer menção d' alguns, cumpre lembrar os dos Senhores *Bispos do Algarve*, e *da Guarda*; não devendo occultar, que

que estes virtuosos Prelados tem feito os maiores esforços para livrar os seus Diocesanos do terrivel flagello das Bexigas, pedindo por varias vezes materia vaccinica á Instituição:

Da mesma sorte o Senhor *Bispo de Pinhel*, querendo dar ás suas Ovelhas a melhor prova dos seus sentimentos a respeito da Vaccina, em huma Pastoral publicada aos 16 de Janeiro de 1814, depois de ter fallado da sua virtude e efficacia antivariolosa, com aquella valentia e pureza de expressões que o caracterizão, manda aos RR. Parochos debaixo de obediencia em negocio grave, e de responsabilidade, hajão de a ler sempre na Missa Conventual; e que procurem além disto todos os meios de persuasão, para que os seus Freguezes se convençáo da necessidade de similhante objecto, e da obrigação contrahida para com DEOS e a Sociedade de assim o praticarem. Esta medida verdadeiramente heroica, com que procedeo tão digno Prelado, produzio o melhor effeito; concorrendo efficazmente para o seu desempenho o zello e actividade do Sñr. *Antonio Julio de Frias Pimentel*, como Corregedor da Comarca, e a intelligencia e prontificação do Sñr. *Francisco Manoel d'Albuquerque*, 1.° Medico do Partido da Camera; de sorte que até o dia 27 de Maio tinhão sido vaccinadas muitas pessoas de ambos os sexos e differentes idades, das quaes tiverão Vaccina regular e legitima 846.

O Senhor *Patriarca Eleito* fez igualmente insinuar os seus sentimentos em huma Pastoral dirigida aos Reverendos Parochos do Patriarcado, para que empregassem todo o zelo e voz da Religião, a fim de persuadir aos seus Freguezes, que devião abraçar a Vaccina como hum bem, que lhes convinha.

O mesmo foi praticado pelo Senhor *Bispo de Elvas*, que conhecendo de quanta utilidade era a Vaccina para as pessoas,

soas, que não tinhão ainda soffrido o terrivel mal das Bexigas, mandou que nas Igrejas fosse declarada esta verdade com aquelle fervor que pedia tal objecto; e em huma sua Pastoral mostra, quanto era o seu interesse em promover tão grande beneficio.

Não me he possivel deixar de particularizar o Sñr. *José Bernardo Henriques de Faria*, Corregedor da Feira, o Sñr. *Antonio Feliciano d'Albuquerque Betencourt*, Corregedor de Bragança, o Sñr. *João Pedro Affonso Videira*, Corregedor do Crato, e o Sñr. *Antonio Cesario de Sousa da Guerra Quaresma*, Corregedor de Leiria; em razão dos uteis e continuados esforços, que a par dos seus desejos tem produzido a maior vantajem na Vaccinação: não esquecendo o digno *Abbade de S. Marinha de Fornos*, e o respeitavel *Parocho da Freguezia de Paço de Sousa*, de quem faz tambem particular menção o Sñr. *Antonio d'Almeida*; e o benemerito *Abbade de Santa Cruz do Douro*, de quem o Sñr. *Antonio Xavier da Silva* faz a mais viva recommendação; e o bom e zeloso *Cura de Gouvea*, e o Reverendo Prior de Mafra o Sñr. *Manoel Duarte*, tão recommendavel pelo seu caracter e distincta probidade, que por ella tem os seus Freguezes ahi abraçado sem repugnancia o bem que se lhes offerece; coadjuvado pelo Capitão Mór da mesma Villa o Sñr. *Maximo Estevão de Carvalho*: praticando não menos serviços outros de diversos Lugares, que associados a Pessoas distinctas tem mostrado hum constante empenho em promover a causa do bem público.

III.

Tal he, Senhores, o agradavel quadro, ainda que em esboço, que vos apresento da Vaccinação nas Provincias; e senão receasse cansar demasiado a vossa attenção, eu o faria mais extenso e circunstanciado. Resta-me comtudo referir ainda, quanto se tem praticado na Instituição no decurso de todo este anno.

Os Directores de cada hum dos mezes tem com zelo e assiduidade assistido á prática da Vaccinação: a quem os vaccinados são apresentados, para julgar-se bem convenientemente do seu estado, desenvolvimento dos butões, caracter das vesiculas, e de todas as demais circunstancias que devem acompanhar a formação de hum juizo exacto; a fim de se poder assegurar ao vaccinado que está livre de soffrer o contagio varioloso: indo ás vezes ás suas proprias casas, quando são avisados de algum incidente, que aos conhecedores do objecto he sempre mui facil de remediar, procedendo pela maior parte de causas muito alheas á natureza essencial da Vaccina.

Os Membros da Instituição tem prestado a mais exacta observancia do seu Regulamento, fazendo sempre as suas Sessões nos dias determinados, dando as suas Contas competentemente; ao mesmo tempo que a Correspondencia das Provincias dirigida pelos respectivos Secretarios tem caminhado com a melhor ordem e expedição possivel: de sorte que he á diligencia e regularidade deste serviço que se deve, este anno, a acquisição de 59 Correspondentes, os quaes voluntariamente se offerecêrão para o desempenho de tão heroica empreza, e a que alguns mui dignamente tem satisfeito.

São bem recommendaveis o zelo e actividade que o Sñr. *Justiniano de Mello Franco* tem manifestado todas as vezes que os seus serviços são necessarios: merecendo igual contemplação o Sñr. *José Maria Soares*, que, depois de ter prestado muito á Instituição, achando-se em Mafra por motivo de seu Emprego, e não podendo ser tranquillo expectador dos progressos das Bexigas, fez com que ahi se estabelecesse a Vaccinação; mostrando ainda mesmo de longe qual era o espirito de todo o Corpo, de que elle era Membro.

Pou-

Poucas são as Observações tanto das Provincias como da Instituição, que devão notar-se com especial menção; pois que tudo está observado e conhecido por aquelles que tem procurado saber, quanto se tem escrito sobre este interessante Objecto: no entretanto notemos que as erupções cutaneas parece não serem sempre obstaculo á Vaccinação, observando judiciosamente a similhante respeito o Sñr. *José Feliciano de Castilho*, que em algumas crianças que ou padecião a Crusta de leite, ou a Psoriasis contrahida pela mammação ou por contagio, a Vaccina caminhou regularmente nos seus periodos, e foi legitima. O mesmo he particularizado pelos experimentos do Sñr. *Bernardino Antonio Gomes*: sendo taes Observações identicas com as que fiz nos mezes em que servi de Director, e com as dos Correspondentes das Provincias, como são além das d' outros as dos Sñrs. *Sebastião Arcanjo Paes*, *Pedro Antonio Teixeira*, *Antonio José d'Almeida*, e *José dos Santos Dias*, podendo-se por ellas mesmas até assegurar o haver-se conseguido o melhoramento de algumas erupções cutaneas rebeldes, e o curativo de outras: a cujo respeito o Sñr. *José Pinheiro de Freitas Soares* fallando de hum vaccinado com erupção papulosa, que atacava os braços, pernas, e parte do tronco, assevera ter melhorado esta enfermidade depois da Vaccinação.

E não he só esta huma das mui grandes utilidades da Vaccina: outra produz ás pessoas vaccinadas, que sendo atacadas de Sarampo, ordinariamente elle he benigno; para cuja prova, sem referir mais observações que attestem esta verdade, são bem notaveis e do maior interesse as dos Correspondentes da Ericeira e da Villa d'Ovar, onde o Sarampo foi mortifero para os que não tinhão sido vaccinados.

Mas não obstante quanto fica referido, he geralmente adoptado que a Operação vaccinica só deverá effeituar-se em pessoas sadias, cujo orgão cutaneo não esteja affectado de molestia alguma; porque além d' algum incidente, que,

em razão do seu estado morboso, possa sobrevir e transtornar a marcha regular, póde ser tambem huma das causas da sua fallencia, por isso que as molestias de pelle costumão diminuir a susceptibilidade do orgão cutaneo: porque até ao presente ainda não temos signaes sufficientes, que demonstrem, fóra de toda a duvida, quando existe a sua insusceptibilidade ou pouca predisposição para contrahir molestias contagiosas; não estando ainda bem verificado quanto a este respeito diz Mr. Bryce.

Tem sido quasi geralmente praticado pelos Vaccinadores das Provincias e da Instituição o methodo da perforação ou *punctura* com preferencia ao da *incisão*: bem que algumas observações pareção demonstar ter melhor pegado a Vaccina por este; trazendo por similhante motivo o Sñr. *Bernardino Antonio Gomes* algumas em seu abono. Com tudo eu me persuado não ser util a *incisão* em pessoas de hum temperamento sensitivo-irritativo, principalmente favorecendo a estação a diathese estenica. Ainda que bem póde asseverar-se, que todos os inconvenientes são quasi sempre acautelados, se o Operador tem hum perfeito conhecimento do que faz, e de quando se deve excluir a operação: o que maravilhosamente he exposto pelo Sñr. *Wenceslão Anselmo Soares* em huma Memoria que apresentou á Instituição, onde são bem marcados os casos, em que deve praticar-se a Vaccinação a salvo de todo o risco; o que observado, será sempre regular e benigno o seu andamento, como lhe he natural: do que ha mais que sobejas provas nas Relações de todos os Correspondentes; e tanta he a sua benignidade, que nota o Sñr. *Francisco de Mello Franco*, que em todo o Trimestre em que servio de Secretario, nada appareceo de extraordinario, que por tal houvesse de extrahir-se das Contas que lhe forão remettidas.

Na verdade, Senhores, posso assegurar-vos com bem multiplicadas observações feitas não só pelos Estrangeiros, mas

mas até pelos nossos Vaccinadores, que a Vaccina he tão benigna pela sua natureza, como util em seu resultado. Hum só caso não poderei apresentar-vos, em que a Vaccina fosse a origem da morte de algum vaccinado: e muito embora os seus Detractores pertendão denegrilla com fantasticos exemplos, exagerados pela malevolencia, ou suggeridos pela ignorancia; que alguns delles são os proprios que fazem o seu maior elogio, quando chegão a attribuir á Vaccina molestias proprias da constituição, ou de contagio; como as Febres esporadicas, as Tosses convulsivas, os effeitos da dentição, a Sarna, e até o Sarampo; por não saberem determinar a natureza de taes enfermidades, e muito menos a ordem da sua filiação. Suas asserções devem ser despresadas, como destituidas de fundamento; pois que se a Vaccina, além de ter a virtude antivariolosa, devesse ter a de preservar a constituição de todo outro mal, queria-se que hum vaccinado viesse a ser ente immortal.

Alguns casos tem sido apresentados á Instituição, em que os vaccinados forão atacados de Bexigas; porém ¿quaes são estes? Forão de pessoas, cujos enxertos se desenvolvêrão, sem que fossem observados na sua marcha para se decidir da sua natureza; ou que elles mesmos se julgárão livres de Bexigas, só porque se lhes fez a operação; ou que já estavão contagiados no tempo da Vaccinação: porém hum só não tem apparecido, sendo a Vaccina legitima e constitucional, e enxertada a materia antes da affecção variolosa. Além de que muitas vezes se tem tomado por Bexigas naturaes a *Varicella*; servindo isto para illudir a credulidade dos Povos, em que existe ainda o receio de a abraçar. Deixem-se pois de huma vez falsas idéas dimanadas da preoccupação ou reprehensivel egoismo, pois que todas ellas estão cabalmente destruidas por homens imparciaes, e que só aspirão ao verdadeiro interesse, o bem da Humanidade.

Tal

Tal he em conclusão, Senhores, o precioso resultado de todos os Trabalhos Vaccinicos deste anno; elle he tanto mais util, quanto nos assegura a vida de milhares de Individuos, que outra ora serião victimas da morte, pois que he geralmente estabelecido « Que a duodecima parte da raça humana he levada ao tumulo pelo mal das Bexigas. » Esta idéa toda assustadora e terrivel deverá despertar os Chefes de familia e de Corporações, para vaccinar todas as pessoas que estiverem a seu cargo, e que não tenhão ainda soffrido as Bexigas naturaes: pois que aliàs tornão-se responsaveis a DEOS e á Sociedade dos males, que possão resultar da sua criminosa omissão e indifferença; e tanto mais quando o nosso Governo, que tem procurado aos demais respeitos o bem e a felicidade da Nação a que preside, fez saber do modo o mais positivo, quaes erão os sentimentos que o animavão sobre este objecto, e qual o interesse que se seguia aos que ouvissem a sua voz.

ELO-

ELOGIOS
HISTORICOS.

ELOGIO HISTORICO

DE

Fr. JOÃO DE SOUSA

POR

SEBASTIÃO FRANCISCO DE MENDO TRIGOZO.

FR. João de Sousa, Religioso da Terceira Ordem da Penitencia, Interprete de S. Magestade Fidelissima para a Lingoa Arabiga, Professor Regio da mesma Lingoa, Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, e Socio desta Academia; nasceo na Cidade de Damasco, pouco mais ou menos pelos annos de 1730.

Esta Capital da Syria he huma das terras mais populosas e ricas do Oriente; a fertilidade do seu terreno, a suavidade da sua atmosfera, e a grande quantidade de manufacturas alli estabelecidas, attrahem a ella hum grande concurso de Estrangeiros, que a pesar de estarem sugeitos a hum dominio Turco, não sentem tanto o seu despotismo alli, como nas outras partes, em que elle parece destinado sómente a embrutecer, e até anniquilar a Especie humana. Esta tolerancia abrange ainda a Religião; e os Judeos, os Gregos, e mesmo os Catholicos Romanos são livres de a exercer a seu arbitrio.

Os Pais do Sr. Fr. João de Sousa erão deste ultimo Culto: ignoramos qual fosse a sua occupação e cabedaes, assim como tambem quasi tudo o que diz respeito aos primeiros annos de seu Filho; sómente nos consta que passou huma parte delles com os Barbadinhos Francezes, que tinhão em Damasco hum daquelles Estabelecimentos, instituidos pelo zelo de algumas Corporações Religiosas com o

nome de *Missões*. Instruido talvez alli nas primeiras letras Europeas, aprendeo tambem as lingoas Franceza, Italiana, e Hespanhola, e isto com tanta facilidade, e dando mostras de hum engenho tão penetrante, que os seus Mestres o reputárão proprio para brilhar em outro maior theatro, e deliberárão, com o seu consentimento e o de seu Pai, fazello viajar, e estabelecer na Europa.

Contava o nosso Indiano perto de dezanove annos, quando esta resolução se pôz por obra; em semelhante idade tudo parece não só possivel, porém facil de conseguir; he então que a nossa imaginação tem chegado ao maior auge de força, e quando nos faz ver todos os objectos pela face mais favoravel; ¡ que satisfação pois para hum Mancebo, que poucos passos teria dado longe da sua habitação, e do Hospicio dos Barbadinhos, ver-se senhor do seu alvedrio, transportado a hum dos Paizes mais deliciosos da Europa, e com esperanças de augmentar nelle os seus conhecimentos, e a sua fortuna! Cheio d'estes projectos lisongeiros, e que lhe parecião infaliveis, munido de cartas de recomendação para algumas Casas de Commercio Francezas, disse adeos ás margens do Basaldi, e ás frescas sombras do Libano, e embarcou no Mediterraneo em hum Navio mercante, que seguia o rumo da Europa.

Desgraçadamente durou pouco esta brilhante perspectiva, e a sua viagem foi bastante desastrosa, como não he raro succeder naquelle Archipelago. As tempestades, e os ventos contrarios o lançárão de porto em porto, e o tivérão muitas vezes quasi soçobrado; até que em fim tendo vencido hum sem numero de perigos, veio arribar a Lisboa, onde sahio em terra, sem nenhum destino, mas bem persuadido a não tornar por então a affrontar de novo o tumultuoso Imperio de Neptuno.

Sem amigos, sem conhecimentos, e sem cabedaes; totalmente estrangeiro não só a Lisboa, mas mesmo á Europa, e aos seus usos, era bem de recear que elle acabasse, como tantos outros, victima da miseria, ou (o que seria

ain-

ainda peor) da corrupção. Isto teria provavelmente acontecido, se a candura do seu genio, e a singularidade do seu estado, por hum feliz acaso lhe não abrissem as portas de huma Casa illustre, que o acolheo. A Providencia, se nos he licito exprimir assim, tinha combatido as suas primeiras resoluções, até ao ponto de o fazer abrir mão dellas, e de o lançar no abysmo da indigencia; e esta mesma Providencia lhe abre agora novos caminhos, e lhe dá Pais, Familia, e Amigos em o Palacio dos Saldanhas.

Com effeito aqui achou o Sr. Fr. João de Sousa tanto, e ainda mais do que havia deixado na sua Patria, e provavelmente do que acharia em outros paizes, se cumprisse a sua primeira resolução. Dentro de bem poucos dias elle se vio contemplado, não como hum hospede, mas como hum filho, a quem se não deixava faltar cousa alguma, que podesse fazer-lhe esquecer os passados trabalhos, e tornar-lhe aprazivel a sua actual existencia. Os seus Pais por adopção até quizerão que usasse de hum dos seus appellidos, e trabalhavão desveladamente em lhe advinhar os seus desejos; em fim tanto se entranhou esta amizade, que posto que magoados da resolução que ao depois tomou de largar aquella habitação pela do Claustro, sempre a sua porta lhe ficou aberta com igual carinho; extorquindo-lhe a promessa de vir assistir com elles ao menos quando padecesse alguma enfermidade: mas não antecipemos ainda estes accontecimentos.

Chegou a Lisboa o Sr. Fr. João de Sousa em o anno de 1750, e a seis de Janeiro de 1758 foi nomeado Reitor da Universidade hum dos seus amigos e protectores, Gaspar de Saldanha, que succedeo neste emprego a seu Irmão D. Francisco da Annunciação, Conego Regrante de Santo Agostinho. O amor que aquelle Prelado tinha consagrado ao seu Pupilo, e as preciosas qualidades que de dia em dia descobria nelle, o persuadirão a não o tirar do lado, durante a sua residencia em Coimbra, aonde previa ser-lhe necessario: e a experiencia mostrou ao depois quão acertada tinha sido esta resolução.

Para isto se conhecer melhor, deve advertir-se, que já em os ultimos annos do Reinado do Sr. D. João V. tinha este Monarca trabalhado com disvelo na restauração das Letras em Portugal, que por hum extraordinario concurso de circunstancias, estavão quasi em total decadencia. A sua prolongada molestia, e a morte que se lhe seguio, suspendêrão por algum tempo este grande projecto, cujo complemento estava reservado a seu Augusto Filho o Sr. D. José de gloriosa Memoria. Ora a educação scientifica da mocidade devia necessariamente servir de base ao novo Edificio que se pertendia erguer, e por isso a reforma dos abusos da Universidade de Coimbra, onde ella se instrue e habilita para todos os empregos, mereceo a attenção deste grande Rei, pouco depois da sua subida ao Throno: era porém necessario conhecer estes abusos para os combater e dissipar, era preciso esquadrinhar as suas origens para os cortar pela raiz, e descobrir as occultas tramas de Pessoas talvez empenhadas em os perpetuar: em fim era indispensavel ter hum pleno conhecimento de causa para poder completar a grande reforma que de antemão se tinha projectado. Para manejar esta melindrosa commissão, he que foi escolhido Gaspar de Saldanha, e para confidente e Secretario de tão importantes segredos, he que este levou comsigo o Sr. Fr. João de Sousa.

Affastar-nos-hiamos muito do nosso assumpto se entrassemos na enumeração individual dos assignalados serviços, que elle fez por esta occasião; baste-nos sómente saber, que elles forão não só merecedores da approvação do seu illustre Protector, mas tambem (o que he mais) do conceito e contemplação do Conde de Oeiras, depois Marquez de Pombal, que nunca se desmentio destes sentimentos em todo o decurso da sua carreira Politica.

Debaixo destes auspicios podia o Sr. Fr. João de Sousa aspirar a hum estado mais brilhante, porém o tempo dos prestigios tinha já passado, e as reflexões de hum Homem de quarenta annos, que tem conhecido o Mundo, são por via

via de regra marcadas com o cunho da madureza e da razão; além disso se as vozes do Christianismo, que as mais das vezes soão ainda pouco nas primeiras idades, adquirem maior força á proporção dos annos ¿ com que violencia não arrastarião ellas o espirito de hum homem costumado a dar-lhe ouvidos desde a sua meninice? Entrando pois em si mesmo, elle se achou como attrahido por hum impulso irresistivel a acabar os seus dias na austeridade de hum Claustro, mas para isto tinha que lutar com a unica prizão, que o retinha no Mundo, o amor e obrigações devidas a seus Protectores, a quem era extremamente penosa esta separação: em fim á força de súpplicas derão estes o seu consentimento, e immediatamente apoz elle, seguio-se vestir o habito da Ordem Terceira da Penitencia.

Havia com tudo hum obstaculo, que poderia servir a qualquer outro de grande estorvo. Tendo o Sr. Fr. João de Sousa passado na Asia os primeiros vinte annos da sua idade, e destinando-se então á vida mercantil, procurou, como era natural, instruir-se nos conhecimentos proprios para hum semelhante emprego, e por isso não se tinha lembrado de que a lingoa Latina lhe viesse a ser necessaria; os outros vinte annos que se seguírão a estes, incerto ainda do seu ulterior destino, absorvido ao principio em o exame de hum Mundo novo em que devia viver, e depois nas repetidas commissões de que era incumbido; tinha-lhe só restado o tempo bastante para se applicar ao estudo da lingoa da sua nova Patria, e dos seus bons Authores, e ao da Historia Nacional e Estrangeira: isto posto, quando se deliberou a entrar na vida Monastica, achava-se ainda sem hum dos requisitos indispensaveis para alli figurar dignamente; porém a resolução estava tomada, e por maneira que não podia differir-se por mais tempo. Em fim lançou mão do unico partido que lhe restava, e vestio o habito de Irmão Converso; talvez mesmo que assim continuasse, se os seus companheiros, que forão logo igualmente os seus amigos, e souberão apreciar os seus talentos, o não tivessem re-

resolvido a tomar outro parecer. Foi então quando tirou algumas horas vagas do resto do anno do Noviciado, e as applicou ao estudo da lingoa Latina, para a qual lhe bastárão poucos mezes; ficando no fim deste tempo habilitado para professar, e os seus Superiores admirados da sua comprehensão e comportamento.

¿E quem erão estes Superiores? Eu fallarei sómente em hum delles nosso dignissimo Collega, então Provincial da Ordem Terceira, e que hoje occupa tão dignamente a Cadeira Archiepiscopal de Evora. O Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Fr. Manoel do Cenaculo (já amigo do Sr. Fr. João de Sousa antes de entrar para aquella Religião, e que muito concorrêra para a preferencia que lhe tinha dado) trabalhava por este tempo em resuscitar os Estudos amortecidos da sua Provincia, e o conhecimento das Antiguidades e das lingoas Orientaes, em que he tão eminente. Falto de subsidios, de homens capazes para instruir os seus Subditos, e até dos livros absolutamente indispensaveis para esta empreza; he bem curioso ler em as suas *Disposições Provinciaes* os meios, de que se servio para introduzir estes conhecimentos de todo adormecidos em Portugal, e o feliz concurso de circunstancias, devidas todas ao seu zelo infatigavel, que lhe deparou homens capazes de preencherem tão louvaveis fins; fazendo apparecer como por encanto o Grego, o Arabigo, e o Hebraico mais conhecidos, e divulgados, do que o não tinhão sido ainda nos Seculos mais florescentes da Monarchia.

¿Quanto não seria bem recebido o novo candidato em esta respeitavel Corporação de Sabios? Elle achou alli já estabelecida huma Cadeira de Arabe, regida pelo Padre Fr. João Baptista Abrantes, o qual se tinha consideravelmente avantajado naquelle Estudo aos seus outros companheiros; mas a verdadeira Sciencia não he presumida, e o antigo Professor cedia facilmente a palma ao novo Mestre, que tinha aquella lingoa por materna: quando o Sr. Rei D. José determinou mandar huma Embaixada a Marrocos em o anno de

de 1773 a fim de ajustar a Paz com aquelle Imperador, e nomeou para Secretario e Interprete della ao Sr. Fr. João de Sousa; o qual devia, no caso de se concluirem os Tratados, ficar em terra por algum tempo, para tomar conhecimento da Politica daquella Corte, dos usos dos Nacionaes, e para se aperfeiçoar na lingoagem do Paiz, que he hum Dialecto bastante differente do que usão os Arabes Asiaticos.

Não nos he possivel patentear os eminentes serviços, que elle fez nesta occasião, nem tão pouco as notas e observações interessantes que na sua volta entregou ao Ministerio: sómente nos será licito dizer, que a aptidão que mostrou neste emprego, e o conhecimento que em poucos mezes alcançou do caracter e intenções daquelle Soberano d'Africa, e dos Povos em geral, fez com que em todo o resto da sua vida os Ministros de Estado o considerassem como hum Homem indispensavel em semelhantes Negociações.

Apenas descançado o Sr. Fr. João de Sousa da sua viagem, apresentou-se-lhe huma occasião de mostrar publicamente não só os seus conhecimentos da lingoa Arabiga, mas ainda a sua gratidão ao Monarca, e á nova Patria que o tinha adoptado. Inaugurava-se a Estatua Equestre do grande José I., e as almas dos Portuguezes electrizadas á vista desta nova maravilha da Arte, que lhes trazia á memoria, e servia de perpetuar nas gerações futuras a imagem daquelle a quem a Nação devia tantos beneficios, mostravão em altas vozes o seu contentamento, e o transmittião tambem á posteridade já em Prosa, já em todas as qualidades de Poesia, em o nosso Romance, e em grande parte das lingoas do Globo, tanto mortas como vivas. A Congregação da Ordem Terceira foi huma das que mais se distinguio neste concurso, e entre os Escritos que ella estampou, se póde facilmente conhecer o trabalho deste seu tão distincto alumno.

Pouco sobreviveo o Soberano a esta prova do amor dos

dos seus Vassallos ¿e que motivos não terião elles para se mostrarem inconsolaveis por semelhante perda, se a não suavisasse verem que subia ao Throno S. M. F. a Rainha D. Maria I. N. S.? Herdeira das virtudes de seu Pai, tudo lhe augurava huma inalteravel serie de prosperidades; pois se no antecedente Reinado tinha algumas vezes sido necessario mostrar o rigor das Leis para reprimir abusos inveterados, neste não havia senão graças a conceder, e ellas se tornavão ainda mais estimaveis pela amabilidade da Soberana que as destribuia. Portugal ha de lembrar-se eternamente desta Epoca ditosa, e a Academia Real das Sciencias nunca poderá repetir sem veneração e ternura o augusto Nome da sua primeira Protectora.

Esta Sociedade fundada em o anno de 1779 buscou immediatamente chamar para o seu gremio todos os Sabios Nacionaes que estavão em circunstancias de lhe poder consagrar os seus estudos, e entre elles não podia esquecer o Sr. Fr. João de Sousa. As vistas que a Academia tinha, nomeando-o seu Correspondente, erão vastas e interessantes, exigião hum trabalho assiduo, e quasi impossivel de se levar ao fim por hum só homem; mas assim mesmo veremos como grande parte dellas ficárão preenchidas.

A Litteratura Arabiga foi sempre em Portugal huma das menos cultivadas, e comtudo muitos motivos havia para se lhe dever dar alguma estimação. Além do grande numero de Authores que escrevêrão nesta lingoa, dignos de serem consultados pelos Estudiosos, todos sabem que os Mahometanos de Africa forão os que succedêrão aos Godos, senhoreando-se das Hespanhas em o Seculo VIII. O primitivo idioma da Peninsula, adulterado já com muitos vocabulos dos primeiros conquistadores, adoptou ainda talvez hum maior numero destes ultimos, os quaes se ficárão conservando até os nossos dias. Os Filologos Portuguezes, e entre elles Duarte Nunes de Leão, conhecêrão isto mesmo, e derão a lista de algumas destas palavras, e das suas ethymologias; mas taes catalogos erão diminutos, e a Aca-

de-

demia que desejava tratar este objecto em toda a sua extensão, o incumbio ao seu novo Correspondente. Pôz elle as mãos á obra, e levando-a ao fim com a maior assiduidade, estava já para a imprimir em 1786, quando obrigações superiores o fizerão largar os seus estudos e o seu retiro, e embarcar para Argel em circunstancias summamente criticas, visto grassar então alli huma furiosa peste.

Não tinha porém sido sómente esta a sua occupação no espaço de dez annos que presistíra em Lisboa: ao mesmo tempo que trabalhava em as ethymologias Arabigas, compunha huma Numismalogia ou breve recopilação de algumas Medalhas de prata dos Califas de Africa, e dos Reis Arabes de Hespanha, achadas em diversas épocas em Portugal, e de outras da mesma qualidade, que se descobrírão no Termo da Villa de Lagos no Reino do Algarve em dezanove de Fevereiro de 1781. A cada huma destas Medalhas ajuntava huma breve noticia do tempo e governo dos Reis, e Califas a que pertencia, formando huma historia, cuja publicação póde ser muito interessante, ainda mesmo que o manuscrito se não ache completo, huma vez que se lhe ajuntem os desenhos daquellas Medalhas, que pertencião em grande parte ao Museu do Ill.mo e Ex.mo Marquez de Angeja.

Todos estes trabalhos ficárão interrompidos, ainda que por pouco tempo, com a sua jornada a Africa: tornando depois ao Reino, dêo o ultimo polimento, e estampou em 1789 o seu Lexicon Ethymologico; e levou ao fim a copia e traducção dos Monumentos Arabes existentes no Real Archivo da Torre do Tombo em que já antecedentemente trabalhara, tambem por ordem da Academia, para o que se tinha impetrado e facilmente obtido a licença de S. Magestade. Estes Documentos fizerão-se públicos em 1790, e para isto se escolhêrão, entre muitos que se achavão interpretados, aquelles que tinhão huma relação mais immediata com a Historia de Portugal.

Não paravão ainda aqui os designios desta Sociedade,

nem o zelo do Sr. Fr. João de Sousa: já elle tinha nesse tempo entregado nesta Secretaria a copia de quatro Inscripções Arabigas descobertas em o nosso Reino; huma das quaes era a da celebre colubrina achada em Diu, tropheo illustre dos nossos maiores, e cuja conservação nestes ultimos tempos se deve a hum mero acaso, e aos seus conhecimentos e patriotismo.

Estas Inscripções forão impressas em o 5.° volume das Memorias de Litteratura; porém tanto ellas como algumas outras, que ainda se conservão manuscritas, dão muito pouca luz para o conhecimento da nossa Historia. Os Arabes, extremamente religiosos, contentão-se as mais das vezes de escrever huma sentença, hum passo do Alcorão em os seus Monumentos, que por isso quasi nunca deixão perceber o seu objecto, nem a época em que forão feitos: fica este cuidado a cargo dos seus Chronistas; e a Livraria do Escurial contém hum riquissimo thesouro destes Escritores Arabes. Desejava pois a Academia possuir, e presentear o Público com o que alli se acha de mais proprio para illustrar a Historia Portugueza, e deo esta commissão á mesma pessoa que tão bem tinha desempenhado todas as outras. A nossa Augusta Soberana protegia este trabalho, que mereceo tambem a plena approvação de S. Magestade Catholica, e nada parecia faltar para se pôr por obra; quando circunstancias imperiosas o fizerão de novo largar o caminho de Madrid pelo de Marrocos, e impedirão, talvez por largos annos, a execução de hum projecto tão necessario para acclarar as trévas dos seculos anteriores á fundação da nossa Monarchia.

Esta ultima expedição do Sr. Fr. João de Sousa á Costa de Africa foi em tempos bem desastrosos para aquelle Paiz. Pela morte do Imperador Sidi Mahomet Ismael ficárão quatorze filhos, grande numero dos quaes disputárão o Imperio entre si, fazendo sentir áquelles Povos os horrores de huma guerra civil, que a Corte de Hespanha achava interesse em fomentar. Alguns destes Principes morrêrão no cam-

campo de batalha, outros andárão foragidos de terra em terra, e hum finalmente foi obrigado a embarcar a sua familia para buscar amparo em huma Corte Estrangeira.

Já o Sr. Fr. João de Sousa estava de volta da sua commissão, quando Lisboa teve o nunca visto espectaculo da arribada destas Princezas Africanas, e do resto da Familia de Mulei Abdessalão, que se compunha ao todo de duzentas e vinte e huma pessoas. Não podemos agora referir nenhum dos particulares desta extraordinaria visita, durante a qual elle não cessou hum momento de estar occupado como Interprete da nossa Corte; mas será facil aos curiosos ler estas circunstancias na exacta relação, que elle publicou deste acontecimento; na qual reconhece agradecido a grande benevolencia que mereceo a S. A. R., e á Real Familia Portugueza, durante todo este tempo, isto he, em o Verão de 1793.

Logo em o anno seguinte de 1794 foi o Sr. Fr João de Sousa nomeado para reger a Cadeira de Lingua Arabiga em lugar do P. Fr. Antonio Baptista Abrantes, que tinha sido eleito Confessor da Princeza N. S., e que com tanto applauso tinha dado lições desta lingoa aos Religiosos do Convento de Jesus; e pouco tempo depois, querendo S. A. R. o Principe Regente N. Sr. tirar todo o partido possivel das luzes e conhecimentos do novo Mestre, mandou pelo seu Decreto de 12 de Abril de 1795 que a dita Cadeira fosse pública, assignando-lhe hum ordenado, e hum Substituto para a reger nos impedimentos do Proprietario.

Este Decreto dá bem a conhecer o interesse do nosso Soberano pelo progresso das Letras e estudos de seus Vassallos: persuadido de quão necessario era o conhecimento da lingoa Arabiga, e querendo confiar este cuidado da Ordem Terceira de S. Francisco, que tão louvavelmente o hia desempenhando, mandou que houvesse sempre na Cidade de Marrocos hum Padre, escolhido entre aquelles que tivessem mostrado maior aptidão, o qual seria destinado e vir depois reger a sobredita Cadeira. Já o Sr. Fr. José da

Santo Antonio Moura (nosso digno Collega, a quem devemos parte destas noticias, e que succedeo em todos os empregos ao Sr. Fr. João de Sousa) havia seguido este caminho, e persistido quatro annos na Costa d'Africa, quando foi chamado por esta occasião para primeiro Substituto.

Além destas providencias, incumbia-se tambem ao novo Professor a redacção de huma Grammatica daquelle idioma: he certo que pela falta total que no nosso Paiz havia de semelhantes Livros, já o P. Fr. Antonio Baptista havia dado á luz em 1772 huma, tirada pela maior parte da de Erpenio, mas ainda que forcejasse pela resumir, era assim mesmo bastante volumosa, e estava quasi extincta toda a edição. Para satisfazer ao preceito, e obviar esta difficuldade, principiou a sua o Sr. Fr. João de Sousa; e tanta pressa se dêo por acaballa, que conseguio publicar em 1795 hum elegante e methodico resumo dos seus principaes preceitos.

Em poucas cousas se dá mais a conhecer a sciencia de qualquer Escritor, do que na redacção de hum bom compendio, ainda que á primeira vista pareça este objecto de pouco momento. Não basta mesmo a sciencia para o desempenhar cabalmente, he necessaria huma certa Filosofia e penetração, que faça apresentar cada huma das materias pelo lado mais perceptivel, e ao mesmo tempo por aquelle em que offerecem a melhor e mais simples ligação. Aos intelligentes pertence julgar, se os Elementos de que tratamos são trabalhados debaixo deste Plano, e se o seu Author merece ou não os louvores, que universalmente lhe tributão.

Mas poderá talvez haver alguem a quem pareção de pouco momento os trabalhos, que até aqui temos enumerado; por isso mesmo que sendo a lingoa Arabiga o idioma natural do Sr. Fr. João de Sousa; não era muito que elle o soubesse em perfeição, com todos os seus preceitos, e idiotismos. He porém obvio que são mui poucos os Nacionaes de hum Paiz que fallão, e escrevem correctamente a sua lin-

lingoagem, e que ainda menor numero sabe a fundo as regras da sua Grammatica, e as differentes anomalias da dicção, ainda quando esta não tem a variedade de dialectos do Arabigo. Alem de que, he necessario hum estudo assiduo, huma sciencia, e penetração particular para a leitura dos caracteres Cuficos, em que ainda existem tantos Monumentos dentro mesmo de Portugal: para se conhecer esta difficuldade basta advertir-se, que estes caracteres, os primeiros de que usárão os Arabes, são actualmente muito pouco conhecidos na Europa, e ainda menos entre os Povos descendentes dos seus primitivos authores. Encontrão-se nelles muito maiores difficuldades do que nas nossas antigas Escrituras do principio da Monarchia; porque como as letras deste alfabeto são algumas dellas muito parecidas entre si, e só se distinguem pelos chamados pontos diacriticos; quando estes faltão (o que succede commumente) deixão na ignorancia do verdadeiro sentido da palavra; daqui vem que cada vocabulo, cada oração he huma especie de enigma para decifrar: e por isso tendo o douto Nieburg ajuntado, e interpretado huma quantidade destas Inscripções, muitas dellas obtiverão melhor sentido, segundo a lição do Sr. Fr. João de Sousa; que tambem decifrou algumas, que ainda erão de todo desconhecidas. Oxalá que a Academia se ache hum dia em circunstancias de fazer estas publicações, de que resultaria gloria ao Author, e á Litteratura Nacional.

Tantos e tão assignalados serviços merecião por fim huma recompensa; por isso esta Sociedade desde o anno de 1792 o contou em o numero dos seus Socios livres; e quasi pelo mesmo tempo o nomeou a Rainha N. S. Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha.

Estes empregos, que lhe davão novas honras, parecião tambem impor-lhe novas obrigações, mas a sua idade já avançada, e o seu corpo debilitado, difficilmente lhe permittião cumprillas. As differentes viagens que tinha feito a Africa, a vida applicada e sedentaria dos seus ultimos annos,

nos, a sua transplantação (deixem-me assim dizer) para a Europa, onde se não tinha perfeitamente climatizado, tudo concorria a extenuar-lhe as forças antes de tempo por hum modo muito sensivel, e poucos dias bastárão para huma affecção catharrosa o levar da vida presente aos 29 de Janeiro de 1812, em o mesmo Convento de Nossa Senhora de Jesus, onde havia professado.

Temos feito hum ligeiro esboço dos serviços Academicos e Politicos do Sr. Fr. João de Sousa; seria porém necessario outra melhor pena para traçar as qualidades do seu coração, e as suas virtudes sociaes e Christans. Amigo verdadeiro, com huma notavel simplicidade de costumes, e hum genio sempre affavel, elle tinha penhorado a affeição de todos os que o conhecião: Religioso observante de hum Instituto eminentemente pobre, elle repartia a totalidade das sommas que lhe provinhão dos seus empregos, já com o seu Convento, já com os necessitados, a quem a sua ardente caridade nunca deixou de soccorrer: a menor porção subtrahida a estes dois fins lhe parecia hum crime, de que mesmo depois de morto elle pedio perdão aos Religiosos em hum papel que se achou com a sua assignatura. Prendas tão estimaveis fizerão universalmente sentida a sua falta, e merecêrão-lhe ser ainda hoje chorado por aquella Communidade, onde com todo o applauso exerceo os empregos de Mestre de Noviços, e Definidor, e onde faleceo com as honras de Ex-Geral effectivo. ¡ Quanto não devia ser feliz e tranquilla esta morte, tendo-lhe precedido huma vida tão Christã e ajustada!

ELO-

ELOGIO HISTORICO

DO

EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO

D. Fr. MANOEL DO CENACULO,

ARCEBISPO D' EVORA,

POR

FRANCISCO MANOEL TRIGOZO D' ARAGÃO MORATO,

Vice-Secretario da Academia R. das Sciencias;

E por elle recitado na Assembléa Publica da mesma Academia, de 24 de Junho de 1814.

D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-Boas, do Conselho de S. A. Real, Arcebispo Metropolitano d' Evora, e Socio Honorario desta Academia, nasceo em Lisboa no 1.° de Março de 1724, de José Martins e de Antonia Maria.

A sua genealogia não fará parte do seu Elogio: filho de Pais honestos, e que grangeavão o sustento com hum trabalho rude e mecanico, mas assás illustre por seus avoengos (*a*), e mais illustre ainda pelas virtudes de que a Natureza o dotára, elle adquirio para si huma verdadeira nobreza pelos eminentes cargos que exercitou; e a pezar de seu estado e humilde Instituto, a benignidade do Soberano

o

(*a*) Segundo a Noticia e Arvore Genealogica, que conservão os Parentes do Sr. Arcebispo, era elle descendente d' huma familia illustre de Tras-os-Montes; e seus setimos avós Fernando Loureiro de Figueiredo, e Mecia Martins, forão tronco commum de outras tres familias muito distinctas pelos appellidos de Figueiredos, Sousas, Barros e Farias.

10 REIS

o fez considerar como tronco de muitas familias illustres, que delle só derivão a representação politica de que gozão.

Imperiosamente arrebatado pelo amor das Lettras, á proporção que a sua razão se começava a desenvolver, o estudo foi o unico passatempo da sua mocidade; e aos quinze annos de idade, depois de ter frequentado hum curso de Filosofia na Congregação do Oratorio (*a*), havia já recebido o habito da Ordem Terceira da Penitencia no Convento de Jesus de Lisboa, onde professou no anno seguinte (*b*).

Foi Coimbra o novo assento em que o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo continuou as suas applicações litterarias, seguindo o curso completo dos Estudos da sua Religião, e ao mesmo tempo o curso publico da Faculdade Theologica d'aquella Universidade (*c*); e forão tão rapidos os seus progressos, que apenas contava vinte e dous annos, quando o nomeárão Lente d'Artes no Collegio de Coimbra (*d*); recebendo tres annos depois com grandes gabos o gráo de Doutor na Universidade (*e*), e repetindo segundo curso de Artes no sobredito Collegio (*f*).

Mas

(*a*) O Assento de Matricula no primeiro anno do Curso Theologico da Universidade declara, que o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo ajuntara Certidão de ter frequentado tres annos de Filosofia na Congregação: o Abbade de Sever acrecenta que fora seu Mestre o P. João Baptista, o qual, como todos sabem, e nota o mesmo Barbosa em outro lugar, *alcançou a gloria singular de ser o primeiro que nesta Corte dictasse a Filosofia moderna, que totalmente se ignorava em Portugal*; e isto parece ter sido presagio do muito que o seu discipulo havia de promover a plantação dos bons estudos.

(*b*) O Abbade Barbosa parece ter tomado a época da entrada pela da profissão: o Sr. Arcebispo recebeo o habito de Terceiro em 19 de Março de 1739, e professou a 25 de Março de 1740.

(*c*) Em Outubro de 1740 foi mandado para o Collegio de Coimbra estudar hum novo curso de Filosofia, e outro de Theologia, sendo seu Mestre o Dr. Fr. Joaquim de S. José; e fez a sua primeira Matricula na Universidade no 1.° de Outubro de 1741.

(*d*) No Capitulo Provincial, celebrado em Lisboa no mez d'Outubro de 1746.

(*e*) Recebeo o gráo de Licenciado a 19 de Maio de 1749, e o de Doutor a 26 do mesmo mez.

(*f*) Por disposição do Capitulo Provincial, celebrado em Santarem no mez de Agosto de 1749.

Mas por grande que fosse o louvor, que alcançou pelos seus progressos na carreira publica das Lettras, não era menor o que lhe devia resultar por suas meditações e trabalhos particulares; pois que era a sua alma mui levantada e conhecedora da propria dignidade, para se sujeitar servilmente ao pequeno circulo dos conhecimentos que então se adquirião nas Aulas; e se a obrigação de professar publicamente a Filosofia Aristotelica e huma Theologia puramente Escotistica, andava a par da falta, que muito lastimava, de quasi todos os meios de dar huma boa direcção aos seus Estudos (*a*), o seu espirito ao menos sahio são e salvo dos intrincados laberintos, onde os outros commummente ficavão enredados, e com forças bastantes para tentar por si o novo caminho que o havia de conduzir á verdadeira sabedoria. He assim que « quando os Estudos geraes tem » degeneração, ou se reduzem á influencia do mero costu- » me, fica reservada aos particulares a excepção que lhes » faz gloria, pelas suas tentativas e exemplos em adiantar » o partido das Sciencias ». A modestia do nosso Socio não lhe permittio applicar a si mesmo esta sentença, que deixou escrita nas suas Obras (*b*).

A viagem a Roma, que o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo, então Secretario da Provincia Terceira, commetteo no principio do anno de 1750, para assistir ao Capitulo Geral da Religião Franciscana, fez por confissão delle mesmo huma época muito principal na sua vida litteraria (*c*). Mui-

(*a*) Dos estudos então seguidos na Ordem Terceira trata largamente o Sr. Arcebispo nas *Memorias Historicas dos progressos e restabelecimento das Lettras* &c. *Apenas se conservou* (escrevia elle) *o estudo das especulações Theologicas e Filosoficas; e se houve doutos que no seu particular quizerão sahir a maior distancia, faltou-lhes união de outros sujeitos do mesmo entender, e o concurso de superiores e de livros: suspeitava-se das Lettras amenas vagamente, e sem tolerancia; e reputavão-se não só inuteis, mas perniciosas aos Estudos Theologicos: finalmente as controversias litterarias sobre varios pontos da doutrina da Escola excitárão fermentações, que algumas vezes degenerárão em tempestade* &c. Veja se todo o cap. 4.

(*b*) *Memor. Histor.* acima cit. pag. 22.

(*c*) Sobre esta viagem, e sua influencia nos progressos litterarios do

tas cousas fazião illustre esta Assembléa: compunha-se de homens de muitas Nações e Provincias, notaveis huns pelo seu saber, outros tambem por sua Religião e virtudes; celebrava-se em Roma, Cidade então famosa até pela cultura dos bons estudos, tanto de Humanidades como de Sciencias, cuja recente reforma se devia ao grande genio de Benedicto XIV.; era presidida por este Pontifice, hum dos maiores Lettrados do seu tempo, e singular honrador dos Sabios, e das Lettras; finalmente concorria n'aquelle anno o Jubileu universal, que a Cabeça do mundo Christão celebrava com o maior applauso, o que atrahia a Roma hum grande numero d' Estrangeiros distinctos de todas as classes e condições.

Transportado da sua Patria para tão differente theatro, não foi o esplendor do novo espectaculo capaz de deslumbrar seu espirito: acostumado sem interrupção a huma vida de meditação e de estudo, e unindo ao ardor de saber novas cousas a facilidade de as comprehender, conseguio receber as mais expressivas demonstrações de benevolencia de eminentes personagens da Curia, e do mesmo Pontifice; communicar muitos sabios com aproveitamento e reciproco interesse; especular consideradamente as insignes Universidades, e Bibliothecas, que encontrou na sua passagem por Italia, França e Hespanha (*a*); e adquirir huma gran-

Sr. Arcebispo, veja-se o que este diz na *Dissertação sobre a Diffinibilidade do Mysterio da Conceição*, pag. 214; na Dedicatoria das *Conclusões Liturgicas*, dirigida a Benedicto XIV.; nas *Memor. Histor. dos progressos e restabelecimento das Lettras*, pag. 200 e seguintes; nos *Cuidados Litterarios*, pag. 79. Veja-se tambem Fr. Vicente Salgado na *Origem e progresso das Linguas Orientaes* &c. pag. 42 e seguintes.

(*a*) Entrou em Hespanha por Badajoz, e vio algumas Cidades notaveis da Estremadura, Castella nova, Aragão, e Catalunha; passou depois a França, e viajou pelas Provincias do Roussillon, Languedoc, e Delphinado, até penetrar a Saboia: dahi passou os Alpes em Monte Cenis, e vio as principaes Cidades do Piemonte, do Milanez, do Ducado de Parma, do Modenez, e dos Estados da Igreja, até chegar a Roma. Na volta esteve em Genova; e entrando em França pela Provença, penetrou outra vez o Languedoc, e desandou até Lisboa o mesmo caminho que havia andado.

grande porção de livros, ou muito raros, ou de todo desconhecidos entre nós, cujo conhecimento e lição podia accelerar a felicissima restauração dos Estudos Portuguezes.

Não chegou ao fim do anno a sua ausencia da Patria, e já no de 1751 o admirava a Universidade de Coimbra ostentando publicamente á Cadeira d' Escoto; porém deixou esta jornada gravadas no seu espirito impressões bem profundas, e huma saudosa lembrança, a que correspondeo em toda a sua vida com animo agradecido.

Restituido então ao Collegio de Coimbra, para concluir o Magisterio de Filosofia, e ensinar successivamente hum novo curso de Theologia (*a*), os Estudos fizerão a sua primeira occupação, e as suas unicas delicias; assim parecia que queria vencer em breve carreira o longo estadio d'aquellas Sciencias; e que não contente de copiar em si os altos exemplos de sabedoria, que observára na sua peregrinação, pertendia nada menos que reproduzir os bellos dias da florente reputação das Lettras na sua Familia, e se tanto podesse, na sua Nação (*b*).

Sem duvida podia então julgar-se maravilhoso hum semelhante projecto: não porque fosse muito difficil conhecer os vicios do complicado systema dos nossos Estudos, e o verdadeiro methodo por que estes se devião dirigir; outros homens dotados de bom senso conhecião igualmente que as Sciencias da razão e da fé não podião prosperar, em quanto fossem desconhecidos os seus necessarios subsidios, e em quanto o espirito humano gemesse debaixo do jugo da escravidão litteraria.

Mas ¿de que servia este conhecimento? em huns não produzia mais do que hum triste desalento; em outros atiça-

(*a*) Lêo Theologia no anno de 1753, e nos dous seguintes; no ultimo dos quaes era Lente de Prima no Collegio de Coimbra.

(*b*) Sobre os variados Estudos, a que então se applicava, e sobre a natural influencia que devião ter para a reforma das Lettras na Congregação Terceira, veja-se o que elle mesmo escreve nas *Memor. Histor. dos progressos e restabelecimento das Lettras* &c. pag. 197 e seg.

va sim a paixão do estudo, mas de hum estudo medroso e assustado; não poucos preferião á verdadeira honra, que dá a sabedoria, as honras e contemplações externas dependentes do vicioso systema litterario, que gozava exclusivamente do favor publico; a maiór parte não estimava o que não sabia, e o que não queria aprender; e se algum tinha a constancia de affrontar descobertamente os antigos prejuizos, ficava exposto ao escarneo dos que presumião de sabios, e era desamoravelmente atacado no seu saber, na sua moral, e até na sua crença (*a*).

Diverso systema, e por certo mais seguro, inda que de mais vagaroso effeito, foi o que seguio o Mestre Cenaculo. Muito prudente para combater de viva força as opiniões publicamente autorizadas, não pertendia tornar aborrecida na pessoa do sabio desabrido a sabedoria que queria fazer amavel; ao contrario inculcava hum grande respeito aos outros Mestres com quem vivia; louvava o que havia de bom nos estudos do tempo; interessava até a Escolastica sobria e sincera para combater huma Escolastica servil e palavrosa: mas ao mesmo tempo indicava com a mansidão e candura que fazião o seu caracter, o differente caminho que com mais certeza conduzia ao conhecimento da verdade; e sobre tudo mostrava com o seu exemplo, que não ha difficuldades que o espirito humano não deva vencer pela natural fermosura da sabedoria (*b*). Deste modo cada dia alcançava a boa causa hum novo triunfo, e os animos se hião dispondo insensivelmente para a restauração dos bons Estudos.

Forão o primeiro effeito publico d'aquelle moderado systema os dous Certames Litterarios a quê presidio, nos quaes ousou expor a Historia da Filosofia, então despreza-

da

(*a*) Todos sabem quantas tempestades se excitárão entre nós por occasião do *Verdadeiro Methodo de estudar* do sabio Verney, e das primeiras Obras que publicou o Sr. Antonio Pereira de Figueiredo.

(*b*) Vejão-se as *Memorias Historicas* acima citadas, de pag. 197 por diante.

da nas nossas Aulas, e tratar com liberdade e em linguagem intelligivel algumas partes da Metafysica.

Forão outro effeito as Conclusões de Liturgia, defendidas em Lisboa e dedicadas a Benedicto XIV. no tempo em que era quasi desconhecido em Portugal este ramo da Theologia; e então mesmo quando huma Congregação poderosa lutava com penosas difficuldades, que retardárão não menos que onze annos a organização da Academia Liturgica, instituida por aquelle Pontifice no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (*a*).

A Dissertação sobre a diffinibilidade do Mysterio da Conceição deo hum exemplo tão illustre como raro da moderação com que se devem tratar as controversias Theologicas, e do bom uso d'aquelles argumentos que só as podem decidir. Assim com hum pequeno Escrito, louvavel até pela brevidade e boa digestão de materias, recreárão-se os espiritos cançados dos clamores que de longo tempo se havião excitado, e da leitura de enfadonhos volumes que sobre este assumpto saião dos nossos prélos (*b*). Ninguem mais

(*a*) A nossa Academia Liturgica Pontificia foi fundada por Benedicto XIV. no Real Mosteiro de Santa Cruz no anno de 1747; porém diversos incidentes obstárão a que se pozessem em exercicio as duas Cadeiras de Historia Ecclesiastica, e dos Sagrados Ritos, que sómente se abrirão no de 1756; formando-se ainda dous annos depois, isto he, no de 1758 a mesma Academia, a que forão aggregados muitos e habeis Socios. (Veja-se o Tom. I. da Collecção da Academia Liturgica.) Se no Catalogo daquelles não apparece o nome do Sr. Arcebispo d'Evora, he certo que nenhum dos outros tinha para isso direito mais bem fundado; pois que não só fora elle o primeiro que professára publicamente os Estudos Liturgicos, mas a sua Obra contém hum Compendio muito bem feito do que a Escritura, a Tradição e as antigas Liturgias nos ensinão ácerca do que pertence ao essencial do Sacrificio da Missa, e aos seus ritos e ceremonias accidentaes.

(*b*) Poucos annos antes, isto he, no de 1750, havia publicado Dionysio Bernardes de Moraes hum espesso livro de 1240 paginas de folha, com o titulo *Animadversiones Criticas Dogmaticas* &c. no qual se esforçou a defender a tradição e voto da Conceição contra os ataques de Muratori: mas não se achando talvez hum leitor dorado da constancia necessaria para levar ao fim tão cançada lição, foi novamente agitada esta questão com grande calor; o que deo occasião a que o Sr. Arcebispo compozesse esta sua Obra.

mais entre nós impugnou ou defendeo em Escritos Polemicos aquella Tradição.

No entretanto renascia com hum novo lustre o estudo das linguas Grega e Hebraica pelos seus honrosos esforços: a falta de mestres, e de bons livros, e de sabios versados nestas erudições, ou que ao menos as estimassem, era suprida por hum trabalho duro, e huma constancia á qual nada fazia esmorecer (*a*). Foi então que o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo emprendeo a versão completa da Vulgata Latina, illustrada e comparada com os antigos Originaes (*b*): e se depois lhe faltou o ocio necessario para concluir tão grande obra, teve ao menos a gloria de ser o primeiro que a commettesse (*c*); deixando em seus escritos, para os que qui-

(*a*) Posto que o estudo destas linguas tivesse florecido entre nós nos seculos passados, e que na Universidade de Coimbra ainda por este tempo se conservassem Aulas, onde as ditas linguas se podessem aprender; comtudo segundo o dito do judicioso Verney (*Verdadeiro Methodo de Estudar*, Carta 4. pag. 113.) apenas havia quem tivesse mais noticia do Grego que das palavras *Kyrie eleison*; e do Hebraico, que dest'outras *Alleluia*, e *Amen*. Nem esta expressão se póde julgar exagerada; pois quando o Sr. Arcebispo começou a restaurar este estudo, apontavão-se com o dedo as pessoas que entendião o Grego; e posto que residisse em Coimbra, não teve quem o dirigisse para entrar no conhecimento desta lingua, mais que huma Arte alli impressa em 1608, e *hum apenas entendido* Scapula; nem para entrar no da lingua Hebraica, mais que a Arte do P. Quadros, mandada vir de Salamanca, e o Lexicon pequeno de Buxtorfio. Ainda mais: quando elle quiz fazer novamente uso para as ultimas Conclusões de Filosofia dos poucos e máos caracteres Gregos, que ainda restavão de tempos antigos na Typografia da Universidade, e dos quaes se havia servido hum anno antes em outras Conclusões, tinhão estes subitamente desapparecido. Vejão-se as *Memor. Historic. dos progressos* e *restabelecimento* &c. pag. 202.

(*b*) Deste projecto, em que elle tinha por companheiros outros dous Doutores da Universidade, e Eremitas de Santo Agostinho, dá noticia Salgado na *Origem e progresso* &c. pag. 47, 48.

(*c*) Quando o Sr. Arcebispo projectou o trabalho da versão da Biblia, não só faltava entre nós huma semelhante obra feita por Autor Orthodoxo, mas estavão ainda em vigor as antigas Leis que prohibião as versões vulgares da Escritura; de sorte que no anno de 1756, isto he, hum anno antes que se publicasse o Decreto da Congregação do Indice, o qual sabiamente mitigou as mesmas Leis, ainda o Concelho Geral do Santo Officio no seu Edital de 8 de Outubro entre outras cousas que

quizessem de novo intentalla, não só estimulos, mas documentos, e exemplos (*a*).

Nem erão os Estudos severos os que fazião a sua unica occupação; o das Humanidades e da Historia divertia suavemente o seu espirito, e lhe dava novo alento na carreira das Sciencias. Deste estudo forão fruto varios Opusculos escritos neste periodo, e entre elles a elegante Oração Latina em louvor do Eminentissimo Cardeal Manoel, por occasião da sua exaltação ao Trono Patriarchal, recitada na Igreja de Jesus, sendo presente aquelle Prelado, e com assistencia e universal applauso de toda a Corte, e de hum luzido e sabio Auditorio.

Dem-me hum homem que franqueando a si mesmo a vereda da Sabedoria, caminhe sempre por ella com passos firmes, sem pagar o necessario tributo á illusão ou ao erro. Mas embora o grande engenho de Raimundo Lullo, seu decidido empenho em procurar a conversão dos Arabes, e em vulgarizar o estudo das Linguas Orientaes, fascinassem os olhos d' hum sabio já acostumado á luz de melhores doutrinas, e o arrastassem a escrever com demasiado calor a apologia d' hum systema extravagante de filosofar (*a*); he certo

censurava n' huma Obra do Cavalheiro Oliveira, era impugnar elle a prohibição da Biblia na lingua vulgar.

Mas se aquelle Sabio merecegrande louvor por intentar hum trabalho que então se reputava em si mesmo odioso, não merece menos por se atrever a desprezar o juizo de muitos homens, os quaes, como elle depois escreveo, *se assustavão só de ouvir fallar nos Estudos Hebraicos, como que estes deixassem a Tradição no esquecimento.* Pelo contrario continuou sempre a dar tanta importancia ao estudo das linguas originaes para huma versão perfeita da Biblia, que só por isso obstou muitos annos depois á publicação do Testamento Novo traduzido pelo Sr. Antonio Pereira, o qual era destituido d'aquella erudição; de maneira que não se começou a imprimir a sua Obra, senão no anno de 1778, quando já aquelle Prelado não era Presidente da Mesa Censoria; e a isto allude o Traductor na Dedicatoria ao Cardeal da Cunha.

(*a*) Vej. a *Patente sobre o verdadeiro systema de Theologia, que se deve seguir na Provincia da Ordem Terceira*; e os *Cuidados Litterarios*, onde principalmente se achão espalhados muitos exemplos d' huma boa e fiel versão.

(*a*) Entre as Obras que sahirão contra o *Verdadeiro Methodo de estu-*

to que foi a sorte de Lullo ter grandes homens de diversos paizes e seculos por defensores, e por adversarios; e que estava reservado ao nosso Consocio reduzir muitos annos depois ao seu justo valor o systema Lullano (*a*).

DEsde que o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo concluindo em 1755 o Magisterio de Theologia no Collegio de Coimbra, veio fixar a sua residencia em Lisboa, a fama de seus talentos e virtudes, que muito antes o havia precedido, lhe abrio novos caminhos para empregar aquelles dotes em publica utilidade. Assim foi successivamente nomeado Cronista da sua Provincia (*b*), Lente Jubilado, Examinador das Igrejas e Beneficios das Ordens Militares (*c*), e Synodal do Patriarchado (*d*); Ministro Consultor da Santa

---

dar, foi huma o *Retrato de Morte-cor*, que se attribue ao Jesuita Joaquim Rebello: ahi a pag. 35. defende-se brevemente Raimundo Lullo da nota de *louco*, com que o tratára o Barbadinho na Carta 8. pag. 286. Ao *Retrato de Morte-cor* respondeo Verney no *Parecer do Doutor Apolonio Philomuso Lisbonense, dirigido a hum grande Prelado do Reino de Portugal*, onde a pag. 46. trata de Lullo, resumindo o mesmo que sobre elle escrevêra Natal Alexandre. Por occasião desta ultima Obra, e contra ella, he que o Sr. Arcebispo publicou as suas *Advertencias Criticas e Apologeticas*.

Quasi pelo mesmo tempo escrevia o Sr. Antonio Pereira a sua apologia dos Equivocos, que se achavão desatendidos em muitos lugares das Cartas de Verney. Mas se estes dous sabios não defendêrão a melhor causa nestas suas Obras, pode-se crer que em muitas cousas levárão a palma ao seu adversario; e que este não teria excitado as suas invectivas, se se contentasse com impugnar o uso dos equivocos em Obras de eloquencia, sem affirmar que esse uso fôra desconhecido de toda a antiguidade; e com criticar o systema Filosofico de Lullo, sem amontoar as calumnias com que Natal Alexandre denegrira a repuração deste celebre Escritor. Mas nas disputas litterarias, como em todas as outras, he mui difficil não discrepar do unico ponto da questão, e talvez da verdade.

(*a*) Veja-se o que posteriormente escreveo a respeito deste systema nas *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, pag. 78, e nos *Cuidados Litterarios*, pag. 23, e 303.

(*b*) Por Patente do Geral Molina em data de 6 de Maio de 1757.

(*c*) Por Provisão da Mesa da Conciencia de 25 de Janeiro de 1758, e por outra do mesmo teor de 8 de Outubro de 1768.

(*d*) Por Aviso do Cardeal Patriarcha de 22 de Abril de 1768.

ta Cruzada (*a*), Qualificador do Santo Officio (*b*); e ultimamente Capellão Mór das Armadas (*c*), emprego que lhe conferio a benignidade do Soberano, e no qual fez assinalados serviços e de muito decóro á sua Congregação (*d*).

Mas nem a multiplicidade destes cargos, nem o desempenho de outras ainda mais importantes obrigações (*e*), o podião retrahir ou das applicações litterarias a que d'antes exclusivamente se dedicára, ou do projecto que havia concebido de accelerar a reforma das Lettras Portuguezas: o tempo que reputava perdido para o estudo, compensava-o com as horas roubadas a huma innocente distracção, e ao descanço corporal; e os seus amigos attestão, que o encontravão repetidas vezes já alto dia, rodeado de livros, ou entregue á meditação, sem que a noite tivesse interrompido por algum tempo o seu trabalho (*f*).

Então se aperfeiçoava no conhecimento da lingua Grega (*g*), e aprendia os primeiros elementos do Arabigo e Syriaco (*h*): então com o estabelecimento d'huma Sociedade Litteraria no Convento de Jesus (*i*), e mais que tudo com

(*a*) Por Provisão do Commissario Geral da Bulla, de 16 de Setembro de 1761.

(*b*) Por Provisão do Concelho Geral do Santo Officio, de 20 de Setembro de 1765.

(*c*) Por Patente assinada por S. Magestade em 20 de Dezembro de 1764.

(*d*) Vej. o *Commentario VI. sobre a Capellania Mór*, no fim das *Memorias Histor. dos progressos e restabelecimento* &c. pag. 317, e 318.

(*e*) Já neste tempo, isto he, pelos annos de 1765, e 1766, era chamado o Sr. Arcebispo por ordem d'ElRei, para assistir a differentes Juntas extraordinarias, onde como elle mesmo escrevia, *se tratavão negocios de gravissima entidade.*

(*f*) Fr. Vicente Salgado, *Origem e progresso* &c. pag. 49.

(*g*) Foi seu Mestre desta lingua em Lisboa o Abbade Durand. Salgado, *Origem e progresso* &c. pag. 49.

(*h*) Joaquim Sader, natural de Alepo, que appareceo em Lisboa no anno de 1763, foi quem o dirigio neste estudo, segundo escreve o mesmo Salgado na Obra citada, pag. 51; o qual acrecenta, que conservava em seu poder algumas folhas que o Sr. Arcebispo então escrevêra, e que erão os primeiros ensaios que fizera no mesmo estudo.

(*i*) Desta Sociedade dá noticia Salgado não só na *Origem e progresso*

a composição das *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, conseguia (para me servir de suas mesmas palavras) » introduzir em parte, e em parte fomentar as applicações » e estudos uteis do Claustro, a fim de que a mocidade » Religiosa tirasse luzes e estimulos para ser erudita, e » passar alem do systema Escolastico exclusivo ».

Comtudo novo campo se offereceo ao Sr. Fr. Manoel do Cenaculo de mostrar-se prestadío á sua Religião è á Patria, quando em Março de 1768 se publicou no Convento de Jesus, com Beneplacito Regio, a sua nomeação para Provincial da Ordem Terceira de Portugal (*a*), e quando poucos dias depois foi provido por Sua Magestade em hum lugar de Deputado Ordinario da Real Mesa Censoria, logo na sua creação (*b*).

Não pertendo attribuir a hum homem só toda a gloria que compete ao mesmo tempo a muitos; sómente direi, que se a qualidade dos negocios que nesta Mesa se tratárão (que sem duvida forão os mais arduos e ponderosos d'aquelle Reinado (*c*)) acredita os individuos que forão chamados para a formarem; não parecerá exageração dizer, que entre tantos varões egregios ninguem desempenhou melhor a expectação do Soberano, do que aquelle que dous annos depois foi escolhido para Presidente do mesmo Tribunal de que era membro.

Poucos dias, mas esses da maior gloria para este Sabio, e credito para a Patria de que era filho, o demorárão fóra de Portugal, quando pelo novo emprego de Provincial da Ordem Terceira, foi chamado ao Capitulo Geral de Valença. Chegava apenas a esta Cidade o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo, sem aguardar o risco que a sua reputação litteraria hia correr, e o triunfo que havia de conseguir,

&c. pag. 50; mas nos *Elogios Historicos dos Arcebispos e Bispos, professos na Ordem Terceira.*

(*a*) Salgado *Compend. Histor. da Congreg. da Terceira Ordem*, pag. 212.

(*b*) Passou-se-lhe Carta de Deputado em 21 de Abril de 1768.

(*c*) Basta consultar para exemplo a *Collecção de Leis e Sentenças sobre o Scisma do Sigillismo.* Impr. em Lisboa em 1769.

guir, quando pelo repentino impedimento do Orador, a quem estava incumbido o Sermão da abertura do Capitulo, foi elle escolhido para satisfazer hum tal encargo, por muitos outros regeitado. O espaço de onze horas, que só retardava o principio da solemnidade, e esse mesmo roubado ao descanço necessario depois de huma longa jornada, foi-lhe tempo bastante para meditar e escrever huma eloquente Oração Latina, accommodada ao Evangelho do dia, a qual attrahio de modo singular os animos d' hum Auditorio entendido, e tantas vezes emulo das nossas glorias (*a*). As honras publicas e extraordinarias, o applauso geral e muitas vezes repetido (*b*), finalmente a publicação do Discur-

(*a*) O Sr. Arcebispo contava muitas vezes a afflicção em que se tinha visto, quando começou o seu trabalho: pois que se tratava da honra e decoro da Religião Franciscana, da reputação da Provincia Terceira de Portugal, e do credito da Litteratura Patria, e do Soberano, que acabava de apreçar e remunerar os talentos do Orador. Alem disto ninguem conhecia melhor a difficuldade da empresa, por quanto (como elle escrevia nas *Memor. Histor. do Minister. do Pulpito*, pag. 228.) *dizer extemporaneamente ao ponto com regularidade Oratoria e animada, he de raríssimos sujeitos; dizer de repente com persuasão e bom estilo, ainda que falte em alguns periodos a harmonia Rhetorica, he de pessoas muito versadas, e muito possuidas da verdade da materia, e de Oradores natos: maior he o numero daquelles, que se acaso não proferem despropositos, o que he difficultoso prevenir na Oração repentina, comtudo levão o discurso substancialmente dirigido, ainda que ora frouxo, ora vehemente na dicção.*

(*b*) O Franciscano Fr. João Baptista Servera dá o seguinte testemunho desta Oração, o qual se imprimio juntamente com ella: *Vehementer stupui, eo quod orator noster in tali temporis angustia, ut nec rem concipere valeret, talem tamque augustam, præclaram, omnibusque numeris absolutam Orationem confecerit, et prodierit. Hora etenim noctis circiter undecima, monitus fuit Reverendissimus noster Generalis Præsul de impedito in itinere Religioso illo viro, ad munus hoc die sequenti inter Missarum solemnia exequendum destinato. Nox vero illa fuisset, et nostratibus, et maxime Generali nostro Præsuli, non tam tenebris oppressa, quam anxietatibus refecta, (cum perdifficile videretur, ut in gravissimo illo, et si tot doctissimorum hominum consessu, quispiam inveniretur, qui brevissimo spatio coram amplissimo formidandoque eorum conspectu dicere auderet) nisi inter tot tantosque viros adesset R. admodum P. Emmanuel á Cœnaculo Lusitanus. Siquidem hac sua Oratione, undecim horarum spatio confecta, veluti repentino lumine nobis orto, á caligine communis anxietatis et mœstitiæ nos lætanter eripuit, et omnibus clarissimis sapientissimisque audientibus viris, qui de hoc testimonium perhibent, diem lætissimum dedit.*

so quasi como fôra por elle escrito, ao menos sem algum retoque ou emenda (*a*), davão ao Orador Portuguez huma recompensa, de que a sua modestia se fatigava; e lhe fazião conhecer, que nada seria negado ás suas rogativas. Hum só premio ousou elle a pertender, que era a permissão para reformar os Estudos da sua Provincia Portugueza; e o Capitulo fazendo o devido apreço de tão zelosa supplica, não só lhe concedeo a licença pedida, mas fez-lhe a honra que elle não sollicitava, de o eleger com uniformidade de votos em Definidor Geral de toda a Familia Franciscana.

A reforma dos Estudos da Ordem Terceira forão os primeiros cuidados do Sr. Fr. Manoel do Cenaculo, logo que se recolheo á Patria (*b*): elle a meditou e executou com huma sabedoria superior a todo o elogio; sendo o primeiro que em nossos dias estabeleceo em Portugal hum systema arrazoado de ensino, ou se attenda ao encadeamento dos Estudos e á constituição particular delles; ou á cultura das Humanidades como subsidiarias das Sciencias maiores, ou á prudente economia das Aulas, e do estudo (*c*):

o

(*a*) O Autor escreve no *Diario* desta jornada: *Eu lhe acrecentei no Exordio hum comprimento ao Reino de Valença, que ampliasse o que tinha recitado; e acrecentei duas hypotyposis: o mais he como o fiz em a noite que mo encomendárão. Roguei por ultimo ao Padre Molina, que semelhantes Orações não são para imprimir, pois não são perfeitas; nem se deve variar, porque seria faltar á ingenuidade.*

(*b*) Vej. as *Memor. Histor. dos progressos e restabelecimento* &c. pag. 208. O Sr. Arcebispo estava persuadido ha muito tempo, que a economia dos Religiosos apenas póde subsistir com dignidade sem estudos, e que a ruina dos Regulares entre outras causas nasce da falta de amor á solida Litteratura. *Não pertendo* (escreve elle) *com as minhas expressões contrariar o merecimento dos Institutos, em que se abstrahe de applicações litterarias: mas que qualidades, e que exercicios se requerem nos membros de semelhantes Institutos? Memor. Histor. do Ministerio do Pulpito*, pag. 80. E em outro lugar: *As bellas lettras dão calor, adoção o estilo, e consomem não sei que rustico ar, que costumão ter animos onde ellas não entrão. Memor. Histor. dos progressos e restabelecimento* &c. pag. 100.

(*c*) Os estudos estabelecidos pelo Sr. Arcebispo na Ordem Terceira, forão os das Linguas Franceza, Ingleza, Italiana, Grega, Hebraica, Arabiga, e Syriaca; os da Rhetorica, e da Mathematica; e os da Filosofia, Moral, Theologia, e Direito Canonico.

o qual systema adquirio tal reputação, que depois o vimos substancialmente seguido no plano da reforma da Universidade, assim como he de esperar que ainda o vejamos se-

gui-

Com a Rhetorica unia-se o estudo secundario da Geografia, da Critica, da Filologia, e da Historia universal; e estavão regulados os exercicios praticos, proprios do objecto principal da Cadeira.

O curso de Filosofia constava de tres annos: no primeiro explicava-se a Historia Filosofica, a Logica, e a Geometria; no segundo a Metafysica, e a Fysica; no terceiro a Ethica, e o Direito Natural.

O curso de Canones dividia-se tambem em tres annos: no primeiro explicava-se a Historia, e as Instituições do Direito Canonico; no segundo o Codigo antigo dos Canones da Igreja Universal; no terceiro as Decretaes.

A Historia Ecclesiastica, commum aos Canonistas e Theologos, dividia-se sabiamente em tres annos, em cada hum dos quaes se explicavão seis seculos da Igreja.

O curso de Moral durava tres annos: o ultimo era destinado para exercicios praticos, e para os Estudantes frequentarem a Aula de Filosofia Moral.

Finalmente o curso de Theologia, dividido tambem em tres annos, compunha-se das Cadeiras de Historia Ecclesiastica, Religião Revelada, Theologia Dogmatica, e Escritura.

As antigas denominações de Lentes de Prima, Terça, Noa, e Vesperas, forão abolidas. Prohibio-se todo o uso de escrever nas Aulas, substituindo-se ás antigas Postillas os Compendios classicos approvados para esse effeito.

Todas as semanas se devia ler por espaço de duas horas por algum livro magistral da materia que andasse entre mãos, para os Estudantes conhecerem os Autores que podião consultar em tempo opportuno. Para este fim devião tambem os Mestres levar os seus discipulos á Livraria nos dias feriados, para lhes mostrarem os livros das suas Faculdades, e ler-lhes alguns lugares da Historia Litteraria respectiva.

Havia hum Concelho, ao qual pertencia regular, consultar, e promover quanto respeitava ao estado litterario da Provincia.

Os exercicios praticos das Aulas erão muito recommendados: *pois o methodo de formar os homens em doutrina, consiste na certeza dos bons principios, applicados methodicamente, e por muito exercicio á diversidade de materias, que se estudarem.* A estes Exercicios accrecião as Sabatinas, as Conferencias, e os Exames geraes.

As Oppositões ás Cadeiras constavão de tres diversos exercicios: 1.º de fazer o Oppositor extractos de passos d'alguns livros escolhidos: 2.º de repetir huma lição de ponto tirado por sorte: 3.º de escrever huma Dissertação sobre assumpto grave e vasto.

Depois de nove annos de Leitura, de publicar duas Dissertações, e de presidir a duas Conclusões publicas, podia obter qualquer Mestre a sua Jubilação.

Eis-aqui o espirito em que he feito o primeiro Plano de Estudos.

guido n'outras providencias que a experiencia de todos os dias mostra necessarias para a perfeita constituição dos nossos Estudos publicos.

Mas ¿ que difficuldades não venceo o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo para levar ávante a reforma que havia intentado? Era preciso combater o falso zelo daquelles, que educados com os antigos prejuizos, reputavão as modernas doutrinas, e methodos, e livros, ou inuteis, ou perigosos; e o estudo simultaneo de tantas disciplinas superior ás capacidades e applicações ordinarias: e elle combateo ora com exhortações paternaes, ora com illustrações sabias, ora com decidida severidade tão injustas calumnias (*a*).

Erão precisos Livros proporcionados a tão variadas applicações, e Mestres que ensinassem linguas, ou desconhecidas entre nós, ou pouco estudadas; e elle lança os fundamentos á grande sala da Livraria do Convento de Jesus, e adquire a melhor parte da preciosa collecção de Livros, de que hoje se vê ornada. Alem disto, á fama do Portuguez Cenaculo concorrem de Paizes Estrangeiros ao seu Convento de Lisboa Sabios versados nas Linguas Orientaes, ou que as havião bebido com o leite; os quaes presos do gasalhado e affabilidade d'aquelle Prelado, deixão de todo estabelecido este ensino, e radicado o uso das Assembléas Litterarias, nas quaes muito achárão que aprender do seu benigno hospede (*b*).

Era

(*a*) Vej. principalmente a Patente de 14 de Janeiro, e a de 10 de Setembro de 1770, sobre a execução do Plano de Estudos. Tambem aqui tem lugar fazer menção da Patente de 11 de Outubro de 1769, *sobre as virtudes que se devem praticar no Claustro, para se conservar a paz e observancia Religiosa*; e da outra de 2 de Junho de 1770, em que se propoz hum novo Regulamento para o Noviciado: pois com estas disposições se acalmárão as agitações funestas da Provincia, e se acostumou a mocidade desde o seu tirocinio Religioso a huma vida litteraria.

(*b*) Entre os Estrangeiros que por este tempo estiverão no Convento de Jesus, conta Fr. Vicente Salgado o Marroquino Abrahão Bem Isai, Judeo d'aquelle Imperio; D. José Maron, Vigario Geral de Antiochia; o Maronita D. Paulo Hodar; Fr. Rafael Rodrigues Mohedano, Autor da Historia Litteraria de Hespanha. Vej. *Origem e progresso* &c. pag. 65, e seg.

Era em fim preciso que o publico mostrasse interesse pelos novos Estudos, e que estes não ficassem encerrados no breve recinto da Provincia, que lhes havia dado o berço: e a este respeito ¡quão bem pago foi o seu zelo! Mandavão-se vir de Londres a instancias suas os typos dos caracteres Orientaes, para uso da Typografia Regia, e servião logo para a impressão das Instituições da Grammatica Hebraica, e Arabiga, que sahião do Claustro de Jesus (*a*); achavão-se as Aulas deste Convento cheias de Estudantes seculares, que a ellas hião receber educação e doutrina (*b*); alli mandavão estudar seus alumnos quasi todas as Congregações Regulares de Portugal, e ainda a Provincia Terceira de Andaluzia (*c*); e deposto todo o espirito de emulação, ou fazião seu o Plano d' Estudos alli seguido, e o adoptavão para as suas Escolas (*d*); ou confessavão publicamente o seu agradecimento ao sabio Cenaculo, e chamavão seus Mestres aos Mestres Terceiros (*e*).

Os mesmos Principes (*f*), os maiores Senhores do Estado, os Sabios Nacionaes e Estrangeiros concorrião ao Convento de Jesus, para admirar os rapidos progressos que fazião os Estudos, principalmente o das Linguas; pois que no curto espaço de cinco annos se celebrárão Actos publicos de Linguas Orientaes (*g*), e Academias Litterarias, que at-

(*a*) Salgado, *Origem e progresso*, pag. 76, 82.

(*b*) Salgado, na mesma Obra, pag. 64, 85; e no *Compendio Historico*, pag. 216.

(*c*) Salgado, na *Origem e progresso* &c. pag. 78, e seg.

(*d*) As duas Provincias Franciscanas de Portugal e dos Algarves fizerão seu o Plano de Estudos da Congregação Terceira, e o publicárão novamente para uso das suas Aulas; a segunda em 1769, e a primeira em 1776.

(*e*) Vejão-se os Planos citados das Provincias de Portugal e dos Algarves, na Prefação; o *Regulamento das Escolas do Collegio d'Alcobaça*, impresso em 1776, a pag. 26; e os *Estatutos Litterarios dos Religiosos Carmelitas calçados*, impressos no mesmo anno, a pag. 62.

(*f*) Indo o Serenissimo Sr. D. José, Principe da Beira, ao Convento de Jesus no verão de 1770, já alguns Religiosos lhe fizerão suas fallas nas Linguas Orientaes. Salgado, *Origem e progresso* &c. pag. 70.

(*g*) O Acto publico das Instituições Grammaticaes das Linguas Orien-

attestarão á posteridade a pericia com que aquelles Religiosos escrevião em tantos idiomas peregrinos (*a*).

Assim nenhuma Escola tinha adquirido entre nós tamanha celebridade! Ao espirito que a animava deve a Congregação Terceira as mercês que tem recebido da grandeza dos nossos Soberanos (*b*): della sahírão então sujeitos benemeritos, que depois forão utilmente empregados, já como Enviados ás Cortes Barbarescas, já nos lugares Civís e Ecclesiasticos de maior graduação, ainda mesmo n'aquelles em que quasi exclusivamente se requerem os Estudos Mathematicos (*c*).

Lastimava-se ainda nos seus ultimos Escritos este Prelado (*d*), de que seus trabalhos em promover a reforma das Lettras, e em particular o estudo das Linguas, tivessem padecido interrupções desagradaveis. Tal he a vicissitude das cousas humanas, que ora se levantão do abatimento em que jazem, ora se precipitão nelle da maior altura a que se elevárão! Comtudo creou aquella reforma hum lume bem vivo, que se não he em algum tempo alimentado pelo commum dos homens, fica religiosamente conservado por hum numero limitado de sabios, que de novo o podem diffundir em futuros socegados dias. Então na escolha dos arbitrios, que possão fazer prosperar os Estudos, se conhecerá a preferencia d'aquelles que este Sabio poz em pratica; e

o

taes foi celebrado no anno de 1773, com assistencia de dous Ministros de Estado, e de muitos Senhores e Litteratos da Corte. Vej. Salgado, na Obra cit. pag. 82, 83.

(*a*) Veja-se a *Academia celebrada pelos Religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco, do Convento de N. Senhora de Jesus de Lisboa, no dia da solemne Inauguração da Estatua Equestre d' ElRei D. José primeiro, N. Senhor.* Lisboa na Officina R. 1775. fol.

(*b*) O Sr. Rei D. José doou á Congregação Terceira em 1776, o Collegio onde estava a antiga Universidade de Evora: e S. Magestade que Deos guarde, fez permanente no Convento de Jesus o ensino da Lingua Arabiga, pelo Seu providente Decreto de 12 de Abril de 1795.

(*c*) O Sr. Fr. João de Sousa foi mandado varias vezes a Marrocos e a Argel, ou como Interprete, ou como Enviado; Fr. Alexandre de Gouvea foi Bispo de Pekim; Fr. Marcellino José da Silva, de Macao; Fr. Caetano Brandão, do Pará, e depois Arcebispo de Braga: não fallando nos empregos que tiverão os Mestres Estrella, Maine, e Abrantes.

(*d*) *Cuidados Litterarios*, pag. 535.

o seu espirito imprimido nas Obras que publicou, será hum grande incitamento para se conseguir aquella prosperidade.

Fallo das Obras, que primeiro mostrárão aos Portuguezes novos horizontes, onde elles então não tinhão penetrado; das que lhes excitárão a lembrança de seus formosos e tristonhos dias em todo o genero de Sciencias e Litteratura; das que os estimulárão para adquirirem o bom gosto de saber, e lhes ensinárão a honrar o merecimento em qualquer seculo e paiz que se achasse (*a*): fallo especialmente d'aquella parte das *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, onde se trata da origem e progressos da nossa Litteratura; do *Appendix sobre a reforma das Sciencias e das Artes na Europa*; e das *Memorias Historicas dos progressos e restabelecimento das Lettras na Ordem Terceira*; das quaes Obras todas se póde tirar o fundamento de huma excellente Historia Litteraria Européa, a qual respectivamente ao nosso paiz, se deveria então reputar a primeira, e pela extensão e variedade das materias ainda hoje a unica (*b*).

¿QUe homem mais digno poderia escolher o illustrado espirito do Sr. Rei D. José, para presidir á educação de seu

(*a*) *Os erros* (escrevia o Sr. Arcebispo) *são de todos os tempos: a diversidade consiste em fazerem ou os erros, ou o bom gosto, a totalidade, ou a excepção, e formar-se delles o caracter dos seculos.* Memor. Histor. do Minist. do Pulpito, pag. 294. E em outro lugar: *Esta combinação dos dous estados, isto he, da situação, que precedeo á reforma das Lettras, e do que esta produzio, dá muito a conhecer as ventagens dos ultimos seculos. Mas eu devo prevenir o leitor por tres considerações: primeira, que a comparação seja instituida com a idade media: segunda, que não sejão reputados destituidos de todo o merecimento os seculos, em que esse merecimento era suffocado pela barbaridade: terceira, que nem desta barbaridade, nem de outros defeitos carecem os mesmos dias illustrados.* Appendix sobre a reforma das Lettras &c. pag. 52.

(*b*) Diz-se *o fundamento de huma Historia*, e não *huma Historia*; pois que o objecto destas Obras era, como escrevia o seu Autor, *excitar os animos para a sincera cultura das Lettras, e para serem professadas com methodo; apontando para aquelle fim as causas, e os effeitos dignos da imitação, ou da censura.* Alem disto ellas forão escritas aos pedaços, *aproveitando* o mesmo Autor *as opportunidades, que a Providencia lhe offerecia, para unir as especies alcançadas em differentes tempos, e ainda quando as Erudições Escolasticas exclusivas servião de unico assumpto dos Estudos.*

Augusto Neto, e para dirigir ao mesmo tempo a sua conciencia e os seus estudos (*a*)? Tão sabio e politico como Bossuet, tão modesto e virtuoso como Fenelon, teve ainda o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo a gloria de viver junto de hum Principe, que não só em candideza d'alma, e sua vasta comprehensão, mas no amor forte e constante que consagrava a seu Mestre, se aventajava grandemente aos antigos Principes da França. Os elementos da Geometria, a Historia Patria, e a Universal forão o primeiro objecto de suas lições: mas a sciencia propria de hum Principe, e o conhecimento pratico das virtudes que deve ter aquelle, a quem ha de ser incumbido o governo dos Povos, erão todo o fundamento da instrucção sublime que do extremoso Mestre recebia seu Real Discipulo; cujo feliz adiantamento o fez tão querido dos Portuguezes, e faz hoje mesmo tão saudosa a sua memoria. O que sem duvida me será permittido dizer livremente n'hum dia dedicado a solemnizar o Nome do nosso Soberano e Protector; pois que Suas Regias Virtudes, que tão amado o fazem de Seus Vassallos, igualmente tiverão consistencia e augmento n'aquella excellente Escola; e pois que Elle mesmo com huma virtuosa emulação, que tão bem assenta n'hum Principe perfeito, não duvidava dar publicamente o titulo de Seu Mestre ao Mestre de Seu Augusto Irmão.

Pouco tempo antes de ser incumbido o Sr. Fr. Manoel do

(*a*) A nomeação do Sr. Arcebispo para Confessor do Principe parece ter sido feita em 8 de Dezembro de 1768; mas em 16 de Março do anno seguinte he que foi datado o Decreto, que lhe assina por este cargo o ordenado de 2605000 rs. no rendimento da Casa de Bragança. A nomeação de Mestre foi feita posteriormente pelo Aviso do teor seguinte: *Ex.mo e R.mo Sr. Sua Magestade tendo consideração ás lettras e merecimentos de V. Ex.a e pela confiança que faz da sua Pessoa, Houve por bem nomeallo Mestre do Principe Nosso Senhor, para V. Ex.a exercitar com o de Confessor o sobredito importante cargo: e pela Secretaria d'Estado se expedirá a V. Ex.a o Alvará dos emolumentos pertencentes ao mesmo cargo. Deos guarde a V. Ex.a Paço 9 de Abril de 1770. — Conde de Oeiras. — Sr. D. Fr. Manoel do Cenaculo.* — Por Alvará de 10 do mesmo mez lhe forão assinados 400$000 rs. de ordenado, na Folha dos Ordenados dos Ministros e Officiaes do Concelho da Fazenda.

do Cenaculo da educação do Principe, havia sido eleito Bispo da nova Diecese de Beja (*a*); mas nem os prestigios da Corte, nem o esplendor da dignidade Episcopal erão capazes de afrouxarem o ardor, com que elle promovia a verdadeira felicidade da sua Provincia Religiosa: por isso ainda depois de demittir, poucos dias antes da sua Consagração, os lugares de Definidor Geral, e Ministro Provincial (*b*), ficou conservando durante a sua residencia na Corte, a direcção privativa dos Estudos, e a natural influencia no governo d'huma Congregação, que lhe continuou a dever toda a sua prosperidade (*c*). Foi no momento em que depunha a Prefectura Religiosa, que elle escrevia as sabias exhortações pastoraes, fundadas na Encyclica que o Papa Clemente XIV. havia dirigido aos Bispos da Igreja Catholica, por motivo da sua exaltação ao Pontificado.

Ainda outros empregos sobre o Sr. Bispo de Beja accumulados, fazião ver a superioridade dos seus talentos, e o summo gráo de confiança que delle fazia o Soberano. Assim o Sr. Rei D. José lhe conferio a mercê do titulo

(*a*) O Aviso da nomeação he concebido nestes termos: *Sua Magestade tendo consideração ás virtudes, lettras, e mais recommendaveis qualidades, que concorrem na Pessoa de V. P. R.ma Houve por bem nomeallo Bispo da nova Diecese de Beja, desmembrada do extenso Arcebispado de Evora, por louvavel e exemplar instancia e cessão do Ex.mo e R.mo Arcebispo da dita Santa Igreja Metropolitana. O que participo a V. P. R.ma para que possa mandar tratar das suas habilitações, e expedição de sua Bulla Confirmatoria. E por esta Secretaria de Estado tem o dito Senhor feito expedir a Carta Regia de Apresentação na forma costumada. Deos guarde a V. P. R.ma Paço a 5 de Março de 1770. — Conde de Oeiras. — Sr. Fr. Manoel do Cenaculo.* —

(*b*) O Sr. Bispo de Beja foi sagrado na Real Capella da Ajuda, na presença da Familia Real, a 28 de Outubro de 1770, pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha Saldanha, sendo consagrantes o Arcebispo de Lacedemonia, e o Bispo de Macáo. Pouco antes, isto he, a 14 do mesmo mez, havia elle presidido no Convento de Jesus ao Capitulo intermedio, no qual seu irmão o Mestre Fr. Antonio Martins da Soledade, foi eleito Definidor Geral, e Vigario Provincial, por hum Rescripto do Papa Clemente XIV. e Patente do Commissario Geral Fr. Antonio Abian. Vej. Salgado *Compendio Historico* &c. pag. 215.

(*c*) Vej. Salgado na mesma Obra, pag. 215, e 216.

do Seu Conselho (*a*), e o nomeou Presidente da Real Mesa Censoria (*b*). Este importante cargo que as Leis (*c*) mandavão dar a hum varão dos mais sabios e autorizados deste Reino, cheio de prudencia e de zelo do augmento da Religião e do Estado, parecia recair de justiça na pessoa deste Prelado: mas aquelle grande Rei, que tão delicadamente sabia unir o premio do merecimento e a honra da sua particular estimação, quiz que Seu Augusto Neto o Serenissimo Principe da Beira entregasse a Seu Mestre com Suas Mãos, e no Seu proprio Gabinete, o honroso titulo da nomeação (*d*).

Neste tempo erigia o incançavel espirito do Monarcha a Junta de Providencia Litteraria, da qual nomeava primeiro Conselheiro o Sr. Bispo de Beja. Foi aos trabalhos desta Junta que se deveo o *Compendio Historico do estado da Universidade de Coimbra*, e o corpo dos *Estatutos* da mesma Universidade, que depois da Confirmação Regia, ficou sendo a Lei publica para o estudo das Sciencias maiores (*e*).

He

(*a*) Passou-se-lhe Carta em 27 de Abril de 1770.

(*b*) O Aviso da nomeação he do teor seguinte: — *Ex.mo e R.mo Sr. ElRei Nosso Senhor tendo consideração ás letras, merecimentos, e mais circunstancias louvaveis, que concorrem na Pessoa de V. Ex.a e á satisfação que tem do exemplar zelo e bem entendida applicação, com que V. Ex.a se empregou ate agora em serviço de Deos e de Sua Magestade, nos lugares de que o encarregou: Houve por bem nomear a V. Ex.a Presidente da Real Mesa Censoria; cujo lugar tem vagado pela resignação que o Ex.mo e R.mo Arcebispo Regedor fez nas Reaes Mãos do mesmo Senhor, desde que foi nomeado Inquisidor Geral. Com o dito cargo terá V. Ex.a voto decisivo nos casos em que elle costuma ter lugar: servindo o mesmo importante cargo por espaço de tres annos. E por esta Secretaria d' Estado se expedirão a V. Ex.a os despachos necessarios. Deos guarde a V. Ex.a Paço a 16 de Março de 1770. — Conde de Oeiras. — Sr. Bispo Eleito de Beja.* — Passou-se-lhe Carta em 17 do mesmo mez.

(*c*) A Lei da creação da Mesa, de 5 de Abril de 1768; e o Alvará de Regimento, de 18 de Maio do mesmo anno.

(*d*) Salgado, *Origem e progresso* &c. pag. 69.

(*e*) A Junta de Providencia Litteraria foi creada por Carta de 23 de Dezembro de 1770, debaixo da inspecção do Cardeal da Cunha, e do Marquez de Pombal. Esta Junta fez subir á Real Presença o *Compendio Historico*, em Consulta de 28 de Agosto de 1771; e Sua Magestade em Resolução de 2 de Setembro, approvando e louvando muito o seu traba-

He preciso confessar, que não teve aquelle Sabio parte immediata na compilação desta vasta legislação; nem o seu distincto merecimento necessita d' huma gloria estranha, que elle mesmo modestamente recusava, e que assás illustrou a outros sabios Portuguezes (*a*): mas com razão pareceo necessario, que interviesse o voto e o conselho d' hum varão tão zeloso do progresso das Lettras, para a plantação d' huma reforma, a qual foi o maior triunfo, que as Sciencias alcançárão n'aquelle gloriosissimo Reinado.

Comtudo outra provincia não menos importante, qual era a inspecção dos Estudos preparatorios, estava reservada aos primeiros cuidados do Sr. Bispo de Beja: pois que pouco tempo depois da sua nomeação para Presidente da Real Mesa Censoria, foi commettida a este Tribunal a direcção das Escolas menores, e a do Real Collegio de Nobres (*b*); e creada a Junta do Subsidio Litterario, de que elle mesmo foi feito Presidente (*c*).

¡Felicissimos dias vio então correr Portugal no mais florente estado da sua Litteratura, e taes como nunca os vira no illustre seculo decimo sexto! Foi pelos cuidados do Sr. Bispo de Beja que se estabeleceo em todo o Reino e Dominios hum grandissimo numero de Cadeiras e Escolas Publicas (*d*); que de novo se creárão as de Filosofia Racional e Moral (*e*), e a primeira Aula de Paleografia que houve

---

lho, mandou subir as Minutas dos Estatutos, que forão roborados por Carta de 28 de Agosto de 1772.

(*a*) Nos *Cuidados Litterarios*, pag. 33. faz menção o Sr. Bispo de Beja das *civilidades que o prendem ao illustre e sabio Autor d'aquella acabada obra*; expressão pela qual sem duvida quiz designar o Sr. João Pereira Ramos, que juntamente com seu irmão (o Exmo Sr. Bispo Conde, Reformador Reitor da Universidade) compilou o *Compendio Historico*, e os *Estatutos*; menos a parte destes que pertence ás Sciencias Naturaes e Exactas, a qual he obra do Sr. José Monteiro da Rocha.

(*b*) Pelo Alvará de 4 de Junho de 1771.

(*c*) Pela Carta de Lei, e Alvará de 10 de Novembro de 1772.

(*d*) Novecentas e vinte e cinco Cadeiras e Escolas forão estabelecidas neste Reino e seus Dominios pela Lei de 6 de Novembro de 1772, e Alvará de 11 de Novembro de 1773.

(*e*) Lei de 6 de Novembro de 1772. §. 4.

ve em Lisboa (*a*). Então estavão as classes cheias de Estudantes, que se applicavão ás Lettras com nobre ardor, pois só na Capital passavão de duzentos os Discipulos de Grego (*b*): e o corpo dos Professores animado pelo favor Real, apparecia ornamentado d'aquella vasta erudição e decorosa gravidade, que tornão tão dignas da consideração publica as pessoas a quem he confiada a educação da mocidade.

Em quanto a mim, huma das melhores cousas que fez o Sr. Bispo de Beja a favor dos Estudos, a qual poucos terão devidamente apreçado, porque a não tem conhecido, foi a composição d' humas Instrucções para todas as Aulas menores, as quaes regulavão as materias que se devião explicar, a ordem e graduação do ensino, e a economia das differentes Classes: mas este trabalho, a que talvez ainda faltasse a ultima mão, apenas se pôde concluir no principio do anno de 1777, e por isso não chegou a obter a approvação do Soberano, nem vio ainda a luz publica (*c*).

Eu

(*a*) O Sr. Bispo de Beja havia promovido desde o anno de 1769 o estudo da Diplomatica, mandando no *Plano dos Estudos* pag. 20, que se applicassem alguns Religiosos a ler e transcrever os Codices antigos, a fim de fazerem por elles o progresso necessario para a Historia. No anno de 1773 fez reimprimir em Lisboa na Officina Regia o *Methodo Diplomatico*, que forma a part. 8.ª do *Novo Tratado de Diplomatica*. Finalmente em Resolução de Consulta da Real Mesa Censoria de 24 de Julho de 1775, se estabeleceo huma Cadeira com o titulo de *Ortografia Diplomatica*, e ordenado de 400$000 rs. a qual teve exercicio no Real Archivo, até que falleceo o seu primeiro Professor, o Padre José Pereira da Silva. Comtudo ainda depois deste tempo, e quando se escrevião as *Instrucções para as Aulas*, de que adiante se falla, considerava-se fixa e permanente aquella Cadeira.

(*b*) Consta da minuta d' huma Consulta, que a Mesa Censoria fez subir á Real Presença em 23 de Julho de 1772, sobre a impressão do Diccionario de Lingua Grega, composto por meu Mestre o Sr. Custodio José de Oliveira: a qual minuta se acha entre os Apontamentos manuscritos do Deputado Fr. Francisco Xavier de Santa Anna, que existem na Livraria do Convento de Xabregas.

(*c*) Forão lidas estas Instrucções pelo Sr. Bispo de Beja na Conferencia de 13 de Janeiro de 1777, e lançadas no Livro das Conferencias da Mesa Censoria. Posteriormente reconheceo-se a necessidade absoluta

Eu não espero ser taxado por attribuir áquelle Prelado a principal parte nos trabalhos da Mesa Censoria a favor dos Estudos; pois era tanta a influencia legal que tinha o seu parecer nas determinações da Mesa, que não se podia sentenciar cousa alguma a final, huma vez que estivesse ausente o seu Presidente; e que quando este acompanhava a Corte nas jornadas de Salvaterra, fazia Sessões extraordinarias do Tribunal, com os Deputados que alli se achavão, independentemente das Sessões ordinarias, que continuavão a fazer-se em Lisboa (*a*). ¡Distincção pessoal, de que ha de custar a achar exemplos!

Mas esta e outras muitas distincções (que não pertendo accumular com importunação) nem serião tão frequentes, nem tão variadas, se não assentassem sobre hum merecimento muito eminente. Foi assim que tratando-se no anno de 1774 da Inscripção, que devia gravar-se na base da Estatua Equestre, levantada pela Cidade de Lisboa ao seu inclito Monarcha; e encarregando-se separadamente esta obra a tres Filologos bem acreditados, se preferio e adoptou entre os outros o projecto do Sr. Bispo de Beja: escolha que elle podia reputar tanto mais lisongeira, por ter concorrido a este trabalho com o Sr. Antonio Pereira, e com o sabio Professor Olivieri.

¿Que mais faltava á gloria do sabio Prelado? Comtudo estava ainda reservado para receber a ultima prova da constante amizade, que devia ao seu Soberano. Foi já no leito da morte que o Sr. Rei D. José, querendo mostrar que as muitas mercès com que engrandecèra este Vassallo, erão hum effeito da convicção intima de seus merecimentos, e bem provada fidelidade; lhe fez ainda a singular honra de o eleger para tratar o Casamento de seus Augustos Neto,

e

---

d' hum semelhante regulamento, que ainda hoje falta, e que foi incumbido ás diversas Directorias dos Estudos, por Carta de Lei de 21 de Junho de 1787, e Carta Regia de 17 de Dezembro de 1794.

(*a*) Consta dos Apontamentos citados, do Deputado Fr. Francisco Xavier de Santa Anna.

e Filha; e de o designar no mesmo dia do Recebimento, para Padrinho do Real Noivo na administração do Sacramento da Confirmação.

Não podião ser desconhecidas ou desestimadas pela nova Rainha as altas qualidades deste Prelado: porém depois de acabada com o Casamento do Principe a sua educação, e depois de consolidado o novo estabelecimento da Instrucção Publica, nada havia que podesse demorar na Corte o Sr. Bispo de Beja, longe do rebanho que muito amava, e cuja felicidade no meio de gravissimos cuidados não tinha cessado de promover (*a*). Assim foi elle mesmo quem pedio licença a Sua Magestade, para se recolher ao seu Bispado; a qual lhe concedeo a Soberana (*b*) com expressões de muito louvor, acrecentando ainda a estas a mercê de lhe conservar em sua vida as honras e emolumentos de Confessor e Mestre do Principe.

SEr-me-hia agora agradavel desenvolver o sabio systema de administração, que o Sr. Bispo de Beja poz em pratica no longo espaço de vinte e cinco annos, em que presencialmente presidio a esta Igreja nascente: mas já que os limites do discurso não consentem huma longa narração desta parte da sua vida publica; apontarei ao menos poucos factos que mostrem o seu zelo no desempenho de mui di-

ver-

(*a*) Pelo Aviso de 3 de Janeiro de 1772, dirigido ao Ouvidor da Comarca de Beja, decidirão-se as duvidas que se havião suscitado sobre os verdadeiros limites do Arcebispado de Evora, e Bispado de Beja. O Aviso e Decreto de 17 do mesmo mez e anno, expedidos em virtude da representação do Sr. Bispo de Beja, resolvêrão as questões sobre pontos de jurisdicção entre os Bispos Diocesanos e as Ordens Militares. Tambem as *Determinações para o Bispado de Beja*, feitas em 9 de Fevereiro de 1777, contem varias disposições ácerca da instrucção dos Ordinandos, e do estabelecimento das Conferencias Ecclesiasticas.

(*b*) Dos Apontamentos já citados consta, que a ultima Conferencia da Mesa Censoria a que presidio o Sr. Bispo de Beja, fora a de 14 de Março de 1777; e que ahi mandára ler o Aviso em que Sua Magestade ordenava, que pela sua ausencia ficasse presidindo o Arcebispo de Lacedemonia. Poucos dias depois sahio de Lisboa; e logo que chegou á Capital da Diocese, fez a sua entrada publica em todo o rigor do Ceremonial dos Bispos, no dia 18 de Maio, que era o de Pentecoste.

versos Officios Pastoraes, e sobre tudo o ardor de promover o adiantamento das Lettras.

A estas dirigio seus primeiros cuidados: ou fosse estabelecendo na Capital, e em todos os Arciprestados da Diecese o uso das Conferencias Ecclesiasticas, introduzidas de longo tempo em outros Bispados Catholicos; ou creando a Academia Ecclesiastica de Beja (*a*), que era huma especie de Synodo permanente, onde se resolvião com commum conselho as propostas remettidas das Parochias, sobre todas as cousas pertencentes aos officios da Religião; ou renovando (para suprimento d'hum Seminario Episcopal) a disciplina dos antigos seculos, segundo a qual as Igrejas erão as Escolas, onde de tenros annos se educava a mocidade destinada ao Estado Ecclesiastico (*b*); ou finalmente instituindo no seu proprio Paço hum Curso de Humanidades e de Theologia, distribuido em sete Cadeiras, ás quaes ajuntava muitas vezes as de Linguas; pagando generosamente humas e outras á custa do rendimento da sua Mitra (*c*).

De todos estes estabelecimentos era a alma o Sr. Bispo de Beja: elle presidia, discorria, e argumentava ou nas Conferencias, ou na Academia; dava frequentes instrucções por escrito aos Instruidores dos Ordinandos, distribuindo gratuitamente livros accommodados para este ensino; subia repetidas vezes á Cadeira de Escritura, para explicar o texto sagrado, e as Linguas que servem de subsidio para a sua intelligencia; finalmente nas Opposições ás Cadeiras fazia

(*a*) Esta Academia abrio-se em 1793, no dia em que se celebrou em Beja o feliz Nascimento da Princeza da Beira. Da primeira Sessão, e da solemnidade com que foi feita, se dá noticia na impressa *Relação da celebridade com que o Bispo de Beja solemnizou o Nascimento da Princeza da Beira* &c. As Actas authenticas desta Academia ainda hoje existem na Livraria da Igreja d'Evora.

(*b*) Vej. a Pastoral de 24 de Agosto de 1779.

(*c*) As Cadeiras estabelecidas em Beja crão as de Lingua Grega, de Rhetorica, de Historia Ecclesiastica, de Theologia Moral, de Dogma, de Escritura Sagrada, e de Cantochão e Rito: a estas accrecião, segundo a occurrencia dos Discipulos e dos Professores, as das Linguas Franceza, Italiana, Hebraica, e Arabiga.

as vezes ora de Presidente, ora de Examinador; e por todos estes modos honrava a profissão dos Mestres, e subministrava hum forte estimulo para o progresso dos Alumnos.

Mas nem era a hum estudo puramente Theologico, e esse dirigido só por summulas superficiaes, que o Sr. Bispo de Beja queria limitado o seu Clero; nem ao contrario pertendia habilitallo para ser Encyclopedico: muito persuadido « da intima connexão que entre si tem as Artes e » Sciencias, cada huma das quaes então se aperfeiçoa, quan- » do todas se cultivão » (*a*); entendia que cada hum devia servir a sua principal profissão, adquirindo ao mesmo tempo noticia de todas as erudições necessarias para o seu ornato: e assim desejava que hum Ecclesiastico, depois de ter profundado afincadamente as Sciencias proprias do seu estado, se mostrasse a todos os respeitos bem aceito e util aos povos, podendo-lhes dar ajuda e conselho nas cousas que o uso da vida lhes faz necessarias, e achando na observação e estudo das maravilhas da Natureza o necessario allivio de applicações cançadas, qual se não acha nas impertinentes distracções de huma vida mundana.

Tal he o assumpto e o espirito da vasta *Instrucção Pastoral ao Clero e Ordinandos d'aquella Diecese*; da outra *Instrucção*, tão elegante como amena, *sobre os Estudos Fysicos do Clero*; e da immortal Obra intitulada *Cuidados Litterarios*, a qual por si só attestará em todo o tempo a sabedoria, e o gosto delicado de seu Autor em todo o genero de estudos (*b*).

Ani-

(*a*) Vej. o *Appendix sobre a reforma das Lettras na Europa*, no princ.

(*b*) Nestas Obras discorre o Sr. Arcebispo com grande acerto e erudição sobre os principios geraes de todas as Artes e Sciencias, sobre a extensão de conhecimentos que dellas deve ter o Ecclesiastico, sobre o methodo porque este deve dirigir os seus estudos, e sobre o espirito de moderação e prudencia com que os deve proseguir. Mas tão grandes documentos, longe de serem privativos do Clero, para o qual seu Autor immediatamente os destinou, são transcendentes a todos os que desejão entrar n' huma vida de estudos, seja qual for o objecto principal das suas applicações. Talvez o Sr. Arcebispo se demorasse demasiadamente no assumpto da Filosofia e Theologia Escolastica; mas se alguns quizerem

Animada com a presença, com a doutrina, e com os exemplos do Sr. Bispo de Beja, a nova Escola Pacense emulou a famosa Escola de Alexandria, que antigamente tanto havião illustrado hum Panteno, hum Clemente, e hum Origenes: nem aquelle Prelado podia negar o publico testemunho de louvor e agradecimento aos seus alumnos, « pois » que sem aspirações a premios e despachos certos, isto he, » nas esterilidades d' huma Igreja nascente, e no encontro » de opiniões sobre a duração da Cadeira Episcopal, elles » por huma lisonja innocente feita ao seu Pastor, pela hon- » ra pessoal, e pelo decoro da sabedoria, que por si mes- » ma se faz digna de a bem quererem os homens, proce- » dèrão sempre com brio e fidelidade no desempenho de » seus officios » (*a*).

Apenas faltava para a perfeita consistencia da Escola de Beja o que não dependia só dos esforços deste Prelado: mas se elle vio baldadas no seu progresso as diligencias que fizera para a creação d' huma Cathedral, e d'outros estabelecimentos necessarios ao decoro da Religião e perpetuidade dos Estudos (*b*), teve ao menos a gloria de conce-

por isso descobrir nelle hum certo resabio dos Estudos com que fôra creado, devem reflectir que elle julgou *indispensavel nesta crise de tempos alegrar com mansidão rugas já desapraziveis, e unir ás cousas gastas cousas de bom vigor*; e assim lhe pareceo *necessario dizer das especulações o que ellas merecem, e o que dellas he fastidioso; e congraçar unicamente o util do velho estilo com a magestade e importancia de melhorados estudos neste nosso tempo.* (*Cuidados Litter.* pag. 341.) Em quanto ao estilo destas Obras, não se póde duvidar que muita parte dellas foi escrita com propriedade e eloquencia de pensamentos e expressões, posto que ás vezes a frase seja obscura e embaraçada, e cause cançaço a frequente repetição da mesma doutrina. Os *Cuidados Litterarios* dão mais exemplos desta confusão, e escuridade; mas o Autor logo no principio da Obra prevenio este reparo, e satisfez a elle com huma candideza tal, que merece ser correspondida pela constancia do homem de letras, que se quizer utilizar do thesouro de sabedoria, que está encerrado neste Escrito. Vej. a pag. 3.

(*a*) Vej. *Cuidados Litter.* pag. 531.

(*b*) O Breve da erecção do Bispado de Beja de 10 de Julho de 1770, havia suprimido trinta (aliás vinte e oito) Beneficios nas Collegiadas d'aquella Cidade, desde que vagassem; os quaes com os rendimentos das

ber hum systema perfeito em todas as partes, e de promover quanto em si estava a sua execução.

Hum systema, digo, da instrucção do Clero, que comtudo não era mais do que huma parte do inteiro systema da sua administração Episcopal. Tambem á instrucção dos povos, em tudo que pertencia ao desempenho das obrigações Civis e Religiósas, se estendião os seus cuidados Pastoraes. Para este fim estabelecia na Capital do Bispado Mestras de meninas, que as instruissem nas primeiras Lettras, e nas outras cousas proprias do seu sexo e condição; para isto promovia de hum modo muito efficaz o ensino do Catecismo da Religião, instituindo Catechistas nas Parochias, e dando-lhes amiudadas instrucções, para que este ensino não parando n' huma pura theoria, fosse accompanhado de exhortações e doutrina, que produzissem as noções e a pratica d' huma fé animada. Nenhuma parte do rebanho escapava á sua vigilancia; e os pobres habitantes das agrestes Parochias estabelecidas na longa serra, que divide o Campo d' Ourique do Algarve, darão em todo o tempo hum illustre testemunho da sua caridade e affeição paternal (*a*).

Zelador da observancia d' huma piedade solida e illustra-

duas Comarcas desmembradas d' Evora, erão assinados para dote da Igreja Episcopal, e do Cabido. Para inteira execução deste Breve, veio o Sr. Bispo de Beja á Corte pelos annos de 1789, e 1790, sollicitar a protecção da Soberana a favor da sua recente Igreja: por isso na *Saudação Pastoral* publicada em 1790, escrevia que a *sua amada Igreja sentia seu Pastor ausente, pela necessidade de a estabelecer*: e na outra *Saudação* publicada no fim da Visita geral em o anno de 1788, commentando mui a proposito hum texto de Isaias, dizia que *reservára prudentemente as temporalidades precisas e copiosas para o culto e doutrina, aos Benemeritos da Igreja, e particularmente aos que na voz do Profeta são os que a devem nutrir e sustentar.*

(*a*) Por huma Provisão de 6 de Janeiro de 1779, mandou 1.° escolher das familias pobres d'aquellas Parochias alguns moços, que fossem sustentados e educados na Cidade debaixo da sua inspecção, para que hum dia podessem instruir aquella parte da Diocese: 2.° estabelecer em duas povoações da mesma Serra Professor de Latim, e Mestre de Primeiras Lettras: 3.° instituir huma Capella de Missa quotidiana, applicada pelos agonisantes, os quaes muitas vezes erão destituidos de consolação e assistencia.

trada, humas vezes explicava em seus Escritos o verdadeiro caracter da vida e das virtudes christãs; outras ensinava a descobrir o espirito da Igreja nas ceremonias externas, e nas outras praticas da Religião; outras acautelava os abusos, que a falta de reflexão, e huma piedade mal entendida facilmente propaga, ainda entre pessoas de polida educação; outras finalmente substituia exercicios simplices e discretos á demasiada impertinencia de leituras e orações superficiaes; e com a mesma mão com que escrevia altos documentos de sabedoria, escrevia tambem em estilo chão, e accommodado a todas as capacidades, excellentes devocionarios, e meditações de piedade; e prestava a sua autoridade ao precioso livro intitulado *Horas Christãs para uso da sua Igreja* (*a*).

Assim o seu zelo era incançavel, e não tinha outros limites que não fossem os do Officio Episcopal, e os das necessidades dos seus subditos. Porém quando occorrião circunstancias extraordinarias de calamidade publica, então era hum bello espectaculo ver o sensivel Pastor unido mais fortemente ao seu Rebanho, e ministrar-lhe consolação e allivio por todos os arbitrios d' huma caridade compadecida, pelas repetidas exhortações de palavra e por escrito, pela mesma magnificencia do culto, e pelo uso não só das Preces publicas da Igreja, mas das que não duvidava introduzir de novo, fundado nos direitos imprescriptiveis do Episcopado.

Não posso eu particularizar tão illustres feitos, de que darão eterno testemunho as sabias Instrucções Pastoraes do Sr. Bispo de Beja; mas nem por isso deixarei de fazer menção de seus cuidados ácerca daquella parte, que podemos chamar a mais intima do Episcopado, qual he a conservação da Fé, e do deposito da Revelação. Pois que quando

(*a*) *Horas Christãs, que contem todos os exercicios ordinarios, que deve praticar o Christão &c. Impressas por determinação do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja, para uso da sua Igreja.* Lisboa na Officina de Simão Thaddeo 1794, de 428 pag.

do os modernos Filosofos, usando dos prestigios d' huma eloquencia enganadora, intentavão abalar os fundamentos da Religião e dos Tronos, e pòr em perpetua inimizade a razão natural com a fé, o que segundo a expressão d'aquelle Prelado, formava a «heresia mais solemne do tempo»; então levantou elle com força a voz no meio da Igreja e da Nação Portugueza; e em seus luminosos Escritos de tal sorte confundio com a legitima Filosofia a falsa Filosofia do seculo, estabelecendo a necessidade e a verdadeira existencia d' huma Religião revelada; que se houvesse florecido nos tempos do Christianismo ainda recente e fervoroso, seria justamente applaudido em Nicéa, e em Epheso, e o seu nome estaria escrito no catalogo dos Padres da Igreja.

NÃo he possivel distinguir na pessoa do Sr. Bispo de Beja o homem publico occupado nos deveres da sua profissão, do homem de lettras, applicado no seu gabinete á meditação, e ao estudo: tendo-se dedicado desde a sua mocidade a promover a felicidade publica, á proporção de seus meios e faculdades, e dirigindo a este fim as suas vigilias, nunca perdeo de vista tão importante objecto; e por isso seus trabalhos e applicações particulares vinhão a produzir effeitos publicos e muito sensiveis.

¿Com que outro fim emprendeo elle ajuntar com excessiva despesa a mais ampla e exquisita Livraria, que entre nós nunca ajuntou particular algum? pois que alem de conter mais de cem mil volumes impressos, e manuscritos, continha tambem hum Museu precioso de producções da Natureza e das Artes, e hum Monetario de mais de sete mil medalhas de grande estimação e raridade (*a*)! Por certo não adquiria tão grandes preciosidades o Sr. Bispo de Beja, para

(*a*) Este Monetario foi começado a ajuntar ainda no tempo, em que vivia na Religião, segundo consta da copia das medalhas que havia no seu Museu em 1772, trabalhada por Fr. Sebastião Sanches da Provincia de Andaluzia, e Fr. Vicente Salgado da de Portugal; a qual copia se guarda na Livraria do Convento de Jesus. Neste tempo constava o Museu de 403 medalhas, a saber: 23 de ouro, 233 de prata, 47 de metal corinthio, e 100 de cobre.

ra as esconder ao uso da Litteratura com sofreguidão avarenta, ou para nutrir com ellas huma curiosidade estupida; mas para convocar os curiosos a desfrutarem estes thesouros da sabedoria, dos quaes formou muitos e utilissimos depositos; podendo-se dizer com verdade, que em seus dias não se instituio em Portugal Livraria alguma de consideração, em que elle não tivesse huma parte muito principal. Assim a Bibliotheca de Sua Alteza Real (*a*), a da Mesa Censoria (*b*), e a do Convento de Jesus (*c*) devem á efficacia de seu zelo, e á sua liberalidade, ou acrecentamento, ou consistencia: e quando elle recusava modestamente a quantiosa soma que ElRei Catholico lhe offerecia pelas suas Collecções particulares, dotava com a maior generosidade a Real Bibliotheca Publica de Lisboa (*d*), e deixa-

va

(*a*) O Sr. Arcebispo foi quem persuadio a seu antigo amigo o Abbade Barbosa, que offerecesse ao Sr. Rei D. José a sua escolhida e rara Livraria, a qual aquelle Soberano graciosamente aceitou, depositando-a no seu Paço, e compensando assim com esta nova aquisição a enorme perda da antiga Bibliotheca Regia, consumida no Terremoto de 1755. Vej. *Memor. Histor. dos progressos e restabelecimento das Lettras* &c. pag. 46.

(*b*) Foi no tempo da Presidencia do Sr. Bispo de Beja, que se cuidou na organização e conservação da numerosa Livraria da Real Mesa Censoria, á qual foi dado Bibliothecario, e Officiaes que cuidassem da sua guarda e limpeza, segundo consta do Aviso de 13 de Maio de 1775. Ora esta Livraria he que veio depois a formar o primeiro fundo e provimento da Real Bibliotheca publica, por disposição do Alvará da creação de 29 de Fevereiro de 1796.

(*c*) O Sr. Arcebispo não só enriqueceo a preciosa Livraria do Convento de Jesus desta Capital com os Livros, que no seu tempo se havião comprado para o Collegio de Coimbra, e com os que elle mesmo comprára, durando o seu Provincialado, (Vej. *Memor. Histor. dos progr. e restabelecimento das Lettras*, pag 200, e 210.); mas com a doação da Livraria, que tinha de seu uso quando se recolheo ao Bispado de Beja; e com o grandioso presente que depois lhe fez de muitos Livros e Manuscritos raros, entre os quaes entrava hum exemplar da Biblia Mogurina, cousa de grande raridade e estimação. Vej. Salgado nos *Elogios Histor. dos Arcebispos e Bispos, professos na Ordem Terceira.*

(*d*) A Doação feita pelo Sr. Bispo de Beja á Real Bibliotheca Publica em Março de 1797, contem o seguinte:

» Huma quantiosa Collecção de Livros de grande estimação e preço, que constão do Catalogo que se fez em dous volumes de folha; » dos quaes o primeiro contem o catalogo methodico das Obras perten-

va ainda hum grande remanecente, com o qual depois instituia a da Mitra de Beja (*a*), e a publica da Igreja d'Evora (*b*); não fallando nos ricos mimos de Livros e Manuscri-

» centes á Historia, ás Bellas Lettras, e ás Sciencias Naturaes e Filoso-
» ficas; o segundo o das Obras relativas ás Sciencias Ecclesiasticas, e á
» Polygrafia, ou Erudição universal, e Miscellanea.

» Huma Collecção de Manuscritos pertencentes a cada huma das Ar-
» tes e Sciencias, que constão do catalogo tambem methodico, que se
» fez em hum volume de folha.

» Huma Collecção de Mapas, Plantas, Estampas, e Desenhos, de
» que tambem se fez hum catalogo.

» Huma numerosa Collecção Monetaria de mais de tres mil meda-
» lhas não duplicadas, de cobre, prata, e ouro, Consulares, Imperiaes,
» Arabigas, Portuguezas, e de outras Nações.

He o que consta do Padrão, que se mandou assentar no Livro da Fazenda da R. Bibliotheca; *porque ficasse eterna a lembrança de tão honrado feito, e do grato reconhecimento desta Casa a tamanho beneficio.*

(*a*) Na Provisão de 21 de Setembro de 1811, de que na Nota seguinte se faz menção, diz o Sr. Arcebispo que deixára na sua primeira Diecese de Beja huma Bibliotheca completa, e proporcionada para se cultivarem os Estudos Ecclesiasticos, que deixára fundados. Esta Livraria he avaliada em cerca de nove mil volumes.

(*b*) Esta Bibliotheca foi fundada pelo Sr. Arcebispo no anno de 1805, para uso do seu Clero, e dos povos d'aquella Diecese e Provincia; mas foi no anno de 1811, e por Provisão de 21 de Setembro, que este Prelado fez pura e perpetua doação della á Igreja Metropolitana d'Evora, dando-lhe ao mesmo tempo Estatutos para o seu governo e economia, e applicando para a conservação e adiantamento da mesma Bibliotheca, e para ordenados dos seus Officiaes 300$000 rs. das rendas da Mitra, e 200$ das da Fabrica; para o que obteve Beneplacito Regio, e Approvação Pontificia.

Este donativo, do qual diz o Sr. Arcebispo que *não será excessivo, se o levar acima de trezentos mil cruzados*; e que não he mais do que o remanecente com que se recolheo a Evora, depois de ter enriquecido a R. Bibliotheca Publica, e instituido a de Beja; contem o seguinte:

» Huma Collecção de bons cincoenta mil volumes, entrando em con-
» ta livros da primeira raridade, e grande copia de manuscritos singu-
» lares, e de grande preço; tudo aquisições suas, á excepção de dous
» mil tomos que achou no Palacio da sua Metropoli, deixados pelo seu
» Antecessor.

» Huma Collecção de muitas pinturas insignes por seus autores, e
» desempenho da arte; sendo muitas de grande estimação, por serem
» veras effigies de Personagens illustres.

» Huma Collecção de raridades Historicas, naturaes e artificiaes.

» Huma numerosa e rica Collecção de medalhas de todos os metaes,
» Romanas, Portuguezas, e de outras Nações: a qual seria mais co-

scritos raros que brindava a muitas pessoas, que com elle tinhão relações de amizade e commercio (*a*).

¿Com que outro fim trabalhou o Sr. Bispo de Beja por desentranhar da terra hum grande numero de lapidas, cippos, sarcófagos, lanternas sepulcraes, e outros monumentos da antiguidade, entre elles huma elegante estatua de Cybeles, senão para enriquecer em beneficio publico o Museu da sua Igreja, e para illustrar a antiga historia do territorio a que presidia (*b*)? Chegou o sabio Prelado a escrever esta historia, á qual ajuntou os desenhos dos monumentos em que era fundada: e o grande apreço que fazia desta sua Obra, nos deixa bem pesarosos de que a não tivesse publicado, por causa dos tristes acontecimentos, que enchêrão de amargura o restante da sua vida (*c*).

» prosa, se não houvesse sido em grande parte roubada pelo Exercito » inimigo na invasão d' Evora.

» Hum Cartorio, instituido com dependencia da Bibliotheca, para » guarda segura dos documentos e memorias pertencentes á Mitra ».

(*a*) Tal foi, por exemplo, o presente que dêo ao Convento de Lisboa dos Religiosos Paulistas, ao dos Missionarios Apostolicos de Brancanes, ao da Serra d'Ossa; e a escolhida Livraria de 500 volumes, que doou em vida á sua familia.

(*b*) Da grande applicação que fazia o Sr. Arcebispo ao estudo das Antiguidades, forão fruto as suas sabias e exquisitas observações e conjecturas sobre a memoravel batalha de Ourique, feitas sobre o proprio lugar, e á vista dos restos das antigas fortificações, que alli se encontrão. Vej. *Cuidados Litterar.* pag. 383, e seg. Assim quando nas occasiões de Visita passava de humas para outras Parochias, procurava elle nutrir o seu amor a este estudo, e conseguia com bastante despesa descobrir muitos monumentos, a que se refere na mesma Obra, e muito principalmente nas Notas á Vida de S. Sisenando. Porém muitas destas antigualhas, e talvez as principaes, forão descoberras (favorecendo-o assim a Providencia) pelo mero acaso n' huma Quinta muito chegada á Cidade de Beja; onde appareceo a Estatua de marmore de Cybeles, e outros monumentos que menciona Fr. Vicente Salgado nas *Memor. Ecclesiasticas do Reino do Algarve*, tom. I. pag. 129. Murphy na sua Obra *Travels in Portugal, through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alemtejo, in the years* 1789, *and* 1790, impressa em Londres em 1795, publicou algumas das antiguidades do Museu de Beja primorosamente estampadas.

(*c*) Já no anno de 1783 se propunha o Sr. Arcebispo *promover, ou pode ser ainda escrever* a Historia das antiguidades da sua Diocese. (Vej.

Com que fim cultivava tanto o Sr. Bispo de Beja o estudo das Linguas, e fazia que os seus alumnos o cultivassem, senão para que os estudiosos da sabedoria se podessem communicar com fraternal commercio, e para que não fossem como cegos no meio da grande claridade? E com effeito ninguem que sahisse tão pouco tempo da sua Patria, teve relações litterarias com maior numero de sabios Estrangeiros (*a*), e se poderá jactar de ter adquirido tão grande pericia em Linguas; pois que alem da materna, fallava com elegancia o Latim, o Castelhano, o Italiano, e o Francez; entendia, posto que imperfeitamente, o Inglez, e Alemão; sabia o Grego, o Hebraico, e o Arabigo; não desconhecia nem o Syriaco, nem o Russo (*b*).

Ul-

Instrucção Pastoral ao Clero e Ordinandos, pag. 10.) E com effeito levou avante o seu projecto, pois que assim escrevia n'huma Carta familiar, que tenho á vista, em data de 7 de Dezembro de 1797: *Tenho-me reduzido a antiguidades desta Diecese, do que brevemente darei prova tal qual: a cousa vai longe: lanço raizes: quem vir melhor, corte, apure, enverte, e ramifique: mas do estado exotico desde os Postdiluvianos vão especies novas, provadas com visualidades innocentes, aqui descobertas, e apuradas, quantum fas est conjectare.* Esta historia contem-se no texto e notas da Obra que compoz com o titulo de *Sisenando Martyr*: mas a despesa necessaria para abrir muitas chapas das estampas que a devião acompanhar, a qual despesa era superior ás faculdades do Sr. Arcebispo; e as perturbações publicas que sobrevierão, quando hum Ministro de Estado se offerecia graciosamente para obter de Sua Alteza Real a impressão da Obra a expensas da Officina Regia, não permittirão que ella visse a luz publica.

(*a*) Das relações litterarias que tinha o Sr. Arcebispo com alguns sabios Estrangeiros, lembra-se elle mesmo na *Saudação Pastoral*, impressa em 1793. pag. 24. nos *Cuidados Litterar.* pag. 21, 79, 217, e 534; e nas Notas á Vida de S. Sisenando: mas alem destes, he ainda muito grande o numero dos Sabios, e habeis Artistas Estrangeiros, que vindo a Portugal, tentavão gostosos a jornada de Beja, para communicarem hum varão de tão vastos conhecimentos; no qual achavão sempre o mais benigno agasalho, e muitas vezes generoso socorro.

(*b*) Não causará isto admiração a quem reflectir, que das suas applicações a mais favorita era o estudo das Linguas: *parou me a alma em Linguas* (escrevia elle n' huma Carta familiar, nos ultimos annos da sua vida); *das mais cousas recordo-me que houve livros dellas.* Assim mesmo houve todo o cuidado em graduar o conhecimento que tinha o Sr. Arcebispo dos differentes idiomas, para que esta noticia não parecesse ou affectada, ou inverosimil.

Ultimamente ¿com que outro fim que não fosse o adiantamento da Agricultura, fonte manancial da publica prosperidade, promoveo o Sr. Bispo de Beja de hum modo o mais efficaz, e quasi prodigioso, a cultura dos muitos terrenos desaproveitados que havia na sua Diecese? Pois que das tabellas que produzio Ferrari (*a*) na interessante Obra manuscrita intitulada *Despertador da Agricultura de Portugal*, consta que até o anno de 1782 rompêrão quatrocentos e outenta e outo individuos differentes terras nas duas Comarcas de Beja e Ourique, exceptuando ainda alguns districtos destas, dos quaes elle não tinha podido recolher noticias exactas: e confessa o mesmo Escritor, que todos estes arroteadores trabalhárão á sua custa, sem isenção de direitos, ou outro favor do Governo, e unicamente animados pelas efficazes exhortações paternaes daquelle Prelado. ¡De tanto são capazes os homens, quando ha hum genio activo e benefico, que os saiba dirigir!

ASsim vivia placidamente o Sr. Bispo de Beja, fazendo a felicidade daquelle Rebanho, bem como este toda a alegria do seu Pastor; quando, correndo já o anno de 1802, Houve Sua Alteza Real por bem nomeallo Arcebispo d' Evora (*b*). Longe de ter ambiciosamente desejado a dignidade

(*a*) Luis Ferrari de Mordão chegou a ser nomeado pelo Sr. Rei D. José, Intendente Geral da Agricultura do Reino; mas não tendo recebido Instrucções, e Regimento proporcionado ao seu emprego, e não encontrando nas Provincias, por onde viajou, hum segundo homem da tempera do Sr. Bispo de Beja, apenas se limitou a escrever aquella Obra, na qual dá huma idéa da agricultura do Reino, e dos diversos melhoramentos que ella póde admittir. O Manuscrito Original ainda hoje existe; e delle me dêo noticia o Sr. José Bonifacio de Andrada.

(*b*) A copia do Aviso he a seguinte: *Ex.mo e R.mo Sr. O Principe Regente Nosso Senhor tendo consideração ás virtudes, lettras, e mais partes que concorrem na Pessoa de V. Ex.a e por confiar que V. Ex.a continuará a satisfazer plenamente as obrigações Pastoraes, como convem ao serviço de Deos: Houve por bem nomear a V. Ex.a para Arcebispo da Santa Igreja Metropolitana d' Evora, vaga por fallecimento de D. Joaquim Xavier Botelho de Lima &c. Palacio de Queluz em 3 de Março de 1802. — Visconde de Balsemão.* —

a que então se via elevado, ou o accrecentamento das riquezas que della lhe resultava, foi com a maior repugnancia, e só por mostrar (como elle mesmo dizia) a sua obediencia, ou antes gratidão ao Soberano, que se resolveo a deixar huma Diecese, que governára por espaço de trinta e dous annos com ternura de Pai, e com a maior aceitação dos Povos.

Posto que a idade avançada do Sr. Arcebispo d' Evora parecesse já pouco propria para tentar novos e extraordinarios trabalhos; e posto que huma certa indifferença, ou antes desamor das Sciencias (o que elle muito lastimava) tivesse então prevalecido no commum dos homens; tinha elle ainda muitas forças fysicas e hum grande vigor de espirito, para poder levar ávante o projecto de fazer reflorecer na sua Metropoli a copia e magestade das erudições, que havião feito tão brilhante nos seculos passados esta antiga Corte dos nossos Principes.

Para isto propoz em duas eruditas Pastoraes documentos e exemplos os mais proprios, para fazer receber de bom grado os delineados Estudos (*a*); estabeleceo huma Cadeira de Eloquencia no seu Paço; edificou junto a este duas salas, onde collocou a Bibliotheca e Museu, de que fez doação á sua Igreja (*b*); e creou para instrucção do Clero Ca-

(*a*) Com effeito a primeira Instrucção Pastoral contém exemplos domesticos de Religião, de Virtude, e de Lettras, que em todos os seculos, e quasi desde o começo do Christianismo, tinhão brilhado naquelle territorio: he obra de erudição exquisita, ainda mesmo envolvida como está, nas escuridades de hum estilo embaraçado, *já que occupados e embargosos instantes* (como o Auror ahi confessa) *não permittirão outro melhor*. A segunda Instrucção Pastoral (que já dá por estabelecida a Cadeira de Eloquencia, e proximas a estabelecerem-se as das Linguas sabias, da Historia Ecclesiastica, e da Theologia Biblica, Polemica, e Moral,) versa principalmente sobre a importancia do estudo dos Santos Padres, e methodo por que elle deve ser dirigido.

(*b*) Na Provisão já citada de 21 de Setembro de 1811, applaude-se justamente de ter *conseguido huma Obra, que merecco os louvores do Principe Regente Meu Senhor, quando lhe concedeo o decoro e honra de visitalla, e de muitos sabios e curiosos Nacionaes e Estrangeiros, que de proposito tem buscado o prazer de vella.*

Cadeiras de Theologia e de Linguas, as quaes devião começar a ter exercicio no anno calamitoso de 1807.

Collocado então nos mais afflictos dias que vio Portugal, no primeiro lugar da Ordem Ecclesiastica da Provincia do Alemtejo, o Sr. Arcebispo d' Evora soube soportar com dignidade o pesado jugo de hum dominio Estrangeiro, suavizando aos Povos com os arbitrios de huma cautelosa prudencia os males que não podia evitar; e não prostituindo nunca nem os seus talentos, nem o seu emprego ao publico indecoroso incenso, que delle imperiosamente exigia hum Chefe venal e insidioso (*a*).

Porém quando rompeo a revolução de Evora (revolução tão grata ao seu amor da Patria, e do Soberano, mas cuja resulta tanto temia a sua sabia providencia (*b*)) não duvidou pôr-se á testa da Junta, que governava em nome do legitimo Principe; acudir generosamente com toda a qualidade de socorros aos que defendião a Cidade; e tomar unicamente a si a sua defensa, quando a vio abandonada por todas as Autoridades Civís e Militares, e absolutamente entregue aos horrores da sua infeliz sorte (*c*).

En-

(*a*) O Sr. Arcebispo *não tinha feito actos alguns positivos a favor dos Francezes, e não tinha publicado Pastoral alguma, ainda que se visse instado, e como obrigado a fazello, pela intimação expressa do chamado Secretario de Estado do Interior, Herman, em Aviso seu e em nome do intruso Junot, datado de 13 de Maio de* 1808. Memoria manuscrita dos trabalhos que sofreo o Sr. Arcebispo &c.

(*b*) O Sr. Arcebispo não teve a gloria de ser o autor d'aquella revolução: porque quando no dia 13 de Julho recebeo huma carta, escrita de Gerumenha pelo Commandante das Forças Hespanholas Moretti, na qual se propunha á Cidade de Evora huma declaração contra o intruso Governo, convocou todas as Autoridades a huma Junta a que presidio, e ahi dêo hum voto tão simples como energico, que foi por todos approvado; a saber, que *a posição da Cidade e as actuaes circunstancias fazião com que não tivessem liberdade alguma para dar huma decisão.* Comtudo logo que no dia 20 do mez se fez a revolução, tomou nella, como devia, huma parte muito activa, celebrando festa de acção de graças na sua Sé, hospedando o Commandante Hespanhol, e muitos Officiaes e tropa, e tomando com o General da Provincia a Presidencia do Governo. Vej. Mem. cit.

(*c*) Quando no dia 29 de Julho se perdeo a infeliz acção de Evora,

Então vai direito á sua Cathedral, une a si o Clero e o Povo, e do alto do Throno Pontifical manda propôr Capitulação ao Inimigo, com firme resolução de se votar pela salvação da Cidade, se tanto fosse necessario. E com effeito tanto era necessario: pois já a tropa vencedora penetrava o interior do Santuario, espalhando no asilo da paz o terror e a morte; quando o virtuoso Prelado desce do solio, e rompendo por entre as granadas, os tiros, e os ferros dos inimigos, consegue fazer ouvir a sua voz, que supplica humildemente pela vida do Povo, e aplaca a ferocidade dos barbaros, e faz cessar a carniceria.

Immediatamente corre ao Paço, que acha mettido a saco (*a*), occupado por huma Officialidade descomedida, e á frente desta o General em chefe, que com gesto feroz e ameaçador o declara reo de morte, e decreta o incendio e a inteira destruição da Cidade. Ao ouvir tão cruel sentença, o Sr. Arcebispo sem o mais pequeno sossobro de animo, abaixou a cabeça, como quem offerecia a sua vida em sacrificio; mas pede que esta morte salve o seu rebanho: e o congelado Loison, movendo-se huma vez á compaixão, por achar naquelle Prelado tanta presença de espirito, ou antes tantas virtudes, que no espaço de tres dias continuos, passados no maior risco e consternação, nunca se desmentírão com hum acto de fraqueza, ou desacordo, revoga as or-

---

fugindo toda a tropa em desordem, entrou Moretti no Paço Archiepiscopal, e persuadio ao Sr. Arcebispo que fugisse, e se escondesse; mas este não quiz seguir o segundo conselho que gratuitamente lhe dava aquelle Hespanhol, nem deixar o seu povo em tão consternado trance. Vej. Mem. cit.

(*a*) *A primeira casa em que entrárão saqueando, foi o Palacio Archiepiscopal . . . Não ficou quasi nada da prata, de que o meu Antecessor se tinha provido: fiquei sem Anel Episcopal. Do copioso Monetario que a tanto custo tinha juntado, para deixar juntamente com a grande Livraria que tenho edificado, tudo quanto era ouro e prata foi saqueado, como tambem rasgados os Livros, e feitos em pedaços os Manuscritos; quebrando as mais pequenas e delicadas peças do Museu natural e artificial, unicamente para levarem alguns pequenos remates de prata e ouro: em fim reduzindo tudo a hum estado de fazer lastima, ainda a quem não he curioso.* Mem. cit.

ordens que hião executar-se, e sahe de Evora entregando-lhe o governo da Cidade, e declarando publicamente que em seu obsequio perdoava a morte a todos, e lhes concedia a liberdade (*a*).

Com quanto seja dolorosa esta scena, custa muito passar della para outra muito mais horrivel: e na verdade parece que deveria exceder todo o sofrimento de hum Ancião de oitenta e quatro annos, o mais antigo Bispo da Igreja Portugueza, e aquelle cujas virtudes acabavão de ser assombrosas a seus mesmos Inimigos, ver acommettido o Palacio Arcebispal, e entrado o seu proprio Gabinete, por hum bando de salteadores Hespanhoes, guiados pela ferocidade e pela anarchia; ser por elles roubado, injuriado, e levado preso entre ameaças de morte até á Cidade de Beja, que por tanto tempo fôra o theatro da sua gloria, e que segunda vez era sujeita á sua jurisdicção espiritual (*b*); e depois de estar ignominiosamente exposto n' huma Praça publica á sincera mas esteril compaixão d'aquelle Povo fiel, e á escandalosa irrisão de hum Governo tumultuario, ser levado a hum estreito carcere, e ahi privado de toda a communicação e socorro (*c*).

Mas não consente o amor da Patria que se renovem chagas já cicatrizadas! basta dizer, que no meio de tantos contrastes cada vez era maior o seu espirito; e que se pouco antes havia vencido os Inimigos da Religião e do Estado, e salvado o seu Povo, pela sua humildade e resignação;

(*a*) O Sr. Arcebispo depois de ter hospedado o General Loison, e quarenta Officiaes no seu Paço, assistindo-lhes com tudo que estava á sua disposição; e depois de ter dado as providencias necessarias para o socego do povo, para o desarmamento do Clero, e para o enterro dos mortos, de que estavão juncadas as ruas; conseguio com tudo isto que o General o tratasse com mais benignidade, até o ponto de o levar á Igreja Cathedral, e de fazer dizer pelo seu Lingua ao grande numero de presos, que alli se achavão, que *em obsequio e respeito ao seu Prelado lhes perdoava a morte, e dava a liberdade.* Mem. cit.

(*b*) Estava então vagante a Sede Episcopal de Beja, e sujeita esta Diecese á jurisdicção do Metropolitano.

(*c*) Vej. Memor. cit.

ção; agora venceo os Inimigos de toda a ordem publica, e salvou-se a si mesmo, pela virtuosa altiveza, com que recusou comprar a vida e liberdade, a troco de huma humiliação que deshonradamente o aviltasse: assim, quando o curso dos acontecimentos o conduzio de novo á sua Metropoli, teve a doce consolação de ser acompanhado na sua passagem por hum honroso sequito, e de ser applaudido e victoriado de todos os seus Diecesanos; entrando são e salvo na sua Igreja, depois de ter sofrido tantos tormentos, e de sahir vencedor em tão asperos combates.

O Augusto Principe estremeceo ao ler a singela relação dos trabalhos do Sr. Arcebispo d' Evora, por este mesmo escrita: e querendo recompensar seus grandes merecimentos, e encher de doçura a sua velhice; fez muitas mercês de muita honra e interesse a seus Sobrinhos, e ás pessoas da sua maior confiança (*a*): declarando authenticamente (pois estas são as palavras dos Regios Diplomas) « o » grande apreço que fazia dos seus talentos, das suas virtudes verdadeiramente Apostolicas, e dos relevantes serviços, que fizera á Igreja e ao Estado por mais de sessenta e quatro annos, nos differentes cargos que occupou, e em muitas e particulares incumbencias da maior importancia e confidencia, que lhe forão confiadas ». ¡ Testemunho illustre de piedade e de justiça, não menos honroso para o Soberano do que para o Vassallo!

Por

(*a*) Sua Alteza Real, a requerimento do Sr. Arcebispo, houve por bem despachar a seu Sobrinho Manoel José Gregorio de Brito Villas-Boas, com o foro de Fidalgo Cavalleiro da Real Casa, e com a Commenda de S. Martinho do Pindo da Ordem de Christo, em sua vida: e a suas tres Sobrinhas, com semelhantes foros, e com o Habito da Ordem de Christo, para se verificarem nas pessoas, que com ellas houvessem de casar; e além disto com 600$000 rs. annuos a cada huma, pagos aos quarteis pelo Cofre das Commendas vagas, e com sobrevivencia de huma para as outras. Tambem foi Sua Alteza servido, a requerimento do mesmo Prelado, nomear Bispo Titular ao Provisor do seu Arcebispado o Sr. Antonio José de Oliveira; e por effeito da Sua Real Grandeza nomeou Conego da Santa Igreja Patriarchal ao Sr. José Jorge de Gusmão; pessoas muito da confiança do Sr. Arcebispo, ás quaes ambas devo a melhor parte das noticias, de que fiz uso no presente Elogio.

Por este tempo a Academia Real das Sciencias, a qual desde o seu estabelecimento havia contado este Prelado no numero dos seus Correspondentes (*a*), e que havia recebido bastantes testemunhos do muito interesse que elle tomava pelos seus uteis trabalhos, desejando mostrar o apreço que fazia da eminente sabedoria do Sr. Arcebispo d'Evora, lhe conferio unanimemente o titulo de Socio Honorario (*b*); escrevendo seu nome entre o de dous Principes Estrangeiros (*c*), e das Personagens mais conspicuas do Estado.

Assim a gloria deste Prelado tinha chegado ao auge de sua grandeza; mas nos ultimos tres annos de vida começou elle a sentir os incommodos da velhice: então a fraqueza do corpo, a perda da vista, e o sensivel decrescimento das faculdades intellectuaes forão annunciando pouco a pouco o seu fim. A Igreja, a Patria, e as Lettras o perdêrão no infausto dia 26 de Janeiro de 1814, na idade de noventa annos não completos; e sempre abençoarão a sua memoria.

ELle havia bebido nas Divinas Escrituras o verdadeiro espirito das virtudes Christãs, que tanto illustrárão o seu Pontificado; e aquelle estudo pode-se dizer que foi o objecto de todas as suas fadigas litterarias: Collecção exquisita, custosa, e copiosissima de quantas Biblias manuscritas e impressas pôde haver; estudo de Linguas Orientaes, e de antiguidades de toda a especie, tudo era principalmente subordinado áquelle fim. Respeitava e amava tanto este Livro, que nunca deixou de o trazer comsigo, ainda em viagem; nunca o abrio com a cabeça coberta; nunca se deitou, ainda nos incommodos aposentos em que se alojava nas occasiões de Visita, sem que primeiro lesse de joelhos hum Capitulo delle.

(*a*) Foi nomeado em Assembléa particular de 28 de Junho de 1780.
(*b*) Na Assembléa de Effectivos de 6 de Junho de 1812.
(*c*) Pouco antes tinhão sido eleitos Socios Honorarios da Academia Suas Altezas Reaes o Principe de Galles, e o Duque de Sussex.

Dotado em consequencia disto de huma piedade solida, e de hum ardente zelo de vingar a causa da Religião e da Moral contra os ataques dos Heterodoxos, e dos Filosofos, comtudo nem aquella piedade era indiscreta, nem o zelo desabrido: elle possuia a grande arte de conciliar a devoção com o espirito (*a*), e prezava-se de nunca faltar aos officios que devia a Sabios de abundantissima litteratura, onde ella se achasse, e como ella merecesse (*b*).

Sabio Economo das rendas Ecclesiasticas, era parco e humilde no seu trato, e não consentio que a sua familia passasse de huma honesta mediocridade, assinando-lhe apenas os ordenados de que Sua Magestade lhe havia feito mercê, em quanto os não cedeo espontaneamente em beneficio do Estado: mas ao mesmo tempo era apparatoso nas ceremonias exteriores do culto, magnifico no exercicio da hospitalidade, em extremo grado e liberal a seus Diecesanos: e posto que, por effeito de hum raro desinteresse, nunca o rendimento da Igreja de Beja excedesse em seu tempo a somma de vinte e dous mil cruzados, ainda lhe ficava hum grande remanecente, que generosamente despendia para o progresso das Sciencias em utilidade da Patria.

Sensivel o mais que se póde ser á amizade, nunca desemparou os seus amigos na desgraça, nem se esqueceo delles na morte: ás vezes misturava com aquella doce affeição hum não sei que de insolito e de antiquado; como quando conservava com religioso respeito a caveira de seu antigo mestre e particular amigo, o Dr. Fr. Joaquim de S. José, determinando que esta se enterrasse na mesma sepultu-

(*a*) *Sabe-se hoje conciliar a devoção com a civilidade e litteratura, para destruir o motivo com que a piedade tem sido exposta á risada das gentes, que a capitulavão de rustica e de inerte. Na excellente Apologia que o Bispo De Puy fez á virtude, ¡com quanta verdade mostra a possivel alliança entre a devoção, bellas lettras, e mais occupações em que se exercita o espirito do homem!* Appendix sobre a reforma das Lettras, pag. 32.

(*b*) Vej. *Cuidados Litterar.* pag. 252, e 253; e em outro lugar (pag. 522.) *Seria cousa agradavel acariciar sujeitos, que não fugirião de nós vendo que erão buscados de todos os modos possiveis e prudentes, longe de controversias desagradaveis, pelas pessoas capazes destas entrevistas.*

tura com o seu proprio cadaver; e quando sendo visitado em Beja por outro amigo seu, sagrado Bispo para a China, lhe concedeo na sua Sé, e em sua presença, a honra publica do Throno, Sacrificio, e Benção.

Era accessivel á todos, summamente polido e urbano no seu trato; e posto que vivesse muito tempo na Corte dos nossos Principes, valido de dous, e estimado de todos, esteve sempre igualmente longe do orgulho e da baixeza; e merecendo os creditos de hum habil cortezão, não adquirio inimigos, nem emulos.

Finalmente foi singular honrador dos Sabios, e foi elle mesmo hum Sabio de vastissimos conhecimentos, e de reconhecida modestia: nunca prostituio a sua penna á lisonja; e longe de ser Escritor de partido, nunca entrou como Doutor particular em discussão alguma, daquellas em que as circunstancias do tempo o obrigárão a tomar parte, como homem publico. As suas numerosas Obras erão unicamente dirigidas ao fim de auxiliar a reforma dos Estudos Portuguezes, e a conservação e esplendor da Religião de nossos Pais; e o Autor se esquecia quasi sempre da sua propria gloria, ou occultando nellas o seu nome, ou evitando os titulos pomposos com que as poderia fazer recommendar, ou não curando da correcção e elegancia do seu estilo.

Mas se este estilo he muitas vezes obscuro, outras embaraçado com frequentes metaforas e transposições, e talvez cançado pelas repetições da mesma doutrina; perdoese este defeito (nem eu chamarei virtude ao que entendo que o não he) a hum Escritor, que distrahido com tantas obrigações Religiosas e Civís, era cada dia obrigado a largar muitas vezes mão do seu trabalho; e que assás compensou alguns passos escabrosos das suas Obras com mil bellezas de pensamentos e de expressão, e com huma certa graça natural, que dá vida á sua doutrina, e grande eficacia ás suas exhortações.

Tal foi a vida e o caracter do Sr. Arcebispo de Evo-

ra: a lettra da sua divisa podia ser a mesma, que a de hum dos nossos bons Principes: *Vontade de bem fazer.* Por isto trabalhou na longa carreira da sua vida; e isto sem duvida conseguio, tanto ou mais do que he dado a hum homem não Principe. Assim mereceo elle sempre a admiração e a estima dos que lhe forão contemporaneos; e assim merece depois da sua morte, com as bençoes da posteridade, o innocente tributo de reconhecimento, que a Academia lhe paga hoje por minha voz.

CA-

CATALOGO

DAS OBRAS

DO

SENHOR ARCEBISPO DE EVORA.

COmo não foi possivel fazer no corpo do Elogio menção individual de todas as Obras do Sr. Arcebispo, e como muitas dellas ou correm sem o seu nome, ou são hoje extremamente raras, ou se achão ainda manuscritas; pareceo por tudo isto conveniente ajuntar o seguinte Catalogo, o qual se não dá por completo.

Rei Speculativo-Scoticæ varia, et curiosa specimina. fol. M. S.

N. B. Desta Obra faz menção a Bibliotheca Lusitana; mas o Ex.mo Sr. Bispo Eleito Provisor diz, que o seu Autor nunca a acabára.

Conclusiones Philosophicas de utriusque Proœmialibus, Philosophiæ, scilicet in communi, et Logicæ, necnon de Entibus rationis, et Universalibus in communi, ad mentem Scoti, Doctoris Mariani, ac subtilis. Præside Fr. Emmanuele a Cœnaculo. Conimbricæ: Ex Typogr. Antonii Simoens Ferreira, Univers. Typogr. Anno Domini 1747. 5 pag.

Conclusiones Logico-Metaphysicas de Anteprædicamentis, et Prædicamentis, juxta Venerabilis, Mariani, subtilisque Doctoris inconcussa dogmata. Præside Fr. Emmanuele a Cœnaculo, Artium Lectore. Conimbricæ: ex Typogr. Antonii Simoens Ferreira, Univers. Typogr. 1748. fol. 5 pag.

Diario da Jornada ao Capitulo Geral de Roma em 1750. Hum vol. M. S. autografo, em 8.° pequeno de 193 pag. não numeradas.

N. B. Começa este Diario em 12 de Fevereiro, dia em que o Mestre Cenaculo sahio de Lisboa, em companhia de seu Mestre o Provincial dos Terceiros; e acaba em 17 de Agosto, dia em que entrárão já de volta em Elvas. Contêm huma breve noticia desta jor-

jornada, com a situação das terras por onde passou, e a distancia de humas a outras; ajuntando a descripção das Cidades mais notaveis, de alguns dos seus edificios, e estabelecimentos, e usos de seus habitantes: encontrão-se tambem escassas noticias litterarias ou politicas. Este Diario foi escrito muito negligentemente quanto ao estilo: além disto, muitas cousas se achão ahi apenas apontadas; outras ao contrario, sendo de pouca monta, são tratadas com demasiada minudencia. Conservão este Livro os parentes do Sr. Arcebispo, e foi-me communicado pelo Sr. José Jorge de Gusmão.

Conclusiones Philosophicas Critico-Rationales de Historia Logicæ, ejus Proœmialibus, Ente rationis; et Universalibus in communi, ad mentem V. Scoti, D. Mariani, ac subtilis. Præside D. Fr. Emmanuele a Cœnaculo, Artium Lectore. Conimbricæ: ex Typogr. in Regio Artium Collegio Societ. Jesu, 1751. 7 pag.

Conclusiones Physiologicas juxta Vener. Doct. Marian. et Subt. Doctrinam. Præside Fr. Emmanuele a Cœnaculo, Doct. Theologo Conimbr. et Philosophiæ Professore. Conimbricæ: ex Typogr. Ant. Simoens Ferreira, Universit. Typogr. An. Domini 1752. fol.

Conclusiones Theologico-Dogmaticæ de SS. Trinitatis Mysterio, ad mentem Seraphici Doct. S. Bonaventuræ, et Ven. P. Joan. Dunsii Scoti, Doct. Mariani, ac subtilis. Præside Fr. Emmanuele a Cœnaculo, Doct. Theologo Conimbr. et Theologiæ Vesperario Professore. Conimbricæ: ex Typogr. Ant. Simoens Ferreira, Universit. Typ. An. Domini 1753. 3 pag.

Advertencias Criticas e Apologeticas sobre o juizo, que nas materias do B. Raymundo Lullo formou o D. Apolonio Philomuso, e communicou ao Publico em a resposta ao Retrato de Morte-cor, que contra o Autor do Verdadeiro Methodo de estudar escreve o Rev. Doutor Alethophilo Candido de Lacerda. Satisfaz-se de passagem aos Autores, em cujo testemunho se fundou o D. Apolonio. Valença: por Vicente Balle, 1752. 4.° E *Coimbra: por Antonio Simoens*, no mesmo anno, 4.° de 122 pag.

N. B. Da Edição de Valença faz menção a Bibliotheca Lusitana.

Sanctissimo Domino Nostro Benedicto XIV. P. O. M. Exercitationes Liturgicas, in quibus ejusdem B. P. doctrina de Sacrificio Missæ adstruitur, et defenditur. . . D. Fr. Emmanuel a Cœ-

Cœnaculo . . . Quo præside ad disceptandum proponit . . . . in Lisbonen. Conventu Dominæ Nostræ de Jesu . . . Lisbonæ: apud Franciscum Ludovicum Ameno . . . 1753. fol. Em 7 folhas de papel não numeradas. Tem huma Dedicatoria a Benedicto XIV.

Oratio in laudem Eminentissimi D. D. Josephi Cardinalis Emmanuel, ad Lisbonensis Ecclesiæ Patriarchatum evecti, habita Olyssipone in Ecclesia Dominæ Nostræ dos Cardaes, die 26 Augusti, 1754. *M. S.*

N. B. Desta Obra faz menção a Bibliotheca Lusitana, e a Gazeta de Lisboa de 5 de Setembro do mesmo anno: o Ex.mo Sr. Bispo Eleito Provisor diz, que ella ainda hoje existe.

Dissertação Theologica, Historica, Critica sobre a Definibilidade do Mysterio da Conceição Immaculada de Maria Santissima. Lisboa: na Officina de José da Costa Coimbra, 1758. 4.° de 248 pag.

N. B. Esta Obra foi trabalhada no anno de 1754, pois que então se susciton na Corte a questão, que lhe dêo motivo. (Vej. a Nota a pag. 3 da Prefação); e estava concluida no principio de 1755, pois que de 25 de Março deste anno he datada a Dedicatoria ao Geral Fr. Pedro João de Molina. Neste mesmo anno era o Autor Lente de Prima de Theologia no Collegio de Coimbra, e segunda vez Secretario da Provincia.

Oração que disse Fr. Manoel do Cenaculo, sendo Presidente em a primeira Sessão da Academia Mariana, celebrada nesta Cidade de Lisboa no 1.° de Agosto de 1756; a qual dá á luz o P. Fr. Vicente Salgado. Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1758. 4.° de 28 pag.

Elogio funebre do P. Fr. Joaquim de S. José, Doutor Theologo Conimbricense, Definidor Geral da Religião Franciscana, e Provincial da Terceira Ordem de Portugal; dado á luz por Joaquim Rodrigues Pimenta. Lisboa: na Officina de Francisco Luis Ameno, 1757. 4.° de 24 pag.

N. B. Desta Obra faz menção a Bibliotheca Lusitana.

Vida do P. Fr. Joaquim de S. José. M. S.

N. B. Deste Escrito se lembra Fr. Vicente Salgado nos *Elogios Historicos dos Arcebispos e Bispos professos na Ordem Terceira*, Obra M. S. que se conserva na Livraria do Convento de Jesus:

o Ex.mo Sr. Bispo Eleito Provisor diz, que ficára quasi concluido, mas que o Autor abríra mão delle, preferindo antes incluir as principaes noticias da vida do seu Mestre na Historia do restabelecimento das Lettras na Ordem Terceira.

Necrologium Provinciæ Tertii Ordinis Lusitanæ, quo Fratrum et insignium Benefactorum nomina, et caracteres recensentur. 4.° M. S.

N. B. A Bibliotheca Lusitana faz menção desta Obra; e o seu Autor nas *Memorias Historicas dos progressos e restabelecimento das Lettras* &c. a pag. 204, diz que ella hia muito adiantada na composição.

Apontamentos para a Bibliotheca da Ordem Terceira. M. S.

N. B. Delles se lembra o Autor nas referidas *Memorias Historicas*, a pag. 206: mas o Ex.mo Sr. Bispo Eleito Provisor diz, que são apontamentos informes.

Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito, por hum Religioso da Ordem Terceira de S. Francisco. Lisboa: na Officina Regia, 1776. fol. de 316 pag.

N. B. Esta Obra (escreve Fr. Vicente Salgado, *Origem e progresso* &c. pag. 50.) *he trabalho deste meio tempo* (falla depois do anno de 1757, e antes do de 1763), *ainda que não vio a luz publica senão nestes dias.* O Autor diz na Prefação que *estas Memorias forão escritas quando já começava a cahir o presente seculo.* Mas deve-se crer que se concluírão depois do anno de 1760, pois já são omittidas na Bibliotheca Lusitana.

Oratio pro aperiendis, initiandisve totius Ordinis Fratrum Minorum Generalibus Comitiis, habita ad PP. in Regali Conventu Valentiæ die 15 Maji, 1768, a R. adm. P. Emmanuele a Cœnaculo, Lectore Jub. Lusitanæ Provinciæ Tertii Ordinis Ministro Provinciali, et totius Ordinis Generali Diffinitore. Valentiæ: ex Typographia Benedicti Monfort, anno 1768. 4.° de 14 pag.

Diario da Jornada ao Capitulo Geral de Valença em 1768. Hum vol. M. S. autografo, em 8.° grande de 180 pag. não numeradas.

N. B. Este Diario (que foi escrito á semelhança do Diario da jornada a Roma, e que me foi communicado juntamente com elle), começa em 13 de Abril, dia em que o Provincial Cenaculo sa-

sahio de Lisboa, e acaba em 2 de Julho, dia em que se recolheo ao seu Convento de Jesus; tendo feito caminho pela Estremadura Hespanhola, Castella nova, e Reino de Murcia; e voltado por grande parte do Reino de Valença, Murcia, Granada, e Andaluzia, até tornar a entrar na Estremadura. No fim do Diario ajuntou huma *Memoria das pessoas eruditas, a quem tratou nesta jornada, e de antes não conhecia.* He Obra cheia de erudição, e escrita em estilo pela maior parte desempeçado e ameno: contêm noticias curiosas, e muitas dellas reconditas, que dizem respeito á nossa mesma Litteratura.

Patente de 5 de Maio de 1770, *publicando a Patente Encyclica de Fr. Pascoal de Varisio, Geral dos Menores, datada em Madrid a* 19 *de Agosto de* 1768. Impressa em fol. de 54 pag.

N. B. Contêm o Original Latino com a versão Portugueza ao lado; e vem incluido o Decreto e Aviso Regio de 7 de Abril de 1770, que autorizão a publicação da mesma Encyclica.

Patente de 3 *de Setembro de* 1770.

N. B. Salgado na *Origem e Progresso* &c. pag. 56, dá noticia desta Patente, acrecentando que se acha impressa, e que he fundada sobre as maximas da Encyclica do Geral de Varisio.

Patente de 10 *de Setembro de* 1770, *sobre os Estudos da Provincia.* M. S.

N. B. Tambem desta dá noticia Salgado na Obra citada, pag. 59.

Disposições do Superior Provincial para a observancia regular e litteraria da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco destes Reinos, feitas em os annos de 1769, *e* 1770. *Tom.* 1. *Lisboa: na Officina Regia*, 1776. fol.

N. B. Este volume contêm o primeiro e segundo Plano de Estudos, confirmados por Alvarás de S. Magestade, em data de 3 de Junho de 1769, e de 3 de Janeiro de 1774, e então separadamente impressos: contêm tambem varias Patentes relativas á execução dos ditos Planos; e o *Appendix primeiro sobre a reforma das Letras na Europa*; tudo em Latim e Portuguez. A versão Latina do volume attribue-se ao Sr. Antonio Pereira de Figueiredo.

Memorias Historicas e Appendix segundo á Disposição quarta da Collecção das Disposições do Superior Provincial, para a observancia e estudos da Congregação da Ordem Terceira de S. Tom. IV.

Francisco. Tom. 2. Lisboa: na Officina Regia, 1794. fol. de 318 pag.

N. B. Contêm as *Memorias Historicas dos progressos e restabelecimento das Lettras na Ordem Terceira, em Portugal e seus Dominios.* Nesta Obra trabalhava o Autor no anno de 1769, como elle escreve a pag. 57. Fr. Vicente Salgado, no *Compendio Historico da Congregação da Terceira Ordem*, diz que fora composta (talvez acabada) pelos annos de 1773.

Patente sobre o verdadeiro systema de Theologia, que se deve seguir na Provincia da Ordem Terceira da Penitencia, segundo a saudavel determinação do SS. Padre Clemente XIV. Impr. em fol. de 75 pag. sem declaração de anno, nem de lugar de impressão.

De repetendis fontibus doctrinæ, Moderatoris Provincialis Tertii Ordinis Sancti Francisci per Lusitaniam, admonitio ad Sodales, quum Præfecturam deponeret. Anno 1770. Impr. em fol. de 55 pag. sem declaração de anno, nem de lugar de impressão.

N. B. Estas duas Patentes, que são muito semelhantes entre si, posto que a segunda se não possa chamar traducção litteral da primeira, forão impressas na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, em 1793, para fazerem unidas o Tom. 3. das *Disposições do Superior Provincial*, &c. Vej. Salgado na Obra M. S. já citada com o titulo de *Elogios Historicos* &c. O Sr. Antonio Pereira de Figueiredo escreveo outra versão Latina da Patente Portugueza, provavelmente mais litteral que a versão do Autor; e tinha por titulo: *Adhortatio ad Sodales, de repetendis et continuandis studiis Fontium Theologicorum*; mas não se imprimio.

Commentario á Epistola de S. Judas. M. S.

N. B. Desta Obra dá noticia o Exmo Sr. Bispo Eleito Provisor, acrecentando que seu Autor a projectára logo que foi consagrado Bispo, o que succedeo no dia dos Apostolos S. Simão e Judas. Não está completa; e isso mesmo que ficou, he tão confundido com emendas, entrelinhas, e chamadas, que he mui difficil de se ler.

Determinações para o Bispado de Beja, feitas pelo Exmo e R.^mo^ Sr. Bispo da mesma Diecese. Impr. em fol. de 11 pag.

N. B. Tem a data de 9 de Fevereiro de 1777.

Pastoral, pela qual ha por bem saudar os seus Diecesanos, admoes-

moestando-os sobre a natureza e officios da Religião. Impr. em fol. de 15 pag.

N. B. Tem a data de 18 de Maio de 1777.

Editaes de 22 e 30 de Maio de 1777, sobre a festa do Coração de Jesus, e sobre outras mudanças, que se devem fazer no Calendario. Impr. em fol.

Editaes (dous) *de 22 de Julho de 1777, annunciando os dous dias de absolvição plenaria e benção Papal; e a Indulgencia plenaria para a hora da morte.* Impr. na Officina Regia, em fol.

Edital de 23 de Julho de 1777, sobre as Conferencias Ecclesiasticas. Circular de 26 do mesmo mez e anno, sobre o mesmo assumpto. Impr. na Officina Regia, em fol.

Pastoral do 1.° de Maio de 1778, estabelecendo Catechistas nas Parochias. M. S.

Pastoral do 1.° de Maio de 1778, mandando ler aos Parochos, depois do Evangelho da Missa do dia, o Catecismo Evangelico, de que mandava exemplares. M. S.

N. B. Este Catecismo escrito pelo Padre Olivier, foi traduzido em vulgar por Fr. Antonio da Purificação e Silva, Religioso Terceiro, e mandado imprimir pelo Sr. Arcebispo.

Pastoral de 29 de Agosto de 1778, estabelecendo na Capital do Bispado Sermões de Missão, nos primeiros e terceiros Domingos dos mezes em todo o anno; e tambem outras praticas Religiosas. M. S.

Circular de 30 de Setembro de 1778, sobre as Conferencias Ecclesiasticas. M. S.

N. B. Com esta Circular foi remettida huma *Instrucção para o Sacramento da Confirmação.* Impressa na Officina Regia, 1777. em 4.°

Editaes (dous) *de 2 de Novembro de 1778, annunciando a Visita, e publicando as Graças Apostolicas concedidas por esta occasião.* M. S.

Pastoral de 6 de Janeiro de 1779, dando disposições para o ensi-

no e soccorro espiritual das gentes rudes, habitantes na serra que divide o Campo d'Ourique do Algarve. M. S.

Editaes (dous) *de* 28 *de Maio de* 1779, *mandando fazer Preces e outras deprecações publicas, por occasião do desacato de Palmella. Officios* (tres) *de* 28 *e* 30 *do mesmo mez, sobre o mesmo assumpto.* M. S.

Pastoral de 24 *de Agosto de* 1779, *dando regulamento aos Instruidores dos Ordinandos. Circular da mesma data, que acompanhou a sobredita Pastoral.* M. S.

Pastoral de 8 *de Setembro de* 1779, *mandando fazer preces publicas por occasião da esterilidade. Officio de* 18 *do mesmo mez, sobre o mesmo assumpto.* M. S.

Pastoral de 17 *de Novembro de* 1779, *mandando fazer preces para obter chuva.* M. S.

Pastoral de 2 *de Fevereiro de* 1780, *condenando a pratica que se havia introduzido, de se fazerem os Enterros processionalmente sem assistencia do Clero.* M. S.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja sobre a memoria da Paixão e Agonia do nosso Divino Redemptor. (em data de 21 de Agosto de 1780.) *Lisboa: na Officina Regia*, 1780. 8.° de 35 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja ao Clero e Ordenandos da sua Diecese. (em data de 5 de Fevereiro de 1783.) *Lisboa: na Officina Regia*, 1784. 8.° de 385 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja sobre a Religião revelada. (em data de 28 de Outubro de 1783.) *Lisboa: na Officina Regia*, 1785. 8.° de 154 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Bispo de Beja sobre as Graças e Jubileus, novamente concedidos ás Instancias da Rainha N. Senhora Dona Maria I. venerando-se e celebrando-se a memoria da Instituição do Augustissimo Sacramento da Eucharistia. (em data de 23 de Janeiro de 1784.) *Lisboa: na Officina Regia*, 1784. 8.° de 44 pag.

In-

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Bispo de Beja sobre o rito e disciplina da Igreja na administração do Santissimo Sacramento da Eucharistia por viatico em Ambulas Viatorias. (em data de 25 de Março de 1784.) *Lisboa : na Officina Regia*, 1784. 8.° de 52 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja sobre as virtudes da Ordem Natural. (em data do 1.° de Abril de 1785.) *Lisboa : na Officina Regia*, 1785. 8.° de 70 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja sobre a confiança na Divina Providencia. (em data de 15 de Outubro de 1785.) *Lisboa : na Officina Regia*, 1786. 8.° de 40 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja sobre os Estudos Fysicos do seu Clero. (em data de 25 de Janeiro de 1786.) *Lisboa : na Officina Regia*, 1786. 8.° de 53 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja sobre o Catecismo. (em data de 28 de Maio de 1786.) *Lisboa : na Officina Regia*, 1786. 8.° de 101 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja sobre a Justiça Christã. (em data do 1.° de Janeiro de 1788.) *Lisboa : na Officina de Simão Thaddeo*, 1794. 8.° de 52 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Bispo de Beja sobre a modestia dos vestidos do Clero. (em data de 22 de Abril de 1788.) *Lisboa : na Officina de Simão Thaddeo*, 1792. 8.° de 117 pag.

Saudação Pastoral do Ex.mo e R.mo Bispo de Beja no fim da sua Visita geral, em o anno de 1788. Lisboa : na Officina Regia, 1793. 8.° de 106 pag.

Cuidados Litterarios do Prelado de Beja em graça do seu Bispado. (em data de 8 de Dezembro de 1788.) *Lisboa : na Officina de Simão Thaddeo*, 1791. 4.° de 552 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Bispo de Beja sobre alguns pontos da Disciplina Ecclesiastica. Lisboa : na Officina Regia, 1790. 8.° de 34 pag.

N. B. Com esta Pastoral se distribuírão as *Orações para antes*

SIXM 01

tes da Communhão : a que se segue : *Ritus in prima communione puerorum* : *Ritus quando pueri præsentantur in Ecclesia a parentibus.* Impressas em Lisboa : *na Officina Regia*, 1790. 21 pag. *Formulario para se observar nas Estações pelos Reverendos Parochos da Diecese de Beja. Lisboa* : *na Officina Regia*, 1789. 4.° de 7 pag.

Saudação Pastoral do Ex.mo e R.mo Bispo de Beja a seus Diccesanos. Lisboa : *na Officina Regia*, 1790. 8.° de 27 pag.

N. B. Com esta Pastoral se distribuírão os seguintes Opusculos : *Preparação para a Confissão*, *Actos das Virtudes Theologaes*, e *Orações para se dizerem cada dia*, *e no tempo da Missa*, *pelo Povo que não tem maior instrucção. Para o Bispado de Beja. Lisboa* : *na Officina Regia*, 1789. de 34 pag. *Salmos de David* (he a traducção de oito Salmos). *Lisboa* : *na Officina Regia*, 1790. de 12 pag. *Meditações sobre o Padre nosso*, *tiradas de diversos Autores. Lisboa* : *na Officina Regia*, 1789. de 14 pag. *Retrato de Jesu Christo Bem nosso*, *copiado das Santas Escrituras e de sabios Doutores*, *para conciliar o seu amor. Lisboa* : *na Officina Regia*, 1789. de 16 pag. *Traducção do Salmo Miserere mei Deus. Lisboa* : *na Officina Regia*, 1789. 4.° de 3 pag.

Vida Christã. Lisboa : *na Officina de Simão Thaddeo*, 1792. 8.° de 61 pag.

N. B. Foi huma industria Pastoral (assim escreve o Ex.mo Sr. Bispo Eleito Provisor,) *com que Sua Ex.a quiz atalhar a inquietação que principiava*, *quando appareceo o P. Pereira com a explicação da Protestação da fé.*

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Bispo de Beja, *pela qual manda se fação em sua Diecese Preces publicas e particulares a Deos Nosso Senhor*, *pela esperada felicissima successão desta Monarchia.* (em data de 7 de Dezembro de 1792.) *Lisboa* : *na Officina de Simão Thaddeo*, 1792. 8.° de 21 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Bispo de Beja, *em que manda se rendão acções de graças a Deos Nosso Senhor*, *pela gloriosissima Real Successão da Monarchia Portugueza.* (em data de 5 de Abril de 1793.) *Lisboa* : *na Officina de Simão Thaddeo*, 1793. 8.° de 13 pag.

Carta do Ex.mo e R.mo Bispo de Beja, *e outras Instrucções sobre os*

os trabalhos presentes da Santa Igreja. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo, 1794. 4.° de 13 pag.

N. B. Segue-se: *Piedade Christã.* de 53 pag. *Preces a Deos Nosso Senhor pelo trabalho actual da Santa Igreja, e que pide cada hum dizer em particular.* Ibid. 1794. 4.° de 8 pag.

Excellentissimo et Reverendissimo Episcopo Castrensi S. Episcopus Pacensis. M. S.

N. B. Desta Obra dá noticia o Ex.mo Sr. Bispo Eleito Provisor, dizendo que *he huma Epistola Latina bastante extensa, di igida ao Bispo de Castres, o qual com a sua familia e alguns Conegos emigrou para a Hespanha, onde não foi muito bem acolhido; e recorreo a Portugal, passando por Beja, até fixar-se em Alcobaça. He esta Carta verdadeiram nte fraternal: hum Bispo consola outro Bispo nos seus trabalhos, e anima-o ao sofrimento pela causa da Religião. Discorre como Theologo e como Politico sobre os erros do tempo, e causas da perseguição.*

Sisenando Martyr. Beja sua patria. 4.° M. S.

N. B. Desta Obra tambem dá noticia o Ex.mo Sr. Bispo Eleito Provisor, dizendo que contêm a Vida do Diacono Sisenando, natural de Beja, que indo a Cordova por causa dos Estudos, intrepido professou na presença dos Arabes a Religião de Jesu Christo, e foi por isso preso e degolado. Esta pequena Historia dá occasião a Notas copiosas, nas quaes o Autor incluio o que pertence á illustração das antiguidades de Beja.

Instrucção Pastoral do Sr. Arcebispo de Evora. (sem data, nem rosto.) *Lisboa: na Officina Regia*, 1808. 8.° de 125 pag.

Instrucção Pastoral do Sr. Arcebispo de Evora. (sem data, nem declaração do anno da impressão, ou de Officina.) 8.° de 88 pag.

Pastoraes do Sr. Arcebispo de Evora no tempo da invasão dos Francezes.

N. B. São duas, ambas manuscritas, a primeira em data de 30 de Julho, e a segunda de 6 de Agosto de 1808.

Memoria dos trabalhos que sofreo o Sr. Arcebispo de Evora, desde a invasão dos Francezes naquella Cidade. 1808. M. S

Pastoral saudando os seus Diecesanos, depois de ser restituido a el-

elles, salvo dos perigos que tinha corrido na desgraça de Evora, e na sua prisão em Beja. Datada de Abril de 1811.

N. B. Desta Pastoral dá noticia o Exmo Sr. Bispo Eleito Provisor, dizendo que he extensa, e que está pronta para a impressão.

Provisão de 21 de Setembro de 1811, pela qual ha por bem instituir huma Bibliotheca publica na Cidade de Evora, e dar-lhe regulamento. M. S.

MEMORIAS
DA
ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

MEMORIA
Sobre as Boubas

POR

BERNARDINO ANTONIO GOMES.

INTRODUCÇÃO.

A ENFERMIDADE denominada Boubas, que faz o assumpto deste Ensaio, he hum flagello da escravatura no Brazil. Não se entra em engenho algum ou fabrica de Assucar, onde se não tenha o dissabor de ver numerosos Pretos cobertos de sórdidas ulceras boubosas, languidos, e interditos muitas vezes do uso de seus membros. Alguns destes são victimas do seu mal; outros ficão estropiados para sempre, e os que chegão a curar-se, por muito tempo tem estado incapazes de trabalhar, com grande damno da Agricultura

do Brazil, onde ha tanta necessidade de braços, quanto o paiz he vasto e pouco povoado.

Não he porém sómente nos Pretos que se observa esta enfermidade. Os privilegios, que na ordem social provêm da differença de côr, não são reconhecidos igualmente pela Natureza na distribuição das enfermidades: tambem os Brancos a padecem, se se expoem a contrahilla, e não he raridade encontralla nestes, ou sejão indigenas, ou naturalizados. Eu tambem a observei nas tripulações dos navios de guerra poucos mezes depois que aportou ao Brazil a Esquadra Portugueza, que em 1797 demandou aquelle paiz.

Se, além da trivialidade das Boubas no Brazil e nas Possesões Portuguezas em Africa, se notar, que ellas ainda não forão descriptas por Medico algum, de que eu tenha noticia; que o que diz Pisão na Medicina Braziliense, e Sauvages na sua Nosologia, he tão escasso, e tão vago, que não póde guiar o Pratico no tratamento desta enfermidade; que, por este motivo ou por falta de observações, he empirico, e muito imperfeito o tratamento, que commumente se lhe costuma fazer naquelles paizes, e que eu mesmo por imitação, e por falta de experiencia propria, infaustamente executei no primeiro doente de Boubas, que tratei: attento tudo isto, não póde deixar de merecer algum apreço qualquer informação prática, por incompleta que seja, ácerca desta enfermidade. He nesta persuasão que me animei a expôr nesta sabia Companhia o resultado de algumas investigações, que fiz ha quatorze annos; he ainda mais com o intento e esperança de excitar os Praticos daquelles paizes a fazer, e a communicar ao Público novas e mais luminosas observações sobre aquella e sobre outras enfermidades endemicas do Brazil, taes como os Bocios de S. Paulo, as Erisipelas e Sarcomas do Rio de Janeiro, as ulceras que no Brazil chamão Formigueiros, a notavel enfermidade denominada Corrupção, &c.

DAS

DAS BOUBAS.

SECÇÃO I.

CAPITULO I.

Noções preliminares desta enfermidade.

HE da numerosa e mal conhecida tribu das doenças cutaneas e chronicas a que nos Dominios Portuguezes Ultramarinos denominão Boubas, e que nelles presentemente se observa endemica.

2. Os Brancos e os Pretos são sujeitos a padecella; nestes porém observa-se tão frequentemente, que parece serlhes particular. Em Africa, segundo me disserão, he tão trivial nelles, que poucos deixão de a padecer em algum periodo da vida.

3. Não pude saber em que época se manifestou pela primeira vez nos diversos paizes, em que hoje se observa: reflectindo porém que he muito mais familiar aos Pretos que aos Brancos (§. 2.), parece verosimil, que he indigena de Africa, e que dalli foi transmittida com a Escravatura para o Brazil.

4. Observa-se mais frequentemente na mocidade, e ainda mais na tenra idade; todavia as idades provectas não são inteiramente isentas della.

5. De todos os doentes de Boubas, que vi, e dos que as tinhão tido, e que inquiri sobre a reassumpção desta enfermidade, nenhum me disse que a tivera mais de huma vez; vi mesmo duas crianças irmãs, das quaes huma a tinha tido, e a outra estava doente della; comião, vivião,

e dormião juntas; a primeira porém não a contrahio de novo no espaço de varios mezes, que tinha então de duração a doença da segunda: sendo mais que verosimil, que ella teria tido alguma arranhadura, ferida, ou ulcera, por onde o virus podia inocular-se. Não me esquece que hum habil Cirurgião do Rio de Janeiro, Luiz de Santa Anna Gomes, me asseverou, que já tinha visto casos de reassumpção; todavia pelas multiplicadas indagações que fiz, e por esta molestia, sendo maltratada, curar-se algumas vezes apparentemente, e manifestar-se algum tempo depois; persuado-me que os casos de reassumpção são tão raros, e por ventura ainda mais que nas Bexigas. Submetto todavia ainda o meu juizo ao resultado de escrupulosas observações, a não ser de inoculações artificiaes, pois só estas ou aquellas podem resolver completamente estas, e outras importantes questões a respeito das Boubas.

CAPITULO II.

Descripção das Boubas.

6. DIstinguem-se no Brazil duas especies de Boubas. A primeira, que chamão Boubas seccas, consiste em pequenos tuberculos cutaneos, lenticulares, de côr encarnada escura, e ás vezes roxos, dispersos pela cara, mãos, e outras partes do corpo, sem dor, sem prurido notavel, e taes em fim que nunca supurão.

7. Eu vi varias vezes sobrevir esta molestia a pessoas, que tinhão usado do mercurio por causa de enfermidades venereas; e não he raro encontralla particularmente no Brazil, nas pessoas que tem sido inficionadas de virus venereo. Hum mancebo de constituição delicada, apresentou-se-me no Hospital Militar do Rio de Janeiro com cancros venereos, impossibilitado de andar, com dores nocturnas pelas extremidades, glandulas parotidas e maxillares intumecidas, e febre. Pelo uso de varios remedios, dos quaes hum

hum e o principal foi mercurio, consegui em pouco mais de hum mez pôlo a pé inteiramente bom. Fosse porém, ou porque logo que cessou do uso de remedios, começou a expôr-se ao ar livre sem cautela, ou por outra causa, passados poucos dias estava coberto, principalmente pelo rosto, de Boubas seccas (§. 6.). Esta especie de Boubas he essencialmente differente da seguinte, e por isso he estranha ao meu assumpto.

8. A segunda, que por ser talvez a genuina, e mais formidavel, chamão simplesmente Boubas, tem tres periodos. No primeiro manifesta-se por pequenos tuberculos cutaneos semelhantes aos mencionados (§. 6.), com a differença de terem a côr natural da pelle, e serem mais dispersos, e mais amplos: entre estes apparecem algumas vezes papulas arrebanhadas bem como nas affecções herpeticas. Tanto as papulas como os tuberculos, pouco depois de assomarem, apresentão na superficie huma crosta furfuracea, tem pouco ou nenhum prurido, e não tem o rubor e symptomas inflammatorios, que acompanhão os herpes.

9. No segundo periodo, que não tarda em succeder ao primeiro, a superficie de cada tuberculo torna-se em huma ulcera circular, que cresce até á grandeza de huma moeda de 240 réis, muito pouco dolorosa, e coberta de huma materia lardacea muito tenaz, que sobrepuja a pelle. Se por meio dos remedios detergentes se consegue remover a maior parte desta materia, observa-se por entre os restos della huns grãosinhos carnosos e rubros, que imitão de alguma sorte os acinos de huma amora ou morango.

10. No terceiro periodo, que se observa, quando o mal se tem inveterado ou prevertido por hum tratamento incompetente, apparece hum novo symptoma, o mais contumaz e o mais incommodo desta enfermidade. Brotão pelas plantas dos pés certas excrescencias, que chamão cravos, pela semelhança que tem com as excrescencias deste nome, que nascem pelas mãos em muitas pessoas. São os cravos humas carnosidades, hum pouco duras, do diametro de

de huma ou duas linhas, que parecem nascer da pelle, mas por baixo da cutis, a través da qual se manifestão e sobrepujão muito pouco. A sua extremidade, que he da côr da pelle, he escabrosa tirante á superficie das amoras. A cutis, que cerca o cravo, não adhere a elle, e este não doe senão comprimindo-se. Não ha no lugar delle ulcera alguma.

11. Os cravos remanecem muitas vezes depois de cicatrizadas as ulceras boubosas. Eu vi hum mancebo, que tinha tido Boubas, das quaes não conservava vestigios; tinha as plantas dos pés tão cheias de cravos, e era tão incommodado delles, que mal podia andar.

12. Não vi em Boubento algum cravos senão nas plantas dos pés, nem carnes fungosas senão as descriptas (§. 9.).

13. Dão commumente a huma das ulceras boubosas o nome de mãi das Boubas: ordinariamente esta não differe das outras senão em ser maior; observei porém duas vezes que as ulceras boubosas, quando se manifestão nas plantas dos pés, são mais irregulares, e profundão ao inverso do que se observa no resto do corpo (§. 9.); em hum destes casos podia-se chamar com alguma propriedade mãi das Boubas a ulcera do pé, porque precedeo ás Boubas mais de hum mez, resistio a todos os remedios, e só depois de curadas as Boubas he que cicatrizou perfeitamente, tendo até então feito por vezes cicatrizes falsas.

14. Todo o exterior do corpo humano he susceptivel destas ulceras; as nádegas porém, cara, escroto, e membro viril são mais sujeitos a ellas, principalmente estas duas ultimas partes, onde frequentemente são mais copiosas, e onde algumas vezes exclusivamente se manifestão. Na glande e face interna do prepucio jámais vi ulcera alguma boubosa. O interior das partes genitaes das mulheres, segundo me informou hum Preto casado, cuja mulher tinha tido Boubas, tambem parece ser exempto dellas.

15. Alguns Boubentos queixão-se de dores pelas extremidades; este symptoma porém não me parece ser constan-

tante ou essencial; era porém mais notavel nos que tinhão usado intempestivamente de mercurio e topicos repellentes, ou que parecião ter complicação de outra molestia. As dores boubosas assemelhão-se ás venereas pelas exacerbações nocturnas, e por infestarem tambem os ossos longos; notei porém que aquellas atacavão mais as aponevroses e pequenas articulações dos pés e mãos, e que algumas vezes imitavão perfeitamente a Gota, como se vê na observação seguinte. Hum sujeito, achando-se com ulceras boubosas, começou a curallas com topicos taes que logo se cicatrizárão; após disto sobrevierão-lhe dores crueis pelas canelas e pelos pés com inchação e huma extrema sensibilidade nas pequenas articulações. As dores e inchação transportavão-se de hum pé para o outro, e dos pés para as mãos; de noute exacerbavão-se, e erão acompanhadas de indisposições de estomago: tornárão a manifestar-se as Boubas, ao mesmo passo se dissipárão as dores: usou novamente dos remedios topicos; á proporção que diminuia a supuração, crescião as dores. Não sei bem, que remedios depois empregou além de varios purgantes, e de banhos de differentes hervas; sei só que passados mezes melhor estava, mas andava ainda com muita difficuldade. He de notar que o pai deste doente, segundo este me disse, padeceo dores pelas extremidades inferiores, que forão rebeldes a todos os remedios; além disto o mesmo doente era costumado a hum exercicio grande, de que de repente se tinha abstido, sendo ao mesmo tempo affectado de disgostos. ¿Havia nesta enfermidade complicação de Boubas, e Arthritis; de Boubas, Gallico, e Arthritis; ou era ella a Arthritis Americana de Sauvages?

16. As Boubas ordinariamente não são acompanhadas de febre, nem de fastio; a lingua porêm costuma observar-se branca, e as urinas são pallidas.

CA-

CAPITULO III.

Analogia das Boubas com o Pian e o Yaws.

17. SE se attenta na historia e symptomas das Boubas, e se confrontão com os do Pian e do Yaws, acha-se tanta analogia entre estas tres enfermidades, que não podem deixar de reputar-se especies do mesmo genero, ou meras variedades da mesma enfermidade. Todas tres parecem oriundas de Africa (§. 3. (*a*)); são mais particulares aos Pretos (§. 2. (*b*)); grassão mais nas primeiras idades (§. 4. (*c*)); atacão com particularidade as mesmas partes do corpo (§. 14. (*d*)); não se padecem mais de huma vez na vida (§. 5. (*e*)); em todas ha carnes fungosas com hum particular e semelhante aspecto (§. 9. (*f*)); todas em fim são igualmente contagiosas, e curão-se semelhantemente (*g*), como adiante se verá.

18. He certo que ha differenças notaveis no aspecto de todas tres. No Yaws e Boubas não ha commumente, como no Pian, aquella ulcera phagedenica e desfungosa, que chamão *mamapian*. As Boubas e o Yaws são muito mais semelhantes; todavia os fungos das Boubas parecem differir alguma cousa dos do Yaws, e eu nunca vi que os pellos proximos das ulceras boubosas se fizessem brancos, como suc-

(*a*) Lorry de Morb. cut. pag. 391 e 394.

(*b*) Oecl., Historiador Philos., diz que todos os Negros das Ilhas da America Septentrional tem huma vez na vida o Pian. Lorry diz quasi o mesmo do Yaws pag. 389, e igualmente o Dr. Hunter *Obs. on the Diseases of the Army in Jamaica* pag. 306.

(*c*) Lorry pag. 389.

(*d*) Lorry pag. 390.

(*e*) *Med. prat. de Cull. par Bousq.* pag. 703. Hunt. l. c. Plenck. *De Morbis cutaneis* pag. 101, Lorry pag. 390.

(*f*) Lorry art. 8. de *Yaws*, e art. 9. de *Epian*. Coll. obr. cit. pag. 701 e 703.

(*g*) Os mesmos l. c.

cede no Yaws (*a*). Talvez estas differenças sejão meramente accidentaes, e devidas á diversidade dos alimentos, como presume Lorry (*b*). Esta conjectura he summamente verosimil, porque estas tres enfermidades, sendo oriundas de Africa, e particulares aos Pretos, e aportando estes todos os annos ao Brazil, S. Domingos, e Jamaica a milhares e indistinctamente de todos os Reinos d'Africa, jámais eu vi no Brazil o verdadeiro Yaws ou Pian, nem M. Virgilio em S. Domingos as Boubas ou Yaws (*c*), nem na Jamaica se tem visto o Pian ou Boubas (*d*). Parece por tanto que a mesma enfermidade toma a fórma de Boubas no Brazil, do Pian em S. Domintos, e do Yaws na Jamaica.

19. Cumpre pois classificar as Boubas com o Pian, e o Yaws no mesmo genero Frambæsia dos Nosologistas ou Systematicos (*e*), e reconheeer actualmente tres variedades, que se podem denominar Frambæsia ou Boubas de Guiné, Boubas de S. Domingos, e Boubas do Brazil.

CAPITULO IV.

Das causas occasionaes das Boubas.

20. SE nos Pretos grassa mais esta enfermidade que nos Brancos, não se póde deixar de ter por causas, ao menos predisponentes, as circunstancias morbificas, que occorrem mais naquelles que nestes.

21. A qualidade dos alimentos, de que se nutre aquel-

(*a*) Cull. obr. cit. 2. t. pag. 701.
(*b*) Obr. cit. pag. 394.
(*c*) Lorry pag. 394.
(*d*) Lorry l. cit.
(*e*) Sauvages, Macbride, Cullen, Plenck. O nome generico *Frambæsia*, dado por Sauvages, he muito proprio, porque convem a todas as variedades: parece que foi derivado da palavra Franceza *framboise*, que significa medronho: dá por tanto idéa do symproma caracteristico de todas ellas, pelo qual os Negros d'Africa lhe chamão Yaws, que significa medronho, e os de S. Domingos Pian, que significa morango. Sauvag. Nosol. pag. 778 e 779.

la miseravel porção da Especie humana, he a primeira, que se faz suspeita. Na Africa os Pretos nutrem-se principalmente de alimentos crassos e farinhosos, já da classe dos legumes, como mangaló *Dolicos lablabb* de Linneo, mandubi d'Angola *Glicine subterranea* L., guandos *Cytisus cajan* L., differentes sortes de feijão *Phaseolus vulgaris* L., mundubi *Arachis hypogæa* L. &c.; já da classe das raizes tuberosas, como batatas *Convolvulus batatas* L, carás *Dioscorea aculeata*, *sativa*, *bulbifera*, &c.; aipim *Jatropha manihot* L. &c.; já dos cereaes, como lucú *Holcus*? L., massa *Holcus*? L., massango *Oriza*? L., e milho mays *Zea mays* (*a*), de que preparão mil azymas e indigestas iguarias; já da classe dos fructos, como bananas *Musa sapientum*, e *paradisiaca* L., cocos de dendé *Elæis Guineensis* L. &c. A sua bebida usual e estimada he huma especie de cerveja, que chamão aluá (*b*), com que frequentemente se embriagão. Por este bosquejo dos alimentos, de que usão os Pretos no continente d'Africa, fica manifesto que nelles ha de ser languida a excitabilidade, e que as primeiras vias ou canal intestinal ha de estar forrado de saburra, ou materia viscosa. Se não he por tanto instincto, he bom costume o que elles

(*a*) Desportes nota, que os Pretos da Nação Bambara, os quaes preferem o milho miudo e o mays aos outros alimentos, são os mais envenenados do virus bouboso; e que os frangos, perús novos, e outras aves domesticas são tambem sujeitas a Boubas, principalmente no tempo secco, e quando se nutrem de milho miudo, particularmente d'aquelle, que os Francezes chamão *petit mil à chandelle* (Holcus spicatus L.). *Hist. des Mald. de S. Domingos* t. 1. pag. 62 - 64.

(*b*) O aluá dos Pretos d'Africa faz-se do mays, lucú, e outros cereaes. Para o preparar reduzem qualquer d'elles a farinha, cozem-a em agoa, e depois, ajuntando-lhe mel, deixão-a fermentar por hum, dous, ou tres dias. O aluá de lucú he mais espirituoso, e embriaga mais. Todos os aluás ou cervejas Africanas são menos saudaveis que as Europeas, porque não levão amargo algum, que corrija a acescencia, e sustente a acção do estomago: ora quando na Europa « *nec convenit pituita laborantibus ob indolem viscosam . . . , hinc Zytopoiæ pituita laborant, quæ ventriculo, intestinis, & pulmonibus adhærens varias viscerum obstructiones, & morbos generat* » Plenck Bromatolog. pag. 384: que se não deve esperar do uso quotidiano do aluá, usando-se ao mesmo tempo dos referidos alimentos?

les tem, de condimentar os seus alimentos com algumas substancias, que esporeão o estomago, e corrigem desta sorte a qualidade crassa e inerte dos alimentos: taes são as pimentas conterraneas, *Capsicum annuum*, *baccatum*, &c. L., o giló *Solanum Æthiopicum* L., o gingibre *Amomum zingiber* L. &c. Assim elles não gostassem ao mesmo tempo, e não usassem tanto do crasso oleo ou, como lhe chamão, azeite de dendé, o qual não póde deixar de aggravar os inconvenientes da sua dieta.

22. O alimento dos Pretos no Brazil não he muito differente do Africano. Os mesmos legumes e raizes tuberosas (§. 21.), o mays, farinha de mandioca *Jatropha manihot* L., bananas, carne de vacca secca, e bagre secco *Silurus* . . . . L. fazem a principal parte do seu alimento. Bebem tambem aluá de arroz, mas muito mais a agoa-ardente, chamada cachaça, de que gostão apaixonadamente.

23. Do uso destes alimentos (§. 22.) não he de esperar huma disposição morbosa muito differente da mencionada (§. 21.). A farinha de mandioca, ainda que mais saudavel, e de mais facil digestão que os manjares de mays, pelo uso quotidiano, e pela indole glutinosa tambem hão de occasionar saburra mucosa de primeiras vias: ¿não o attestão bastantemente os vermes intestinaes, as oppilações, e outras doenças analogas, que não são raras nos Brazileiros, e que perseguem muito os Pretos?

A carne secca he hum alimento duro, e de difficil digestão; além disto tem hum cheiro ingrato, que indica certo gráo de ranço; não póde por consequencia ser hum alimento muito salutar. O grande uso, que se faz della no Brazil, he talvez huma das causas porque são tão triviaes, principalmente entre os Negros, ulceras de máo caracter, a Lepra, e outras doenças cutaneas.

O bagre, principalmente o amarello, he hum peixe muito pingue, ou como vulgarmente se diz, *reimoso*, e em geral as especies deste genero não dão hum muito bom alimento: talvez por isso fosse interdicta aos Judeos a es-

peeie *Silurus glanis* L. Se além disto notarmos que se usa do bagre secco, estado, em que he mais indigesto, e em que não raras vezes ha de estar rançoso (do que se prescinde quando he para o uso dos Escravos), devemos telo por tanto mais suspeito, quanto he certo que varias doenças cutaneas, e a mesma Lepra se tem visto provir do uso de peixe rançoso (*a*).

24. Estas reflexões dão hum ar de verosimilhança á opinião de Pisaõ, o qual se persuadia que as Boubas podem manifestar-se espontaneamente, usando-se de alimentos fétidos e salgados, e de bebidas rançosas e corruptas (*b*). Como porém esta enfermidade he das que se padecem huma só vez (§. 5. e 17.) na vida, e não repete ainda que, depois de curada, se continue no uso dos mesmos alimentos; parece que o alimento dos Pretos não póde senão predispôlos mais para ella, e que per si só não tem energia bastante para a produzir.

25. Entre as causas occasionaes parece-me, que não se deve omittir o clima. Apezar da frequente communicação dos Portuguezes da Europa com os habitantes dos climas quentes d'Africa e do Brazil, e apezar daquelles serem sujeitos ás Boubas no Brazil e Africa, nunca vi esta enfermidade em Portugal no decurso de quatorze annos, ou desde que a conheço e que regressei do Brazil. Parece que hum clima frio obsta ao seu desenvolvimento, e que por isso nos Estados Unidos he menos frequente que no Brazil e Africa, como affirma Swediaur. He talvez por isso que o Dinamarquez, que o Dr. Adams tratou do Yaws na Madeira, não sentio os effeitos do virus por espaço de dez mezes, que esteve na Europa, e começou a sentillos arribando á Madeira quando voltava para a America. Desportes diz, que em S. Domingos as aves domesticas são sujeitas a Boubas usando de certo alimento, principalmente no tempo quente.

26.

(*a*) Plenck Bromatolog. pag. 248.
(*b*) De Medic. Brazil. pag. 35.

26. A immundicie, em que vivem habitualmente os Pretos, he sem dúvida tambem huma das causas, que faz grassar as Boubas entre elles. Nada favorece mais a geração e contagio das doenças cutaneas, que a immundicie; e nada ha mais immundo, que o modo de viver, os habitos, e as sanzalas ou albergues dos Pretos.

27. A causa porém principal, e sem a qual talvez nunca se manifesta esta enfermidade, he o contagio. De quatro sortes parece que este se póde transmittir; por herança, amammentação, coito, e inoculação. Não tive occasião de ver doente algum manifestamente contagiado da primeira sorte, Pisaõ porém a reconhece (l. c.). Parece que por este modo o contagio envenena os primeiros rudimentos da máquina humana de huma maneira fatal, porque o mencionado Cirurgião (§ 5.) asseverou-me ter observado, que os filhos dos boubentos se fazião rachiticos, e morrião commumente antes da puberdade.

28. Do contagio por amammentação apenas vi hum exemplo, que me não pareceo inteiramente fóra de dúvida.

29. Em quanto ao coito, se se houvesse de dar credito ao célebre Author da Historia Philosophica das duas Indias, não deverião os Europeos ter o menor receio de se darem aos prazeres venereos com as Boubentas (*a*); parece porém que não só o Yaws ou Boubas da Jamaica se communicão desta sorte (*b*), mas tambem as do Brazil. Eu vi e tratei Boubentos, que parecião ter sido inficionados pelo coito. Deste modo a infecção não se manifesta tão prestes, como nas outras doenças contagiosas; o *minimum* de tempo, que intermedea desde a applicação do virus até á apparição de seus symptomas, he, segundo o que pude observar, de vinte dias, e o *maximum* de sessenta.

30. A inoculação he outro meio não menos certo que vul-

(*a*) *Les Européens ne prennent* jámais *ou* presque jámais *cette maladie malgré le commerce frequent, on peut dire journalier, qu'ils ont avec les Negresses.*

(*b*) Dr. Hunt. obr. cit. pag. 306.

vulgar, pelo qual se propagão as tres variedades de Boubas. He desta sorte que nas fabricas d'assucar do Brazil se multiplicão mais os doentes desta enfermidade. As moscas e os mosquitos são os indefessos inoculadores della. Como estes insectos gostão de pascer em todas as sortes de ulceras, e nos engenhos d'assucar encontrão sempre boubentos, inoculão incessantemente as Boubas vindo das ulceras boubosas pouzar sobre outra qualquer chaga ou ferida. Eisaqui porque em muitas crianças se manifestão Boubas pouco tempo depois de terem hido a algum engenho. « Crê-se mesmo que as moscas communicão a infecção (ainda sem haver chaga ou ferida), quando, depois de pascerem materia virulenta nas ulceras boubosas, picão a pelle dos sãos; basta, para que após esta inoculação se manifeste bem depressa a enfermidade, que haja no inoculado disposição favoravel para ella » (*a*). Tanto mais provavel he esta opinião, quanto he certo que as moscas, e muito mais os mosquitos no Brazil, e em todos os outros paizes entre os Tropicos, são tão copiosos como insupportaveis pelo continuo aguilhoamento, que he intoleravel ao mesmo gado vaccum e cavallar; e que na gente faz muitas vezes Erisipelas, e gottejar sangue. Ora se huma arranhadura feita com lanceta, que servio a evacuar as pustulas variolosas, he ás vezes quanto basta para inocular as Bexigas: ¿que se não deve esperar das ferretoadas dolorosas e cruentas daquelles insectos, que nas fabricas d'assucar sempre andão fartos e enlodados da materia ulcerosa dos boubentos?

Não havendo coito, ou inoculação, persuado-me que qualquer outro contacto não communica esta doença. O pai das duas crianças (§. 5.) dormia com ellas, e não tinha Boubas.

CA-

(*a*) Macbr. Medic. theor. e prat. 2. t. pag. 538.

CAPITULO V.

Da indole do virus bouboso.

31. PIsaõ (*a*) e Sauvages (*b*) tinhão esta enfermidade por venerea; tal he tambem, segundo me pareceo, a opinião geral dos Brazileiros, a qual tem por si a affinidade ou identidade das Boubas com o Pian e o Yaws (§. 19.), doenças, que alguns AA. modernos, como Swediaur, Bell, &c. reputárão venereas: ¿he ella porém bem fundada?

32. A affinidade, senão he identidade (§. 19.), das Boubas com o Yaws e o Pian, doenças, que o mesmo Sauvages (*c*) e outros Escritores (*d*) tem por diversas da venerea, não he a favor desta opinião. Além disto entre as Boubas e o Gallico parece haver huma notavel differença, porque 1.° as ulceras costumão ser corrosivas e profundas; pelo contrario as Boubas fungosas e elevadas acima do nivel da pelle (§. 9.): 2.° as venereas detergidas tem aspecto de huma simples ulcera; as boubosas sempre hum aspecto particular (§. 9.): 3.° quando o virus venereo se contrahe pelo coito, precedem frequentemente ulceras na glande e face interna do prepucio nos homens, e dentro dos grandes labios nas mulheres; mas outro tanto já mais se observa nos boubentos (§. 14.) (*e*): 4.° aos inficionados de Gallico vi no Brazil sobrevirem ulceras gallicas, e Boubas seccas (§. 6.); mas nunca as verdadeiras Boubas (§. 8. e 9.), as quaes de 50 a 60 doentes, que vi com ellas, em quasi todos provinhão de manifesta infecção boubosa: 5.° se as Boubas huma vez curadas não repetem mais, e o mal ve-

ne-

(*a*) L. c.
(*b*) Nosolog. Siphilis Indica, *Boubas* Hispanis, Mia Brasilianis pag. 783.
(*c*) Nosolog. pag. 777.
(*d*) Desport. obr. cit. pag. 62. Dr. Hunt. obr. cit. pag. 306.
(*e*) Nota-se que dos Pretos a Nação Bambara he a mais infestada do Pian, e que na maior parte não precede symptoma algum de Gallico, como Gonorrhea, Bubão, Cancros, &c. Desport. pag. 63.

nereo repete muitas vezes, a disparidade entre estas duas enfermidades he inquestionavel: 6.° o mercurio he remedio especifico do mal venereo, e, não havendo consideraveis symptomas inflammatorios, convem dar-se quanto antes; não he assim nas Boubas, como veremos, e da sua efficacia nesta doença não se póde colligir que he mais venerea do que algumas outras, em que elle he frequentemente proveitoso, e que não são commumente de qualidade venerea; v. gr. a Hepatitis, e o Tetano tão frequentes nos climas quentes, as mesmas Hydropesias (*a*), que talvez se curarião mais frequentemente se mais vezes se recorresse a este remedio.

33. Estas reflexões parecem refutar plenamente a opinião da indole venerea das Boubas, e constituilla huma enfermidade *sui generis*, como he a venerea, as Bexigas, &c.

CAPITULO VI.

Dos Prognosticos nas Boubas.

34. NÃo tive occasião sufficiente de determinar se as Boubas são susceptiveis de resolução, isto he, de se curarem antes ou no principio da supuração: como porém as observações antigas (*b*), e modernas tem mostrado que os remedios, que a seu tempo as curão, no principio são baldados, e não raras vezes nocivos (§. 38.); e como leio, que esta enfermidade se cura espontaneamente deixando-a aos meros esforços da Natureza debaixo do uso de bons alimentos, limpeza, e do regimen, que em geral se requer para lograr boa saude: parece que a resolução he para os conhecimentos actuaes impraticavel, e que a supuração he a sua

(*a*) Lind. *Essai sur les Malad. des Europ. dans les Pays chauds* 2. t. pag. 98.

(*b*) Piso l. c.

(*b*) Hunt. *Malad. vener.* pag. 409. Dr. Hunter *Obs. on the diseases*, &c. pag. 306. Cull. l. c.

sua natural e salutar terminação. Com effeito sendo muito verosimil que as enfermidades, que vem huma só vez, como esta (§. 5.), as Bexigas, o Sarampo, &c. precisão para izentar o individuo de nova infecção, que fação huma modificação na constituição physica, de sorte que lhe tirem toda a susceptibilidade, que havia, de as padecer; póde ser que esta modificação não possa effeituar-se sem supuração, ou que só esta seja o meio de destruir o virus bouboso, e a capacidade do sujeito para o receber. ¿Não será por falta de sufficiente supuração que as Boubas, curadas pouco depois da sua apparição, repetem? ¿Não será o mesmo nas Bexigas? talvez, se se fizessem averiguações, se achasse que o que tem esta enfermidade segunda vez, a tinha tido muito benigna na primeira.

35. Depois destas reflexões (§. 34.) julgo, que se devem considerar as Boubas como huma doença de alguma sorte crítica, e em que podem tambem distinguir-se os tres estados chamados de crueza, cocção, e crise; o estado de crueza abrange quasi todo o primeiro periodo (§. 8.); o da cocção abrange o resto deste, e o principio do segundo (§. 9.); o da crise o resto do segundo.

36. Em quanto ás evacuações naturaes notei, que hum sedimento branco nas urinas era vantajoso. Entre outras provas parecceeo-me concludente a observação de hum boubento, que, usando de huma tizana de folhas de caroba, e de raizes de salsaparrilha e da da horta, com hum electuario de caroba em pó, sulfato de magnesia, e polpa de canafistula, não se lhe soltava o ventre, mas tinha urinas mais copiosas com sedimento branco, e manifesto melhoramento das ulceras, o qual se fez estacionario por algum tempo, em que não se observou o sedimento.

37. As evacuações alvinas tambem são uteis nesta enfermidade; eu nunca as observei espontaneas, mas notei que as artificiaes crão sempre proveitosas durante a crise (§. 35.).

38. As Boubas, atacadas intempestivamente com mercurio, ou degenerão e se fazem rebeldes, ou sobrevem cra-

vos (§. 49.), ou insidiosamente se dissipão, para depois brotarem mais formidaveis. Creio que esta reapparição tem feito crer a alguns, que se podem contrahir as Boubas mais de huma vez, mas eu por ora tenho que estes novamente inficionados não são senão doentes, em que se tem obrado huma cura apparente. Sou desta opinião, porque vi huma criança de 5 a 8 annos, que havia trinta ou quarenta dias se tinha acabado de curar de Boubas por meio de mercurio, e que começava novamente a têlas, sem que se podesse suspeitar huma nova infecção, por ser esta impraticavel nas circumstancias, em que ella se achava.

39. A mal entendida reincidencia de Boubas (§. 28.) tem feito crer a muitos, que são hum mal incuravel; mas, não se tendo exasperado por hum tratamento incompetente, curão-se radicalmente em hum ou dous mezes depois da cocção da materia (§. 35.).

SECÇÃO II.

DO METHODO CURATIVO.

CAPITULO I.

Do regimen dos boubentos.

40. O Regimen ou o uso adequado das seis cousas chamadas *não naturaes*, he nesta, como em todas as outras enfermidades, huma parte essencial do methodo curativo.

41. Do que fica exposto he facil colligir a que elle se reduz. Como as Boubas não são acompanhadas de symptomas inflammatorios, mas sim dos que manifestão inercia de solidos (cap. 2.), e como os alimentos crassos predispoem para ella (§. 21. 24.), he claro que huma dieta corroborante e estimulante he a indicada. São por tanto conve-

venientes as carnes. Pisão recomenda as ferinas (*a*), ou, segundo eu interpreto, as dos animaes não domesticos, isto he, a caça. Com effeito estas parecem preferiveis porque são menos gelatinosas, e mais estimulantes; mas vacca, vitella, carneiro, e galinha são, segundo tem mostrado a experiencia, muito sufficientes. O peixe não parece ser conveniente, por ser alimento mucoso-gelatinoso (*b*). Dos alimentos vegetaes devem evitar-se os que são pezados ao estómago, os acidos, os oleosos. Pão de trigo, principalmente sendo abiscoitado, e ainda a farinha de mandioca torrada devem substituir-se na dieta do boubento ás preparações de mays, e a outros alimentos, que parecem predispôr para as Boubas (§. 20. 24.).

42. Esta sorte de dieta (§. 41.) deve ser acompanhada, até o estado de cocção (§. 35.), d'exercicio ou d'algum trabalho moderado. A limpeza do corpo, e o uso de ar puro são pontos de regimen, que nunca se devem postergar no curso desta enfermidade.

CAPITULO II.

Dos Medicamentos.

43. SEndo as Boubas huma enfermidade virulenta (§. 1. 43.), cuja crise se faz por huma erupção ulcerosa, e fungosa (§. 34.), tres indicações se apresentão para se executarem no methodo curativo; 1.ª facilitar a erupção benefica das ulceras boubosas, 2.ª e radicar o virus, 3.ª detergir as ulceras para se cicatrizarem.

44. A primeira indicação póde preencher-se pelos remedios, que excitão os vasos cutaneos. O guaiaco, o sas-

(*a*) L. c.
(*b*) *Indoles piscium est tenuis gelatina mucosa.* Plenck Bromat. pag. 246.

safraz, as raizes de salsaparrilha (*a*), bardana (*b*), japecanga *Smilax China* Lin., a caroba *Bignonia cærulea* Lin., a fumaria (*c*), o enxofre, &c. são simplices, com que se podem preparar differentes remedios adequados ao primeiro periodo desta enfermidade.

45. De todos estes simplices (§. 44.) o mais usado no tratamento das Boubas tem sido a salsaparrilha. No Brazil entra na composição das massas e farinhas de caroba, célebres remedios, com que se costuma tratar esta enfermidade. Na Ilha de S. Domingos hum Medico Inglez tinha huma infusão de salsaparrilha por superior a todos os remedios antiboubaes. Prepara-se esta tomando 12 onças de salsaparrilha, 12 de assucar mascavado, e 24 de agoa; e pondo tudo ao Sol em huma garrafa tapada por 15 dias. O boubento devia tomar quatro vezes no dia hum copo deste remedio, e abster-se de toda outra bebida. A flor de enxofre dá-se na Ilha de S. Domingos para promover a sahida do Pian: e o célebre Desportes tinha este remedio por superior a todos os outros para aquelle fim (*d*). Da caroba mais adiante fallarei.

46. Pelo que fica dito (§. 34. e 35.) podia deixar-se á Natureza o desempenho da 2.ª indicação, porque parece que a póde preencher por meio da supuração, como o pratica com o virus bexigoso, e ainda em alguns casos com o venereo; mas, segundo o que pude observar, a Natureza he tão vagarosa nesta operação, que se ella por si só a póde executar, gastaria tanto tempo, que faria perder a paciencia ao doente, quando não illudisse as suas esperanças.

(*a*) Para o Sul do Brazil não ha a verdadeira salsaparrilha *Smilax sarsaparilla*, mas ha huma planta, talvez nova especie do mesmo genero, cuja raiz he semelhante a da salsaparrilha no habito e qualidades sensiveis, e por isso lhe chamão tambem salsaparrilha; começa-se a substituir-se-lhe, e alguns dizem que a tem achado igualmente efficaz.

(*b*) Na Bahia e Rio de Janeiro não vi esta planta, mas encontrei muita na Ilha de Santa Catharina.

(*c*) Sauvages Nolog. pag. 779.

(*d*) Hist. des Mald. de S. Doming. 2. t. pag. 86.

ças. Felizmente a experiencia já nos fornece meios d' auxiliar efficazmente a Natureza nesta operação.

47. O Mercurio, judiciosamente applicado, he hum e o mais poderoso destes meios. Por todas as partes, em que se observão as tres sortes de Boubas, se usa do mercurio, e em todas se tem visto curas operadas por elle; mas muitas vezes este remedio não tem correspondido á expectação do Professor, e tem sido mesmo nocivo. Daqui vem que huns, que tem visto mais vezes os seus bons effeitos, reputão-o por especifico do *virus bouboso*; pelo contrario outros, que tem observado mais vezes os seus máos effeitos, condenão-o por illusorio, e como nocivo (*a*). De huma e outra parte se tem exaggerado muito os damnos e beneficios do mercurio. Sendo certo que elle muitas vezes tem curado radicalmente as Boubas no Brazil, Ilhas de S. Domingos, e Jamaica; não he menos certo, que muitas vezes he insufficiente e mesmo prejudicial. Eu vou referir algumas observações, que mostrão estes oppostos effeitos, e que podem servir para determinar, quando elle convem.

1.ª *Observação.* O primeiro doente de Boubas, que tratei, era hum marinheiro, que tinha estado em hum engenho de assucar, onde se tinha dado aos prazeres venereos com as Negras. Quando me consultou, havia hum mez que tinhão começado a manifestar-se-lhe as Boubas. Tinha então varias ulceras boubosas principalmente pelas pernas, nádegas, partes genitaes, e cara, e vinhão apparecendo novas Boubas; tinha juntamente dores pelas pernas com exacerbações nocturnas. Este doente em tempos anteriores tinha tido varias molestias venereas externas. Por todas estas circumstancias, e por suppor que as Boubas erão de indole venerea, como me fazião crer as noções vagas, que tinha collegido no Brazil, julguei que o mercurio era o remedio, a que devia recorrer, e em que podia pôr toda a confiança. Depois de lhe dar por algum tempo huma tizana de

(*a*) Dr. Hunt. Obs. on the Diseases, &c. pag. 307.

de salsaparrilha com sénne, lancei mão da dissolução espirituosa de solimão: durante o uso della erão profusos os suores, os quaes tinhão no principio máo cheiro. As ulceras erão curadas com agoa phagedenica. Por meio destes remedios dissipárão-se as dores, as Boubas porém tantas se curavão por huma parte, como brotavão por outra. Ultimamente começárão a apparecer cravos (§. 10.) pelas plantas dos pés, e a vir hemorragias pelo nariz: puz então de parte o solimão, e substitui-lhe tanto interna como externamente a caroba. Pouco tempo depois, tendo a Esquadra de desaferrar do porto do Rio de Janeiro, remetteo-se este doente para o hospital de terra sem dores, mas ainda com Boubas, e de mais com cravos nos pés. He de notar que este tratamento durou dous mezes.

2.ª *Observação.* Outro marinheiro algumas semanas depois de ter tido trato carnal com diversas Negras, começou a ter Boubas pelas coxas, braços, e pelle do membro viril, as quaes depois de tres ou quatro semanas principiárão a supurar; as do membro viril tinhão produzido huma tão grande phimose, que não era possivel descobrir-se a glande. Dirigindo-se immediatamente ao Cirurgião da náo, foi tratado, mas infructuosamente, como se tivesse cancros venereos. Hindo depois para o hospital militar, derão-lhe humas pilulas mercuriaes catharticas, e puzerão-lhe nas ulceras calomelanos com mel rosado, mandando-lhe banhar ao mesmo tempo a phimose com posca. No uso destes remedios começou a ter dores de cabeça, e pelo ventre; e no fim de hum mez não estava sensivelmente melhor das Boubas, e tinha de mais as dores: a phimose então formava huma inchação transluzente e elastica. Neste estado tomei-o a meu cuidado, e o puz no uso da tizana seguinte:

De

De raiz de salsaparrilha . . . . . } 1½ onça.
folhas de caroba . . . . . }
raspas de sassafrás . . . . . ½ onça.
Com q. b. d'agoa faça duas libras
de cozimento, por fim infunda de
folhas de sénne . . . . . ½ onça.
semente de funcho . . . . . 1 pugilo.
Coe, e ajunte de tartaro soluvel . . . ½ onça.
D. ½ libra de manhã e de tarde.

ao mesmo tempo mandei banhar quotidianamente em cozimento de caroba, huma vez todo o corpo, e varias o membro viril; mandei-lhe tambem pôr folhas de caroba em pó nas ulceras humidas, e extracto de caroba nas seccas ou crostosas. Neste uso fazia o doente duas ou tres dejecções por dia; as dores progressivamente se hião dissipando; a phimose desvanecia-se ao mesmo passo, e as ulceras detergião-se, e hião cicatrizando-se: algumas, que estavão mais fungosas, forão por dous dias dias tratadas com oxymel de verdete: recorrendo-se depois aos primeiros topicos, e continuando-se o uso da tizana, em vinte dias ficou inteiramente bom.

A estas observações deve juntar-se a de Hunter (*a*), que he notavel.

3.ª *Observação.* Hum Cirurgião n'America, tendo huma arranhadura em hum dedo, fez a huma Preta, que tinha o Yaws, a abertura de hum abcesso; finda a operação, advertio que huma pouca de materia tinha ficado sobre a arranhadura, e logo assentou que ficava inoculado: com effeito a arranhadura trinta dias depois ainda não tinha sarado, e cobria-se de tempos a tempos de escamas brancas, que por si se desapegavão e cahião. Assustado com estes phenomenos, pôz-se logo no uso de fricções mercuriaes, e de cozimento de salsaparrilha, mas inutilmente, porque apezar de

(*a*) Traité des Malad. venet. pag. 408.

de ter insistido por mais de hum mez nestes remedios, começárão a sahir-lhe tumores ao longo do braço, e sobrevierão-lhe dores osteocopas pela cabeça e extremidades, que o atormentavão de noute, e que chegárão a hum ponto quasi insupportavel: passados seis mezes de tormentos, de aturado uso de frieções mercuriaes, e de cozimento de salsaparrilha, manifestou-se huma erupção crostosa em differentes partes do corpo, principalmente pelas coxas e pernas, e juntamente exulcerárão-se os tumores, a que se seguio diminuição nas dores nocturnas; mais hindo as novas ulceras a peor, tomou a resolução de hir a Londres, onde o uso de mercurio calcinado na dose de $\frac{2}{7}$ gr. gradualmente augmentada até 5 gr., huma tizana de salsaparrilha, e dieta lactea em tres mezes lhe cicatrizárão as ulceras, e dissipárão todos os symptomas, á excepção de algumas gomas *nodus*, que lhe ficárão sobre a canella, e de ter dores rheumaticas em se expondo ao frio. He de notar que hum anno depois desta cura começou a sentir incommodo ao engolir, seccura nas fauces, e huma evacuação mucosa e viscosa da garganta e nariz, que continuava ainda quando Hunter escrevia.

48. Não accumularei aqui novas observações, que mostrem os damnos ou insufficiencia do mercurio. São muito triviaes no Brazil, e occorrem no tratamento empirico das Boubas pelas massas e farinhas de caroba, como no caso da criança boubenta do §. 38. &c.: ajuntarei tão sómente huma propria, que mostra a efficacia do mercurio.

Obs. Antonio Nunes Ferreira, de idade de 13 annos, page da náo Conde D. Henrique, e natural de Lisboa, havendo seis mezes que tinha estado em hum engenho d'assucar, onde havia Boubas, veio para a náo com dous cravos na planta de hum pé, proximamente aos dedos; escaldou depois a extremidade deste pé, donde resultou huma ulcera cutanea, que, apezar dos remedios topicos, não acabava de cicatrizar-se; no fim de mais de dous mezes fez huma cicatriz falsa, e pouco depois começárão a sahir-lhe

Bou-

Boubas, das quaes, quando mas mostrárão, algumas estavão já no segundo periodo (§. 9.). Não havia neste doente symptoma algum, que suggerisse outras indicações mais qua as das Boubas: conseguintemente mandei-o pôr no uso de huma tizana de raiz da China e de fumaria; ao 6.° dia quasi todas as Boubas estavão muito grandes e muito lardaceas. Mui poucas se manifestavão de novo. Sentindo-se languido, e queixando-se de ter de noute algumas dores pelas canellas das pernas, mandei-o tomar de manhã e de tarde, além da tizana, $\frac{1}{2}$ oitava de electuario composto de huma onça de folhas de caroba em pó, $\frac{1}{2}$ oitava de calomelanos, e xarope simples. Ao 9.° dia, sem dores, mais Boubas, 2 ou 3 dejeções por dia, mais vigor. Ao 11.° suspendi-lhe o electuario, por trazer o ventre muito solto; mais Boubas, e sentia-se melhor. Ao 13.° ainda soltura de ventre; tizana de salsaparrilha e de caroba, em lugar da de fumaria, &c. Ao 17.° sem novas Boubas; as que havia, mui lardaceas; a mesma tizana, balsamo mercurial para lavar as ulceras maiores. Ao 20.° ventre ainda lubrico; ulceras mais limpas, algumas doridas; unguento mercurial com $\frac{1}{4}$ de mercurio precipitado branco em lugar do balsamo mercurial. Ao 24.° ulceras hum pouco sordidas, ventre natural; electuario do dia 6.°, tizana de caroba, balsamo mercurial. Ao 25.° ulceras detergidas com materia mui viscosa; tizana, electuario, externamente unguento mercurial do dia 20.°. Ao 36.° quasi todas as ulceras cicatrizadas; algumas tão lizas, que só differião do resto da pelle pela côr encarnada; outras ainda asperas ou crostosas; a ulcera do pé muito diminuta; o doente fazia duas ou tres dejeções por dia; os mesmos remedios internos; unguento mercurial do dia 20.° para a ulcera do pé; balsamo mercurial para as ulceras asperas ou crostosas. Ao 38.° o pé quasi bom; por estar sordido o doente lavou-se todo neste dia com agoa morna e sabão; os mesmos remedios. Ao 39.° inteiramente bom; todavia os mesmos remedios. Ao 46.° apparecêrão entre o pollex e o index da mão esquerda humas pequenas pustulas

herpeticas, em que fiz pôr o unguento mercurial do dia 20.°; os mesmos remedios. Ao 48.° algumas pustulas herpeticas pelo corpo; as da mão dissipadas. Lavou-se novamente o doente em agoa morna; cozimento de salsaparrilha com nitro e oxymel simples. Ao 52.°, 14 de Agosto, completamente bom, com boa côr, e vigoroso, e assim se conservou por muito tempo, que esteve a bordo da náo.

Esta observação, que refiro com miudeza, como huma prova da efficacia do mercurio, parecerá talvez a alguns insufficiente, porque juntamente com elle usava de salsaparrilha e de caroba, das quaes esta passa no Brazil por especifico antibouboso; mas se se reflectir bem no grande uso, que fiz de mercurio, no immediato beneficio, que tirava delle, e no que adiante direi sobre a caroba, creio que poucos serão de differente parecer.

49. Se se reflectir nestas (§. 47. e 48.) e n'outras semelhantes observações, notar-se-ha sempre, que o mercurio he nocivo, ou faz huma cura apparente, quando he administrado muito cedo, ou antes que o virus se tenha arrojado sobre a pelle, e se tenha modificado ou evacuado por meio da suppuração; mas que depois deste periodo, ou quando se não manifestão novas Boubas, e as que ha, estão bem lardaceas, o mercurio he hum poderoso remedio antibouboso.

50. Collige-se daqui (§. 49.) quanto he importante distinguir a época, em que convem o mercurio. Eu não pude descobrir outros sinaes caracteristicos della senão os mencionados (§. 49.). O tempo, que tem durado a enfermidade, e que Plenck reduz a tres mezes (*a*), não he, quanto a mim, hum sinal seguro; porque, não sendo em todos os doentes uniforme a marcha desta enfermidade, póde antecipar-se e retardar-se a crise ulcerosa, ou, permitta-se-me dizer, a madureza das Boubas. Em caso de dúvida he melhor retardar que antecipar o uso do mercurio.

51.

(*a*) De morb. cutan. p. 102.

51. Este remedio administra-se nesta enfermidade como na venerea, isto he, dá-se internamente, ou por unções. No uso interno tem-se empregado differentes preparações, cada huma das quaes tem seus apologistas. Plenck, Lorry, e outros recommendão de preferencia o oxymuriato de mercurio (solimão) (*a*), mas eu, que não vi, nem li provas da sua excellencia nesta enfermidade, não julgo preferivel huma preparação, que carece de mais cautela.

M.r Conegú, célebre Cirurgião da Ilha de S. Domingos, preparava huma especie de mercurio doce, que alguns chamão calomelanos crús, e que era muito efficaz em Boubas (*b*). Eis-aqui o methodo de os preparar segundo Desportes:

Tome-se de oxymuriato de mercurio (solimão)
Azougue - - - - - - - - - aná q. q.
Triture-se em gral de marmore com mão de páo até á perfeita extincção; ajunte-se depois agoa bem quente, e agite-se esta mistura; deixando-a depois em repouso até se precipitar todo o pó indissoluvel, decanta-se a agoa. Repita-se esta lavagem duas ou tres vezes com agoa quente, e outras tantas com agoa fria; seque-se depois o residuo, pulverize-se, e deite-se-lhe em cima tanto espirito de vinho, que o cubra; ponha-se-lhe fogo, e, em quanto arde, mecha-se a mistura. Repita-se duas ou tres vezes esta combustão; o pó, que fica, são os calomelanos crús. A dose he, para os adultos, de 4 até 8 gr.

He claro que por este processo se obtem huma especie de mercurio doce ou calomelanos, mas não he menos manifesto que esta preparação he incerta, e daqui vem que

(*a*) Plenck. De morb. cut. p. 102. Lorry De morb. cut. 39.
(*b*) Desport. Obr. c. 2. t. p. 88.

ás vezes excita vomitos (*a*). Hum habil Boticario do Rio de Janeiro (Mathias de . . . .), que costumava fazer este preparado para o uso de hum Medico da mesma cidade, innovou o processo de M.r Conegú de sorte que era mais expedito, e dava hum producto, segundo me pareceo, mais uniforme, e, pelo uso que tinha, tanto ou mais efficaz. Eu exporia aqui a innovação, que elle fazia, e que obsequiosamente me manifestou, mas como a tinha em segredo, não devo trahir a confidencia, que me fez.

O oxydo de mercurio, que se denominava mercurio calcinado, he reputado por muitos Praticos Inglezes como a mais efficaz e mais certa das preparações mercuriaes (*b*). O Doente de Hunter (§. 47.) colheo algum beneficio della. A sua dose he gradual e progressivamente de $\frac{1}{2}$ até 5 gr.

O nitrico oxydo de mercurio (precipitado rubro ou pós de Joannes), apezar da sua causticidade, tambem se dá interiormente nas Boubas. Nas róssas e engenhos de assucar do Brazil costumão frequentemente dá-lo aos Pretos com banana ou gemma d'ovo, e não he raro darem em huma dose $\frac{1}{2}$ oitava. Parece-me que só a constituição muito pouco irritavel ou fleumatica de hum Negro (*c*), cujos intestinos, por effeito do alimento, estão mais forrados de muco, póde supportar sem damno este remedio em tão grande dose. Meio até quatro grãos são os limites ordinarios da dose desta preparação, que só convem a pessoas, cuja constituição seja ou se assemelhe á dos Negros.

De todas as preparações mercuriaes porém nenhuma he tão usada internamente nesta enfermidade como o submuriato de mercurio (mercurio doce ou calomelanos). No Brazil entra na composição das massas e farinhas de caroba, com que geralmente se costumão tratar as Boubas, e nas colonias Inglezas he tambem de uso geral (*d*). A pezar de

(*a*) Despott. l. c. p. 91 e 92.
(*b*) Lewis Connoiss. des Med. 2. t. p. 472.
(*c*) *Homo Afer, niger, phlegmaticus, laxus.* Linn. Syst. Nat. tom. 1. p. 29.
(*d*) Lorry l. c.

de ser a mais branda, tem mostrado a experiencia ser sufficientemente efficaz. Esta he a de que tão felizmente usárão o Dr. Massey (*a*), e o Anonymo, que descreveo o Yaws nas Actas de Edimburgo, onde affirma que nunca falhou (*b*). Isto porém na minha opinião não prova tanto a efficacia desta preparação, como o conhecimento que elle tinha da occasião propria para usar das preparações mercuriaes.

52. Seja porém qual for a preparação, que se escolha, cumpre dá-la de sorte que obre sobre toda a constituição, e extenda a sua acção salutar até ao systema cutaneo. Cumpre por isso que se dê no principio em pequenas doses, de sorte que não augmente notavelmente a evacuação alvina; no progresso porém do tratamento póde tornar-se suavemente purgante, ou entrepor-se-lhe purgantes, como adiante se dirá.

53. As unções mercuriaes erão mais usadas pelos Francezes nas suas colonias Americanas (*c*). Este methodo de dar o mercurio não he sempre o melhor (*d*); com tudo eu o tenho visto aproveitar, tendo-lhe precedido infructuosamente o uso interno de outras preparações mercuriaes, em caso de dores provindas do uso de topicos repercussivos. Neste caso se a salsaparrilha, a caroba, e o enxofre não fazem tornar á pelle as Boubas, cumpre usar das unções até excitarem ligeira salivação. He então que este methodo de dar o mercurio he preferivel, e tambem nos casos em que pela grande mobilidade peristaltica dos intestinos, não se pode fazer passar o mercurio por estes para as segundas vias.

54. Além do mercurio tem-se reputado cápaz de encher a segunda indicação (§. 46.) a caroba (*e*). As folhas deste vegetal em todo o Brazil, e nas nossas possessões Africanas empregão-se desde huma época immemorial no tratamen-

(*a*) Id. p. 391 e 392.
(*b*) Desportes l. c. p. 15 e seguinte.
(*c*) Desportes l. c. p. 85 e seguinte.
(*d*) Macbr. l. c. p. 598.
(*e*) *Bignonia Copaia* d'Aublet Flor. Guianensis.

mento das Boubas, e ainda que se não dão sem addição d' outros remedios, não passão menos por especifico desta enfermidade. Em Caienna e na Guiana, que hoje possuem os Portuguezes, parecem não ter menos reputação, porque os habitantes lhe chamão *Unguent Pian*, isto he, unguento das Boubas (*a*). Já se vio, que eu usei felizmente della no caso da 2.ª observação (§. 47.), mas não póde bem colligir-se daqui qual seja a efficacia absoluta deste vegetal. Eu intentei determinalla por huma experiencia, mas não me foi possivel dirigilla até ao fim; como porém assim mesmo imperfeita póde dar alguma idéa das virtudes deste remedio, referilla-hei, e depois direi o conceito, que formo delle.

Observação. Hum page da náo Conde D. Henrique, estando no Hospital com huma ulcera em huma perna, e convivendo muito com outro page doente de Boubas, começou hum mez depois de finda esta convivencia, a cobrir-se de Boubas e de papulas (§. 8.), que diariamente fazião progressos. Haveria hum mez que tinhão começado a apparecer as Boubas, quando o examinei; tinha já tomado algumas pilulas mercuriaes purgantes, mas poucas; nestas circunstancias principiei a dar-lhe internamente $\frac{1}{2}$ oitava de folhas de caroba em pó, duas vezes no dia, e cozimento simples de caroba: fazia-o banhar quotidianamente em cozimento desta planta, e mandava curar-lhe as ulceras com extracto da mesma. Nos primeiros dias não houve evacuação alguma notavelmente augmentada; continuárão-se os mesmos remedios, duplicando porém a dose de caroba em pó; após isto tinha ordinariamente duas evacuações alvinas por dia, passados porém alguns dias, foi necessario dar quotidianamente huma oitava mais de caroba para obter o mesmo effeito. Ao cabo de 20 dias tinhão sarado perfeitamente muitas ulceras, mas o resto não dava indicios de se aproximar da mesma terminação; entretanto as papulas multiplicavão-se, e ao mesmo tempo manifestavão-se pustulas sarnosas pe-

(*a*) Aublet l. c. p. 653.

pelas mãos. Neste tempo cessei de assistir ao meu doente; vi-o depois algumas vezes, e me disserão que continuava no mesmo methodo, mas com muita negligencia na applicação topica da caroba, e sem attenção alguma á evacuação alvina. Passados mais de dous mezes de uso de caroba, não havendo indicios de se poder curar só com ella, e achando-se além disto mais cuberto de sarna, entrou no uso de humas pilulas mercuriaes purgantes, curando ao mesmo tempo as ulceras com verdete. Por estes meios curou-se das Boubas, mas tinha o corpo tão coberto de ulceras sarnosas, que parecia ainda mais doente que com as Boubas.

55. Por esta observação, e pelo que notei em todas as occasiões que usei da caroba, estou persuadido que as folhas deste vegetal, cujo sabor he brandamente amargo, dadas interiormente são hum pouco purgantes, excitão a acção dos vasos cutaneos, ou obrão, se se quizer dizer, como expellente; applicadas porém topicamente possuem algum poder detergente, como se vê não só na observação precedente, mas tambem na 2.ª observação (§. 47). Não he por conseguinte improvavel que a caroba dada internamente com os diaforeticos, applicada depois topicamente, e auxiliada ultimamente com purgantes, e occasionalmente com algum escarotico, poderia curar as Boubas. He necessario todavia que se fação ainda observações assás numerosas, para estabelecer decisivamente este ponto de doutrina pratica.

56. Pelas noções, que acabo de dar da virtude antiboubosa do mercurio, e da caroba, póde bem avaliar-se a imperfeição do methodo Braziliano de tratar as Boubas pelas chamadas massas e farinhas de caroba. Estas duas composições constão em geral de caroba, e de salsaparrilha em pó, de calomelanos, e de alguns purgantes; estes simplices, reduzidos em electuario por meio de qualquer xarope, chamão-se massas, e misturados com carimá, ou outra farinha, constituem as farinhas. Eis-aqui huma formula das massas, que me communicárão no Rio de Janeiro.

De

De folhas de caroba, e de raiz de salsaparrilha em pó . . aã . . . . . 2 onças.
Folhas de senne, e de raiz de jalappa em pó aã 1 onça.
Calomelanos . . . . . ½ oitava.
Misture-se, e com xarope commum faça-se massa. Dose huma colhér, de manhã, e de tarde.

Eis outra formula, que o muito sabio e curioso Bispo d'Elvas o Ex.mo e R.mo Sñr. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho teve a bondade de me communicar como experimentada e efficaz.

De assucar mascavado em calda . . . . 9 onças.
Mercurio (calomelanos?) . . . . . ½ oitava.
Jalappa em pó . . . . . 6 oitavas.
Senne em pó . . . . . 2 oitavas.
Salsaparrilha em pó . . . . . 3 onças.
Farinha de mandióca fina . . . . . q. b.
Misture-se, e faça-se massa. Dose a mesma da precedente.

57. As mencionadas massas e farinhas de caroba dão-se sem attenção ao estado das Boubas, e, como era de esperar dos seus ingredientes, costumão soltar muito o ventre. Durante o seu uso tratão as ulceras com verdete. Por este empirico methodo curão-se algumas vezes as Boubas, mas frequentemente se repercutem ou suppitão, donde resultão dores osteocópas, ou huma reincidencia na mesma enfermidade.

58. A razão do inconstante effeito deste methodo manifesta-se bem pelo que fica dito. ¿Quem não vê que estas composições, nimiamente purgantes, dadas permaturamente, ou antes de se ter completado a erupção, e ulceração boubosa, estorvão ou suppitão esta, e fazem huma cura apparente, ou huma degeneração da enfermidade? Pelo con-

contrario se se derem, quando convem, o mercurio (§. 49.), e se regularem de sorte que soltem moderadamente o ventre, então podem curar.

59. Do que acabo de ponderar (§. 54. e 59.) colligese tambem que a caroba, á qual pelo nome daquellas composições se attribue principalmente a virtude dellas, não merece assás estas honras quando cura, nem vituperio quando falha; porque manifestamente tem mais parte no bom ou máo successo os purgantes e o mercurio, que fazem parte dellas.

60. Expostos os meios, que ha de preencher a 2.ª indicação (§. 46. e 59.), segue-se tratar dos meios de satisfazer a 3.ª e ultima (§. 43.), isto he, a cicatrização das ulceras. Esta indicação he facil de encher-se, quando se tem desempenhado a 2.ª, isto he, destruido o virus bouboso. He preciso pois, antes de attender á 3.ª, examinar se está satisfeita a segunda. Póde-se crer que está, se por sufficiente tempo se tem usado dos remedios competentes, se não apparecem novas Boubas, e se as que existem, se detergem facilmente, ou dão indicios espontaneos de quererem cicatrizar-se. Nestas circunstancias os topicos detergentes ou escaroticos, limpando as ulceras, e excitando huma boa suppuração, e os purgantes, augmentando a absorpção cutanea, e conseguintemente a cicatrização, finalizão a cura.

61. Dos detergentes os melhores são os mercuriaes, porque detergindo as ulceras, obrão juntamente como correctivos do virus. Por isso julgo que destes se póde usar muito mais cedo que de todos os outros: chego mesmo a crer, que com a simples applicação topica dos remedios mercuriaes, e algum purgante de tempos a tempos se podem curar as Boubas, e este seria o methodo, de que eu usaria nas crianças, ás quaes he difficil administrar remedios internos. Eu consegui tão bons effeitos do balsamo mercurial de Plenck (*a*), e do unguento mercurial com os calomelanos,

(*a*) Doutrina das Enferm. Vener. p. 214.

que julgo devellos recommendar, aquelle nas ulceras mais sordidas e fungosas, e este nas detergidas.

O pó, e o extracto das folhas de caroba são tambem detergentes destas ulceras (§. 55.), mas brandos, e a sua efficacia depende do estado da enfermidade.

Os topicos de cobre são os mais usados pelos Brazileiros no tratamento das ulceras boubosas. Não se vê boubento algum no Brazil, que não traga as ulceras cobertas de verdete; com effeito as preparações de cobre são excellentes corrosivos, e talvez pela sua virtude adstringente (*a*), ou sorbente accelerão mais, que as preparações de mercurio, a cicatrização das ulceras; mas por isto mesmo o uso, que geralmente se faz dellas, por prematuro he pernicioso. Eu vi varias vezes pelo intempestivo uso dos topicos de cobre desapparecerem muito depressa as Boubas, e sobrevirem dores pelas extremidades, cravos, &c.: por isso estes topicos não me parecem opportunos senão muito por fim, ou como recurso em algumas ulceras mais rebeldes.

62. Em quanto aos purgantes, os calomelanos, o senne, a jalappa, ou os que são indigenas do Brazil, a batata de purga (*Convolvulus operculatus* Mem. de Mathematica e Physica da Acad. R. das Sciencias de Lisboa t. 3. part. 1. Memorias dos Correspondentes pag. 27.), a casca da raiz de fedegoso bravo (*Cassia bacilaris* Linn.), o senne do Brazil (outra especie de cassia), que já he usado em Portugal, e que não differe do de Levante, senão em ser mais fraco, o sulfato de soda, de que abunda a Varzea do Salitre no Maranhão, &c. são dos melhores; e podem dar-se de dias em dias na sua ordinaria dose evacuante, ou, o que he melhor, em menor dose mas quotidianamente, de sorte que o doente faça diariamente huma ou duas dejecções mais do que naturalmente costuma.

63. Resta tratar dos cravos. Pelo que fica dito (§. 10.), he manifesto que estes são entretidos pelo virus bouboso pervertido. Quando ha pois este symptoma, e se não tem abu-

(*a*) Cullens A Treatise of the Mat. Med. vol. 2. p. 92.

abusado do mercurio, cumpre lançar mão dos mesmos remedios internos e externos (cap. 2.); accrescendo, quando este tratamento não he sufficiente, o uso de escaroticos fortes, como agoa phagedenica, agoa caustica para os condilomas de Plenck (*a*), pedra infernal, ou nitrito de prata, &c. Tendo-se porém abusado do mercurio, a salsaparrilha, a caroba, e os outros muitos remedios aqui indicados, menos o mercurio: a não ser como escarotico, são o recurso, que conheço, declarando com ingenuidade digna de assumptos medicos e de hum homem de probidade, que a minha experiencia a respeito dos cravos he nimiamente escaça para poder tratar bem esta parte do meu assumpto.

(*a*) Doutr. das Enferm. Vener. p. 212.

MEMORIA

SOBRE A DESINFECÇÃO DAS CARTAS.

POR BERNARDINO ANTONIO GOMES.

PROBLEMA.

„ ¿Será sufficiente para preservar este Reino da introducção do mal da Peste, ou da Febre amarella, dar alguns golpes nas Cartas, que vierem de partes suspeitas, e fumigallas sem as abrir, e sem mesmo passarem pelo vinagre? E passando-as pelo vinagre ¿poderá evitar-se que se abrão? „

Non fingendum, sed inveniendum.
Bac.

QUerendo o Governo deste Reino evitar que se abrissem, como manda o Regimento da Saúde do Porto de Belem, para depois passarem por vinagre, as Cartas vindas de lugares empestados, ou suspeitos, fez á Junta da Saúde os referidos quesitos, aos quaes a Junta, tendo por maxima a respeito de Peste, peccar antes por excesso de cautela, do que por ligeira negligencia, ou, não propôr ao Governo se não as mais seguras medidas, teve a honra de responder, que lhe não parecia haver perfeita segurança contra a introducção da Peste por meio das Cartas, sem estas se abrirem, porque podião encerrar amostras de cousas susceptiveis, que he necessario tambem desinficionar, e que se costumão desinficionar por processos differentes; e porque, ainda quando não tragão dentro cousas susceptiveis,

veis, mostra a observação, que ellas não são bem penetradas pelo vinagre; por cujos motivos, e por ser o vinagre o desinfectante das Cartas mais acreditado, julgava necessario abrillas, e passallas depois pelo vinagre como manda o Regimento da Saúde.

Desta opinião todavia não foi a frouxo toda a Junta; houve quem opinasse que não era necessario abrir as Cartas, e que bastava fumigallas pelo Processo desinfectante de Mr. Morveau.

A' vista destes pareceres o Governo, attendendo muito á reputação do Processo de Mr. Morveau, que mais e mais se tem acreditado contra os miasmas de diversas molestias contagiosas, e levado ao mesmo tempo do desejo de evitar, quanto he possivel, que se viole o segredo das Cartas, determinou que as Cartas, assim de lugares empestados como dos suspeitosos, se purificassem pelo Processo de Mr. Morveau, abrindo-se as dos lugares empestados, e golpeando-se somente as dos lugares suspeitosos.

A' primeira vista esta resolução pareceo-me perigosa, ou que podia ter hum dia consequencias mui funestas; porque, além de me não recordar então de observação, ou experiencia alguma, que mostrasse pratica e decisivamente que o poder deinfectante da *Chlorina* se extendia á Peste; dos lugares suspeitosos podião vir, antes de nos ser notorio que nelles se tinha manifestado a Peste, Cartas empestadas, e perfumando-se estas, golpeadas sómente e não abertas, parecia inverosimil que o gaz do perfume, que tende mais a elevar-se, que a insinuar-se lateralmente em espaços occupados por ar mais pezado, penetrasse pelos golpes, por onde mais facilmente havia de penetrar e mal penetra hum liquido mais pezado como he o vinagre.

Feitas estas reflexões, contra as quaes nada via indicado na opinião, que havia proposto o Processo de Mr. Morveau, e não querendo ainda assim em materia tão grave adoptar, ou rejeitar opinão alguma sem todo o possivel exame, propuz que se pedisse ao Governo a suspensão da

sua

sua Portaria a este respeito em quanto por experiencias, que se devião fazer, se não via se erão bem ou mal fundadas as minhas reflexões, e o meu receio. Conformando-se a Junta com este parecer, fez a mencionada Supplica, á qual o Governo, mostrando a prudencia que o caracteriza, immediatamente annuio.

Em consequencia disto o Ex.mo Marquez de Tancos, o Desembargador Bartholomeu Giraldes, o Primeiro Secretario Luiz Antonio Rebello, os Doutores José Pinheiro de Freitas Soares, Henrique Xavier Baeta, Ignacio Xavier, e eu concorremos no Laboratorio Chimico da Casa da Moeda, onde se fizerão as duas seguintes experiencias.

Experiencia 1.ª

Mettêrão-se e pozerão se a prumo em hum forno de Baumé Cartas abertas; deixárão-se por 5′ expostas á *Chlorina* desenvolvida pelo Processo de Mr. Morveau. Tiradas do forno observou-se, que algumas letras, que estavão mais perto da capsula fumigatoria, se tinhão tornado amarellas, e que as Cartas cheiravão fortemente á *Chlorina*.

Experiencia 2.ª

Praticando-se o mesmo, e por 10′ com huma Carta fechada, e traspassada com tres golpes parallelos, de huma pollegada cada hum, observou-se, que não só o sobrescrito mas tambem a Carta inclusa, posta longe do sobrescrito, cheirava por toda a parte ao perfume, muito menos porém que a da Experiencia 1.ª, e a letra estava sem alteração.

Levando para casa estas Cartas observei que ellas conservavão por longo tempo o cheiro do perfume, e que este, na Carta encerrada no sobrescrito, era mais forte nos primeiros seguintes dias, que no dia da Experiencia.

Estas duas Experiencias, contra a minha expectação, pa-

parecerão-me abonar a resolução do Governo; porque o cheiro do perfume, que se observava na Carta fechada, indicava que elle a tinha penetrado; e a maior intensidade do cheiro na Carta aberta, indicando que o Processo desinfectante he mais forte abrindo-se as Cartas, justificava o mandar se operar desta sorte quando as Cartas são mais suspeitosas.

Nestas circunstancias, pela gravidade da materia, e porque as illações e a opinião dos meus Sabios Collegas a respeito de se abrirem as Cartas, não se achavão identicas com as minhas, julguei necessario elucidar a questão por meio de novas experiencias.

Não sendo todas as Cartas de meia folha de papel como a da Experiencia 2.ª, e contendo algumas cousas susceptiveis, cumpria indagar o que succederia com Cartas mais volumosas, com as que recatassem cousas susceptiveis, e em fim como a *Chlorina* penetra as Cartas.

Para resolver estes problemas fiz no Laboratorio as seguintes experiencias, para as quaes, do mais bom grado, me franqueou tudo o que me foi necessario, o Doutor Gregorio José de Seixas, Ajudante do Director do Laboratorio.

Experiencia 3.ª

Tomei dous cadernos de papel; dobrei-os ao comprido; fechei-os com obreas em huma folha de papel; traspassei-os com quatro golpes transversaes de pollegada; metti-os no forno; e pullos obliquamente; fiz desenvolver por baixo da grelha a *Chlorina* misturando huma onça de sal commum com duas oitavas de Manganez (*morado* dos Oleiros), quatro oitavas d'agoa, e seis oitavas d'acido sulfurico; deixei-os no forno por 15′; abri-os depois; tirei-lhe o sobrescrito, e levando-os do lugar da experiencia para outra casa, eu, o Doutor Seixas, e hum Servente do Laboratorio, achámos que os cadernos de papel cheiravão por dentro á *Chlorina*.

Ex-

Experiencia 4.ª

Fiz huma semelhante experiencia, fechando em huma folha de papel tres folhas do mesmo, dobradas em oitavos, e traspassadas com tres golpes de pollegada. Observárão-se depois semelhantemente, e achou-se que cheiravão não pouco á *Chlorina*: o resultado destas experiencias, e a observação, que havia feito, de se conservar, por muitos dias, nas Cartas fumigadas o cheiro da *Chlorina*, fizerão-me crer, que a *Chlorina* não se introduz nas Cartas sómente pelos golpes. Para verificar isto

Experiencia 5.ª

Repeti a Experiencia 4.ª, sem golpear a Carta, e examinando-se da mesma sorte, achou-se que cheirava não pouco á *Chlorina*.

Podendo porém na Experiencia 5.ª insinuar-se a *Chlorina* pelas margens não pegadas do sobrescrito.

Experiencia 6.ª

Repeti a Experiencia 5.ª, lacrando toda a Carta, não só nas margens onde se pôz a obrea, mas tambem nas margens lateraes, de sorte que ficou o papel incluso hermeticamente fechado. Observado depois como nas precedentes experiencias, achou-se que cheirava bem perceptivelmente ao perfume, menos todavia que nas Cartas golpeadas.

Experiencia 7.ª

Repeti a Experiencia 6.ª encerrando a Carta em dous sobrescritos, ambos hermeticamente fechados: o resultado foi identico, e tão manifesto, que o meu Collega e amigo o Doutor Pinheiro, que duvidava da exactidão da experi-

periencia, e em cuja casa abri esta Carta dous dias depois da fumigação, reconheceo no papel, incluso nos dous sobreescritos, o cheiro da *Chlorina*, e conveio em que o papel he traspassado por ella.

Se a *Chlorina* pois extende o seu poder desinfectante até sobre o contagio da Peste, mal se póde duvidar, que pelo Processo de Morveau se possão desinficionar as Cartas sem se abrirem, e até sem se golpearem. Ainda porém restava determinar, que tempo devia durar a fumigação, ou quando, e em que circunstancias se podião dar por desinficionadas por este Processo as Cartas suspeitosas.

Experiencia 8.ª

Para determinar este ponto essencial, á imitação de Mr. Morveau, deixei apodrecer em hum pires seis onças de carne de vacca, tendo em roda della, e hum pouco mais em alto, *seda*, *algodão*, *estopa*, *lã*, *rama de pennas de hum pennacho*, e hum retalho de *pelletina*. Tudo isto estava coberto com huma manga de vidro, a qual tinha no topo huma chave, ou registro. Todo este aparelho estava dentro de huma bacia, que se encheo d'agoa até altura de meia pollegada.

Quando pelo registro percebi que a carne tinha bastante cheiro de podridão, examinei aquellas materias susceptiveis, que estavão em roda, e em todas achei o máo cheiro da carne, o qual era mais forte nas *pennas* e na *pelle*, menos na *seda* e *lã*, e ainda menos no *algodão* e *estopa*.

Distribui estas seis substancias inficionadas do cheiro cadaveroso e fechei-as em doze Cartas; fiz em cada huma dous golpes de quasi pollegada e meia; perfumei-as como na Experiencia 3.ª, e, passada meia hora, tirei-as do forno. Examinando immediatamente seis, em que se encerravão as seis diversas substancias inficionadas, eu, o Doutor Seixas, e o desprevenido Servente do Laboratorio concordámos em

reconhecer que a *estopa* não tinha cheiro senão da *Chlorina*; que o *algodão* nem desta, nem da carne podre; que as *pennas*, e *pelletina* cheiravão ainda muito á carne podre; que a *seda* cheirava menos mal, e a *lã* ainda menos.

Examinando no seguinte dia as outras seis Cartas, observei que o *algodão* e *estopa* cheiravão á *Chlorina* e nada á carne podre; que o cheiro desta mal se percebia na *seda* e *lã*, e que ainda bem se percebia nas *pennas* e *pelletina*.

Desta Experiencia colligi; que as substancias animaes, pelo menos *pennas*, e *pelles*, tomão mais do cheiro cadaveroso, que as vegetaes; que estas o perdem, ou se purificão mais facilmente; que o effeito da fumigação he menor logo que se acaba a operação, que guardando-se a Carta fechada até o seguinte dia; em fim que as substancias animaes carecem de huma acção mais prolongada, ou mais intensa do perfume. Para verificar esta ultima conclusão

Experiencia 9.ª

Puz em cima de hum papel picado com hum alfinete aquellas substancias animaes inficionadas do gaz cadaveroso, e nelle as perfumei fóra do forno, suspendendo o papel duas pollegadas acima da capsula fumigatoria. Passados 5′ em nenhuma se achava o máo cheiro.

Experiencia 10.ª

Inficionei, como na Experiencia 9.ª, identicas substancias susceptiveis, e *papel*. Nesta inficionação houve de differença; primeiramente, não haver a meia pollegada d'agoa (a qual na Experiencia 9.ª tinha humedecido muito as substancias susceptiveis); em segundo lugar, ser o cheiro menos forte, ou fosse por se exhalar mais pela falta da agoa, ou fosse por outra razão.

Todas estas substancias, sem exceptuar o *papel*, fumigadas como na Experiencia 9.ª, derão o mesmo resultado.

Ex-

Experiencia 11.ª

Fumiguei da mesma sorte Cartas, que recatavão *papel*, *seda*, *lã*, *algodão* e *estopa*, semelhantemente inficionados, e deixando-as no forno da desinfecção por huma noite, no seguinte dia cheiravão á *Chlorina*, e tinhão perdido o cheiro cadaveroso.

Esta Experiencia confirmando a ultima conclusão da Experiencia 8.ª, indica hum requesito, que deve haver na desinfecção das Cartas pelo Processo de Mr. Morveau.

Devo porém advertir, que, ou seja porque a exhalação da *Chlorina* não he igual, ou porque as Cartas nunca ficão igualmente expostas a ella, o resultado deste Processo não he exactamente igual, e podendo por isso succeder que em alguma operação ficassem algumas Cartas mal fumigadas, era necessario achar para este Processo hum criterio de desinfecção. Para o achar, e para conhecer as vantagens, e desavantagens do Processo de Mr. Morveau, e dos outros processos desinfectantes conhecidos, e applicados, ou applicaveis ás Cartas, fiz as seguintes reflexões.

O contagio da Peste he differente da ordinaria exhalação cadaverosa, porque aliàs seria a Peste tão frequente na Europa toda, como he a putrefacção animal, nem haveria cousas insusceptiveis, porque observei nas minhas experiencias, que o trigo, cevada, &c. que são insusceptiveis, tomão e retem muito o cheiro cadaveroso. Por conseguinte as experiencias feitas com o gaz cadaveroso não são rigorosamente concludentes a respeito do contagio da Peste, e por isso não podem bem indicar a efficacia dos Processos desinfectantes.

Nestas circunstancias examinei quaes erão os agentes da desinfecção pestilencial, que a observação assás tinha abonado, e achei que era o vinagre, o enxofre em combustão, e o ácido nitrico, isto he, tres ácidos differentes: Reflecti então que o modo de obrar destes ácidos na desin-

fecção não estava evidentemente demonstrado, porque não se sabe com certeza se elles obrão oxygenando e queimando, ou neutralizando; mas sendo inquestionavel, que obrão por huma qualidade commum, que não póde ser senão a de serem ácidos, julguei que era sufficiente indicio da sua acção desinfectante o indicio do seu accesso e da sua actividade onde quer que pode estar o contagio pestilencial. E como seja huma propriedade commum dos ácidos mudar em vermelho a côr azul da orsila (*tournesol* dos Francezes), assentei que o papel tinto desta côr e mettido nas Cartas podia indicar melhor que o cheiro da carne podre, a actividade, e vantagens de cada Processo desinfectante. Consequentemente

Experiencia 12.ª

Perfumei pelo Processo de Mr.Morveau diversas Cartas, em cada huma das quaes, e em identico lugar, tinha mettido hum parallelogramo de papel, tinto de orsila, de duas pollegadas de comprido, e de huma e meia de largo. Perfumei-as diversamente, e observei que o cheiro da *Chlorina* algumas vezes era perceptivel dentro das Cartas sem mudar muito de côr o papel azul; e que quando ou por aproximar mais as Cartas da capsula fumigatoria, ou pela reiteração das fumigações, ou pela prolongação destas, havia mudança na côr da letra do sobrescrito, havia tambem decisiva mudança na côr do papel azul incluso, o que indicando que o ácido tinha penetrado em estado assás activo, ou capaz de desinficionar, dá por criterio de desinfecção, no Processo de Mr. Morveau, a mudança de côr na letra do sobrescrito.

Consequentemente na desinfecção por este Processo cumpre repetillo, ou prolongallo até se observar aquella mudança no sobrescrito, ou não reputar desinficionadas por este Processo as Cartas, em que não ha a referida mudança.

Para avaliar as vantagens, e desavantagens, que este Proces-

cesso desinfectante tem a respeito dos que se costumão usar em alguns Lazaretos, fiz as seguintes experiencias.

Experiencia 13.ª

Fechei meia folha de papel branco em outra meia folha, como huma Carta; traspassei-a com dous golpes, cada hum de pollegada e meia de comprimento; mergulhei-a em vinagre até que o sobrescrito ameaçava romper-se; abri-a depois, e vi que grande parte da meia folha inclusa, e parte do mesmo sobrescrito não tinhão sido tocadas pelo vinagre.

Experiencia 14.ª

Tomei huma pouca de *lã* inficionada de gaz cadaveroso, e ensopei-a em vinagre. Duas horas depois cheirando-a, eu, o Doutor Seixas, o Servente do Laboratorio, e o Capitão Mór de Faro, que casualmente se achava no Laboratorio, percebemos de mistura com o cheiro do vinagre o cheiro cadaveroso.

Estas Experiencias, 13.ª e 14.ª, parecem justificar a Junta de dar a resposta que dêo aos Quisitos do Governo; todavia reflectindo que as Cartas se seccão antes de se entregarem a quem pertencem, que seccando-se ha evaporação, e que nesta o vapor do vinagre póde penetrar, como o gaz muriatico oxygenado, a Carta, e tocalla em todos os pontos; para reforçar, ou invalidar a opinião da Junta fiz a seguinte experiencia.

Experiencia 15.ª

Mergulhei em vinagre por $\frac{1}{2}$' huma Carta como a da Experiencia 13.ª, na qual tinha encerrado hum parallelogramo de papel tinto com orsila como o da Experiencia 12.ª Sequei-a depois suspendendo-a pouco acima de hum banho d'arêa, e, abrindo-a, vi que o vinagre só tinha mancha-

chado os labios dos golpes, donde collegi, que na immersão o vinagre não tinha penetrado mais para dentro; observei porém que o papel azul se tinha tornado côr de rosa, donde se collige que o vapor do vinagre a tinha penetrado na exsicação.

Experiencia 16.ª

Repeti a Experiencia 15.ª, sem golpear a Carta, a qual estava escrita por dentro e por fóra, e observei que o papel azul incluso igualmente se tinha tornado côr de rosa, e que a letra do sobrescrito se tinha hum pouco apagado.

Experiencia 17.ª

Repeti a Experiencia 15.ª, fechando a Carta hermeticamente, e sem a golpear. Observei depois que o papel azul se tinha tornado côr de rosa, mas esta côr era menos viva, que nas Experiencias 15.ª e 16.ª

Estas tres ultimas Experiencias, fazendo ver claramente que as Cartas mergulhadas no vinagre (particularmente sendo antes golpeadas, e depois seccando-se ao calor do lume) são penetradas e tocadas em todo o interior pelo vinagre em vapor, ou pelo agente da desinfecção, mostrão tambem que ellas podem ser desinficionadas por este agente sem se abrirem.

Estas mesmas Experiencias justificão a antiga pratica de Marselha, onde, segundo Mr. Papon (*a*), as Cartas se desinficionavão pelo vinagre, sem se abrirem, á excepção das que parecião encerrar cousas susceptiveis, as quaes hião ao Lazareto para alli se abrirem, e se purificar o que continhão. Esta excepção porém parece escusada, porque quando o vinagre penetra as Cartas, penetra não menos as cousas de seda, lã, e quaesquer outras susceptiveis, que venhão den-

(*a*) De la Peste t. 2. p. 158.

dentro della, e como o papel passado pelo vinagre fica desinficionado, ¿ podem as cousas susceptiveis, depois de traspassadas pelo vapor do vinagre, deixar de ficar tambem purificadas? A negativa desta interrogação só pode fazer estranheza a quem não reflectir, que não ha razão para crer que o vinagre he antídoto do contagio da Peste quando adherente ao dinheiro, ao papel &c., e não quando adherente ás outras substancias susceptiveis, porque humas e outras não são senão meros recepientes do contagio, e este he o mesmo em todas. Nem deve obstar a diversidade de processos, que se empregão na desinfecção das diversas substancias suspeitosas, porque esta diversidade he por causa das fazendas e não do contagio, he para se não avariarem como succederia mettendo-as em vinagre, e mesmo porque não haveria copia bastante deste para se passarem por elle todas as fazendas suspeitosas importadas em hum e mais navios.

Experiencia 18.ª

Misturando huma oitava de nitro, e outra de ácido sulfurico, fumiguei por 10′ no forno de Baumé duas Cartas, como as da Experiencia 13.ª, ambas inficionadas de gaz cadaveroso, e ambas com papel tinto de orsila dentro; huma porém não havia sido golpeada, e estava hermeticamente fechada. Abrindo-as depois observei, que conservavão o cheiro cadaveroso, e que o papel azul não tinha mudado sensivelmente de côr.

Esta Experiencia mostra que o Processo desinfectante do Dr. Smith serve mal para purificar as Cartas não se abrindo.

Experiencia 19.ª

Repeti a Experiencia 18.ª fumigando as Cartas pelo Processo modernamente usado em Marselha (*a*), misturando duas

(*a*) Traité des moyens de desinfecter l'air. Par Guyton-Morveau p. 384 e 419.

duas oitavas de ácido muriatico, e tres oitavas de ácido sulfurico. Observei depois que ambas cheiravão ao gaz muriatico, menos porém que nas Experiencias feitas pelo Processo de Mr. Morveau, e que a mudança de côr no papel azul era quasi nulla.

Esta Experiencia indica que o Processo desinfectante recentemente usado em Marselha he menos activo, ou inferior ao de Mr. Morveau.

Restava-me inquirir sobre a desinfecção pela combustão do enxofre, Processo o mais antigo, que se conhece. O Ill.mo e Ex.mo Snr. Principal Sousa, sabendo que eu me occupava de experiencias sobre os meios de desinficionar as Cartas, e ouvindo que em Malta se desinficionavão sem se abrirem, dêo huma prova, que eu devo não omitir aqui, do desejo, que tem, do bem publico, incumbindo ao Ajudante do Director do Laboratorio, o Doutor Seixas, que executasse o Processo de Malta, e que me mandasse as Cartas para eu examinar o resultado.

Experiencia 20.ª

Este Processo consiste em perfumar as Cartas com fumo de enxofre e de palha. O Doutor Seixas executou-o no forno de Baumé, onde deixou estar as Cartas por meia hora. Destas Cartas humas estavão hermeticamente fechadas como na Experiencia 6.ª, e as outras estavão fechadas ao modo usual. Abertas todas estas Cartas, observei que o perfume as tinha penetrado bem, porque todas, sem exceptuar as hermeticamente fechadas, cheiravão muito ao perfume, cujo cheiro conservárão mais de hum mez. O cheiro parecia mais de palha queimada, que sulfureo.

Experiencia 21.ª

Repeti a Experiencia 20.ª sobre duas Cartas inficionadas de gaz cadaveroso, huma hermeticamente fechada, e ou-

outra golpeada, havendo mettido dentro dellas papel tinto de orsila. Ambas perdêrão o cheiro cadaveroso e adquirírão o do perfume, e em ambas o papel azul se fez côr de rosa (*a*).

Não ardendo bem o enxofre neste Processo, e podendo da palha levantar-se chama, que chegue a danificar as Cartas, procurei por varios ensaios achar o modo de evitar estes dous inconvenientes, e pareceo-me sufficiente o seguinte.

Experiencia 22.ª

Tomei huma pequena porção de estopa, e estendi-a muito, dentro de huma capsula; espalhei por cima huma mistura bem feita de meia oitava de salitre e meia oitava de enxofre em pó; metti esta capsula no cinzeiro do forno de Baumé; puz em cima da grelha duas Cartas, huma fechada só com obrea e não golpeada, e outra hermeticamente fechada, encerrando ambas papel tinto de orsila. Deitei fogo aos combustiveis da capsula por meio de hum ferro em braza (o que tambem se podia fazer por meio de hum tissão); deixei as Cartas no forno por meia hora, e, abrindo-as immediatamente, em ambas observei o papel azul tornado na mais viva côr de rosa, e as letras sem alteração (*b*).

(*a*) Não he por tanto verdade o que diz Mr. Papon (De la Peste t. 2. p. 205): *Le parfum ni le vinaigre ne les pénètre jamais assez à travers les plis*; e por conseguinte não tem lugar o concelho, que fundava naquella falsa hypothese: *Quant aux lettres je serois d'avis qu'on les ouvrît.* ibid.

(*b*) Consultando alguns Sabios de Paris sobre o conteúdo desta Memoria, Mr. Pelletan, (o filho) Medico da Camara de S. Magestade Luiz XVIII., teve a bondade de me escrever nestes termos. *Le Docteur Alibert ayant reçú par mon entremise le Mémoire, que vous lui avez adressé, m'a prie de me charger de répondre à vos questions sur son mérite et son importance. Je l'ai communiqué à plusieurs de mes confreres de Paris, que, comme moi, se sont spécialement occupé de Chimie, notre avis commun est celui, que jai l'honneur de vous transmettre.*

La marche générale de votre ouvrage est convenable et dirigée par un bon esprit, vos experiences sont methodiques et concluantes, et le moyen, que vous avez mis en usage, est aussi ingénieux que concluant, puisqu'il est trés

Ponderando e confrontando os resultados de todas estas Experiencias concluo; que se podem desinficionar as Cartas, sem se abrirem, pelo vinagre, pelo Processo de Mr. Morveau, e pela combustão do enxofre; que não he necessario, mas he vantajoso, golpeallas; que he necessario, quando se usar do vinagre, seccallas ao fogo; que o Processo de Mr. Morveau he menos uniforme, e por conseguinte mais incerto, que o do vinagre; que ambos podem danificar a letra das Cartas; que quando se usar do de Mr. Morveau, he necessario repetillo, prolongallo, ou fazello tão forte, de sorte que haja alteração na letra; em fim que a fumigação pelo enxofre he superior a ambos, por não danificar a letra, por ser mais expedito e uniforme, tanto ou mais barato, por manifestar maior actividade, e por nenhum ter huma reputação mais bem demonstrada contra a Peste boubonica e contra a da Febre amarella como logo farei ver. Cumpre aqui dizer, que o criterio de desinfecção deste Processo he o cheiro sulfureo que as Cartas adquirem, e que para o adquirirem basta queimar algum enxofre com salitre de sorte que se vejão os vapores sulfureos elevar-se por cima das Cartas.

O credito do vinagre como antidoto do contagio da Pes-

---

probable que les miasmes pestilenciels sont d'une nature analogue à celle des emanations putrides.

Permettez moi de vous adrèsser une legère observation sur la nature du gaz desinfectant, au quel vous donnez une juste préférence.

Le gaz, qui se developpe pandant la combustion du soufre avec partie egale de nitre, n'est pas à beaucoup prés de l'acide sulfureux pur, il contient beaucoup de gaz nitreux et un peu d'acide sulfurique; ne pourait-on pas attribuer en grande partie la desinfection à ce gaz nitreux, tandis que la conservation de l'ecriture serait determinee par la presence des autres gaz? Des nouvelles experiences comparatives pourront resoudre cette question. Renovando aqui a Mr. Pelletan os meus devidos agradecimentos, por ter querido examinar com outros Sabios esta Memoria e por ter a bondade de me participar o favoravel juizo, que em commum fizerão della, publico, para que alguem se occupe della, a sabia questão que elle suscita, e que, segundo me parece, em nada invalida as minhas experiencias e o meu raciocinio, o qual pelo que se lê a pag. 43 e 44 e de 50 — 55, não involve hypotheses ou principios controversos.

Peste Levantina ou boubonica funda-se no uso antigo, e mui geral, que delle se tem feito, onde quer que ha, ou se quer precaver aquelle flagello. Apoiados na experiencia, todos a froxo reconhecem o poder anti-contagioso deste acido, para cujo credito bastava ser o meio de que no Lazareto de Marselha se servem, ou por muitos annos se tem servido para desinficionar as Cartas vindas de Paizes empestados, ou suspeitosos.

Em consequencia do seu credito contra a Peste Levantina, começou a empregar-se contra o contagio da Peste Americana, ou Febre amarella, e emprega-se familiarmente contra todos os contagios febris. He verosimil que o que destroe o *fomes* ou semente da Peste Levantina, destrua o das outras molestias pestilenciaes, ignoro porém que se tenha acrisolado por experiencias concludentes esta amplificação do poder desinfectante do vinagre.

O enxofre tem a sua reputação anti-contagiosa mais bem estabelecida. Já Hippocrates o tinha por anti-loïmico, ou anti-pestilencial; não he porém senão depois que o Capuchinho Fr. Mauricio de Toulon o empregou em varias Cidades empestadas, principalmente em Genova em 1656, que d'elle se fez maior uso como anti-loïmico. Este bom Religioso, que tanto se expôz, e que parece ter tido contra a Peste o mesmo privilegio, que alguns individuos tem contra as Bexigas, Mal venereo, &c., misturava com o enxofre cousas inuteis, ás quaes attribuía essencialmente a virtude desinfectante. Este engano porém não era de consequencia, porque felizmente, a titulo de fazer a mistura mais combustivel, entrava nesta o enxofre em proporção tanto maior, quanto mais poderoso se requeria o perfume. Adoptando-se depois nos Lazaretos e em outros lugares os perfumes anti-pestilenciaes, alterárão-se, e simplificárão-se muito as receitas, conservou-se porém em todas o enxofre, ao qual devião unica, ou principalmente a sua virtude desinfectante. He porém em Moscow que esta preciosa virtude se fez ver mais claramente. Em 1771, devastando a

Peste esta populosa Cidade, dez pelliças, segundo refere o Doutor A. Wolf, inficionadas de Peste, forão expostas a huma fumigação forte do *Pó anti-pestilencial*, com que se costumavão purificar as casas, cuja base era enxofre e salitre, e que além disso se compunha de farelos e vegetaes aromaticos (*a*); e sendo dez criminosos, que estavão condenados á morte, obrigados a vestillas, nenhum contrahio a Peste. Não devo omittir, que esta experiencia, como nota o Doutor Mertens, foi feita na declinação da Peste, e quando já o tempo era muito frio; todavia a virtude anti-contagiosa deste perfume não fica duvidosa, quando o mesmo Mertens diz que delle se tinha usado *summo cum successu* na desinfecção das casas de Moscow, e quando se adverte que pelas fumigações sulfurosas se costumão desinficionar as Cartas em Malta (*b*) e em outros Lazaretos.

Ha huma prova, quasi tão decisiva, do poder desinfectante do enxofre contra o contagio da Febre amarella, e deve-se esta ao denodo, luzes, e zello do Doutor Cabanelas (*c*), o qual em Sevilha, quando esta Cidade era desolada pela Febre amarella, tomou o reguingote do Doutor Sarrais, em que este tinha suado, vomitado, e morrido de Febre amarella; e perfumou-o em hum pequeno quarto, queimando huma onça de enxofre; no dia seguinte tornou a perfumallo com ácido nitrico, e estendendo-o na cama, dormio sobre elle sete horas e meia; trouxe-o depois em contacto com a pelle hora e meia; e vestindo-se, pô-lo por cima do vestido, sahio, e tendo andado cinco horas com elle, tendo suado e descançado embrulhado nelle, dêo-o a hum pobre, o qual tambem o trouxe; todavia nem o pobre, nem o Doutor Cabanelas contrahírão a Febre amarella.

He para sentir que o Doutor Cabanelas quizesse fazer equivoca esta bella e interessante experiencia fumigando

(*a*) Mertens Obs. Med. t. 1. p. 184 e 187.
(*b*) Vej. o Appendice no fim.
(*c*) Morveau Moyens de desinf. Pair p. 53.

do segunda vez o reguingote com o ácido nitrico: todavia quem tem observado a differença de expansibilidade e de penetração dos dous perfumes, e quem adverte que o Doutor Cabanelas, parecendo ter alguma predilecção pelo ácido nitrico, fumigou todavia o reguingote primeiramente com huma onça d'enxofre, mal poderá deixar de attribuir a este, quando não todo, a maior parte do feliz resultado desta experiencia.

O poder anti-contagioso do enxofre não se limita nos dous maiores contagios pestilenciaes, a que he sujeita a especie humana, extende-se tambem aos contagios das especies brutas. Contra estes achão-se recommendadas as fumigações de enxofre não só nas obras estrangeiras, mas até nas nossas. Na Alveitaria de A. P. Rego, impressa em Coimbra em 1679, lê-se a pag. 360 « quando este mal » (a febre pestilencial) procede de ar corrupto, de que » huma estrebaria está infectada, he necessario tirar della » os outros cavallos, e não entrarem nella, sem primeiro » se alimpar, e pincelar de novo, defumando-a com en- » xofre, e salitre, antimonio, pêz, e solas de çapatos ve- » lhos queimados, e depois fumos de alecrim, e hervas » odoriferas com vinagre, que tudo he defensivo do ar » corrupto. » No Thesouro de Lavradores de Alexandre Dias Ramos, impresso em 1737, acha-se recommendado o mesmo perfume contra a febre pestilencial das rezes (L. 3. C. 3. p. 161.), (o que me foi communicado pelo Vice-Secretario desta Academia o Sñr. Sebastião Trigozo.)

A virtude anti-contagiosa ou desinfectante da *Chlorina* he hum conhecimento moderno, que se deve aos ensaios, e á luminosa obra de Mr. Morveau (*Traité des moyens de desinfecter l'air.*). Os ensaios, e experiencias deste sabio mostrárão, que a *Chlorina* destroe os miasmas cadaverosos, ou exhalações fétidas das substancias animaes em putrefacção. Desta descoberta resultou o uso deste desinfectante, e fez-se conhecer a sua efficacia contra diversos contagios. O do typho foi o primeiro, que se mostrou doma-

vel

vel pela *Chlorina*, e por isso o uso della se acha hoje muito generalisado; e não he em 1810, como pareceo ao sabio Professor de Chimica de Coimbra, que pela primeira vez se empregou em Portugal o Processo desinfectante de Morveau, porque em 1802 o empreguei eu contra a epidemia que havia na Esquadra Portugueza, que então se achava em Gibraltar; empreguei-o depois nos Hospitaes Militar e da Marinha, no Lazareto da Trafaria quando ha tres annos se mandárão para alli os doentes, pela maior parte typhosos, que vierão da Esquadra que tinhamos no Estreito de Gibraltar, em fim nas casas particulares todas as vezes que tem havido febre typhoidea.

Contra o contagio da Febre escarlatina consta (*a*), que Mr. Duboseq de la Roberdiere o empregou felizmente, e eu recentemente observei os seus bons effeitos anti-contagiosos em casa da Senhora Dona Maria José de Lencastre, e em casa de Mss. Edward defronte de S. Julião, em cada huma de cujas duas casas tratei huma doente de Febre escarlatina, que se não communicou a pessoa alguma.

O virus varioloso tambem se mostrou domavel pela *Chlorina* na experiencia de Mr. Cruickshank, o qual inoculou duas pessoas com materia variolosa misturada com *Chlorina*, e a nenhuma sobrevierão Bexigas (*b*).

Contra o contagio da Febre amarella vio-se o seu poder preservativo na Andaluzia (*c*), em Marselha (*d*), &c.

A respeito da Peste Levantina são ainda escassas as observações, apenas achei que Mac-Gregor tinha feito uso dos vapores muriaticos contra a Peste. Na Hist. Med. do Exercito do Egypto, depois de dizer, que as fumigações do ácido nitrico lhe tinhão sido evidentemente mui uteis para suspender os progressos do contagio da Peste, accrescenta, que, acabando-se o nitro, se lhe substituíra o sal ma-

ri-

(*a*) Morveau p. 356.
(*b*) Morveau p. 316.
(*c*) Ibid. p. 50 - 56.
(*d*) Ibid. p. 421.

rino; em cujas fumigações não notou outro defeito, que o de serem, nas casas habitadas, menos faceis de supportar que as fumigações nitricas (*a*). O Doutor Sotira, hum dos Medicos do Exercito Francez, intitulado do Oriente, na sua bella Memoria sobre a Peste, aconselha, que se derrame o ácido sulfurico sobre o sal marino, para purificar o ar das camaras. Parece porém que o Doutor Sotira, assim como os outros Medicos do Exercito do Oriente, pouco, ou nenhum uso fizerão das fumigações de ácidos mineraes, porque ou não fazem menção dellas, ou exprimem-se em termos, que não indicão terem-nas experimentado.

Como quer que seja, mal se póde recusar á *Chlorina* o que parece ser huma propriedade dos ácidos pola ser do acetoso, do nitrico, do sulfurico, do mesmo arsenical talvez (porque o rosalgar, e arsenico entravão nas receitas dos perfumes desinfectantes mais fortes de Fr. Mauricio de Toulon (*b*)), em fim da *noucta*, que he hum orvalho ácido que cahe no Egypto pelo Estio, e que « penetrando (diz » o Doutor Sotira) por toda a parte, até nas arcas e ar- » marios, os mais bem fechados, desinficiona o fato e mó- » veis, e faz desapparecer o contagio. Eis aqui quanto a » mim (continua Mr. Sotira) porque em cada invasão da » Peste cessa esta constantemente no Cairo pelo solsticio » do Estio, e não cessa em Constantinopla, a pezar dos » habitantes destas duas Cidades terem os mesmos costu- » mes, a mesma superstição, a mesma negligencia em des- » inficionar as cousas susceptiveis, e a pezar do clima de » Constantinopla ser naturalmente mais saudavel que o do » Cairo » (*c*). Menos se lhe póde recusar quando se reflecte na diversidade, e multiplicidade de contagios, que a *Chlorina* destroe, e quando se adverte, que até destroe as qualidades soporiferas e venenosas da cicuta e do opio, como observou Crawford segundo refere Mr. Morveau; em fim

(*a*) Bibliotheque Britanique N. 236 p. 165.
(*b*) Trattado Politico da praticarsi ne tempi de Pesti p. 107 e 108.
(*c*) Mem. sur le Egypte t. 4. p. 193.

fim quando se nota, que a combustão das cousas inficionadas destroe o contagio, que lhes estava adherente; que este he por conseguinte combustivel; e que a *Chlorina* he hum comburente sem chama dos mais poderosos.

He provavelmente pelo pezo destas razões, que o Governo Francez mandou que se praticasse o processo desinfectante de Mr. Morveau em todos os seus Dominios (*a*), e que este, modificado da fórma indicada na Experiencia 19.ª, se acha presentemente adoptado no Lazareto de Marselha (*b*).

Creio porém ter demonstrado, que, para desinficionar Cartas, nenhum processo merece mais confiança, nem he preferivel ao da combustão do enxofre com salitre, e que por este podem ellas desinficionar-se seguramente sem se abrirem.

Lisboa 20 de Abril de 1814.

APPENDICE.

NO Lazareto de Malta as Cartas não se purificão simplesmente pelas fumigações sulfurosas como dei a entender a pag. 51; antes de se fumigarem são passadas pelo vinagre. Eu cahi naquella inexactidão pelo erro, que commetteo Mr. Bertin quando diz na versão Franceza da Historia dos Lazaretos de João Howard p. 19 «Une lettre appor» tée par un vaisseau nouvellement arrivé de Turquie, y » fut reçúe sous mes yeux avec des pincettes trampées dans » du vinaigre, puis enfermée dans une boite et deposée » pan-

(*a*) Morveau l. c. p. 253, e 418.

(*b*) Id. ibid. p. 385. Na *Organisation du service des quarantaines dans le Port de Genes*, impressa em 1810, acha-se: *c'est avec cette vapeur (de l'acide muriatique oxygené) qu'on expurge particulierement les lettres simples et quelques petites objets susceptibles qu'elles pourroient contenir*, p. 23.

» pandant un quart d'heure sur des grilles de fer, sous les » quelles on brula de la paille et des parfumes: aprés celá » on ouvrit la boite et la lettre en fut retirée par un des » Directeurs du bureau. Telle est la maniere habituelle » d'y recevoir les lettres. » O original Inglez nesta passagem em lugar de dizer como na versão Franceza, que se pegara na Carta com tenaz molhada em vinagre, diz (*a*) que se pegara na Carta com tenaz; que esta se molhara em vinagre; e que depois . . . se perfumara &c., não diz porém que se abrira primeiramente.

No Lazareto de Liorne parece que a purificação se faz meramente pelas fumigações sulfurosas, porque Papon na sua Obra *De la Peste* tom. 2. p. 156 depois de dizer que em Marselha se recebem as Cartas de Saúde pegando-se-lhes com huma tanaz, mergulhando-as em vinagre, tirando-as quando bem ensopadas, e estendendo-as sobre huma taboa, onde o Conservador da Saúde as lê sem lhes tocar, acrescenta: *A Livourne on reçoit au bout de une canne de six a sept pieds de long, la patente et le manifeste qu'on parfume avant de les toucher. Cette pratique est peut être plus sûre.*

A respeito porém do methodo de purificar as Cartas em Malta, cumpre advertir que elle he redundante, porque se o fumo do enxofre he desinfectante, como está provado até pela pratica de Liorne, he desnecessario, além de dispendioso e incommodo, empregar primeiramente o vinagre; e se o vinagre basta, como mostra a pratica de Marselha, he superfluo empregar depois o enxofre.

(*a*) *A letter brought by a Ship just arrived from Turkey, was, I saw, received with a pair of iron tongs, dipped in vinegar, and thin put into a case, and laid for about a quarter of an hour on wire grates, under wich straw and perfumes had been burnt*: An Account of the Principal Lazarettos *p.* 8.

PROJECTO

DE HUM ESTABELECIMENTO DE ESCOLAS DE AGRICULTURA PRATICA.

POR

SEBASTIÃO FRANCISCO DE MENDO TRIGOZO.

TOdos hoje conhecem, ao menos em theoria, que a Agricultura he a mais interessante e productiva de todas as occupações sociaes, e a que faz a principal base da felicidade publica; e por isso todos propugnão pelo seu adiantamento, indicão os obstaculos que se lhe oppõem, e os meios porque deve ser promovida Este voto universal tem feito com que os differentes Governos tenhão desde hum certo tempo promulgado grande quantidade de Leis para augmentar os seus progressos; mas a pezar de tudo, he hum facto que ninguem se atreverá a negar, que na maior parte dos Paizes ella se conserva ainda hoje em hum deploravel atrazamento.

Parece mesmo que hum Fado maligno empece que esta Sciencia se não communique, e adiante como as outras. Os descobrimentos Fysicos, Mathematicos, Medicos, e mesmo os das Artes e Manufacturas, apenas apparecem em hum Districto, logo correm quasi toda a Europa, em quanto os descobrimentos agronomicos morrem ás vezes passados seculos, sem se affastarem do lugar que os vio nascer. O amor da novidade, o desejo da imitação, tão poderosos a outros respeitos, nada podem contra este afferro ás praticas adoptadas.

Hum mal tão universal deve ter causas que tambem

o sejão, e huma das principaes he sem duvida a ignorancia dos Agricultores: bem póde hum Governo estabelecer hum systema de tributos sabio e uniforme, bem póde tirar os obstaculos que se oppõem ao Commercio interno, e regular devidamente o externo, bem póde em fim pôr-se por obra tudo o que depende da vontade e poder do Imperante; em quanto os Agricultores não tiverem huma instrucção conveniente, todos os seus projectos, todos os seus melhoramentos serão nullos, ou precarios, e muitas vezes ruinosos.

He bem certo que houve já tempos em que os nossos Lavradores erão tão ignorantes como agora, e a pezar disso a cultura de Portugal era superior á de quasi todas as outras Nações. Mas na infancia da nossa Monarchia, seguiamos ainda as noções agriologicas, que os Arabes e Godos tinhão herdado dos Romanos, nossos primeiros conquistadores; e se não eramos os unicos povos que tinhamos estes conhecimentos, he ao menos indubitavel que nenhuns outros nos excedião; mas ¿ poderemos ainda agora dizer o mesmo? ¿ Quanto não differe a Europa actual da Europa do Seculo XIII.? Então os nossos conhecimentos praticos erão talvez os que estavão mais adiantados, agora são sem duvida os que estão mais atrazados, respectivamente ás outras Nações (*a*).

(*a*) He esta huma das objecções que se póde oppor aos Estabelecimentos que propomos, e será facil variar os exemplos; assim não faltará quem diga, que os Mouros e os Gregos vendem o seu grão em concorrencia com as outras Nações, ao mesmo tempo que estão muito mais atrazados em conhecimentos do que ellas; mas ¿ quem não vê que á falta de numerario que alli circula, he que faz com que a sua mão de obra seja muito mais barata do que a nossa? Quem porsaber que o trigo se vendia por menor preço em Marrocos, ou nas Ilhas do Archipelago, do que em Inglaterra, tirasse por conclusão que a Agricultura estava alli mais aperfeiçoada do que na Grá-Bretanha, enganar se hia palpavelmente. A mesma falta de numerario, unida com outras causas politicas, produz na China huma grande barareza em os generos da primeira necessidade. N'huma palavra considero Portugal não isoladamente, mas em relação com os outros Paizes, e governando-se pela mesma Legisla-

He a este atrazamento que eu vou propor hum remedio que julgo efficaz, sem que com tudo pense sarar com elle todas as feridas da nossa Agricultura. Pessoas de huma reconhecida instrucção, e que gozão da confiança do Governo, estão incumbidas de examinar os obstaculos legaes que se oppõem a ella, e os meios de os desvanecer, e de melhorar o nosso systema agronomico. O meu objecto restringe-se sómente a mostrar, que em o estado actual dos nossos conhecimentos passar-se-hão muitos annos, e talvez seculos antes que as nossas terras aumentem a quantidade das suas producções, se se não promover a instrucção por meio das Escolas de Agricultura pratica.

He certo que estes conhecimentos agrarios tem já merecido a attenção dos nossos Soberanos, principalmente em o felicissimo Reinado da Rainha N. Senhora. Ampliando a jurisdicção da Junta do Commercio, deo-lhe esta Augusta Soberana huma inspecção immediata sobre a Agricultura, não só para examinar o estado actual da de todo o Reino, mas para fazer subir á Sua Real Presença todos os projectos e melhoramentos que julgasse conveniente pôr em pratica: estabeleceo-se esta Academia Real das Sciencias como hum foco de luzes e de conhecimentos, que devião ser espalhados por todo o Estado, para assim se promoverem não só as Sciencias, mas tambem a Industria nacional; em fim creou-se huma Cadeira na Universidade de Coimbra, para nella se lerem privativamente os principios da Agricultura, e foi este objecto encarregado a hum dos mais habeis e benemeritos Professores daquella Faculdade. A pezar porém de tantos desvelos e fadigas, seja-me licito perguntar, ¿se depois de todas estas providencias se conhece melhor cultura nos nossos terrenos, se houve algum adiantamento ou melhoramento geral, algumas plantas ou instrumentos novos univeralmente introduzidos?

Não

ção politica e economica que actualmente tem, e neste caso he que affirmo, que nunca poderáõ concorrer os seus generos com os dos Estrangeiros, em quanto os Agricultores não forem mais instruidos.

Não se conclua porém daqui que o pouco fructo, que até agora se tem tirado na pratica, dos sobreditos Estabelecimentos he de alguma fórma devido á sua imperfeição ou inutilidade; esta idéa seria totalmente absurda: a consequencia que se póde tirar he, que elles ainda não são bastantes, e que depois de se ter olhado a Agricultura pelo lado scientifico, he igualmente necessario promover o ensino methodico da sua pratica: se ella he huma Sciencia, he tambem huma Arte, que tem, como muitas outras, principios theoreticos em que se funda; mas por huma parte estes principios não se podem diffundir tanto em Portugal, que cheguem a todos, quaesquer que sejão os meios que se adoptem; e por outra parte o pequeno numero de pessoas capazes de os adquirir não se costumão empregar em o cultivo de suas fazendas, que deixão entregues ao cuidado de Administradores subalternos.

Isto posto, persuado-me que se a Agricultura se olhasse como huma Arte, e se lhe applicasse até hum certo ponto a Legislação das outras Artes, resultarião daqui vantagens incalculaveis. O official de qualquer officio mecanico, por mais simples que elle seja, não o póde exercer publicamente, sem o ter apprendido alguns annos; e por huma inconsequencia de que não se póde dar razão solida, hum destes mesmos officiaes, hum homem que nunca vio o campo, he muitas vezes posto á testa da administração de hum grande predio, de que nunca teve as mais ligeiras noções.

Este abuso tão antigo, que já Columella se queixava delle, póde ter remedio no estabelecimento de Escolas praticas, em que as pessoas, que se destinão a semelhantes occupações, vão apprender o curso dos trabalhos campestres, e habilitar se a ensinar hum dia com o seu exemplo aquelles methodos, que apprendêrão, e vírão usar com maior vantagem. O interesse que daqui devem tirar, lhes pagará com usura o tempo que gastarem naquelle estudo; e os melhoramentos que souberem introduzir nos differentes cultivos, re-

recompensaráõ amplamente os Proprietarios da maior despeza que com elles forem obrigados a fazer.

Não he porém este o unico ponto de vista em que se hão de considerar estes Estabelecimentos, tem outros igualmente interessantes.

A Agricultura pratica offerece huma grande diversidade de ramos a que se deve attender: em os vegetaes já cultivados no Paiz, ella póde melhorar o seu cultivo, e augmentar a sua producção, póde ensinar o methodo de fertilizar os terrenos, de preparar e empregar os estrumes (cousa ainda entre nós bem pouco conhecida); póde introduzir o uso de muitos instrumentos que diminuirião consideravelmente a mão de obra, e em fim climatizar muitas plantas e arvores exoticas, de que se tirarião grandes interesses. Ora como tudo isto por fórma alguma se consegue melhor do que pelo Estabelecimento que proponho, será preciso entrar em alguma explicação sobre cada hum destes artigos.

A cultura dos Cereaes he a mais recommendavel de todas, por formar a base do nosso alimento, e desgraçadamente he aquella que menos em Portugal se tem aperfeiçoado. Em huma viajem que Arthur Young fez á Catalunha, que lhe tinha sido pintada como o jardim da Hespanha, ficou elle pasmado de ver os seus immensos valles e colinas em grande parte de alqueive; e em hum escrito que publicou relativamente a este assunto, serve-se de ordinario, para explicar o máo estado de cultura de hum districto, da seguinte expressão: *Terra de alqueive, e em consequencia má cultura.* ¿ Que diria este sabio Agronomo se chegasse ao Alemtéjo, e examinasse a maior parte das outras terras lavradias de Portugal? ¿ Que diria se visse não já o systema dos alqueives, mas sim muitos terrenos, que só de tres em tres, ou de quatro em quatro, e mesmo de oito em oito annos, he que são semeados? ¿ Que diria se visse grande parte dos outros condemnados a produzir quasi perpetuamente o mesmo genero de plantas?

A

A grande arte das Sementeiras consiste hoje em dia nos affolhamentos; introduzidos elles e bem regulados, desapparecem os pousios e os alqueives, e o terreno a pezar de dar mais abundante colheita, melhora-se de anno em anno. Mas a natureza destes affolhamentos não se póde bem fixar sómente por principios theoreticos; os differentes climas, as differentes terras, e mil outras circunstancias exigem differentes ordens de successão de plantas. Só a experiencia he que póde decidir este ponto, ¿ e onde melhor se podem fazer estas experiencias do que nas Escolas praticas?

A fertilidade dos terrenos depende (além dos affolhamentos appropriados) da qualidade dos estrumes, e do modo de os empregar. Os estrumes são de duas naturezas diversas, huns destinados a obrar mecanicamente, adelgaçando a terra quando por sua natureza he muito tenaz e forte, e vice versa; outros destinados a obrar chimicamente fornecendo os principios proximos da vegetação. Para o emprego dos primeiros, e mais ainda dos ultimos, ha bastantes cousas a que attender, superiores á commum intelligencia dos Lavradores, que não he conduzida por huma pratica illustrada: não sómente se póde aumentar a sua quantidade por meio de substancias de quasi nenhum valor, e que cada huma de per si seria de pouco uso; mas a sua força póde ser maior, á proporção dos materiaes que se empregão nas Estrumeiras, do modo de construir estas, e do tempo e methodo variado porque os estrumes se lanção á terra. Estes diversos conhecimentos difficilmente se poderáõ tirar da simples theoria, e em parte alguma se apprenderáõ melhor do que nas Escolas de Agricultura pratica.

O outro objecto (como acima tocámos) para que ellas são muito proveitosas he para a introducção das Maquinas aratorias. ¿ Que se diria de hum Povo, que não tendo idéa alguma das Maquinas que se tem inventado, por exemplo, para fiar os algodões, fizesse á mão todas as fiações, e quizesse depois competir nas suas manufacturas com os ou-

outros Povos, onde estes instrumentos são conhecidos? Ora he justamente o que nos acontece na Agricultura: a nossa mão de obra deve de necessidade ser mais cara do que a estrangeira, onde hum homem com huma Maquina simples faz o que muitas vezes quatro por si só não poderião executar. O que se diz a respeito dos homens, deve-se entender, e talvez com mais razão ainda, a respeito do emprego dos animaes.

Póde talvez dizer-se, que já muitas vezes se tem intentado introduzir o uso de algumas Maquinas; e que o resultado não tem correspondido á expectação; desgraçadamente he isto huma verdade, que assim devia succeder. O emprego da mais simples Maquina exige huma certa destreza, que só se adquire pelo habito; além de que, muitos instrumentos que (em razão do terreno) são mui vantajosos em hum Paiz, não o são em outro sem algumas alterações, que por mais pequenas que sejão, só podem ser determinadas por pessoas intelligentes, precedendo sempre experiencias preliminares; e por modo algum se poderáõ melhor alcançar todos estes fins, do que por meio das Escolas de Agricultura pratica.

A introducção dos novos generos de cultura he outro ponto que (segundo o estado actual dos nossos Lavradores) nunca se poderá conseguir senão pelo methodo já apontado. Esta Academia tem publicado ha muito nos seus Escritos o catalogo de algumas plantas exoticas, que seria conveniente cultivar no Reino: agora mesmo que o Brazil está muito mais conhecido, seria facil, mantendo com os nossos Socios huma correspondencia mais activa, fazer vir muitas sementes, que se darião bem no nosso clima, e augmentarião a nossa riqueza. A mesma Academia tem proposto premios aos Lavradores que cultivassem melhor algumas plantas, que de certo se sabe que prosperão em Portugal: tem-se-lhe mandado dar gratuitamente as sementes, e accompanhado esta distribuição com escritos, que ensinão o methodo do seu cultivo; e com tudo a pezar de tantos esfor-

ços,

ços, apenas a cultura das Batatas tem feito alguns progressos, e esses ainda diminutos.

A razão disto he a meu ver bastante obvia: estas sementes, estes escritos chegão ás mãos de Proprietarios que não cultivão por si, mas fazem cultivar por seus Caseiros, a quem confião as novas plantações. Estes, as mais das vezes inimigos de toda a novidade, não sómente pela sua ignorancia, mas por não terem algum trabalho de mais, fazem a primeira tentativa; e não obtendo, como não he provavel que obtenhão, effeito favoravel della, renuncião a experiencias ulteriores, e fica assim decidido no seu conceito, que semelhante genero de cultura he inadmissivel no nosso Paiz.

Se se reflectisse, que as Plantas que em hum Clima se semeão por exemplo no Outono, em outro se devem semear no Inverno, e em outro na Primavera; se se conhecesse que as lavouras preparatorias para as Sementeiras são tambem diversas pelos mesmos motivos; que as Sementes em humas partes vegetão bem em a mesma terra em que se semeão, em outras vingão melhor sendo transplantadas, e mil outras differenças que agora não posso indicar; conhecer-se-hia quanto as experiencias preliminares são necessarias, e que sem ellas todas as despezas e desvelos serão frustrados, ao menos por longo tempo.

Ser-me-hia facil (se fosse preciso) multiplicar ainda estes argumentos, mas referirei em lugar disso, que tratando-se em Inglaterra, no Condado de Durham, de estabelecer hum terreno de experiencias agronomicas, ajuntárão-se logo alguns individuos zelosos do bem publico, que subscrevêrão para mil lb. st. de fundo, e quatrocentas annuaes de renda. Passado algum tempo, e desejando os promotores deste Estabelecimento empregar huma maior somma por hum modo vantajoso, consultárão o celebre Arthur Young sobre o methodo, que elle julgava mais proprio para fazer florecer a Agricultura; se a publicação de Memorias, se os Premios, ou se finalmente huma Escola

de Experiencias. A resposta deste Sabio filantropo he demasiado estensa para se inserir neste lugar, mas quem ler os seus *Annaes*, virá no conhecimento de quanto elle reputou preferivel este ultimo methodo.

Se pois em Inglaterra, onde a massa de conhecimentos agronomicos he tão grande; onde ha tantas pessoas instruidas que cultivão por si mesmo os seus predios; (*a*) onde mais que em parte nenhuma se tem escrito sobre este objecto, e a classe dos leitores he muito numerosa; e onde finalmente cada Herdade se póde considerar como huma Escola pratica, em que todos os dias se põem por obra novos melhoramentos; se em Inglaterra, digo, se julgou o methodo que acabo de propor como o melhor de todos, ¿o que não será em Portugal, onde aquelles meios de instrucção estão muito mais resumidos? A conclusão he facil de tirar. (*b*)

A este testemunho de Young, que he do maior peso, ajuntaremos outro, que em nada lhe he inferior, e que faz ver quando as considerações politicas devem ceder, quando se trata do bem geral da humanidade.

Quan-

(*a*) A esta classe de Proprietarios-cultivadores deve particularmente a Inglaterra o adiantamento da sua cultura; e todos os Escritores de Economia rural antigos e modernos não cessão de indicar quanto seria conveniente para os progressos da Agricultura que semelhantes pessoas cultivassem pelas suas mãos. Já o Carthaginez Magon dizia: *Qui agrum parabit, domum vendat, ne malit urbanum quam rusticum larem colere*; e Columella que o cita, emprega parte do seu primeiro livro em persuadir isto mesmo por muitas maneiras differentes. Hum dos motivos que talvez mais concorreo para que a Provincia da Estremadura se restabelecesse depois da Invasão das tropas Francezas, foi verem-se alguns dos seus Proprietarios em circunstancias de serem obrigados a feitorizar as suas proprias fazendas: não era tanto como donos, mas como pessoas mais entendidas, e tornadas industriosas pela necessidade, que a sua assistencia no campo foi de hum tão grande proveito.

(*b*) Longe de mim a falsa persuasão de que em Portugal não ha pessoas instruidas na pratica da Agricultura; mas, no nosso estado actual, são ellas as unicas que tirão partido destes conhecimentos, ou quando muito os seus visinhos: se porém estas mesmas pessoas dirigissem alguns dos Estabelecimentos propostos; quanto mais se não divulgarião as suas praticas, e serião uteis á Sociedade?

20 REIS

Quando Mr. Otto esteve Commissario da Republica Franceza em Inglaterra, o Cavalheiro Sinclair, Membro do Parlamento, e fundador da Mesa Britanica de Agricultura, lhe entregou o Projecto de hum Plano para o estabelecimento de Escolas experimentaes, e para fixar os principios dos progressos agriculas. Dando-lhe este papel, elle lhe recommendou que o enviasse a França, para ser examinado no Instituto, e impresso nas suas collecções. Foi o projecto examinado em huma Commissão, de que Mr. Tessier era Orador, e todos concluírão que não só se devia fazer logo publico, mas que este era o meio mais prónto e energico de aperfeiçoar, e augmentar dentro de pouco tempo os conhecimentos agronomicos.

Aquelle projecto de Mr. Sinclair era algum tanto differente do que tenho a honra de propor; mas tambem o estado da Agricultura Franceza e Ingleza he bastante differente do nosso. Attendendo pois a este estado he que eu vou delinear as bases destas Escolas.

A superficie do Reino de Portugal ainda que pequena, admitte pela sua feliz situação, e pela sua variada temperatura huma grande diversidade de cultivos, offerecendo assim a vantagem de reunir em hum pequeno espaço as Plantas septentrionaes, e as meridionaes. O Algarve dá-nos hum clima apropriado para as segundas; em quanto as primeiras vegetão soberbamente na Provincia de Traz os montes, e em algumas cordilheiras mais elevadas da Beira: basta esta consideração para se conhecer quanto seria conveniente o estabelecimento de huma Escola em cada hum destes Districtos.

Independente destes dois Estabelecimentos, he claro que deve haver outro nas visinhanças da Capital. Se o fim primario delles he formar homens capazes de administrar hum dia propriedades ruraes; em parte alguma se podem achar reunidos maior quantidade de meios para isto, do que nas immediações de Lisboa, onde a população he mais numerosa e rica, onde ha mais facilidade de chegarem os

novos descobrimentos estrangeiros, e onde póde concorrer para sua instrucção a mocidade de toda a Provincia da Estremadura.

Estas tres Escolas, a das Provincias do Norte, a das do Sul, e a terceira (que pela sua posição chamarei central) parecem-me absolutamente indispensaveis, e tambem me persuado serem bastantes, attendendo a que o Alemtéjo póde em grande parte tirar a sua instrucção da Escola central, quanto lho permittir o calamitoso estado da sua Economia agraria, e que o Minho he a Provincia que menos necessidade tem deste soccorro immediato.

A difficuldade maior, e talvez a unica que póde haver para se realizarem estes Estabelecimentos, he a falta dos fundos necessarios para elles. Em Inglaterra, onde o egoismo cessa logo que se trata do bem geral da Nação, propunha Mr. Sinclair o meio, alli tão trivial, das subscripções, e acima vimos como huma foi ampla, e prontamente preenchida. Este methodo poderia talvez tentar-se em Portugal; não me atrevo porém a dicidir se por si só seria sufficiente: além disso Mr. Sinclair tomava este projecto em ponto maior, do que não julgo a proposito de propor, ao menos por agora; neste caso huma grande parte das colheitas annuaes servia a compensar a despeza, e vinha em fim a dar hum lucro excedente, pelo corte das madeiras, que tinha lugar de annos a annos. Eu abraçaria facilmente as mesmas idéas, se os nossos Capitalistas, assim como estão prontos a formar associações Commerciaes, estivessem na pratica de se ligarem entre si para Sociedades agrarias, as quaes se não fossem tão lucrosas, serião muito mais seguras do que as primeiras.

Na falta deste meio só tratarei do outro, na hypotese de que o Estado toma a si a manutenção destes Estabelecimentos, cousa tanto mais possivel, que o Fisco, a Coroa, e as Cameras do Reino nos seus respectivos Baldios, tem terrenos que podem ceder para estas tres Granjas de Instrucção, sem detrimento consideravel da Real Fazenda.

Da

Dados estes terrenos, as primeiras despezas, isto he, as necessarias para pôr as Escolas em exercicio, são muito difficultosas de arbitrar agora, pois dependem do estado em que elles se acharem. Hum predio que tenha casas e officinas, que esteja já cultivado, murado &c. não fará a mesma despeza do que outro em que faltem estes requisitos. Sómente em hum terreno determinado se poderá avaliar com alguma exactidão a somma, que he necessario empregar para o proposto fim.

Não accontece o mesmo com os gastos annuaes que ao depois se seguem. Huma Economia bem dirigida, que empregue sómente os operarios precisos, e que aproveite a venda das differentes producções da terra, tanto em fructos, como em sementes, como em arvores, poderá sem duvida com 800$ réis de ajuda de custo em cada hum anno na Escola central, e com 600$ réis nas das Provincias, manter hum curso regular de experiencias agronomicas, não entrando com tudo nesta conta os dois ordenados do Director, e Subdirector das sobreditas Granjas.

Na escolha destes he que está toda a alma desta empreza. Nos primeiros tempos será talvez difficil o provimento destes lugares; mas he de esperar que de dia em dia se vão formando pertendentes mais benemeritos; seria mesmo hum meio de dar emprego a alguns Bachareis Formados na Faculdade de Filosofia, ainda tão pouco frequentada entre nós, por não se ter determinado occupação alguma para os que se empregão simplesmente no seu estudo.

Este Director, que he obrigado a fazer huma residencia assidua no seu Estabelecimento, deve ter hum ordenado que o habilite a prescindir de outros interesses, e subsidios: compete-lhe a administração tanto dos trabalhos, como dos fundos da Granja, e o dar de viva voz as lições de Agricultura pratica, expondo á vista dos differentes trabalhos, os motivos em que são fundados, e a razão da sua preferencia: por occasião disto elle poderá explicar, e fazer conhecer as differentes naturezas dos terrenos, o modo

do de empregar os estrumes, em fim tudo o que diz respeito á pratica desta arte tão nobre e necessaria. Semelhantes lições bem se vê que não devem ser sugeitas a hum Compendio fixo; a occasião he quem ensina as materias que devem ser tratadas naquelle dia, e o campo he a Aula em que devem explicar-se.

O Subinspector tem mais particularmente ao seu cuidado vigiar sobre os empregados subalternos; he huma especie de Feitor incumbido da administração de hum Predio, em que assiste o dono. Elle deverá ter os seus livros de registo sempre patentes a todos, será obrigado a lançar nelles as épocas dos differentes trabalhos, os methodos que se seguírão em cada hum, e os resultados que offerecêrão comparativamente, em fim tudo quanto poder servir para illustrar os objectos que alli se tratão.

A Academia Real das Sciencias estava mais que ninguem em circunstancias de ser Fiscal destes Estabelecimentos, e além do interesse publico tiraria disso muitas outras utilidades: como os Directores deverião ser seus Socios, os resultados mais decisivos das experiencias podião enriquecer as suas Actas: a sua Classe de Sciencias naturaes podia indicar os pontos que desejasse ver illustrados, as Plantas cuja cultura lhe parecesse mais facil e vantajosa, e os Instrumentos cujo uso reputasse mais manual: os Premios finalmente, que ella costuma propor todos os annos aos Lavradores, terião hum resultado muito mais feliz; e estas duas Instituições darião mutuamente as mãos, e concorrerião melhor, assim unidas, para a propagação dos conhecimentos uteis, e para os progressos da Agricultura.

Como as tres Escolas que tenho proposto trabalhão todas para o mesmo fim, não só devem ter as mesmas Instrucções, mas será conveniente que os seus Directores mantenhão huma correspondencia regular, e necessaria para se repetirem em differentes qualidades de chão, e differentes climas as suas experiencias, e fazerem-se conhecidos os seus resultados.

De-

Desejaria poder entrar em averiguações circunstanciadas a respeito da estensão necessaria dos terrenos para as Escolas, e das divisões que nelles se devem praticar, mas isto excederia os lemites que me prescrevi. Hum campo mais estenso exige, que as primeiras despezas sejão maiores, mas serão as experiencias mais completas, e será menos despendiosa a sua conservação annual; em fim persuado-me que em menos de cincoenta a sessenta geiras serão os trabalhos mesquinhos e insufficientes, ou serão poucos os objectos a que se attenda.

Em quanto ás divisões do terreno, póde dizer-se em geral que as Plantas proprias para os Prados artificiaes, as Plantas leguminosas que admittem cultura em grande para o sustento do Gado, as Plantas cereaes, e finalmente os viveiros de Arvores formão quatro grandes divisões, em que a Granja se póde repartir, deixando huma pequena porção para outras experiencias diversas.

Estas grandes divisões devem necessariamente ser ainda subdivididas: por exemplo, se vinte geiras são destinadas aos Prados artificiaes, metade póde ser empregada em Plantas regadas, e outra metade em Plantas de terrenos secos. As Plantas que se empregão em alimento para o Gado, como muitas são pouco usadas entre nós para este fim, virão a occupar bastante espaço, que tambem deve ser subdividido. Assim as Cinouras, as differentes especies de Nabos, as diversas raizes que o vulgo tem confundido debaixo da denominação generica de Batatas, e muitas outras deverião ter hum lugar separado. O terreno destinado ás Plantas cereaes não só deverá ter a subdivisão das diversas especies que nelle se cultivarem, mas até seria conveniente que algumas destas especies fossem cultivadas por diversas maneiras, para depois se compararem os seus resultados; e por isso o trigo poderia em parte ser semeado á mão, em parte com o semeador, e em parte transplantado, vindo-se por este modo no conhecimento da preferencia de hum destes methodos, ao menos em hum ter-

re-

reno dado: semelhantemente se deverá proceder a respeito de outros grãos.

He bem evidente que este quadro deve ser variado, ao menos em parte, todos os annos; pois não nos devemos esquecer que o primeiro movel da boa cultura são os affolhamentos; mas tanto estas variações, como outras miudezas a este respeito, não podem ter lugar nesta Memoria, que não passa de hum simples Projecto. No caso que se adoptasse o Plano que proponho, os Directores deveráõ ter bastantes conhecimentos, e a Classe das Sciencias Naturaes tem bastantes idéas a communicar-lhes, para poderem prescindir dos meus fracos soccorros.

Não fallei até aqui de outro artigo de Economia Rural para que as Escolas podião ser igualmente proficuas, e he a criação do Gado em geral, e principalmente do lanigero. Será facil querendo, annexar este aos outros ramos de instrucção, principalmente sendo as Granjas hum pouco mais estensas; poderia mesmo ser huma dellas mais particularmente destinada a este fim, visto ser certo que sem criações não póde haver boa Agricultura, e que temos alguns Districtos, taes como o Alemtéjo e huma grande parte da Beira, que parecem mais propriamente destinados para ellas; he alem disso fóra de toda a duvida, que as nossas lans, melhoradas as raças, são capazes de competir com as mais estimadas da Europa.

Em conclusão do que até aqui tenho exposto, resta-me sómente observar, que nunca houve huma época em que fosse necessario olhar tanto para a nossa Agricultura, e em que por conseguinte se devesse mais lançar mão de todos os meios de a augmentar, do que he a presente (*a*). A pasmosa revolução, que tão felizmente ainda ha pouco tempo terminou, influio por hum modo muito sensivel nos nossos interesses Agrarios, e nos Commerciaes, que lhe estão estreitamente ligados. Se por hum lado os principios liberaes hoje estabelecidos exigem huma perfeita reciprocidade nas nos-

(*a*) No fim de Abril de 1814.

nossas transacções mercantís, pelo outro he preciso que os nossos generos possão manter a concorrencia com os estrangeiros nos mercados da Europa, ou ao menos nos de Portugal; de outro modo viremos dentro de poucos annos a ser de todo pobres, assim como já somos dependentes. Muitas cousas são necessarias, como já notámos no principio, para a nossa Agricultura prosperar; mas a maior parte dellas cabem sómente na jurisdicção do Legislador, e sempre encontrão difficuldades, por hirem atacar abusos inveterados, ou interesses de pessoas poderosas. Esta que agora se propõe he de outra natureza; e posto que não remedeie senão huma parte destes males, servirá ao menos de criar homens capazes de desempenhar as obrigações de que forem incumbidos, e de ensinar o modo de melhor aproveitar os terrenos, para que logo que os nossos Monarcas, e a Nação inteira estejão em circunstancias de dar á Lavoura hum impulso de que ella tanto necessita, não haja o estorvo da ignorancia, que tantas vezes faz malograr as mais bem calculadas providencias. Com este fim, e pelo desejo de concorrer para o bem publico he que lancei as primeiras linhas deste Projecto, que outra mão mais habil poderá pulir, e tornar digno de approvação.

NOTA.

SEndo hum Axioma fundamental de Agricultura o com que dá Columella *principio á sua Obra nestas sentenciosas palavras*:

» Qui studium agricolationi dederit, antiquissima sciat haec » sibi advocanda: prudentiam rei; facultatem impendendi; volun- » tatem agendi. Nam is demum cultissimum rus habebit, ut ait » Tremellius, qui et colere sciet, et poterit, et volet. Neque enim » scire, aut velle cuiquam satis fuerit sine sumptibus, quos exigunt » opera. Nec rursus faciendi, aut impendendi voluntas profuerit sine » arte: quia caput est in omni negotio nosse quid agendum sit; » maximeque in Agricultura, in qua voluntas, facultasque citra scien- » tiam saepe magnam dominis afferunt jacturam, cum imprudenter » facta opera frustrantur impensas. Itaque diligens paterfamilias, » cui cordi est ex agri cultu certam sequi rationem rei familiaris au- » gendae, maxime curabit, ut aetatis suae prudentissimos agricolas » de quaque re consulat, et commentarios antiquorum sedulo scru- » tetur »:

Como o Projecto *precedente se dirige a promover huma melhor prática de Lavoura*; *e as* Reflexões, *que se seguem, tem por objecto mostrar as vantagens das forças para arrostar as difficuldades, que empecem o ter-se toda a conveniente cultura, e mostrar a necessidade de haver a constancia precisa para remover as mesmas difficuldades*: *se publicão juntamente humas e outras Ponderações*; *porque, sendo tão importantes em si, fórmão unidas hum amplo e precioso Commentario do Axioma, que fica mencionado.*

RE-

REFLEXÕES

SOBRE A AGRICULTURA DE PORTUGAL,

SOBRE O SEU ANTIGO E PRESENTE ESTADO, E SE POR MEIO DE ESCOLAS RURAES PRATICAS, OU POR OUTROS, ELLA PODE MELHORAR-SE, E TORNAR-SE FLORENTE.

POR FELIX DE AVELLAR BROTERO.

I.

O Projecto de Mestres e Discipulos em Agricultura e Economia Rural he antiquissimo; Columella o inculcou aos antigos Romanos, estranhando-lhes o terem Mestres ainda mesmo das Artes as mais frivolas, e deixar de os ter em tão interessante profissão. Com tudo os Romanos continuárão depois disso muitos annos a agricultar, guiados só por tradições, e alguns escritos; e o mesmo fizerão os antigos Egypcios, Asiaticos, e Carthaginezes: entre estes povos a Agricultura foi então mais ou menos florente á proporção que foi mais ou menos honrada, mais ou menos encorporada nos seus systemas politicos e religiosos. Depois da ruina do Imperio do Occidente, e nos seculos barbaros desse tempo, as tradições e os escritos Romanos de Agricultura e Economia Rural forão (como pôde ser) conservados na Europa e Africa Septentrional pela imperiosa necessidade, que o homem tinha de se alimentar e aos animaes, que o auxilião: os Ecclesiasticos então, e poucas outras pessoas instruidas, que em suas Livrarias preservárão as copias dos Escritos de Catão, Varrão, Columella, Palladio, Vegecio, e outros Auctores Romanos antigos, forão os que sostiverão então a Agricultu-

ra, que não ficasse meramente em vagas tradições de viva voz. Na Hespanha e Lusitania os Godos e Arabes assim a mantiverão, não obstantes as guerras e dissensões, que entre si não deixavão de ter de quando em quando; não tinhão outras Escolas senão o exemplo dos seus visinhos, erão guiados ou por cegas tradições, ou pelas idéas que lhes davão os que lião os escritos Romanos ou suas traducções: mas assim mesmo com estas idéas, a Agricultura fazia progresso entre elles; rompião-se os maninhos, crescia o numero das povoações, e estas todas tinhão gados, pão e generos necessarios para se alimentarem independentemente dos estrangeiros.

II.

O Conde D. Henrique, e seu filho o Sñr. D. Affonso I. assim achárão a Agricultura de Portugal, quando o arrancárão das mãos dos Arabes. Elles e os Reis seus Descendentes até ao Sñr. D. Diniz seguírão o plano dos conquistados com a maior actividade possivel. D. Affonso I. com as suas tropas e Arabes avassallados foi quem dêo o impulso ao systema de Agricultura, que no principio da Monarchia e depois se seguio; systema, em que não havião outras noções agriologicas senão as que ficão mencionadas: com tudo foi até o Reinado de D. Diniz, em que ellas se praticárão com energia; quando por todas as provincias, principalmente do Norte, se rompêrão á enchada e arado mais charnecas e maninhos; se fundárão mais villas, lugares e casaes; quando floreceo mais a nossa Agricultura e Economia Rural; e quando houve pão, e os viveres necessarios para todos os habitantes das povoações, e mesmo trigo redundante para vender aos estrangeiros. Arrotear terras incultas, não deixar ociosas as que pela primeira vez se tinhão cultivado, dar colonos aos lugares desertos, e povoar este Reino era a moda daquelles tempos: os Soberanos a animavão, e fazião predominar; viajando as pro-

provincias, repartindo os baldios e terras maninhas, que nellas observavão; obrigando os Corpos de mão-morta, Cabidos, Mosteiros, Morgados, Nobreza e Capitalistas a fazer grandes arroteas, e fundar novas povoações, dando-lhes elles o exemplo; fundando muitas á sua custa, ás quaes fazião os avanços necessarios, davão privilegios e isenções: elles chegárão mesmo a povoar charnecas, estabelecendo nellas asylos de réos.

III.

Depois disto as guerras, o espirito de conquistas, e o de povoar colonias fizerão enfraquecer summamente aquelle energico impulso agronomo e economico, dado pelos nossos primeiros Soberanos; e a oppressiva politica dos Reis Philippes, que nos avassallárão, o paralisou de todo. As guerras da Restauração nos dias do Sñr. Rei D. João IV., e dos seus Augustos Descendentes, varias circunstancias de administração, e do estado civil e politico, que depois tem havido (como he bem notorio) nesta Monarchia até hoje, não tem sido favoraveis para estabelecer o seu systema primitivo de agricultar e fundar povoações; he por isso principalmente que nos vemos obrigados a tirar dos estrangeiros os generos de primeira necessidade, e a ficarmos nisto escravos delles, e o que he mais, desses mesmos Arabes, que expulsámos para Africa, e que tanto desprezamos pela sua ignorancia nas Artes: elles não tem hoje mais luzes em Agricultura e Economia Rural, do que tinhão quando habitavão Portugal e Hespanha; com tudo tem assaz trigo e bois para si, e para nos vender.

IV.

Donde facilmente se deduz, que a falta de trigos, bois, e de outros generos, que se conhece ha muitos annos em Portugal, *não procede*, como alguns pensão, *pura-*

ramente de ignorarmos as praticas de Agricultura e Economia Rural aperfeiçoadas por algumas Nações modernas, mas sim de outras causas. Conserva-se ainda em Portugal hum grande numero daquellas praticas ruraes do modo, que as achamos annunciadas nos Livros de Columella; e se nós compararmos este antigo Archivo de Agricultura e de Economia Rural dos Romanos e dos povos por elles conquistados, com o que hoje escrevem e praticão os Inglezes, Francezes, Suissos, Florentinos, e outras Nações tidas pelas mais sabias em similhante materia, acharemos que o seu progresso e melhoramentos tem sido bem poucos; e que estes consistem principalmente em fazer mais arrotear, cultivar mais, e povoar quanto mais for possivel. Os Chinas, Nação morosa em inventar, seguem hoje em Agricultura as praticas, que seguião os seus antepassados ha mais de dois mil annos; não tem outras Escolas mais do que o exemplo, tradições, e alguns livros das antigas praticas; com tudo todos os viajantes attestão ser a China o paiz do nosso Planeta, aonde florece mais a Agricultura, e aonde não faltão os generos de primeira necessidade para a subsistencia de todos os seus habitantes, posto que o seu numero seja de muitos milhões: isto não só procede do seu systema politico honrar muito os Agricultores, mas principalmente de premiar com as maiores distinções e empregos os que arroteão mais terras incultas, e as cultivão mais. Antigamente na Persia o arrotear hum baldio, e plantar huma arvore de novo era huma grande obra meritoria em Religião; isto influio de tal sorte na sua Agricultura, e por conseguinte na povoação, força e riqueza, que veio a ser hum dos mais vastos e formidaveis Imperios.

V.

Por tanto vê-se claramente « Que os grandes resultados em Agricultura dependem de agricultar muito, e que para agricultar muito não he preciso haver a mais completa

ta

ta perfeição dos principios estabelecidos pelos antigos Agronomos, mas basta a prática dos ditos principios, posto que pouco aperfeiçoada, *com tanto que concorrão as demais circunstancias necessarias* ». Columella e outros antigos Agronomos e Economistas Romanos tinhão por principal maxima em Economia Rural, que para nella haverem resultados proveitosamente grandes era necessario SABER, PODER, E QUERER. Esta maxima he de si tão evidente, que ninguem até agora della tem tido a menor duvida, e nella são fundados todos aquelles esforços, que se tem feito em Agricultura e Economia Rural desde a restauração das Letras até hoje.

VI.

Quanto ao *saber*, ¿ que trabalhos litterarios, desde aquella época até agora, não tem havido em toda a Europa, e mesmo nas colonias dos Europeos? Os antigos escritos dos Gregos e Romanos, as tradições, e práticas locaes subministrárão materia a hum sem numero de Tratados, cujos titulos sómente formão grossos volumes. No seculo proximo passado as luzes da Critica e Filosofia Natural fizerão emendar alguns erros de theorica dos Authores antigos, e dos que os seguião; mas as suas práticas quasi todas continuárão no essencial, mais ou menos aperfeiçoadas em diversas Nações, á proporção que nellas se estabelecêrão Sociedades Agrarias, e se seguio a experiencia illuminada pela Filosofia Natural.

VII.

A Suissa, e a Grã-Bretanha, aonde hum verdadeiro patriotismo tudo anima, são os paizes Europeos, aonde a Sciencia Agriologica parece ter feito mais progresso. Na Suissa este adiantamento scientifico procede dos excellentes escritos, que as Sociedades de Berne, de Zurich, e outras tem publicado em Agricultura, como tambem das ex-

pe-

periencias a ella respectivas, que os Academicos Filosofos de Zurich annualmente fazem em hum extenso terreno destinado para esse fim; e não menos procede tambem da obrigação, que tem os Parochos de instruir a mocidade das suas Freguezias nos principios geraes da Agricultura, e Economia Rural proprias do seu paiz, contidos em huma Cartilha que he seguida ao Cathecismo da Religião. Na Inglaterra e seus Reinos Unidos, as differentes Sociedades Sabias, as Juntas de Agricultura, a Sociedade estabelecida com hum rico fundo para promover com grandes premios o progresso das Artes, os numerosos escritos fundados em experiencias de continuo publicados, varios terrenos estabelecidos para experiencias, e a Cadeira de Agricultura fundada na Universidade de Edimburgo, tem illuminado muito a Nação Britannica na Sciencia Agriologica e Economia Rural. Demais disso, os seus maiores Agronomos não cessão de lhe propor continuamente novos methodos de maior instrucção, como fizerão no fim do seculo passado os célebres Young, e Sinclair com os seus planos de Escolas Ruraes Praticas: e este ultimo desejando que nas ditas Escolas não se seguisse cegamente a experiencia, ou Agricultura empirica, mas que esta fosse guiada pela razão e Filosofia Natural, pedio ao grande Darwin, que para esse fim fizesse hum Tratado de Agricultura Filosofica, o qual elle publicou no anno de 1800, com o titulo de *Phytologia*, ou a Filosofia da Agricultura, fundado na Botanica pura e physiologica, na Chymica Pneumatica moderna, na Physica, e Mineralogia.

VIII.

Em França ha muitas Sociedades Agrarias, innumeraveis escritos em Agricultura e Economia Rural, tanto originaes como traduzidos dos melhores Agronomos estrangeiros, e não ha ignorancia das práticas ruraes Inglezas; mas se, não obstante isto, a Agricultura não florece em França tan-

tanto como na Grã-Bretanha, a causa não procede da falta de instrucção, mas sim de ser muito frouxo o patriotismo, e muito diversa a especulação e administração. No Reinado de Luiz XVI. apenas havia em França huma Cadeira de Agricultura Theoretica e Pratica, estabelecida no Collegio Real de París, de que o célebre Mr. Daubenton, meu Mestre, era o Professor, como tambem de Zoologia e Mineralogia: em algumas Freguezias os Parochos instruião os seus freguezes nos principios geraes de Agricultura e Economia Rural, como os da Suissa; e o P. Cotte chegou a fazer huma Cartilha para esse fim: mas a Nação Franceza até agora não tem approvado as Cadeiras e Escolas de Agricultura e Economia Rural; persuadida de que, para aperfeiçoar a instrucção que havia, bastavão as Academias, e as Sociedades Agrarias, os Professores de Sciencias Filosoficas, e os escritos e experiencias dos bons Agronomos; e persuadida igualmente de que para a França ter pão, e os viveres necessarios para a subsistencia dos seus habitantes, independentemente dos estrangeiros, bastava a Sciencia Agriologica que havia, com tanto que se agricultasse sufficientemente á proporção do seu numero. A experiencia tem confirmado o acerto desta persuasão; por quanto, desde o periodo da terrivel explosão revolucionaria até hoje nunca lhe faltárão os generos de primeira necessidade por todo o interior, porque se cuidou sempre na mencionada cultura proporcional, e ainda mais quando era possivel.

IX.

Em Alemanha alguns Soberanos, antes das devastações das guerras actuaes, tinhão estabelecido nos seus Estados Cadeiras de Agricultura e Economia Rural, e de Technologia para as auxiliar: a Casa d'Austria tinha feito o mesmo em Praga, Pavia, e Florença; mas nestes differentes Estados os productos não erão proporcionados puramente á Sciencia, mas sim á actividade poderosa de fazer agri-

cultar muito. Se pois admittirmos (como julgo se deve admittir) que no paiz, onde ha mais productos de primeira necessidade, ahi he mais florente a Agricultura, por promover mais a povoação e forças do Estado; não recearemos de dizer, que ella florece mais nos Estados Polacos do que nos dos seus visinhos Alemães, posto que estes sejão mais instruidos em noções agriologicas; por quanto a Polonia não só tem trigos para si, mas para sustentar com o redundante delles muitas Nações do Norte, que de Dantzic os exportão em numerosos comboios.

X.

A Sociedade Agraria dos Amigos do Paiz na Biscaya servio de estimulo, para se estabelecerem muitas outras nas diversas Provincias de Hespanha: mas sem embargo das suas Memorias, e de outros numerosos escritos Hespanhoes, antigos e modernos, que provão bem que não ha ignorancia de Agricultura e de Economia Rural, como bem demonstrou o célebre Abbade Cavanilles; e posto que só bastasse a sábia Escola dos novos Colonos da extensa Serra Morena, para lhes servir de modelo que imitassem, aonde aprendessem em similhante materia, e donde podião extrahir-se milhares de habeis alumnos para todas as Provincias de Hespanha: com tudo até o anno de 1808 havião algumas muito despovoadas, sem sufficientes grãos frumentaceos para sua subsistencia, e de muito pouca e má agricultura, por falta não só do activo impulso da Administração, mas principalmente por falta de forças pecuniarias, e por estas serem com preferencia empregadas ou no luxo, ou em tráfegos mercantís mais lucrativos.

XI.

Em Portugal quiz-se neste seculo passado occorrer á decadencia da Agricultura e Economia Rural por meio de

de instruir a Nação cada vez mais nestes interessantes objectos. Traduzírão-se muitos escritos de habeis Agronomos Estrangeiros, e a Academia Real das Sciencias publicou nas suas Actas muito boas Memorias, nada inferiores ás de algumas Sociedades Agrarias Estrangeiras. Estabelecco-se na Universidade de Coimbra huma Cadeira de Agricultura Filosofica reunida com a de Botanica: eu fui nomeado no anno de 1791 para o serviço desta Cadeira; e os que conservão resumos das minhas Prelecções, e os compararem com a Phytologia do Doutor Darwin, reconheceráõ facilmente que eu segui essencialmente o mesmo plano, muito antes da publicação da dita Phytologia, ainda que fui menos hypothetico nas minhas theorias physiologicas. Em quanto servi, roguei sempre aos dois Prelados Reformadores Reitores, que ampliassem o Jardim Botanico, a fim de servir melhor á Botanica prática, e ás experiencias agriologicas em pequeno; o que ultimamente foi effeituado. A Inspecção da Junta da Companhia Geral do Alto Douro pertendeo estabelecer tambem huma Cadeira de Agricultura na Academia Real da Marinha e Commercio da Cidade do Porto, e eu fui consultado a esse respeito duas vezes: a Junta queria generosamente fazer todos os gastos necessarios com o ordenado do Professor, com os instrumentos e maquinas novas, e mesmo comprar hum terreno para experiencias; mas o não ter nesse tempo apparecido hum Professor com as circunstancias que ella exigia, fez demorar este designio até ficar suffocado com os contratempos da guerra. Ouvi dizer repetidas vezes ao inclyto Conde de Linhares, que elle tinha proposto a Sua Alteza Real o estabelecimento de hum Curso Filosofico na Capital, com duas Escolas additas a elle, huma de Agricultura e Economia Rural, e outra de Arte Veterinaria; e que Sua Alteza Real tinha annuido á sua proposta, mas que a execução ficára delongada para tempos de menos mingoa, e de menos cuidados. Os planos destas Escolas tinhão por intuito instruir a Nação nas melhores theorias e prá-

ticas actuaes de Agricultura e Economia Rural seguidas na Europa.

XII.

Que as Escolas fossem antes humas extensas granjas, aonde muitos operarios aprendessem a Agricultura Prática, e a parte de Economia Rural respectiva á creação dos gados: tinha já sido inculcado, como disse, em Inglaterra pelos célebres Young, e Sinclair; mas estes julgavão tambem ser necessarias as instrucções de Agricultura Filosofica, conhecendo que sem ellas a prática he hum empirismo ou rotina cega: com tudo não me consta, que as ditas Escolas fossem até agora postas em execução na Grã-Bretanha; a Nação Ingleza provavelmente as julgou superfluas, por quanto serião o mesmo que as extensas granjas da sua rica Nobreza, as quaes são numerosas, e aonde os proprietarios sempre assistem, ou as visitão annualmente, e nada poupão para nellas fazer executar as melhores práticas conhecidas em Agricultura e Economia Rural. Em Portugal, aonde estas circunstancias proporcionalmente são muito inferiores ás da Grã-Bretanha, as Escolas Ruraes certamente auxiliarião em muito maior gráo as Cadeiras de Agricultura, e os bons escritos agrarios, e a Nação na verdade viria em fim a saber melhor agricultar: mas por ventura ¿he facil estabelecer em Portugal estas Escolas Ruraes, e Cadeiras no estado actual das possibilidades nacionaes? Mas supponhamos que isso seria facil agora, ou depois da paz geral; e mesmo admittamos que se poderáõ ensinar, e aprender bem sómente em tres Escolas Ruraes todas as práticas de Agricultura e Economia Rural adequadas ás differentes localidades deste Reino: por ventura ¿será bastante o saber bem agricultar todo o Portugal, ou bastará sómente a Sciencia de toda a sorte de cultura, sem com tudo se querer nem poder cultivallo, para elle dar pão sufficiente para os seus habitantes, e para

ra nelle fazer florecer a Agricultura, e Economia Rural? ¿Ha quantos annos dizia Manoel Severim de Faria: *No Alemtéjo huma herdade tendo muitas folhas, não se semea senão huma, e he causa de faltar pão no Reino?* Estes e outros Sabios Transtaganos sabião mui bem como se devia agricultar o Alemtéjo, sabião o que Columella tinha ensinado sobre as culturas alternativas, as quaes ha muitos seculos são conhecidas mais ou menos em Portugal; mas o erro continuou até hoje: elle não procede pois de ignorancia nacional a esse respeito, mas sim de outras causas. ¿Por ventura os vastos despovoados e falta de pão, que havião até 1808 em muitas Comarcas de Hespanha, principalmente nas das duas Castellas, Nova e Velha, tinhão por causa puramente a impericia de Agricultura? ¿Não tinha sido esta afugentada com as luzes de numerosos escritos, e Sociedades Agrarias da Biscaya, Valença, e outras, e sobre tudo com o exemplo patentissimo da grande Escola da Serra Morena, aonde por mais de trinta legoas tantos colonos habeis estrangeiros se tinhão estabelecido, e havião naturalizado a actividade e sabia industria agronoma dos seus paizes? Não he pois a ignorancia puramente a causa de que a Agricultura não florece em hum paiz, nem tambem basta puramente a Sciencia de Agricultura para nelle a fazer florecer: he preciso tambem reunir ao saber o poder e querer agricultallo o mais que for possivel em toda a sua extensão, conforme a maxima dos antigos Economistas Romanos.

XIII.

Nos primitivos tempos desta Monarchia até o Reinado de D. Diniz certamente não havião melhores noções em Agricultura, e Economia Rural, do que nella ha hoje; com tudo então todos os seus habitantes tinhão trigo, e outros generos alimentares sufficientemente para si, e mesmo para vender aos estrangeiros. Nem então os seus habi-

tantes erão poucos, porque foi nesses tempos em que as provincias de Portugal se povoárão mais, e depois disso só se despovoárão pelas differentes causas bem conhecidas na nossa Historia; mas nesses tempos se a povoação augmentou consideravelmente, e mesmo assim augmentada teve sufficiente pão para si, foi porque a Agricultura era animada por todos os maiores esforços possiveis, era promovida pelas forças pecuniarias dos Soberanos, de todos os Corpos de mão-morta, e de todos os vassallos: todos querião á porfia imitar o exemplo dos seus Reis summamente apaixonados pela Agricultura; e a moda predominante era arrotear, cultivar, e fundar povoações com a sua Economia Rural respectiva. Não poucas causas contrarias, que depois houverão nos seguintes Reinados, como he bem notorio, fizerão afrouxar esta energia e gosto predominante cada vez mais, até que em fim a nossa Agricultura chegou ao pobre estado proporcional, em que a vemos.

XIV.

Para a levantarmos presentemente de hum tão fraco estado he util na verdade instruir a Nação nas theorias e práticas agriologicas o mais que for possivel, porque *em iguaes circunstancias quem melhor sabe agricultar, mais lucra*; ¿porém como poderáõ os proprietarios, e cultivadores instruidos tirar grandes lucros, se elles não tem os meios necessarios para cultivar como sabem, ou se os tem não os querem empregar em culturas? ¿Quantos obstaculos politicos, fysicos, e moraes se não tem conspirado até hoje contra o poder, e querer agricultar tanto o culto como o inculto Portugal? Para os enumerar, e circunstanciar todos seria preciso hum prolixo tratado; e desgraçadamente elles chegárão agora ao seu auge com esta guerra a mais destructiva e devastadora.

XV.

XV.

Eu não considero a extensão de Portugal em grãos geograficos de planicies continuadas, mas sim como de hum paiz muito mais montuoso do que plano, cujas numerosas encostas o constituem dois Portugaes em hum. Porém infelizmente mais de metade desta extensão resta inculta e despovoada; ordinariamente são bens communs de diversas villas e lugares, são varias possessões de Morgados, e de varios Corpos de mão-morta; naquelles não se póde agricultar, ainda que haja quem o deseje, porque os povos se oppoem a que se arrotêem terrenos, que dizem estar destinados para pastos communs dos seus gados, e para matos communs de lenhas, e de estrumes: quanto aos dos Corpos de mão-morta, os proprietarios ou não querem, ou não tem meios para os arrotear, nem para nelles fundar povoações, não os querem afforar por pouco, nem deixão cultivallos senão aos que lhes houverem de pagar quartos, sextos, oitavos, e outras onerosas pensões ou rações; o que geralmente desanima, e só algum máo especulador ou miseravel colono se sujeita a similhantes culturas, as quaes são pequenas, e não muito distantes de lugar povoado, aonde ha Missa nos dias de obrigação de ouvilla.

XVI.

Destes mencionados obstaculos resulta haver tantas, e tão vastas charnecas e baldios de muitas legoas em todas as Provincias principalmente no Alemtéjo, e ser geralmente Portugal tão inculto, despovoado, e falto de pão e outros generos, de que os seus novos arroteamentos sendo animados e devidamente promovidos o poderião abastecer. A mesma poderosa Authoridade, que em outros tempos concedeo tão extensos baldios a Camaras, Morgados, e Corpos de mão-morta, póde actualmente tirar-lhos, se-

não

não os cultivarem, e repartillos por habeis e activos cultivadores; e póde obrigallos a dallos em modico foro, exigindo-o assim as urgentes necessidades do Estado. Ha meios de sustentar os gados sem pastos communs, e de ter lenhas e estrumes sem terrenos communs; porém admittindo mesmo similhantes costumes, não ha precisão de que os terrenos communs das Camaras sejão baldios de tantas legoas, como na realidade são os de muitas em todas as Provincias. Nestes baldios, e nos dos Corpos de mão-morta deve praticar-se o mesmo que effeituou no seculo passado o grande Frederico Rei de Prussia em algumas vastas charnecas dos seus Estados, e o que fez Luiz XVI. nas de França, e os nossos visinhos na Serra Morena, que consiste em escolher nos baldios e terrenos maninhos os sitios mais convenientes para fundar povoações, e ahi estabelecellas com habeis colonos nacionaes e estrangeiros, dando-lhes os avanços necessarios, os instrumentos, e gados, e em fim as isenções de tributos e dizimos durante alguns annos, em quanto as suas culturas não estiverem sufficientemente adiantadas, e as suas possibilidades em estado de os fazerem afferrar á *gleba*. Não faltarião habeis colonos Suissos, e Irlandezes, que convidados com avanços e premios adequados viessem estabelecer-se nas povoações novamente fundadas nas Serras das nossas tres Provincias do Norte; assim como tambem não faltarião Toscanos, e Milanezes habeis, que viessem habitar em similhantes outras novas povoações do Alemtéjo e Algarve. (*)

XVII.

Estas novas colonias serião humas verdadeiras Escolas Praticas de Agricultura e Economia Rural, sem precisarem de outros Directores mais do que os mesmos colonos;

(*) *Subentende-se, que depois de contemplados os que pela Invasão se expatriárão das suas Provincias neste Reino, e a gente que sobeja em Lisboa, e outras Cidades.* (§. *XX.*)

nos; ellas augmentarião ao mesmo tempo os productos ruraes, e a população, porque esta he sempre proporcionada á Agricultura, e *vice versa.* Com tudo ellas deverião ter por principal objecto a cultura dos grãos frumentaceos, e leguminosos, das raizes alimentares, e dos vegetaes proprios para alimento dos gados. Deveria haver grande cuidado em estabelecer muitas granjas, e casaes de grandes culturas de trigos em terras fortes, e de centeios e cevadas nas soltas; temos já de vinhas quanto basta, ellas tem usurpado muito lugar ás frumentaceas, he a estas que devemos actualmente dar a preferencia de cultura.

XVIII.

Mas objectar-se-ha ¿ quando se poderá executar hum tal plano? ¿ Quem poderá subministrar os meios da sua execução? ¿ Como se vencerão ainda outras difficuldades, que ella deve necessariamente encontrar? Nestes calamitosos tempos de guerra, em que não ha braços, nem gados, nem sufficientes dinheiros, faremos muito, se não deixarmos os terrenos cultivados tornar-se em incultos pousios; depois da paz geral, ¿ que poderá a Nação, empobrecida com os estragos e despezas da guerra, effeituar? A sua Agricultura talvez virá a ser peior do que d'antes era, porque haverão menos meios para a manter, e os grandes proprietarios continuarão a dar todo o seu cuidado ao luxo domestico, sem lhes importar o melhoramento das suas terras; augmentará cada vez mais a Capital, e nella o numero das comeagens, e por conseguinte augmentará cada vez mais a falta de pão, isto he, a precisão de o comprarmos aos estrangeiros; em fim as rendas do Estado mal chegarão para amortizar o papel-moeda, e para outros gastos reputados de primeira preferencia; e os Capitalistas, e todos os especuladores em geral persistirão no seu antigo systema de quererem antes empregar os seus dinheiros no trato mercantil, do que em comprar terras, e agricultallas, cu-

cujo interesse calculão ser muito modico, e ordinariamente não chegar a cinco por cento.

XIX.

Com effeito he certo haver muitos obstaculos, que se oppoem á devida execução de hum similhante plano; mas nenhum delles parece ser de tal natureza, que por fim se não possa vencer. Eu penso que depois da paz geral nenhum objecto deveria mais interessar a Nação, do que pôr a sua Agricultura no melhor estado possivel, de sorte que disso resultasse ter mais pão, e outros viveres necessarios, mais gados, e mais população, hoje tão diminuida; julgo por conseguinte, que as despezas necessarias para obter este fim entrão na classe das de primeira preferencia: em fim creio, que todos os bons Portuguezes continuarião a pagar com gosto mais alguns annos as duas decimas, se vissem o bom uso de alguns milhões applicados em restabelecer o Systema Georgico e Economico do grande Rei D. Diniz, e dos seus antecessores; e applicados tambem a empregar com vantagem no campo de Ceres muitos daquelles mesmos, que tanto se tem distinguido no de Bellona em serviço da sua Patria. Este Systema dependeo antigamente todo do impulso do Soberano, e hoje igualmente todo do mesmo Regio impulso necessita. Ha nos dominios Reaes muitos baldios, e he nestes que merece principiar o exemplo de fundar novas povoações, e culturas: o amavel Principe, que nos rege, não ha de deixar de annuir a isto; hum tal exemplo reunido a insinuações feitas de Ordem Regia aos Morgados, Corpos de mão-morta, Capitalistas, e homens abastados, pouco a pouco iria restaurando o antigo Systema dos Dinizes, e este viria a ser moda, principalmente se o Soberano, e os Grandes do Reino visitarem os novos Estabelecimentos Ruraes de suas terras. Seria então menos difficil fundar-se huma Companhia de Capitalistas para auxiliar este Systema Rural; Companhia,

nhia, que ha tantos annos os bons patriotas desejão, e que a esperança do maior lucro mercantil tem frustrado. Para o mesmo fim auxiliativo, a Junta de Agricultura, quer ella ficasse reunida com a do Commercio, quer separada, deveria compor-se tambem de seis Deputados Agronomos, todos Bachareis formados na Faculdade de Filosofia, e respectivos ás seis Provincias do Reino; elles serião obrigados a visitallas, e a ter nellas Correspondentes, a fim de saberem, e noticiarem qual fosse o estado da sua Agricultura e Economia Rural, quaes as suas práticas locaes, boas ou más, que Posturas ou Leis Agrarias dellas se executavão ou deixavão de executar, em fim tudo o mais que fosse util para o progresso e melhoramentos ruraes das ditas Provincias.

XX.

Esta Sociedade de Agronomos, a Academia Real das Sciencias, as Cadeiras de Agricultura, e de Botanica, e as Escolas Ruraes Práticas, serião certamente muito bons auxilios; mas estes meios ou só per si, ou todos juntos, serão sempre insufficientes: elles tendem puramente ao saber, e em quanto se lhes não reunirem os de poder e querer do modo que tenho exposto, isto he, em quanto não for restaurado aquelle Systema de Agricultura, e de Economia Rural da maneira que se praticou nos primeiros Reinados desta Monarchia, principalmente no do grande Rei D. Diniz, as nossas Provincias continuaráõ a ser muito pouco cultivadas, e a termos muita falta de pão, e de gados. Este Systema na sua restauração deverá talvez ser ainda mais animado, do que foi nos ditos primeiros Reinados; por quanto Lisboa he hoje huma cabeça muito maior, e enormemente desproporcionada ao corpo; o Porto, e algumas outras Cidades tambem tem crescido em povoação á custa do interior das Provincias; o luxo tem augmentado consideravelmente o numero das carruagens, e os animaes do seu serviço consomem muito grão, que se cultiva em lu-

lugar do trigo, com o qual se poderião manter muitos mil habitantes; a maior parte das Leis Agrarias tem cahido em desuso, e desobservancia, sem exceptuar as mais modernas feitas a bem das arroteas, casaes, e montados do Alemtéjo. Omitto ainda algumas outras circunstancias do nosso estado civil e politico actual, que differem muito das dos antigos tempos da Monarchia: ellas precisão na verdade esforços muito energicos, para se conciliarem com o systema proposto; mas não são incompativeis com elle, quando hum Ministerio illuminado, e hum Soberano, como o nosso, zeloso do bem e Pai de seus vassallos insistir fortemente em restabelecello.

Tal he e será sempre o meu parecer sobre este importantissimo negocio nacional, bem persuadido (pelo dizer finalmente) que em quanto o mencionado Systema não for reinstituido, todas as demais Instituições serão sempre humas tentativas fracas, muito limitadas, e incompletamente fructuosas.

ME-

MEMORIAS
DOS
CORRESPONDENTES.

10 DAY

DA DEDALEIRA,

E SUAS PROPRIEDADES MEDICAS.

Por Francisco Elias Rodrigues da Silveira.

Artis est, ex miscellanea, optima et usu comprobata seligere.

Fred. Hoffman. Dissert. de stud. med. recta pertract.

DEsde que a Medicina á força da imperiosa lei dos successos sahio do cáhos, em que jazia reduzida unicamente a factos destacados sem ordem, nem discernimento, não conhecendo outro systema que não fosse o do empirismo e superstição, era de necessidade que ella tomasse huma face mais racionavel, a fim de tornar-se digna de servir de remedio á Humanidade nos seus padecimentos. Mas para que chegasse a tal ponto de perfeição, seculos se passárão, pois que seculos são precisos para desarraigar prejuizos bebidos no berço, a pezar de sustentados sobre principios mal observados, e pouco reflectidos; sendo este o motivo por que theorias mais ou menos absurdas, succedidas humas ás outras, tem tido maior ou menor duração, e feito com que se caminhe com passos incertos no curativo das enfermidades: por cuja causa muitas vezes o remedio, que não tem sido o resultado d'huma severa observação, mas tão sómente o effeito da moda, e absoluto arbitrio, torna-se então fatal, se a sua natureza innocente por si mesma não evita os damnos, tocando a constituição sem a offender.

Tal tem sido desgraçadamente a sorte da *Dedaleira*, que, desde remotos tempos até nós, introduzida na prática da Medicina, tem pela maior parte sido funesta; pois

que mãos inhabeis a tem muitas vezes applicado. Estes terriveis damnos no nosso proprio Paiz não deixão já de apparecer, e tanto mais, quando ella he hoje hum medicamento muito vulgarizado. Por tanto julguei faria algum serviço á Humanidade, e preencheria as vistas desta sábia Academia, se, proporcionalmente ás minhas forças, coadjuvado pelas observações d' outros, conseguisse determinar as propriedades medicas desta planta extraordinaria, e talvez unica nos seus effeitos, estabelecendo regras fundadas na prática, e boa observação. (*)

Historia. Ha mais de tres seculos que a Dedaleira tem merecido a attenção dos Praticos, principalmente nas molestias de peito, e escrofulas; mas foi Fuchsio quem em 1542 primeiro fez particular menção della, dando-lhe o nome que ainda hoje conserva. Girard, e Parkison a celebrárão como expectorante; e este até a julgou muito util na Epilepsia. Salmon, escritor á muito mais de hum seculo, já a exaggerava extraordinariamente na tisica pulmonar, fazendo tomar aos seus doentes, como bebida ordinaria, huma ligeira decocção da sua raiz; de sorte que chegou a dar-lhe o nome de específico. Admira com tudo que nenhum dos Authores antigos ou modernos antes do anno de 1775 tivesse mencionado a sua virtude diuretica, e que fosse então reservado particularmente a Withering o determinalla, conduzido por hum dos felizes acasos, que costuma muitas vezes acompanhar as mais uteis descobertas. Os seus trabalhos forão favorecidos pelos do Doutor Ash, e Mr. Russel; e desde esse tempo se estabelecêrão regras para a applicação d' huma planta, que não só elle como tambem Ray, Boerhaave, Haller &c. julgavão deleteria.

Com as observações de Withering que chegárão até o anno de 1785, apparecêrão as de Fowler; e o Doutor Darwin, e Baker, conhecendo nella grande força de absor-

(*) Devo ao meu particular Amigo e Collega o Doutor Romão José Nunes o suscitar-me esta lembrança, quando se me queixava dos estragos que via pela ignorante applicação desta planta.

sorpção, e particular acção sobre o coração e as arterias, a applicárão nos casos de consumpção pulmonica, e igualmente nas hydropesias. Porém he particularmente a Withering, Russel, Ferriar, e Beddoes que devemos as melhores noções a respeito desta soberana planta, cujos successos tem correspondido aos do Doutor Hope, Hamilton, e Duncan.

Especie de que se usa.

A especie de Dedaleira, de que actualmente se trata, e se faz uso em Medicina he a *Digitalis purpurea* de Linneo, a qual he muito geralmente conhecida no nosso Paiz, na Hespanha, e em alguns districtos da Inglaterra.

Tempo da colheita.

He da maior necessidade determinar-se o tempo em que deve fazer-se a colheita da planta; e as observações tem mostrado que he preciso, que ella se effectue no da florescencia, comprehendido entre Maio até Julho, ou quando as flores estão quasi a abrir. O pouco caso que se tem feito desta circunstancia, aliàs essencial, he huma das causas principaes de não se tirarem sempre da sua applicação os mais felizes resultados; erro imperdoavel, e tanto mais reprehensivel, quando se sabe ser do gráo da energia da planta que deve depender a exacta determinação das suas doses, e virtudes.

Qualidades physicas e qual a parte mais medicamẽtosa, e sua exsiccação.

Tem-se differentemente ensaiado as suas folhas, raizes, e até flores, para conhecer-se qual destas partes continha mais virtudes; pois que cada parte da planta tem hum sabor mais ou menos amargoso e ingrato, acre, e capaz de irritar fortemente a lingua e fauces, exulcerallas, e produzir a salivação: porém, depois de repetidas observações, forão preferidas as folhas; porque ahi em comparação com outras partes parecem residir mais as suas qualidades sensiveis.

Alguns tem feito uso das folhas verdes, e até do seu succo, porém a applicação dellas seccas he mais segura e regular, havendo o maior cuidado na exsiccação, a qual faz-se ao sol; ou expondo-se a hum fogo brando, em vaso de barro não vidrado, de folha de flandres, ou ferro es-

ta-

tanhado: rejeitando primeiramente por inertes os seus talos.

As folhas dever-se-hão julgar bem seccas, quando dêm hum pó d' hum bello verde, logo que se esfreguem entre os dedos, e que o seu pezo seja menos huma quinta parte que d' antes de se seccarem; devendo sempre haver o maior cuidado para que ellas não se tostem, ou ainda se queimem levemente: por isso não deveráõ ser mais seccas do que o preciso para que se reduzão a pó.

Analyse chimica. As analyses chimicas nada tem adiantado sobre a natureza desta planta; e tão sómente se sabe que as preparações aquosas são tão efficazes, como as espirituosas; o que mostra residir nella hum principio gommoso e resinoso. (*)

Modo de a applicar. He para o uso interno que se dão as folhas, assim seccas, em pó, Infusão, Decocção, e Tinctura espirituosa; e externamente em fórma de cataplasma e unguento: sendo sempre preferidas as infusões ás decocções, quando estas não sejão feitas mui ligeiramente; pois que he bem sabido o quanto huma longa decocção altera os principios dos vegetaes, além de tornar incerto o gráo de saturação para o regulamento das doses.

Não tem sido possivel até ao presente determinar-se qual das preparações da Dedaleira, usada internamente, seja a mais proveitosa, e em que casos huma preparação deve ser referida á outra: por quanto huns tem prestado maior excellencia aos pós, outros á tinctura &c., mesmo ainda em molestias similhantes: sendo por tanto prudente variar-se de preparação, quando huma, que he applicada, não produza effeito sensivel ou o desejado. Withering usa-

va,

(*) Mr. Destouches diz ter-lhe fornecido esta planta pela analyse
1.° Hum pouco d' alkali carbonizado.
2.° Sulfato de potassa - - - - - - 5
3.° Dito de cal - - - - - - - - 4
4.° Phosfato de cal - - - - - - - 4
5.° Carbonato de cal - - - - - - 35
6.° Oxido de ferro - - - - - - - 12
7.° Terra quartzosa - - - - - - - 12

va da Dedaleira em pó, particularmente quando julgava o peito, e o bofe affectados de hydropesia. Se consultarmos com tudo Darwin, veremos que elle elogia grandemente a sua decocção nas hydropesias do peito, e a sua tinctura saturada nas hemorrhagias. Pelo que deveremos concluir, que depende de quem applica esta substancia o escolher a preparação: não deixando porém de servir de regra o ter-se observado, que a preparação espirituosa he a mais bem adoptada, quando se tenha em vista o tornar a acção da Dedaleira mais energica e diffusiva, em razão da natureza e gráo de debilidade do doente.

He de necessidade, pela maior parte das vezes, ajuntar opio á Dedaleira, principalmente sendo dada em substancia, e nas molestias de peito, ou quando produza grandes evacuações de ventre. Ainda quando esta prática não tivesse outra utilidade, bastava a vantajem que della resulta em obstar á nausea, e fazer assim com que o doente possa supportar maior quantidade do medicamento. Porém estando o ventre muito constipado, e não bastando ella só para o desembaraçar, neste caso não se addicionará opio, e, se for necessario, se ajuntará algum purgante idoneo á natureza da enfermidade, e do doente; como tambem, se as indicações o pedirem, poder-se-ha combinar Scilla, Gomma ammoniaco, flores de Beijoim, aromaticos &c., e igualmente Calomelanos, fóra da indicação de purgativo: o que melhor depois se conhecerá.

A Dedaleira deverá applicar-se com intervallos sufficientes, para que se percebão os seus effeitos; e não repetilla senão com muita cautela, para que não os produza máos, devendo haver sempre toda a attenção em observar o pulso; de sorte que a Dedaleira deverá ser repetida, em quanto não se observar, que ella obra augmentando a diurese, ou sobre o estomago, systema circulatorio, e ventre: porque então dever-se-ha parar, até que se conheça bem, se ha ou não necessidade de ser ainda continuada. Nos intervallos em que os doentes não usem della, se adminis-

tra-

traráõ os outros medicamentos, e a dieta appropriada á enfermidade: sendo pór isso preciso em alguns casos o usar-se só della á noite, e, pelo dia, de excitantes diffusivos e permanentes, e dieta.

Doses. A dose dos pós por cada vez he de $\frac{1}{7}$ de gr. — 3 gr. com duas, quatro, seis, e oito horas de intervalo, segundo a urgencia dos casos, ou sómente á noite ao recolher; havendo exemplos, bem que raros, de doentes terem tomado dezoito gr. e mais em 24^h sem maior inconveniente. Eu me persuado ser isto devido antes á má preparação da planta, do que á natureza dos doentes; pois que estes tomando quatro até seis gr. em 24^h geralmente se mostrão affectados. Com tudo se applicada a Dedaleira não se seguirem os effeitos desejados, se augmentará a quantidade, ou o numero das vezes até produzir nausea ou vomito, ou reducção sensivel no pulso; o que se deverá igualmente entender em toda e qualquer preparação. Cumpre porém sempre notar, que acontece com a Dedaleira o mesmo que succede com outros medicamentos, o haverem constituições particulares, que supportão della grande porção sem apparecimento de effeito sensivel.

A Tinctura espirituosa, (*) sendo a saturada, dá-se de 6 - 10 - 30, e mais gottas (**) por dose, em Agua simples, d' Ortelã, ou outra qualquer aromatica com as mesmas cautelas e regras, que para a administração dos pós: o que se observará igualmente para a da infusão, e decocção.

A

(*) Tinct. espirit. de Darwin.

R. Folhas de Dedaleira seccas e reduzidas a pó - - *duas onças.*
Espirito de vinho rectificado - - - } *aã. quatro onças.*
Agua commum - - - - - - - - - }
M.e e digira a fogo brando por 24^h, mechendo repetidas vezes o vaso; feito o sedimento, filtre-se o liquido por papel pardo.

(**) Para determinar-se exactamente a grandeza das gottas, he conveniente que o vaso, que sirva para as deitar, não possa conter mais de duas onças de liquido.

A Infusão (*a*) de meia até duas onças } São rarissimos os estomagos que soffrem estas ultimas doses.
A Decocção (*b*) de meia até tres onças }

O Extracto he inutil, ou pouco usado.

O Succo tem sido dado por alguns na dose de duas oitavas até huma onça; porém esta preparação he muito nauseosa, e nimiamente ingrata ao paladar; e por isso tem sido usada só externamente sobre os tumores escrofulosos, e ulceras cancrosas.

Finalmente deveremos saber que nas molestias chronicas póde fazer-se uso da Dedaleira em maior quantidade, e por mais tempo, do que nas produzidas por evacuações repentinas de sangue, onde geralmente ha maior susceptibilidade para este medicamento; o contrario do que costuma acontecer nas originadas por excesso de estimulos.

Se consultarmos os primeiros Authores, e ainda muitos modernos, que tratão da Dedaleira, a respeito do seu modo de obrar, quasi nada dizem, á excepção de alguns que geralmente julgavão ser hum sedativo directo, isto he, que introduzida na economia animal diminuia, desde o principio, a força e frequencia das contracções do coração; e até Withering em toda a sua Obra contenta-se unicamente, Modo de obrar.

(*a*) Infusão.

R. Folhas seccas de Dedaleira - - - - - - - *tres oitavas.*
Agua fervendo - - - - - - - - - - - *huma libra.*
Digira por 4^{h}: e coe.

N. B. Esta infusão póde fazer-se mais ou menos saturada, segundo a necessidade; porém geralmente he esta a formula, que apparece na maior parte das observações dos differentes Authores.

(*b*) Decocção de Darwin.

R. Folhas frescas de Dedaleira - - - - - - *quatro onças.*
Agua commum - - - - - - - - - *duas libras.*
Ferva até reduzir a - - - - - - - - *huma libra.*
Coe.

N. B. O modo, por que esta preparação he feita, e o servir-se Darwin das folhas verdes e não seccas, tornão esta formula defeituosa; pois que podemos com menos quantidade da planta conseguir igual resultado, fazendo ao mesmo tempo huma preparação muito mais segura, huma vez que a decocção seja feita segundo o que está estabelecido.

te, debaixo do mesmo principio, com exaggerar-lhe a virtude diuretica. Não acontece o mesmo, quando apparecem Beddoes, e Darwin; pois que este dando então á Medicina huma nova face, e tornando-a mais filosofica, conheceo que a Dedaleira devia ser hum medicamento digno de toda a indagação sensata.

Antes de Darwin não se tinha dado ainda verdadeiramente nome ás propriedades da Dedaleira, que erão aliàs já tão conhecidas pelos effeitos extraordinarios de excitar a nausea, o vomito, as evacuações alvinas; de diminuir consideravelmente a acção das arterias e do coração, de maneira que hum pulso de cento e vinte pulsações em minuto primeiro era reduzido por ella a quarenta; de augmentar a absorpção da membrana cellular, curando as hydropesias, e diminuindo a materia purulenta nas consumpções pulmonares &c.: porém elle as nomenclou, e daqui resultou poder fazer-se della hum uso mais extenso e util.

O observar-se que a Dedaleira ao mesmo tempo que diminuia a frequencia e velocidade da contracção arteriosa, augmentava a secreção dos rins, fez nascer a grande difficuldade, que sempre tem havido, em explicar-se o como ella obrava; e Ferriar mesmo julgou impossivel poder dar-se a explicação deste phenomeno; de sorte que até a sua mesma *vis a tergo* não o satisfaz muito bem; vendo que o cremor de tartaro, quando he diuretico, obrava evacuando, como hum estimulante tanto nos intestinos como nos rins.

Opinião de Beddoes.

Beddoes contentou-se porém com dizer, que a Dedaleira era hum estimulante; que a sua acção era similhante á do opio; e que elle, applicando-a em doses pequenas, observára, que ao principio o pulso subia de setenta e seis pulsações a cento e vinte em minuto primeiro, com calor de pelle e cabeça; e que em dous exemplos produzíra a febre, e até a embriaguez; e que em outros conhecêra ser ella capaz de augmentar a força muscular do estomago; como vio em muitos doentes tisicos, que usavão da Dedalei-

leira, cujo apetite e força digestiva augmentavão, ao mesmo tempo que diminuia o poder da circulação; asseverando até que nos casos de dar amargos com opio, era muito mais proveitosa esta mistura, quando se lhe addicionava a Dedaleira, e que se ella não augmentava a acção organica dos nervos, mas sim da fibra contractil, tanto ou mais que o opio, deveria produzir por isso mesmo o abatimento do pulso, visto que era hum estimulo muito activo e capaz de produzir a debilidade indirecta: porém as asserções de Beddoes, e os seus raciocinios não explicão ainda capazmente o como ella augmenta a absorpção, e diminue a circulação.

Opinião de Darwin.

Darwin pertendeo explicar os effeitos da Dedaleira pela nausea que produzia; por isso que o seu grande estimulo no estomago o tornava torpido, e este estado continuava por muitas horas, e até dias, em consequencia da grande exhaurição do seu poder sensorial de irritação, tornando-se fraca a acção do coração e das arterias pelo deficiente incitamento do poder sensorial de associação, vindo então a obrarem os absorbentes da membrana cellular mais violentamente em consequencia do cumulo do poder sensorial de associação no coração e arterias; de maneira que este medicamento estimulando inversamente os absorbentes do estomago, augmentava directamente a acção dos cellulares limfaticos.

Esta explicação, que faz Darwin, seria inteiramente satisfatoria, se a acção da Dedaleira no systema sanguineo fosse sempre precedida de nausea e vomito; porque então tinha lugar o estabelecerem-se acções directas e inversas: mas eu não posso persuadir-me que o estado torpido do estomago tenha sempre lugar, em consequencia da Dedaleira, e que dê origem á diminuição do pulso e augmento de absorpção; quando as observações mostrão ter-se reduzido em alguns casos o pulso a quarenta pulsações sem apparecer nausea, durando este estado por semanas. Talvez se pertenderá dizer, que nesses casos ha sempre movimen-

to invertido do estomago, pelo estimulo da Dedaleira, a pezar de não apparecer nausea: porém he bem difficil e mesmo impossivel conceber-se como isto possa verificar-se, quando estamos costumados a determinar causas só pelos seus effeitos.

Além disto se o augmento da absorpção cellular fosse sempre devido ao cumulo do poder sensorial de associação pela deficiencia de incitamento do coração e arterias, em consequencia da directa sympathia com o estomago, jámais principiaria a estabelecer-se o augmento da diurese pela applicação da Dedaleira, sem que esta primeiro tivesse obrado sobre o systema sanguineo ou estomago; porém Withering e outros trazem casos de ter a diurese crescido, quando o systema sanguineo parecia não participar ainda da acção da Dedaleira; e por isso de nenhuma maneira se poderá dizer, que he sempre unicamente pelo cumulo do poder sensorial de associação, que a acção dos absorbentes cellulares cresce, e que a diurese se augmenta: por tanto julgo aqui inadmissivel a theoria de Darwin.

Eu acho de certo bastante difficuldade em poder explicar-se vantajosamente o como obra a Dedaleira, pois que seus effeitos lhe são bem particulares, e a analogia dos outros medicamentos apenas nos presta hum debil soccorro: por tanto vejamos se, attendidos os effeitos, que resultão depois da sua applicação, póde conhecer-se melhor o seu modo de obrar.

Effeitos da Dedaleira na constituição.

Poucas horas depois que a Dedaleira he applicada, tendo-se repetido a dose, a acção do coração, e das arterias he diminuida, e o pulso gradualmente vai tornando-se mais fraco e tardo; (*) de sorte que aproximando-se o numero das

(*) He necessario para conhecer-se bem se o pulso do doente diminue realmente de força e frequencia, depois da applicação da Dedaleira, attender-se ás circunstancias em que está o doente antes e depois da sua applicação: circunstancias estas, que podem, não sendo attendidas, produzir erro; como tambem distinguir, se a diminuição da força e frequencia das pulsações dimana da acção immediata da Dedaleira sobre o systema sanguineo, ou da eliminação da causa que as produzia: como acon-

das pulsações a cincoenta, geralmente intermitte, ou apparecem palpitações. Este estado do pulso muitas vezes he precedido de nausea e vomito, porém outras não; apparecem vertigens, offuscação de vista, dores de cabeça, e somnolencia; a secreção das ourinas igualmente cresce, e as evacuações alvinas em alguns casos não deixão de apparecer; e, se attendermos a algumas das observações de Beddoes, veremos ahi que antes de apparecer o pulso tardo e fraco, elle he mais frequente e forte, o que acontece nas primeiras doses; e então mesmo os signaes de incitamento geral não são equivocos.

Determinados por tanto os effeitos da Dedaleira, eu me persuado que a sua acção, ou modo de obrar se poderá explicar mais racionavelmente, estabelecendo-se como principio certo, que cada orgão tem huma vitalidade especifica, modificada á proporção da sua organização intrinseca, a qual se torna de igual força no mesmo systema organico, e he sujeita ás mesmas leis; sendo esta a razão por que hum medicamento, que obra poderosamente sobre hum orgão, deverá igualmente obrar sobre hum dado systema; assim vê-se que como ha especificos, que obrão mais particularmente sobre hum orgão, deveráõ tambem haver alguns que obrem sobre hum systema total; pelo que não só o figado, o estomago, os rins, &c. tem seus especificos, mas tambem os deveráõ ter o systema da circulação, o nervoso, o dermoides, cellular &c.: por tanto, isto posto, a Dedaleira, em consequencia dos effeitos enumerados depois da sua applicação, tem huma acção particular mais estimulante e diffusiva sobre o systema sanguineo, pois que a tem sobre os movimentos irritativos das arterias, e principalmente dos do coração, e menor sobre o systema absorbente; ao mesmo tempo que não deixa tambem de a ter sobre a viscera, em que primitivamente obra, e sobre

Opinião do Author.

o

---

tece, v. gr. na hydropesia do peito: por isso que, tirada a congestão sorosa, o pulso se tornará menos frequente, e mais forte.

o resto da constituição; no que he conforme aos demais medicamentos da sua natureza: sendo esta a razão, por que á applicação da Dedaleira, passadas algumas horas, isto he, depois que os symptomas primitivos de incitamento mais ou menos desenvolvidos tem cessado, se segue quasi geralmente hum pulso tardo e lento, cujo effeito he á proporção do augmento das suas doses, e das vezes que se toma, da susceptibilidade e diathese individual; de maneira que no estado de maior atonia o incitamento será passageiro ou menos sensivel; acontecendo o contrario nas constituições robustas, ou quando ainda a diathese seja estenica, não deixando ao mesmo tempo de augmentar-se a absorpção: por quanto tendo a Dedaleira huma acção mais especifica e diffusiva sobre o systema sanguineo do que sobre o absorbente, o poder sensorial alli deverá primeiro principiar a exhaurir-se, e estabelecer-se huma debilidade indirecta, quando aqui ainda esteja em incitamento, o qual crescerá então pelo cumulo do poder sensorial em consequencia da inactividade do coração e arterias. Ora quando aconteça que o estomago se affecte igualmente, estabelecendo nausea ou vomito, este estado poderá influir não pouco para augmentar-se mais a força do systema absorbente; por ser então maior o cumulo do poder sensorial de associação. Porém isto não se deverá contemplar senão como huma circunstancia accidental, e não como absolutamente precisa para o augmento da absorpção; pois que só faz tornar mais energica a força incitante da Dedaleira sobre o systema absorbente.

Quando porém o primeiro effeito da Dedaleira seja nausea ou vomito, e não a diminuição do pulso, direi então que idiosyncrasias particulares, e mudanças occasionadas por causas morbosas, fizerão variar a vitalidade natural dos orgãos; não devendo com tudo servir isto para destruir a generalidade que aqui estabeleço (*): por tanto.

A

(*) Quando já tinha quasi terminado esta Memoria, chegou ao meu

A Dedaleira será nociva nas inflammações activas; por isso que sendo hum torpente indirecto do systema sanguineo, deverá necessariamente, antes de produzir este estado, augmentar a acção do systema arterioso, como hum effeito primario: pelo que se alguem, v. gr. no pleuris, em vez de sangrar o doente, lançar mão da Dedaleira, induzido pela sua virtude sedativa, augmentará a enfermidade; e tanto mais, quando se limite a pequenas doses; não deixando com tudo de ser possivel, que dando-se doses maiores nas simplices molestias inflammatorias, se torne insensivel o periodo do incitamento, e venha a conseguir-se o desejado effeito, principalmente nos casos em que o Prático tiver algum receio de applicar a sangria. O que digo do pleuris, se deverá tambem entender a respeito do croup, das inflammações das membranas do cerebro, da mania verda-

Applicação nas inflammações activas.

conhecimento o tratado da Dedaleira por Sanders, traduzido por Murat; e tive então a satisfação de ver, que as suas idéas erão em grande parte conformes com as que eu já tinha delineado; pois que elle igualmente estabelece ser a Dedaleira hum maximo incitante do systema sanguineo, principalmente do coração; no entretanto parece, que Sanders não pertende determinar regras praticas para a sua applicação, contentando-se unicamente com generalizar as suas idéas, cuja generalidade levou a hum ponto inadmissivel na verdadeira arte de curar, como acontece quasi sempre quando se dá á força das theorias toda a elasticidade, de que ella he capaz, sem attenção a casos particulares, que devem pertencer a excepções indispensaveis, ou a systemas d'outra natureza.

Com tudo não posso de maneira alguma accommodar-me, nem he da minha opinião, que a Dedaleira, como quer Sanders, seja sómente util em quanto he estimulante; e por isso só proveitosa nas molestias astenicas, por cujo motivo quer elle, que seja necessario sempre intermittir-se o seu uso, para que a sua acção se conserve constantemente em vigor, e previna a debilidade; vindo por tanto a ser a diminuição da força e da frequencia do pulso hum indicio certo para a sua suspensão; porque então, longe de poder interessar, será sempre nociva á constituição. Esta asserção de Sanders, bem se deixa ver, ser muito arbitraria e geral, como tambem a sua *febre inflammatoria* sempre induzida pelo uso da Dedaleira; sendo muito diminuto o numero dos factos que refere, para apoialla, a pezar das subtilezas de que usa para explicar a diminuição da frequencia e força do pulso como hum effeito produzido não pela debilidade indirecta, mas sim immediatamente pela força nimiamente estimulante da planta, e da sua acção particular sobre o coração.

dadeiramente estenica, das inflammações das fauces, da hepatites aguda &c., e talvez da *Angina pectoris*.

A pezar de que nas simplices ou ligeiras inflammações a Dedaleira, dada logo ao principio, algumas vezes tenha aproveitado; com tudo esta prática he inteiramente arriscada, como acontece com o opio, e só deverá ter lugar, havendo precedido as evacuações sanguinarias, ou já remittido a maior parte do eretismo; mas ainda assim mesmo será prudente dá-la com cremor de Tartaro (Tartrito acidulo de potassa) ou nitro (Nitrato de potassa) bem como fazia Sydenham, quando ajuntava nitro aos pós de Dower, depois de ter sangrado, e diluido. (*)

Alguns costumão empregar sangrias com a Dedaleira; mas este methodo não he racionavel; por quanto o beneficio desta operação poderá mascarar ou disfarçar o damno do medicamento. Aconcelho porém, que se deverá sempre ensaiar a Dedaleira, quando, passada a maior parte do typo inflammatorio nos pleurises ou peripneumonias, existir a exsudação inflammatoria; o que muitas vezes acontece: por quanto a sua propriedade de diminuir os movimentos irritativos do systema sanguineo, e de augmentar a absorpção, a fará interessante. Ferriar já tinha alguma confiança neste modo de proceder; porém diz, que precisava ainda de provas para o affirmar de positivo: o que para Ferriar era ainda duvidoso, para outros he hoje de certeza.

Nas inflammações chronicas.

Sendo a Dedaleira nas inflammações activas não só arriscada, mas até prejudicial, quando o incitamento augmentado não tem sido diminuido por algumas das causas conhecidas; nós a poderemos sempre applicar nas chroninas, principalmente naquellas, que forem motivadas por falta ou diminuição da absorpção venosa, huma vez que razões de ex-

(*) A grande analogia que parece haver entre as propriedades do Opio, e da Dedaleira, faz com que huma grande parte dos effeitos desta sejão regulados pelos daquelle; de sorte que não posso deixar até de conceder-lhe huma virtude sopiente como a do Opio: factos a contestão igualmente, e eu os tenho observado.

excessiva debilidade do sujeito, e outras igualmente attendiveis não a contraindiquem.

A idéa de que a Dedaleira ao mesmo tempo que entorpecia o systema sanguineo, excitava o absorbente, tem feito muito universal o seu uso nas hydropesias tanto geraes como parciaes; mas he particularmente a Withering que devemos as melhores observações sobre a virtude hydragoga desta planta, as quaes tornão-se tanto mais apreciaveis, quanto são feitas a maior parte dellas sem mistura de outros medicamentos, nem suggeridas por theorias estudadas: porém, a pezar dos excessivos elogios, que tanto elle como Beddoes, Stokes, Ferriar &c. lhe tem prestado, não deixão de confessar ter-lhes falhado algumas vezes; o que he muito natural nos medicamentos desta classe; não sendo isto hum motivo bastante para a desprezarmos, e tanto mais quando ella em algumas constituições produz decididamente o effeito diuretico: e por isso só a abandonaremos, quando, pela sua applicação, não tendo apparecido o fluxo augmentado das ourinas, já tenha produzido grande alteração no pulso ou estomago: pelo que a fim de tornar-se segura a sua applicação, he necessario attender-se ao seguinte. Nas hydropesias.

Quando adoptamos contra o parecer de muitos, que para augmentar-se a diurese, pela applicação da Dedaleira, não era preciso que ella excitasse nausea ou vomito, affiançamos isto particularmente não só porque muitas vezes causando nausea e vomito, não augmentava o fluxo das ourinas, mas porque em algumas occasiões, tendo produzido augmento de diurese sem produzir antes nausea, aquelle effeito se moderava logo que esta apparecia, ou se excitava consideravelmente pelo abuso: por tanto a nausea (huma vez que ella se verifique) será unicamente hum criterio seguro para regular a sua applicação, deixando nós de a continuar, por algum tempo, logo que ella appareça: o que deverá sempre attender-se em toda a occasião em que queira applicar-se a Dedaleira. Com tudo não deixo de ter no-

noção de casos extraordinarios de hydropesias, terminadas felizmente por vomitos espontaneos ou promovidos pela Ipecacuanha, por meio dos quaes se eliminou toda a materia sorosa das cavidades; porém estes casos não são menos raros do que os das hydropesias curadas pelo suor unicamente; mas nem por isso mostrão, como regra, que os vomitos favorecem sempre o augmento da absorpção limfatica, e da diurese.

A Dedaleira será sempre hum medicamento proveitoso nas hydropesias, huma vez que as visceras não estejão organicamente enfermas, ou estando, possão ainda ser curadas pelos remedios proprios; por isso que nenhum diuretico he proveitoso quando as visceras se achão obstruidas e volumosas, e ao mesmo tempo a sua organização muito affectada, acontecendo então com a Dedaleira o mesmo que com os demais diureticos; sendo até inutil o methodo apontado por Ferriar para casos desesperados, principalmente para quando os pulmões estão opprimidos pelo cumulo de liquidos, em que manda dar com a Dedaleira a Gamboja na quantidade de dous até quatro gr. por dose, dissolvida em duas oitavas de Acido nitrico alkoolizado. (*a*) Com tudo a pezar da pouca esperança de se tirar então utilidade da Dedaleira em taes obstrucções, não deverá abandonar-se inteiramente o seu uso, á excepção dos casos de nimia debilidade do systema sanguineo, e estado cachetico do doente.

He da maior necessidade ter-se sempre em vista o gráo da enfermidade, o estado geral das forças do doente, e a sua idade, de sorte que hum pulso mui pequeno ou tardo, e muito mais sendo intermittente, contraindicará a applicação da Dedaleira nas hydropesias, por denotar grandissima debilidade. Devo porém advertir ter muitas vezes acontecido, v. gr. na anasarca pulmonar, que aventurando ainda assim mesmo o seu uso, seguirem-se felizes resultados, vendo-se que o pulso se erguia, e se tornava regular

á

(*a*) Quando queira ensaiar-se esta preparação, se diminuirá a dose.

á proporção da agua que se despejava da membrana cellular pela diurese: o que mostra que os liquidos sorosos podem igualmente entreter debilidades gravativas do systema circulatorio, e produzir até a intermittencia do pulso. Ferriar, e Beddoes tanto estavão disto persuadidos, que no principio da cura das hydropesias, principalmente na anasarca e ascites costumavão fazer muitas vezes preceder o uso do cremor de tartaro, mesmo até obrar como evacuante, ao da Dedaleira; principalmente quando com a hydropesia se complicava constipação de ventre.

A Dedaleira he nociva, pelo menos inutil, nas hydropesias que apparecem em consequencia de tisicas, apezar de que Russel affirma ter ella obrado em alguns casos prodigiosamente, como hum bom palliativo; e Withering traz hum caso extraordinario, em que a Dedaleira sendo dada em huma hydropesia originada de tisica, promoveo-se a diurese, curou-se a hydropesia, e o resto dos symptomas vierão finalmente a desapparecer. O principio da molestia da doente tinha sido huma peripneumonia, chegando a expectorar pus. A pezar do respeito que consagro á authoridade de Withering, não posso deixar de ter bastante repugnancia para acreditar similhante facto; só tendo-se expectorado huma vomica, e tornando-se adherente o saco, ou destruido.

Nas hydropesias consecutivas de escarlatinas, e na anasarca puerperal he sempre interessante a Dedaleira, principalmente ajuntando-se a ella algum diaforetico, como os pós de James, e até o Opio, quando se julgarem as evacuações desnecessarias. Nas crianças este methodo não he arriscado, e ellas supporrão proporcionalmente a Dedaleira; havendo exemplos de tomarem impunemente até quinze gotas da tinctura, e mais de duas colheres das de chá da infusão: posso asseverar esta interessante observação por authoridade propria, e de alguns dos meus dignos Collegas.

No hydrothorax e outras especies de hydropesias, originadas principalmente por excesso de bebidas espirituosas,

quando falha a Dedaleira, nenhum outro remedio he proveitoso, e só ella obra palliativamente; o que não he menos ordinario nas que tem differentes causas; como bem o attesta o parecer até de Medicos do nosso Paiz, que me tem honrado com as suas observações a este respeito.

Nas hydropesias enkystadas, na dos ovarios, e formadas por hydatides he ella igualmente infructuosa, como outro qualquer medicamento diuretico; pelo que vê-se falhar tanto nas Ascites das mulheres: apezar de que em Withering vem casos de ter-se curado com a Dedaleira hydropesias d' ovarios, sendo ainda recentes, e as doentes sadias, favorecendo-se ao mesmo tempo o seu uso com as ligaduras propostas pelo Dr. Monro; não entrando porém no tratamento nem caustico, nem sedenho.

Tem-se differentemente pensado sobre a utilidade da Dedaleira no hydrocephalo, e alguns são de parecer com Ferriar, e Fowler, que ella será sempre util em toda a especie e gráo da enfermidade, pela propriedade que tem de augmentar a absorpção, e diminuir a irritação e a febre, e muito mais sendo combinada com calomelanos. Porém a natureza estimulante desta planta a contraindicará logo ao principio, quando ainda existir o periodo inflammatorio; o que bem attestará a febre, o rubor d' olhos, a dor na região frontal &c. Mas tendo passado, ou muito diminuido pelas sangrias geraes e locaes, e pelos evacuantes aquelle periodo, convirá então certamente; por isso que a molestia he entretida particularmente pela exsudação inflammatoria. Withering refere hum caso, que confirma isto; porque diz, que tendo applicado a hum hydrocephalo bem caracterizado a Dedaleira, depois do uso das sangrias de braço, e arteria temporal, e feito emborcações d' agua fria á cabeça, cada quatro horas, e fricções mercuriaes ás pernas, no fim de sinco dias os symptomas da molestia diminuião á proporção que a ourina se augmentava. Neste caso Withering usou da infusão da Dedaleira.

Bem que os effeitos diureticos da Dedaleira não depen-

pendão inteiramente de excitar nausea e vomito, com tudo pela maior parte das vezes costuma acompanhallos; e por isso logo que se observe que a Dedaleira (augmente-se ou não a diurese) excita grande nausea, e vomito, ou o pulso se torna muito tardo e pequeno, deverá suspender-se immediatamente o seu uso, ao menos temporariamente; no caso porém de se não ter augmentado o fluxo das ourinas, tendo sido dada só, se deverão ajuntar os sudorificos, e outros diureticos, principalmente a scilla, a fim de tornar-se a sua acção mais energica. Ferriar attesta isto mesmo, como tambem que a Dedaleira he incomparavelmente mais proveitosa, ajuntando-se a meio gr. hum gr. de calomelanos, e oito de pós de Dower, formando duas pilulas, para tomar-se ao principio, á noite ao recolher, e repetir-se pelo dia, segundo as circunstancias. As minhas proprias observações tem comprovado este methodo, sendo-me algumas vezes aliàs necessario addicionar alguma porção de opio, não só para que o doente possa tomar della maior quantidade sem excitar nausea e vomito, mas tambem para embaraçar que appareção evacuações alvinas, que quasi sempre costumão obstar o effeito diuretico, que então se deseja, debilitando infructuosamente mais o doente: por isso que quando a Dedaleira purga, raras vezes he proveitosa como diuretica. Com tudo he sómente por este motivo, que deverá ajuntar-se opio; pois que este geralmente costuma obstar aos effeitos diureticos dos medicamentos: eu mesmo o tenho experimentado. O que digo aqui a respeito da Dedaleira, não pertendo applicar para todos os casos; por isso que muitas vezes tem acontecido curarem-se hydropesias com grandes evacuações de ventre espontaneas, ou promovidas por meio de medicamentos: são frequentes os casos referidos por Moublet, Moreau, Morgagni &c.

Assim como he nocivo que grandes evacuações alvinas acompanhem o uso da Dedaleira, não o he menos quando o ventre se conserva constipado, e que, depois de algumas doses, não se solta: pelo que neste caso será necessa-

sario ajuntar-lhe Cristaes de tartaro, Jalapa com preferencia, Calomelanos &c. Sabe-se quanto esta prática he proveitosa; a razão, e a experiencia a abonão.

Sendo a Dedaleira inutil e até nociva quando purga fortemente, ella he muito prejudicial quando excita grandes nauseas e vomitos; por isso que a nausea occasionada por ella tem de particular, que muitas vezes desapparece por algumas horas, e depois torna a apparecer, e isto pelo decurso de dous e tres dias, e casos ha de até semanas, já quando se tem deixado o remedio; sendo então este incommodo mais devido á falta de conhecimento de quem applica huma substancia tão activa como a Dedaleira, do que da disposição do doente: o que he tanto mais digno de considerar-se, quando he preciso muitas vezes dalla nos casos de urgencia em maiores doses, e em curtos intervallos.

Se he necessario que a Dedaleira não produza grandes nauseas quando a applicarmos, nós a deveremos suspender logo que a diurese appareça augmentada, ou o estomago resentido da sua acção; como porém nem sempre aconteça que a diurese se estabeleça pelo tempo preciso para curar-se a hydropesia por effeito das primeiras doses, he de necessidade fazer-se a repetição do medicamento, dando-se nos intervallos tonicos e alimento ao doente; e casos haverá, que pelo estado da emaciação e grande debilidade seja tambem preciso dar ferro e myrrha: o que fará então augmentar mais e mais as ourinas, e curar a enfermidade.

Pelo uso da Dedaleira a diurese faz-se quasi sempre branda e regularmente; porém quando aconteça estabelecer-se mui prompta e rapidamente, e em muita quantidade, se deverá usar de ligaduras como na paracentese, e não menos de medicamentos incitantes mais ou menos diffusivos, não esquecendo o ether, os causticos volantes, principalmente entre espaduas; isto na verdade tanto mais se observará, quanto os doentes estiverem mais abatidos, e a hydropesia tenha durado mais tempo.

Quan-

Quando nas hydropesias, principalmente anasarquicas, a inchação das pernas e coxas resistir consideravelmente á pressão, e não haja transparencia, e a mudança de posição occasione pouca alteração no estado da distenção, será inutil applicar a Dedaleira: por quanto então, neste caso, ou os liquidos extravasados pela cellular tem tomado huma consistencia muito espessa e incapaz para poderem ser absorbidos pelos vasos, ou a enfermidade he meramente occasionada por hum estado morboso da organização dos solidos, que lhes augmenta o seu volume. Porém se o ventre inchado estiver flaccido e fluctuante, e os membros anasarquicos comprimidos com os dedos deixarem depressão, se poderá ainda esperar que appareça a diurese augmentada, bem que mui lentamente, mesmo quando o pulso esteja fraco, e até intermittente, o rosto pallido, e a pelle fria.

Existem hydropesias estenicas, e quando existão, ¿será nociva a Dedaleira? Persuado-me que será proveitosa, quando o incitamento augmentado produzido pela plethora, tenha sido diminuido pela sangria, e a molestia seja unicamente entretida por huma diathese opposta.

Tenho fallado mais extensamente, do que desejava, da applicação da Dedaleira nas hydropesias, não sómente porque alguns tem chegado a desconfiar della em taes enfermidades, e até negar-lhe absolutamente a virtude diuretica de que ella he tão particularmente dotada, privando assim a humanidade enferma d' hum medicamento tão proveitoso e util, como tambem porque era preciso determinar alguns dos regulamentos praticos, que deveráõ ser igualmente attendidos em outras molestias differentes.

Se o uso da Dedaleira tem sido quasi por todos geralmente admittido, ou pelo menos ensaiado nas hydropesias, elle he muito mais antigo e extenso nas differentes especies de Tisica, apezar de ter sempre a experiencia mostrado que similhante generalidade he tão alhea da boa razão, como o negar-se inteiramente a sua utilidade em alguns casos de consumpção pulmonar. Tisicas.

He

He verdade que a Dedaleira, applicada nas tisicas, tem muitas vezes falhado; porém as suas propriedades são taes, que ainda assim mesmo nós deveremos insistir em a applicar nos casos que forem marcados pela observação, visto ser o seu effeito quasi uniforme em tornar a acção das arterias mais vagarosa do que o natural, ao mesmo tempo que excita a dos absorbentes, conseguindo-se daqui diminuir a irritação dos pulmões, e suspender a acção morbida que existe nelles, no entretanto que pela sua virtude diuretica poderá produzir igualmente alguma vantagem, segundo o preceito de Baglivio; e quando deixe de a produzir, o motivo da sua fallencia será em grande parte não só a natureza fatal de similhantes enfermidades, como tambem o modo indeterminado com que tem sido dada, sem se attender qual dos systemas da organização pulmonar he particularmente atacado, e em que periodo ella deva applicar-se.

O modo differente com que se tem adoptado theorias para explicar-se a maneira de obrar da Dedaleira, e a sua acção nas tisicas, tem feito variar as vistas com que ella tem sido applicada em taes molestias. Alguns, persuadidos que a sua virtude dependia da nausea que ella occasionava, fizerão dimanar daqui unicamente a sua utilidade, e a igualárão á dos emeticos, navegação, e baloiço. Outros porém guiados pela theoria de Hunter, em que a febre hetica procedia unicamente da materia segregada de huma ulcera aberta, que pela exposição ao ar se oxygenava, e formava hum acido particular, que depois era absorbido; derão-lhe huma virtude de absorpção maior do que ella realmente possue, ao mesmo tempo que lhe attribuião huma acção debilitante directa sobre o systema sanguineo, constituindo-se por isso o maximo remedio para destruir a febre hetica, e curar as tisicas; de sorte que as regras que então deduzírão para a sua applicação, forão tão falliveis como o principio de que as fizerão dimanar.

Beddoes reconhecendo que taes idéas erão pouco concordes com a observação, quiz seguir differente vareda; porém

rém não concluido melhor, quando estabeleceo que a Dedaleira era muito util nas tisicas pulmonares, em consequencia de produzir hum incitamento do systema tão moderado ao ponto de resistir ao parocismo da febre herica, e que isto bastava para que as superficies pulmonares rotas, e exulceradas descarregassem menos muco e materia, os limphaticos absorbessem mais, os nervos perdessem a sua adquirida sensibilidade, e a tosse se abatesse. Os da linguagem das acrimonias e mudança dos fluidos não forão finalmente mais felizes, quando attribuírão á Dedaleira qualidades que ella não possuia, e que até he impossivel conceberem-se. Por tanto levado eu tão sómente pela observação dos melhores Praticos, persuado-me que, segundo os principios já estabelecidos, melhor se poderá dar huma explicação obvia da sua acção e utilidade nas consumpções pulmonares, e estabelecer regras proveitosas: pelo que.

A Dedaleira será util nas tisicas, quando ainda não se tenha effeituado o estado inflammatorio dos pulmões, que em alguns casos costuma verificar-se, como tambem no periodo em que a sua membrana mucosa começa a affectar-se em consequencia de hum fluxo acre, ou exsudação inflammatoria: mas existindo o estado inflammatorio, deverão preceder as sangrias, quando só não baste o regimen antiphologistico, até que a diathese geral ou local tenha diminuido; cuja circunstancia se deverá particularmente attender na tisica florida, onde os movimentos irritativos do systema sanguineo são excessivos: o pulso guiará o Pratico, não se prestando menor attenção ao estado geral das forças e constituição individual.

Nas tisicas tuberculosas, quando já o pulso he muito frequente, e apparece o calor pulmonico, mas os tuberculos não estão ainda exulcerados, e os symptomas de inflammação mui pouco desenvolvidos, a Dedaleira tem sido muito util, e em algumas occasiões principalmente, sendo combinada com Cicuta. Porém devo notar que, para se tirar huma maior vantajem desta substancia em similhantes mo-

lestias, he necessario augmentar as doses, quanto o estomago possa supportar. No estado de exulceração dos tuberculos apenas poderá servir de remedio palliativo, apezar de que ainda assim mesmo em constituições robustas não deixará algumas vezes de ser muito favoravel: mas quando não fizesse outro effeito do que a minoração dos symptomas, tinha-se encontrado nella hum medicamento soberano. Ora se ao estado de exulceração estiver ligada huma debilidade extraordinaria, como acontece no ultimo periodo da tisica, a Dedaleira então, longe de ser util, será tão impropria e nociva, como se fosse applicada em hum typho ou angina maligna: por isso que a febre nestas circunstancias he de huma natureza muito deprimente e debilitante; o que eu tenho mais de huma vez observado. Com tudo alguns Medicos ha, e até do nosso Paiz, que affirmão que ainda mesmo então a Dedaleira, huma vez que seja combinada com myrrha, opio, e sulfato de ferro, longe de apressar o termo fatal da molestia, he capaz de suspender os seus progressos rapidos.

Se consultarmos Ferriar a este respeito, se verá que elle suppõe, que a Dedaleira he só capaz de embaraçar que os tuberculos se exulcerem pela sua virtude de diminuir os movimentos irritativos do bofe, e retardar a circulação, porém jámais de curar a enfermidade radicalmente: mas Ferriar ao mesmo tempo que falla geralmente assim, apresenta casos, que mostrão terem doentes sido perfeitamente curados de tisicas pelo uso da Dedaleira.

Quando se conheça, que, não estando os tuberculos ainda exulcerados, a Dedaleira nenhum effeito sensivel de melhora tenha produzido, se observará se o habito do doente he escrofuloso; porque então as tisicas tuberculosas, quando atacão similhantes constituições, são de sua natureza incuraveis e mortaes, e a Dedaleira terrivel: e se, com a mesma intenção de resolver tuberculos, se addicionão calomelanos, os symptomas heticos crescem, ainda quando haja mesmo affecção de figado, que pareceria ser mais hum mo-

ti-

tivo para a sua indicação. Porém não acontece o mesmo a respeito das preparações de ferro nos habitos chloroticos; pois que nestes he muito util, para favorecer a acção dos vasos sanguineos principalmente do utero, ajuntallas á Dedaleira, tornando assim a sua acção menos diffusiva.

A pezar de se ter observado que quando se dá a tisica tuberculosa em hum habito escrofuloso, a Dedaleira longe de aproveitar he então muito nociva; com tudo não acontece tanto o mesmo, quando a tisica he perfeitamente escrofulosa; (*a*) não obstante isto, não deixa ainda de ser arriscada, havendo só a differença que nesta, além do uso da Dedaleira, o da quina, do sulfato de ferro e myrrha tem sido mais extenso e proveitoso do que naquella, e as suas doses maiores. Porém se tanto em huma como em outra especie com taes medicamentos não chegamos a conseguir curar a molestia radicalmente, mas tão sómente a remissão dos symptomas, estes geralmente depois tornão-se mais terriveis e fataes.

Nas tisicas chamadas mucosas, que pela maior parte costumão atacar as pessoas de maior idade, a Dedaleira tem sido applicada com vantajem em alguns casos, e noutros não tem sido nociva. Nesta especie de tisica como o estado estenico de parte ou de todo o pulmão se póde julgar nullo, a força do estimulo da Dedaleira se tornará propria ao gráo de debilidade, e tanto mais, porque em consequencia de augmentar-se a absorpção dos limfaticos, diminue-se a mucosidade pulmonar. Com tudo tenho observado, ainda que nem sempre, que parando a tosse e expectoração, se torna o doente peor, principalmente estando a molestia já muito adiantada: por isso que sendo absorbida a parte mais tenue do liquido que deve ser expectorado, e restando a

(*a*) A tisica simplesmente escrofulosa parece essencialmente distinguir-se da tuberculosa. Com effeito a historia de huma não he inteiramente similhante á da outra, quando consultamos os Authores, que mais rivalizão em dizer sómente o que observárão, do que as suas theorias lhes fazem acreditar.

mais crassa, por não poder ser acarretada pelos vasos, a materia faz-se então incapaz, pela sua maior espessura, de poder ser expectorada, vindo a ficar neste caso acumulada, e causar anxiedade, oppressão &c.

Nas tisicas nervosas se terá em vista o mesmo que a respeito de quando se applica nella o Opio, não esquecendo unir ao tratamento as infusões, e decocções de Quina com o Elixir acido de vitriolo.

Quando as consumpções pulmonares são precedidas de hemorrhagias, ou estas as acompanhem, he muito interessante a Dedaleira, e muito mais se o pulso, não estando muito abatido, tiver frequencia; e quando aconteça ser duro, mas que não se possa presumir hum estado inflammatorio exaltado, então será necessario principiar a applicalla em quanta dose o estomago possa supportar, combinada com nitro ou cremor de tartaro; quando porém haja receio de applicalla pela moleza, e abatimento do pulso, huma vez que não seja muito grande, se ajuntarão flores de Beijoim, gomma ammoniaco, ou myrrha com Opio; sendo aliàs este dado em dose refracta.

Se a tisica tiver por causa hum virus, v. gr. psorico, syphilitico, ou este a complique, he absolutamente indispensavel attender-se a elle; aliàs será de todo inutil a sua applicação.

Como nos casos felizes de tisica, curados por esta substancia, nunca a cura tenha sido completa unicamente pelo uso della; será por tanto sempre preciso, que, para o fim do tratamento, se recorra aos balsamicos, preparações de ferro, e amargos &c., não esquecendo a plausivel tinctura de Griffith, (*a*) a pezar do que refere Fowler a este respeito.

Quando nas tisicas seja indicado o uso da Dedaleira, mas ao mesmo tempo se receem diarrheas, ou ellas comecem

(*a*) R. Myrrha, huma oitava; Sal de Losna, meia oitava; Sal de Marte, 12 gr.; agua esp.ª qual quer, huma onça; Agua aromatica qual quer, meia onça; Xarope commum, duas oitavas: misture S. A.

cem a apparecer, e que a tosse seja importuna, ou que o estomago não queira supportalla, se casará com Opio, principalmente na dose dada á noite ao recolher; pois que desta maneira augmenta-se a sua acção sorbente, e o seu effeito torna-se mais geral.

Nas tosses inveteradas, e catarrhos chronicos.

Tendo a Dedaleira sido applicada nas tisicas, não podia ser ignorada nas tosses inveteradas, principalmente naquellas que se suppunhão entretidas por excesso de irritabilidade topica do pulmão; huma vez que este excesso não tenha ainda produzido hum decidido estado de estenia. Na verdade a natureza nimiamente excitante da Dadaleira consumindo a vitalidade demasiada do bofe, restabelecerá o equilibrio, sendo ella a mais capaz de aproveitar em taes casos; por isso que ao mesmo tempo augmentará a absorpção dos liquidos, quando existão acumulados. Porém se a estenia já se tiver estabelecido no pulmão, e produzido ahi hum incitamento augmentado, então, longe de ser util, será nociva, e tanto mais se a diathese geral do doente for igualmente estenica: este estado, bem que raras vezes, não deixa com tudo de apparecer na pratica, por cujo motivo he necessario ter-se sempre em vista a possibilidade da sua existencia. Nas tosses sympaticas ella he tão inutil como outro qualquer medicamento, que não seja proprio para destruir a causa que dêo origem ao primeiro annel da cadêa da enfermidade, e só poderá aproveitar como palliativo.

Ferriar attribuia a utilidade da Dedaleira nas tosses ao poder sedativo directo desta planta, capaz de destruir aquelle habito de movimentos irritativos, pelo qual os pulmões se acostumavão a segregar huma superflua quantidade de muco: porém sendo estas tosses tambem devidas a hum estado torpido dos limfaticos pulmonares, que embaraça que os liquidos sejão absorbidos, apparecendo ao mesmo tempo algumas vezes inchação de faces, seguidas de edema das extremidades inferiores, attribuiremos melhor a sua utilidade neste caso a huma força de absorpção capaz de augmen-

gmentar a acção dos absorbentes pulmonares, ao mesmo tempo que empece a secreção dos liquidos; tornando-se o seu effeito muito mais energico, quando se lhe ajunte Opio, ou os pós de Dower.

Nas tosses, e catarrhos agudos.

Nas tosses, e catarrhos agudos não he menos proveitosa a Dedaleira, se tendo existido huma forte diathese inflammatoria, esta tenha sido diminuida ou pela natureza constitucional do individuo, ou pelo regimen proprio; sendo aliàs nociva no periodo estenico. Esta falta de distincção tem motivado terriveis consequencias no curativo de similhantes enfermidades.

Nas asthmas.

Assim como a Dedaleira he util nas tosses chronicas, não he menos proveitosa na asthma, principalmente naquella especie, cujo paroxismo, segundo Darwin, he devido ao cumulo de liquido, que então se estabelece na cellular do pulmão: porém na verdadeira asthma espasmodica, para que a Dedaleira produza maior vantajem, he necessario addicionar-lhe Opio, que se dará na dose *aã* de meio gr. cada quatro ou sinco horas, segundo as observações de Ferriar, e Crawford, as quaes tem igualmente mostrado ser muito mais proveitosa, e o seu effeito tanto mais rapido e maior, quanto o estomago o soffre sem difficuldade. O Doutor Percival confessa ter tirado em similhantes casos a mais decidida vantajem, ajuntando-lhe tambem flores de Beijoim, porém que nunca a achou proveitosa naquella especie, em que a mudança de posição não affecta muito o doente, a qual parece ser causada por hum enfarte dos bofes da mesma natureza da que costuma affectar as extremidades, e visceras abdominaes; cuja asserção he conforme com o que tem sido observado por outros Medicos.

Nas hemorrhagias.

Se a Dedaleira convem em muitas enfermidades, em nenhuma tem sido tão constante e util o seu effeito, como nas hemorrhagias, onde he incontestavel e prodigiosa a sua efficacia em as suspender. Milhares de observações se tem acumulado para mostrar, que em Medicina não ha outro medicamento que obre tão utilmente, como ella, em

taes

taes molestias: pelo que ainda quando não fosse outra a sua virtude, esta só bastaria para grangear-lhe o maior apreço e elogio.

O remarcavel effeito de retardar o pulso foi o que ao principio suggerio o seu uso; de sorte que chegou a estabelecer-se que a Dedaleira era o primeiro sistente do systema sanguineo: porém foi sómente no anno de 1792 que, pelos trabalhos principalmente de Ferriar, a sua applicação se tornou regular e segura, querendo este que ella fosse dada até em todas as hemorrhagias activas.

Com effeito este medicamento, a que se attribuia a propriedade de entorpecer o systema sanguineo, não podia ser de outra maneira considerado; porém pequena reflexão bastará para se conhecer, que a Dedaleira, pela grande actividade do seu estimulo, não poderá ser applicada sem risco, e indifferentemente em todos os gráos de hemorrhagias activas, e muito menos logo no seu principio, quando ainda exista o orgasmo do systema da circulação, huma vez que este não tenha sido diminuido por sangrias geraes ou locaes, ou pelas mesmas hemorrhagias; como acontecia nos casos em que Ferriar a applicava: pois que em razão do sangue que ellas tinhão feito perder aos doentes, obravão então como debilitantes directos do systema sanguineo, e tornavão por isso mesmo apropriada a acção da Dedaleira. Ferriar neste caso principiava geralmente o tratamento por meio gr. de Opio, e hum de Dedaleira, de duas a duas horas, ou com maior intervallo, segundo a urgencia que havia; e em muitos bastou dar huma unica dose á noite ao recolher, para ver parar a hemorrhagia sem apparecimento de nausea ou vomito, tendo com tudo precedido sempre mudança no pulso.

Devo porém notar que a observação tem mostrado, que ainda sendo a hemorrhagia activa, se o orgasmo não he grande, nem a plethora consideravel, a applicação da Dedaleira tem sido muito util, mesmo dada logo ao principio, quando ella produza igualmente evacuação de ventre;

tre; porque então isto concorrerá para diminuir mais efficazmente a plethora. Com tudo se neste caso o pulso remittir de força por effeito da Dedaleira, e parar a hemorrhagia, sem que appareça evacuação de ventre, se deverá então attribuir isto a hum estado indirecto; sendo aliàs mui passageiro o incitamento, e por isso imperceptivel.

A falta de consideração que tem havido a respeito do gráo das hemorrhagias, e natureza da diathese, para a exhibição de similhante medicamento, tem dado origem a terriveis consequencias, que diariamente se observão, e de que eu mesmo tenho sido infructuosa testemunha; querendo indiscretamente estabelecer-se como hum axioma geral = A Dedaleira siste todas as hemorrhagias activas. =

Se a Dedaleira não he util nas hemorrhagias activas, quando a estenia he grande, sem que precedão debilitantes directos, ella será muito proveitosa nas passivas: por quanto reunindo á sua acção torpente indirecta do systema arterioso a absorbente directa do systema venoso, produzirá o mais prompto effeito na suspensão do fluxo hemorrhagico. He tambem por esta mesma razão, que ella he particularmente indicada nas hemorrhagias que costumão repetir, e muito mais quando os methodos ordinarios de as reprimir tem sido infructuosos.

He nesta occasião, que não posso deixar de referir que a Dedaleira me tem sido muito proveitosa com particularidade nas hemorrhagias passivas, seja do pulmão, utero, nariz &c., onde algumas gotas da tinctura saturada de Darwin obrárão efficazmente, como por encantamento; de maneira que em huma hemoptyse, que tinha resistido a tudo, e que pela nimia prostração de forças da doente, e grande abatimento e intermittencia do pulso, que mal se fazia sentir ao tacto, e muito menos permittia marcar as pulsações, eu tinha o maior receio de applicar hum remedio tão activo, julgando então o caso por desesperado; logo que a aventurei, com admiração vi, que tendo tomado doze gotas da tinctura saturada de Darwin em huma colhér d' agua fria

por

por duas doses iguaes, e com o intervallo de quatro horas, a hemorrhagia parou para mais não tornar; e repetindo ainda outra dose similhante para segurança, sobreveio então nausea, e vomito, que só se venceo com grande difficuldade. Esta doente, que quasi tocava aos 60 annos de idade, viveo alguns mezes debaixo de minha direcção, sem que repetisse a hemoptise.

Como seja absolutamente preciso determinar a natureza da diathese nas hemorrhagias para a applicação da Dedaleira, convem ponderar que nem sempre o pulso duro servirá só por si de indicio certo para denotar a estenia; e por tanto a concurrencia de outros mais symptomas determinativos decidirá do diagnostico.

Acontecendo em alguns casos de hemorrhagias principalmente passivas, que não baste só a Dedaleira ainda addicionada ao Opio para as sistir; será por tanto necessario ajuntar de mais o alumen, a fim de augmentar a sua acção sorbente; e applicar causticos, segundo o methodo de Trales: o que deverá ter-se sempre em vista, quando ellas forem renitentes em ceder.

Quando a hemorrhagia, depois de se pôrem em prática os methodos geralmente conhecidos, não se suspender, e a Dedaleira sendo applicada for igualmente infructuosa, tendo-se variado de preparações; se concluirá que a hemorrhagia he entretida por huma causa geral da constituição, ou irradiada talvez por hum estado torpido de algum outro systema sobre o qual a Dedaleira não tenha acção, ou por defeito organico; vindo então nestes casos a ser a Dedaleira antes nociva do que proveitosa, e a molestia sempre fatal; como tambem quando as hemorrhagias forem da tunica vilosa do estomago, e intestinos, principalmente nas hydropesias, pois que então estas sempre são precursoras da morte.

Nas escrofulas são bem poucas as observações, feitas a respeito da Dedaleira dada internamente, dignas de confiança, á excepção de alguns casos de Crianças atacadas de si- Nas escrofulas.

similhante molestia, onde ella tem sido mais usada em fórma de tinctura, chegando a conseguir-se a resolução dos tumores do collo e axilla, apparecendo pela maior parte a salivação, quando ao mesmo tempo se usa della externamente: o que he igualmente confirmado por Darwin.

He porém externamente em ligeira decocção ou infusão, cataplasma, ou unguento, e com o mesmo succo expresso, que o seu uso se tem feito mais extenso, e proveitoso, não só nos tumores propriamente escrofulosos, mas até nos endurecidos de outra natureza, onde he indicado augmentar-se a absorpção, e promover-se a resolução, segundo o que he referido extensamente por Park, Haller, Murray &c.: mas existindo dor, e inflammação activa, a sangria local deverá preceder á sua applicação; excepto se a dor, e a irritação forem entretidas unicamente por hum estado de atonia; o que acontece muitas vezes nos tumores scirrosos, cuja idéa tem servido para a applicar nas affecções herpeticas dolorosas em fórma de banho.

Abcessos lombares. Se as observações particularmente de Mr. Simons merecem o credito de que as supponho dignas, a respeito da utilidade da Dedaleira nos abcessos lombares, não deverá ser menor a sua efficacia nas supurações internas, nas collecções de materia nas bolsas mucosas, e na cavidade das articulações, como no rheumatismo, pelo que se tem visto em algumas occasiões desvanecerem-se as dores sciaticas, pela sua applicação; por isso mesmo que a natureza desta planta mostra que deverá ser conveniente o seu uso.

Diabetes. Ha ainda incerteza em applicar a Dedaleira na Diabetes; de maneira que alguns Authores a julgão até nociva pela sua propriedade de augmentar a diurese, quando aliàs outros a reputão muito util em consequencia de inverter a acção do estomago, produzindo então neste orgão hum estado torpido, capaz de diminuir o excesso de incitamento que ahi se julga existir em taes enfermidades. Por quanto todas as observações a este respeito são ainda tão incompletas, que eu não me atrevo a avançar nada de posi-

sitivo sobre tal objecto, e só desejo que se conheça, que as propriedades da Dedaleira não poderáõ ser indifferentes em similhante enfermidade, ao menos em alguma das especies; o que só com repetição de experiencias ulteriores se poderá bem saber, e tirar interessantes resultados para o curativo, tendo-se sempre em vista, que na diabetes saccarina o uso da sangria tem sido muito proveitoso com particularidade nas pessoas robustas, e no principio da molestia, tanto que neste caso o pulso do doente costuma denotar hum verdadeiro estado de incitamento augmentado, além d'outros mais symptomas, que igualmente o comprovão.

A respeito do uso desta planta nas dores nephriticas, tudo he indeterminado, apezar de que alguns a tenhão dado teimosamente debaixo do falso principio de ser ella hum torpente directo; porém nós a deveremos excluir inteiramente quando houver inflammação, ou forem procedidas de calculos. Dores nephriticas.

A utilidade da Dedaleira nas palpitações do coração tem sido muito exaltada por Ferriar, e as suas observações são de natureza a provarem a sua efficacia; e tanto mais, quando o testemunho de outros a apoião, bem que alguns a queirão excluir inteiramente, julgando similhante prática prejudicial, pela propriedade que elles lhe attribuem, de entorpecer o systema sanguineo, sem pensarem ser isto hum effeito indirecto; porém como as palpitações do coração possão dimanar de causas differentes, e até oppostas, bem se deixa ver que em alguns casos ella deverá ser util. Palpitações.

He por este motivo que Ferriar a perscreveo com vantajem nas que são procedidas de terror, e intemperança, ou excesso de irritabilidade, e até nos casos dependentes de lesões organicas do coração, e grossos vasos, excluindo-a inteiramente nas sympathicas que acompanhão a dyspepsia, ou hum estado de debilidade geral nervosa, como nas affecções histericas &c., principalmente quando o pulso denota que o movimento circulatorio he muito diminuido: por-

que então a natureza nimiamente diffusiva da Dedaleira produzirá indirectamente em similhantes casos hum torpor consideravel, que nada será capaz de remediar, em consequencia da aptidão que já tinha o systema a hum estado torpido.

Quando, existindo palpitações do coração, estas parecerem dimanar, attendidos outros symptomas, de affecções hydropicas, v. gr. do pericardio, a Dedaleira merecerá toda a attenção do Medico, principalmente se o estado do doente por outras circunstancias não a contraindicar: pois que por experiencia se tem visto diminuirem as palpitações á proporção que a Dedaleira augmenta, ou promove a diurese, quando aliàs os melhores diureticos, e diffusivos tinhão sido infructuosos. Estes effeitos são tanto mais vantajosos, quanto as palpitações tem sido precedidas de symptomas de inflammação.

He porém pela lição da Obra de Corvisart sobre as molestias, e lesões organicas do coração e grossos vasos, e da de Burns sobre a palpitação do baixo ventre, que se poderáõ fazer diagnosticos seguros, para se determinar os casos em que a Dedaleira póde ser applicavel nas palpitações do coração; porque então se verá quanto ella póde ser util nas inflammações chronicas de pericardio complicadas de hydropesia de peito, onde hum dos symptomas constantes he a palpitação, além de outros mais designados por Morgagni, Lancisi &c.; como tambem na que he originada de aneurismas activos, ou passivos, principalmente dos ventriculos do coração, devendo naquelles preceder a sangria ao uso da Dedaleira, na certeza de serem mui raros os exemplos de aneurismas daquella natureza atacarem as auriculas; o que não acontece a respeito dos dos grossos vasos &c., ficando nós sempre na certeza, que se de taes molestias he muito difficil fazer-se hum diagnostico certo, he quasi impossivel remediallas, restando-nos apenas a triste satisfação de as termos assignalado.

Além disto ¿poderá por ventura haver huma estenia no sys-

systema sanguineo, que em razão do seu incitamento augmentado venhão a apparecer palpitações do coração, sem que affecções irradiadas de visceras, ou causas organicas a perpetuem? Quando existão, ¿terá lugar a applicação da Dedaleira, por isso que induzindo hum torpor indirecto, mas uniformemente, virá a diminuir o excesso de incitamento, e regular o movimento circulatorio, sem que preceda o uso de debilitantes directos, principalmente das sangrias, ainda no caso de plethora arteriosa? A resposta de taes quesitos, que não deixaria de ser obvia, applicada a outras molestias, he aqui bastantemente embaraçada, e só com o tempo e ulteriores observações se poderá bem dar: por quanto sendo este incitamento augmentado só exclusivamente do systema da circulação (segundo a hypothese) poderão talvez por isso mesmo soffrer alguma modificação as idéas adoptadas, quando se tratou da applicação da Dedaleira nas molestias inflammatorias.

Resta-me finalmente fallar da applicação da Dedaleira na Mania; visto que esta substancia por alguns tem sido julgada muito interessante em tal enfermidade: por tanto sem mais extensão do que a precisa para o conhecimento das circunstancias em que ella he applicavel, se deverá saber, que toda a sua utilidade na Mania depende da sua acção especial sobre o systema sanguineo, ao mesmo tempo que a exerce sobre o absorbente: por quanto pela primeira propriedade, produzindo hum torpor indirecto, se diminuirá alli o excesso de eretismo, que quasi nunca costuma ser grande, e por tanto capaz de fazer temer-se o seu uso, como geralmente acontece no caso de *phrenitis*; e pela segunda, porque liquidos accumulados em cerebro, serão obsorbidos: sendo esta a razão por que se tem visto, que á proporção que a evacuação das ourinas se fazia, os doentes se tornavão mais racionaveis. Com tudo não pertendo dizer com isto que nas manias propriamente astenicas a Dedaleira não possa ser proveitosa; apezar de que tanto nestas como naquellas Ferriar confessa ter-lhe falhado; Mania.

do; porém os casos por elle apontados não são tantos, e de natureza tal, que sejão capazes de estabelecer huma regra segura para a sua exclusão.

Circunstâncias, em q não approveita a Dedaleira.

Tendo eu até aqui mostrado em que molestias a Dedaleira costuma ou póde ser proveitosa, não posso deixar de referir, além do já ponderado, que assim como ha constituições favoraveis ao uso della, existem tambem outras desfavoraveis á sua applicação; de sorte que geralmente se tem conhecido que raras vezes approveita nos homens de huma grande força natural, fibra tensa, pelle quente, compleição florida, a que Beddoes dava o nome de temperamento sanguineo athletico, ou naquelles em que o pulso he tenso como huma corda; sendo então preciso, para que ella approveite, usar-se precedentemente de sangrias, saes neutros, v. gr. Cremor de tartaro, sulfato de magnesia &c., e todo o regimen debilitante.

Abuso.

Como não baste só determinar-se o modo, e as circunstancias em que hum medicamento, para ser util, deve ser applicado, mas tambem seja necessario designar-se os effeitos causados pelo seu abuso, e os meios de os remediar; por isso convem saber-se, além do que está dito, que quando a Dedaleira he administrada em largas doses, ou muito repetidas, ella costuma occasionar languor, dôr de cabeça, vertigens, confusão, e até falta de vista; os objectos apparecem obscuros, ás vezes verdes ou amarellos, produz vomitos, e ás vezes até volvulo; grande anxiedade, cardialgia, soluço, extremidades frias, e suores da mesma natureza, convulsões, syncope, e a morte; chegando o pulso no meio destes espantosos symptomas a reduzir-se a quarenta, e até trinta e quatro pulsações em minuto primeiro; cujos effeitos não deixão tambem de ser observados, em consequencia da sua applicação abusiva em fórma de clisteres.

A natureza particular de alguns doentes tem feito com que algumas vezes, ainda que raras, as mais pequenas doses produzão estes terriveis damnos, quando aliàs em outras

tras he necessario que ellas sejão demasiadamente crescidas, para que appareção effeitos sensiveis; servindo isto de motivo para que na applicação de simillhante medicamento haja sempre toda a possivel cautella em o administrar, sendo particularmente o pulso do doente, que deverá ser observado (quando seja possivel) de quatro a quatro horas, além do estado do seu estomago, e o mais já ponderado, o que poderá acertadamente decidir da sua suspensão ou continuação; e muito maior será a cautella quando for dado em curtos intervallos; de sorte que á primeira tendencia a se enfraquecer o pulso, ou ao mais ligeiro indicio de vomito, se suspenderá a sua applicação até que se conheça ser segura e necessaria nova repetição.

Verificados porém que sejão os máos effeitos da Dedaleira, he preciso remediallos quanto antes; e seria para estimar que houvesse então hum remedio capaz de os embaraçar promptamente, mas por desgraça não se tem achado até agora algum, que mereça o nome de antidoto, conhecendo-se apenas que os medicamentos volateis são geralmente rejeitados pelo vomito; o que não acontece tanto com os excitantes aromaticos, e amargos fortes, pois que se conservão por mais tempo. Mr. Jones elogia fortemente o chá de ortelã. Alguns tem ensaiado com preferencia a agua ardente, quando he branda, ou, sendo forte, diluida com agua; e dizem ter aproveitado mais, que outro qualquer remedio da sua ordem, no caso de nausea ou vomito, quando aliàs muitos prestão então maior acceitação ao Opio dado em doses refractas, ainda que não mais que aos causticos applicados como rubefacientes entre espaduas, e sobre o estomago, principalmente se tanto a nausea como os vomitos são os symptomas mais urgentes, ao mesmo tempo que não approveitão menos como hum incitante geral. As fricções feitas com espirito de vinho camforado, e o Alkali volatil caustico sobre o estomago, dando-se igualmente por bebida ordinaria a emulsão commum, tem prestado em taes circunstancias maravilhosos effeitos.

Taes

Taes são as idéas que julguei proprias para o tecido desta Memoria, que tenho a honra de sujeitar aos vossos sabios juizos, protestando-vos desde aqui, que não ha huma só, que não seja authorizada por observações daquelles Authores, que mais tem trabalhado na applicação desta planta extraordinaria; pois que são só estes os que mais devem ser desejados e lidos pelo Medico, que unicamente aspira a livrar a humanidade dos males que a opprime, e não desvairar-se no labyrintho das oppiniões, a maior parte das vezes unicamente authorizadas pela força do capricho, e da imaginação. Com tudo não posso deixar de confessar, que existem ainda em toda ella grandes lacunas, que só depois de melhores e continuadas experiencias se poderáõ dignamente encher, principalmente por aquelles Genios que tenhão tanto de grande e sublime, como o meu de pequeno e humilde.

ME-

MEMORIA

Sobre as Binomiais.

POR MANOEL PEDRO DE MELLO.

INTRODUCÇÃO.

VAndermonde tinha imaginado (*Memorias da Academia das Sciencias de París* 1772 *I. Parte*) indicar pelo symbolo $[p]^n$ o producto $p\,(p-1)\,(p-2)\,.....\,\big(p-(n-1)\big)$ de n factores. Multedo (*Memorias da Academia de Genova*) deu huma grande extensão a esta idéa. Kramp, na Analyse das Refracções, mudou a notação e denominação, que Vandermonde tinha dado áquella expressão e designou pelo symbolo $a^{n|r}$; o producto $a\,(a+r)\,(a+2r)\,...\,\big(a+(n-1)r\big)$ a que chamou primeiramente *Faculdade numerica*, e depois *Factorial* com Arbogast, na sua *Arithmetica Universal Cologne* 1808: e deste novo Algorithmo fez extraordinario uso o célebre Wronski.

O quociente de duas destas factoriais fórma o coefficiente d'hum termo qualquer das muitas e importantes series, que são similhantes ás do binomio Newtoniano: convém pois simplificá-las para as sujeitar ás combinações analyticas. Isto foi o que fizemos, tendo notado que as duas factoriais tem a mesma differença, o mesmo expoente, e que este he tambem base d'huma dellas.

Resulta não sómente, huma abbreviatura, mas hum algorithmo com theoremas proprios, e no qual a lei principal que he o desenvolvimento da binomial binomia, encer-

ra a factorial binomia demonstrada por Kramp, por meio d'huma inducção pouco satisfactoria.

A nossa theoria póde ser deduzida de duas considerações; dos coefficientes primitivos do binomio com quem estamos mais familiarizados, e das factoriais que tem a vantagem de dar ás binomiais indices quaesquer, assim como o podem ser os expoentes das factoriais.

Por isso e em attenção á novidade da materia, pedimos que nos permittão demonstrações duplicadas, quando o julgar-mos conveniente.

MEMORIA.

I.

SEjão n numero qualquer, i hum numero inteiro positivo; designaremos pela expressão $\binom{n}{i}$ o coefficiente da potencia x^i no desenvolvimento do binomio $(1+x)^n$; e por consequencia será $\binom{n}{i} = \frac{n(n-1)(n-2)\ldots\left(n-(i-1)\right)}{1.\ 2.\ 3.\ \ldots\ i}$. Chamaremos binomial á expressão $\binom{n}{i}$; a n base; a i indice da binominal.

He pois $\binom{n}{i} = \frac{[n]^i}{[i]^i}$, na notação de Vandermonde que he sufficiente aqui.

II.

Da construcção da binominal se deduzem immediatamente $\binom{n}{1}=n$; $\binom{i}{i}=1$; $\binom{0}{i}=0$; $\binom{i}{i+i'}=0$: isto he, se o in-

indice da binominal he 1, ella he igual á base; quando o indice he igual á base, a binomial he 1; quando a base he zero, a binomial tambem o he; quando o indice he maior que a base e ambos inteiros positivos, a binomial he zero, por entrar nella hum multiplicador zero.

III.

Por ser $\binom{n}{i} = \frac{n(n-1)(n-2)\ldots\left(n-(i-1)\right)}{i(i-1)(i-2)\ldots\quad 1}$; será $\binom{n}{i} = \frac{n}{i}\binom{n-1}{i-1}$, e logo fazendo $i = 1$, teremos $\binom{n}{1} = n\binom{n-1}{0}$; de donde se tira $\binom{n-1}{0} = 1$: quer dizer que a binomial cujo indice he zero, he igual a 1. O mesmo se conclue de ser $\binom{n}{0} = \frac{[n]^0}{[0]^0} = \frac{1}{1} = 1$.

IV.

Seja $i > \omega$; será $\binom{\omega+i}{i} = \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$

$\frac{(\omega+i)(\omega+i-1)(\omega+i-2)\ldots(\omega+1)}{i\qquad(i-1)\qquad(i-2)\ldots\ldots\qquad 1} = \ldots\ldots\ldots$

$\frac{(\omega+1)(\omega+2)(\omega+3)\ldots i(i+1)(i+2)(i+3)\ldots(i+\omega)}{i\ldots(\omega+3)(\omega+2)(\omega+1)(\omega)(\omega-1)(\omega-2)(\omega-3)\ldots 1} =$

$\frac{(i+1)(i+2)(i+3)\ldots(i+\omega)}{\omega\qquad(\omega-1)(\omega-2)\ldots\qquad 1} = \binom{\omega+i}{\omega}$: quer dizer que a binomial, cuja base he somma de dous inteiros positivos e indice hum delles, he igual á binomial da mesma base e indice o outro inteiro.

Mais geralmente he $[\omega+i]^{\omega+i} = [\omega+i]^{\omega}\,[i]^{i} = [\omega+i]_{i}$

$[\omega+i]^{i}\,[\omega]^{\omega}$, principio conhecido das factoriais : logo $\frac{[\omega+i]^{\omega}}{[\omega]^{\omega}} = \frac{[\omega+i]^{i}}{[i]^{i}}$; isto he $\binom{\omega+i}{\omega} = \binom{\omega+i}{i}$ sendo ω e i quaesquer numeros.

Desta maneira he $\binom{n}{i} = \binom{n}{n-i}$: assim sendo inteiro positivo o expoente do binomio, os coefficientes de x^{i} e de x^{n-i} são iguais.

V.

$$\binom{-n}{i} = \frac{-n.-(n+1).-(n+2)\ldots.-(n+i-1)}{1.\quad 2.\quad 3.\ldots.i} =$$

$$\frac{(-1)^{i}(n+i-1)(n+i-2)\ldots.n}{1.\quad 2.\ldots.i} = (-1)^{i}\binom{n+i-1}{i}:$$

quer dizer, que a binomial de base negativa se pode mudar n'outra de base positiva.

VI.

$$\binom{n}{i} = \frac{n}{i}\binom{n-1}{i-1} = \frac{n}{i}\cdot\frac{n-1}{i-1}\binom{n-2}{i-2} = \ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$\frac{n}{i}\cdot\frac{n-1}{i-1}\cdot\frac{n-2}{i-2}\cdots\binom{n-\omega}{i-\omega} = \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$\frac{\frac{n(n-1)(n-2)\ldots(n-(\omega-1))}{1.\quad 2.\quad 3.\ldots.\omega}}{\frac{i(i-1)(i-2)\ldots(i-(\omega-1))}{1.\quad 2.\quad 3.\ldots\ldots\omega.}}\binom{n-\omega}{i-\omega} = \ldots\ldots\ldots$$

$$\frac{\binom{n}{\omega}}{\binom{i}{\omega}}$$

$\frac{\binom{n}{\omega}}{\binom{i}{\omega}}\binom{n-\omega}{i-\omega}$; logo $\binom{n}{i}\binom{i}{\omega} = \binom{n}{\omega}\binom{n-\omega}{i-\omega}$.

VII.

Para achar o maior coefficiente da potencia do gráo ω do binomio, temos $\binom{\omega}{i} = \frac{\omega+1-i}{i}\binom{\omega}{i-1}$, e augmentando nesta i de 1; teremos tambem $\binom{\omega}{i} = \frac{i+1}{\omega-i}\binom{\omega}{i+1}$: logo para que o coefficiente $\binom{\omega}{i}$ não possa ser menor, nem que o coefficiente antecedente $\binom{\omega}{i-1}$, nem que o seguinte $\binom{\omega}{i+1}$; he precizo que seja $\omega+1-i \geqq i$; $i+1 \geqq \omega-i$: isto he $\frac{\omega+1}{2} \geqq i \geqq \frac{\omega-1}{2}$. Assim sendo ω par, i deve ser $\frac{\omega}{2}$; e sendo ω impar, deve ser $i = \frac{\omega+1}{2}$.

VIII.

Para mostrarmos a relação das binomiais com as differenças progressivas, denotaremos estas por δ ; e deste modo he $\delta \Gamma x = \Gamma(x+\delta x) - \Gamma x$.

Temos $\binom{\omega}{i} = \frac{\omega+1-i}{i}\binom{\omega}{i-1} = \frac{\omega+1}{i}\binom{\omega}{i-1} - \binom{\omega}{i-1} = \binom{\omega+1}{i} - \binom{\omega}{i-1}$: logo $\binom{\omega+1}{i} - \binom{\omega}{i} = \binom{\omega}{i-1}$, de maneira que sendo i constante e $\delta\omega = 1$, teremos $\delta\binom{\omega}{i} = \binom{\omega}{i-1}$, e logo a differença da ordem ω' ou $\delta^{\omega'}\binom{\omega}{i} = \binom{\omega}{i-\omega'}$.

IX.

IX.

Denote Δ differenças regressivas, isto he tais que seja $\Delta Fx = Fx - F(x - \Delta x)$; e Σ differenças inversas destas, ou integrais sommas.

Proposta a serie $\Gamma 1 + \Gamma 2 + \Gamma 3 \ldots + \Gamma x + \Gamma(x+1) +$ &c. ; a somma dos primeiros x termos será $Fx = \Sigma\Delta Fx = \Sigma\big(Fx - F(x-1)\big) = \Sigma\,\Gamma x$: assim a somma do termo geral dá a somma da serie, a qual tambem se pode obter, pondo $1, 2, 3, \ldots, x$ em lugar de x no termo geral Γx. Se a serie for $\Gamma 0 + \Gamma 1 + \Gamma 2 \ldots + \Gamma i$, a somma de i termos se obterá, pondo $0, 1, 2, \ldots i - 1$ em lugar de i no termo geral Γi.

X.

$\Delta_i \Delta_\omega \Gamma(i, \omega)$ significa, como se sabe, a differença de $\Gamma(i, \omega)$ tomada relativamente a ω e depois a i : assim tambem $\Sigma_i \Sigma_\omega (i, \omega)$ se pode achar substituindo $0, 1, 2,$ &c. em lugar de ω, e depois $0, 1, 2,$ &c. em lugar de i.

XI.

A serie que resulta destas substituições terá a mesma fórma, ou se fação primeiro relativamente a ω e depois a i, ou primeiro a i e depois a ω, porque será $\Sigma_i \Sigma_\omega \Gamma(i, \omega)$

$$= \Sigma_i\big(\Gamma(i,0) + \Gamma(i,1) + \Gamma(i,2) + \Gamma(i,3) + \text{\&c.}\big) =$$

$$\Gamma(0,0) + \Gamma(0,1) + \Gamma(0,2) + \Gamma(0,3) + \text{\&c.}$$
$$+ \Gamma(1,0) + \Gamma(1,1) + \Gamma(1,2) + \Gamma(1,3)$$
$$+ \Gamma(2,0) + \Gamma(2,1) + \Gamma(2,2) + \Gamma(2,3)$$
$$+ \Gamma(3,0) + \Gamma(3,1) + \Gamma(3,2) + \Gamma(3,3)$$
$$+ \text{\&c.}$$

Se

Se tivessemos começado por i as series horizontais, estarião dispostas em columnas verticais e reciprocamente.

XII.

A serie que resulta d'aquellas snbstituições, tem o mesmo valor

$$\Sigma_i \Sigma_\omega \Gamma(i,\omega) = \Sigma_\omega \Delta_\omega \Sigma_i \Sigma_\omega \Gamma(i,\omega) = \Sigma_\omega \Big(\Sigma_i \Sigma_\omega \Gamma(i,\omega) - \Sigma_i \Sigma_\omega \Gamma(i,\omega - \Delta\omega) \Big) = \Sigma_\omega \Sigma_i \Sigma_\omega \Big(\Gamma(i,\omega) - \Gamma(i,\omega - \Delta\omega) \Big) = \Sigma_\omega \Sigma_i \Sigma_\omega \Delta_\omega \Gamma(i,\omega) = \Sigma_\omega \Sigma_i \Gamma(i,\omega).$$

XIII.

Será $\Sigma \Gamma i . \Sigma F\omega = \Sigma_i \Delta_i \Big(\Sigma_i \Gamma i . \Sigma_\omega F\omega \Big) = \ldots\ldots$

$$\Sigma_i \Big(\Sigma_i \Delta_i \Gamma i . \Sigma_\omega F\omega \Big) = \Sigma_i \Big(\Gamma i . \Sigma_\omega F\omega \Big) = \Sigma_i \Sigma_\omega \Gamma i \, F\omega .$$

quer dizer, que o producto de duas sommas parciais he igual á somma total do producto das differenças.

XIV.

O termo geral do desenvolvimento de $(1+x)^n$, he $\binom{n}{i} x^i$; logo he $(1+x)^n = \Sigma_i \binom{n}{i} x^i$.

$$(1-x)^n = \Sigma_i \binom{n}{i} (-x)^i = \Sigma_i (-1)^i \binom{n}{i} x^i .$$

$$(a-b)^n = a^n \Big(1 - \frac{b}{a}\Big)^n = a^n \, \Sigma_i (-1)^i \binom{n}{i} \frac{b}{a}^i = \ldots\ldots$$

$$\Sigma_i (-1)^i \binom{n}{i} a^{n-i} b^i .$$

XV.

XV.

$(a-b)^{-n} = \Sigma_i (-1)^i \binom{-n}{i} a^{-n-i} b^i = \ldots\ldots\ldots\ldots$

$\Sigma_i (-1)^i (-1)^i \binom{n+i-1}{i} a^{-n-i} b^i$ (n.° 5.) $= \ldots\ldots\ldots$

$\Sigma_i \binom{n+i-1}{i} a^{-(n+i)} b^i$.

XVI.

Por ser $(1+x)^n = \Sigma_i \binom{n}{i} x^i$, e $(1+x)^m = \Sigma_\omega \binom{m}{\omega} x^\omega$:

será $(1+x)^{n+m} = \Sigma_i \binom{n}{i} x^i . \Sigma_\omega \binom{m}{\omega} x^\omega$; isto he

$$\Sigma_{\omega'} \binom{n+m}{\omega'} x^{\omega'} = \Sigma_i \binom{n}{i} x^i . \Sigma_\omega \binom{m}{\omega} x^\omega$$

Sendo $\omega' = i + \omega$, vem $\Sigma_{\omega'} \binom{m+n}{\omega'} x^{\omega'} = \ldots\ldots\ldots\ldots$

$\Sigma_{\omega'-\omega} \binom{n}{\omega'-\omega} x^{\omega'-\omega} . \Sigma_\omega \binom{m}{\omega} x^\omega = \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$

$\Sigma_{\omega'} \binom{n}{\omega'-\omega} x^{\omega'-\omega} . \Sigma_\omega \binom{m}{\omega} x^\omega$ (n.° 2) $= \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$

$\Sigma_{\omega'} \Sigma_\omega \binom{n}{\omega'-\omega} \binom{m}{\omega} x^{\omega'}$ (n.° 13) : logo tomando as differenças do primeiro e ultimo membro, relativamente a ω', vem $\binom{m+n}{\omega'} = \Sigma_\omega \binom{n}{\omega'-\omega} \binom{m}{\omega}$ isto : he $\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$

$\binom{m+n}{\omega'}$:

$$\binom{m+n}{\omega'} = \binom{m}{0}\binom{n}{\omega'} + \binom{m}{1}\binom{n}{\omega'-1} + \binom{m}{2}\binom{n}{\omega'-2} + \ldots\ldots$$
$$\binom{m}{3}\binom{n}{\omega'-3} \ldots\ldots + \binom{m}{\omega'}\binom{n}{0}.$$

XVII.

Este theorema tambem se pode demonstrar assim : Sabe-se que he

$$f(n+m\,\delta n) = fn + \binom{m}{1}\delta fn + \binom{m}{2}\delta^2 fn + \binom{m}{3}\delta^3 fn + \&c.$$

Seja agora $fn = \binom{n}{\omega'}$ e $\delta n = 1$, será (n.°8) $\delta^\omega \binom{n}{\omega'} = \binom{n}{\omega'-\omega}$: logo

$$f(n+m) = \binom{n+m}{\omega'} = \binom{m}{0}\binom{n}{\omega'} + \binom{m}{1}\binom{n}{\omega-1} + \binom{m}{2}\binom{n}{\omega'-2} \ldots +$$
$$\binom{m}{\omega'}\binom{n}{0} = \Sigma_\omega \binom{m}{\omega}\binom{n}{\omega'-\omega} \text{ (n.°9.)}$$

XVIII.

A binomial binomia demonstra a factorial binomia; porque escrevendo-a assim

$$\frac{[n+m]^{\omega'}}{[\omega']^{\omega'}} = \frac{[n]^{\omega'}}{[\omega']^{\omega'}} + \frac{[m]^{1}}{[1]^{1}} \cdot \frac{[n]^{\omega'-1}}{[\omega'-1]^{\omega'-1}} + \frac{[m]^{2}}{[2]^{2}} \cdot \frac{[n]^{\omega'-2}}{[\omega'-2]^{\omega'-2}} + \&c.$$

e tirando o denominador ao primeiro membro, resulta

$$[n+m]^{\omega'} = [n]^{\omega'} + \omega'[m]^{1}[n]^{\omega'-1} + \frac{\omega'(\omega'-1)}{1.2}[m]^{2}[n]^{\omega'-2} + \&c.$$

XIX.

Será tambem $\binom{n+n'+n''}{i} = \Sigma_{\omega}\binom{n}{\omega}\binom{n'+n''}{i-\omega}$ (n.° 16)

$= \Sigma_{\omega}\binom{n}{\omega}\Sigma_{\omega'}\binom{n'}{\omega'}\binom{n''}{i-\omega-\omega'} = \Sigma_{\omega}\Sigma_{\omega'}\binom{n}{\omega}\binom{n'}{\omega'}\binom{n''}{i-\omega-\omega'}$; e assim para huma base quadrinomia, &c.

XX.

Fazendo $n = m = \omega' = i$ em $\binom{n+m}{\omega'} = \Sigma_{\omega}\binom{m}{\omega}\binom{n}{\omega'-\omega}$

teremos $\binom{2i}{i} = \Sigma_{\omega}\binom{i}{\omega}\binom{i}{i-\omega} = \Sigma_{\omega}\binom{i}{\omega}^2$ (n. 4) : quer dizer que a binomial maxima (n.° 7) he a somma dos quadrados das binomiais cuja base he metade da sua : de outro modo, quer dizer, que o maior coefficiente de $(1+x)^{2i}$ he igual á somma dos quadrados de todos os coefficientes de $(1+x)^{i}$.

XXI.

Entre as binomiais de base fraccionaria aquellas, cuja base he da fórma $\frac{2i-1}{2}$, são sempre reductiveis a huma serie de binomiais de base inteira.

Temos com effeito (n.° 16.)

$$\binom{i-\frac{1}{2}}{\omega} = \binom{i}{0}\binom{-\frac{1}{2}}{\omega} + \binom{i}{1}\binom{-\frac{1}{2}}{\omega-1} + \binom{i}{2}\binom{-\frac{1}{2}}{\omega-2} + \&c.$$

trata-se agora de transformar huma binomial da fórma $\binom{-\frac{1}{2}}{\omega}$.

Ora

Ora he $\binom{-\frac{1}{2}}{\omega} = \left(-\frac{1}{2}\right)^{\omega} \frac{1.3.5.7.\ldots.(2\omega-1)}{1.2.3.\ldots.\omega} = \ldots\ldots\ldots$

$\left(-\frac{1}{2}\right)^{\omega} \frac{1.3.5\ldots(2\omega-1).2.4.6..2\omega}{1.2.3\ldots\ldots\omega \;.\; 1.2.3..\omega.2^{\omega}} = \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$

$\frac{2\omega\,(2\omega-1)\,(2\omega-2)\ldots(\omega+1)}{1.\;.\;2\;.\;3.\ldots\omega\,(-4)^{\omega}} = \left(-\frac{1}{4}\right)^{\omega}\binom{2\omega}{\omega}$. Substituindo esta ultima expressão em lugar de $\binom{-\frac{1}{2}}{\omega}$ teremos

$$\binom{i-\frac{1}{2}}{\omega} = \frac{\binom{2\omega}{\omega}}{(-4)^{\omega}} + \frac{\binom{i}{1}\binom{2\omega-2}{\omega-1}}{(-4)^{\omega-1}} + \frac{\binom{i}{2}\binom{2\omega-4}{\omega-2}}{(-4)^{\omega-2}} + \text{\&c.}$$

Este problema seria sempre possivel se nos não tivessemos limitado, neste primeiro Ensaio, ás binomiais em que a differença dos factores he — 1, ou 1.

STATE OF

MEMORIAS,

QUE SE CONTEM NA I. PARTE DESTE QUARTO TOMO.

HISTORIA.

DISCURSO recitado na Sessão Publica de 24 de Junho de 1814, por Sebastião Francisco Mendo Trigozo. - - - - - - - - - - - - - Pag. I.
Programma da Academia Real das Sciencias de Lisboa annunciado na mesma Sessão Publica - - - - - - XXV.
Conta dos trabalhos Vaccinicos, lida na Sessão Publica, por Francisco Elias Rodrigues da Silveira. - - XXX.

Elogios Historicos.

Elogio Historico de Fr. João de Sousa, por Sebastião Francisco Mendo Trigozo. - - - - - - - - - XLIX.
Elogio Historico do Ex.mo e R.mo D. Fr. Manoel do Cenaculo, Arcebispo d'Evora, por Francisco Manoel Trigozo d'Aragão Morato, *Vice-Secretario da Academia*. - - - - - - - - - - - - - - - - - - LXIII.

Memorias dos Socios.

Memoria sobre as Boubas, por Bernardino Antonio Gomes. - - - - - - - - - - - - - - - - I.
Memoria sobre a Desinfecção das Cartas, pelo mesmo. 36.
Projecto de hum Estabelecimento de Escolas de Agricultura, por Sebastião Francisco Mendo Trigozo. 58.
Reflexões sobre a Agricultura de Portugal; sobre o seu antigo e presente estado; e se por meio de Escolas Ruraes Praticas, ou por outros elle pode melhorar-se, e tor-

tornar-se florente, por Felis de Avelar Brotero. - 75.

Memorias dos Correspondentes.

Da Deladeira, e suas Propriedades Medicas, por Francisco Elias Rodrigues da Silveira. - - - - - - 1.
Memoria sobre as Binomiaes, por Manoel Pedro de Mello. - - - - - - - - - - - - - - - - 41.

10 REIS

CATALOGO

Das Obras já impressas, e mandadas compôr pela Academia Real das Sciencias de Lisboa: com os preços, por que cada huma dellas se vende brochada.

I. BREVES Instrucções aos Correspondentes da Academia sobre as remessas dos productos naturaes para formar hum Museo Nacional, *folheto* 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - 120

II. Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal remettidas á Academia, por João Antonio Dalla-Bella, Socio da mesma, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - 480

III. Memorias sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal remettidas á Academia, pelo mesmo, 1 vol. 4.° - - - - - - - - 480

IV. Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2 vol. 8.° 960

V. Paschalis Josephi Mellii Freirii Historiae Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - 640

VI. Ejusdem Institutiones Juris Civilis, et Criminalis Lusitani, 5. vol. 4.° - 2400

VII. Osmia, Tragedia coroada pela Academia, *folh.* 4.° - - - 240

VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, *folh.* 4.° 160

IX. Veſtigios da Lingoa Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, composto por ordem da Academia, por Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.° - 480

X. Dominici Vandelli Viridarium Grysley Lusitanicum Linnæanis nominibus illustratum, 1 vol. 8.° - - - - - - - - - - - 200

XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de 1789, calculado para o Meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - 360

O mesmo para os annos seguintes até 1809 inclusivamente.

XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas, 5 vol. 4.° - - - - 4000

XIII. Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza, dos Reinados dos Senhores Reis D. Joaõ I., Dom Duarte, D. Affonso V., e D. João II., 3 vol. *fol.* - - - - - - - - - - 5400

XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folh.* 8.° - - - - - - - *gr.*

XV. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, Correspondente da mesma, 1 vol. 4.° 360

XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados dos Originaes da Torre do Tombo com permissão de S. Magestade, e vertidos em Portuguez, por ordem da Academia, pelo seu Cor-

Correspondente Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.° - - - - - - - 480

XVII. Observações sobre as principaes cauſas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escritas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*, publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma, 1 tom. 8.° *mai.* - - - 480

XVIII. Flora Cochinchinensis; ſiſtens Plantas in Regno Cochinchinæ nascentes. Quibus accedunt aliæ observatæ in Sinensi Imperio, Africa Orientali, Indiæque locis variis, labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiæ Scientiarum Academiæ Ulyssiponensis Socii: jussu Acad. R. Scient. in lucem edita, 2 vol. 4.° *mai.* - 2400

XIX. Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislação Portugueza, mandada publicar pela Academia Real das Sciencias, e ordenada por José Anastasio de Figueiredo, Correspondente do Num.° da mesma Academia, 2 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - 1800

XX. Tratado de Educaçaõ Fysica para uso da Naçaõ Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco José de Almeida, Correspondente da mesma, 1 vol. 4.° 360

XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1 vol. 8.° - - - - - - - - - - - 600

XXII. Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das Agoas Mineraes das Caldas da Rainha, publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco Tavares, Socio Livre da mesma Academia, *folh.* 4.° - - - - - - - - - - - - - 120

XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza, 8 vol. 4.° - - - - 6400

XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino, por Joaquim José Ferreira Gordo, Correspondente da Academia, 1 vol. 4.° - - 400

XXV. Diccionario da Lingoa Portugueza, 1.° vol. *fol. mai.* - - 4800

XXVI. Compendio da Theorica dos Limites, ou Introducção ao Methodo das Fluxões, por Francisco de Borja Garção Stockler, Socio da Academia 8.° - - - - - - - - - - - - - - 240

XXVII. Ensaio Economico sobre o Comercio de Portugal, e suas Colonias, offerecido ao Principe do Brazil N. S., e publicado de ordem da Academia Real das Sciencias, pelo seu Socio Jozé Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. - - - - - - - - 480

XXVIII. Tratado de Agrimenſura, por Estevaõ Cabral, Socio da Academia, em 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - 240

XXIX. Analyse Chymica da Agoa das Caldas, por Guilherme Withering, em Portuguez e Inglez. *folh.* 4.° - - - - - - - - 240

XXX. Principios de Tactica Naval, por Manoel do Espirito Santo Limpo, Correspondente do Numero da Academia, 1 vol. 8.° - 480

XXXI. Memorias da Academia Real das Sciencias, 3 vol. *fol.* - 6000

A Parte I. do Tom. IV. - - - - - - - - - - - - - - - 1000

XXXII. Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, 1 vol. 4.° - 480

XXXIII. Observações Historicas e Criticas para servirem de Memorias ao systema da Diplomatica Portugueza, por João Pedro Ri-

Ribeiro, Socio da Academia, Part. 1. 4.° - - - - - - - - 480

XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Logarithmicarum, et Trigonometricarum. 1 vol. 4.° - - - - - - - - - 960

XXXV. Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes, 1 vol. 4.° - 800

XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches, Pringle &c. sobre as Causas e Prevenções das Doenças dos Exercitos, por Alexandre Antonio das Neves, para distribuir-se ao Exercito *folh.* 12.° - *gr.*

XXXVII. Advertencias dos meios para preservar da Peste. *Segunda edição accrescentada com o* Opusculo de Thomaz Alvares sobre a Peste de 1569., *folh.* 12.° - - - - - - - - - - - - 120

XXXVIII. Hippolyto, Tragedia de Euripides, vertida do Grego em Portuguez, pelo Director de huma das Classes da Academia; *com o texto*, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XXXIX. Taboas Logarithmicas, calculadas até á setima casa decimal, publicadas de ordem da Real Academia das Sciencias por J. M. D. P. 1 vol. 8.° - - - - - - - - - - - - - - 480

XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza posterior á publicação do Codigo Filippino por João Pedro Ribeiro, Part. 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª - - - - - - - - - - - - - - - 3600

XLI. Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Secretario da Academia Real das Sciencias, 1.° v. 8.° - - - - - - - - 800

XLII. Collecção dos principaes Auctores da Historia Portugueza, publicada com notas pelo Director da Classe de Litteratura da Academia R. das Sciencias. 8 Tom. em 8.° - - - - - - - - 4800

XLIII. Dissertações Chronologicas, e Criticas, por João Pedro Ribeiro, 3 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - 2400

XLIV. Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas Tomo I.° Numeros 1.°, 2.°, 3.° e 4.° 600

O Tomo II. - 800

XLV. Hippolyto, Tragedia de Seneca; e Phedra, Tragedia de Racine: traduzidas em verso, pelo Socio da Academia Sebastião Francisco Mendo Trigozo, *com os textos.* - - - - - - - 600

XLVI. Opusculos sobre a Vaccina: Num. I. até XIII. - - - 300

XLVII. Elementos de Hygiene, por Francisco de Mello Franco, Socio da Academia: Parte 1.ª e 2.ª - - - - - - - - - 600

XLVIII. Memoria sobre a necessidade e utilidade do Plantio de novos bosques em Portugal, por José Bonifacio de Andrada e Silva, Secretario da Academia Real das Sciencias, 1. vol. 4.° 400

XLIX. Taboas Auxiliares para uso da Navegação Portugueza compiladas de ordem da Academia Real das Sciencias, 1. vol. 4.° 600

Estão no prélo as seguintes.

Documentos para a Historia da Legislação Portugueza, pelos Socios da Academia João Pedro Ribeiro, Joaquim de Santo Agostinho de Brito Galvão e outros.

Collecção dos principaes Historiadores Portuguezes.

Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas.

Ta-

Taboas Trigonometricas, por J. M. D. P
Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Tom. 2.º
Collecção de Livros ineditos de Hiſtoria Portugueza, T. 4.
Memorias da Academia, Tom. 4.º, Part. II.

Vendem-ſe em Lisboa *nas lojas dos* Mercadores de Livros na Rua das Portas de Santa Catharina ; *e em* Coimbra *e no* Porto *tambem pelos mesmos preços.*

HISTORIA
DA
ACADEMIA.

10 REIS

HISTORIA
E
MEMORIAS
DA
ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO IV. Parte II.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.
1816.
Com licença de S. ALTEZA REAL.

PRIVILEGIO.

EU a RAINHA Faço saber aos que este Alvará virem: Que havendo-me representado a Academia das Sciencias estabelecida com Permissão Minha na Cidade de Lisboa, que comprehendendo entre os objectos, que fórmão o Plano da sua Instituição, o de trabalhar na composição de hum Diccionario da Lingoa Portugueza, o mais completo que se possa produzir; o de compilar em boa ordem, e com depurada escolha os Documentos, que podem illustrar a Historia Nacional, para os dar á luz; o de publicar em separadas Collecções as Obras de Litteratura, que ainda não forão publicadas; o de instaurar por meio de novas Edições as Obras de Auctores de merecimento, e cujos Exemplares forem muito antigos, ou se tiverem feito raros; o de trabalhar exacta e assiduamente sobre a Historia Litteraria destes Reinos; o de publicar as Memorias dos seus Socios, das quaes as que contiverem novos descobrimentos, ou perfeições importantes ás Sciencias, e boas Artes serão publicadas com o titulo de *Memorias da Academia*, ficando as

outras para servirem de materia a separadas e distinctas Collecções, nas quaes se dê ao Publico em Extractos e Traducções periodicamente tudo, o que nas Obras das outras Academias, e nas de Auctores particulares houver mais proprio, e digno da Instrucção Nacional; e finalmente o de fazer compôr, e publicar hum Mappa Civil e Litterario, que contenha as noticias do nascimento, empregos, e habitações das Pessoas principaes, de que se compoem os Estados destes Reinos, Tribunaes, ou Juntas, de Administração da Justiça, Arrecadação de Fazenda, e outras particulares noticias, na conformidade do que se pratica em outras Cortes da Europa: E porque havendo de ser summamente despendiosas, tantas, e tão numerosas as Edições das sobreditas Obras, sería facil que a Academia se arriscasse a baldar a importante despeza, que determina fazer nellas; se Eu não me dignasse de privilegiar as suas Edições, para que se lhe não contrafizessem, nem se lhe reimprimissem contra sua vontade, ou mandassem vir de fóra impressas, em detrimento irreparavel da reputação da mesma Academia, e das consideraveis sommas que nellas deverá gastar: Ao que tudo Tendo consideração, e ao mais que Me foi presente em Consulta da Real Meza Censoria, á qual Commetti o exame desta louvavel Empreza; Querendo animar a sobredita Academia, para que reduza a effeito os referidos uteis objectos, que o estão sendo da sua applicação: Sou servida Ordenar aos ditos respeitos o seguinte:

Hei por bem, e Ordeno, que por tempo de dez annos, contados desde a publicação das Edições, sejão privile-

legiadas todas as Obras, que a sobredita Academia das Sciencias fizer imprimir e publicar; para que nenhuma Pessoa ou seja natural, ou existente, e moradora nestes Reinos as possa mandar reimprimir, nem introduzir nelles sendo reimpressas em Paizes Estrangeiros: debaixo das penas de perdimento de todas as Edições que se fizerem, ou introduzirem em contravenção deste Privilegio, as quaes serão apprehendidas a favor da Academia; e de duzentos mil reis de condemnação, que se imporá irremissivelmente ao transgressor, e que será applicada em partes iguaes para o Denunciante, e para o Hospital Real de S. José.

Exceptuo porém da generalidade deste Privilegio aquelles casos, em que as Materias, que fizerem o objecto das Obras que publicar a Academia, appareção tratadas com variação substancial, e importante; ou pelo melhor methodo, novos descobrimentos, e perfeições scientificas se achar, que differem das que imprimio a Academia: sendo o exame e confrontação de humas e outras Obras feito na Real Meza Censoria, ao tempo de se conceder a Licença para a impressão das que fazem o objecto desta Excepção: Encarregando muito á mesma Meza o referido exame, e confrontação; para consequentemente conceder, ou negar a Licença nos casos occorrentes e circunstancias acima referidas. Nesta Excepção Incluo as Obras particulares de cada hum dos Socios; porque estas só poderáõ ser privilegiadas, ou quando forem impressas á custa da Academia, ou quando os seus proprios Auctores Me supplicarem o Privilegio para ellas.

Hei outro sim por bem, e Ordeno, que sejão igual-

mente privilegiadas pelo referido tempo todas as Edições, que a referida Academia fizer de Manuscriptos, que haja adquirido: com tanto porém que dellas não resulte prejuizo ás Pessoas, que primeiro os houverem adquirido, ou lhes pertençáo pelos titulos de Herança, ou de Compra, e tenhão intenção de os imprimir por sua conta. E para que a este respeito haja alguma Regra, que attenda á utilidade publica, e á particular: Determino, que a Academia possa imprimir os referidos Manuscriptos; ou logo que mostrar que seus Donos não querem imprimillos; ou que havendo elles declarado quererem dallos á luz, o não fizerem no prefixo termo de cinco annos, que neste caso lhes serão assignados para os imprimirem.

Hei outro sim por bem, e Ordeno, que na generalidade do Privilegio, que a referida Academia Me supplica, e lhe Concedo na sobredita conformidade para a reimpressão das Obras ou antigas, ou raras, ou de Auctores existentes, fiquem salvas as Obras, que a Universidade de Coimbra mandar imprimir; ou porque sejáo concernentes aos Estudos das Faculdades, que se ensinão nella; ou porque sendo compostas por Professores della, as mande imprimir a mesma Universidade, como hum testemunho publico dos progressos, e da reputação litteraria dos referidos Professores: E fiquem igualmente salvas as outras Obras, que actualmente estão sendo ou impressas, ou vendidas por algumas Corporações, e por Familias particulares, e que nellas tem em certo modo constituido ha muitos annos huma boa parte da sua subsistencia, e patrimonio; e a cujo beneficio Poderei privilegiallas, ou prorogar-lhes os Privilegios que tiverem.

Hei

Hei por bem finalmente, e Ordeno, que na concessão do Privilegio, que igualmente Concedo na sobredita conformidade, para a referida Academia publicar o Mappa Civil e Litterario na fórma acima declarada, fiquem salvos os Privilegios seguintes, a saber: o Privilegio concedido aos Officiaes da Minha Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra para a impressão da *Gazeta de Lisboa*: o Privilegio perpetuo da Congregação do Oratorio para a impressão do Diario Ecclesiastico, vulgarmente chamado *Folhinha*: e o Privilegio que Fui servida conceder a Felix Antonio Castrioto para o *Jornal Encyclopedico*: Para que em vista dos referidos Privilegios, e das Edições que fazem os objectos delles, se haja a Academia de regular por tal maneira na composição do referido Mappa Civil e Litterario, que de nenhum modo fiquem offendidos os mesmos Privilegios, que devem ficar illesos.

E este Alvará se cumprirá sem duvida, ou embargo algum, e tão inteiramente, como nelle se contém.

E pelo que: Mando á Meza do Desembargo do Paço, Real Meza Censoria, Conselhos de Minha Real Fazenda, e Ultramar, Meza da Consciencia e Ordens, Regedor da Casa da Supplicação, Governador da Relação e Casa do Porto, Reformador Reitor da Universidade de Coimbra, Senado da Camara da Cidade de Lisboa, e a todos os Corregedores, Provedores, Ouvidores, Juizes, Magistrados, e mais Justiças, ás quaes o conhecimento e cumprimento deste Alvará por qualquer modo pertença, ou haja de pertencer; que o cumprão, guardem, fação cumprir, e guardar inviolavelmente, sem lhe ser posto embargo, impedimen-

mento, duvida, ou opposição alguma, qualquer que ella seja: para que a observancia delle seja inteira, e tão litteral, como nelle se contem. E Mando outro sim ao Doutor Antonio Freire de Andrade Enserrabodes, do Meu Conselho, Desembargador do Paço, e Chanceller Mór destes Reinos, que o faça publicar na Chancellaria, e que por ella passe: ordenando, que nella fique registado, e que se registe em todos os lugares, em que deva ficar registado, e conveniente for á sobredita Academia, para a conservação e guarda dos Privilegios, que neste Alvará lhe Tenho concedido. Dado no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda aos vinte e dois de Março de mil setecentos oitenta e hum.

RAINHA

Visconde de Villanova da Cerveira.

Alvará pelo qual Vossa Magestade, pelos motivos nelle mencionados, Ha por bem conceder á Academia das Sciencias, estabelecida com a Sua Real Permissão na Cidade de Lisboa, o Privilegio por tempo de dez annos; para poder imprimir privativamente todas as Obras, de que faz menção: com excepções e modificações, que vão nelle expressas; e com as penas contra os transgressores do referido Privilegio. Tudo na fórma acima declarada.

Para Vossa Magestade ver.

Registado nesta Secretaria de Estado dos Negocios do Reino em o Liv. VI. das Cartas, Alvarás, e Patentes a fl. 93 v. Nossa Senhora da Ajuda 7 de Maio de 1781.

Joaquim José Borralho.

Antonio Freire d'Andrade Enserrabodes Gratis.

Foi publicado este Alvará na Chancellaria Mor da Corte e Reino, pela qual passou. Lisboa de Maio de 1781.

D. Sebastião Maldonado.

Publique-se, e registe-se nos Livros da Chancellaria Mor do Reino. Lisboa 18 de Maio de 1781.

Antonio Freire d'Andrade Enserrabodes.

Registado na Chancellaria Mor da Corte e Reino no Liv. das Leis a fl. 34 v. Lisboa 19 de Maio de 1781.

Antonio José de Moura.

João Chrysostomo de Faria e Sousa de Vasconcellos de Sá o fez.

Registado na Chancellaria Mor da Corte e Reino no Liv. de Officios e Mercés a fl. 68. Lisboa 21 de Maio de 1781.

Matheus Rodrigues Vianna.

(*) DISCURSO,

CONTENDO A HISTORIA

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS,

DESDE 25 DE JUNHO DE 1814 ATÉ 24 DE JUNHO DE 1815:

POR

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA,

SECRETARIO DA MESMA ACADEMIA.

AINDA esta vez, Senhores, deverei ser o orgão da Academia, pondo ante vossos olhos sua carreira litteraria e patriotica no Estadio escabroso, mas nobre e grande, das Sciencias e das Artes, onde continúa a merecer loiros desde 24 do passado Junho até hoje. Confesso que este orgão he bem fraco, e pouco digno dos homens illustres que a compoem: se a minha voz porém sahir rouca e grosseira, como he, forcejarei ao menos, quanto em mim for, que seja singela e imparcial. ¿Mas quem não temerá, despido de forças e talentos como eu, comparecer perante o Tribunal implacavel, bem que justo, do Publico que me ouve, e da Posteridade que me ha de julgar a final? He certo, Senhores; e sei que se não grangea perdão, diz o nosso Sousa, se ha de que o pedir, como sempre ha. Anima-me com tudo e consola-me a só idéa, que vou ser o Annalista fiel dos esforços e tarefas de huma Corporação de Sabios, que luta denodada ha largos annos, em pró das Sciencias e honra da Nação, contra a ignorancia timida, ou desleixada, e ousarei dizer, contra o obscurantismo de algumas toupeiras, que temem, ou não podem supportar a luz; (*a*) de huma Corporação, que ha sido e será, gra-

(*) Lido na Assembléa Pública de 24 de Junho de 1815.

(*a*) *O entendimento, que he nosso,*
Nam no lo querem deixar.
Sá e Miranda Egl. 8.

ças ao Ceo e ao patrocinio do Throno, o ante mural das Letras, o alforbe e criadeiro, para o dizer assim, das Artes e Sciencias; plantas mimosas e tenras, que dispostas depois e arreigadas nos campos do Estado e da Igreja, tem já crescido, e hão de crescer, certo mais e mais, em arvores robustas, cujos ramos verguem com mil fructos sazonados.

Seria inutil querer demonstrar-vos as grandes utilidades, que a Europa tem tirado do Estabelecimento das Corporações Litterarias de todo o genero, e mui principalmente das Academias Scientificas. Mas permitti-me, Senhores, para enverdecer a aridez do meu assumpto, e comprovar de algum modo a minha these, que vos trace em mui pequeno quadro a decadencia rapida das Letras no Imperio de Roma, desde o brilhante seculo de Augusto, até o seu renascimento no seculo XVI. por diante. Confesso que a empreza he muito ardua e arriscada; pois além de ser preciso fazer grandes empregos de estudos e trabalhos, a que se devião recusar meus fracos hombros, ¿quão difficil não he pintar gigantes em pequena taboa? Mas a importancia da materia, e os fins que me proponho, desculparáõ o meu arrojo.

O augmento ou decadencia das Letras em qualquer Nação he o criterio mais seguro para ajuizarmos da sua civilização e prosperidade; porque as causas que promovem as Sciencias e as Artes, são as mesmas que fomentão e adiantão a felicidade das Nações. ¿Que cousa ha mais importante e curiosa, que contemplar a alteza e prosperidade, a que tinhão chegado as Letras no seculo de Augusto; onde as sementes e plantas, vigorosas e sans, dos tempos da Republica, brotárão e crescêrão sobre maneira com o favor e carinho do Principe; e com o sócego da paz, depois das guerras civís, desabrochárão em flores e fructos preciosos, que não cedião muito aos da Grecia sua mestra? O espaço de tempo porém que decorreo entre a usurpação de Sulla e as ultimas guerras civís, foi o periodo em que florescêrão os Ci-

ce-

ceros e os Lucrecios; foi, rigorosamente fallando, a idade de ouro da Litteratura Romana. Se Augusto começára a sua usurpação por huma serie inaudita de crueldades e de traições; bem depressa se mudou por huma destas metamorfoses inesperadas em Bemfeitor da nossa especie, e em Delicias de Roma: e poderemos de algum modo explicar este milagre, parte pela sua constituição pusillanime, e enferma; e parte pela amizade, e bons conselhos de hum Agrippa, e de hum Mecenas, de hum Polião, e de hum Messala. Parece que até a mesma Natureza se empenhava em bemaventurar o seu reinado, dando-lhe por contemporaneos e por panegyristas Engenhos da primeira ordem, valídos e mimosos das Musas e do Ceo; entre os quaes bastará nomear a hum Horacio, e a hum Virgilio. Devemos não obstante confessar, que os Escriptores deste tempo trabalhárão mais *æsthetica*, que scientificamente; não só porque a Philosophia não tinha ainda descoberto todas as leis da Critica e do Methodo; mas tambem porque os Homens de Letras d' então não se davão exclusivamente a huma só Sciencia em particular, nem formavão no Imperio huma classe separada, e independente, como ora fazem na mór parte da Europa, depois de estabelecidas honras e Cadeiras que os sustentão e excitão.

Se tal era o explendor a que tinhão chegado então as Letras; ¡ que pasmo nos não deve causar a rapida decadencia e abatimento, em que cahírão, logo depois dos Antoninos por diante! Em muita parte das antigas e modernas Nações seu explendor e prosperidade tem dependido de causas de pouca monta na apparencia, ou de outras occultas aos olhos do observador attento; mas não succedeo assim para com o Imperio Romano: as causas da sua grandeza, e sua decadencia estão manifestas e patentes nas paginas da sua Historia para quem sabe ler e reflectir. Floresceo Roma porque seu povo amava a liberdade e a Patria; porque o animava a energia rude, mas forte e varonil de seus antigos costumes, e a gloria dos triunfos; que ajudadas

pela politica do Senado, e pela ambição dos Patricios fizerão de hum pequeno bando de fugidios e foragidos huma Nação immensa, e sem exemplo nos Fastos do Universo. Começou porém a decahir, logo que afracou o amor da Patria, e o enthusiasmo do bello e do sublime. Nem podia ser de outro modo; porque a mudança da condição politica dos Cidadãos, o despotismo dos Imperadores, a anarchia e tumultos do exercito, a immoralidade necessaria dos costumes, e o luxo desenfreado, fructo de riquezas sem conto, roubadas e amontuadas por continuas guerras, destruírão em brevissimo tempo todas as sementes do bem, e desarreigárão do seu espirito e coração todas as qualidades generosas, de que se honra a nossa especie. Espalhouse pelo corpo moral do Imperio hum torpor mental, que suffocou toda a vitalidade, que poderia combater contra os males da oppressão, e encontrar com denodo a cohorte immensa dos vicios e dos crimes. Em poucos seculos ficou reduzido o desgraçado Occidente, até então mui culto e nobre, á despresivel condição de semi-barbaro, ignorante, falso, affeminado e vil; sem possuir sequer a energia d'alma, e a mascula independencia dos povos do Norte, por quem foi tão facilmente conquistado.

A mudança da Capital do Imperio, a divisão deste, as contendas e combates renhidos do Paganismo, furioso contra a nova Religião exclusiva do Imperio, as heresias sem conto, as disputas Theologicas, que geravão odios e derramavão sangue, absorvião os cuidados, e as faculdades intellectuaes da pouca gente, capaz ainda de ler e meditar.

As irrupções successivas e aturadas dos Barbaros do Norte vierão então accelerar mais e mais a ruina do Imperio e das Sciencias. Condensárão-se as trévas da ignorancia: e com as devastações de cidades e campos, com o continuo tinnir das espadas recebêrão as Letras o ultimo golpe; e apagárão-se quasi de todo os vestigios da instrucção, que havião escapado ao diluvio do sem numero de males, que abysmavão o Imperio de Roma. Não houve desde

en-

então mais força contra a oppressão, mais actividade mental; morreo toda a curiosidade honesta: não se via por toda a parte senão indolencia e cobardia; e só levantavão cabeça a hypocrisia e a baixeza nos vencidos, a venalidade e o chamado direito da força nos vencedores; a pobreza esquálida de hum lado, e do outro o despejo de hum luxo grosseiro e desregrado.

¿Mas quem o creria então? Do seio de tantos males brotárão novos *germes* de regeneração e de ventura. Assim como muitas vezes hindo com tormenta desfeita o navio á costa contra rocha talhada, surge d' entre o negrume das borrascas o fogo santo que anima o navegante já perdido, muda o vento, e traz apoz si dias de bonança: assim succedeo agora com as Sciencias e Artes no Occidente. Os povos da Scandinavia e da Germania, ainda cheios de juventude e de energia, depois de pacificos senhores das terras occupadas, formão novas Monarchias na Italia, nas Gallias, e na Hespanha. Cubiçosos de nova gloria, dão-se ao estudo das Letras, e abrigão e cultivão os poucos restos, e sementes dispersas das boas Artes e Sciencias, que por acaso ainda existião occultas entre o Clero, e no fundo de alguns Claustros. Nos Mosteiros e Cathedraes mais ricas nascem já algumas Escolas; onde, verdade he, só se ensinavão as doutrinas, que compunhão então o chamado *Trivio*, isto he, huma especie de Grammatica, de Dialectica, e Rhetorica; mas estabelecidas as Universidades, foi o *Trivio* ajudado pelo *Quadrivio*, em cujo recinto se abrigárão, além das doutrinas já apontadas, tambem a Musica, a Arithmetica, a Geometria, e a Astrologia: a qual tanto cabimento tinha então nos paços dos Reis, e dos grandes Feudatarios, fazendo de seus pretendidos cultores, validos, e poderosos. Com as Universidades augmentou-se o patrimonio das Letras, criando-se Cadeiras de Jurisprudencia Canonica e Romana, Theologia e Medicina; a qual de mãos dadas com a Astrologia, Geometria, e Alchymia, que conservavão e cultivavão os Arabes, derão depois nascimento

á

á Astronomia, á Botanica, á Zoologia, á Physica, e á verdadeira Chymica moderna. Os espiritos generosos, que ardião por cultivar as novas Letras, achavão nos estabelecimentos das Escolas descanço, honra, e subsistencia. Aperfeiçoou-se e generalizou-se o vidro, inventou-se a polvora; que tanta influencia hão tido nas Sciencias, e no estado politico dos Povos: forão apparecendo novas e numerosas Artes, que hoje em dia tanto felicitão as Nações.

Os Trovadores das Gallias e das Hespanhas com seus Romances heroicos e guerreiros, com seus Contos e Trovas amorosas e satyricas, excitão o gosto de ler, começão a polir as linguas, e dão honra e estimação á Poesia vulgar, e com ella a toda a Litteratura.

Com a queda de Constantinopla, e já hum pouco antes (*a*) emigrárão para o Occidente alguns dos Sabios que ainda conservava; e os Codices Gregos, que havião escapado á voracidade dos tempos, são conhecidos no Occidente; traduzidos e ás vezes illustrados por Bessarion, Miguel Apostolio, George Gemisto, João Argyropylo, Theodoro Gaza, George Trapezuncio, e muitos outros, que espalhárão pela Italia o estudo da Lingua e Litteratura dos Gregos. A publicação destas obras juntas com as Latinas, que já começavão a ser estudadas, fazem raiar os primeiros assomos da Critica e do bom gosto.

A pezar porém de todos estes progressos jazia ainda a Europa em densas trévas. Mas as faiscas do lume, que se hia augmentando com o novo estudo e leitura dos Gregos e Romanos, fazião já fermentar a materia chaotica, que desenvolvendo-se, e crystallizando, hia criando hum novo mundo de sciencia e de civilização. He verdade que á principio os olhos, opprimidos de longo somno, mal podião en-

(*a*) Já antes de tomada Constantinopla por Mahamet II. em 1453 tinhão passado para a Italia varios Doutos. No Concilio de Florença celebrado em 1439 assistio o Imperador João Palcologo com muitos Prelados e Homens doutos, dos quaes varios ficárão desde então estabelecidos na Italia.

encarar a immensa luz, que se accendia; e medião com pavor o profundo abysmo, que os separava dos seculos brilhantes de Pericles e de Augusto; mas pouco e pouco forão-se os espiritos fortalecendo, e animando. Ainda que muitas vezes desencaminhados em falsas e tortuosas veredas, pouco e pouco forão cobrando novas forças e ardimento; trilhando primeiro sabiamente os caminhos da erudição, para fazerem seus os thesouros da Antiguidade, e depois em melhor tempo disferirem o vôo, mais além, na athmosfera das Sciencias e das Artes. Assim como nos brilhantes dias da Grecia e de Roma fôra a Eloquencia a meta, a que corrião os espiritos vigorosos e patrioticos; assim depois que nasceo a Impressão (com que se firmárão para sempre as Sciencias e as Artes, sem medo nenhum de que jámais resuscite o Imperio das trévas), a intelligencia e critica das Obras Poeticas, Historicas e Philosophicas dos Gregos e Romanos forão os objectos da geral admiração, e da ciosa ambição dos Litteratos. Se à principio os engenhos, nutridos com as bellezas das linguas Grega e Latina, desprezavão as vulgares, achando-as pobres e grosseiras para as delicadezas intellectuaes dos Platões e Aristoteles, e para a riqueza, em sentimentos e imagens, da Eloquencia e da Poesia antiga; animados depois com o exemplo e fortuna dos *Trovadores*, ousárão por fim fallar a linguagem dos Deoses, e ataviar a verdade no proprio idioma; que na Italia elevárão hum Dante, hum Boccacio, e hum Petrarca, quasi de hum golpe, ao maior auge da perfeição.

Melhor entendidos os Physicos, Geometras e Astronomos da Grecia, estudados hum Plinio e hum Seneca entre os Latinos, derão-se os Homens de Letras com mais ventura e facilidade ao estudo da Natureza e da Experiencia. Se a Philosophia conservava ainda nos Claustros e nas Universidades o trajo escolastico e grosseiro, com que cabeças Arabigas e arguciosas a tinhão desornado e afeado, homens criados com o leite de Platão, Aristoteles, Xenofonte, Euclides e Archimedes, quaes Bruno, Cardano, Campa-

panella, Galilei, Torricelli, Borelli, Castelli e outros na Italia, Vives nas Hespanhas, Lord Verulam na Inglaterra, Reuchlin e Erasmo na Germania, e tantos outros, dispunhão os animos para melhor sustento e pasto, que avidamente recebêrão. Com o estabelecimento da Academia dos Linceos em Roma, da Del Cimento em Florença, e do Instituto de Bolonha; com a Sociedade Real de Londres; com as Academias de París, e com a Leopoldina dos Curiosos da Natureza em Allemanha, e mil outras que depois se generalizárão pela Europa, quebrárão-se de todo os grilhões, e os prestigios da escravidão dos Mestres, que ainda continuavão a reinar despoticamente nas Escolas. Abrio-se a estrada real das Sciencias; descobrio-se o verdadeiro methodo de estudar e de indagar a verdade: e as Academias e Sociedades Litterarias forão, e são ainda hoje, as praças fortes e muradas, onde se crião e adestrão nas Sciencias e nas Artes valorosos espiritos, que as vão estendendo e propagando; e tem produzido abundantes fructos, com que acodem em tempo ás necessidades dos Estados e das Nações. Se ainda porém ha muitos espaços ermos e desertos no vasto territorio das Sciencias, não desanimemos com isso: basta considerar que as primeiras faiscas da luz, que hoje chameja, apenas remontão a trinta seculos, nos quaes houve porém repetidos e longos intervallos de barbarie e escuridão. Devemos animar-nos com a reflexão consoladora, que ha dois seculos seus progressos tem sido muito maiores que em todos os passados; e que os cincoenta annos, em que vivemos, apezar das desordens da Europa, igualão, se não excedem em tudo, a estes ultimos dois seculos.

Antes de levantar mão da tea, deveriamos dar huma vista de olhos pelo nosso Portugal; mas falta o tempo, e não convem apurar em demasia a vossa paciencia: com tudo julgo não vos será desagradavel hum pequeno bosquejo da nossa Historia Litteraria desde os primeiros tempos da Monarchia Portugueza até hoje, em que vou a entrar.

As-

Assoladas á porfia nossas terras por Alanos, Suevos, Vandalos, e Godos; só começámos a respirar de algum modo, quando os ultimos se arreigárão nas Hespanhas, e formárão huma nova Monarchia. Já então apparece na Lusitania hum Paulo Orosio, Historiador e Theologo; e póde ser que alguns outros, cujos nomes e escriptos consumio o tempo, como faz a tudo. Desgraçadamente tão bons começos desapparecêrão outra vez com a invasão dos Sarracenos. Mais de trezentos annos durou tão pezada escravidão; e tudo foi então barbarie e atrocidade. Mas graças ao Ceo, com a fundação da Monarchia Portugueza no Seculo XII. começárão a brotar entre nós novos desejos de acudir pelas Artes e Sciencias, que andavão esvoaçadas e foragidas. Livre Portugal das garras de Castella e de Leão pelo valor e brio do I.° Affonso, e seus proximos Successores, a nossa lingua, que até então era huma algaravia gallega, torna-se hum idioma nacional, e com ajuda do Latim, donde nascêra, e do Francez que trouxera o Conde D. Henrique e outros Cavalleiros que se lhe seguírão, (*a*) vai pouco e pouco adquirindo todas as bellas qualidades que a honrárão nos Reinados dos Senhores Reis D. Manoel, D. João III., e D. Sebastião.

(*a*) Nos começos da nossa Monarchia havia na Peninsula tres dialectos principaes, todos filhos de huma mesma mãi, o Portuguez ramo do Gallego, o Castelhano, e o Catalão. A principio foi mais cultivado o Catalão, depois o Castelhano, que o eclipsou, e por fim se foi polindo e aperfeiçoando o Portuguez á custa de ambos elles. Todos nascêrão do Latim corrompido pelos barbaros do Norte, e recebêrão do Arabigo certo perfume e grandeza oriental, que lhes deixárão por herança os filhos do Deserto. O Conde D. Henrique, e os Cavalleiros Francezes, que successivamente vierão estabelecer-se em Portugal, alterárão e adoçárão a pronuncia, expellindo as guturaes e aspirações, que as linguas Gotica e Arabiga tinhão introduzido nos idiomas da Hespanha; e do som medio entre o *on* Francez, e o Castelhano formamos nós o nazal *aõ*, que he proprio e privativo á nossa lingua entre todas as da Europa. Para se mostrar em fim quão vulgar era o uso da lingua Franceza na Corte do Senhor D. João I. e seus Filhos, basta ver as Divisas de cada hum delles, que se achão no Convento da Batalha: são todas em Francez. A do Senhor Rei D. João he: *Il me plait pour bien*; a de D. Pedro: *Desir*; a de D. Henrique: *Talent de bien faire*; a de D. João: *J'ai bien raison*; e a de D. Fernando: *Le bien me plait.*

Affonso III., Principe politico, mas inteiro e severo, depois de assentado no Throno de seu desgraçado Irmão (cuja bondade natural e frouxidão de huma parte, e da outra a cobiça e preversidade dos privados, e a revolta dos tempos, não deixárão ser bom Rei, quem era bonissimo Varão, como diz o nosso Sousa) deixa por herança a seu Filho, o Grande Diniz, novas idéas politicas; e lhe transfunde o amor das Letras, que trouxera de fóra. Em 1288 cria Diniz em Lisboa huma Universidade, e chama para ella Sabios Estrangeiros, e lhe dá Estatutos em 1309 por onde se regesse: Universidade, que depois de emigrações successivas, como sabeis, firmou-se por fim em Coimbra, reinando o Senhor D. João III. seu Restaurador. Diniz povoa e cultiva nossos campos, cava nossas minas; e com os novos thesouros, que criára, faz florescer Portugal nas Artes e Sciencias que então havia: pule e enriquece a lingua compondo Versos e Trovas, que emparelhão, senão excedem, as dos Poetas Provençaes, segundo he fama. Se a Universidade que fundou, se os estudos que tanto patrocinára, fossem mais cuidados e favorecidos pelos seus Successores; de certo veria o Mundo erguer-se, como por milagre, neste canto da Europa d'entre o estrepito das armas huma Nação poderosa e culta, que desde então assombraria o Mundo com a sua civilização, como depois o fizera com o brado de suas Conquistas e Colonias. No Governo do I.° João começárão a brilhar dias mais claros e serenos; bem que as Conquistas de Africa não deixavão á Nação e ao Soberano todo aquelle descanço, de que precisavão as Sciencias e as Artes. Se o immortal Infante D. Henrique tivera podido firmar e organizar melhor a Corporação de Sabios, dados exclusivamente á Astronomia e á Nautica, que formára em Sagres; se o Reinado pacifico e philosophico do Senhor Rei D. Duarte não tivera sido tão abbreviado, ¡ que progressos não terião feito os Portuguezes em toda a especie de saber humano! Com o Governo energico do Senhor D. João II., apezar de revol-

voltas e desassocegos internos, começa a polir-se cada vez mais a linguagem Portugueza; e o estudo das boas Artes vai cobrando novo alento e ufania. A Casa heroica de Aviz foi o berço da nossa gloria maritima e colonial: a seus Principes devêrão as Letras obras, premios e estimulos (*a*).

Seguem-se a tão bons começos os dias serenos do venturoso Manoel; em que as sementes das Sciencias e bom gosto, lançadas em terra já lavrada, brotão e crescem depois com maior força, frequentando os nossos Sabios as Universidades da Italia, da França e Castella, onde alcançárão perfeição e renome. A trasladação da Universidade, que removêra com os grandes Letrados, que o Senhor D. João III. chamou de quasi toda a Europa culta, abre mais vasto estadio ás Letras e ás Sciencias. E a pezar da desgraça lamentavel, e singular nos fastos da Historia, de que o mesmo Soberano, que tanto amparára e fomentára as Letras, fosse logo depois, por illudido e mal aconselhado, quem de algum modo as acanhasse; todavia tinhão ellas deitado já tão profundas raizes entre nós, que ouso affirmar, nenhuma Nação do Mundo em tão estreitos limites enriquecêra tanto as Letras, nem as honrára mais, que a nossa. Não cessárão de produzir os Engenhos Portuguezes obras-primas, ainda em tempo em que a Nação hia já desfallecendo sobremaneira com os golpes, recebidos diariamente, dentro da Patria, e fóra della nos campos infaustos d'Africa, que para nós fôra sempre fonte perenne de gloria e de ruina.

Mas com o longo captiveiro da Patria fugírão de novo espavoridas as Artes e as Sciencias. Foi o miseravel Portugal hum prazo de tres vidas, que os Filippes desfrutárão arruinando-o, e minguando-o: porém graças ao valor e brio Lusitano, vagou este prazo de novo para o seu legitimo

(*a*) O Senhor Rei D. Duarte, e os Infantes D. Pedro, e D. Henrique não só cultivárão as Letras, e amparárão os Sabios, mas forão tambem bons Escriptores. A D. Affonso V. devemos o primeiro Codigo de Leis, e huma grande Livraria que ajuntou no seu Real Paço. Dom João II. correspondia-se com os Sabios da Italia, a quem dava pensões.

Senhorio, que muito teve que fazer para o ir outra vez cultivando e melhorando; pois achou o Reino sem gente, sem dinheiro, sem agricultura, sem commercio, sem marinha, sem exercito, sem artilharia, e sem petrechos para a guerra sagrada da nossa liberdade e independencia (*a*). No Reinado grandioso do Senhor D. João V. começárão a luzir de novo em Portugal as Artes e as Sciencias, que só ganhárão pés, e se firmárão de todo no solo Lusitano pela queda dos Jesuitas, e pela reformação dos Estudos que devia produzir aquelle acontecimento, no felicissimo Reinado do Senhor D. José I., de quem podemos dizer propriamente: *Veteres revocavit artes.* Começárão então a sentir os Doutos d'entre nós a necessidade de reunir suas forças em Corporações Litterarias, que a principio não podião deixar de ser fracas, e mal constituidas: todavia a Academia Real da Historia, ainda que ephémera em duração, foi digna do nosso agradecimento pelos trabalhos corajosos de seus Socios em explorar e cavar as ricas minas da nossa Historia, que até então estavão em grandissima parte escondidas e desaproveitadas: mas ficou reservado aos dias gloriosos de MARIA I. ver nascer e firmar-se com o seu favor e protecção huma Academia Real de Sciencias; idéa que concebêra e realizára o Duque de Lafões nosso egregio Fundador e Presidente, em cujas veias circulava o Real Sangue de Bragança: ficou reservado ao nosso Augusto PRINCIPE REGENTE o consolidar a obra de sua Augusta Mãi.

Tendes visto quanto concorrêrão para o explendor das Sciencias, e para a felicidade das Nações as Academias e Sociedades Litterarias. Ha seis lustros que a nossa não tem deixado de marchar vigorosa na sua nobre carreira, como o

(*a*) Na Praça maior de Sevilha achárão-se novecentas peças de artilheria com as Armas de Portugal. No curto espaço de 60 annos tirou a Hespanha deste pequeno Reino, em tributos e pedidos, para cima de 200 milhões de cruzados.

o mostrão as diversas collecções de suas Memorias, e os Escriptos publicados. Os trabalhos deste anno não forão menores, nem menos importantes. Mas para não cançar a vossa attenção com a miuda historia de suas transacções, só esboçarei aqui em grosso alguns de seus trabalhos, que hão de merecer a vossa approvação; pois delles vereis os fructos, que não cessa de colher no vasto campo do seu Instituto.

Pelo Governo destes Reinos foi encarregada a nossa Academia de dar o seu voto sobre varias materias de serviço público, que procurou desempenhar com o seu costumado zelo e patriotismo. Tivemos a consolação de que o *Plano dos Pesos e Medidas*, proposto pela maioridade da Commissão Academica, de que já vos dei noticia neste lugar, fosse approvado por S. A. R. Dignando-se não só ordenar, que se puzesse quanto antes em execução, mas estendendo os beneficios de tão util reforma ao Estado do Brasil, e a todos os seus vastos Dominios. Os trabalhos da nova Commissão nomeada pelo Governo, para a realização de tão beneficas providencias tem já, segundo me consta, adiantado muito o seu trabalho. Em breve tempo gozará Portugal do incomparavel beneficio de ter hum systema de Pesos e Medidas, fundado em base natural e firme; e cujas divisões uniformes e faceis se derivem de hum só principio fundamental. Se attentarmos ao numero prodigioso de medidas desvairadas, que entre nós ha; se reflectirmos na sua divisão arbitraria e incómmoda para o calculo; e nas muitas e diarias difficuldades de as comparar e reduzir a hum só Padrão, ¿ quem duvidará, que S. A. R. nos dêo a maior prova do seu amor e sabedoria? ¡ Que de embaraços, que de fraudes não resultavão da incerteza e multiplicidade dos nossos Pesos e Medidas, tanto para o trafico da vida commum, como para as transacções mercantís!

Cumpre tambem lembrar aqui, Senhores, que a Academia sempre desvellada em facilitar á Mocidade os meios de

de instrucção; sempre zelosa de conservar viva a nossa antiga gloria: determinou que se reimprimissem em collecção seguida as Obras, e Opusculos raros, que tratão de nossas Navegações e Conquistas; acceitando a offerta generosa, que lhe fizera de desempenhar esse trabalho o Sñr. *Joaquim José da Costa de Macedo*, que já dêo principio á empreza.

Animada do mesmo zelo, incumbio-se a Commissão de Lingua Portugueza, de reimprimir o Cancioneiro de Rezende; mas compilando-o em melhor ordem, e inserindo nos lugares competentes as Poesias de outro mais antigo, que existe manuscrito na Livraria do Real Collegio dos Nobres. Obteve para isso a Academia, do Governo destes Reinos, sempre amigo das Letras, e da gloria da Patria, hum Aviso para que se pozesse á disposição da Commissão este precioso manuscrito. Destes nossos Cancioneiros, e dos Romanceiros de Hespanha se vê, que nenhum Povo na Europa cultivou tanto, e tão cedo, como o das Hespanhas, esta nova Poesia de Trovas e Romances.

A Commissão de Historia e Antiguidades vai desempenhando com todo o esmero a confiança bem fundada, que nella pozera a Academia. A impressão da Chronica do Senhor Rei D. Pedro I. está acabada; e a do Senhor D. Fernando muito adiantada. Tem ella cuidado igualmente em colligir varios documentos do nosso antigo Direito Consuetudinario, por onde se governavão muitas terras e Comarcas deste Reino. Este ramo, não obstante servir para illustrar a nossa Historia e Jurisprudencia, estava ainda muito atrazado entre nós. Igualmente nos faltava huma collecção completa das antigas Cartas e Diplomas, que são a fonte da Historia, e por cuja falta muitas de nossas Chronicas são tão myrrhadas e incompletas. Chegou em fim o tempo em que a Academia ha de realizar seus antigos desejos, e aproveitar o thesouro de Documentos manuscritos, que

que por vezes tinha mandado recolher dos Archivos e Cartorios do Reino. Com effeito, Senhores, cumpria emular os Estrangeiros nesta parte. A Italia e Allemanha são riquissimas de taes collecções; e a França, apezar da sua furiosa revolução, não se esqueceo de continuar a publicação das que tinha começado: assim a collecção dos Historiadores antigos de França por D. Bouquet Benedictino, que no principio da revolução chegava a 13 volumes, já hoje conta 3 ou 4 mais. A das Ordenanças dos Reis de França da terceira raça por Mr. de Brequigny, que já estava no anno de 1461, continúa igualmente. Tambem a collecção das Cartas, e Diplomas para a Historia de França, que principiárão a publicar os Senhores de Brequigny, e Du Theil, he hoje continuada pelo ultimo. Os Inglezes cuidão igualmente em reimprimir e publicar de novo as antigas Chronicas e Diplomas, que podem illustrar a sua Historia. Sahírão já traduzidas as de João Froissart, de Joinville, e de Enguerrand de Monstrelet. O Sñr. Roberto Lindsay publicou ha pouco as Chronicas de Escocia, a que ajuntou muitos Documentos ineditos.

Era justo por tanto que mostrassemos tambem igual amor á nossa Historia. Já temos muito augmentada a collecção dos Documentos extrahidos do Real Archivo, e dos Cartorios do Reino: e nestes dois ultimos annos tem a Commissão recolhido mais de duzentos, sómente até os fins do Seculo XII.; muitos dos quaes são assaz interessantes, por serem exemplares mais correctos dos que andavão impressos com muitas falhas e defeitos. Hum delles he rarissimo, por ser hum Testamento da Era de 811, mais antigo por tanto, que nenhum outro até agora entre nós conhecido.

Grande louvor por certo merecerá a Academia, subministrando aos Doutos tantos e tão novos soccorros e materiaes a bem da Historia Portugueza, que ainda precisa muito de noticias exactas e importantes. Com estas poderemos ter hum dia quem com Critica apurada, arte, e bom gosto

to nos dê hum corpo de Historia pragmatica e philosophica; que, he preciso confessar, ainda nos falta. Cumpre esperar que virá tempo, em que tenhamos os nossos Gibbons, e os nossos Humes.

Mas talvez que algum desses homens azedos, desses Philosophos causticos, ouse dizer que entre todos os conhecimentos humanos he a Historia o de menor valia; porque só nos ensina o que todos sabem; isto he, que os homens sempre forão, e hão de ser, mais ou menos imbecís, ou viciosos, mais ou menos enganados, ou enganadores. Embora seja assim; e concedamos-lhes de barato tamanhos paradoxos: ¿quem porém não quererá saber as causas por que o tem sido? Mas convem saber tambem o que os homens tem feito neste mundo de util e de bom, pois he innegavel que o tem feito: convem saber os progressos do espirito humano; as vicissitudes por onde passárão as Sciencias e as Artes que nos felicitão, ou deleitão; e a sorte das Nações e dos Estados. Cumpre ver o crime detestado, e ás vezes punido; a virtude estimada, e ás vezes premiada: cumpre em fim ver os homens sem mascara, e sem hypocrisia, comparecerem em proprio vulto, com as faltas e fraquezas que cobria a sagacidade da ambição, perante o tribunal terrivel da Verdade. O homem de Letras, que munido de todos os subsidios, e alumiado pela critica, emprehender colher palmas nesta carreira, ha de saber julgar, e avaliar os homens, taes quaes forão; ha de mappejar, para dizer assim, seus vicios e virtudes, e entregar o quadro ao tribunal da Razão, para que o possa esta julgar sem odio e sem lisonja.

Se nossos Historiadores antigos não escrevêrão com toda a critica e gosto, que já começavão a raiar em Machiavelo, e Guicuardini; podemos com tudo blasonar, que depois do renascimento das Letras, fomos os primeiros, que apresentámos ao Mundo hum corpo de Historia volumoso, e rico de noticias, que póde talvez correr parelhas com o de Tito Livio: taes são as *Decadas* do nosso immor-

mortal Barros, cujo estilo he mais natural e castiço que o de Livio. He lastima, Senhores, que ao nosso Fr. Luiz de Sousa, cuja *Historia de S. Domingos* he com mui poucas excepções hum thesouro de excellencias de estilo, e de linguagem, pela pompa da expressão, elegancia da frase, e energia dos pensamentos; he lastima, digo, que lhe coubesse em sorte hum assumpto acanhado, e pouco proprio da Musa da Historia. Todavia he tal a belleza do seu estilo, e a pureza da sua dicção, que todos os defeitos do assumpto, e as faltas repètidas de Critica apurada, desapparecem aos olhos do Leitor.

Não foi só em promover as Sciencias e a Litteratura, que cuidou neste anno a Academia; quiz tambem dar mais huma prova de virtude, e sensibilidade, desejando conservar sempre vivas as feições e imagem de seu egregio Fundador: lembrámo-nos, para mitigar nossas saudades, fazer, por meio de huma Subscripção voluntaria, o Busto em marmore do Duque de Lafões, para ficar collocado na salla das nossas Sessões. Foi encarregado de satisfazer a tão bellos desejos o Sñr. Joaquim Machado de Castro, *Artista* mui distincto e benemerito, a quem devemos a idéa e o modello do grandioso monumento da Estatua Equestre, que o amor dos Povos consagrára ao immortal Rei o Senhor D. José I.

Quaes fossem neste anno os beneficios feitos á Patria e á Humanidade pela Instituição Vaccinica da Academia, deixo a melhor penna. Vereis que a Vaccina, esse atomo milagroso de hum puz estranho á nossa especie, esse achado maravilhoso do immortal Jenner, vai ganhando pés entre nós cada vez mais.

Parece que a guardára a Providencia à nossos dias para compensar de algum modo os males, que a Humanidade tem soffrido com a guerra devastadora que ainda assola a Europa. ¡ Quem sonharia, Senhores, que huma gota de materia infecta havia de combater peito a peito com a mor-

te! ¡E havia estreitar-lhe e diminuir-lhe o imperio! Se a Academia, apezar de seus poucos meios, não tem cessado ha quatro annos de propagar pelo Reino o beneficio incomparavel da Vaccinação: ¿que scena consoladora se não abre agora ante seus olhos, quando o Governo destes Reinos, a quem devem tanto os Portuguezes, acaba de subministrar-nos os soccorros pecuniarios, que nos faltavão?

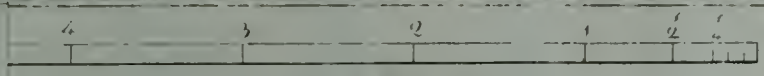
CUmpre agora, Senhores, dar-vos tambem alguma noticia das Memorias apresentadas, e lidas neste anno. Começando pelas da Classe das Sciencias Naturaes, lêo o Vice-Secretario o Sñr. *Sebastião Francisco Mendo Trigozo* a conta das suas *Experiencias sobre a comparação dos Pesos e Medidas de Villa Verde e Torres Vedras*, de que tinha sido encarregado pelo Governo; e para cujo desempenho a Academia lhe havia subministrado todos os Instrumentos necessarios.

O Sñr. *Visconde de Balsemão* lêo a segunda parte da sua *Descripção Economica da Provincia do Minho*; com que dêo novos subsidios á Estatistica Nacional.

No ramo Mineralogico lêo o *Secretario* huma *Memoria sobre a Minerographia da Serra que decorre do monte de Santa Justa, no termo de Vallongo, e Provincia do Minho, até Santa Comba*: districto este muito rico em mineraes de antimonio, cobalto, zinco, ferro, prata, e provavelmente de ouro; onde em tempos antigos tiverão os Romanos huma vastissima e longa mineração.

Lêo o mesmo *Secretario* outra *Memoria Historica e Minerographica sobre a nova Mina de ouro, que fica no meio da enseada que vai da ponta da Trafaria até o Cabo de Espichel.*

Lêo finalmente hum Opusculo intitulado: *Instrucções praticas e economicas para os Mestres, e Feitores das minas de ou-*



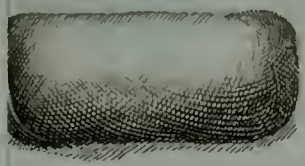
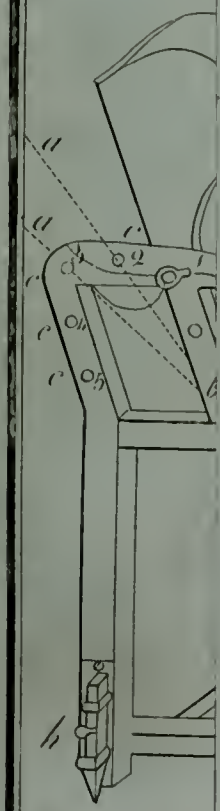


Fig. 6.



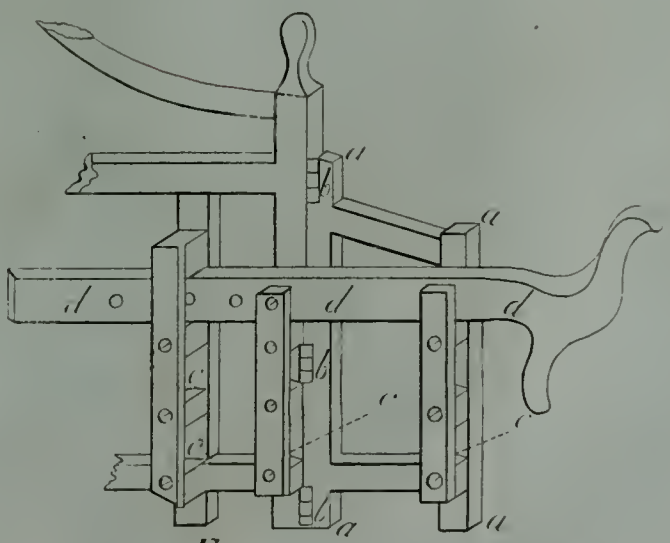
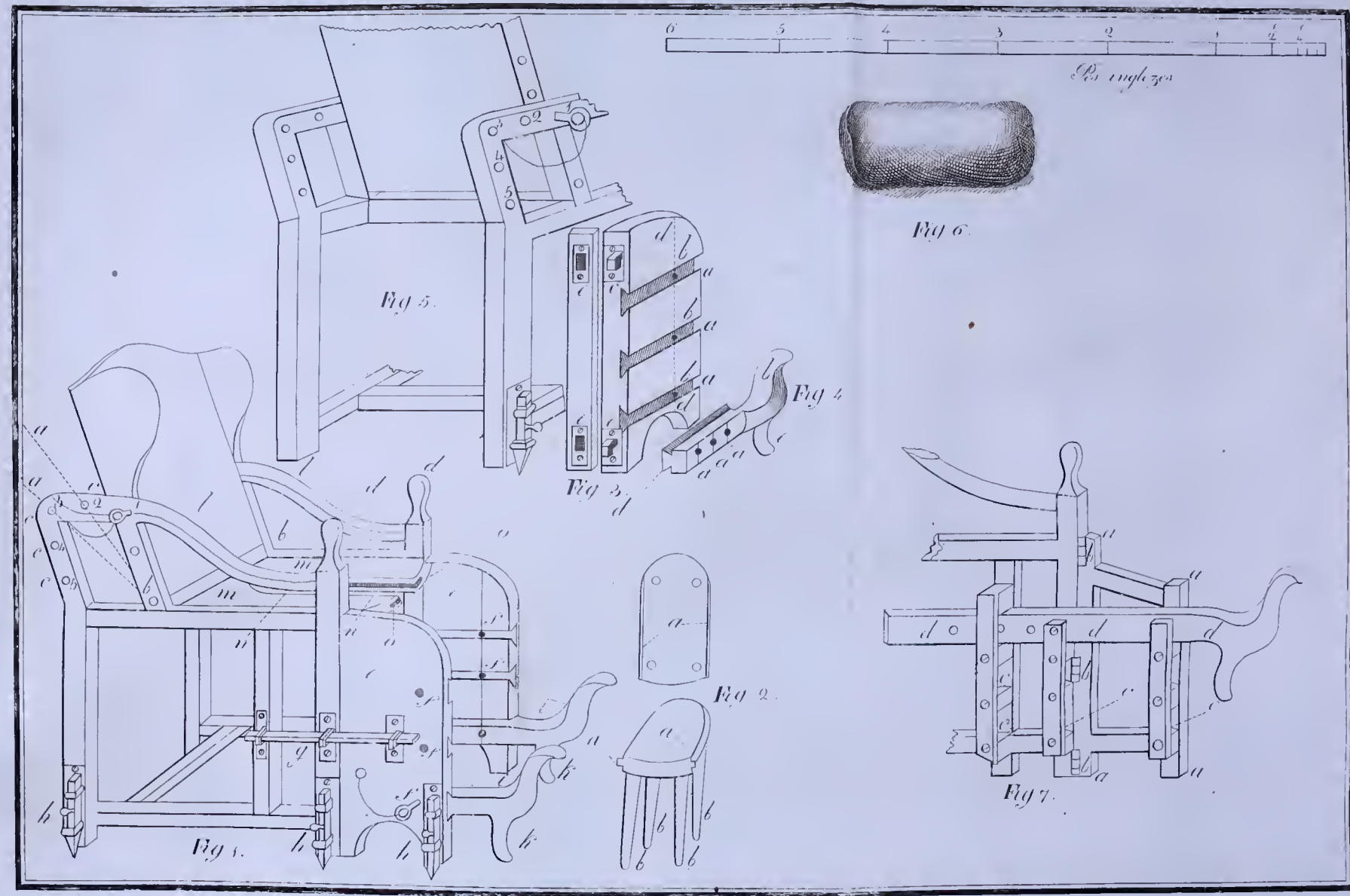


Fig. 7.


Pés anglezes
Fig 1.
Fig 2.
Fig 3.
Fig 4.
Fig 5.
Fig 6.
Fig 7.

ouro de desmonte *e* lavagem *no Brasil*, precedidas de algumas Reflexões Estatisticas e Minerographicas: obra imperfeita, mas que talvez pelas regras e methodos que ensina e descreve, possa ser de summa utilidade aos Mineiros do Brasil, poupando-lhes tempo, braços, e mil despezas inuteis, com que se perdem a si, e arruinão o Estado, sem saberem ao menos aproveitar todo o ouro que lavrão.

Em Technologia lêo o Sñr. *Antonio de Araujo Travassos* huma importante *Memoria sobre os Alambiques, e distillação das Agoas-ardentes*, descrevendo os seus apparelhos, que reunem as utilidades dos de Duarte Adão, e Isaac Berard. Tereis o gosto de a ouvir ler nesta Sessão.

Em Medicina enviou o Sñr. *José Francisco de Carvalho* huma *Memoria sobre a Elefantiase*, util pela materia, e pelas Observações que contém. O Sñr. *José Pinheiro de Freitas* lêo-nos outra, em fórma de Regimento, *sobre a Policia Medica*. Nella trata miudamente de todas as providenias, e meios mais acertados para conservar a Saude pública. O Sñr. Ignacio Xavier da Silva enviou-nos huma Memoria interessante *Sobre o uso do Café em pó para curar as Febres intermittentes*, com hum mappa circunstanciado dos Soldados curados por este methodo no Hospital Real da Marinha Esperamos delle a continuação das suas Observações, applicando o Café diversamente preparado á cura de outras Febres e achaques.

Em *Agricultura* tivemos huma *Memoria sobre os meios de a melhorar e estender em Portugal*, pelo Sñr. *José de Macedo Pereira Pinto*, em que mostra o seu patriotismo (*a*).

(*a*) A Agricultura póde olhar-se debaixo de tres pontos de vista, isto he, politica, mercantil, ou scientificamente. Politicamente considerada, muito tem influido nos seus progressos ou decadencia a Legislação particular das Nações, a abolição ou conservação do Feudalismo,

Passemos agora á Classe das Sciencias Exactas. Para completar as *Taboas Perpetuas Astronomicas*, que estavão ha tempos no prélo, dêo-nos o Sñr. *Mattheus Valente* a *Explicação necessaria para o seu uso.* O Sñr. *Francisco Villela Barbosa* enriquecco-nos com os seus novos *Elementos de Geometria para o uso das Aulas*, concordados com os de Mr. Bezout. Nesta obra procurou seu Auctor substituir a varios parallogismos de Bezout, demonstrações rigorosas, e elegantes; e dispoz de modo a materia, que convencendo o espirito dos Alumnos, os conduzisse igualmente, como pela mão, do mais facil e particular ao mais difficil e geral. Os theoremas que em primeiro lugar demonstra, são quasi sempre proposições geraes, das quaes se deduzem como corollarios varias outras particulares, que na mór parte dos Livros elementares são tratadas como novos theoremas. Em huma palavra, a ordem do seu Compendio he não só conforme, a meu ver, com as regras da analogia e do methodo na exposição e demonstração das proposições; mas tem igualmente a vantagem preciosa de simplificar a Sciencia, enriquecendo-a ao mesmo tempo de idéas novas. Elle melhor do que eu vos exporá o motivo do seu bello trabalho, e o methodo da sua Obra.

O Sñr. *Manoel Pedro de Mello* apresentou huma interessante *Memoria sobre as Binomiaes*, que mereceo a approvação da Classe, e a impressão entre as nossas Obras.

Na

as guerras, o commercio maritimo, os diversos systemas de impostos e sua arrecadação. Olhada pelo lado mercantil, devemos considerála ou sómente como occupação feudal e forçada, ou como a primeira e principal manufactura das Nações civilizadas. Para a encararmos scientificamente, devemos attender aos progressos successivos da sua theorica, ao modo com que se tem procurado corrigir e melhorar seus costumeiros e práticas antigas, com a introducção de novos instrumentos, de nova cultura, e novos methodos de Lavoura. Estes são os pontos de vista, que devem merecer a attenção dos nossos Escriptores em tão importante materia.

Na Classe de Litteratura e Historia, não foi este anno pobre de producções. Enviou-nos o Sñr. Fr. Francisco de Carvalho o principio de huma Obra, que espero virá a ser na sua continuação muito interessante, intitulada: *Ensaio para huma Historia da Litteratura Portugueza desde a sua mais remota origem até o presente tempo.* O Sñr. *Bispo d' Elvas* remetteo varios Additamentos e Notas para enriquecer a reimpressão do seu Ensaio Economico sobre o Brasil, obra bem conhecida e estimada pelos Doutos. O Sñr. *Sebastião Francisco Mendo Trigozo* lêo-nos huma interessante *Memoria sobre a Historia e Legislação dos nossos Pesos e Medidas desde o principio da Monarchia até o tempo dos Filippes, e sobre a introducção do Systema metrico-decimal.* O Sñr. *Joaquim de Santo Agostinho* presenteou-nos com o *Indice dos documentos impressos, relativos á nossa Historia*, em 14 massos, Obra de longo trabalho, e muita utilidade. O Sñr. *Antonio de Almeida*, Medico em Penafiel, enviou huma Memoria intitulada: *Annaes Vaccinicos de Portugal*, fructo do seu constante zelo pelas Sciencias, e para a gloria nacional. O Sñr. *Francisco Nunes Francklin* começou a communicar-nos os fructos de suas Indagações *diplomaticas*, com que promette enriquecer a nossa Historia: e nos enviou huma *Memoria* sua *sobre a vida e acções do oitavo Vice-Rei da India D. Francisco Coutinho.*

O Sñr. *Manoel José Maria da Costa e Sá* enviou-nos novos *Additamentos ao Indice Chronologico remissivo da Legislação Portugueza* do Sñr. João Pedro Ribeiro, com que muito illustra a Historia da nossa Jurisprudencia.

No mesmo assumpto lêo o Sñr. *Vicente Antonio Esteves de Carvalho* huma Memoria intitulada: *Ligeiro quadro das nossas Leis da Amortização*, rica de noticias e de reflexões de grande peso. A mesma materia da Amortização foi tambem dilucidada pelo Sñr. *Francisco Manoel Trigozo* Vice-Secretario da Academia, em huma Memoria, em que procura provar com so-

solidos fundamentos, *que até o Reinado do Senhor D. Diniz não havia em Portugal Lei alguma geral sobre Amortizações.* Apresentou huma copia exacta dos *Usos e costumes antigos do Conselho de S. Martinho de Mouro*, que acompanhou de huma Introducção. Lêo o mesmo Socio o *Elogio historico do Sñr. Muller*, Obra em que brilhão linguagem, estilo e pensamentos. Vós tereis o gosto de o ouvir nestaSessão.

O Sñr. *Fr. Bento de Santa Gertrudes* enviou a copia de varios Documentos antigos, que existem nos Cartorios de Tibães e Rendufe.

O Sñr. *Fr. Francisco de S. Luiz* dêo a ultima demão ao seu *Glossario de Gallicismos* &c., que brevemente sahirá impresso: Obra por certo de muito estudo e Critica. Lêo-se huma Memoria do Sñr. *Francisco Ribeiro Dosguimarães*, *Sobre hum Documento inedito do principio do Seculo XII.*; pelo qual se prova a ida á Terra Santa, que alguns duvidavão, do Sñr. Conde D. Henrique. Vós a ouvireis nesta Sessão.

Finalmente o Sñr. *Sebastião Mendo Trigozo* lêo a *Traducção em verso do I.º Livro das Georgicas de Virgilio*, que pertende completar. Dêo-nos com isto mais huma prova do seu engenho, e do vivo desejo de enriquecer a nossa Litteratura, assaz pobre neste genero. Ainda que muitas das Traducções modernas, principalmente de Poetas e Oradores, em que tanto se esmerão presentemente Francezes, Inglezes, e Allemães, tenhão erros e falhas, que desacreditão de algum modo, e tirão o merecimento á Antiguidade: todavia sem ellas os idiomas vulgares não se rerião polido e enriquecido; e o conhecimento dos bons modellos da Antiguidade, desse viveiro de *germes* preciosos, que a Philosophia deve fecundar e aproveitar, serião ainda hoje patrimonio exclusivo dos poucos Doutos, que se dão ao estudo serio das Linguas Grega e Latina.

Vic-

Vierão por fim a concurso neste anno duas Memorias; huma sobre a *Grammatica Philosophica da lingua Portugueza*, e outra sobre o assumpto: *Qual seja a fórma dos carros mais proprios aos terrenos desiguaes e montanhosos, com o methodo simples de avaliar o esforço do motor em qualquer posição dos mesmos carros.* Ambas mostrão estudo e applicação em seus Authores: mas não satisfizerão ás condições do Programma; e por isso não forão premiadas. Creio que se ambos os Authores entrassem bem no espirito do assumpto, e nas difficuldades que tinhão de vencer; se nelle puzessem todas as suas forças, e meditação; colherião talvez as palmas, que a Academia só deve dar aos que chegão á meta da carreira Olympica. Ha Engenhos entre nós, que por certa facilidade perigosa, que possuem, de fazer de hum golpe o que aos Mestres custa muito, cuidando exceder aos outros, ficão inferiores a si mesmos.

Estes forão, Senhores, os Escritos lidos em nossa Academia neste anno. Alguns de seus Socios, e outros Litteratos não se esquecêrão de enriquecer nossa Livraria com dadivas de seu engenho, ou de seu zelo e amor pelas Sciencias.

Em primeiro lugar mencionaremos a Copia, que de Ordem de SUA ALTEZA REAL, com intervenção do Ex.mo Snr. Marquez de Aguiar nosso Consocio, se nos enviou do Rio de Janeiro do Manuscrito precioso de Francisco d'Hollanda, intitulado: *Da Fabrica que fallece à Cidade de Lisboa.* Fôra incumbido por parte da Academia o Snr. Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, Ajudante das Reaes Bibliothecas do Paço, de supplicar a S. A. R. esta mercê, que nos concedeo seu benigno e generoso coração. Pertencem a esta Obra, que já temos copiada com todo o mimo pelo Snr. Marrocos, muitos desenhos, que devem ser enviados logo que estejão acabados; e certo he de esperar que sejão tirados com todo o bom gosto e fidelidade.

O

O Sñr. Vicente Antonio Esteves de Carvalho enviou-nos huma *Memoria* impressa *sobre a origem e progressos da Emphiteuse*: e a Senhora Dona Maria Luiza de Valleré as Memorias da vida de seu illustre Pai, nosso digno Socio, escritas em Portuguez e Francez, e impressas em París: Obra esta, que não só faz honra ao coração desta illustre Senhora, mas tambem á sua douta penna. O Sñr. José Pinheiro de Freitas presenteou-nos com hum exemplar da sua *Memoria Chimico-Medica dcerca do estado em que se acha o Mercurio nos unguentos e outras preparações pharmaceuticas.* Monsenhor Ferreira offereceo hum manuscripto intitulado *Lusiades Leoninæ Libri duodecim*, composto pelo Jesuita Ignacio Archamone, Napolitano. O Sñr. Visconde de Balsemão enriqueceo nossa Livraria com hum exemplar da bella *Descripção do Convento da Batalha*, de *Mr. Murphy*; e emprestou-nos para se copiarem dous Manuscriptos, hum muito antigo, em que se descreve o termo de Lamego, e hum Diario sobre a Acclamação do Senhor Rei D. João IV. O Sñr. Commendador Franzini remetteo hum exemplar das suas *Instrucções Estatisticas.* O Sñr. José Accursio das Neves remetteo-nos o I.° Tomo da sua Obra *Variedades relativas ás Artes*, *Commercio*, *e Manufacturas*, que espero hajão de ser muito uteis á Nação. O Sñr. João Croft presenteou-nos com hum exemplar em Inglez e Portuguez da Conta publica dada pela Commissão encarregada de dirigir a *Distribuição do Donativo Britannico*, *votado no Parlamento*, *para o soccorro das terras invadidas em Portugal*; em cuja distribuição dêo este nosso Consocio grandes provas da sua humanidade e desinteresse.

Tambem de Paizes estranhos mereceo nossa Academia signaes de apreço e estimação. O Sñr. *Jacob Graoberg de Hemsio* dirigio á nossa Academia, como tributo, diz elle, do seu profundo respeito e altissima admiração, as Obras seguintes, que escrevêra em Italiano: *Annaes de Geographia*

e de Estatistica em 2 vol. de 8.°: *Carta ao R.do P.e D. Bernardo Laviosa sobre os prazeres dos campos de Albano*: *Ensaio sobre os Skaldos ou antigos Poetas Scandinavios*: *Lições elementares de Cosmographia e Geographia estatistica*: *Vocabulario historico-geográphico dos nomes antigos que se encontrão nos dois Opusculos de Tacito*; *Costumes dos Germanos*, e *Vida de Agricola*. A Academia agradecida o recebeo no numero de seus Socios Estrangeiros, e o presenteou com algumas Obras suas.

O Sñr. *D. Francisco Xavier Cabanes*, nosso Correspondente, remetteo-nos de Hespanha a sua *Traducção da Campanha de Portugal* de 1810, e 1811, que enriqueceo de *Notas* e *Additamentos*.

A mesma honra recebemos da Sociedade Geologica de Londres, de quem tenho a honra de ser Membro Ordinario: remetteo-nos seu Secretario o Sñr. Henrique Warbuton o 2.° volume das suas Transacções. A Academia tem determinado agradecer este mimo, remettendo áquella tão distincta Sociedade hum exemplar das nossas Memorias Economicas, e outro das Physicas e Mathematicas.

Não deverei deixar tambem de referir-vos, que o Conselho da Sociedade Real de Londres acaba de dar á nossa Academia huma prova da sua sincera estimação; prometendo-nos renovar a correspondencia antiga, que havia entre ambas, como mui cortezmente o participou o Illustre Bancks, em carta escrita ao nosso Consocio o Sñr. João Croft, para que o fizesse prezente á Academia.

O nosso Museo foi este anno enriquecido de varias producções do Brasil; e de muitos mineraes de Portugal, de ferro, chumbo, antimonio, ouro, &c. acompanhados alguns com amostras em grande de seus metaes já fundidos e apurados: a cuja vista se aviváraõ mais e mais nossos desejos patrioticos de ver aproveitadas hum dia, como cremos, as immensas riquezas subterraneas, que ainda encerrão nossos montes, não obstante a vastissima mineração, que em

Portugal tiverão Carthaginezes, Romanos, e Arabes: riquezas que tinhão sabido aproveitar os grandes Reis, que fundárão nossa Monarchia; entre os quaes merece especial menção o immortal D. Diniz, que com a lavra e apuração de novas minas, encheo seus cofres de ouro, e dêo novo impulso á nossa industria, povoação, e Agricultura.

Se até aqui hei referido, Senhores, cousas que alegrão e consolão; ¡porque serei obrigado a memorar agora as perdas, que soffremos! Sim, roubou-nos a morte neste anno não poucos Socios; muitos delles conhecidos por Escriptos de notorio merecimento, todos pelos grandissimos serviços feitos á Patria e á Humanidade. Taes forão os Sñrs. João Guilherme Christiano Müller, Jeronymo Allen, Carlos Antonio Napion, Alexandre Rodrigues Ferreira, José Pinto da Silva, e Luiz de Sequeira Oliva. Senão fôra a estreiteza do tempo, cumpriria espalhar algumas flores sobre suas sepulturas; tecer-lhes hia o elogio, para cumprir com as obrigações de Collega, para expollos, se podesse tanto, á vossa veneração. Mas já que me não he permittido expressar agora tudo o que sentem nossos corações, possão ao menos seus *Manes* apreciar o meu silencio, mais eloquente, que todos os meus elogios.

Para encher os lugares vagos, para honrar o merecimento nomeou a Academia para seus Socios Veteranos
os Sñrs. Domingos Vandelli,
Antonio Ribeiro dos Santos,
Agostinho José da Costa de Macedo:
E para Socio Estrangeiro
o Sñr. Jacob Graoberg de Hemsio.

Passárão para Socios Effectivos:
Na Classe das Sciencias Naturaes o Sñr. Bernardino Antonio Gomes;

Na

Na de Sciencias Exactas o Sñr. Anastasio Joaquim Rodrigues :
E na de Litteratura e Hiſtoria
os Sñrs. Francisco Manoel Trigoso,
Joaquim José da Costa de Macedo
Visconde da Lapa.

Passárão para Socios livres
os Sñrs. Antonio de Araujo Travassos
Francisco Simões Margiochi
João Evangelista Torriani
José Pinheiro de Freitas Soares
Justiniano de Mello Franco
Marino Miguel Franzini.

Forão nomeados Correspondentes
os Sñrs. Fr. Bento de Santa Gertrudes
Felix José Marques
Francisco Nunes Franklin
João Antonio Monteiro
Fr. José de Almeida Drake
Manoel Pedro de Mello
Manoel José Maria da Costa e Sá.

Está acabado o meu Discurso, Senhores. Se sahio secco e desalinhado; ao menos creio, que vos convencerá de que a Academia não cessa de buscar com seus escritos e tarefas o bem das Sciencias e da Patria. Muito temos feito os Portuguezes; mas muito terreno nos resta ainda por abrir e cultivar nos campos das Sciencias e da Litteratura. A Philologia Grega, a Archeologia, a Numismatica, a Geographia antiga, as Linguas Orientaes devem merecer-nos novo amor e maior zelo. A arte de escrever com pureza de linguagem, com gosto e Philosophia, em que já tinhamos no seculo de 500 dado grandes passos, recuou hum pouco; e

precisa cobrar forças. Bem sei que esta arte bella, mas difficil, não tem regras fixas, nem demonstrações, por onde se governe; por ser huma especie de inspiração, e hum dom da natureza: mas sei tambem, que este favor celeste só merecem os que estudão e folheão bons modellos; os que ardem pela gloria do renome, que deve ser a nobre recompensa das tarefas Litterarias.

A Sciencia da Natureza, e suas vastas applicações á Agricultura, á Technologia, e á Economia, em cujo estudo tanto se esmerão as Nações cultas da Europa, inda estão pouco correntes entre nós. Eis-aqui pois aberta huma nova estrada, larga e real, por onde devem caminhar os engenhos Portuguezes, que quizerem colher novos loiros debaixo das bandeiras de Minerva. A Academia lhes está dando o exemplo; e mais esta vez os convida, para que entrem em seu gremio, e a ajudem com forças reunidas.

O Homem de Letras, Senhores, que por singularidade, ou capricho pueril desdenha entrar em Sociedades Litterarias, antolha-se-me ser huma especie de Celibatario, despegado do Mundo: que não tendo para quem ajunte, ou a quem deva sustentar, não augmenta seus cabedaes; ou os despende sem regra nem medida, endividando-se muitas vezes, e perdendo o seu credito.

Se os Ciceros e Lucrecios, se os Sallustios, Virgilios, Horacios, e outros muitos Luminares da Litteratura Romana, por não fallar dos Gregos, tivessem sabido reunir-se em Sociedades, como as nossas; ¿ que vôos e progressos não terião feito as Sciencias e boas Artes com homens tão energicos, e cheios de talento? Suas Obras Litterarias terião chegado ás nossas mãos sem algumas falhas e defeitos, que justamente lhe notamos, a pezar de certa especie de idolatria com que as veneramos. Se na barbarie da Meia Idade, assim como houve a inspiração de criar Universidades, tivesse havido tambem a de formar Academias; esses poucos espiritos privilegiados, que apparecêrão então, quaes estrellas errantes em noite escura, de certo não terião sido victimas inuteis da ignorancia.

Eia

Eia pois, reunão-se os Doutos Portuguezes ás nossas bandeiras. ¿ Que mais nobre carreira podem desejar as almas generosas? ¿ Que procura a Academia? ¿em que sua de contínuo, senão em propagar as luzes, em promover o bem, e evitar os males que trazem apoz si a ignorancia e o egoismo?

Indagar a verdade, espalhalla pelas classes que não podem consagrar-se inteiramente ao culto das Sciencias, sustentar os altares da razão, alumiada pela Santa Religião que professamos, fazella a árbitra da opinião pública, e a conselheira dos Thronos, he o dever sagrado das Corporações Scientificas. Eis-aqui, Senhores, porque a nossa Academia, fiel á sua vocação, tem merecido, e ha de merecer, como espero, o patrocinio do nosso Bom e Augusto SOBERANO, e a estimação do Genero Humano.

CON-

CONTA ANNUAL

DA

INSTITUIÇÃO VACCINICA

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA,

PRONUNCIADA NA SESSÃO PUBLICA DE 1815

POR

BERNARDINO ANTONIO GOMES.

Preambulo em que se mostra a importância do assumpto.

§ 1. SEgunda vez tenho a honra de occupar este lugar, e he similhantemente para referir os progressos da Vaccinação em Portugal durante o anno proximo passado, o terceiro da Instituição Vaccinica.

§ 2. A' vista desta tarefa, reflectindo que, por não possuir os talentos dos Sabios, que se acabão de ouvir, não posso por meio dos atavios da eloquencia tornar igualmente aprasivel a minha narração, cumpria-me começalla, implorando a benevolencia deste respeitavel Auditorio. Advertindo porém que o que em mim falece, he sobejamente supprido pela importancia do assumpto, e pela qualidade dos que me escutão, julgo escusado sollicitar a indulgencia com que devo contar.

A vaccinação póde cõtribuir muito para a prosperidade de Portugal.

§ 3. Julgo que a insufficiencia do Relator he supprida pela importancia do assumpto, e pela qualidade dos que me escutão, porque vou fallar da Vaccinação em Portugal, e vejo que fallo perante huma Assembléa de Portuguezes, na qual persuado-me que não ha algum, que não seja digno deste nome. ¿E qual he o Portuguez, digno do nome, que

não

não deseje a prosperidade do seu Paiz? ¿E quem a deseja assás, que não anhele saber, e não ouça por conseguinte com tanta avidez pelo assumpto, como indulgencia para com o Relator, quanto temos avançado por hum dos caminhos, que conduzem mais directamente para a prosperidade da Nação?

Por augmétar a população de que provém a industria, e a força.

§ 4. Sim, não duvido dizer, porque he facil mostrar, que a Vaccinação he hum dos meios, que mais podem contribuir para a prosperidade de Portugal. Por quanto em hum Paiz deserto não póde haver prosperidade. « Os homens, » diz o Author do *Espirito das Leis* (*a*), nos seus deser- » tos nem tem animo, nem industria. » Ora onde não ha industria, não podem florescer as Artes, o Commercio, e a Agricultura; não póde por conseguinte haver riqueza; e onde não ha riqueza e falece o animo, he mui precaria a independencia e honra Nacional. He pois essencialmente necessario para a prosperidade de hum paiz que elle não seja deserto, ou que seja sufficientemente povoado. Cumpre agora reflectir quão pouco o he Portugal, e quanto mais póde e carece sello.

Necessidade que ha de se augmentar a nossa população.

§ 5. Se exceptuarmos a Provincia do Minho, que se póde com razão chamar o viveiro da Nação Portugueza, em todas as outras Provincias, sem exceptuar presentemente a mesma Beira (que, outr'ora assás povoada, perdeo muitos dos seus habitantes na guerra, que ultimamente nos fizerão os Francezes) ha huma falta notavel de população. Vê-se claramente comparando Portugal com outra Nação, que lhe não he superior em fertilidade, e que tinha muitas razões bem notorias para se achar hum dos paizes menos povoados da Europa.

Por ser Portug. proporcionalmẽte menos povoado que a França.

§ 6. Portugal tendo actualmente, pelo menos, 2:929$\frac{1}{2}$ habitantes, como tinha em 1801, tem, segundo o nosso benemerito Consocio o Sñr. Marino Miguel Franzini, 930 habitantes por legoa quadrada (*b*); e tendo França, como ti-

(*a*) L. 23. Cap. 28.
(*b*) Instr. Stat. p. 31.

tinha na mesma época, 1ⓓ086$\frac{171}{2014}$ habitantes por legoa quadrada (*a*); he manifesto que Portugal he proporcionalmente menos povoado que França de 156$\frac{171}{2014}$ habitantes por legoa quadrada, e por conseguinte tem 491ⓓ667$\frac{763}{1017}$, ou perto de 500ⓓ habitantes menos do que podia ter. Cumpre porém não parar nestas reflexões, para vêr que muito além de 500ⓓ habitantes póde, e carece augmentar a população de Portugal.

Por ter por vizinha huma Potencia muito mais poderosa.

§ 7. Não me demoro na consideração de huma Potencia limitrofe, que tem muito mais do triplo da nossa povoação (*b*); que nos cerca na extensão de mais de 230 legoas; e que muitas vezes nos tem feito guerra, e póde novamente fazella. Esta succinta consideração, não obstante ter muitas vezes o valor supprido da nossa parte o numero dos combatentes, exige hum augmento de população muito além de 500ⓓ almas. Exige-o ainda mais outra consideração, que mostra ao mesmo tempo como elle se póde manter.

Por ter muitas Colonias tão extensas como despovoadas.

§ 8. A Nação Portugueza não se lemita no pequeno territorio, que occupa na Europa; as possessões, que tem em Ilhas e no Continente das outras tres partes do Mundo, excedem talvez mais de cem vezes as do Continente Europeo; a sua população porém nas possessões ultramarinas está pouco mais ou menos na razão inversa da extensão do paiz que occupa, particularmente no Brasil, onde o viajante, encontrando a cada passo tão emmaranhadas e crescidas florestas, que são impermeaveis não só aos homens, mas até aos raios do Sol, conhece não só a extrema bondade do solo, que as produz, mas a falta de habitantes, que as deixa crescer e emmaranhar. A escacez porém da povoação deste vasto, rico, e fertilissimo Paiz conhece-se melhor pela comparação de duas das suas Capitanias com duas das nossas Provincias.

§ 9.

(*a*) *Statist. Gen. et Part. de la France et des Colon.* t. 1. p. 120.

(*b*) A Hespanha em 1797, tinha, só no Continente da Europa, 10.175ⓓ531 habitantes. *Annuaire par le Bureau des Longitudes pour l'ann.* 1813 *p.* 155.

§ 9. A Capitania de Goyaz tem apenas 50ↀ365 habitantes (*a*), o que he pouco mais de metade da povoação do Algarve; e a Capitania de S. Paulo, que he talvez huma das mais povoadas, não tem mais de 200ↀ408 almas (*b*), que são pouco mais de $\frac{2}{5}$ da povoação do Alemtéjo, Provincia das menos povoadas de Portugal. Se reflectirmos além disto, que a Capitania de S. Paulo tem, com pouca differença (*c*), 640ↀ legoas quadradas, quando o Alemtéjo tem sómente 860; e que a Capitania de Goyaz tem 1.904ↀ400 legoas quadradas, quando o Algarve tem apenas 160: vê-se quão diminuta he a povoação daquellas duas Capitanias ou Provincias do Brasil, das quaes a primeira tem 1 habitante por quasi 38 legoas quadradas, e a segunda 1 por quasi cada $3\frac{1}{5}$ legoas quadradas.

Diminutissima população do Brasil.

§ 10. Esta excessiva falta de população he ainda mais attendivel, reflectindo-se que de 401ↀ469 habitantes, que fazem o total da povoação civilizada das Capitanias de São Paulo, Goyaz, Paraiba do Norte, Espirito Santo, e Ilha de S. Catharina, 97ↀ700, ou mais de $\frac{1}{4}$, são Escravos (*d*). Disto póde-se inferir com bastante probabilidade que na mesma proporção he o numero de Escravos de todo o Brasil. Ora esta sorte de habitantes, sendo menos prolifera por ser mais celibataria, he reparada da perda ordinaria das vidas, quasi só pelo Commercio, e importação da Escravatura Africana; e he tambem (por educação talvez, e por falta de liberdade) menos industriosa que a casta branca, e que os mistiços, os quaes mostrão (de caminho o direi) quanto o crusamento das raças as melhora, porque em geral os mulatos excedem, em talento e sagacidade, as duas raças de que provém. A parte porém, como vinha de dizer, da população Brasiliana, que se compõe de Escravos, sendo pou-

Mais diminuta ainda por ser mais de $\frac{1}{4}$ de Escravos, e estes importados.

(*a*) *Patriota* N. 3 p. 96.
(*b*) Ibid. p. 105.
(*c*) *Mappa d'Arrousby.*
(*d*) *Patriota.*

pouco prolifera, menos industriosa, e quasi toda de importação, não só não he equivalente a hum igual numero de habitantes brancos ou mestiços, mas ha de vir a ser nulla; como aconteceo em Portugal, porque he notorio que Sua Alteza quer abolir o Commercio da Escravatura (*a*), o qual permitte ainda nos seus vastos Dominios Ultramarinos, porque o estado da sua população e bem dos seus Vassallos assim o exigem.

Póde crescer muito a população de Portugal.

§ 11. He necessario por conseguinte olhar o Brasil não só como mui pouco povoado, mas como tendo huma povoação, em parte adventicia e precaria, a qual não he equivalente a igual numero de brancos, e que convem muito e póde mui bem ser supprida por hum augmento de população branca nos dominios Portuguezes ultra e cismarinos. Póde por conseguinte crescer muitissimo a população de Portugal, Patria mãi dos Colonos Brasilienses, porque tem para onde regurgite o seu excesso de população, e donde tire a subsistencia dos restantes.

A vaccinação podia duplicar a população é 134 ann.

§ 12. He neste ponto de vista politico, e interessantissimo, isto he, como mui capaz de fazer augmentar a população, que a Vaccina deve tambem ser olhada, e tem sido por todos os Governos civilizados. Por meio della, segundo o calculo do Snr. Marino Miguel Franzini, póde Portugal augmentar cada anno em população até 9$500 individuos (*b*), e, segundo os principios de Mr. Dwilard (*c*), póde em 134 annos fazella chegar a 4.923$575, que se aproxima ao duplo da actual.

Apreço que diversas Nações tem feito da vaccinação.

§ 13. Ao peso destas ponderações acrescentarei o apreço, que os Governos civilizados tem feito da vaccinação.

§ 14. He notorio que o Parlamento Inglez premiou primei-

(*a*) Declaração no Congresso de Vienna; *Courier*.
(*b*) *Instr. Statist.* p. 32.
(*c*) *Edinb. Med. and Surg. Journal* N. 37 p. 91.

meira vez o seu Inventor com 90$ cruzados. Este acto porém de hum Governo, que premea sempre bem as invenções uteis, não mostra tanto o grande apreço que elle fez logo da descoberta do Dr. Jenner, como o que nessa occasião se passou no Parlamento. Querendo alguns Membros que se duplicasse o premio, o Chanceller do Thesouro disse: « A Camara póde votar para o Dr. Jenner a recompensa que bem lhe parecer; he porém hum facto, que elle » já tem recebido a maior recompensa, a que qualquer pó» de aspirar, que he a approvação unanime da Camara dos » Communs; approvação todavia bem justa, porque he o » resultado da maior, ou de huma das mais importantes des» cobertas, que a Sociedade tem feito desde a creação do » Mundo. Eu duvido que a Camara tenha tido em occasião » alguma de votar sobre hum ponto mais importante, que » o que occupa actualmente o *Comité* (*a*) .... O mereci» mento da descoberta do Dr. Jenner excede toda e qual» quer recompensa » (*b*). Inglaterra premea o Dr. Jenner primeira vez.

§ 15. Isto não foi hum enthusiasmo momentaneo; apezar da opposição dos Moseleys, Goldsons, e outros anti-vaccinistas, a que motivos pouco honestos dictárão escriptos despreziveis, o Parlamento Britannico, ouvindo posteriormente o parecer do Collegio dos Medicos de Londres, fez tanto caso da descoberta de Jenner, que novamente o premiou com duplicada somma, montando assim as duas remunerações a 270$ cruzados, premio extraordinario, que por isso não faz senão mais honra ás luzes e justiça do Augusto Tribunal, que lho conferio, por ser mui justo que huma descoberta, que ha de dar a vida a muitos milhares de milhões de pessoas, dê tambem ao seu Author com que possa bem commodamente passar a sua. Premeão o Dr. Jenner segúda vez.

§ 16. A estes testemunhos de summo apreço da parte do Governo Britanico ajuntarei hum que mostra, que elle

(*a*) Em 2 de Junho de 1802.
(*b*) *Husson Recherch. sur la vac.* p. 351.

Estabelece-se em Londres huma Instituição Vaccinica.

não tem mudado de conceito. Creou em Londres hum Estabelecimento vaccinico, com que despende annualmente 3$ lib. sterl., ou 27$ cruzados, e isto só para a Vaccinação de Londres (*a*).

Expedição Vaccin. do Gov. Hesp.

§ 17. O Governo de Hespanha não dêo provas menos notaveis do apreço que fazia da Vaccina. Basta dizer que em 1803 fez sahir da Corunha huma Expedição destinada meramente a levar a Vaccinação ás suas possesões Ultramarinas, e que esta memoravel e não pouco despendiosa expedição durou tres annos (*b*).

Socied. para a extincção das Bexigas em França.

§ 18. A reputação da Vaccina em França, e particularmente o modo pelo qual ella ahi a adquirio, bastarião para persuadir da sua importancia, a quem por experiencia e lição ainda a não conhecesse. Não foi a prevenção que alli a introduzio e estabeleceo; hum sabio septicismo he que a acreditou. Sabendo-se em França da descoberta de Jenner, formou-se (em 1800) em París hum *Comité* de Medicos, o qual se propoz examinar esta descoberta, e começou por dirigir contra ella as suas experiencias, como para a refutar, tendo a intenção de a adoptar se ella se mostrasse inconcussa. O resultado desta filosofica investigação foi tal, que em 1804 tomou o Governo debaixo da sua immediata protecção a inoculação da Vaccina, não se limitando, como até então, a franquear o Correio para a correspondencia Vaccinica, e a manter em París o Hospicio em que se recebem, se observão, e se mantem os Vaccinados pobres, mas Convertendo *o Comité* em huma numerosa e esplendida Sociedade, composta dos principaes Medicos de París, de varios

---

(*a*) *The Edinb. Med. and Surg. Journ.* N. 37. p. 89.

(*b*) D. Francisco Xavier Balmis, Cirurgião extraordinario de S. M. Catholica, e Chefe daquella expedição, depois de levar a Vaccina ás Americas Hespanholas, ás Ilhas Filippinas, e a outras partes das Regiões Orientaes, por meio de crianças que levava a bordo, e que hia vaccinando successivamente na viagem, voltou a Europa em 1806.

rios outros Sabios, e de grandes Funccionarios publicos. Desta Sociedade he Presidente o mesmo Ministro dos Negocios do Reino, por cuja via os Prefeitos dos Departamentos, que estão incumbidos de promover a Vaccinação nos respectivos Departamentos, ou Provincias, se correspondem sobre este assumpto com a Sociedade, propondo o que lhes parece, e executando o que ella approva ou lhes indica. Esta Sociedade tem annualmente huma Sessão Publica, em que se dá conta dos progressos da Vaccinação, e dos trabalhos da Sociedade naquelle anno, e em que se conferem os premios aos mais distinctos Vaccinadores.

Nenhum objecto, escrevia o Ministro aos Prefeitos, quando se creou esta Sociedade, para lhes recomendar a Vaccinação, *chama mais fortemente pela vossa attenção*; *he hum dos maiores interesses do Estado*, *hum meio certo de augmentar a nossa população.* Promettia-lhes consequentemente auxiliallos com todo o poder do Governo (*a*).

Em 1810, ou depois de dez annos de experiencias em França, declarando o Governo que *nenhum facto em Medicina estava mais bem provado*, *ou era mais certo que o poder anti-varioloso da Vaccina*; pôz á disposição do Ministro do Interior huma somma annual para se despender no que fosse necessario para generalizar esta pratica por toda a Nação; estabeleceo *Comités* Vaccinicos nas vinte e quatro principaes Cidades da França, ficando Subalternos ao de Paris; decretou premios para os que vaccinassem maior numero de pessoas, para os que colligissem factos mais importantes, para os que vencessem maiores obstaculos, e para os que atalhassem os progressos de epedemias variolosas. Estes premios são, hum de 3$ francos, dois de 2$, tres de 1$, e 100 medalhas de Prata (*b*).

Fundos dados pelo Governo Francez para premios vacc. e mais despezas.

§ 19. Na Prussia, na Alemanha, na Dinamarca, e na Suecia, não só os respectivos Governos cuidárão em estabe-

Vaccinárão-se Pessoas

le-

(*a*) *Med. and Phys. Journ.* vol. 13. p. 422.
(*b*) *The Edinb. Med. and Surg. Journ.* N. 25 p. 117 e 118.

Reaes na Russ., Alemanha, Din. e Suecia.

lecer a Vaccinação naquelles Estados, mas vaccinárão-se os filhos do Imperador de Alemanha, os do Rei de Prussia, e huma filha do de Suecia (*a*).

Ordenança Vaccin. de Suecia.

§ 20. Neste ultimo Paiz ha hum Regulamento a respeito da Vaccina, bem notavel, e de que por isso darei aqui huma idéa summaria. Foi em 1803 que alli se estabeleceo por Lei a Vaccinação, incumbindo-se ao Real Collegio de Saude de Stokholmo promover por todos os meios possiveis a sua adopção, e destinando-se então 900 *dolars* para premios dos que mais se destinguissem na Vaccinação. Nesta Lei o que ha de mais notavel, e mui digno de imitar-se, he ordenar que *na Capital pague huma multa o que não denunciar a apparição de Bexigas, e que o contagiado seja conduzido* (o que se tem praticado) *a hum hospital de Bexigas.* Para haver sempre limfa vaccinica fresca manda vaccinar ao nono dia todos os recem-nascidos do Hospital Geral das paridas.

E como não bastassem estas providencias para haver vaccina sufficiente com que se abastecessem as Provincias, em 1802 ordenou ElRei de Suecia que houvesse tres Estações na Capital, e diversas nas Provincias, em que se vaccinasse successivamente; que houvesse hum Director Geral da Vaccinação d'entre os Membros do Collegio da Saude, o qual fosse incumbido da Correspondencia, regulasse o serviço &c.; que houvesse em fim Inspectores nas Estações vaccinicas das Provincias, aos quaes incumbia fazer vaccinar todas as crianças no primeiro anno de sua idade, lavrar os respectivos assentos &c. Os Parocos, por isso que todo o Corpo Ecclesiastico da Suecia mostrou zello pela vaccinação, são superintendentes deste ramo de serviço publico, nas suas respectivas Parochias; em cada huma das quaes, ou em seu destricto, ha hum Vaccinador obrigado a vaccinar, e a informar o Collegio do resultado da vaccinação. Para direcção dos Vaccinadores, e Inspectores mandá-

(*a*) *Raport du Comité Centr.* p. 50, 53 e 54.

dárão-se distribuir por todas as Parochias exemplares de hum Livro de Instrucções, no qual, além do que respeita á Vaccina, se ensina a conhecer todas as enfermidades cutaneas, que se observão na Suecia, e se parecem com as Bexigas.

Determinou em fim o Rei de Suecia que houvessem duas sortes de premios para os mais distinctos Vaccinadores; pecuniarios, e medalhas honorarias. Huns e outros são adjudicados pelo mesmo Rei (á vista da proposta do Collegio), e he em nome do Rei, e com huma publicidade apparatosa que se conferem estes premios vaccinicos (*a*).

Provas de facto da utilidade da vaccinação.

§ 21. Assás tinha talvez dito para mostrar a importancia da vaccinação. Aquella porém he tão grande, que me desculpa de accrescentar ainda algumas provas de facto, que levão á evidencia as vantagens preciosas desta descoberta.

Mappas nechrologicos de Paris.

§ 22. Pelos Mappas nechrologicos de París vio-se que em 1809 morrêrão de Bexigas naquella Cidade 213 pessoas. Por grande que seja este numero, *depois que a vaccina offerecia a estas* 213 *victimas hum meio certo de preservar-se*, he todavia extremamente pequeno em comparação do de alguns annos, em que Bexigas epidemicas levárão á sepultura na mesma Cidade mais de 2000 individuos (*b*).

Conta official do estado da Franç.

§ 23. Na Conta que Mr. de Montesquiou dêo a S. M. Luiz XVIII. do estado da França em 1815, acha-se que apezar das multiplicadas guerras com que ella depois da sua fatal Revolução affligio a Europa, e consumio até a sua mais tenra mocidade, não diminuio a sua população. Deste notavel facto reconheceo aquelle Ministro por huma das cau-

(*a*) *The Edinb. Med. and Surg. Journ.* N. 40 p. 505, 508.
(*b*) *The Edinb. Med. and Surg. Journ.* N 25 p. 118.

causas a vaccinação (*a*); e não se dirá que o fez gratuitamente, quando se adverte que só em 1805 vaccinárão-se em França 400$ pessoas (*b*).

Diminuição da povoação do Faial por falta de vaccinação.

§ 24. Outras provas de facto, mas dolorosas, offerece o nosso Paiz. Apezar da população tender naturalmente a augmentar (*c*), diminuio a do Faial em 1812, em que morrêrão alli de Bexigas 418 pessoas (*d*). ¿Quanto não diminuiria a de Braga em 1814, havendo-lhe morrido de Bexigas nesse anno 1$ pessoas? Não nos demoremos porém nestas lugubres provas da utilidade, direi melhor, da necessidade da vaccinação, porque se não póde fallar nellas sem se arguir tacitamente alguem, ou de muita ignorancia, ou de muita negligencia. Hum dia de tanto jubilo para a Academia, hum dia em que esta festeja o NOME de hum PRINCIPE, que outr'ora honrou as suas Sessões Publicas com a sua Augusta Presença, não permitte que se falle de faltas, cujo conhecimento magoaria muito a humanidade e patriotismo desta Assembléa. He mais proprio do dia, e a mim só agrada referir serviços feitos ao nosso Paiz, louvar, e recommendar ao reconhecimento publico e do Governo os que os fizerão: não deixarei todavia de notar, pois o pede a natureza deste papel, quanto he escasso o fructo de não pequenas diligencias, e quanto precario o estado em que se acha a vaccinação em Portugal (*e*); isto mostrará a necessidade da medida que o Governo acaba de tomar, e de que logo fallarei.

Fim do exordio.

§ 25.

(*a*) Papeis publicos.
(*b*) *Bryce Pract. obs. on Inocul. of cowpox* Ap. N. 4. p. 20.
(*c*) *Malthus A Essay on the princip. of population* t. 2. p. 2.
(*d*) *Invest. Port.* N. 12 p. 632.
(*e*) Este longo exordio dirigia-se a apoiar a Proposta, que a Instituição tinha feito ao Governo para lhe conceder huma Loteria, e de que ainda nas antevesperas da Sessão Publica se ignorava a Resolução; applíquei-o depois para mostrar quanto he sabia a Resolução do Governo, e para instrucção dos que são adversos á propagação da Vaccina, por ignorarem o que a este respeito se tem passado nos Paizes Estrangeiros.

§ 25. Os progressos da Vaccinação em Portugal, no terceiro anno da Instituição Vaccinica, poderáõ ver-se circunstanciadamente expostos nas respectivas Contas dos Secretarios dos quatro trimestres d'aquelle anno, que forão os Senhores Justiniano de Mello Franco, José Maria Soares, José Feliciano de Castilho, e eu. O seguinte Mappa porém póde dar huma idéa resumida delles. Progressos da vaccinaç. no 3.º anno.

MINHO.

Povoações.	*Vaccinadores.*	*Mezes.*	*Vacc. verd.*	*Vacc. duv.*
Arcos e Sabadim -	Gabriel Antonio da Cunha - - Cir.	3	57	19
Gerez - - - -	José dos Santos Dias - - - - Med.	3	5	2
Guimarães - -	Manoel Luiz Pereira - - - - - -	1	9	---
Lanhezes - - -	Nicolão de Sousa Galião - - - Cir.	8	198	20
Louredo - - -	Sebastião José de Carvalho - - Med.	1	15	55
Passo de Souso -	José Antonio Moreira da Silva - - -	3	27	11
Pena-fiel - - -	Antonio d'Almeida - - - - - Med.	3	83	28
Ponte de Lima -	Antonio Joaquim de Carvalho - Med.	12	3585	55
Porto - - - -	Dona Maria Isabel Vanzeller - - - -	2	124	455
Porto - - - -	José Duarte Salustiano Arnaud - Med.	2	23	
Santo Tirso - -	José Antonio Barbosa da Silva - - -	1	17	6
S. Vicente de Penso	Manoel José Malheiro da Costa e Lima	2	643	27
Travanca - -	José Pinto da Cunha - - - - Cir.	1	15	1
Vianna - - -	José Luiz Pinto da Cunha - - Cir.	8	215	---
Villa do Conde -	Domingos Antonio da Costa Flores, Cir.	2	20	6
Villa Meñ - -	Antonio Coelho de Magalhães Queirós, Cir.	1	7	---
Villar de Perdizes	Antonio Luiz - - - - - - - - -	1	8	---
			5051	685

TRAS OS MONTES.

Monte Alegre - -	José dos Santos Dias - - - - Med.	4	34	9

BEIRA.

Aveiro - - -	João José da Fonseca e Sá - - - Barb.	4	55	15
Guardo - - -	José Gomes Cabral - - - - - Cir.	2	611	27
Guarda - - -	Manoel Vicente - - - - - - Cir.			
Lamego - - -	João Antonio Rodrigues e Oliveira, Cir.	1	4	73
Mealhada - - -	Manoel José Mourão - - - - Med.	- - -	6	---
Ovar - - - -	Pedro Antonio Teixeira de Pinho, Cir.	- - -	20	11
Pinhel - - - -	Francisco Manoel d'Albuquerque, Med.	2	846	---
Viseu - - - -	Ignacio José dos Santos - - - Cir.	4	104	69
			1646	195

FS-

ESTREMADURA.

Povoações.	*Vaccinadores.*	*Mezes.*	*Vacc. verd.*	*Vacc. duv.*
Abiul - - - -	Joaquim Nogueira do Amaral - - Cir.	2	42	---
Abrantes - - -	Francisco Xavier d'Almeida Pimenta, Med.	3	77	110
Cartaxo - - -	João Gervasio de Carvalho - - Med.	4	135	20
Collares - - -	Manoel Coelho do Nascimento - Cir.	1	33	5
Ericeira - - -	Antonio José d'Almeida - - - Med.	- - -	64	10
Gollegã - - -	Joaquim Antonio de Oliveira - - Cir.	6	132	9
Lisboa - - -	INSTITUIÇÃO.	1.º trim.	93	58
		2.º dito	59	21
		3.º dito	19	39
		4.º dito	191	161
Peniche - - -	Fernando Antonio Cardoso - - Cir.	- - -	101	7
Pombal - - -	Antonio Anastasio de Sousa - - Med.	6	68	62
Santarem - - -	Luiz Gonzaga de Carvalho - - - Med.	1	13	20
Sardoal - - -	Francisco Xavier d'Almeida Pimenta, Med.	4	89	79
Sardoal - - -	Antonio Lucas - - - - - - Cir.	- - -	45	107
Thomar - - -	Dona Angela Tamagnini - - - - -	- - -	---	657
			1161	1365

ALEMTÉJO.

Alter do Chão -	Joaquim Alves d'Araujo - - - Med.	1	---	17
Alvito - - -	José Maria Bustamante - - - - Med.	5	240	2
Alpalhão - - -	Caetano Xavier Franco - - - Cir.	2	53	20
Borba - - - -	Dito em Villa Vicosa - - - - - -	- - -	1	1
Crato - - - -	Antonio Pereira Xavier - - - Med.	4	30	5
Cuba - - - -	João Antonio de Carvalho Chaves, Med.	1	90	---
Elvas - - - -	José Fradesso Pello - - - - - Cir.	2	422	11
Estremoz - - -	José Ignacio da Silva - - - - Cir.	- - -	45	---
Monforte - - -	João Antonio Cordeiro dos Santos - -	2	30	2
Portel - - - -	José Ignacio Pereira - - - - Med.	4	9	322
Santa Eulalia - -	José Joaquim - - - - - - - -	4	110	3
Torrão - - -	Dito em Alviro - - - - - - - -	- - -	13	---
Vidigueira - -	Dito em a Cuba - - - - - - - -	- - -	42	4
Villa Viçosa - -	Francisco Ignacio de Mira - - - Cir.	2	68	14
V.ª Nova de Milfôtes	Luiz José Guerreiro da Silva - - - -	6	68	4
			1221	405

ALGARVE.

Lagos - - - -	José Francisco de Carvalho - - Med.	8	133	22
Portimão - - -	José Nunes Chaves - - - - - Med.	3	60	7
Tavira - - -	Antonio José Giraldo - - - - Cir.	2	296	11
			489	40

A Vaccinação tem feito progressos.

§ 26. Collige-se deste Mappa que a vaccinação tem feito progressos desde o estabelecimento da Instituição. Por quanto no 1.° anno o numero sabido dos que tiverão vaccina verdadeira foi 2ↀ866; e o dos que a tiverão com probabilidade 457 (*a*): no 2.° anno o numero total dos que a tiverão, ou certa ou provavel, foi 8ↀ527: neste monta a 9ↀ602 só o numero sabido dos que a tiverão verdadeira; e a 2ↀ699 o dos que a tiverão com muita probabilidade, pelo que em metade destes a supponho verdadeira (*b*).

Effeito das Ordens do Governo.

§ 27. Estes progressos da Vaccinação em Portugal reflectem huma pouca de gloria para o seu actual Governo, porque são em parte o effeito das Ordens, e insinuações que, ha dois annos, mandou aos Corregedores e Prelados Diocesanos do Reino. Dellas provierão os 846 vaccinados de Pinhel, e os 611 da Guarda.

Cooperação dos Ex.mos Bispos da Guarda e Pinhel.

§ 28. Se a gloria porém de hum facto interessante e premeditado, pertence particularmente a quem o ordenou, tambem não cabe huma pequena parte a quem da melhor vontade, e com sabedoria contribuio muito para a sua execução. Não merecem por isso pouco louvor os Ex.mos e Rev.mos Sñrs. Bispos daquellas duas Cidades, os quaes, prestando a devida attenção ás insinuaçoẽs do Governo, moverão os seus Diocesanos por meio de sabias Pastoraes a adoptar a Vaccinação. O da Guarda foi além disto tão benevolo, ou esposou tão cordialmente a benefica empreza da Instituição, que não se dedignou, como pedia hum objecto do bem publico, de participar directa, e mui obrigantemente

(*a*) Mem. de Math. e Phys. d'Acad. R. das Scienc. T. III. P. II. pag. LXXXV e seg.

(*b*) Ainda assim enganar-se-hia muito o que daqui colligisse que não passa de 10ↀ951 o numero total dos que tiverão Vaccina verdadeira no terceiro anno. Aquelle numero não he senão dos que consta officialmente na Instituição; ha porém muitos de que esta não tem conhecimento bastante: taes são os vaccinados por Facultativos, que não são seus Correspondentes; e daquelles ha muitos particularmente em Lisboa, onde estes occasional e frequentemente se servem da Vaccina fluida, que tirão dos vaccinados na Instituição. Eis-aqui huma das causas por que o numero destes não he proporcional á grandeza desta Capital, onde se vaccina muito mais do que parece pelo Mappa.

te á Instituição os seus salutares officios; como no primeiro anno havião feito os Ex.mos e Rev.mos Bispos de Aveiro, Leiria, e Algarve.

§ 29. Tocando porém na cooperação dos Bispos, he hum dever mencionar com particularidade o nosso Sabio Consocio o Sñr. Bispo de Elvas, o qual com hum zelo proprio das suas grandes luzes, e do seu vivo interesse pelo bem da Nação, fez a favor da Vaccina huma Pastoral cheia de energia, em que até commina penas aos que contravierem ao espirito délla, e das insinuações do Governo. Cooperação do Ex. Bispo d' Elvas.

§ 30. Deve tambem aqui ser mencionado o Ex.mo e Rev.mo Sñr. Bispo do Funchal, o qual com o Corregedor daquella Cidade pedio, pela Secretaria do Ex.mo Sñr. D. Miguel Pereira Forjaz, Vaccina para alli se propagar.

§ 31. No numero dos cooperadores Ecclesiasticos do terceiro anno deve tambem mencionar-se com particularidade o mui zeloso Prior de Passo de Sousa, Fr. Simão de Jesus Maria; e o Professor de Filosofia de Guimarães, Manoel Luiz Pereira, que não só introduzio a Vaccinação em Guimarães, mas escreveo hum Tratado sobre as suas propriedades, e modo de a propagar.

§ 32. Os progressos da Vaccinação no terceiro anno devem-se á cooperação de alguns Ministros. He hum destes o Desembargador Superintendente da Barra de Aveiro, o Sñr. Fernando Affonso Giraldes, o qual vendo o pouco que naquella Cidade se vaccinava, fez com que o Barbeiro do Hospital Militar, João José da Fonseca e Sá, praticasse aquella facilima operação; e desta sorte fez com que prosperasse em Aveiro a Vaccinação tão notavelmente, como se vê no Mappa. Cooperação dos Ministros.

§ 33. Devo igualmente aqui mencionar o Sñr. Desembargador Filippe Ferreira, o qual em Santarem fez diligencias por tornar participantes do bem da Vaccina os Expostos daquella Comarca. ¿Mas o que não faria este philanthropo Magistrado a bem dos Exposros, depois de serem estes o objecto das suas meditaçoẽs e especial Commissão? Não faria, Do Desembargador Filippe Ferreira.

ria, e creio que não fez, aquillo sómente para que não tinha authoridade ou meios.

Do Corregedor de Pinhel. § 34. O Corregedor de Pinhel, o Sñr. Antonio Julio de Faria Pimentel, mostrou tambem o seu zello e pontualidade na observancia das Ordens de Sua Alteza, pela remessa que fez ao Governo, e que este mandou á Instituição, de hum Mappa de Vaccinados, e da excellente Pastoral do Bispo a respeito da Vaccina, e recommendando o Medico do Partido, Francisco Manoel de Albuquerque, pelos serviços, que a este respeito havia feito.

Do Corregedor de Tavira. § 35. O Desembargador Corregedor de Tavira, o Sñr. Manoel Christovão Mascarenhas de Figueiredo, mostrou igual desempenho na execução das Ordens de Sua Alteza, fazendo ver (he justo que o diga) que o seu zello no Real Serviço não he de pura formalidade, porque depois de fazer quanto cabia na sua alçada, conhecendo que sem remuneração não podem durar serviços de pessoas necessitadas, lembrou, e propoz hum meio de remunerar os serviços do Vaccinador daquella Cidade.

De outros Ministros. § 36. Os Corregedores de Lamego, de Villa Viçosa, e de Ourique; os Juizes de Fóra de Borba, de Portel, e de Alcacer do Sal, o Juiz Vereador de Elvas, e o Juiz Ordinario de Villa Nova de Mil-fontes merecem tambem huma menção honrosa entre os bons servidores de Sua Alteza no que respeita á Vaccina.

Cooperação particular d'alguns dos Socios d'Academia. § 37. Devo não omittir no numero dos fautores da Vaccinação no terceiro anno os Membros desta Academia, que por circunstancias, em que se achárão, podérão mostrar mais o empenho que toda ella tem nos progressos da Vaccina.

Guarda Mór § 38. O Sñr. Guarda Mór da Academia, Alexandre Antonio das Neves, mostrou, quando se soube da epidemia variolosa de Braga, de que logo fallarei, e em outras occasioes, o mesmo zello de que ha dois annos fiz aqui menção.

Joaquim Jose da Costa de Macedo. § 39. O nosso Socio, o Sñr. Joaquim José Costa de Macedo, querendo de todas as sortes concorrer para a gloria da Aca-

de-

demia, aproveitou a occasião, em que se achava na Gollegã, para alli estabelecer a Vaccinação, e grangear para a Instituição hum Correspondente, cujos serviços são assás conspicuos no Mappa.

José Feliciano de Castilho, e José Maria Soares

§ 40. Os Membros da Instituição, os Sñrs. José Feliciano de Castilho, e José Maria Soares, participárão, o primeiro de Coimbra, e o segundo de Caseaes, que hião restabelecer a Vaccinação naquellas duas povoações. He-me aprasivel esta occasião de dar hum testemunho publico á verdade, accrescentando ao que acabo de dizer, que este serviço ainda que só começado, manifesta em hum e outro hum zelo vivo, e mui louvavel na empreza anti-variolosa da Instituição.

Correspondêtes, que se distinguirão este anno.

§ 41. Seria mui longo se referisse individualmente todos os que coadjuvárão a Instituição no terceiro anno. Não farei por isso mais que mencionar os Correspondentes, que mais se distinguírão.

A Sr.ª Vanzeller.

§ 42. A Sñr.ª Vanzeller tem o primeiro lugar, no qual a constituem não só a respeitavel qualidade de Senhora, a regularidade de sua correspodencia, e o numero de seus vaccinados, mas os meios, com que tem vencido a indocilidade do Povo Portuense, e que são todos os de beneficencia conhecidos.

A Sr.ª Tamagnini.

§ 43. A Sñr.ª Tamagnini deve tambem occupar hum lugar distincto pelos distinctos serviços, que ha annos tem feito a Thomar, e a esta Capital por meio da Vaccina, e particularmente pela Relação dos seus vaccinados em 1814, com que brindou este anno a Instituição.

No Minho.

§ 44. Entre os outros Correspondentes da Instituição distinguírão-se, na Provincia do Minho, os de Penafiel, Vianna, S. Vicente de Penso, Lanhezes, Ponte de Lima, e o Sñr. José Salustiano Arnaud no Porto. O primeiro he excedido de muitos pelo numero de vaccinados: a Instituição porém sabe fazer-lhe justiça, porque não se esquece que esta inferioridade he devida aos serviços, que ja tinha feito nos precedentes annos; por isso, pela regularidade, e

Antonio de Almeida.

per-

permanencia do seu serviço, por introduzir a Vaccinação em Santa Eulalia, e por augmentar a nossa Litteratura Medica, com os seus *Annaes Vaccinicos de Portugal*, a Instituição julgou-o digno de hum dos premios do terceiro anno.

José Luiz. § 45. O segundo foi julgado tambem digno de hum premio, porque ao grande numero de vaccinados, que se vê no Mappa, ajunta hum empenho na propagação da Vaccina tão vivo, que por diversas vezes tem hido de Vianna aos Arcos, e á Barca, só a fim de estabelecer alli a Vaccinação.

Manoel José Malheiro. § 46. Ao terceiro conferio a Instituição outro premio, porque ao serviço de ter estabelecido em S. Vicente de Penso a Vaccinação por meio de huma associação de diversas pessoas, ajunta a preserverancia em coadjuvar a Instituição, e os notaveis serviços, que se vêm no Mappa.

Nicolão de Sousa Galião. § 47. Igualmente julgou digno de premio o quarto, pelo grande numero de seus vaccinados; e por igual razão haveria premiado o quinto, se lhe não faltasse hum requisito mui attendido pela Instituição, que he a preserverancia no seu patriotico serviço, e na correspondencia directa, ou indirecta com ella. Quanto ao Snr. Arnaud, que, por ser diminuto o numero de seus vaccinados, e por não ter sufficientes premios, não pôde premiar, julgou dever publicar que he mui benemerito da Instituição pelas grandes, ainda que pouco fructiferas diligencias, que tem feito a favor da Vaccinação, tanto em Valença do Minho, como no Porto, onde actualmente se acha.

Na Beira. § 48. Na Beira distinguirão-se os Correspondentes de Aveiro e Viseu; são porém excedidos por outros, e como não ha premios sufficientes para todos os que merecêrão algum, a Instituição pezarosa por deixar o merecimento sem immediato premio, protesta não se esquecer dos serviços já feitos, quando para o anno tiver de julgar novos.

§ 49. Os Vaccinadores da Guarda, e de Pinhel erão, pelo numero de seus vaccinados, assás merecedores de premio; todavia não se lhes conferio por falta do requisito men-

mencionado a respeito do Correspondente de Ponte de Lima.

§ 50. Na Estremadura distinguírão-se os Correspondentes do Cartaxo, Golegã, Peniche, Sardoal, Villa Nova de Mil-fontes, Pombal, e Ericeira. Entre estes sobresahe o do Cartaxo pelo numero de vaccinados, e particularmente pela difficuldade de vaccinar tantos, para vencer a qual era necessario sahir daquella pequena povoação, e hir por grandes distancias a casa dos vaccinados. Na Estremadura.

§ 51. Immediatos a este se avantajão os da Golegã e Peniche; os outros porém, se menos se distinguem pelo numero de vaccinados que apresenta o Mappa, tem-se distinguido, o que he mui attendivel para a Instituição, pela perserverancia no serviço patriotico da Vaccinação, pelo zelo em a generalisar, e em attenção aos serviços precedentes.

§ 52. No Alemtéjo avantaja-se a todos o Cirurgião Mór de Elvas o Sñr. José Fradesso Bello, o qual he mais bello no serviço da Instituição, que todos os elogios que eu lhe possa fazer; foi por conseguinte premiado. No Alemtéjo.

§ 53. A Instituição achou tambem bastante merecimento no Correspondente da Cuba, o qual além do que fez, e se vê no Mappa, generalizou a Vaccinação pelas Villas da Vidigueira, e de Villa de Frades; no de Alvito, que não só se avantaja no numero de vaccinados, mas propagou a Vaccina em Villa Nova, Villa de Ferreira, e Torrão, onde suspendeo huma epidemia variolosa; em fim no de Portel, porque não he senão com muito trabalho que podia vaccinar os que vaccinou, residindo em huma pequena povoação. Adjudicou por conseguinte a cada hum destes hum premio.

§ 54. No Algarve mostrão-se mui benemeritos da Instituição os Correspondentes de Lagos e Tavira; o primeiro porque tem continuado a fazer notaveis serviços, como indica o Mappa; e o segundo por ter sido hum dos maiores Vaccinadores do terceiro anno, e por ter feito excessos taes, que moveo o amor da justiça e do bem publico, do No Algarve.

Corregedor daquella Comarca a propor ao Governo hum meio de remunerallo, ou indemnizallo das despesas que fez.

Observaç. feitas este anno sobre as propriedades da Vaccina.

§ 55. Rematarei a face agradavel do quadro Vaccinico do terceiro anno da Instituição, com as observações mais notaveis, que a Instituição tem colligido a respeito das propriedades da Vaccina.

Experiencia da virtude preservativa de Bexigas.

§ 56. O Sñr. Doutor Antonio Joaquim de Carvalho, de Ponte de Lima, pôz em prova a virtude anti-variolosa da Vaccina, inoculando 57 vaccinados com materia variolosa, nenhum porém teve Bexigas (*a*).

Vaccinação por sarjas mais segura que por picada.

§ 57. O Sñr. Francisco Elias confirmou por observações suas o que eu tinha provado por experiencias feitas na Instituição, e he que a Vaccinação por picada falha mais que por incisão (*b*) ou sarjas.

§ 58. Este facto mui interessante para a pratica da Vaccinação, tendo sido controvertido por elle o anno passado neste lugar, e sendo agora apoiado por elle mesmo, fazlhe muita honra; porque prova a sinceridade das suas opiniões, e huma candura, que só tem o Sabio, e o que he capaz de o ser.

Apparição serodia de Vaccina.

§ 59. O Correspondente de Alvito communicou á Instituição a observação de hum caso de Vaccina, em que esta se começou a manifestar passados vinte e dois dias: e o de Alter do Chão outra, em que ella se manifestou passados quasi quatro mezes (*c*).

Vaccina em diverso lugar falhando o enxerto.

§ 60. O Correspondente do Crato refere hum caso, em que falhando o enxerto Vaccinico, appareceo huma Bexiga Vaccinica $\frac{1}{2}$ polegada acima deste (*d*).

§ 61. Esta observação, semilhante á que referi na Recopilação Historica da Instituição no primeiro anno (*e*), confir-

(*a*) Conta do Snr. Doutor Castilho.
(*b*) Conta minha.
(*c*) Conta do Sñr. Doutor Castilho.
(*d*) Ibid.
(*e*) Mem. de Mathem. e Phys. da Acad. R. das Scienc. T. III. P. II. pag. XLI.

firma a analogia, que me pareceo haver entre a Vaccina e as Bexigas.

§ 62. Segundo o Correspondente do Sardoal, a Vaccinação por meio de vesicatorio falha menos que por meio de instrumento, sahe porém mais vezes duvidosa (*a*). Vaccinação por vesicatorio falha menos, porém dá mais vezes vaccina espuria.

§ 63. O Correspondente da Ericeira confirmou o que tinha observado o *Comité* de Vaccina de París, que o virus vaccinico não se mistura com o sarnoso, quando se inocula aquelle em inficionados deste (*b*). O virus vaccinico não se mistura com o sarnoso.

§ 64. O Correspondente de Ovar refere duas interessantes observações, em que se vê que a Vaccina foi favoravel á tosse convulsa (*c*). Vaccina favoravel na tosse convulsa.

§ 65. O Correspondente de Lagos observou que a Vaccinação não aggrava o sarampão (*d*); e o de Pombal participou que o sarampão foi mais benigno nos vaccinados (*e*). Estas observações debellão a conclusão do Doutor Watt de Glasgow, o qual attribuia mui gratuitamente á influencia da Vaccina o augmento de obitos de sarampão, que houve naquella Cidade (*f*). Vaccina não aggrava o sarampão.

§ 66. O Correspondente de Villa Meã communicou á Instituição a notavel cura de caquexia, obrada meramente pela Vaccina (*g*). A Vacc. cura hũ estado de caquexia.

§ 67. O Sñr. José Pinheiro de Freitas Soares communicou outra, não menos notavel, de huma ophthalmia recorrente todos os annos, a qual no decurso de quatorze mezes depois da Vaccinação não se havia manifestado (*h*). Vaccina benefica em hũa ophtalmia.

(*a*) Conta minha.
(*b*) Conta do Sñr. Mello.
(*c*) Conta do Sñr. Soares.
(*d*) Conta do Sñr. Mello.
(*e*) Conta minha.
(*f*) *The Edinb. Med. and Surg. Journ. N.* 37 p. 92.
(*g*) Conta do Sñr. Mello.
(*h*) Conta minha.

Circunstancias desfavoraveis a que convem attender.

§ 68. Cumpre-me ultimamente apresentar o quadro vaccinico do terceiro anno, por outro lado, que he desagradavel, mas que por isso merece ainda mais a nossa attenção.

Muitas e grandes povoações em que não ha Vaccinadores.

§ 69. No Mappa Vaccinico que venho de apresentar, não apparecem senão 59 povoações, tendo Portugal de 3 a 4$. Isto indica que os progressos da Vaccinação tem sido mais intensos que extensos; e bem se vê que a sua generalidade he ainda tão pequena, que não apparecem no Mappa muitas das nossas maiores povoações, como Coimbra, Braga, Portalegre, Béja, Evora, Faro, &c.

Falta d'assiduidade nos Correspondentes.

§ 70. Vê-se tambem que mui poucos dos Correspondentes tem sido permanentes, ou regulares no serviço.

Causa desta falta.

§ 71. Esta observação não deve servir senão para reconhecer o muito que se deve aos poucos que tem sido regulares, e permanentes; porque para pessoas, occupadas na pratica da Medecina e da Cirurgia, perseverarem gratuitamente na propagação da Vaccina, em que se consome tempo, e que he opposta aos seus interesses clinicos, he necessario que tenhão muito e mui puro patriotismo.

Diminuta vaccinação na Instituição.

§ 72. Faz-se tambem reparavel, que apezar de se vaccinar muito em Lisboa fóra da Instituição, os vaccinados na Instituição sejão mui poucos, attenta a grande população de Lisboa; observa-se todavia que nos ultimos tres mezes houve huma maior affluencia; deve-se esta ás Bexigas, as quaes ceifando em huma familia da Rua de S. Francisco dois Meninos de tenra idade, e huma Menina de 18 annos, formosa, mui prendada, e de excellente indole, amedrentárão de tal sorte o Publico com o severo castigo, que derão ao incredulo e infeliz Pai daquelles tres irmãos, que despertárão muitos negligentes, e convertêrão alguns incredulos.

Resultado de se vacci-

§ 73. Ordinariamente porém vaccinão-se tão poucos, que muitas vezes não se póde colher vaccina sufficiente para

ra se mandar para as Provincias. Além disto por se não verem os vaccinados na Instituição senão duas vezes, e frequentemente huma só, mui poucas, e mui imperfeitas observações se podem fazer, e ignora-se o resultado da maior parte das Vaccinações (*a*). nar pouco na Instituiç.

§ 74. A' face melancolica do quadro vaccinico, que tenho

(*a*) Estes defeitos podião remediar-se bem facilmente, porque ha em Portugal estabelecimentos com rendas, que quasi de nenhuma utilidade são para o Publico, e que se podião converter em hospicios Vaccinicos, como o de Paris de que fiz menção. Os estabelecimentos, de que fallo, são os Hospitaes de Lazaros, os quaes, instituidos por huma falsa theoria, para evitar a propagação da Morfêa, nem satisfazem, nem podem satisfazer ao seu fim. Julgava-se que esta hedionda enfermidade era contagiosa, por isso se procurava separar os lazaros dos sãos. A confusão, que d'antes havia nas enfermidades de pelle, o horror, que esta inspira, e a authoridade de varios Escritores, que ou mal a observárão, ou nunca a virão, e copiárão o que seus predecessores disserão, perpetuárão a opinião de ella ser contagiosa; os modernos porém, sobre cuja observação e authoridade se póde contar, como os Doutores Heberdem e Adams, são de opinião contraria (*Med. Transact. of the London Coll. Obs. on morbid poisons*), e esta he tambem a minha; porque tendo visto muitos lazaros, ou doentes de Morfea (*Elephantiasis* de Batman) em Portugal, e no Brazil, onde não he rara esta enfermidade, nunca vi caso em que se podesse suspeitar ter havido contagio; e recordo-me de muitos, que provão não ser contagiosa. Vi na Bairrada, em casa do Comendador de Malta, o Senhor Luis de Castro, hum lazaro, cuja mãi era lazara, e cujo pai, que presente estava, nada tinha de Morfêa. Ha nesta Cidade em Arroios huma mulher sã e robusta, cujo marido morreo lazaro, e do qual teve dous filhos sãos antes de elle ter Morfêa, e dous depois, hum dos quaes morreo lazaro (era huma menina) o outro vive, e he são. O Carreiro da Fundição, que he lazaro, viveo, depois de ter Morfêa, cinco annos com sua mulher, da qual teve hum filho antes, e outro depois da molestia; este morreo de huma quéda, aquelle porém que tem treze annos, a pezar de ter dormido com o pai, assim como sua mãi, que morreo de huma febre, não tiverão Morfêa: podia referir outras observações semelhantes, mas então seria nimiamente grande esta nota, que já não he pequena. Pelas minhas observações a Morfêa he frequentemente hereditaria, algumas vezes adventicia, e nunca contagiosa. As Gafarias ou Hospitaes de lazaros por conseguinte são inuteis como meio de evitar a propagação da Morfêa, e tanto mais, quanto são mais os que vivem fóra que os que estão dentro dellas. Quando ainda assim se queirão conservar como Hospicios de Caridade, he necessario tornallos tão proveitosos como podem ser, obrigando os Facultativos, que os servem, a dar huma conta annual do estado dellas, das observações que tem feito sobre causas e progressos desta enfermidade, e do que praticão e tentárão para a curar.

Epidemia terrivel de Bexigas em Braga.

nho deliniado, pertence a memoravel mortandade de Braga em 1814. Mil pessoas forão victimas das Bexigas, por não ter a Vaccina achado o devido acolhimento naquella Cidade. Constando á Instituição este luctuoso caso, julgou necessario participallo ao Governo sem demora.

§ 75. Fazendo sciente disto ao nosso Vice-Presidente o Sñr. Marquez de Borba, este com hum zelo acima de toda a expressão, sollicitou todas as providencias possiveis, e fez com que o Governo expedisse logo as Ordens necessarias, ao passo que a Instituição escrevia, e mandava Vaccina ao Ex.mo e Rev.mo Sñr. Arcebispo, e ao Corregedor de Braga. Quanto estas diligencias forão proveitosas não me he possivel dizer, porém he certo que pouco depois se extinguio aquella peste variolosa, e a Instituição foi informada que o Sñr. Arcebispo, o qual nessa occasião honrou a Instituição com huma Carta sua, fez muito a beneficio da propagação da Vaccina, e da extincção das Bexigas.

Negligencia a respeito de Orfãos, e Expostos.

§ 76. ¿Direi eu finalmente, ou calarei? Custa-me dizer, mas seria hum crime occultar, que os Orfãos, e Expostos, os quaes, segundo as Ordens do Governo, expedidas pela Secretaria do Senhor João Antonio Salter de Mendoça em 19 de Janeiro de 1813, devião ser vaccinados, mui poucos o tem sido. A estes poucos porém pertencem os Alumnos da Casa Pia, a respeito dos quaes o Sñr. Intendente Geral da Policia não se tem feito senão mais digno, do que delle tive a honra de dizer aqui ha dous annos.

Os referidos males hão de remediar-se por meio dos interesses de huma Loteria, que o Governo concedeo.

§ 77. Pertencem áquelles poucos os Alumnos de hum dos melhores Estabelecimentos que nós temos, o Collegio Militar da Luz. Por grandes que sejão todos os defeitos, que venho de notar no estado actual da nossa Vaccinação, não devem diminuir o prazer deste dia, porque posso annunciar que elles vão desapparecer. Dos males do Estado o Medico he o Governo; e quando este tem sabedoria, poder,

e

e vontade, aquelles não subsistem senão em quanto este os ignora, ou não he chamado para os remediar. Guiada por este principio, e confiada no Governo, a Instituição recorreo a elle; por vêr que a Vaccinação, em quanto inteiramente precaria como tem sido, nem póde fazer grandes progressos, nem adquirir estabilidade. O Governo conhecendo esta verdade, e a utilidade da Vaccinação, vem de dar huma das mais positivas provas de sabedoria, e de zelo pelo bem publico, porque acaba de conceder á Instituição o interesse de huma Loteria de 50:000$000 de réis para generalizar, e manter em Portugal a Vaccinação (*a*). Este facto, que se deve ajuntar aos do restabelecimento da Casa Pia, do estabelecimento do Collegio Militar da Luz, da Creação de huma Junta de Saude, da edificação de hum Lazareto, do melhoramento da Navegação do Téjo, do augmento da reedificação e melhoramento desta Capital, da investigação sobre o estado dos Expostos, da reducção, e uniformidade dos pesos e medidas, e de outros, que attestão a Sabedoria e disvelo do Governo; este facto, digo, vai habilitar a Instituição para melhorar o seu serviço, de sorte que não tenhamos que invejar nesta parte nem á França, nem á Suecia. Graças á sabedoria do nosso Governo, Graças particularmente ao Augusto Chefe delle, o PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR.

Factos notaveis, que fazem o elogio do Governo.

(*a*) *Copia.* = Ill.mo e Ex.mo Snr. = Representando a Academia Real das Sciencias a necessidade de occorrer á falta de meios indispensaveis para a subsistencia do saudavel estabelecimento da Instituição Vaccinica (porque ella já não póde supprir as despesas, como tem supprido até o presente), a fim de continuarem os progressos, que tem feito neste Reino a bem da humanidade, e do Estado pelo zelo dos seus Membros, e actividade dos Empregados: O Principe Regente Nosso Senhor Ha por bem conceder licença á Academia Real das Sciencias para huma Loteria do capital de cincoenta contos de reis, que ella dirigirá, e administrará debaixo do Plano, que fizer; ficando com o beneficio de doze por cento, que applicará, deduzidas as despesas da mesma Loteria, para premios dos Empregados, que mais se tiverem distinguido, e forem distinguindo nos trabalhos da Vaccinação. O que V.Ex.a fará presente na Academia Real das Sciencias para sua intelligencia, e execução. = Deos guarde a V. Ex.a Palacio do Governo em 22 de Junho de 1815. = João Antonio Salter de Mendonça. = Snr. Marquez de Borba. =

PRO-

PROGRAMMA
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA,

ANNUNCIADO NA SESSÃO PUBLICA DE 24 DE JUNHO DE 1815.

NÃo tendo concorrido neste anno Memoria alguma, que merecesse ser premiada; e podendo-se julgar alguns dos Progammas propostos de assás difficuldade, para serem bem desempenhados no termo prescripto: resolveo a Academia tornar outra vez a publicar para os dous annos seguintes os Programmas dos annos de 1815, e 1816; os quaes se podem ver a pag. xxv da Parte I. deste mesmo Tomo.

ELO-

ELOGIO HISTORICO

DE

JOÃO GUILHERME CHRISTIANO MÜLLER,

POR

FRANCISCO MANOEL TRIGOZO D'ARAGÃO MORATO,

Vice-Secretario da Academia Real das Sciencias.

Recitado na Assembléa Publica da mesma Academia, de 24 de Junho de 1815.

JOÃO Guilherme Christiano Müller nasceo em Gottinga a 12 de Maio de 1752. Foi o primeiro filho de João Miguel Müller, oriundo da antiga familia dos Müllers de Ausburgo, que havia sido Professor de Mathematica na Universidade de Guissen, e era então Engenheiro Mór dos Ducados de Grubenhagen, e de Calemberg, no serviço Eleitoral d' ElRei de Inglaterra; e de sua mulher Barbara Margarida Catharina Köhler, que procedia da nobilissima Casa deste appellido em Nuremberg.

Eu diria, se me fosse permittido assim fallar, que o Sr. Müller logo na sua infancia fôra bafejado pelas Sciencias, e que estas embalárão o seu berço; pois que durando ella, fazia seu Pai prelecções publicas em Gottinga de varios ramos das Mathematicas puras e applicadas; e ao mesmo tempo exercitava com grande reputação seu Avô materno João David Köhler o emprego de Professor ordinario de Filosofia e de Historia naquella Universidade; e dictava na mesma Cidade seu Tio tambem materno João Tobias Köhler lições publicas de Historia, merecendo ser creado pouco depois Mestre em Artes, e Professor extraordinario de Filosofia. União de profissões verdadeiramente ra-

ra: pois que não he a communicação dos talentos, nem hum certo equilibrio de sabedoria o que commummente se procura nas allianças das familias (*a*).

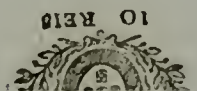
Isto só basta para se fazer idéa da educação, que receberião os dous moços, em cujas veias corria então unido o sangue de Müller, e de Köhler: porém seus progenitores julgando com razão que as Sciencias exactas, e as politicas e Litteratura, que separadamente professavão, erão de vastidão demasiada, para serem cultivadas com vantagem por hum mesmo individuo; quizerão com sabio conselho dividir por seus filhos esta nova especie de herança, da qual cada hum deveria tomar para si huma parte precipua: e conhecendo assás a capacidade e natural inclinação destes, destinárão ao mais moço para as Sciencias Mathematicas, e ao primogenito para o estudo da Litteratura em todas as suas diversas e multiplicadas ramificações; o qual constituia, para assim dizer, o amplissimo patrimonio de seu Avô Köhler.

A experiencia mostrou que os calculos daquelles sabios Allemães havião sido maduramente meditados: e com effeito Christiano Gottlieb Daniel Müller (*b*) e seu filho Guilherme Muller (*c*), aos quaes ambos esta Academia conta no numero dos seus Correspondentes, tem-se distinguido

(*a*) A'cerca da vida e escritos do Pai, Avô, e Tio do Sr. Müller, achão-se noticias muito extensas no « Ensaio de huma Historia Litteraria Academica da Universidade de Gottinga » escrita em Allemão por João Estevão Putter, *tom.* 1. §. 34. *pag.* 61 *e seg.* §. 101. *pag.* 195. §. 104. *pag.* 198: *tom.* 2. §. 45. *pag.* 47. §. 78. *pag.* 68. §. 75. *pag.* 64.

(*b*) Já era fallecido na occasião em que se recitou este Elogio. Havia sido Capitão ao serviço da Armada Real da Grã-Bretanha, e Commandante do Resisto Eleitoral de Brunswick-Luneburgo, sobre o Elba. Escreveo em Allemão « Resumo breve das Sciencias Maritimas » 1794. 4.°

(*c*) Foi Professor publico das Sciencias Militares na Universidade de Gottinga, e he presentemente Capitão do Corpo dos Reaes Engenheiros Allemães. Em 1813 offereceo á Academia R. das Sciencias de Lisboa os seus « Elementos da Sciencia da Guerra » escritos em Inglez, e impressos em 3 vol. 8.° « Elementos de Mathematica P. 1. que contém Arithmetica e Geometria. » « Desenvolvimento Analytico da Trigonometria, e das suas formulas differenciaes. »



do no serviço da Armada Real, e no da Engenharia da Grã-Bretanha, e rivalizão a gloria litteraria de seu Pai e Avô nas Obras que escrevêrão sobre algumas partes da Mathematica, e sobre a funesta Sciencia da guerra; e o Sr. João Guilherme Christiano Müller, entregando-se a outros estudos mais variados e amenos, conseguio occupar hum lugar assás distincto entre os Litteratos modernos.

Foi a Casa paternal a Escola, onde ainda em tenra idade aprendeo com Mestres habeis as Primeiras Lettras, os rudimentos do Latim, e as Linguas Franceza e Ingleza: e desde então não só mostrou hum gosto decidido para a leitura, mas adquirio o difficil habito de ler com sobriedade e de estudar o que lia: por isso sendo o *Progresso da Romagem do Peregrino* o primeiro livro que talvez cahio em suas mãos, foi tão profunda a impressão que esta leitura fez no seu espirito, que nos ultimos annos da sua vida, quando escrevia alguns apontamentos assás curiosos sobre a vida e caracter de Bunyan, ainda se recordava com prazer dos passos mais notaveis da obra deste Author celebre, e do tempo em que, sendo criança, a recitava perante seus velhos Avós (*a*).

Eu não pertendo, como rigoroso Chronista, seguir passo a passo o mancebo Müller na longa carreira dos seus Estudos; somente direi que no anno de 1760 começou a frequentar na Escola publica de Gottinga hum Curso de Humanidades; e que em 1766 foi continuar este Estudo, unido ao da Filosofia, e de algumas Linguas Orientaes, no Archigymnasio Susatense, que então era o mais affamado da Westphalia; onde quatro annos depois defendeo as primeiras Conclusões publicas *De Studiis Veterum Grammaticis*, sob a presidencia do Doutor Lehmanno (*b*).

(*a*) Vej. a traducção do « Ensaio sobre a Litteratura Portugueza » de que adiante se falla.

(*b*) *Observationum didacticarum Specimen III. de studiis veterum Grammaticis memoranda sistens, quod Præside M. Jacobo Christiano Lehmanno, Archigymnasii Rectore, die VI. April. in auditorio maiori defendere tenta-*

O estudo das Linguas antigas e modernas não só faz a base da instrucção publica na Allemanha, mas a de todos os estabelecimentos de educação, que formárão os homens mais acreditados na Europa: e na verdade elle reune a dobrada vantagem de pôr ao mesmo tempo em movimento as diversas faculdades da nossa alma, e de estender os nossos conhecimentos além do estreito recinto do paiz que habitamos. Comtudo he certo que muitos moços, quasi deslumbrados entre o falso resplendor da nova Filosofia, e o das Traducções em vulgar das Obras dos antigos, sempre fracas, e muitas vezes infieis, começárão desde o meio do seculo passado a olhar com affectado desprezo aquelle estudo. A combater este vicio he que se dirige o pequeno Opusculo do Sr. Müller: nelle mostra a necessidade que ha de se unir em estreito vinculo a cultura das Linguas e a das Sciencias, tratando-se nas Escolas de maneira, que se faça conhecer a dependencia que tem humas das outras: e ao mesmo tempo insiste em que o estudo das Linguas tenha por fundamento o estudo da Grammatica, e por objecto a lição e meditação da doutrina da antiguidade. Deste modo pertende reunir aquellas irmãs violentamente separadas; e repondo o estudo da Grammatica na sua primitiva honra e esplendor, faz que ella transcenda os acanhados limites da parte Technica, em que o commum de seus cultores supersticiosos a encerravão, e restitue ao seu dominio a Exegetica, e a Critica.

Defendidas estas Conclusões em Soest, voltou logo o Sr. Müller ao seu paiz natal, para seguir hum Curso de Theologia na Universidade de Gottinga, o qual concluio no fim de dous annos: periodo que só poderá parecer demasiadamente limitado, a quem não reflectir na particular constituição do ensino publico nas Universidades da Allemanha, e na maior facilidade com que hum moço versa-

bit Respondens Joh. Guil. Christianus Müller Gœttingensis. Susati, sumptibus Ebersbachii Typographi CIↃIↃCCLXX. 4.° de 28 pag.

sado por espaço de dez annos no Estudo das Linguas, da Historia, e dos outros ramos da Filologia, ha de vencer a carreira das Sciencias maiores, do que os outros, que apenas saudárão aquelles necessarios preliminares: pelo menos he certo que seus Mestres, Theologos de grande reputação entre os Protestantes, quaes forão Walch, Less, Miller, e sobre todos o eruditissimo Michaelis, não duvidárão cada hum de per si, e todos juntos em Corpo de Faculdade, attestar publicamente o muito que seu Discipulo se distinguíra, e as grandes esperanças que de si dava, merecedoras da estima de seus Patronos e Mestres (*a*).

Apenas concluira os Estudos Theologicos, entrou logo o Sr. Muller no serviço da Ordem Teutonica (*b*): mas foi este serviço de mui pouca duração, pois que estando a ponto de habilitar-se para occupar huma Cadeira Academica na Universidade, hum acontecimento que elle não previra, e que facilmente despertava e fortificava n'hum moço de vinte annos a natural inclinação de ver terras estranhas, o moveo a abandonar a promoção esperada, trocando Hanover por Portugal, e Gottinga sua Patria pela Cidade de Lisboa.

O Enviado de Hollanda na nossa Corte tinha antigamente hum Pastor da Religião, que se denomina Reformada; porém tendo-se aqui diminuido consideravelmente o numero dos Negociantes desta Seita, esteve muito tempo vago aquelle lugar; e o mesmo Enviado para receber a Cea, valia-se da chegada de Navios Hollandezes, ou de outras Nações, que trazião Pastor da sua Confissão.

Augmentando-se porém o numero dos Negociantes addictos á Igreja Lutherana, á proporção que se diminuião

os

(*a*) Estas Attestações forão passadas em Gottinga a 21 e 22 de Outubro de 1772.

(*b*) Não sei que qualidade de serviço prestou o Sr. Müller a esta Ordem; mas esta e outras noticias que vão espalhadas no corpo do Elogio, são tiradas da minuta original d'huma carta que elle escrevia pelos annos de 1803, a pessoa que o consultava sobre a sua Patria, Pais, e Estudos.

os da Reformada; pedirão os primeiros em 1768 ao Enviado d' Hollanda, que lhes fosse licito manter á sua custa delles hum Pastor Lutherano, com a condição de prégar, e exercer outros Officios Religiosos na Capella da mesma Legação.

Havido por tanto o consentimento do Ministro, e o dos Estados Geraes, veio o Pastor Schieving a Lisboa para exercer aquellas funcções: mas sendo chamado para Inglaterra em 1772, cuidou a Congregação Lutherana em alcançar outro Pastor, cuja designação commetteo por meio de seus representantes ao Dr. Miller, nesse tempo Reitor da Universidade de Gottinga, e successor do celebre Moshcimio. Julgou então aquelle Sabio que não havia pessoa mais capaz de acreditar a sua propria escolha, e de sustentar a reputação litteraria daquella Universidade, do que o seu Discipulo Müller: e assim o persuadio a que aceitasse hum encargo, que elle não pedia, e que muitos outros de balde sollicitavão.

Erão assás vantajosas ao moço Candidato as condições do contrato; principalmente na parte em que não era obrigado ao serviço daquella Congregação por mais de tres annos; findos os quaes, ficava em plena liberdade de continuar a viagem, que intentára fazer pelas Provincias da Europa, restituindo-se depois á sua Patria, na esperança de recolher hum honroso fruto de suas litterarias fadigas.

Apenas firmado o contrato, que lhe servia de titulo de vocação, em 25 de Outubro de 1772, partio o Sr. Müller de Gottinga para Bremen; e excitando nos Bremezes os testemunhos publicos de que vinha munido, huma prevenção favoravel de seus talentos para o pulpito, foi convidado para prégar na Cathedral daquella Cidade na Dominga XX. depois da Trindade; o que fez com tal graça e eloquencia, que mereceo ao Ministerio daquella Cathedral huma Attestação mui positiva da satisfação com que o ouvíra; e em virtude desta Attestação foi dispensado do costumado Sermão de prova, que devia preceder a sua Ordenação.

Foi

Foi esta Ordenação feita em Stade a 5 de Novembro, segundo o rito da Igreja Lutherana, depois d'hum Exame de Theologia perante o Consistorio Real e Eleitoral desta Cidade. Concluido isto, partio o novo Pastor immediatamente para Hamburgo; e desafferrando daquelle porto, se dirigio ao de Lisboa (*a*).

Creio que com justa razão nos podemos jactar, de que muitas cousas offerecia então esta Capital, que podessem interessar hum Estrangeiro, que havia empregado a sua mocidade na cultura das Lettras; e que era ávido de instrucção e de gloria. Em contraposição ao severo clima do Norte da Allemanha, á gothica construcção dos seus Edificios, e ao delgado vinculo da confederação, que unicamente unia as suas principaes Cidades, elle começava a habitar hum clima delicioso, via huma grande Capital resurgindo mais formosa d'entre as suas proprias ruinas, e hum governo unido e providente, que em todos os ramos da publica administração sustentava gloriosamente a honra do nome Portuguez. Ainda mesmo em materia de estudos era esta a época em que se não podiamos hombrear com as Nações mais instruidas, figuravamos ao menos no meio dellas com assás de dignidade; pois que então se reformava a Universidade de Coimbra, e se publicavão os seus Estatutos; então se estabelecião em todo o Portugal e seus Dominios as Cadeiras Regias dos Estudos menores, que com admiravel munificencia fazião chegar a primeira instrucção litteraria até ás Classes mais indigentes; e as mesmas Congregações Religiosas, seguindo em parte, e em parte prevenindo o impulso, que manava do Throno, ousavão passar além dos limites de seus acanhados e contenciosos estudos, applicando-se incansavelmente ás Linguas Orientaes, e a outros ramos de huma solida erudição.

Assim não podia o Sr. Müller deixar de se applaudir

(*a*) Póde-se ver a relação circunstanciada de tudo o que fica dito, a respeito da vinda do Sr. Müller a Lisboa, no « Armazem de Hannover » Supplemento ao N. 9. Sexta feira 29 de Janeiro de 1773.

dir da resolução que havia tomado, de fixar por algum tempo a sua residencia em Lisboa. Despido de todo o genero de orgulho, e de certas impressões menos favoraveis, que podessem ser effeito da sua educação litteraria ou religiosa, procurava conseguir a benevolencia e a amizade dos Portuguezes; frequentava a Sociedade dos homens sabios, e dos honestos cidadãos; e empregava o tempo que podia roubar ao seu penoso ministerio, no estudo da nossa Lingua, e dos importantes successos da nossa Historia.

A maior prova da sua affeição ao paiz que o recebera, he que no fim dos tres annos pelos quaes se tinha obrigado a servir de Pastor em Lisboa, soffreo de boamente, que se lhe prolongasse a convenção por outros tres annos; os quaes decorridos, assentou em renunciar por então ao seu primeiro projecto: e preferindo a vida pacifica, posto que obscura, que vivia entre nós, aos empregos talvez brilhantes que acharia em muitos paizes da Allemanha, casou-se em Lisboa (*a*), e aceitou a prorogação do anterior ajuste por tempo illimitado; continuando a servir do anno de 1781 em diante addicto á Enviatura Dinamarqueza, por Patente d' ElRei Christiano VII. (*b*) a cuja protecção a Feitoria Allemã sujeitára o Ministerio de Pastor da Congregação Lutherana.

Pouco depois desta época foi o Sr. Müller nomeado Socio supernumerario da Academia R. das Sciencias (*c*); e

(*a*) Foi casado com Anna Isabel Moller, de quem teve dous filhos e duas filhas: daquelles o mais velho, por nome Christiano Frederico Muller, foi primeiro Tenente da Armada R.· donde passou para o serviço da Grã-Bretanha, em que foi Capitão d' Infantaria; e falleceo em Cadis. O filho segundo chamado Daniel Pedro Müller, foi Cadete d'Artilharia, e he presentemente Tenente Coronel d' Infantaria com o exercicio de Engenheiro em S. Paulo, onde servio tambem de Ajudante d'Ordens. Dona Dorothea Müller he o nome da filha mais velha, casada com Jorge Pedro Moller, consideravel Negociante desta Praça; e Dona Guilhermina Müller o da filha mais moça, casada com Adolfo Frederico Lindenberg, tambem Negociante desta Praça, e Consul geral *ad interim* das Cidades Anseaticas em Lisboa.

(*b*) Dada em Copenhague a 2 de Maio daquelle anno.

(*c*) Na Assembléa de 24 de Outubro de 1787.

e então começa com a sua vida Academica a parte dos trabalhos litterarios, cuja relação mais póde interessar a esta Sociedade A direcção e classificação das Medalhas, que havia no nosso Museo, foi o primeiro destes trabalhos: ellas lhe forão incumbidas na Assembléa do 1.° de Setembro de 1788: e posto que no fim do anno seguinte se extinguissem as Commissões separadas dos differentes Estabelecimentos Academicos, para se reunirem n' huma Commissão unica e geral; he certo que o nosso Consocio continuou ainda muito tempo depois a applicar-se a este objecto; offerecendo generosamente á Sociedade em 1790 huma collecção importante de medalhas, que havia adquirido, e escrevendo huma Memoria sobre as Medalhas Portuguezas, que foi muito approvada pela Academia, e julgada digna de se ler na Assembléa publica do mesmo anno.

Foi o segundo daquelles trabalhos huma Memoria sobre origens Orientaes de palavras Portuguezas, lida na Assembléa de 12 de Novembro de 1788. Já nesse tempo o Sr. Fr. João de Sousa havia concluido e apresentado o *Lexicon Etymologico das palavras e nomes Portuguezes, que tem origem Arabiga*; mas o Sr. Müller não só estendeo a indagação das mesmas origens a outras Linguas Orientaes, que igualmente concorrerão para formar o nosso idioma; mas ousando confrontar os seus estudos na Lingua Arabiga com os daquelle sabio Asiatico, notou discretamente no exemplar do Lexicon, que conservava em seu poder, alguns passos desta Obra, que lhe parecerão dignos de illustração ou emenda.

Quasi por este tempo começava o Sr. Antonio Ribeiro dos Santos a dirigir os seus Estudos á *Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes*, sobre a qual tem composto muitas e eruditas Memorias. Este assumpto não podia deixar de despertar a curiosidade de hum homem versado no conhecimento da Lingua Hebraica, e que para assim dizer, fora educado no centro da Litteratura da Allemanha: por isso escreveo o Sr. Müller, como addição aos trabalhos

daquelle benemerito Socio, as suas Notas e Memorias sobre o mesmo objecto, lidas em algumas Assembléas do anno de 1790 (*a*), e que são o terceiro na ordem dos seus trabalhos Academicos.

Finalmente o ultimo destes foi a composição de Extractos das differentes Obras desta Sociedade, os quaes houvessem de ser remettidos para a Allemanha, a fim de se publicarem nos Jornaes litterarios daquelle Paiz (*b*). Sabemos que o Sr. Müller se applicou por algum tempo a esta espinhosa tarefa; a qual se fosse sustentada com maior constancia, talvez que os Estrangeiros agasalhassem mais fraternalmente as producções dos engenhos Portuguezes, e que com este incitamento se deliberassem a estudar melhor a nossa Lingua, para entenderem aquellas Obras nos seus proprios originaes. Oxalá que a Academia torne a tomar em consideração este objecto, como elle merece ser tomado!

Duas Cartas, que o Sr. Müller escrevia á Academia no anno de 1790 (*c*), mostrão quanto elle era cordialmente affeiçoado a esta Sociedade, e quanto lastimava que as continuas obrigações de hum ministerio ingrato, e a que não duvidava dar o nome de escravidão, o estorvassem de cuidar mais de espaço na continuação dos seus trabalhos litterarios. Porém chegou hum tempo, em que diversas e oppostas considerações, ou ellas fossem de interesse pessoal, ou domesticas, ou finalmente de importancia muito superior, não só fazião a sua situação em extremo desagradavel, mas perturbavão grandemente a tranquilidade do seu espirito: quando, no momento em que já estava resolvido a largar o peso do Pastorado, posto que vacillante ainda no seu ulterior destino, aprouve a Sua Magestade Fidelissima, que Deos guarde, mandar-lhe fazer pelo seu Minis-

(*a*) Nas Assembléas de 14 e 28 de Julho, e de 24 de Novembro.
(*b*) Deste trabalho foi incumbido por disposição da Assembléa de Concelho de 6 de Outubro de 1792.
(*c*) Em data de 12 de Outubro, e 17 de Novembro daquelle anno.

nistro o Ex.mo Sr. Marquez Mordomo Mór, a offerta de o admittir no Seu Serviço, sem que por isso se sujeitasse a qualquer condição, que elle podesse reputar equivoca ou desairosa. Com lagrimas de ternura, e de verdadeiro reconhecimento aceitou o illustre Estrangeiro hum offerecimento tão generoso; e cessando absolutamente a irresolução do seu espirito, não hesitou hum momento em vincular-se no serviço da Coroa de Portugal, aceitando a pensão vitalicia de oitocentos mil réis, que a Soberana lhe mandou assinar no Real Erario, por Decreto de 29 de Dezembro de 1790.

Huma só cousa lhe faltava para gozar plenamente dos direitos de Vassallo Portuguez, e era desemparar de todo aquella Religião que bebera com o leite, que aprendera com Mestres de grande reputação, e que elle mesmo ensinára pelo espaço de dezoito annos nas suas prégações e catequeses: mas ao espirito de duvida, que havia muito tempo o dominava, e que fora huma das causas da agitação da sua alma, devia-se naturalmente seguir o espirito de exame, livre e imparcial. O resultado deste exame, que ninguem prudentemente poderá taxar de dobre ou precipitado, foi a sua solemne profissão da Fé Catholica Romana, feita nas mãos do Ex.mo Sr. Bispo Inquisidor Geral a 23 de Novembro de 1791.

Desejando desempenhar a expectação da Soberana, e corresponder ao seu tão gracioso chamamento, não se poupou o nosso Consocio a trabalho algum para exercitar dignamente os honrosos Cargos, com que foi condecorado: e se pelo tempo adiante perdeo alguns delles, porque o interesse publico exigia a sua extincção, he certo que não podia isto influir no conceito, que justamente se formava á cerca do seu zelo e pericia, como de certo não influio (graças á Regia Liberalidade do nosso Soberano) para o perdimento de seus interesses e ordenados: assim mesmo este, a que chamarei infortunio, não deixou de amargurar muitas vezes as doçuras da sua vida.

A mercê de hum lugar ordinario, além do numero, de Deputado da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros, foi a primeira que lhe conferio Sua Magestade, pelo honroso Decreto de 16 de Maio de 1792 (*a*). Todos sabem que a este Tribunal estavão sujeitos dous ramos muito importantes da Instrucção publica, quaes erão a censura dos Livros, e a inspecção sobre os Estudos menores: o Sr. Müller trabalhou incansavelmente sobre estes dous objectos; e por sua morte achárão-se muitos apontamentos importantes, que naquella occasião escrevia, sobre a reforma, que a relaxação dos tempos, e a progressiva marcha das Sciencias, fazião já então necessaria no estabelecimento dos nossos primeiros Estudos. Mas hum fado sinistro parecia que acompanhava aquelle Tribunal: ameaçado com a extincção quasi desde que fôra regenerado, absorvido na censura de huma alluvião de escritos, perigoso parto da recente revolução de França, e apenas espectador do precipicio em que se hião despenhando os Estudos, tinha já este Corpo perdido huma certa energia, que em vão animava ainda a muitos dos seus membros: assim por huma medida de justiça, mas que não deixou de ser dolorosa ás Lettras Portuguezas, foi Sua Magestade Servida abolir por Lei de 17 de Dezembro de 1794 a Mesa que novamente restaurára, e que fôra hum dos monumentos da sabedoria do Governo de seu Augusto Pai.

A pezar desta extincção, o Sr. Müller ficou continuando a perceber o ordenado inteiro de Deputado, a titulo da nomeação de Censor Regio pela Mesa do Desembargo do Paço (*b*); e se desde então perdeo toda a influencia que

(*a*) *Querendo fazer uteis os conhecidos talentos e distincta Litteratura de João Guilherme Christiano Müller, que o fazem merecedor de toda a honra e consideração: Hei por bem fazer-lhe merce de hum lugar ordinario, além do numero e sem exemplo, de Deputado da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros, para o exercitar segundo o Regimento, em quanto com o dito lugar não for Servida empregallo em outra Commissão &c.*

(*b*) Passou-se-lhe Provisão em 10 de Setembro de 1795.

que havia tido na direcção dos Estudos, servio sempre na repartição da Censura com grande trabalho e desvelo.

Já por Carta Patente de Sua Magestade, datada de 30 de Junho de 1795, fora elle nomeado Traductor de Linguas na Secretaria do Concelho do Almirantado, concedendo-se-lhe depois a graduação de Official maior, e o uso do uniforme de Capitão de Fragata (*a*). As occurrencias da guerra maritima, e a actividade dos nossos Guarda-costas e Esquadras, fazião necessaria a nomeação de hum sujeito versado no conhecimento das Linguas vivas da Europa, que não só servisse de interprete dos Estrangeiros, que se dirigião ao Almirantado, mas soubesse traduzir hum grande numero de documentos e processos volumosos, escritos naquelles differentes idiomas. Trabalho arduo e inglorioso, que elle soppportou, até que a diminuição da Marinha de Portugal, occasionada pela mudança da Sede do Governo, e a sabia economia que demandava huma guerra assoladora, fizerão necessaria a extincção daquelle emprego na ultima reforma do Concelho do Almirantado.

No entretanto era encarregado por Ordem especial da Corte de outra Commissão mais agradavel e honorifica, qual era a de assistir a Sua Alteza Serenissima o Principe Christiano de Waldeck, Marechal dos Exercitos Portuguezes, durando a sua residencia neste Paiz. Mas em pouco mais de hum anno veio a perder com a prematura morte deste Principe (*b*) as repetidas provas de confiança, que delle recebera; sendo o ultimo e doloroso serviço que lhe prestou, o de apresentar verbalmente ao nosso Soberano as suas ultimas representações, e o de arranjar e inventariar por

(*a*) Na mesma Carta Patente assinou-se-lhe o soldo de 450$ rs. por anno. Este emprego era então novo e pessoal, e só entrou na organização regular do Concelho pelo Alvará de Regimento de 26 de Outubro de 1796. A graduação, e o uso do uniforme foi-lhe concedido pelas Portarias do Concelho do Almirantado de 27 de Maio de 1797, e de 6 de Outubro de 1798.

(*b*) Succedida em Setembro de 1798.

por Ordem Regia todos os papeis de importancia que elle deixára.

Acostumado aos vaivens da fortuna, que ora se lhe mostrava severa, ora risonha, recebeo ainda o Sr. Müller em 1801 a mercê de hum lugar de Director do Estabelecimento da Impressão Regia, pelo mesmo Decreto, que havia creado a Junta encarregada da sua direcção e administração; até que abolida por Sua Alteza Real nove annos depois esta Junta (*a*), veio a perder aquelle emprego, sendo desde então hum dos encarregados de rever e mandar correr as Obras, que se houvessem de imprimir na mesma Officina (*b*).

No anno de 1802 foi addicto por consentimento da nossa Corte ao serviço de S. A. R. o Principe Frederico Augusto, Duque de Sussex, que residindo então em Lisboa, e tendo retirado do seu serviço a James Trail, desejava ter junto a si outra pessoa, que presidisse ao governo da sua Casa, e em cujo conselho e experiencia podesse confiar. Os homens que fazem profissão do estudo das Sciencias, são commummente pouco cortezãos; mas o Sr. Müller teve occasiões de mostrar no espaço de dous annos, a sua habilidade nesta arte delicada; e de tal maneira alcançou a benevolencia e estima daquelle Principe, que quando S. A. se retirou para Inglaterra, não pôde resistir ao desejo de o acompanhar, e de lhe dar esta ultima prova de seu animo agradecido (*c*).

Comtudo a estada em Londres, posto que podesse lisongear o seu amor de saber, e a sua mesma vaidade, não foi

(*a*) Foi creada por Decreto de 7 de Dezembro de 1801, e extincta por Decreto de 21 de Maio de 1810.

(*b*) Por Aviso dirigido ao Desembargo do Paço, em data de 20 de Agosto de 1810.

(*c*) O Sr. Müller entrou no serviço do Principe Augusto depois de 13 de Junho de 1802, que foi quando se retirou para Inglaterra James Trail, que viera na companhia de S. A. na qualidade de seu Mordomo e Conselheiro; e acompanhou o mesmo Principe na sua sahida de Lisboa em Agosto de 1804, depois de ter obtido para este fim a licença da nossa Corte.

foi nada avantajosa nem á sua saude, nem aos seus interesses; assim em breve se recolheo a Lisboa (*a*), bem resolvido a não interromper mais o serviço que prestava ao nosso Soberano, ao qual tinha unicamente vinculada a sua fortuna, e toda a sua gloria.

Nos deseseis annos que decorrerão desde que o nosso Consocio entrou no serviço da Coroa de Portugal, até que se recolheo da viagem de Inglaterra, pouco tenho que dizer á cerca de seus trabalhos Academicos. Apenas acho nas nossas Actas, que em 1796 lhe fora remettida a Relação da Viagem, que o Doutor Francisco José de Lacerda fizera de Mato grosso para a Capitania de Santos, a fim de a traduzir em Latim ou em Francez, segundo elle mesmo propozera; que no anno de 1800 fora hum dos quatro Socios escolhidos pela Academia, para conferirem na fórma das Ordens de Sua Alteza Real, e darem o seu parecer sobre o melhoramento da administração do Correio; e que na Assembléa de 2 de Julho desse mesmo anno lera humas Reflexões sobre o modo de contar o primeiro e ultimo anno de cada Seculo: assumpto bastantemente frivolo, mas que assim mesmo tem exercitado o ocio de alguns Escritores, e que não se póde chamar de todo inutil, segundo a indesculpavel negligencia de muitos que fallão ou escrevem.

Mas posto que tantas e tão honradas Commissões privassem por muito tempo a Academia da util cooperação deste Socio, muito tem ella que agradecer á piedade do Principe seu Protector, por se dignar de escolher no seu seio muitas pessoas habeis para o manejo das administrações publicas; e ella toma para si a porção de gloria que lhe compete, quando vê que os seus membros, não se limitando ás theorias Academicas, sabem felizmente applicar os conhecimentos que adquirírão nos Livros, e no commercio dos doutos, a objectos praticos tão importantes, como são os que fundamentão a felicidade do Imperio.

Ape-

(*a*) Onde já estava no anno de 1806.

Apenas recolhido de Inglaterra, foi ainda o nosso Socio escolhido para ter huma parte muito principal n' hum vasto projecto litterario, formado fóra da Academia. Era este projecto ideado e favorecido por hum Ministro d' Estado, verdadeiramente zeloso da gloria litteraria da Nação; e que sendo Socio Honorario desta Academia, não tem contribuido menos com a autoridade, do que com o estudo, ao seu esplendor e prosperidade. Para este fim se tinha estabelecido no Palacio do Correio Geral huma Imprensa mandada vir de Inglaterra, cuja direcção foi dada ao Sr. Müller: porém no principio destas pacificas e innocentes tarefas, hum horroroso catastrofe, que nos seculos futuros fará a mais luctuosa época da nossa Historia, não só baldou os uteis projectos que então mesmo se formavão, mas o fruto de muitos trabalhos já emprendidos; deixando apenas aos verdadeiros Portuguezes o animo desempedido para chorarem a ausencia do seu Principe, e o abismo de desgraças em que vião a Patria sepultada.

Mas não profanemos a solemnidade deste dia com a recordação de tempos tão sinistros para as Lettras, e para os seus cultores: assás sôa ainda nos nossos ouvidos a expressiva voz, com que o nosso Consocio os descreveo neste mesmo lugar, ha hoje hum lustro (*a*): assim fixemos antes a nossa consideração naquella feliz época, em que expulsada a tyrannia, recobrou o nosso Instituto a sua primeira actividade; e em que, querendo resarcir as antigas perdas, se empregou na sua organização domestica, e na escolha dos membros, que havião de dirigir a sua administração economica, e as suas relações litterarias.

Foi na Assembléa de 30 de Novembro de 1809 que se elegeo o Sr. Müller, já então Socio Effectivo, para occupar o importante lugar de Secretario da Academia. Ornado de huma instrucção muito variada, livre de outras occupações publicas, que não tivessem huma relação immedia-

(*a*) Vej. o primeiro Discurso, impresso no Tom. III. P. II. das Memorias de Mathematica e Physica da Academia.

diata com a cultura das Lettras, e versado em todos os idiomas da Europa illustrada, com razão foi achado o mais proprio, não só para dirigir, se me he licito dizello assim, a nossa Litteratura domestica, mas para atar o quebrado fio da correspondencia com os Sabios e Academias Estrangeiras, logo que aprouvesse á Providencia romper a forte barreira, que separava humas das outras todas as Nações Europeas.

E com effeito a experiencia mostrou o acerto desta eleição; mas ha ainda outro aspecto, debaixo do qual he preciso consideralla. Privada esta Sociedade quasi repentinamente, por diversas e bem conhecidas circunstancias, de hum grande numero dos seus antigos membros, e precisando substituir a estes outros novos, e ainda não formados no antigo espirito que a animava; era necessario que as suas conferencias fossem dirigidas por hum homem, que a todos fosse aceito, e que soubesse aproveitar-se desta util disposição dos seus Consocios, para suffocar não já os effeitos, mas a mesma idéa de huma distincção tão perniciosa entre os membros de hum mesmo Corpo. Tal era o Sr. Müller: elle conservou em toda a sua inteireza o primitivo espirito desta Sociedade, mostrando na discussão de todos os seus interesses hum animo imparcial, e ao mesmo tempo conciliador; e sem affectar superioridade em cousa alguma, sabia destruir com hum dito engraçado, ou com a sua mesma imperturbavel pacacidade qualquer semente de discordia, que podesse ainda levemente perturbar a nossa mutua harmonia.

Assim quando se aggravárão consideravelmente as suas enfermidades, impossibilitando-o de assistir por algum tempo ás nossas Assembléas, a nenhum de nós deixou de ser sensivel a sua falta; de modo que elle se vio obrigado a fazer hum generoso sacrificio ao amor que merecia á Sociedade, apparecendo outra vez no meio della, com o espirito ainda são, mas quebradas já as forças e o vigor do corpo, para exercitar o seu Cargo por todo o resto do triennio.

Duas vezes fallou o Sr. Müller em nome da Academia, como seu Secretario, a saber, nas Assembléas publicas de 24 de Junho de 1810, e de outro semelhante dia de 1812. Estes Discursos contém a historia da Sociedade desde o tempo da ultima Sessão publica, que ainda fora presidida pelo seu saudosissimo Fundador. Deste modo pertendia que para o futuro se tratasse aquella historia, dividida em épocas determinadas, e exposta ao publico d' hum modo solemne, e na presença de toda a Academia: exemplo por elle aberto, seguido illustremente pelo seu Successor; e que nos deve servir de hum perpetuo incentivo, para não interrompermos os nossos trabalhos, e para fazermos cousas que nos conciliem a benevolencia dos Sabios, e que pareção dignas de serem historiadas.

Além destes Discursos, que se achão impressos no Tom. III. das nossas Memorias, leo o Sr. Müller em varias Assembléas Litterarias outros dous Opusculos; o primeiro dos quaes foi a traducção de hum Ensaio sobre a Litteratura Portugueza, tirado do *Quarterley Review* do mez de Maio de 1809; á qual traducção ajuntára copiosas notas illustradoras do texto (*a*).

Este Ensaio, que entre muitas reflexões assisadas sobre o merecimento dos nossos Classicos, tanto Poetas como Prosadores, contém cousas muito pouco exactas, e algumas demasiadamente puerís, como he a preferencia que dá entre os Poemas Portuguezes ao do Vieira Lusitano, não merecia a honra de ser traduzido por hum sabio, que bem estava capacitado da imperfeição daquella Obra; mas elle considerou-a debaixo de outra relação, qual era ministrar aos Portuguezes a occasião de saberem o conceito, que então se formava em outros paizes cultos da Litteratura da sua Nação; e dar-lhes azo de corrigirem os juizos de hum Escritor estranho, que achou todavia nossas producções litterarias dignas de estudo. Por isso o Traductor querendo dei-

(*a*) Foi lida na Assembléa de 7 de Julho de 1810.

BIBLIOTECA

deixar este campo livre para nelle se exercitarem os nossos Nacionaes, só cuidou em combater ou em illustrar nas notas aquellas cousas, que ácerca da mesma Litteratura Estrangeira se havião escrito no Ensaio com demasiada parcialidade, ou precipitação: o que era hir desafiar o inimigo nos seus mesmos entrincheiramentos, e offerecer-lhe hum novo genero de combate, que elle estava bem longe de esperar.

O segundo Opusculo tem por titulo: *Observações sobre o Glossario das palavras e frases da Lingua Franceza, que por ignorancia ou descuido se tem introduzido na Locução Portugueza, offerecido á Academia pelo seu Socio o Sr. Fr. Francisco de S. Luis* (*a*). Nestas Observações ajuntou o Sr. Müller certas regras geraes, que determinão os casos, em que não viciosamente se póde usar na nossa Lingua dos vocabulos Francezes, e algumas notas particulares sobre taes ou taes palavras, cujo uso não lhe parecia com justiça reprovado pelo sabio Author do Glossario. He neste Escrito que verdadeiramente se póde descobrir o fundo do incansavel estudo, que sobre a Linguagem Portugueza, e os seus Escritores Classicos havia feito o nosso Consocio; estudo por certo muito superior ao que commummente he licito esperar de hum Estrangeiro, e que assás honra a sua memoria. Se a pureza do seu estilo nem sempre correspondia á da linguagem, se ás vezes tomava demasiada liberdade em dar a vocabulos peregrinos o foro Lusitano; he preciso confessar, que a primeira cousa era hum effeito necessario da mui differente indole das duas Linguas Allemã, e Portugueza, que nunca podem ser bem manejadas por hum mesmo Escritor; e que a segunda he o resultado pratico quasi inevitavel de hum argumento de analogia, deduzido da grande semelhança que entre si tem os dialectos Germanicos, que sendo filhos de huma mãi commum, cada dia se enriquecem mutuamente; o qual argumento não tem a mesma

(*a*) Forão lidas na Assembléa de 18 de Março de 1812.

applicação aos idiomas do meio dia da Europa; pois ainda dado que tivessem semelhantemente huma só origem, e que esta fosse a Latina, he indubitavel que receberão depois mui diversas modificações, e que hoje quasi que desconhecem a sua pertendida filiação e fraternidade.

Quando em 23 de Novembro de 1812 se renovárão as Eleições Academicas na fórma dos nossos Estatutos, conheceo-se com universal sentimento que o Sr. Müller, que pelo lastimoso estado da sua saude era de muito tempo conduzido em braços para a Sala das nossas Sessões, não podia já sopportar o peso do emprego que occupava: porém então mesmo a Academia lhe deo a ultima prova de quão aceitos lhe havião sido os seus trabalhos, elegendo-o em Director da Classe de Litteratura Portugueza; officio que elle aceitou com reconhecimento, posto que nunca mais podesse apparecer na Academia, nem ainda sahir de sua casa.

E na verdade nos ultimos dous annos de vida aggravárão-se lastimosamente seus males com fenomenos mui raros e atormentadores: acommettimentos epilepticos amiudados, ainda que de breve duração, ameaçavão-lhe cada dia a morte; o estomago arruinou-se, pela inappetencia de todos os alimentos, e pela imperfeita digestão do pouco que tomava; a mão direita primeiro, depois a esquerda, e pouco a pouco as extremidades inferiores forão-se mirrando notavelmente, e perdendo muito da sua sensibilidade; de tal maneira que se vio reduzido a precisar do auxilio alheio para todas as funcções da vida. Neste lamentavel estado, que nunca perturbou a serenidade do seu animo, não só se entretinha na continuada lição, e na consoladora companhia dos seus poucos amigos, com quem simpatisava pelo caracter, e dedicação ás Lettras; mas tambem em dictar, ou mesmo em escrever para a Academia; pois que o amor a este genero de trabalho lhe fizera engenhosamente inventar huma maquina, com que podesse segurar a penna entre os dedos. Então cuidava em reduzir a ordem, para offere-

cer

cer a esta Sociedade, os curiosos apontamentos que fizera sobre a vida do nosso celebre Portuguez o Papa João XXI. Mas o dia 15 de Outubro de 1814 veio pôr termo a seus trabalhos litterarios, e a seus longos soffrimentos: depois de pedir e de receber os Sacramentos da Igreja, sem sombra de inquietação ou de remorso, exhalou a alma, rodeado da sua familia e dos seu amigos (*a*), que sempre delle se lembrarão com saudosa magoa.

Não he pelas Obras do Sr. Müller, que hoje se achão publicas, que a posteridade ha de fazer hum justo conceito de seu saber e erudição; estas são poucas, e escritas n' huma idade ou ainda pouco sasonada, ou já decadente: mas ella gostará provavelmente o fruto de muitos outros trabalhos, cujo conhecimento foi roubado á maior parte dos seus contemporaneos: pois que além dos Escritos de que já fiz menção, achou-se por sua morte hum grande numero de Apontamentos, huns mais extensos que outros, sobre muitos assumptos ou Litterarios, ou Politicos, ou Economicos, dos quaes a maior parte lhe servio de base á infinita quantidade de Censuras, e ás multiplicadas indagações e pareceres, que lhe erão pedidos por quasi todas as Repartições publicas.

Em quanto ás Obras escritas na Lingua Allemã, deixou huma ruma de Sermões doutrinaes sobre diversos assumptos, que prégou durando o seu Pastorado, tres dos quaes se imprimirão nesse tempo, sem intervir diligencia sua, fóra de Portugal (*b*); hum Commentario dos Lusiadas do

(*a*) A alguns destes devo as noticias que vão referidas neste Elogio: mas a nenhum devo mais neste particular, do que ao Sr. Thomé Barbosa de Figueiredo d'Almeida Cardoso, Official da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra; o qual me communicou de huma maneira muito officiosa as copias dos longos artigos, que já citei, tanto da Historia Litteraria de Putter, como do Jornal denominado *Armazem d' Hannover*; e tambem as dos Diplomas relativos aos empregos que obteve o Sr. Müller.

(*b*) Os dous primeiros forão prégados em Lisboa, na Capella da Legação Dinamarqueza, hum Sexta feira Santa, e outro Domingo de Pascoa de 1785, annunciando ambos huma collecta que se hia a fazer pa-

do immortal Camões (*a*); e algumas traducções em verso de varias Odes de Anacreonte, de Horacio, e de outros Poetas antigos; as quaes tem sido justamente applaudidas, não só pela feliz escolha dos originaes, mas por serem feitas por hum Escritor que os seus Patricios reputavão classico, e compostas n' huma Lingua, que pela natureza da sua construcção Grammatical, e pela sua particular prosodia, se presta mais do que nenhuma outra das modernas a este genero de trabalho.

Mas se o Sr. Muller roubou á maior parte dos que lhe forão contemporaneos as producções do seu engenho e applicação, he certo que tambem para elles viveo, e que a sua sabedoria nem era avarenta, nem infructuosa; assim se mostrou sempre de accesso facil a todos, e a todos prestadio: ou fosse manifestando os thesouros da sua numerosa e escolhida Livraria (unico movel precioso que deixou por sua morte); ou communicando o seu saber aos outros de diversos modos, e sempre com mui boa graça, e ainda com agradecimento (*b*); ou finalmente executando com igual facilidade e presteza trabalhos ás vezes arduos, que lhe erão encarregados por ordem ou insinuação superior; sem que por elles pedisse ou obtivesse recompensa alguma extraordinaria.

Comtudo he certo que ao seu proprio merecimento, e á Regia liberalidade dos nossos Soberanos, deveo os meios por que podesse passar com honrada independencia: e sem du-

---

ra a construcção de huma Capella do Culto Evangelico em Brünn na Moravia. Imprimirão-se juntos em hum folheto *in* 12. 1787. O terceiro he hum curto, mas bem tecido e pathetico Elogio funebre á memoria do defunto João Thomaz Startmiller, Consul Geral e Encarregado de Negocios da Prussia junto á Corte de Lisboa, por occasião de seu enterramento, feito a 17 de Agosto de 1787; o qual Elogio se imprimio naquelle mesmo anno em huma folha *in* 4.°

(*a*) Acha-se em poder do Sr. Adolfo Frederico Lindenberg.

(*b*) Algumas pessoas de qualidade de hum e outro sexo, cujos estudos forão dirigidos pelo Sr. Müller, e varios Socios da Academia a quem elle ensinou a lingua Allemã, testemunhão hoje isto mesmo de hum modo muito honroso á memoria de tão digno Mestre.

duvida estes serião superiores ás suas necessidades, e ao pequeno fasto do sabio, se não derramasse grande parte de seus bens, ás vezes com huma caridade muito engenhosa, no seio de familias infelices, algumas das quaes quasi que subsistião pelos seus piedosos soccorros.

Tanta e tão dilatada era a sua beneficencia! Mas a qualidade, que juntamente com o seu vasto saber, mais o recommenda a esta Academia, he o amor que sempre lhe consagrou: assim se mostra ella agradecida á sua memoria, espalhando hoje estas flores sobre a sua sepultura, e transmittindo o seu nome honrosamente á posteridade: n' huma só cousa mal advertida, para não dizer injusta; em soffrer que o elogio deste benemerito Socio perdesse muito do seu esplendor pelo estilo fraco e pouco exercitado do panegirista; e em esperar que na falta delle, eu mesmo podesse, supprindo as suas vezes, occupar dignamente o Lugar de Effectivo, que vagára por sua morte.

MEMORIAS

MEMORIAS
DOS
SOCIOS.

SIUM OF

GLOSSARIO

Das Palavras e Frases da Lingua Franceza, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na Locução Portugueza moderna; com o juizo critico das que são adoptaveis nella.

Por Fr. Francisco de S. Luiz,

Monge de S. Bento.

Do que se antigamente mais prezáram
Todos os que escreveram, foy honrar
A propria lingua, e nisso trabalháram.

Ferreir. Cart. III.

PREFAÇÃO.

TEntamos desempenhar nesta Memoria, se nossas forças o permittirem, o primeiro Assumpto proposto pela Academia Real das Sciencias no Programma de 1810, na Classe de Litteratura Portugueza, o qual consiste em hum *Glossario, ou Catalogo de palavras e frases, em que se mostre com toda a individuação as que são proprias da Lingua Franceza, e que por descuido ou ignorancia se tem introduzido na Locução Portugueza moderna, contra o antigo e bom uso, e principalmente as que forem contra o genio da nossa Lingua, e como taes inadoptaveis nella.*

Para executarmos este proposito, lemos muitas Obras dos nossos modernos Escritores, assim traduzidas do Fran-

cez, como originaes, que correm impressas; e nos servimos das observações, que já tinhamos feito, ou de novo fizemos sobre a sua linguagem, bem como sobre os vocabulos ou frases mais usadas na conversação familiar, nos escritos não impressos, e nos Sermões, e outros Discursos das pessoas litteratas, e dadas á lição dos livros Francezes; comparando-as com a locução dos nossos Classicos, e examinando-as á vista dos Diccionarios da nossa lingua.

Não presumimos assim mesmo de havermos cumprido pontualmente com o que a Academia deseja, por serem sobremaneira numerosos os termos e expressões Francezas, com que se acha desfigurada a natural formosura da nossa linguagem: mas trabalhámos por ajuntar neste Catalogo tudo o que nos pareceo mais notavel e digno de reparo, e por dar ácerca de cada cousa o nosso particular juizo e opinião.

Como não he do nosso intento censurar Escritor algum nomeadamente, julgamos escuzado citar as Obras, donde forão extrahidos os vocabulos e frases, que vão neste Glossario: mas quem tiver tido a curiosidade e o trabalho de ler as Traducções, e ainda outros Escritos dos nossos Portuguezes modernos, facilmente conhecerá que lhes não impomos erros, ou descuidos, em que não tenhão cahido muitas vezes.

O juizo que fazemos sobre cada palavra ou frase, a respeito de se poder, ou não, adoptar na nossa lingua, não o declaramos sem algum receio de errar; por quão difficil nos parece conciliar neste ponto os diversos gostos dos leitores, e ainda as varias opiniões dos eruditos Em geral tivemos sempre diante dos olhos esta regra «Que sendo o vocabulo ou expressão de boa origem, derivado conforme a analogia, e ao mesmo tempo expressivo, e harmonico, se podia adoprar e trazer á nossa lingua, ainda quando nesta houvesse algum synonymo, que exprimisse o mesmo conceito»: porque estamos persuadidos, que convem a qualquer idioma ter não só vocabulos correspondentes a cada idéa, mas ainda variedade delles com o mesmo significado; para

que

que o douto e avisado Escritor possa escolher a seu arbitrio, segundo a natureza e qualidades da sua composição, evitando a fastiosa repetição dos mesmos termos, e a cançada uniformidade da locução, e estilo.

Quando a alguma palavra ou frase, que nos parece inadoptavel, substituimos duas ou mais de bom cunho, e de igual significação; não queremos indicar que estas sejão sempre exactamente synonimas, ou que indifferentemente se possão empregar sem escolha e discrição, em todas as circunstancias; mas sim e tão sómente, que cada huma dellas póde em diversos casos traspassar com propriedade e energia a palavra Franceza, e supprir o gallicismo refugado.

Em alguns artigos ajuntamos, quando nos pareceo conveniente, exemplos classicos, que auctorisem o nosso juizo, ou verifiquem os modos de fallar menos usuaes, e pouco conhecidos: o que não será desagradavel aos leitores amantes da nossa lingua, nem parecerá superfluo aos doutos, que a sabem com perfeição, e que não carecem deste soccorro.

Das palavras technicas das Sciencias e Artes, por acaso mettemos alguma neste Catalogo; porque seria obra mui longa fazer menção de todas as que se tem innovado, e cada dia estão innovando: e porque entendemos que em rigor nos não competia julgar do merecimento dellas, e da sua boa ou má derivação; mas sim aos Professores dessas Artes e Sciencias, visto que cada huma dellas tem particulares preceitos, pelos quaes se deve dirigir na formação de seus proprios vocabulos, e linguagem.

Como no Programma da Academia sómente se requer o Catalogo das palavras, e frases Francezas, que se tem introduzido na nossa linguagem *moderna*; hesitamos em fixar a época, donde havia de começar o nosso exame: e attendendo a que nos principios do Seculo XVIII., e com o Reinado do Senhor Rei D. João V. começou a restauração da nossa Litteratura, e consequentemente o estudo e frequente lição dos livros Francezes, que tem sido a principal cau-

sa daquella introducção; resolvemos contar desde aquelle ponto a *idade moderna* da nossa lingua: e por isso mettemos tambem neste Catalogo alguns vocabulos, que já no tempo de *Bluteau* se hião usando, e de que elle fez menção ou no seu *Vocabulario*, ou no *Supplemento* a elle.

No fim do Glossario pomos em artigos separados alguns modos de fallar, que modernamente se tem tomado do Francez, e que não podião entrar na ordem alfabetica; porque constando pela maior parte de palavras todas Portuguezas, sómente se constituem gallicismos pela viciosa syntaxe com que são construidos, ou pela repetição indevida de certos vocabulos, e particulas, ou em fim pela sua errada disposição e collocação.

Finalmente aproveitamos esta occasião para advertirmos aos nossos Leitores, que além dos particulares gallicismos, que vão apontados neste Catalogo, se nota em quasi todas as nossas Traducções, e ainda em muitas das Obras originaes modernamente escritas, hum certo *pensar Francez*, o qual ainda mais que os vocabulos ou frases individualmente consideradas, altera a fórma original do idioma, e lhe dá hum colorido estrangeiro, e alheio da sua natureza.

Este *pensar Francez*, que melhor se entende do que se explica, não resulta de hum ou outro gallicismo, que indevidamente se haja introduzido, e que com facilidade se póde corrigir e evitar; mas consiste em tomarmos do Francez hum modo particular de tecer o discurso, e hum certo ar, geito, ou estilo de fallar e escrever, que he proprio daquella lingua, e que não conforma com a indole, genio, e caracter da lingua Portugueza.

Duas são as principaes causas deste grande e mui geral defeito. A primeira: a frequente lição dos livros Francezes, quando quem os lê não está sufficientemente premunido com o estudo e conhecimento da sua propria lingua, para evitar o perigo de contrahir na locução habitos, que lhe são contrarios. A segunda: a falta de hum bom Diccionario de ambas as linguas, aonde se veja com clareza

e

e precisão a mutua correspondencia de vocabulos e frases, e o differente caminho, que cada huma segue para explicar os seus conceitos.

Para se atalhar aos effeitos, já demasiadamente extensos, destas duas poderosas causas, hum só remedio propomos e recommendamos aos nossos Leitores, o qual consiste na assidua lição dos Classicos, que melhor possuírão a nossa lingua, e nella escrevêrão. Nelles acharáõ hum thesouro de vocabulos e frases, com que possão exprimir não só exactamente, mas até com desenfastiada e elegante variedade, as suas idéas e conceitos, sem mendigarem dos estranhos o que tem de superabundancia na sua propria patria. Nelles aprenderáõ a maneira verdadeiramente Portugueza de tecer o discurso, de ordenar e arranjar todas as partes delle, e de ornamentalo com aquellas graças, e modos graves e desaffectados, que são proprios do idioma, e que o fazem igual aos melhores da Europa, e superior a alguns dos mais copiosos e polidos. Por elles em fim chegaráõ a formar huma idéa adequada das relevantes qualidadas da nossa lingua; a dar-lhe a estima e preferencia, que ella nos merece; e a restituir-lhe a sua natural belleza e formosura, desacompanhando-a dos ornamentos e modos estrangeiros, que tanto a tem desfigurado.

A.

A. Com esta particula exprimimos em Portuguez a connexão, e correlações, que o entendimento concebe entre os objectos significados pelos nomes, a que ella se ajunta. Os seus multiplicados, e mui varios usos sómente se podem conhecer pela assidua lição dos Classicos, reflectindo nas differentes circunstancias, em que elles a empregão. Notaremos com tudo aqui algumas frases, em que ella nos pa-

parece usada á maneira dos Francezes, para que se faça reflexão nellas, e se possão corrigir parecendo necessario.

Este desprezo ás *formalidades legaes* &c. i. e. este desprezo *das* formalidades &c.

Ameaçado a toda a hora a *perder a vida* i. e. *de* perder.

Este Official foi encarregado a *fazer segunda tentativa* i. e. encarregado *de* fazer &c.

Equações a *dois termos* — a *duas incognitas* i. e. de *dois termos* — de *duas* &c.

Obra conduzida de maneira a *poder excitar sedições* i. e. de maneira *que* podesse excitar ou *que* podia &c.

Trabalhava-se a *formosear a Cidade* i. e. *em* aformosear, ou *por* aformosear, ou *de* aformosear a Cidade &c.

Nada mais resta a *dizer-vos* — *Tinha queixas* a *formar* — *Nada tinha* a *temer* — *O tempo que tenho* a *viver* — &c. i. e. nada mais resta *que* dizer-vos — tinha queixas *que* formar — nada tinha *que* temer — o tempo que tenho *para* viver &c.

ABANDONADO: (*abandonné*) tomado como substantivo por homem *devasso*, *solto nos vicios*, mulher *perdida*, *de costumes estragados* &c. he gallicismo escuzado.

ABANDONO: (*abandon*) Não tem auctoridade classica a seu favor; mas o uso o vai adoptando, e já o achamos no Alvará de 12 de Fevereiro de 1795, e na Cart. Reg. de 18 de Maio de 1801.

ABBADE: (*Abbé*) Todos sabem o uso legitimo deste vocabulo em Portuguez. Os Francezes o applicão como *prenome* a todos os Clerigos, e ainda aos que trajão como Clerigos, e dizem v. gr. *l'Abbé Condillac*, *l'Abbé Marie* &c., que os nossos Escritores traduzem *o Abbade Condillac*, *o Abbade Maria*. Não ousamos reprovar este uso tão geralmente adoptado, maiormente attendendo a que os nossos Classicos transportárão para o Portuguez, com semelhante razão, os prenomes estrangeiros *Monseor*, *Mossem*, *Misser* &c. &c. Mas em Portuguez corrente dizemos *o Padre Pereira*, *o Padre Vieira*, *o Padre Almeida*, &c., e só quando o sujei-

jeito tem realmente a dignidade de *Abbade* he que lhe damos em Portuguez esse como *prenome*, ou titulo, dizendo v. gr. *o Abbade Barbosa Machado* &c.

ABERTURA: (*ouverture*) significa em Portuguez a *acção de abrir*, e no fig. a acção de principiar algum acto, v. gr. *a abertura da porta*; *a abertura do Concilio*, *da Universidade* &c. Tambem se usa com a significação de *aberta*, *fenda*, *greta* &c.: mas dizer *aberturas* por *primeiras proposições*, ou *propostas preliminares*, que se fazem em qualquer negociação, parece gallicismo contrario ao uso da lingua, e desnecessario.

ABORDO: (*abord*) Temos visto empregado este vocabulo para significar o *acolhimento*, que huma pessoa faz a outra. Neste sentido se diz que *alguem he de facil*, ou *difficil abordo*, i. e. *accessivel*, *conversavel*, *communicavel*, ou *inaccessivel*, *intractavel*, *incommunicavel*, de *facil* ou *difficil accesso* &c.

ABRUTECIDO: (*abruti*) Parece innovação escuzada, visto termos o adjectivo *embrutecido*, que diz o mesmo. Com tudo ha em Portuguez alguns vocabulos, que sendo compostos com as duas particulas *a*, e *em*, conservão significação identica, como por ex. *apossar* e *empossar*; *acostar* e *encostar*; *aparamentar* e *emparamentar*; *asenhorear-se* e *ensenhorear-se* &c.

ABSURDIDADE: (*absurdité*) He escuzado em Portuguez, aonde temos *absurdo*, *desproposito*, *disparate*, e talvez *desvario*, *desatino* &c.

ABUSADO: (*abusé*) por *enganado*, *illudido*, parece gallicismo. Os nossos Diccionarios não trazem este adjectivo; mas vulgarmente se diz *homem abusado* o que crê em *abusões*, ou em *ridiculas opiniões populares*: e *Madureira* na sua *Orthografia* diz algumas vezes: *este vocabulo anda abusado*, i. e. *erradamente escrito*, ou *pronunciado.*

ACANTONAR: *Acantonado*: *Acantonamento*: (*cantoner* &c.) São vocabulos derivados modernamente do Francez *cantoner*, *cantoné* &c. Tinhamos em Portuguez *acantoar*, e *acantoado*, *en-*

encantoar, e *encantoado*, compostos e derivados do simples *canto*, com a significação de *pôr ao canto*; e figuradamente *viver em retiro*, *fóra da conversação da gente* &c. Mas *acantonar* e *acantonado* no sentido, que hoje se lhes dá, sómente podem ser derivados do Francez *canton*, i. e. *bairro*. Os nossos bons antigos dizião *alojar*, *aquartelar*, *alojamento*, *aquartelado*, &c. Com tudo o Diccionario da Academia já traz *acantonado*, e *acantonar* com nota de *termos militares usados*, e na Cart. Reg. de 5 de Janeiro de 1797 vem *acantonamento*.

ACTIVAR: He tomado modernissimamente do Francez tambem moderno *activer*, e significa *diligenciar*, *zelar*, *promover com zelo e actividade* &c. Não o julgamos necessario, ainda que tenha boa derivação.

ADEPTO: (*adépte*) Significa geralmente o que he *iniciado* nos principios ou dogmas de alguma seita. He termo scientifico, e originariamente latino, e por isso adoptavel.

ADRESSE: He vocabulo puramente Francez, que não tem lugar na nossa lingua. Significa *memoria*, *memorial*, *representação*, *petição*, ás vezes *epistola dedicatoria*, *sobrescrito*, ou *bilhetinho*, que ensina a dar com huma rua, ou com a morada de alguem &c.

AFFARES, ou *Affaires*: He tambem palavra puramente Franceza, da qual diz *Bluteau* que alguns, no seu tempo, a querião introduzir como necessaria, *quando se falla em negocios politicos*, mas que outros a julgavão superflua. O uso geral decidio a favor dos ultimos, e com justa razão, ao nosso parecer. Hoje apenas se acha em alguma pessima traducção. Na Provincia de *Entre Douro e Minho* (e não sabemos se tambem nas outras) he mui vulgar o vocabulo *afazeres* no sentido generico de *negocios*, *occupações* &c. v. gr. *gastei o tempo em varios afazeres*: *não posso com tantos afazeres*, &c. &c.

AFFECTADO: por *movido*, *commovido*, *tocado* de algum sentimento ou paixão, he gallicismo, que se deve evitar, por ser contra o uso da nossa lingua, e por causa da homo-

monymia. Algumas vezes se exprimirá bem por *abalado* como neste lugar da *Vid. do Arceb.* L. 2. C. 19: *neste passo se sentio subitamente* abalado *de hum desejo de consolar e animar aquella santa innocencia*, e outras vezes por *impressionado* do verbo *impressionar* elegantemente usado por Vieira no Tom. 2. das Cartas, Cart. 95, onde diz: *não fazendo eu caso de nada disto, como tão costumado a padecer falsidades, o que não pude deixar de sentir muito foi chegarem estas a S. Magestade, e se deixar* impressionar *tanto dellas, que disse a meu sobrinho* &c.

AFFIXAR: He hum vocabulo Portuguez, que significa *pregar em lugar público* v. gr. hum edital, hum cartel, hum aviso &c. mas *affixar a incredulidade, affixar o engenho* &c. he gallicismo intolleravel, em lugar do qual diremos *fazer alardo, fazer gala, fazer timbre da incredulidade*; *ostentar de engenho, pavonear-se de incredulo, basofiar de engenhoso* &c.

AFFIXE: por *cartel, edital, papel que se affixa em público, aviso*, e ás vezes *pasquim*, he puro Francez, mal derivado para a nossa lingua, e desnecessario.

AFFROSO: (*affreux*) por *horrendo, horrivel, espantoso, medonho* &c. he gallicismo grosseiro e intoleravel.

AGUERRIDO: *Aguerrir-se*: São vocabulos tomados immediatamente do Francez *aguerri, s'aguerrir*, e hoje mui frequentes entre nós. D'antes diziamos exercito *guerreiro*, soldados *guerreiros, acostumados ás armas, afeitos á guerra, usados ás armas, á guerra*; ou *usados na guerra*; *endurecidos, instructos, adestrados, experimentados, amestrados na guerra*: *acostumar-se, afazer-se á guerra, ás armas* &c.

ALAMBICAR: *Alambicado*: São tomadas do Francez *alambiquer* e *alambiqué*, que em Portuguez dizemos *estillar, estillado*, ou *destillar*, e *destillado*. Tem boa origem na palavra *alambique*, e *Bernardes* Nov. Flor. Tom. 1. pag. 223 o usou já no sentido figurado, dizendo: *affectão com as suas Cloris esta pureza de amor alambicado.* O Diccionario da Academia o traz, ainda que com a nota de *pouco usado*, citando o proprio lugar de *Bernardes*. Nós não o julgamos pro-

prio do estilo grave, e muito menos da eloquencia do Pulpito, aonde o temos visto empregar muitas vezes com ridicula affectação. Assim, em lugar de *razões alambicadas*, *estilo alambicado* &c. diriamos *razões sutís*, *sutilezas*, *agudezas*, *pensamentos exquisitos*, e *remontados*, *estilo requintado*, &c. &c.

ARARMA: *Alarmar*: *Alarmado*: (*alarme*, *alarmer*, *alarmé*) O primeiro destes vocabulos parece ser tomado por nós dos Hespanhoes, e já foi empregado por *João Franco Barreto* na *Eneid. Portug.* L. 9. Est. 111, e L. 11. Est. 102. Por este motivo não ousamos reprovallo, maiormente conservando-se no nosso idioma outros semelhantes vocabulos derivados da mesma lingua, como são *ElRei*, *alapar*, *alfim*, e tambem *a la moda* que he de Vieir. Tom. 1. dos Serm. pag. 459. Comtudo o uso mais geral tem quasi excluido da lingua Portugueza estes vocabulos de composição estrangeira, á excepção do nome *ElRei*; e nós prefeririamos sempre dizer *a par*, *em fim*, *á moda*, e tambem *á arma*, ou *ás armas*, como commummente se lê nos Classicos. O verbo *alarmar*, e o adjectivo *alarmado* parecem-nos compostos contra a analogia da nossa lingua, onde não temos observado vocabulo algum, que seja composto de *preposição* junta com o *artigo*, salvo nos derivados do Arabe. Por onde em lugar de *alarmar* diriamos antes *tocar arma*, ou *á arma*, ou *ás armas*, *dar rebate*, *repicar*, que he de *Barros*, &c. e no sentido figurado *atemorizar*, *assustar*, &c. O adjectivo parece que sómente tem uso neste ultimo sentido por *assustado*, *atemorizado*, *espantado*, e não o julgamos de modo algum adoptavel.

ALTERADO: (*alteré*) por *sequioso*, *ávido*, *sedento*, he gallicismo grosseiro, e má traducção da palavra Franceza *alteré*, que tem ás vezes aquelle significado.

AMBICIONAR: *Ambicionado*: parecem tomados immediatamente do Francez *ambitioner* e *ambitioné*: mas são necessarios para evitar circumloquio, tem boa origem, e são con-

conformes com a analogia. V. *Bluteau* no *Suppl. ao Vocabul.*, e o *Diccion. da Acad.*

AMOBILAR: *Amobilação.* Veja-se *Moblado.*

AMPARAR-SE: (*s'emparer*) por *senhorear-se*, *apossar-se*, *apoderar-se*, *asenhorear-se* &c. he gallicismo grosseiro, e intoleravel.

ANECDOTA: (*anecdote*) Este vocabulo, que parece haver sido tomado immediatamente do Francez, ainda que de origem grega, está hoje adoptado entre nós pelo uso geral das pessoas doutas. Vej. *Blut. Supplem.* palavr. *Anecdotos.*

ANIMOSIDADE: (*animosité*) *Em Francez significa rancor* (diz *Bluteau*) *e na media latinidade valor*: *em Portuguez se usava em lugar de insolencia. Pareceo que não devia admittir-se nas primeiras significações, e usar-se pouco na segunda.* Tal foi a decisão da Sociedade Litteraria, que com o nome de *Conferencias Eruditas* se ajuntava na Bibliotheca do *Conde da Ericeira*, na Sessão de 26 de Fevereiro de 1696, como se vê das *Prosas Academ.* de *Bluteau* P. 1. pag. 17. O mesmo Bluteau porém o traz no *Vocabul.* como adoptado na significação de *valor*, *ousadia*, e tambem *insolencia.* Vej. o *Diccion. de Moraes.* Na significação de *rancor* parece ser empregado no Alvará de 13 de Novembro de 1756, aonde se diz: *prisões e pleitos, que não terião outros objectos, que não fossem a* animosidade *e vexação*, e neste mesmo sentido he usado no Foro. Por *ousadia*, ou *insolencia* he de *Jacintho Freir. Vid. de Castro* L. 4. §. 59. *o qual* (Governador) *logo que entendeo que o Governo Politico se queria adjudicar a direcção da guerra, reprendeo asperamente sua* animosidade &c.

ANNUIDADE: He palavra modernamente tomada do Francez *annuité* para significar em geral qualquer *renda*, ou *consignação annual*; e mais em particular *aquella que o devedor satisfaz annualmente, e por certo numero de annos ao crédor, na qual se comprehende a renda do capital, e huma parte deste, de sorte que no fim do prazo fique o devedor livre, e a divida extincta*: ou tambem huma *renda annual e*

vitalicia, *sobre certo capital*, *o qual*, *por morte*, *fica ao que se obriga a pagalla.* Acha-se este vocabulo nos Decretos de 29 de Outubro, e 7 de Novembro de 1796, e como tem huma significação determinada, e restricta, que se não exprime bem por outro algum vocabulo Portuguez, o julgamos adoptavel, e necessario.

APARTAMENTO: (*apartement*) por *quarto* de casas, *camara*, ou *Retrete*, parece gallicismo, que hoje soaria mal nos ouvidos cultos. Tem comtudo a seu favor a auctoridade de *Sa de Miranda*, *Moraes* no *Palmeir.*, *Vieira*, e outros. Vej. o *Diccion. da Academ.*

APATHIA: *Apathico*. Estes vocabulos, que por ventura forão tomados immediatamente do Francez *apathie*, e *apathique*, tem origem Grega, e são adoptados na linguagem scientifica, e no uso geral dos homens doutos. O primeiro exprime propriamente a *carencia de paixões*, a *incapacidade de sentir affecto algum*, a *estoica insensibilidade* de certas pessoas, que com nenhuma cousa se abalão &c. O segundo significa o homem que tem aquellas qualidades, que he *insensivel*, que *não tem affectos*, que he *incapaz de paixões* &c. e diz-se tambem analogamente do homem *deleixado*, *inerte*, *indolente*, *que de nada cura* &c.

APROVISIONAR: *Aprovisionado*: *Aprovisionamento*: São vocabulos trazidos do Francez, conformes com a analogia da nossa lingua, e hoje adoptados pelo uso geral. Dizem tanto como *prover*, *bastecer*, *fornecer*, *municionar* — *provido*, *bastecido*, *fornecido*, *municiado* — e *provisão* ou *provisões*, *provimento*, *fornecimento*, *munições*, *bastimentos* &c.

ARABESCO: diz *Bluteau* no *Suppl.* que he termo da Arte de Pintura tomado do Francez *Arabesque*. He necessario em Portuguez, visto que não temos outro, que exprima precisamente a mesma idéa.

ARMADA: (*armée*) na significação de *exercito de terra*, ainda que por acaso se ache em algum dos nossos Classicos, hoje todavia he contrario ao uso geral, e sôa a gallicismo.

AR-

ARMISTICIO: por *trégoas*, ou *suspensão de armas* parece ter-nos vindo immediatamente do Francez *armistice*. *Bluteau* no *Supplem.* diz que os militares o havião introduzido de pouco tempo. Hoje he adoptado, e auctorisado.

ARRANJAR: *Arranjo*: *Arranjamento*: &c. Parecem tomados do Francez *arranger*, *arrangement*, e significão *pôr em ordem*, *coordenar*, *arrumar* &c. Não o achamos nem no *Vocabul. de Bluteau*, nem no *Diccion. da Acad.*, salvo o verbo *arranjar* com a nota de *termo da Arte de Tanoeiro*: mas são por certo mui expressivos, e na Provincia do Minho tão vulgarmente usados da gente douta e indouta, que nunca os tivemos por de moderna introducção.

ARRIÇADO: *arrissado*: *erriçado*: *enriçado*: *heriçado*: *irriçado*: De todos estes modos achamos trasladado nas Traducções impressas o Francez *hérissé*. Não podemos concordar com os que tachão este vocabulo de gallicismo, visto que o achamos usado de muitos Escritores nossos da melhor nota: (Vejão-se os *Diccion.*) mas cumpre que se fixe a sua Orthografia, e que nos não esqueçamos dos outros modos de exprimir a mesma idéa, para com elles variarmos a frase, e evitarmos a fastidiosa repetição dos mesmos termos. Assim em lugar de *cabello*, ou *pello arriçado*, poderemos dizer *arripiado*, e talvez *estacado*: em lugar de náo *arriçada de artilharia*, náo *crespa* de artilharia &c. &c.

ASCENDENTE: (*ascendent*) por *influxo*, *influencia*, *superioridade*, *predominio*, *imperio* &c. que alguem tem sobre outrem, he gallicismo, que se deve evitar, por escusado, e por causa da homonymia. Em lugar delle diremos v. gr. o *poder*, o *predominio* da verdade — ter *imperio*, *influencia* sobre alguem &c. Comtudo *Bluteau* diz, que já no seu tempo se hia usando em Discursos Academicos.

ASSEMBLEA: (*Assemblée*) Acha-se adoptado pelo uso geral, tem a seu favor boas auctoridades modernas, e já foi usado por Vieira na Cart. 74. do Tom. 2. Vej. *Blut. Suppl.* e o *Diccion. da Academ.* He porém abuso intoleravel, e affectação ridicula chamar ao homem *assemblea maravilhosa de*

duas

duas naturezas differentes, como achamos escripto em huma Obra impressa.

ATACAR: *Atacado*: *Ataque*: (*ataquer* &c.) Ainda que todos estes vocabulos sejão mui proprios do idioma Portuguez, e se possão empregar sem violencia no sentido figurado, para significar por ex. os *ataques da inveja*, *da enfermidade*; *da fortuna*, *da adversidade*; *atacar o adversario na disputa*; *ser atacado de razões contrarias* &c. &c.; julgamos comtudo, que se faz delles uso immoderado, nascido da lição dos livros Francezes; e que se não devem desprezar, nem esquecer os vocabulos igualmente expressivos, e em certo modo mais Portuguezes, com que os nossos bons Escritores exprimem a mesma idéa. Assim diremos v. gr. *os insultos da inveja*; *os accommettimentos da molestia*; *os assaltos da adversidade*; *os accessos da febre*, *do furor*, *da colera*; *combater o adversario*; *ser salteado de tribulações* &c. &c.

ATTITUDE: que alguns erradamente escrevem *actitude*, e *aptitude*. (do Francez *attitude*, ou antes do Italiano *attitudine*) He termo das Artes de Pintura, Esculptura, e Dança, e parece adoptado pelo uso geral dos Artistas, e homens doutos. Os nossos Classicos dizião *postura*, *geito*, talvez *gesto*, *apostura*, &c. V. gr. Camões na bellissima descripção do gigante Adamastor Cant. 5. Est. 39.

O rosto carregado, *a barba esqualida*,
Os olhos encovados, *e a* postura
Medonha e má . . . . . .

E nas *Rimas* Od. 10.

O gesto bem talhado,
O airoso meneo, *e a* postura.

Mousinh. Affons. African. Cant. 8.

Os olhos poz no campo, *e divisava*
Hum Mouro na apostura *e segurança.*

Souz. Vid. do Arceb. L. 6. Cap. 7.

Mostrava a pintura huma companhia de gente a huma estante, *que nos gestos e trajo se divisava serem clerigos*, *e no* geito *cantarem.*

E

E no mesmo L. Cap. 8.

Os religiosos estavão com os olhos nelle, com hum geito *de gente que pasmava do que via.*

Fr. Marc. de Lisb. Chron. P. 1. L. 1. C. 78.

Segundo o affecto da oração, assim tinha o gesto *e continencia corporal.*

Usemos pois embora de *attitude*; mas não desprezemos os nossos bons, e igualmente expressivos vocabulos Portuguezes. *Aptidão* porém, em lugar de *attitude*, he hum erro grosseiro, que achamos em certa Traducção impressa, confundindo o Traductor, por ignorancia, ou descuido, a palavra *aptitude* com *attitude*, que tem diversa orthografia, e mui differente significação em Francez.

ATURDIDO: (*étourdi*) por *estouvado*, *desatteutado*, talvez *aloucado*, he gallicismo desnecessario.

AUCTORIDADES CONSTITUIDAS: He expressão inteiramente Franceza, e hoje todavia muito da moda entre nós. Os nossos Classicos, quando querião abranger todas as pessoas, que tem jurisdicção, e auctoridade, chamavão-lhes *Ministros publicos*; *Officiaes da Republica*; *Ministros e Officiaes Civis*, *Militares*, *e Ecclesiasticos*; ou *Ministros*, *Juizes*, *e Officiaes de Justiça*, *Fazenda*, *e Guerra*, *e Ecclesiasticos* &c. Hoje querem que se diga *Auctoridades Civis*, *Militares*, e *Ecclesiasticas*, que na verdade he expressão mais simples; mas a palavra *constituidas* he absolutamente superflua, e deve rejeitar-se; porque entre nós quem diz *auctoridade*, já suppõe que he *constituida*, e não o sendo, he *illegitima*, *usurpada*, e *abusiva*.

AUDACIOSO: (*Audacieux*) Não temos achado este vocabulo nos nossos Auctores Classicos, e comtudo não o reprovamos, visto ter boa origem, e analogia, e ser harmonico, e bem soante. Significa tanto como *ousado*, *audaz*, *atrevido*, *denodado*, *desenvolto em commetter qualquer empreza* &c.

AVANÇAR: (*avancer*) Tem suas significações proprias no nosso idioma: mas parece-nos gallicismo dizer v. gr.

não

não ha absurdo algum, que não tenha sido avançado *por algum Filosofo*, i. e. *ousadamente affirmado.* — *Sem fundamento* avançais *que a terra* &c. i. e. Sem fundamento *vos abalançais a affirmar*; ou sem fundamento *ousais affirmar* &c. *Avançar dinheiros* por *dalos adiantados*, e *sommas avançadas* por *adiantadas* &c. tambem são expressões tomadas do Francez, mas já naturalisadas entre nós, e empregadas até nos Papeis Ministeriaes. *Avanço* he de *Vieira*, que na *Inform. ao Conselh. Ultramar. sobre as coisas do Maranhão* pag. 109 diz: *Sobre a introducção da moeda, que tambem se propoz na mesma Carta com o* avanço *de cento por cento, não me atrevo a dar juizo* &c. (Vej. a respeito deste ultimo vocab. o *Diccion. da Academ.*)

B.

BAIXO POVO: *Baixo Clero*: (*bas peuple*: *bas clergé*) Estas expressões usadas com frequencia pelos nossos Traductores modernos tem resabio de gallicismo; e a segunda he tão alheia e impropria da nossa lingua, como indigna de ser adoptada em qualquer idioma polido. (Vej. a respeito da expressão *bas clergé* a judiciosa reflexão de *La Harpe* no Tratado *Du Fanatisme dans la langue Revolutionaire* §. II.) Em lugar de *baixo povo* diremos mais á Portugueza *plebe*, *gentalha*, *povo miudo*, *gente baixa* &c. E pelo que respeita á expressão *baixo Clero*, he de notar 1.° que a palavra *Clero*, na sua accepção mais generica, comprehende os *Bispos*, *Pastores*, *Sacerdotes*, e *Ministros* da Igreja Universal, ou de alguma Igreja particular, e neste sentido dizemos o *Clero da Igreja Catholica*, o *Clero da Igreja de Portugal*, o *Clero da Igreja de França* &c. 2.° que tomando a mesma palavra em huma accepção mais particular, distinguimos entre o *Clero* e o *Bispo*, e dizemos v. gr. o *Arcebispo de Braga*, *e o seu Clero*; *o Bispo do Porto*, *e o seu Clero* &c. Por onde quando quizermos fallar separadamente dos Bispos e do Clero, não diremos *o alto Clero*, e *o baixo Clero*, como introduzirão os Francezes, acaso por orgulho, e soberba do

seu

seu *alto Clero*: mas sim diremos com linguagem mais decente, e mais Theologica *os Bispos e o Clero*, ou *a Ordem Episcopal e a Clerezia*, separando deste modo as Jerarchias. Fallando sómente dos Bispos e Pastores subalternos, he tambem da linguagem Theologica dizer *os Pastores de primeira ordem*, *os Pastores de segunda ordem*, ou como se explicava Gerson: *os Prelados maiores*, *e os Prelados menores* &c.

BANCA-ROTA: (*banque-route*) He vocabulo adoptado para significar *fallencia de bens*, *quebra de negociante*, que não tem com que pagar as suas dividas, ou letras. *Fazer banca rota*, ou como dizião os nossos antigos *banco roto*, quer dizer *fallir*, *quebrar de bens* &c. Vej. *Blut.* no *Vocab.* e *Supplem.* palavra *Banco.* He notavel o uso que faz deste vocabulo em sentido figur. *Fr. Heitor Pint. Dial. da Lembr. da morte* Cap. 2. aonde diz: *qualquer que se faz amigo do mundo*, faz banco-roto *com Deos*, i. e. *quebra com Deos*, *rompe com elle*, ou *faz-se seu inimigo.*

BANDIDO: (*bandi*, ou *bandit*) por *banido* he de *Paiva*, *Vieira*, e outros. Hoje se usa tambem com a significação Franceza de *salteador*, *assassino*, *ladrão*, *malfeitor* &c. e como a primeira significação he auctorisada, não ha motivo de reprovarmos a segunda, que tem analogia com ella. Veja-se adiante a palavra *Brigante.*

BARRICAR: tomado modernamente do Francez *barricader* diz tanto como *entrincheirar*, ou atalhar com *tranqueira*, e *entrincheiramento* o passo de algum lugar. He gallicismo desnecessario, e vocabulo pouco expressivo na nossa lingua. O mesmo dizemos do substantivo *barricada*, por *trincheira*, *entrincheiramento*, *tranqueira* &c.

BASTONADA: por *pancada dada com bastão* he vocabulo tomado do Francez *bâtonnee*; mas não desdiz da analogia da nossa lingua.

BELLO ESPIRITO: (*bell'esprit*) Entre os Francezes he expressão, com que se significa o homem *de bom juizo*, que tem *engenho vivo*, *boa fantasia*, que he *discreto*, *avisa-*

do &c. Em Portuguez sôa a gallicismo, e indica affectação.

BELLO SEXO: (*beau sexe*) Não reprovamos absolutamente esta expressão, empregada para significar o *sexo formoso*, o *sexo feminino*, ou *as mulheres*: mas somos de parecer, que se deve usar com moderação, a fim de evitar affectação, e resabio de gallicismo.

BEM AMADO: (*bien-aimé*) *Meu bem amado*, *meu filho bem amado*, *minha esposa bem amada* &c. parece linguagem Franceza, e affectada. Em Portuguez mais corrente dizemos: *meu querido*, *meu filho mui amado*, *mui querido*, *minha esposa dilecta*, meu *dilectissimo*, meu *muito caro amigo* &c. &c. Comtudo, alem de vir auctorisado em *Moraes* com o *Docum. das Prov. da Hist. Geneal.* Tom. 5. fl. 441, tem analogia nas palavras *bem-aventurado*, *bem-afortunado*, *bem-acondicionado*, *bem-ditoso* &c.; e na modernissima Traducção de *Horacio* por *Elpino Duriense*, cuja auctoridade he para nós de grande peso, achamos:

E mais Latona, *do summo Jove*
A bem querida. L. 1. Od. 19.

BEM MAIS: *Bem menos* (*bien plus* ? *bien moins*) por *muito mais*, *muito menos*, sôa a gallicismo, e não se deve usar, ao menos com frequencia. E comtudo não negamos que o adv. *bem* se acha algumas vezes nos Classicos junto a outros adverbios, ou adjectivos, significando *quantidade*. V. gr. em *Paiv. Casam. Perf.* C. 6. «*bem mais quieto*» em *Bernard. Rim. Sagr.* «*bem melhor dia*»: em *Barreir. Trat. da Signif. das Plant.* pag. 335 «*bem d'antes lhe tinha prognosticado*»: em *Fern. Alv. Lusit. Transf.* L. 2. Pros. 9. «*bem junto de hum penedo*» &. &c. Porém a affectada frequencia póde fazer reprehensivel huma expressão que aliàs he boa, e classica.

BEM-SER: (*bien-être*) He gallicismo, e má traducção; porque o verbo *être*, nesta expressão, refere-se ao *estado*, e não á *essencia* ou *existencia*; e quando se julgasse necessario traspassallo tão litteralmente, devêra dizer-se *bem-estar* (como dizem hoje os Castelhanos) e não *bem-ser*. Em

Por-

Portuguez corrente podemos traduzillo por *prosperidade*, *felicidade*, *boa fortuna*, talvez *commodidade* &c. &c. Temos comtudo analogamente *bem-fazer*, *bem-querer*, *bem-viver* &c.

BIZARRO: *Bizarramente*: (*bizarre*: *bizarrement*) com a significação de *extravagante*, *extravagantemente*, i. e. *que se aparta do uso e termo commum de proceder*, são puros gallicismos, de que não temos necessidade. *Bizarro*, *bizarria*, *bizarramente*, em bom Portuguez significão *louçã*, *louçania*, *galhardo*, *galhardia*, *galhardamente*, e tambem *brioso*, *generoso*, *franco*, *liberal*, *primoroso* &c.

BOA-MANHÃ: (*de*) He má traducção do Francez *de bon matin*, que diz tanto como o Portuguez corrente *de madrugada*, *muito de madrugada*, *de manhã cedo*, *na primeira luz*, *ao romper do dia* &c. Com igual razão, ou semrazão, se traduziria a outra expressão *de grand matin* por *de grande manhã*, devendo dizer-se *alta madrugada*, *ao romper da aurora* &c.

BOAS-GRAÇAS: *Estar nas boas graças* do Soberano: *decahir das boas graças* &c. são outros tantos gallicismos inadmissiveis, em lugar dos quaes dizemos em Portuguez: *estar na graça do Soberano*, *lograr a sua benevolencia*, *decahir da graça*, *crescer na graça do Principe*, *arriscalla*, *merecella*, *subir a ella* &c. &c.

BOLETIM: (*bulletin*) Significa primeiramente *bilhete em que se dá recado para o Exercito*, donde tomamos a significação de *bilhete militar para apozentadoria dos soldados*, a que vulgarmente chamamos *boleto*. Hoje se diz tambem *boletim* por *diario*, *em que se participão ao exercito*, *ou ao publico*, *diariamente*, *as operações dos differentes corpos de Tropas*: e finalmente se tem ampliado a mesma significação a qualquer *diario*, em que se communicão ao publico quotidianamente algumas noticias. He vocabulo propriamente Francez, que se deve empregar com discrição. (Vej. o *Diccion. de Moraes.*)

BOM DEOS: Temos achado muitas vezes esta expressão *o bom Deos*, traduzida palavra por palavra do Francez *le*

bon Dieu; e o mesmo *Moraes* na Traducção das *Recreações do homem sensivel* diz, não me lembra em que lugar: *Esperemos no bom Deos, que elle se compadecerá de nós.* Porém a nossa lingua não admitte esta expressão *com o artigo*, e nem costuma commummente, no estilo familiar, ajuntar epitheto algum á palavra *Deos*, que he por si só a expressão de toda a bondade, e de todas as perfeições.

BOM TOM: Chamão hoje os afrancezados *homem de bom tom* o que *traja á moda*, que *se attribue o bom gosto das modas*, e *cujas maneiras* e *modos de pensar e obrar são da moda.* Parece-nos expressão affectada, de que podemos carecer.

BONOMIA: (*bonomie*) Usa-se tambem hoje muito nas conversações, e talvez em obras impressas. Os Francezes o derivárão modernamente, segundo parece, da expressão *bon-homme.* Nós poderemos traduzillo por *simpleza*, *sinceridade*, *ingenuidade*, *singeleza*, *bondade*, *simplicidade de animo* &c.

BRIGANTE: Os nossos Escritores modernos tem usado deste vocabulo, acaso por não acharem outro, com que exprimir a idéa completa do Francez *brigand.* Nos Diccionarios Francezes-Portuguezes *brigand* significa *ladrão*, *salteador*, *assassino*, *concussionario* &c. Poderemos tambem algumas vezes traspassallo em hum sentido mais generico por *malfeitor*, *malvado*, *facinoroso*, *desalmado* &c., e com muita propriedade por *bandido.*

BROCHADO: *Brochura*: (*broché*: *brochure*) São termos da Arte de *Encadernador de Livros*, que o uso geral, e a necessidade parece terem adoptado. D'antes diziamos por *brochado* livro *encadernado em papel*, e por *brochura*, *folheto*, ou *caderno.*

BRUSCAMENTE: (*brusquement*) He gallicismo escusado. Em lugar de *sahir bruscamente* diremos *precipitadamente*; *respondeo bruscamente* i. e. *asperamente*, *secamente*, *sacudidamente*: tratar alguem *bruscamente*, i. e. *desabridamente*, *com esquivança* &c. Temos com tudo em Portuguez o adjectivo

brus-

brusco i. e. *escuro*, *annuviado*, donde dizemos *dia brusco*, *tempo brusco*, *athmosfera brusca* &c. D'aqui derivamos para o sentido fig. *homem brusco*, *semblante brusco*, i. e. *triste*, *carregado*; e neste sentido, formando o adverbio *bruscamente*, diriamos v. gr. *respondeo bruscamente* i. e. *tristemente*, *carregadamente*, *com carregume* &c. Mas esta parece não ser a propria significação do adv. Francez *brusquement*.

C.

CABOTAGEM: *Cabotar*: São gallicismos, que hoje se vão introduzindo, e que, ao nosso parecer, se devem corrigir. Por *cabotar*, temos o Portuguez *costear*, que he classico, e significa *navegar costa a costa*: e por *cabotagem* dizemos *navegação de costa a costa*; mas se quizermos exprimillo por hum só vocabulo, ¿por que não diremos *costeagem*, ou *costeação*, assim como de *marear* dizemos *mareagem*, ou *mareação*?

CADASTRO: He tomado do Francez *cadastre*, que significa *Registro publico*, *Lista*, ou *Encabeçamento*, em que se contém o genero, e valor das terras de cada comarca, e o nome de quem as possue. Poderia exprimir-se muito melhor por *censo*, que não he desconhecido na nossa lingua neste mesmo sentido, e que vem do latim *census* i. e. *descripção e estado exacto dos nomes*, *bens*, *idade*, *e condição dos cabeças de familia*, *feita perante os Magistrados* &c. Tambem se poderia exprimir por *Alistamento geral*, ou *Recenseamento* &c. Comtudo *cadastro* já vem usado nos Papeis do Governo.

CALCULADO: Temos em Portuguez *calcular*, e *calculado*, com a sua primaria significação de *contar*, *contado*: mas no sentido figurado, quando se diz v. gr. *este papel foi* calculado *para produzir irritação*, e *não inclinação*: *déo huma resposta* bem calculada *para agradar* &c. parece novo em Portuguez o uso deste vocabulo, que todavia he expressivo e energico, e se não póde supprir por outro algum com igual

igual força de significar, maiormente quando de proposito queremos dizer, que tal discurso ou acção foi de tal maneira concebido, *ponderado*, e executado, que houvesse de produzir provavelmente o effeito que se pretendia.

CAMPANHA: (*campagne*) Este vocabulo he usado em sentido militar pelos nossos Classicos, que a cada passo dizem: *pelejar em campanha* aberta, *correr a campanha*, *acabar a campanha*, *campanha da primavera*, *peça de campanha* &c. Tambem dizem a *campanha de Roma*, entendendo *Territorio de Roma*. (Blut.) Mas tomado genericamente por *campo*, *campina*, pareceria hoje affectação de francezismo: comtudo acha-se em *Vieir. Serm.* Tom. 6. p. 390: *Morto está o Brasil, e ainda mal, porque tão morto e sepultado: fumeando estão ainda, e cubertas de suas cinzas essas campanhas.* Em *Jacint. Freir. Vid. de Castr.* L. 1. §. 62. « *tinhão ao norte huma pequena serra, donde descião algums rios sem nome, que aqui servião ao deleite, como á fertilidade da* campanha. » E modernamente no *Feliz Independ.* Liv. 19. « *¿ Quantas vezes se tem visto por esta só causa correrem tintos de sangue os rios*, as campanhas *inundadas de cadaveres*, *os incendios da guerra ateados?* » &c. E em hum Poeta de mui distincto merecimento, que não duvidou dizer:

. . . . . *e outras hervas*
A' luz colhidas da nascente lua
Nas campanhas *do Ponto e da Thessalia.*

E em outro lugar:

E á mal distincta luz da froxa lua
Sobre a raza campanha *Abracadabro*
Com huma curta vara quatro linhas
De circulos pequenos logo traga.

CARNAGEM: (*carnage*) Ha muito tempo se advertio, que o Portuguez *carnagem* não tem a mesma significação, que o Francez *carnage*. *Fazer carnagem* e *agoada*, dizem frequentemente *Barros* e *Castanheda* para significarem *fazer provimento de carnes e agoa*. O Francez *carnage* deve traduzir-se por *mortandade*, *matança*, *carniceria* &c.

CHE-

CHEFE D' OBRA: (*Chefe d'œuvre*) por *obra prima*, *obra perfeita*, *primor*, *perfeição* &c. he hoje mui usado, e *Moraes* no *Diccion.* cita em abono delle hum *Edital da Real Meza Censoria.* O mesmo *Moraes* o usa algumas vezes na Traducção das *Recreações do hom. sensiv.* Comtudo hum Philologo moderno de conhecido merecimento não duvidou reprovar este vocabulo, expressando-se da seguinte maneira a respeito delle: *Sempre se disse no nosso idioma* obra prima *por coisa bem acabada, ou excellentemente bem executada, a que os ignorantes da lingua chamão* chefe d'obra; *clausula absolutamente Franceza, que em nossa linguagem de nenhum modo póde ser admittida, por lhe não ser analoga, nem em sentença, nem em soido; por ser de rude e dissonante pronunciação; e porque no meio tem desagradavel cacafonia. Obr. Poet. de Franc. Dias Gomes*, Not. 7. á Od. V. Nós accrescentamos, que da mesma palavra *chefe* tomada só por só, se faz hoje hum uso immoderado, e digno de correcção. Pelo que em lugar de *chefe de familia*, *chefe do Estado*, *chefe do exercito* &c. &c. deveremos, ao menos algumas vezes, variar a expressão, dizendo com os nossos antigos *tronco*, *cabeça de familia*; *Cabeça do Estado*, *Cabo do exercito*, *da Armada*, *Cabeça da Provincia*, *da Comarca*, *Cabeças do povo* &c. &c.

CHICANA: (*chicane*) He palavra puramente Franceza, de que não temos necessidade alguma. Em Portuguez de bom cunho dizemos *trapaça*, *cavillação*, *enredo*, *tergiversação*, *dolo forense*, *rabulice* &c. *Sousa* na *Vid. do Arceb.* L. 4. C. 30 descreve os que usão da *trapaça forense*, dizendo: *Arampões erão huns avogados, que com* manhas e astucias *dilatavão as demandas, e entretinhão a justiça.*

CHOCAR: *Chocado*: *Choque*: (*choquer* &c.) Dizemos em Portuguez *chocar* por *dar huma bóla na outra* no jogo da *chóca*: d'aqui *chocarem os navios* por *encontrarem-se*, *embaterem huns nos outros*, *abalroarem*; e tambem *choque na guerra*, por *encontro de corpos inimigos*, briga entre elles &c. Porém no sentido figurado *chocar as opiniões*; *este procedimento chóca os bons costumes*; *as paixões se chocão entre si*; *o choque*

que dos interesses; *sofrer os choques da fortuna* &c. parecem gallicismos escusados, e que se devem evitar, maiormente no estilo culto, attendendo á idéa baixa e torpe, que talvez excita o verbo *chocar*. Diremos pois em melhor Portuguez: *combater*, *contrastar* as opiniões; este procedimento *offende*, *affronta* os bons costumes; as paixões *se combatem*, *se encontrão*, *contendem*, *pugnão* entre si, o *combate* dos interesses; *a pugna*, *e opposição* entre elles; sofrer os *encontros*, os *impetos*, os *contrastes*, os *revezes*, os *vaivens* da fortuna &c. &c.

COALIÇÃO: *Coalizado*: (*coalition* &c.) São vocabulos trazidos modernamente do Francez, e ao nosso parecer desnecessarios. Em bom Portuguez dizemos *liga*, *colligação*, *confederação*, *colligar-se*, *confederar-se*, e *colligado*, *confederado* &c.

COCAR: ou *Cocarda*: Bluteau o traz no *Suppl.*, e diz que significa *humas plumas levantadas no chapeo*. Modernamente se tem usado para significar o *tópe*, ou *divisa*, que tambem se traz no chapeo. He derivado do Francez *cocard*; e como temos com que o supprir em Portuguez, parece-nos que não he para se adoptar.

COMITE': Do Inglez *committee*, que significa *Junta de Deputados para examinar qualquer negocio*, tomárão os Francezes o seu *comité* com a mesma significação. Os nossos Portuguezes modernos o tem igualmente usado, conservando a propria pronunciação, e orthografia Franceza. Mas nós não o temos achado em proposição, ou discurso algum, em que se não podesse traduzir commodamente, e com propriedade, pela palavra *Junta*, ou *Commissão*, e por isso o julgamos escusado.

COMMANDAR: *Commandante*: *Commando*: São termos militares tomados do Francez *commander* &c., e hoje adoptados no nosso idioma. Em lugar delles diziamos d'antes *mandar* o exercito; *mandar* huma armada; *capitanear* a gente de guerra; *ter mando* della; *ter cargo* de huma batalha; pelejar debaixo do *mando* e *Capitania* de alguem &c. *Cabo* por

Com-

Commandante tambem he vulgar nos nossos Classicos. *Commandamento* por *commando* parece-nos não ser approvado pelo uso, e muito menos na significação generica de *preceito*, *ordem*, *mandado* &c.

COMMISSIONADO: (*commissioné*) Parece, que não diz precisamente o mesmo que *Commissario*, e que estes dois vocabulos nem sempre se podem reciprocamente permutar. Por isso o julgamos conveniente, muito mais tendo boa derivação, e analogia. Significa *o que tem commissão para fazer alguma cousa*; *o que he encarregado de tratar algum negocio* &c.

COMPLACENTE: (*complaisant*) Temos lido em algumas Traducções *caracter complacente*, *homem complacente*, *marido complacente* &c. He gallicismo, em cujo lugar diriamos com melhor analogia *comprazenteiro*, e talvez com igual significação, *condescendente*, *indulgente*, *cortez*, *benevolo* &c. Comtudo não ousamos reprovallo, visto ter origem Latina, ser de algum modo necessario, e ter analogia com a palavra classica *complacencia*. No *Espelho de Perfeição* impresso em 1533 achamos já esta frase « *conhecer e cumprir a* placentissima *vontade de Deos.* »

COMPORTAR-SE: *Comportamento*: (*se comporter*: *comportement*) São hoje mui usados na significação de *proceder*, *procedimento* &c., mas não tem auctoridade classica, nem os julgamos necessarios no nosso idioma. Em lugar de *homem de bom* ou *máo comportamento*, diremos *de bom* ou *máo procedimento*, *de bons* ou *máos costumes*; *de boa* ou *má vida*; *bem* ou *mal morigerado* &c. *Comportar-se com moderação e juizo*, i. e. *portar-se*, *haver-se*, *proceder* &c. *Comportar-se* segundo as leis *da honra*, i. e. *dirigir-se*, *governar-se*, *regular-se por ellas* &c.

COMPRIMENTAR: por *fazer comprimentos*, diz *Blut.* no *Suppl.* que he tomado do Francez *complimentar*; e cita, para o auctorizar, huma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1722. Hoje está adoptado, e he sem duvida muito melhor que o circumloquio.

COMPROMETTER: *Comprometter-se* (*compromettre*, *se compromettre*) Tem estes vocabulos significação Portugueza, com que são usados, e que póde ver-se em *Moraes* palavr. *comprometter*: mas quando se diz v. gr. *comprometter a authoridade*, *o credito*, *a dignidade*, *o nome*, *a palavra de alguem*, ou *comprometter-se em algum negocio* &c., commette-se gallicismo desnecessario e alheio da nossa lingua. As frases Portuguezas que lhe correspondem são *arriscar*, *aventurar*, *pôr a risco*, *expôr a algum desar o credito*, *a honra*, *o nome* &c. *aventurar-se em algum negocio* &c.

COMPTABILIDADE: (*comptabilité*) Tem significação mais restricta que *responsabilidade*, e diz tanto como *obrigação de dar contas*. Vai-se usando na linguagem mercantil, e já vem na Lei de 26 de Outubro de 1797 Tit. 5. Melhor se escreverá *Contabilidade*.

CONDUCTA: (*conduite*) He hoje mui vulgarmente usado entre nós com a significação de *procedimento*, á imitação dos Francezes, Inglezes, Italianos, e Castelhanos. *Moraes* já o metteo no *Diccion.*, aonde diz, que este vocabulo *abrange ao procedimento moral e prudencial*, e que *procedimento se refere mais ordinariamente ao moral*. O P. *Pereira* tambem o usou no *Compend. da Vid. Escrit. e Doutrina de Gerson*, impresso em 1769. E igualmente o achamos empregado nos *Estatut. Nov. da Universid.* L. 2. T. 1. C. 4., e no *Feliz Independ.* L. 23. &c. A pezar porém destas auctoridades, e uso frequente, a opinião mais geral dos homens doutos, e intelligentes da lingua Portugueza he contra este vocabulo, e por isso o reprovamos, e julgamos inadoptavel na referida significação. Os nossos Classicos dizião em lugar delle *procedimento*, *proceder*, *modo de proceder*, *genero de proceder*, *vida e costumes*, e em lugar de *conduzir-se*; *governar-se*, *haver-se*, *proceder*, *portar-se*, &c. &c.

CONFINAR: *Confinado*: *Confinar-se*: (*confiner*, *confiné* &c.) Em bom Portuguez dizemos *confinar*, de hum lugar, ou povo, que *está nos confins* de outro, que *comarca*, ou *visinha* com elle, v. gr. Galliza *confina* com Leão &c.; mas he gal-

li-

licismo reprovado dizer v. gr. *confinou se no seu retiro*, *foi confinado em hum convento*, *os habitantes confinados a hum angulo do Reino* &c. em lugar de *encantoou-se* no seu retiro, foi *recluso* em hum convento, os habitantes *estreitados* n'hum canto do Reino &c. &c.

CONJUNCTURA: He vocabulo trazido do Francez para a nossa lingua, e significa o *estado dos negocios*, a boa ou má disposição delles, a *conjuncção*, *ensejo*, *sazão*, talvez *opportunidade* &c. Vej. *Blut.* no *Suppl.*, e *Moraes* no *Diccionar.* Hoje está naturalisado entre nós; e em *Mousinh. Affons. Afric.* C. V. já o achamos com a significação de *oportunidade* nestes versos:

Para que abrindo o tempo conjunctura,
Se entenda na conquista aspera e dura.

CONSCRIPÇÃO: (*conscription*) He palavra, com que nos prezenteou a Revolução Franceza, e que julgamos não se dever usar, senão só e precisamente, quando se trata do objecto, que motivou a sua introducção. Nem he decente, que com ella se exprima, (como já temos visto) principalmente em Papeis publicos, e authenticos, o methodo de *recrutamento* praticado entre nós, e tão alheio do rigor e barbaridade da *conscripção Franceza.*

CONSOLANTE: (*consolant*) Não temos achado este vocabulo nos nossos Classicos: e posto que reconhecemos a sua natural derivação do verbo *consolar*, e a frequencia com que o nosso idioma usa de semelhantes derivações; comtudo não o julgamos necessario, visto haver em Portuguez os adject. *consolador*, e *consolatorio*, que dizem tanto como o Francez *consolant.*

CONTAR: (*compter*) Abusa-se por varios modos deste verbo, traduzindo ao pé da letra (como dizem) algumas frases, em que os Francezes o empregão. Eis-aqui as mais usuaes, que agora nos occorrem, com as suas correspondentes em Portuguez.

Ne compter pour rien quelque chose: — *desprezar*, *não*

ter em conta, *estimar em nada* &c. (Latin. *aliquid pro nihilo ducere.*)

On ne peut compter sur l'amitié de ces gens-là: — nada se *póde confiar* na amizade destes homens, ou desta gente, ou desta casta de gente: (*in hominibus hujusmodi stabilis benevolentiae fiducia nulla esse potest.*)

Compter plus sur le général, *que sur l'armée*: — *Confiar* mais no general que no exercito. (*plus reponere in duce*, *quam in exercitu.*)

Compter sur quelqu'un: — *confiar* de alguem, *estar certo* delle, *ter toda a segurança* a seu respeito &c. (*ponere certum in aliquo.*)

Il ne compte que sur vous pour toutes choses: — Em vós sómente *confia*: — em vós póe toda a sua confiança: — de vós espera tudo &c. (*ejus spes opesque sunt in te uno omnes sitae.*)

On ne peut encore compter sur rien: — Ainda o caso está mui duvidoso: — ainda o negocio não está seguro: — ainda o negocio se não póde dar por feito: (*res tota etiam num fluctuat.*) &c.

CONTINENCIA: (*contenance*) por *aspecto*, *parecer*, *presença*, *semblante*, *gesto*, &c. foi taxado de gallicismo por hum Critico moderno. Mas nós o achamos usado pelos nossos Classicos a cada passo. V. gr. *Pina Chron. de D. Duarte* C. 10. « *e porem com graciosa* continencia *lhe disse* » e C. 31. « *como nas* continencias *de todos bem parecia* » e na *Chron. de D. Affonso V.* C. 2. « *o Infante volveo a* continencia *ao povo* » Barr. Dec. 1. L. 4. C. 9. « *mui attento esteve o Çamori a todas estas palavras de Vasco da Gama*, *olhando muito a* continencia *com que as dizia* » e na Dec. 2. L. 1. C. 1. « *Tristão da Cunha*, *ouvindo estas palavras*, *e a* continencia, *e efficacia*, *com que as este Mouro dizia* » *Sousa Vid. do Arceb.* L. 2. C. 7. « *levou após sy os olhos de quantos se achavão na festa a grave* continencia *e magestade*, *com que o Arcebispo fez o officio* » E no L. 6. C. 20. « *moveo do lugar com muito repouzo e grave* continencia » No *Masagão Defendido* Poem. ms. C. 2. E. 52.

Com

Com hum airoso e grave continente
Parece confundir todo outro brio.

E no C. 5. E. 15.

Estava o claro Souza acompanhado
Esperando-os com grave continencia.

CONTRACTAR: por *contrahir*, he hum erro em que tem cahido alguns Traductores, acaso por não advertirem que o verbo Francez *contracter* tem ambas as significações em differentes circunstancias. Em Portuguez corrente dizemos *contrahir dividas*, e não *contractallas*; *contrahir* amizades; *contrahir* hum gosto; *contrahir* huma doença; *contrahir* defeitos; *contrahir* matrimonio &c. &c. E pelo contrario dizemos *contractar* huma compra, huma venda, huma troca &c., e não *contrahir*. Na linguagem Diplomatica póde dizer-se indifferentemente *contrahir*, ou *contractar* alliança; mas fallando das Pessoas que figurão no Tratado, dizemos *partes contractantes*, e não *contrahentes*. A observação ensinará estes differentes usos, que o bom Escritor não deve alterar a seu arbitrio.

COQUÉTTE: *Coquetterie*: São vocabulos puramente Francezes, que mui vulgarmente se empregão na conversação familiar, e que algumas vezes temos lido em Traducções impressas, acaso por se julgar difficil traspassallas com propriedade para o Portuguez. Nós entendemos que *mulher coquette* se expressará bem no nosso idioma por *mulher garrida*, *namorada*; algumas vezes *lasciva*, *desenvolta*; outras vezes *leviana*, *prevenida*, e *adamada*, dada *á galanteria* &c. Ao subst. *coquetterie* corresponde propriamente *garridice*, *galanice*, talvez *galanteio*, e tambem *damaria* &c.

CÓRTE: (*cour*) por *Conselho*, *Tribunal*, *Relação*, *Camara*, he gallicismo, que se não deve admittir em Portuguez. Em lugar de *Côrte de Justiça* diremos *Tribunal de Justiça*, ou *Conselho*, ou *Camara de Justiça*: Por *Côrte Marcial*, *Tribunal Marcial*, ou *de guerra*, *Conselho de guerra* &c. &c. Se em algum caso porém não podermos explicar a força da expressão Franceza por outra Portugueza bem correspondente,

te, como succede algumas vezes, quando se trata de algum particular Tribunal Francez; em tal caso será melhor descrevello exactamente, ou usar do proprio nome Francez, explicando-o em nota: porque as palavras afrancezadas v. gr. *Côrte de Cassação* não se entendem melhor do que o puro Francez *Cour de Cassation.*

COSTUME: (*costume*) Em huma Traducção impressa lemos *costume ecclesiastico*, *costume leigo*, por *habito*, ou *traje ecclesiastico*, *habito* ou *traje laical*, ou *leigal*, tomando-se o vocabulo Francez *costume* pelo que materialmente sôa, e não o distinguindo de *coutume*, a que corresponde o Portuguez *costume.*

COSTUMES: (*mœurs*) Sempre dissemos em Portuguez homem de *bons costumes*, de *máos costumes*, de *costumes depravados*, de *costumes honestos* &c. &c. e tambem «os *bons costumes* são essenciaes ao estado ecclesiastico; não ha verdadeira nobreza *sem bons costumes*» &c. Hoje porém he mui frequente, para significar *bons costumes*, tomar á maneira dos Francezes o vocabulo *costumes* absolutamente, e desacompanhado do adjectivo que o qualifica, dizendo v. gr. o homem *sem costumes* he a peste da sociedade: *sem costumes* não póde prosperar o Estado &c. Este uso tem ar de francezia, e não he para se imitar em Portuguez sem reflexão, maiormente quando faz ambigua, e até absurda a frase, como succede por ex. nesta proposição que achamos impressa «*deve o Pai* conservar os costumes *do filho*» que no nosso idioma vale tanto como dizer, que os deve *conservar*, quer sejão *bons*, quer *máos.*

CRACHA': Dão hoje este nome ao *habito*, *divisa*, *insignia*, ou *venéra* de qualquer Ordem Militar, quando se traz *pregada*, ou *bordada sobre o vestido.* He vocabulo Francez escusado, e, ao que parece, de má origem. Na Lei de 19 de Junho de 1789, e no Alvará de 10 de Junho de 1796 se lhe dá o nome de *chapa*, ou *sobreposto bordado*, e he só permittido aos Gran-Cruzes, e Commendadores.

D.

D.

DADOS: (*données*) Entre os Francezes he termo Mathematico, e significa propriamente as quantidades ou termos que nos são conhecidos, ou *dados*, e de que nos servimos para achar as *incognitas*, e resolver qualquer problema. Daqui o tomárão em sentido mais amplo para significar os *fundamentos*, *razões*, *circunstancias*, ou *noções* previamente conhecidas, ou suppostas, sobre as quaes podemos fundar o nosso juizo a respeito de qualquer questão, ou facto: e neste sentido dizem: *Não tenho dados para decidir*; *não tenho dados, sobre que possa fundar o meu juizo*; *não posso ajuizar desta acção por falta de dados* &c. &c. Os Portuguezes tem adoptado a mesma palavra com ambas as ditas significações: e se a primeira parece necessaria na linguagem Mathematica, não ha razão de reprovar a segunda, huma vez que se empregue sem affectação, e sem demasia.

DE: Tem esta particula em Portuguez tantos e tão varios usos, que só a lição assidua dos Classicos os póde bem ensinar. Segundo o nosso parecer, he gallicismo empregalla nas frases seguintes:

A primeira coisa que fiz, foi de vir *a Madrid*, i. e., *foi vir* &c.

O Congresso consistirá dos deputados *das Provincias*: i. e. *constará dos deputados*, ou formar-se-ha *dos deputados*, ou consistirá *nos* &c.

Rogou á sua Mestra de a deixar *contar*: i. e. *que a deixasse* contar, ou que *lhe deixasse* contar &c.

Estou tentado de dizer &c. i. e. *a dizer*.

Deve-se evitar com cuidado de inflammar *a imaginação das mulheres*: i. e. deve-se evitar *inflammar*, ou, *o inflammar*, ou deve-se *de evitar* inflammar &c.

Ver-se obrigado muitas vezes até de implorar *a desgraça*: i. e. *até a implorar*.

A barbaridade não lhes permitte de saber *fazer melhor uso dos braços*: i. e. não lhes *permitte saber* &c.

O

O menor abuso, que fazem da vida dos vencidos, he de reduzillos *á escravidão*: i. e. *he reduzillos* &c.

Exercito forte de vinte *mil homens*: i. e. *exercito de vinte mil homens.*

Muro alto de vinte *palmos*: i. e. muro *de altura de vinte palmos*: ou muro *de vinte palmos de alto*: ou *muro vinte palmos alto* &c.

Para que os nossos Leitores possão comparar os usos Francezes com os Portuguezes, apontaremos aqui algumas frases dos nossos Classicos, em que se emprega a particula *de* de hum modo não mui vulgar, e são as seguintes.

Espero de te ser este meu desejo aceito. *Ferreir.* Huma camilha, que não *se iguala de outra* alguma. *Barr. Dec.* 4. L. 9. C. 3.

Quão *grato* era *da mercê*, que tinha recebido. *Barros. Dec.* 1. L. 9. C. 5.

Depois que huma mulher deste sangue dos Naires he de idade de dez annos, em que se ha por *apta de ter* maridos. *id.* 1. 9. 3.

Que ElRei e seus successores fossem *obrigados de amparar* e defender a elle Rei. *Barr.* 3. 2. 2.

Chamárão-lhe de herege Luterano. Vid. do Arceb. L. 4. C. 6.

O vulgo melhor *conhecido do muito*, que devia ao Arcebispo *ib.* L. 4. C. 13.

O qual (Jesu Chr.) só *por obediencia do Padre Eterno* aceitou em quanto homem o Pontificado. *ib.* L. 1. C. 8.

Levárão as santas reliquias para onde não havia esperança *de as tornarem a ver dos olhos.* Vid. do Arceb. L. 6. C. 20.

Levão os olhos para a terra da promissão tão *suspirada, e soluçada delles.* Heit. Pint. Dialog. da Trib. C. 2.

Coge Çofar, que como monstro da terra, em que nascêra, os pais e a patria *o negavão de filho.* Vid. de Castr. L. 2 §. 151.

Des-

Desconhece-se de homem o que não sabe perdoar. *Arraes. Dial.* 5. C. 1.

Nem *desconhece de parentes* seus primos. Id. *Dial.* 10. C. 67.

Cousa *antedenunciada de Isaias.* Id. *Dial.* 10. C. 68.

Achou os lugarinhos tão miudos, e tudo o mais tão pobre, *e de ultima miseria*, que &c. Vid. do Arceb. L. 5. C. 17.

Os nossos pelejavão abrazados, *soccorrendo-se*, por unico remedio, *das tinas* de agua para refrigerar-se. Vid. de Castr. L. 2. §. 148.

Forão nesta conserva alguns navios de particulares, que por *benevolencia do Governador* (i. e. *benevolencia para com o Governador*) servirão graciosamente o Estado. Ib. L. 4. §. 43.

Porem D. Manoel de Lima, ou por *complacencia do Governador*, (i. e. *ao* Governador, ou *para com* o Governador) ou por confiança de si mesmo, se offereceo para ficar na praça. ibid. L. 3. §. 34.

Mulher já de trinta annos.... e muito *inclinada de fazer* bem aos pobres. Fern. Mend. Pint. Cap. 124.

Não querendo ser *ingratos d'aquelle* beneficio. Palmeir. P. 1. C. 91.

O pé direito, com que *começava de entrar.* Fern. Alv. Lusit. Transf. L. 2. Pros. 2.

A quem elle *desejava de comprazer.* Barr. Dec. 1. L. 8. C. 10.

Ordenou de fazer a fortaleza de madeira. Id. Dec. 1. L. 10. C. 2.

Promettei a Christo *de jamais* o deixardes. *Arraes* Dial. 10. C. 83.

Eu *desejo* ha muito *de andar* terras estranhas. Cam. Cant. 6. E. 54.

Ordena de se tornar ao Rei. ib. C. 8. E. 91.

Determina de ter-lhe aparelhado lá no meio das agoas &c. ib. C. 9. E. 21. &c. &c. &c.

Devemos porém advertir, que o uso actual da nos-

sa lingua, e a regularidade de Syntaxe, que aconselhão os principios da Grammatica Filosofica, nos não permittirião hoje empregar indiscretamente a mesma particula em frases semelhantes a algumas das que deixamos referidas, só porque assim foi empregada por algum, ou alguns dos nossos Auctores Classicos; visto que estes, por falta do estudo filosofico da lingua, cahirão em muitos defeitos, no que respeita á organisação da frase e discurso, que hoje serião erros graves, e talvez indesculpaveis.

DEBOCHE: *Debochado*: (*debauche*: *debauché*) He puro gallicismo, trazido para o Portuguez sem necessidade alguma, e alem disso mal soante aos nossos ouvidos. Temos em lugar delles *devassidão*, *soltura*, *despejo*, *licenciosidade*, *dissolução*, e *demasias*, *estragamento de costumes* &c. *devasso*, *licencioso*, *dissoluto*, *despejado*, *estragado*, *perdido*, *solto nos vicios* &c.

DECREPIDEZ: Parece tomado do Francez *decrepitude*, que significa o estado de *velhice extrema*, *mui avançada*, *caduca*. Como não temos vocabulo algum com este significado, não reprovamos a sua introducção; mas prefeririamos *decrepitude*, que nos parece de melhor soido, e teriamos por melhor que ambos *caducidade* do adj. *caduco*, que diz o mesmo.

DEFERENCIA: (*déférence*) Não temos achado este substantivo em nenhum dos nossos Classicos, e nos parece trazido immediatamente do Francez com a significação de *respeito*, *attenção* para com alguem. Mas temos o verbo *deferir* no mesmo sentido, e derivado do Latim *deferre*, donde analogamente se póde formar *deferencia*, que aliàs he já auctorizado por hum uso mui geral.

DEGELAR: He tomado do Francez *dégeler*, que val o mesmo, que *desfazer-se o gelo*. *Bluteau* o traz no *Suppl.*, e cita a *Gazeta de Lisboa*. He necessario, expressivo, e conforme com a analogia.

DEGRADAR: *Degradar-se*: *Degradação* &c. (*degrader* &c.) Temos em Portuguez *degredo*, e *degradar*, ou *degredar* por

des-

desterrar, do Latim *decretum* (do verbo *decerno*): e tambem *degradar*, (da particula Latina *de*, e do subst. *gradus*) i. e. *privar do gráo*, ou *graduação* civil, ou ecclesiastica, ou militar; e neste sentido dizemos *degradar da nobreza*, *das Ordens*, *da milicia* &c. Mas quando no sentido figurado dizemos v. gr. *as paixões sensuaes nos degradão*, i. e. *nos avilião*, *nos envilecem*, *nos deshonrão*, *nos deslustrão*: — *a indifferença*, *e desprezo*, *que em Portugal se mostra ás Letras*, degrada *o caracter da Nação*, i. e. *deprime*, *abate*, *envilece*, *desauctoriza*, ou *desdoura* o caracter &c., parece ser frase Franceza, que todavia não ousamos reprovar, por quão conforme he com a segunda significação do verbo *degradar*. Entendemos porém que se deve empregar com moderação, e desaffectadamente, e sem nos esquecermos dos outros vocabulos do nosso idioma, que não são menos expressivos. Notem-se os seguintes lugares dos Classicos Portuguezes, e veja-se como elles exprimião com energia, e variedade o mesmo conceito. *Arraes Dial.* 1. Cap. 15: *Muitas casas*, *que forão nobres e illustres*, *agora estão* descahidas, e mascabadas *por causa da liga*, *e degeneração de seus descendentes.* Ibid. C. 20: *Em nenhuma cousa* se apouca *mais a natureza humana*, *que em se inclinar aos costumes da bestial. Vid. do Arceb.* L. 5. C. 14: *Homens comparaveis aos antigos Curios e Cincinnatos*, *que não* se abatião *a vilezas.* — Lobo Cort. na Ald. ediç. de 1649 pag. 133: *Se o amor faz cego o amante*, *todavia não o* faz vil. E logo ahi: *O cobiçoso he cego para não ver razão nem honra*, *e para* se abaixar *a todas as infamias.* Vieir. Carta 75 do Tom. 1.: *Amo muito a nossa patria*, *e não tenho paciencia para a ver* desluzida, *quando Deos*, *e os homens a tem illustrado tanto* &c. &c.

DEPARTAMENTO: do Francez *département*. No principio da Revolução Franceza, deixada a antiga divisão por *Provincias*, foi a França dividida em *Departamentos*, que erão porções de territorio, a que se extendião certas auctoridades estabelecidas para governo da Republica, e que nós poderiamos sem erro chamar *Comarcas*, ou *Districtos*. Daqui

ficámos adoptando este vocabulo, que sómente se deve empregar, quando se trata da referida divisão, ou partes della. Mas tomando-se em geral por *Repartição* v. gr. *Ministro do* Departamento *da Guerra — tem a seu cargo o* departamento *das munições* &c. — he gallicismo que se não sofre em bom Portuguez.

DEPOIS: Por este vocabulo traduzem alguns erradamente o Francez *d'après* nas seguintes frases: *A infiel imagem, que formamos* depois *das nossas conjecturas*, i. e. que formamos *segundo*, ou *conforme* as nossas conjecturas, ou que formamos *levados* de nossas &c. — *hum retrato* depois *de Rafael*, i. e. *copiado* de Rafael — *Grande deve ser a emulação dos lavradores* depois *de exemplos desta natureza*, i. e. *á vista de exemplos* taes — *Mas eu posso assegurar* depois *da minha experiencia*, i. e. *segundo* a minha experiencia, ou posso assegurar *pela minha propria* experiencia &c. &c.

DESCOBERTA: por *descobrimento* v. gr. de novas terras, ou *achado novo* nas Sciencias e Artes &c. parece-nos vocabulo alheio da nossa lingua, e tomado do Francez *découverte*. *Moraes* no *Diccion.* o auctoriza com as *Orden. do Rein.* na *Collecç. ao L.* 4. *T.* 43. *n.* 1. §. 4., no que ha erro typografico, devendo ser *Collecç.* 1. *ao L.* 2. *T.* 34. *n.* 1. §. 4. Porém este lugar não auctoriza de modo algum o substantivo *descoberta* no sentido que aqui reprovamos. As palavras da Lei são estas: *Hei por bem que o Provedor das Minas reparta as* descobertas, *e que se descobrirem* &c, aonde claramente se vê que *descobertas* he hum adjectivo referido a *minas*, e não o substantivo de que aqui tratamos, e pelo qual se disse sempre em bom Portuguez *descobrimento*. Não occultaremos porém, que na Lei de 26 de Outubro de 1796 Tit. 6. já vem com a mesma significação *novas descobertas*. Por occasião deste artigo advertimos que a expressão adverbial *ao descoberto*, que parece gallicismo, vem comtudo algumas vezes em Fr. Heit. Pint. v. gr. no Dial. da Tranq. da Vid. C. 15. *esses vos tirão muitas vezes* ao descoberto: e no Dial. dos Verd. e falsos Bens, C. 16, *então lhes dá*

o

o mundo de rosto, e lhe tira ao descoberto, i e. *sem dissimulação, e sem disfarce.* Igualmente he classico o subst. *encoberta* por *asilo, valhacouto, escondrijo, lugar em que alguem póde estar sem ser descoberto pelo inimigo* &c.

DESCONFIAR-SE: (*se méfier*) Pareceo-nos ao principio gallicismo usar do verbo *desconfiar* com significação reciproca, ou reflexa; mas depois notámos este uso em *D. Franc. Manoel Cart. de Guia* fol. 94 vers. *a mulher* se desconfia, *vendo o pouco que fião della.* Em *Vieira* Cart. 26 do Tom. 1.: *E certo que se não tivera tanta confiança nas promessas de Deos, não sei se* me desconfiárão *os nossos merecimentos.* E nos Serm. Tom. 6. pag. 451: *Os que se guardão para aquella hora, só tratão da saude do corpo, e quando esta* se desconfia *totalmente* &c. Na *Vid. do Arceb.* L. 1. C. 2.: *Da imbecillidade de sua natureza não* desconfiava, *porque conhecia suas forças....* desconfiava-o, *e fazia-o temer huma profunda humildade, em que avaliava tudo quanto fazia* &c.

DESCOZIDO: (*déconsu*) no sent. fig. v. gr. *estilo descozido, ditos descozidos* por estilo *desligado, solto, desatado*, ditos sem *nexo*, talvez *sem concerto* &c. parece-nos gallicismo escusado, ainda que a metafora seja igual. A expressão *palavras derramadas*, que achamos em alguns Classicos, parece-nos que diz propriamente *palavras diffusas, não concisas*, e ás vezes *palavras alheas do intento*, ou *proposito* sobre que se trata. V. gr. em *Barr.* Dec. 2. L. 6. C. 3.: *Vendo Affonso de Albuquerque palavras tão* derramadas, *e fóra do seu intento*, aonde se refere á pratica de Tuam Bandam, que vindo de mandado de ElRei de Malaca ver o grande de Albuquerque, começou *a praticar com elle na disposição de sua pessoa, e se trouxera boa viagem, sem tocar na causa della, nem perguntar a que era sua vinda* &c. A este mesmo lugar de João de Barros allude, e no mesmo sentido se deve entender a frase que vem na *Malac. Conquist.* L. 6. Est. 50.

Albuquerque, ás palavras derramadas
Do cauteloso Mouro respondendo,
Assi disse . . . . . &c.

E

E na *Lusit. Transf.* L. 3. Pros. 10. aonde se diz: *Hia por diante com os seus encarecimentos Urbano, por ser costume do amor fazer os amantes prodigos de* palavras derramadas, *em favor de quem amão* &c. he facil entender, que *palavras derramadas* significa aquelles *encarecimentos*, e expressões *largas* e *francas*, que são proprias de quem ama &c.

DESÉR: (*dessért*) Os nossos bons antigos dizião *sobreneza*, *póspasto*, e tambem *postres*, que he de *Sous.* na *Vid. do Arceb.* L. 1. C. 22. Hoje até ás palavras se estende o luxo, e franceziа das mezas.

DESGOSTANTE: Com a significação de *nojoso*, *hediondo* &c. he puro gallicismo, e muito má tradução do Francez *dégouttant*. Dois vocabulos tem a lingua Franceza, que soão do mesmo modo, e significão mui diversas cousas, a saber: o verbo *dé-goûter*, cujas raizes são *de* e *goût* (*gosto*) e significa *desgostar*: e o verbo *dé-goutter* formado de *de* e *goutte* (*gôta*), que significa *gotejar*, *pingar*, *estilar gota a gota* &c. Deste ultimo derivárão os Francezes o adjectivo verbal *dégouttant*, com o qual se formão as expressões *dégouttant de sang*; *dégouttant de sueur* &c. i. e. *gotejando sangue*, *gotejando suor* &c.; e daqui finalmente passárão ao uso absoluto do mesmo adjectivo verbal *dégouttant* tomado em máo sentido, para significarem com elle hum objecto *nojento*, *asqueroso*, *esqualido*, *ascoso*, *hediondo*, e talvez *horrido*, *torpe* &c., quasi como nós dizemos em frase plebea de hum homem *immundo*, e *torpe*, que he hum *pingante*, que *está pingando immundicie* &c. &c.

DESHABILHADO: (*deshabillé*) Estar *deshabilhado*, ou *em deshabilhé* dizem hoje os nossos afrancezados de quem está *desataviado*, *desalinhado*, *sem adorno*, nem *alinho*, nem *enfeite*, *mal composto*, *vestido a descuido*, *sem concerto* &c. He gallicismo reprovado, sem embargo de termos tido o vocabulo, hoje antiquado, *habilhar*, ou *abilhar*, i. e. *ataviar*, do qual fallla *Duart. Num. Orig. da Ling. Portug. Cap.* 17.

DESINFECTAR: Por *desinficionar* parece tomado do Francez;

cez; mas *Blut.* já o traz no *Suppl* citando huma *Gazeta de Lisboa* de 1722. *Desinfectador* he hoje adoptado na linguagem Chimica, e necessario.

DESNATURAR: *Desnaturado*: (*dénaturé*) Temos ouvido tachar de gallicismos estes vocabulos, mas sem razão: *Duart. Num.* nas *Chron.* usa frequentemente de hum e outro, tanto para significar o que hoje mais vulgarmente dizemos *desnaturalização*, i. e. *privação dos direitos de nacional*, como para exprimir o estado moral do homem, quando *despido dos affectos naturaes, e dos sentimentos de humanidade*. Outros Classicos os empregão no mesmo sentido. Vej. *Mor.* no *Diccion.* Mas *desnaturalizar factos* por *alterallos*, *transformallos* &c. he gallicismo escusado.

DESOLADO: (*désolé*) Em bom Portuguez dizemos v. gr. *cidade desolada*, *paiz desolado*, i. e., *posto por terra*, de *todo arrazado*, *arruinado* &c. e talvez no fig. *religião desolada*, por *arruinada*, *destruida* &c. Porém *Mãi desolada*, *esposa*, *amante desolada* por *angustiada*, *magoada*, *afflicta*, *amargurada* &c. he gallicismo, e metafora, ao nosso parecer, pouco expressiva, por faltar-lhe o fundamento da analogia, ou semelhança.

DESTACAR: *Destacamento* &c.: São termos militares trazidos do Francez *détacher*, *détachement* &c., e adoptados. Vej. *Blut. Pros. Acad.* P. 1. pag. 16.

DETALHAR: *Detalhe*: *Detalhado*: (*detail*, *detalher* &c.) São vocabulos hoje mui usados não só na locução vulgar, mas tambem nas correspondencias publicas, principalmente militares, e até nos Papeis do Governo. (Vej. o Alvar. de Regim. de 7 de Jan. de 1797.) Significão *particularizar* os factos e suas circunstancias, *relatar miudamente*, *referir com miudeza*, *expôr circunstanciadamente*: — *relação por menor*, *particularidade*, ou *individuação* no referir os factos &c. Não parecem alheios da analogia do nosso idioma, aonde temos *talhe*, *talho*, *retalhar*, *retalhado*, *entalhar*, *entalhado*, *entalho* &c. Comtudo o uso das pessoas doutas e judiciosas ainda repugna á introducção destas vozes, e nós prefeririamos di-

zer

zer v. gr. com *Vieira Cart.* 25 do Tom. 1. «*Não posso encarecer a Vossa Senhoria quanto estimei a relação* por menor *do exercito*» em lugar de *relação detalhada*. E na Carta 113, dando noticia de huma batalha entre Francezes, e Hollandezes: *Esperão-se as* particularidades *no Correio seguinte*, que hoje se diria *os detalhes*. E na Carta 32 do mesmo Tom. 1.: *Com as Cartas de Vossa Senhoria soubemos as* circunstancias, (*os detalhes*) *e auctoridade das Capitulações, que com alvoroço se esperavão* &c. Na Vid. de Castr. L. 4. §. 30. tambem se diz: *Referio os casos da batalha com tão* particulares accidentes, *como quem sabia o successo* &c. &c. Moraes na Traducção do *Compend. da Hist. Portug.* usa do verbo *miudear*, em lugar de *detalhar*, ou *referir pelo miudo*. Finalmente he erro grosseiro dizer: *Não podemos ainda dar o* detalhe circunstanciado *deste negocio*, que val tanto como *detatalhe detalhado*, ou *circunstancias circunstanciadas*.

DETHRONAR: (*dethroner*) Não o temos achado nos nossos Classicos, mas sim em lugar delle *desthronizar*, ou *desenthronizar*.

DIA: Lemos em Obra Portuguza original estas frases: *Appresentar as auctoridades em o* dia *mais favoravel á causa*; *appresentar em hum* dia *favoravel os feitos que devem ser discutidos* &c. São gallicismos, em lugar dos quaes devemos dizer: Expôr os factos *pela face* mais favoravel: appresentar as auctoridades *na melhor luz*, ou *á melhor luz* &c.

DIFFERENÇA: Com a significação de *desavença* entre duas ou mais pessoas, e *differente* por *desavindo*, diz *Bluteau* no *Supp.*, que são tomados do Francez; e como sómente cita a favor delles huma *Gazeta de Lisboa* de 1726, parece que os teve por modernos. Mas o primeiro he frequentissimo em *Barros* v. gr. na Dec. 2. L. 1. C. 2.: *Temendo esta visitação por parte de ElRei de Melinde, polas* differenças, *que entre elles havia.* Dec. 3. L. 1. C. 10: *As quaes* differenças, *não somente lhe custaram honra, fazenda, e muito trabalho* &c.; e na mesma Dec. L. 1. C. 6.: *Porque entre mortos de fome, sede, doenças, naufragios*, differenças de alguns mal avindos, *e outros desastres* &c.

DI-

DILIGENCIA: Com o nome *diligence* nomeão os Francezes certas *carruagens em que se viaja com muita brevidade.* He adoptado entre nós, e auctorizado pelos Papeis do Governo.

DISPONIVEL: Parece-nos que a significação do Francez *disponible* nem sempre se póde traspassar ao Portuguez com toda a sua propriedade sem circumloquio: nestes casos usaremos de *disponivel*, assim como *Vieira* já usou analogamente de *supponivel.* Em outros casos poderemos supprir este adjectivo por *prompto*, *prestes*, *cousa que está a ponto*, &c.

DOMESTICO: (*domestique*) Tomado como substantivo na significação restricta de *criado*, *servidor*, *moço*, parece não ser auctorisado pelo uso da nossa lingua, nem termos delle necessidade. Não he porém erro usalo com a significação mais generica, para significar *collectivamente* todas as pessoas, que compõe a familia, como *filhos*, *moços*, *criados*, *acostados*, *apaniguados* &c.

E.

ECLUSA: Por *dique*, ou *reparo*, he vocabulo Francez, que hoje está em uso, e que já *Bluteau* metteo no *Suppl. ao Vocab.* Acha-se repetido no *Regulam.* publicado com o Alv. de 20 de Fevereiro de 1795 Art. 31 e seg.

EDIFICANTE: (*édifiant*) He termo modernamente trazido do Francez para significar o mesmo que *edificativo*, *exemplar.* Tem boa derivação, e já vem nas *Prov.* da *Deducç. Chronol.* fol. 298.

EFFEITOS: (*effets*) Com a significação de *moveis*, *mercadorias*, *generos*, *fazendas* &c. he tomado do Francez, mas está mui adoptado na linguagem mercantil, e já foi usado por *Vieira* na *Cart.* 15 do Tom. 1., aonde diz: *Os empenhos das guerras presentes, a que os* effeitos *da Fazenda Real estão divertidos* &c. Tambem se acha na Proposição do Bisp. Capellão-mór ás Cortes de 1653, aonde fallando dos dois milhões e meio offerecidos para a guerra diz: *Consignastes*

estes na decima parte do rendimento que tivesseis, e em outros effeitos *differentes.* Invest. Portug. em Inglat. N. 12.

EFFERVESCENCIA: A respeito deste vocabulo tomado no sentido *moral figur.* diz *Francisco Dias Gomes Obr. Poet.* Not. 16 á Eleg. 10.: *Nunca vi exemplo deste vocabulo nos nossos classicos; mas sendo muito usado pelos Autores Francezes, cuja lingua he assaz conhecida na nossa terra, não deve causar estranheza fazer-se delle uso: alem de que esta palavra he de significado facil, e he sonora; e posto que não exista na lingua Latina, existem as suas origens, cujos significados são notorios, ainda aos que a não sabem.* No sentido proprio e fisico já o traz *Madureira*, e he adoptado na linguagem chymica.

EFFUSÃO: (*effusion*) Temos este vocabulo na significação formal por *derramamento.* Pelo que julgamos que sem inconveniente se póde adoptar no sentido figurado para significar a *effusão do coração*, a *effusão da ternura* &c.

EGOISMO: (*egoime*) Esta palavra, que hoje se acha adoptada pelo uso geral, parece accommodada, e até necessaria, para com ella exprimirmos aquella especie de *amor proprio vicioso*, com que o homem, attendendo sómente a si, dá huma absoluta, injusta, e mal entendida preferencia aos seus interesses, postergado o bem geral da Sociedade, e os interesses legitimos dos seus concidadãos, ou ainda de todos os outros homens. He verdade, que a expressão *amor proprio* se toma muito frequentemente pelo *amor excessivo e vicioso de nós mesmos*: mas nem esta he a natural significação dos termos, nem ainda nos parece, que esse *amor proprio excessivo* exprima tanto como o vocabulo *egoismo*, o qual se entende de hum *amor proprio* em tal maneira *vicioso*, *desordenado*, *e exclusivo*, que rompe todos os vinculos sociaes, e faz do *egoista* hum verdadeiro monstro tão abominavel, como perigoso.

ELANÇAR-SE: (*s'elancer*) He palavra puramente Franceza, e trazida sem razão para a nossa lingua. Temos em lugar della *arremeçar-se*, *abalançar-se*, *arrojar-se*, talvez *ar-*

re-

remetter &c. Nesta frase v. gr. que achamos impressa: *Templos, cujas torres sobem, e se* elanção *para Deos*: devemos dizer em bom Portuguez: *Cujas torres sobem ás nuvens*, ou *tocão o Ceo*, ou *vão ás nuvens, e tocão o Ceo* &c.

ELECTRIZAR: E os seus derivados são modernos, mas indispensaveis na linguagem scientifica, e adoptados pelo uso geral dos doutos.

ELÉVE: (*éléve*) Por *discipulo*, *alumno*, *escolar* he puro gallicismo, que erradamente tem alguns querido introduzir na nossa lingua.

EM: *No*: *Na*: (*en*) He notavel o abuso que se faz destas particulas, passando ao Portuguez muitas frases Francezas, em que ellas entrão, e empregando-as sem discrição contra o uso do idioma. Daremos alguns exemplos dos muitos que temos notado, para servirem de aviso aos menos doutos, ou menos advertidos.

Fallar em *Filosofo*, em *Historiador*, i. e. *como* Filosofo, *como* Historiador.

Ser mandado em *parlamentario*, i. e. ser mandado *como* parlamentar, ou ser mandado parlamentar &c.

Em *homem religioso*, *e mesmo* em *homem de letras estou persuadido* &c. i. e. *como* homem religioso, e ainda *como* homem de letras &c.

O texto, *e objecto* em *questão*, i. e. *de que se trata*, *sobre que versa a questão* &c. — Esta frase «*o objecto em questão*, *o negocio em questão*» &c. he mais concisa, e a ellypse facil de entender-se, e por isso a não reprovamos.

Pôr em *facto*, i. e. *como* facto, *suppôr*, *suppôr como certo*, *dar por certo* &c.

Eis-aqui pois, *disse eu* em *mim mesmo* &c. i. e. *disse eu comigo mesmo.*

Ser mandado em qualidade *de embaixador*; *obrar* em qualidade *de Pai* &c. Estas frases, que não temos achado nos Classicos Portuguezes, são hoje mui usadas, e tem a seu favor algumas auctoridades modernas, taes como a do

P. *Pereira* na *Prof ao Livr. do Exodo*, aonde diz, mais de huma vez, fallando do *divino Legislador dos Hebreos* « *Em qualidade de Deos, em qualidade de Rei, em qualidade de Principe* » &c.; e a do *Feliz Independ.* L. 18 « *hum varão maduro e politico, que possa* em qualidade de Pai, *e Supremo Conselheiro assistir a seu lado* » &c A mesma expressão se acha tambem algumas vezes nos *Estat. Nov. da Universid.*, por ex. no L. 3. P. 2. T. 2. C. I. n. 9. « *Os ouvintes obrigados a alguma parte do Curso Mathematico, poderão ouvir o resto* em qualidade *de voluntarios* » e logo no C IV. n. 1. « *nenhum Estudante poderá ser admittido á matricula de Mathematica* em qualidade *de ordinario* » &c. Sem embargo porém destas auctoridades, e uso, julgamos que a mesma expressão se póde supprir bem no nosso idioma pela particula *como*, ficando a frase mais concisa, e mais analoga ao uso Latino.

Obrar na qualidade *de chefe de familia*, i. e. *como cabeça de familia.* Esta frase parece-nos mais reprehensivel que a antecedente. O *artigo* não só he escusado, mas altera, e talvez faz ambiguo o sentido do discurso, como se vê por ex. neste periodo: *Deos permitte e tolera* na qualidade *de Principe e de Rei dos Hebreos aquillo mesmo, que elle condemna* na qualidade *de Deos e de Juiz* &c.

Este direito parece odioso nos *actuaes costumes*, i. e. *segundo os actuaes costumes.* Esta e outras semelhantes expressões não duvidamos que possão adoptar-se em alguns casos; mas devem usar-se com discrição, e de maneira que não fação ambiguo o sentido de quem falla ou escreve Se por ex. em lugar de *direito* substituirmos outro vocabulo, e dissermos *este defeito, este crime parece o ioso* nos *actuaes costumes*, ficará o Leitor ignorando se *este crime existe nos actuaes costumes, e parece odioso*, ou se *existe* em geral, e *parece odioso*, porque os actuaes costumes o repugnão. &c. O mesmo se deve advertir respectivamente ácerca das expressões seguintes:

Parece que no *espirito da Legislação de Moisés não devião as artes ser exercitadas*, i. e. *segundo o espirito.*

He

He neste *projecto que elle nos prohibe*, i. e. *com este projecto*, ou *intuito* he que elle nos prohibe &c.

Na *mesma intenção obrigavão as Leis* &c. i. e. *com a mesma intenção*, ou *a mesma intenção tinhão as Leis*, *quando obrigavão* &c.

Ultimamente para que o Leitor possa fazer mais seguramente o seu juizo, e avaliar o merecimento das differentes frases, em que se empregão estas particulas, dar-lhe-hemos aqui algumas das muitas e mui varias que a cada passo encontramos nos Classicos Portuguezes, e que se devem estudar, e entender com a limitação, que já apontámos fallando da particula *DE*.

Todas as cousas de novo, *e* na primeira *vista contentão mais*. Lob. Cort. na Ald. Dial. 14.

Os idolos são as cousas, *a que* em despeito *de Deos nos afeiçoamos*. Heit. Pint. Dial. da Verd. Amiz. C. 1.

Depois que sahimos em terra. Ib. C. 16.

Passou em *Africa*: em *Asia*: em *França* &c. *Lucen. Barros*, e os mais a cada passo.

O qual aportou na Cidade. — *Sahir* na Cidade. Barr. Dec. 1. L. 1. C. 9., e L. 8. C. 9. &c.

Enchia todolos lugares . . . . . que estavão em vista *da ribeira*. Barr. D. 2. L. 6. C. 2.

Eu que vim em o mundo, *vestido* em sua *pompa*. Chr. dos Menor. C. 2. do L. 1.

A passada de ElRei D. Sebastião em Africa. *Miscellan.* de Leitão pag. 188.

Mancebo bem posto, *com as abas* na cinta *á guiza de caminhante*. Arraez Dial. 10. C. 36.

Quem duvida nisso? Heit. Pint. Dial. da Lembrança da morte C. 5., e em outros lugares.

E porque o dito Rei o não quiz fazer, *nem conceder* nisso. Duart Nun. Chr. de D. Affonso V. C. 51.

Os mais dos nossos erão em parecer *que não convinha pelejar com elles*. Barr. Dec. 3. L. 7. C. 10.

Homem usado na guerra. Ib. L. 8. C. 9.

Se

Se resolverão em deixar *o mundo.* Miscellan. de Leitão p. 123, e nos Classicos a cada passo.

Affirmando que em razão *de homem, e letrado, e virtuoso, e de valor, não achava quem melhor merecesse o cargo.* Vid. do Arceb. L. 1. C. 6.

Propôz dois pontos muito essenciaes ..... se bem hum pouco azedos, e que ferião nos olhos *a muitos.* Ib. L. 2. C. 13.

Assi começou em chegando *a Braga a alargar a mão.* Ib. L. 1. C. 13.

E como trazia em prompto, *e como contadas pelos dedos, todas as despezas.* Ib. L. 1. C. 24.

Neste lugar vierão os fundadores em tamanha *desavença.* Ib. C. 26.

Cuidando no modo que teria para se restituir na graça *do Soldão.* Barr. Dec. 3. L. 1. C. 3.

Acudindo ora n'ũa parte, *ora* n'outra. Barr. Dec. 1. L. 1. C. 8.

Huma serra tão alta e ingreme, que sobe em altura *de sete legoas.* Id. Dec. 3. L. 2. C. 1.

Quando a mesma avareza se sobe em alto. Barreir. Signif. das Plant. pag. 321.

Mandar em presente, i. e. *de presente.* Parallel. de Princip. C. 63.

Aquelle que quizer vir em pôz *mim.* Espelh. de Perf. L. 3. C. 29.

Aparelhado em o negamento *de si mesmo.* Ib. L. 1. C. 11.

O amante transportado na imaginação *do que ama* &c. Cort. na Ald.

Este he o meu filho muito amado, no qual *muito me agradei.* Vieir. Serm. P. 7. n. 221.

E elle se ouve em forma *que sempre sahio vencido* &c. Parallel. de Princip. C. 70.

Intento mais em seus *ganhos, que* em inquirir *verdades.* Miscell. de Leitão p. 225. &c. &c. &c.

EMBECIL. Vej. *Imbecil.*

EMBELEZANTE: (*eblouissant*) Não ousamos reprovar es-

esta innovação, porque não desdiz da analogia, e porque os dois vocabulos conformão em significação. *Ebloüissant*, coisa que *cega*, que *deslumbra com o seu esplendor*: *Embellezante* coisa que *embebeda com a sua belleza e formosura* &c. Assim poderemos dizer *o embellezante disco do Sol*, que em Portuguez mais usual se diria *o rutilante*, *o refulgente*, *coruscante* &c., ainda que não com a mesma força de exprimir. Em hum Poeta moderno achamos *deslumbrante* no mesmo sentido:

« . . . . . *coberta a altura*
Do soberbo Palacio
Com deslumbrante *alvissimo regêlo* »

EMBELLECER: *Embellecido*: *Embellecimento*: Temos achado muitas vezes estes vocabulos, assim como tambem o adj. *embellezado*, empregados nas Traducções modernas, como respondentes ao Francez *embellir*, *embelli*, *embelissement*. Porém o adj. *embellezado* de *embellezar* tem significação mui diversa na nossa lingua: e os outros vocabulos, bem que não encontrem a anagolia, parecem desnecessarios, visto termos com a mesma significação os verbos *ornar*, *adornar*, *ornamentar*, *enfeitar*, *aformosear*, *aformosentar* &c., os adjectivos *ornado*, *enfeitado*, *aformoseado* &c., e por *embellissements*, *ornatos*, *adornos*, *enfeites* &c. Temos tambem lembrança de achar em hum Poeta moderno o adj. *alindado*, e o verbo *alindar* derivados do subst. *lindo*.

EM BOM PONTO: Esta expressão tomada palavra por palavra do Francez *en bon point*, foi usada pelo Auctor do Palmeir. C. 139 « *tomou a redea ao cavallo*, *que achou* em bom ponto » e tambem se acha na *Chron. do Condest.* C. 57.: « *até que foi são*, *e* em bom ponto » e no C. 68.: « *eu sou* em bom ponto *de minha saude.* » Hoje he expressão antiquada.

EMIGRAR: *Emigrado*: *Emigração*: São vocabulos, que modernamente tomámos dos Francezes *émigrer*, *emigration* &c., e significão *sahir da patria*, ou, em geral, *sahir de hum lugar* para *passar a outro*, i. e. de *hum Reino para outro*,

tro, *de huma Cidade para outra* &c. São de origem Latina, e conformão com a analogia do idioma Portuguez, aonde temos *transmigração*, que significa propriamente *o passar alem*, e *remigração*, que he de *Vieira* na Cart. 39. do Tom. 1., e significa *o voltar para a patria*; ou para o lugar donde se emigrou. Tambem se póde dizer *migração* tirado do Latim *migratio.*

EMISSARIO: (*émissaire*) He gallicismo, de que não temos necessidade; mas que o uso vai adoptando, e que não encontra a analogia, alem de ser de origem Latina. Diz tanto como *mensageiro*, e ás vezes *espia.*

EMITTIR: He tomado do Francez *emettre*, e usa-se na linguagem *Fiscal*, v. gr. *emittir apolices do Erario*, *emittir bilhetes de banco*, por *crear apolices*, *bilhetes* &c. Não o reprovamos nesta significação, porque he expressivo, tem boa origem, e he derivado conforme a analogia. Mas *emittir hum voto*, i. e. *dallo*, *expressallo* &c. he frase escusada em Portuguez.

EMOÇÃO: (*émotion*) He tambem trazido do Francez sem necessidade. Em lugar delle dizemos *commoção*, *agitação*, talvez *turbação*, ou *perturbação do animo*, e propriissimamente *abalo.* Sá de Menezes na *Malac. Conq.* L. 2. Est. 113 parece usar de *alterações* no mesmo sentido, quando diz:

A'quella parte inclina o rostro brando,
Novas alterações *na alma sentindo.*

EMPALLECER: (*pâlir*, ou *devenir pâle*) He innovação contraria á analogia do nosso idioma, e alem disso escusada. Em bom Portuguez dizemos com muita propriedade *empallidecer*, que he de João Franco Barreto, e tambem *amarelecer*, que he de Ferreir. Eglog. 19. «*A mão te treme*: *o rosto amarelece*» ou *emmarelecer*, que he de Arraez Dial. 8. C. 12. «*a face* emmarelece, *e todo o corpo se resfria*» Tambem se póde ás vezes traduzir por *desmaiar*, *descórar*, *enfiar*, *perder a côr do rosto*, ou *fugir-lhe a côr do rosto* &c.

EN-

ENCORAJAR: *Encorajado*: (*encourager*) Não temos necessidade alguma destes vocabulos, cuja significação se póde trasladar em Portuguez por muitos outros de boa nota, e igualmente expressivos. Taes são por ex. *esforçar*, *alentar*, *animar*, *incitar*, *affoutar*, *espertar*, *dar animo*, *dar ousadia*, *accender o animo*, *metter brios* &c. &c. Todavia temos auctorizadas com exemplos dos nossos melhores Classicos as palavras *coragem*, e *corajoso*, donde facil, e naturalmente se podem derivar *encorajar*, e *encorajado*.

ENDOSSAR: *Endossador*: &c. São usados na linguagem mercantil, e auctorizados pelas Leis modernas. Vej. o Alv. de 16 de Janeiro de 1793, e o Decret. de 29 de Outubro de 1796 &c.

ENGAJAR: (*engager*) Temos achado este vocabulo em alguns impressos modernos com a significação de *assalariar*, *assoldadar* &c. v. gr. « *musico* engajado *para o Regimento* » o que he gallicismo grosseiro, e intoleravel. Mas ainda nos parece mais torpemente empregado em huma Traducção tambem impressa, onde lemos a seguinte frase: « *Trouxe vinte homens escolhidos para pagar-lhes seu* enganche » tomando, como parece, a palavra *enganche* do Francez *engagement*.

ENTAMADO: (*entamé*) Duvidamos da legitimidade e pureza deste vocabulo, porque o não temos encontrado em Auctor Classico, nem em algum dos nossos Diccionarios. Mas muitas vezes o temos ouvido na Provincia do Minho da boca de pessoas indoutas, e até rusticas, que de nenhum modo o podião haver tomado do Francez: e querião dizer v. gr. *está o negocio bem entamado*, i. e. bem *começado*, bem *entabolado*, bem *encetado*, ou bem *estreado* &c.

ENTESTAR-SE: *Entestado*: He mui Portuguez o verbo *entestar*, cujas significações se podem ver em *Moraes*. Mas quando se usa no sentido do Francez *s'entêter*, *entêté*; he puro gallicismo, em lugar do qual dizemos *obstinar-se*, *porfiar*, *preoccupar-se*, ou *prevenir-se fortemente*; *obstinado*, *teimoso*, *porfioso*, *capitoso*, *opiniatico*, *contumaz*, e em frase

plebea *cabeçudo*. Bernardes usa tambem do adj. *ateimado* na Nov. Flor. Tom. 5. p. 251, aonde diz: *Quem, se não estiver cego da paixão, ou ateimado no que huma vez tomou a peitos, póde negar* &c. Vej. em *Moraes* a palavra *ateimado*.

ENTRAVE: Por *estorvo, obstaculo, embaraço, impedimento*, he gallicismo grosseiro, e escusado.

ENTRECHOCAR-SE: (*s'entrechoquer*) Diz-se de dois corpos, que embatem hum no outro, *estando ambos em movimento*, e *reciprocando o seu encontro*, ou choque. A sua significação não he identica com a do verbo *chocar*, e por isso nos parece necessario, além de não desdizer da analogia.

ENTRECORTADO: (*entre-coupé*) Tambem não julgamos alhea do nosso idioma a composição deste vocabulo, visto termos *entrecosido, entresachado, entretecido, entrevisto* &c.

ENTERPREZA: *Enterprender* &c. Vej. *Interprender*.

EQUIPAGEM: Temos em Portuguez a palavra *esquipar*, derivada da raiz *schiff*, (*navio*) que se conserva no Alemão, (donde o Latim *scapha*, o Portuguez *esquife*, i. e. *pequeno batel*, o Belgico *schipper*, i. e. marinheiro &c.) e com ella dizemos *esquipar a galé, a náo* &c. por *metter-lhe a gente necessaria para a mareação*, e tambem *esquipar huma armada*, por *aprestala, aparelhala* &c. Daqui derivamos o subst. *esquipação* para significarmos com elle *a gente, e aprestos necessarios para marear o navio*. Hoje, em lugar do vocabulo *esquipação*, usamos de *equipage*, ou *equipagem*, tomado do Francez *equipage*, e não só o empregamos no mesmo sentido de *esquipação*, se não tambem o ampliamos para significar, á maneira do Francez, *todos os aprestos, e preparos de hum exercito de terra*, e além disso, *todo o apparato de criados, carruagens, alfaias* &c. que compõem o trem e comitiva de alguma pessôa, ou familia. Parece-nos adoptavel em todos estes sentidos, e hoje muito preferivel a *esquipação*, visto se ter feito tão vulgar o uso desta palavra no sentido de *extravagancia, singularidade* talvez *ridicula, modo de obrar, ou discorrer alheio do commum* &c.

ERIGIR-SE em juiz, em critico &c. he frase Franceza.

Em

Em Portuguez não temos achado o verbo *erigir* com significação reflexa, no sentido de *arrogar hum homem a si huma qualidade que lhe não compete.* Diremos antes *fazer-se juiz*, *constituir-se tal*, *arrogar essa auctoridade* &c.

ESCRAVIZADO: He vocabulo que vai sendo da moda, até nos Pulpitos, e que parece tomado do Francez tambem moderno *esclavisé.* Em Portuguez limpo dizemos v. gr. homem *subjugado*, *cativado*, *avassallado*, *tyrannizado* das paixões, e não *escravizado.*

ESPECTADOR: (*spectateur*) He conforme com a analogia, e adoptado pelo longo uso. O mesmo dizemos de *espectavel* por cousa *digna de se ver*, cousa *muito para ver*, *illustre*, *notavel* &c. Ambos tem origem na lingua Latina.

ESPIÃO: *Espionagem*: (*espion*: *espionage*) Nos Auctores Portuguezes de boa nota sómente achamos *espia*, *explorador*, *espiar*, *explorar*, que dizem tanto como o Francez *espion*, e *espionner.* E se he necessario tambem hum nome para a Arte ou Officio do *espia*, por que não diremos *espiagem*, seguindo a analogia da nossa lingua?

ESPIRITOS-FORTES: (*esprits-forts*) Expressão ironica, adoptada na linguagem scientifica para significar os *incredulos*, os quaes em realidade blasonão de *espiritos-fortes*, i. e. de serem superiores ao que elles chamão preoccupações vulgares, e de desprezarem a prudente temperança de huma razão verdadeiramente illustrada, que conhece e respeita os seus limites.

ESPIRITUOSO: He adoptado na linguagem Chymica: mas applicado para significar o homem *vivo*, *esperto*, *engenhoso*, *agudo*, *perspicaz*, que *tem boa fantasia*, que he *discreto* &c. parece trazido immediatamente do Francez, e tomado pelos Francezes do Inglez *spirituous.* Tem boa origem, e derivação, e he mui expressivo. O mesmo dizemos da palavra *espirito* por *viveza*, *vivacidade*, *engenho*, *penetração* &c.

ESQUECER alguem, ou *alguma cousa.* Esta significação

activa do verbo *esquecer* he reprovada como gallicismo por hum Critico moderno, o qual suppõe que em bom Portuguez sómente se póde dizer *esquecí-me da lição*, ou *esqueceo-me a lição*, e não *esqueci a lição*. Mas o uso constante e frequentissimo dos Classicos mostra o contrario. *Ferreir. Castro* Act. IV.

Aquelles matas tu somente, ó morte,
Cujo nome se esquece . . . . .

Camões 1. P. das Rim. Sonet. 22.

Antes os esqueçaes, *que* vos esqueção.

E na Eglog. 3.

Que já de mim me esqueço *co' a lembrança*
Desta' mudança, que esquecer não sei.

Fern. d'Alv. Lusit. Transf. L. 2. p. 89. Ediç. de 1607.

Os animaes nos montes,
Os passaros nos ramos, que florecem,
Os peixinhos nas fontes
Já pelo somno esquecem
O pasto, *e repousados adormecem.*

Gabr. Per. Ulyss. C. 3. E. 99.

Que ainda ha de esquecer *por Lusitania*
Os abrazados muros *de Dardania.*

Arraez Dial. 1. C. 14.

Outros lugares curiosos de Galeno, minha fraca memoria os tem esquecido.

Vid. do Arceb. L. 6. C. 1.

A gente de Vianna não podia esquecer as obrigações, *em que estava ao Santo.*

Lobo Cort. na Ald. pag. 101 Ediç. de 1649.

Não tendes razão, quando vitupereis o seu Officio, esquecer a grandeza *das partes delle* . . . . &c. &c.

Por occasião deste artigo, não será inutil advertir aos nossos Leitores, que muitos verbos ha na lingua Portugueza, que sendo quasi sempre neutros, apparecem todavia com significação activa, e até reciproca, ou reflexa, nos bons Escritores Nacionaes: e ao contrario verbos, que sendo acti-

vos,

vos, se encontrão tambem com significação neutra, e intransitiva. De huma e outra classe apontaremos aqui alguns exemplos.

Conversar. Diz-se *conversar com alguem*; e *conversar alguem.*

Entrar em algum lugar. — *Entrar huma Cidade.* — *A peste os tinha entrado.* — Os Portuguezes *lhe entrárão o navio* &c.

Acabar, i. e. *fazer fim.* — *Acabar alguma cousa*, i. e. *concluila*, *pôr-lhe termo* ou *remate.* — *Acabar alguma cousa com alguem*, i. e. fazer que *venha nisso*, que *a conceda* &c.

Forrar despezas. — *Forrar-se alguem de palavras.* — *Acertar o alvo.* — *Acertar o encontro.* — *Acertar no alvo.* — *Acertar com a verdade.* — *Acertar com a morada de alguem.* — *Acertar de se encontrar com alguem.* — *Acertar-se de pelejar* duas vezes no dia, i. e. *acontecer assim* &c.

Haver. Ha hum homem virtuoso. — *Ha dias* que succedeo o caso. — *Ha que merece tudo*, i. e. *julga*, *tem para si.* — *Houverão grande victoria* dos inimigos, i. e. *alcancárão-na.* — *Houve-se bem* no negocio, i. e. *portou-se.* — *Há de havelo comigo.* — *Havia-o com homem executivo* &c.

Repugnar a alguma cousa. — *Repugnar o officio.*

Assistir a huma função publica — *Assistir o Estado*, i e. *auxilialo*, *patrocinalo.*

Desobedecer a Deos — e — *desobedecelo.*

Desmaiar, i. e. *desalentar.* — *Perder o animo.* — A Carta de V. S. *me desmaiou*, i. e. *me fez perder o animo.*

Duvidar. Os homens confessão o poder de Deos, e *duvidão-lhe da vontade* . . . e não falta *quem até o poder lhe duvide. Vieir.*

Resistir a alguem — ou — *Resistilo* &c. &c. &c.

ESTAR AO FACTO: *Pôr-se ao facto*: (*être au fait*, ou *se mettre au fait*) São puros gallicismos, e querem dizer *estar no caso*, *estar sciente*, *entender*, *inteirar-se*, *informar-se*, *instruir-se* &c.

ESTAR SOBRE AS SUAS GUARDAS, ou *Andar sobre* &c.

Fra-

Frase Franceza contraria ao uso do nosso idioma. Quer dizer: *estar*, ou *andar de sobre aviso*; *com o olho sobre o hombro*; *á lerta*; *andar sobre si*; *attentar por si*; *olhar por si*, &c. &c.

ESTUDADO: Por *affectado*, *contrafeito*, v. gr. *modos estudados*, *aceio estudado*, *estilo estudado*, parece-nos trazido do Francez para a nossa lingua Comtudo a metafora he boa, e expressiva, e o termo tomado na sua significação natural he mui Portuguez e Classico. Temos de auctoridade mui respeitavel, que o adject. *estudado* se acha com a significação de *affectado* na *Doutrina ao Infante D. Luiz* por *Lourenço de Caceres*, aonde se lê neste sentido, *estudada diligencia*, e que da mesma sorte se encontra em varios Classicos. Nós não temos lição alguma daquella Obra: e nos mais Classicos sómente temos achado *estudado* por cousa *dita*, ou *feita com estudo*, *reflexão*, *com cuidado*, e tambem *discurso estudado*, i. e. *ornado* &c.

ETIQUETA: (*étiquete*) He vocabulo adoptado pelo uso geral. Vej. *Blut.* no *Vocab.*, *Moraes* &c.

EVAPORADO: Tomado figuradamente para significar *homem evaporado*, *mancebo evaporado*, i. e. *homem leve*, *leviano*, *vão*; mancebo *inconsiderado*, *desattentado*, *de juizo leve*, *e voluvel*, talvez *inconstante* &c. parece gallicismo escusado na nossa linguagem.

EXACTIDÃO: (do Francez *exactitude*) D'antes diziamos *exacção*, que he mais classico, e mais conforme com a analogia. Comtudo *exactidão* parece não desmerecer a preferencia, que hoje tem alcançado no uso vulgar, se quizermos evitar o encontro das differentes idéas, que offerece o vocabulo, *exacção*, com o qual exprimimos a *cobrança*, ou *arrecadação de tributos*, e talvez o rigor das *cobranças fiscaes*, assim como aos encarregados destas chamamos exactores.

EXECUÇÃO: He usual entre os Francezes dizerem v. gr. *ces ouvrages etoient d'or*, *et il y avoit des piéces d'une* execution

tion *et d'un travail fort recherché*, aonde a palavra *execution* se não póde traduzir ao pé da letra, sem gallicismo. Em Portuguez corrente dizemos peças *de hum lavor primoroso*, *delicado*, *exquisito*; *de rico e primoroso artificio*; peças *excellentemente obradas*; *mui bem obradas*; *trabalhadas com admiravel artificio*; *fabricadas com grande e primorosa arte*; *peças de raro lavor*; *de polido lavor*; *de obra rara e exquisita* &c. No *Affons. Afric.* de *Mousinho* C. 12. p. 194 achamos exprimida assim a mesma idéa.

Vio pendurada huma lustrosa espada
Feitura, e obra de mão perfeita, e prima,
Segundo he rara aos olhos, e acabada.

E na *Malac. Conquist.* C. 10. E. 142.

Em fim nesse que vês fatal escudo,
Obra de extrema mão, *sabio Vulcano,*
Está pronosticando o lavor mudo &c.

Em estoutras frases Francezas v. gr. *homme de conseil et d'execution*; *homme de peu d'execution* &c., deve entender-se *homem de conselho e efficacia*; *de conselho e valor*; *homem pouco efficaz*; *pouco activo* &c.

EXIGIR: (*exiger*) Por *demandar*, *pedir como divida*, *pedir com auctoridade* &c.; diz *Moraes* no *Diccion.* que he termo moderno adoptado. Tem origem Latina no verbo *exigere.*

EXPORTAR: *Exportação* &c.: São vocabulos adoptados na linguagem mercantil; tem boa origem, e são expressivos.

EXTRACÇÃO: (*extraction*) Os que fallão á Franceza, dizem hoje mui frequentemente *homem de baixa extracção*, por homem *de baixa origem*, *de humilde nascimento* &c. He puro gallicismo, que se não deve tolerar. Os nossos Classicos disserão sempre homem *de baixo sangue*, *de baixa sorte*, *de humilde*, *de obscuro nascimento*, *de baixa condição*, *de humilde geração*, *de escura linhagem* &c.; e pelo contrario *homem bem nascido*, *de nobre sangue*, *de claro sangue*, *de clara estirpe*, *de boa linhagem*, *de bom nascimento*, *de muito sangue e qualidade* &c.

EX-

EXTRAVIAR: *Extraviado*: *Extravio*: (*extravier* &c.) São vocabulos modernamente tomados do Francez, mas tem boa origem, e analogia, e em alguns casos parecem necessarios.

F.

FACCIONARIO: *Faccioso*: (*factionaire*: *factieux*) Achamos muitas vezes em *Jacintho Freir. Vid. de João de Castr.* a palavra *facção* no sentido de *empreza militar*, *feito de armas notavel*; e huma unica vez a palavra *faccionario*, significando o mesmo que *parcial*, que he *de hum partido*, *de huma parcialidade*, *bandeado por alguem*, no Liv. 2. §. 19, aonde diz: « *Assi ficarão acordados, que dentro de tres dias virião os Castelhanos metter-se dentro da nossa Fortaleza de Ternate, onde lhes darião embarcação para a India . . . . e que ElRei de Tidore* seu faccionario *ficaria em nossa graça.* » Neste mesmo sentido traz *Moraes* a palavra *faccionario* auctorizada com o *Tacito Portuguez*. Porém não temos até agora achado em Classico algum o adjectivo *faccionario*, nem o outro *faccioso*, no sentido que hoje commummente se lhes dá de *turbulento*, *sedicioso*, *dado a facções civis*, ou a *parcialidades que perturbão o Estado*: e com esta significação os julgamos modernamente derivados do Francez, ou Inglez. Com tudo são de boa origem, e bem derivados, e, ao nosso parecer, adoptaveis.

FANATISMO: *Fanatico*: Parecem tomados immediatamente do Francez, mas tem origem Grega: são adoptados nas linguas sábias, e são expressivos, e necessarios.

FARPANTE: ou *Frapante*: (*frappant*) He gallicismo intoleravel, e todavia mui usado nas Traducções modernas, e na pratica familiar. *Hum facto*, *huma acção farpante*, quer dizer em bom Portuguez *hum facto*, *huma acção notavel*, *admiravel*, *insigne*, *illustre*, *conspicua*, *abalizada*, *estremada* &c. O adject. verbal *farpante* derivado não do Francez *frapper*, mas do Portuguez *farpar*, sómente o temos achado na *Art. de furtar*, Cap. 17, aonde tem mui diversa significação do Francez *frappant*.

FA-

FATIGANTE: (*fatigant*) He muito menos reprehensivel, que *farpante*, por haver em Portuguez o verbo *fatigar*, donde naturalmente se póde derivar *fatigante*. Comtudo os nossos bons Auctores nunça usárão deste adject. verbal, em lugar do qual dizem *molesto*, *incommodo*, *trabalhoso*, *afanoso*, ás vezes *importuno*, *fastidioso* &c. He tambem frequente entre elles significarem o mesmo conceito pelo adjectivo *cansado*, dizendo por ex. *cuidados cansados*, *lagrimas cansadas*, *jornada cansada*, em lugar de *cuidados fatigantes* &c., seguindo nisto a analogia, e uso elegante da nossa lingua, que frequentemente diz *enfermidades perseveradas*, *queixas sentidas*, *prantos magoados*, *entrada triunfada*, *homem lido*, *requerimentos longos*, *e trabalhados* &c. &c.

FAZER: Tem este verbo huma significação mui ampla, e generica, que se determina e limita pelos nomes, que se lhe ajuntão: e d'aqui vem as muitas e diversas applicações que tem na nossa lingua, as quaes sómente pela lição dos Auctores Classicos, podem ser bem conhecidas. Entre as que não são muito vulgares, temos notado as seguintes:

Fazer amizades, i. e. *adquirilas*, *grangeallas*. *Feo Trat. das Fest.*, *e Vid. dos Sant.* 2. P. pag. 254.

Fazer amizades a alguem, i. e. *mercês*, *e favores*. *Arraez Dial.* 4. C. 29.

Fazer abalo v. gr. hum edificio, i. e. ameaçar *ruina*, *estar para cahir*. *Heit. Pint. Dial. da Vid. Solit.* C. 3.

Fazer ausencia de algum lugar, i. e. *ausentar-se delle*. *Malac. Conq.* L. 3. Est. 85.

Fazer caminho, i. e. *andar*. *Bern. Prat. e Serm.* pag. 395.

Fazer o caminho, i. e. *concluilo*, *acabar a jornada*. *Vid. do Arceb.* L. 1. C. 10.

Fazer o caminho por alguma parte, i. e. *dirigilo por ahi*, *passar por esse sitio*. *Vid. de Suso* C. 38.

Fazer hum caminho a alguma part., i. e. *hir a essa parte*, *a esse sitio*. Cort. na Ald. Dial. 16.

Fazer a causa de alguem, i. e. *advogala. Vid. do Arceb.* 1. 19.

Fazer cobardia, i. e. *obrar cobardemente. Arraez, Dial.* 10. C. 72.

Fazer desprezos a alguem, i. e. *vilipendialo, menoscabar essa pessoa. Vieir.* Cart. 84 do Tom. 1.

Fazer erros, i. e. *commettelos, cahir nelles. Arraez* 1. 13. *Vid. de Castro* L. 2. §. 5.

Fazer emenda, i. e. *resarcir o damno. Barros. . . .*

Fazer espectaculo de alguma cousa a alguem, i. e. *darlhe esse espectaculo. Arraez* 6. 14.

Fazer invejas a alguem com alguma cousa, i. e. *excitar-lhas, causar-lhas. Vieir.* Cart. 11. do Tom. 3. *Cart. de Guia* pag. 111.

Fazer informações de alguem, ou *de alguma cousa*, i. e. *tomalas, informar-se* dessa cousa, ou pessoa. *Vid. do Arceb.* 1. 11.

Fazer justiça, i e. *administrala. Vid. de Castr.* L. 2. §. 5.

Fazer razão e justiça a todos igualmente, i. e. *governar bem.* Optima divisa de hum bom Principe! *Trancozo.*

Fazer lembrança de alguma cousa, i. e. *assentala em memoria. Vid. do Arceb.* 4. 21.

Fazer lembranças a alguem de alguma cousa, i. e. *excitar-lhas, recommendar-lhe* essa pessoa ou cousa. *Vid. do Arceb.* 1. 3., e 2. 23. *Vid. de Castr.* L. 4. §. 56.

Fazer jogo de alguma cousa, i. e. *fazer dessa cousa motivo de brinco, de zombaria. Vieir.* Cart. 78. do Tom. 3.

Fazer mantimentos, i. e. *preparalos, têlos promptos. Vieir.* Cart. 11. do Tom. 1.

Fazer noite em alguma parte, i. e. *pernoitar ahi. Vid. do Arceb.* 2. 3.

Fazer obediencia a alguem, i. e. *render-lha, significarlha. Barros.* Dec. 3. L. 6. C. 1.

Fazer as partes de alguem, i. e. *advogar por elle. Vieir. Serm.* Tom. 15. p. 211.

Fa-

Fazer satisfação por alguma cousa, i. e. *pagar a pena*, que por ella se devia. *Arraez* 8. 21.

Fazer saudades por alguem, i. e. *mostrálas. Vid. do Arceb.* 2. 1.

Fazer obra, ou *começar a fazer obra*, i. e. começar a *trabalhar. Vid. do Arceb.* 2. 9.

Fazer sentimento por alguem, i. e. *mostralo. Cort. Real.* 2. *Cerc. de Diu.*

Fazer serviço de alguma cousa a alguem, i. e. *offerecela de presente.* Arraez 4. 14.

Fazer significação de alguma cousa, i. e. *dar mostras della.* Arraez 1. 16.

Fazer provas de alguma virtude ou vicio, i. e. *mostrar que tem essa virtude ou vicio, dar provas disso.* Uliss. C. 8. E. 111.

Fazer rosto ao inimigo, i. e. *resistilo. Vid. de Castr.* L. 4. §. 18.

Fazer toque de alguem, i. e. *avaliar os quilates do seu merecimento.* Optima expressão de *Fr. Heit. Pint: no Dial. da Relig.* C. 5., aonde diz: *Se os Principes* fizessem toque *dos homem, e quantos quilates cada hum tivesse de merecimentos, tantos lhe dessem de galardão . . .* &c.

Fazer vingança, i. e. *tomala. Ferreir.* Egl. 10.

Fazer vituperios, e torpezas contra alguem, ou *contra alguma cousa*, i. e. *vituperala, tratala com vituperio.* Arraez 3. 3.

Usão tambem os nossos Classicos do verbo *fazer* em hum sentido absoluto, e não pouco elegante, e expressivo, que talvez pareceria gallicismo aos menos advertidos. V. gr. *Barros* Dec. 3. L. 5. C. 9. *aos quaes elle respondia, que* o deixassem fazer, *que elle o entendia mui bem. Vieir.* Cart. 13. do Tom. 3. *Torno a pedir a V. Exc. que* deixemos fazer a Deos; *por que importa muito para a satisfação do animo conhecer a sua vontade pelas suas disposições.* &c. O mesmo podemos dizer do uso duplicado do verbo *fazer* nesta frase de *Fr. Heit. Pint. Dial. da Verdad. Amiz. C.* 19.:

fogos, *que* fez fazer *na Cidade* &c. Não obstante porém ser o uso deste verbo tão vario, que se não póde sem grande circunspecção ajuizar da pureza das frases, ou expressões, em que elle entra, temos comtudo por gallicismos algumas dellas, que com muita frequencia se encontrão nos nossos Livros modernos, das quaes apontaremos para exemplo as que nos forem lembrando.

Fazer o importante, i. e. *fazer-se homem de importancia*, *de conta*, *de supposição*; *affectar de homem de porte*, *de valia*; *vender-se por homem de grande tomo* &c.

Fazer o impertinente. Obrar, *portar-se como tal*, *ser importuno* &c.

Este palacio fazia as minhas delicias, i. e. era *as minhas delicias*, *nelle punha todo o meu prazer*, *nelle me deliciava.*

Fazeis-me hum crime da minha prudencia, i. e. *attribuis a crime*, ou *culpais de criminosa*, ou *criminais a minha prudencia* &c.

Mancebos libertinos, *que se fazem huma honra de infringir as Leis*, i. e. que *se honrão de transgredilas*, que *se prezão disso*, que põem nisso *a sua honra* &c.

A Religião nos faz hum dever de amar a patria, i. e. *nos impõe o dever — nos obriga —* &c.

Os vicios são os que fazem a Lei neste seculo desgraçado, i. e. os *que dão a Lei*, os que *regem este seculo* &c.

Em verdade elle se tinha feito huma Lei de preferir &c., i. e. *se havia impôsto a Lei* &c.

Tu te fazias hum dever, *hum prazer de obedecer a todos os teus caprichos*, i. e. tu *te impunhas o dever*, *te comprazias*, *punhas o teu prazer em obedecer* &c. *o teu prazer era obedecer* &c.

O toucador não fará a vossa principal obrigação, i. e. *não será . . . não fareis consistir nisso a vossa . . . . não o olhareis como vossa principal obrigação* &c.

Esta verdade faz a base do meu systema, i. e. *he a base*, *o fundamento*, ou *sobre esta verdade assenta o meu systema* &c.

Es-

Esta acção faz a vossa gloria, i. e. *vos dá grande gloria*, *vos he gloriosa*, *della depende a vossa gloria*, *nella consiste a vossa gloria.*

Isto fará o assumpto, *o objecto do meu discurso*, i. e. *este será o assumpto* &c.

Fazemo-nos hum dever de publicar, i. e. *julgamos do nosso dever*, *havemo-nos por obrigados* &c.

Fazer o personagem de hum pai &c., i. e. *fazer o papel de . . . representar de . . .* ou *como pai* &c. &c.

FAVORITO: (*favori*) Este vocabulo he hoje mui mimoso dos que se tem por polidos, e discretos, e visto que tem por si a auctoridade de *Jorge Ferreir.* na *Com. Ulisip.* (*Moraes* no *Diccion.*), não o notaremos de gallicismo innovado: mas não he bem que nos esqueçamos absolutamente dos nossos bons vocabulos *privado*, *valido*, *favorecido*, *mimoso*, *aceito* &c.

FELICITAR: *Felicitação*: O verbo *felicitar* com a significação de *dar parabens*, diz *Blut.* que he tomado do Francez *feliciter*, e que *começava de ser usado no seu tempo em Portugal*, e cita em abono delle huma *Gazeta de Lisboa* de 1722. O substant. *felicitações* começou a introduzir-se depois, em lugar de *parabens*, *emboras*, *congratulações* &c. Este segundo não o julgamos necessario, nem melhor que as palavras Portuguezas correspondentes, ainda que tenha derivação regular.

FEREZA: Por *ferocidade*, *crueza*, he muito usado dos nossos Classicos; mas por *altiveza*, e *orgulho* duvidamos que tenha igual auctoridade.

FILANTROPO: *Filantropia*: *Filantropico*: ou *Philantropo* &c. São vocabulos de origem Grega, que provavelmente nos vierão pela lição dos livros Francezes, e tem seu lugar na linguagem dos doutos. Significão *filantropo*, o *amigo dos homens*, ou *do genero humano*; *filantropia*, o *amor do genero humano*, ou *a qualidade* que nos faz *amigos do genero humano*; e *filantropico*, o que pertence a esta qualidade, ou della resulta; v. gr. *affectos filantropicos*, *acções filantropicas* &c. &c.

FI-

FILHA: (*fille*) Em lugar de *moça*, *rapariga*, *donzella* &c. he erro de traducção; porque a palavra *filha* não tem em Portuguez significação tão extensa como em Francez.

FINANÇAS: Diz se hoje mui vulgarmente por *Fazenda Real*, *Rendas publicas*, *Rendas do Estado*, *Erario*, *Thesouro do Principe*, *Fisco* &c., e *Sciencia das Finanças* por *Sciencia Fiscal*, i. e. a que estabelece e ensina os principios deste ramo do Governo do Estado. Vej. *Blut.* no *Supplem. ao Vocab.*, aonde sómente julga licito usar deste vocabulo, quando se falla da *Fazenda Real de França*. Nós não o temos por necessario.

FORMALIZAR-SE: (*se formaliser*) Por *offender-se*, *escandalizar-se*, *picar-se*, *mostrar-se picado* de algum dito, ou facto, parece gallicismo desnecessario. Comtudo não duvidamos que seja conveniente o seu uso, quando quizermos determinadamente expressar a *demonstração externa da pessoa offendida*, que por escandalizada e picada, deixa as *fórmas familiares*, com que nos tratava, para tomar outras mais sérias, sisudas, e graves. Da mesma sorte será expressivo, e conveniente este vocabulo, quando fallarmos do *homem publico*, que nos actos do seu officio *toma as fórmas*, e o ar serio da sua auctoridade, deixado o tom, e modos familiares, que em outras circunstancias lhe não são estranhados.

FORMATO: (*format*) Não sabemos a razão por que tão vulgarmente se tem adoptado este vocabulo para significar a *fórma*, ou a *grandeza do papel*, em que está escrita, ou impressa qualquer Obra. Em Portuguez legitimo dizemos livro manuscripto, ou impresso *em folha*, *em quarto*, *em fórma de quarto*, *de oitavo*. &c. *Vieir. Cart.* 64 do Tom. 1.: *nem se póde fazer o preço*, *sem se saber a qualidade da letra*, *e o numero dos volumes*, *e se hão de ter margem*, *ou não*, *e se hão de ser em quarto*, *ou* n'outra fórma.

FORMIGAR: He tomado do Francez *fourmiller*, e nos parece desnecessario, maiormente por causa da *homonymia*, visto que *formigar* tem sua significação propria em Portuguez. Esta frase por ex. *dormitações*, *que* formigão *em Home-*

mero, póde corrigir-se dizendo *que abundão*, ou *em que Homero abunda*, ou melhor, *descuidos frequentissimos em Homero* &c.

FRAPANTE: Vej. *Farpante.*

FRIVOLIDADE: (*frivolité*) Diz o mesmo que o termo plebeo *frioleira*, e em linguagem mais polida *futilidade*, *uiuharia*, *ridicularia*, *cousa vã e frivola* &c. Alguns modernos dizem *frivoleza*, e por ventura com melhor derivação, e analogia: porque quando estes nomes abstractos não são derivados de outros Latinos, que tenhão o nominativo em *itas*, e o genitivo em *itatis*, como *castitas*, *humanitas* &c., parece que o Portuguez prefere terminalos antes em *eza*, do que em *ade*; e ainda muitos dos que tem aquella derivação Latina, tomão em Portuguez a terminação em *eza.*

Assim v. gr. derivamos

Do Latim	*austeritas*	*austeridade*, ou	*austereza.*
	simplicitas	*simplicidade*	*simpleza.*
	rusticitas	*rusticidade*	*rustiqueza.*
	raritas	*raridade*	*rareza.*
	nobilitas	*nobreza.*	
	firmitas	*firmeza.*	
	levitas	*leveza.* &c. &c.	

E nos abstractos, que não são trazidos do Latim, preferimos commummente a terminação em *eza*, dizendo v. gr.

De *curto*	*curteza.*	De *rico*	*riqueza.*
altivo	*altiveza.*	*bruto*	*bruteza.*
barato	*barateza.*	*ligeiro*	*ligeireza.*
estranho	*estranheza.*	*escaço*	*escaceza.* &c.

FUGITIVO: Diz-se hoje á maneira dos Francezes *Poesias fugitivas*, *Obras fugitivas* &c. Na *Observação do Conde da Ericeira sobre o num.* 64 *da Biblioth. Souz.*, que vem na *Collecç. dos Docum. e Memor. da Acad. R. da Hist. Port.* do ann. de 1735 diz aquelle douto Fidalgo: *Com o titulo de Bibliothe-*

ca

ca Volante procurou huma Collecção de Italia conservar as Obras miudas, *a que os Francezes chamão* fugitivas &c.

FUNCCIONARIO: He vocabulo modernamente tomado do Francez para significar em geral qualquer pessoa que tem *officio*, *emprego*, ou *ministerio publico*, a que os nossos chamão tambem em geral *Ministros*, *Officiaes da Republica* &c. Tem boa origem, e derivação, e não desdiz da analogia.

FUNDO: Em sentido figur. tomamos esta palavra pelo mais *difficil*, *obscuro*, ou *occulto* de alguma questão, ou negocio, e dizemos em bom Portuguez v. gr. *sondar* o fundo *da questão*, *achar* o fundo *a alguma materia*, *ver* o fundo *ás mentiras do mundo*, *entrar no fundo do negocio* &c. Mas parece-nos gallicismo dizer *esta proposição* no fundo *he verdadeira*, i. e. *na substancia*, *no essencial*, *no principal. Estes dois historiadores concordão* no fundo *da historia*, i. e. *no essencial*, *no substancial* &c. Estoutra frase Franceza, v. gr. *son mari dans le fond ne pouvoit ne persuader qu'elle lui fut infidelle*, quer dizer, seu marido não podia *em realidade* persuadir-se &c.

FUZIL: Por *espingarda*, e *fuzillar* por *espingardear* são tomados do Francez sem necessidade alguma. E como *fuzil*, e *fuzillar* tem na nossa linguagem suas significações proprias, parece que se deve evitar a *homonymia*, e o equivoco que della resulta.

G.

GALIMATIÁS: He palavra puramente Franceza, que sem razão querem alguns trazer á nossa lingua. Em Portuguez corresponde-lhe exactamente o vocabulo *palavrorio*, ou *palanfrorio*, que em Latim se exprime por *inanis verborum sonitus*; *canorae nugae*; *voces inopes rerum* &c. Tem differença do Francez *jargon*, que exprimimos por *algaravia*, *inglesia*, &c.

GARANTIR: *Gárante*: *Garantido*: *Garantia*: (*garantir-garant* &c.) O verbo *garantir* vem auctorizado no *Diccion.* de

de *Moraes* com o *Tratado* impresso em 1713, e tanto elle, como os seus derivados, parece estarem hoje adoptados na linguagem Diplomatica. Mas temos por abuso ampliar a sua applicação a outros quaesquer assumptos, e muito mais dizer, como achamos impresso, que *só esta Sciencia* (a Mathematica) *he capaz de* garantir-nos *de illusões, e escuridades*. Vej. *Blut.* no *Supplem.*

GENIO: Ha muito tempo que em bom Portuguez dizemos *ter bom, ou máo genio, ter genio manso, docil, ardente, impetuoso* &c., significando assim *o caracter moral* de alguem. Dizemos tambem *ter genio para a Poesia, para a Pintura, para a Eloquencia* &c., i. e. *ter aptidão, capacidade, talento, disposição natural, propensão* para essas Artes &c. E dizemos finalmente *genio* por *espirito*, ou *quasi deidade* (segundo a frase gentilica) *que influe nos homens, e lhes assiste*, e neste sentido disse *Ferreira* na *Castro* Act. 1.:

Ou quando minha estrella, e cruel genio
Te poder arrancar desta alma minha.

He porém novo no nosso idioma, e derivado dos modernos livros Francezes, tomar a palavra *genio* n'um sentido absoluto, e indeterminado, como quando dizemos: *he homem de genio*; *as obras deste grande genio*; *foi hum genio em Poesia*, &c. O eruditissimo *La Harpe* diz que as palavras *genio*, e *gosto* tomadas neste sentido absoluto são peculiares da lingua Franceza, e nella mesma *de uso moderno*. Entre nós se achão adoptadas na linguagem da Litteratura, e parecem de indispensavel necessidade: mas cumpre que se lhes dê huma significação fixa, e determinada, e tal que remova de huma vez todo o equivoco, e ponha termo ás questões que tem havido entre os doutos, por não conformarem na verdadeira noção deste vocabulo. Não julgamos da nossa competencia prevenir a este respeito o juizo dos Sabios; mas seguindo as judiciosas reflexões do mesmo *La Harpe*, (*Cours de Litterat. Introd.*) entendemos que *genio*, na accepção, de que aqui se trata, quer dizer *huma grande superioridade de talento* para qualquer Arte, ou Sciencia, ou

homem que gozou essa superioridade; e neste ultimo sentido se diz v. gr. *Newton foi hum genio em Mathematica*: *Camões foi hum genio em Poesia* &c

GENTES: Acha-se a cada passo nas Traducções modernas: *as gentes de bem*, *as gentes frivolas*, *as gentes honestas*, *as gentes sensatas*, *a gente de letras* &c. São outros tantos gallicismos, que em bom Portuguez valem o mesmo que *os homens honrados*, *os homens sensatos*, *os homens frivolos*, *os homens de letras* &c. Hum folheto, ha pouco impresso, dizia ainda mais ridiculamente: *nove milhões* de gentes *lhe sahirião ao encontro*: *nem vinte e sinco milhões* de gentes *se aniquilão* &c. Parece que o Auctor tinha receio de chamar *homens* aos homens! Não devemos porém occultar aqui que algumas raras vezes se acha nos nossos bons Escritores a palavra *gente*, e *gentes*, em sentido analogo ao de que aqui tratamos: v. gr. na *Vid. do Arceb.* L. 2. C. 1. « *Os mais companheiros erão hum Capellão*, e gente de serviço, *seculares sinco ou seis* » e no L. 2. C. 26. « *e ainda que se assombrava com se ver buscado e estimado* das gentes, *que ja lhe parecia genero de vaidade e tentação* &c. » Na *Cart. de Guia de Casad.* fol. 90 verso « *arrebatão sem alguma prudencia os animos singellos*, *e piedosos das Senhoras*, e gentes principaes &c. »

GOLPE DE VISTA: *Golpe de olho*: São as expressões, com que frequentemente achamos traduzido o Francez *coup d'œil*, e com que os desdenhosos da linguagem patria enfeitão seus discursos e composições. Mas errão contra o genio da nossa lingua, e contra o seu uso. Vejamos de que maneira se explicavão os nossos bons Portuguezes. Souz. *Vid. do Arceb.* L. 4. C. 30.:

> *As cousas do mundo não são dignas nem de hum* emprego de olhos, *quanto mais da affeição da alma.*

Bernard. Serm. e Prat. p. 178:

> *Servirá de espelho*, *que* de huma só vista *diga mudamente as faltas de todos.*

E a pag. 338:

diz

diz Deos, que a alma santa o rendeo com huma vista de olhos . . . *com hum só* voltar de olhos.

Miscell. de Leit. p. 358.:

Vede como está minha vida no volver desses olhos.

Camões C. 3. E. 143:

Quem vio hum olhar *seguro, hum gesto brando.*

E nas Rim. 1. P. Son. 35:

Hum mover de olhos *brando e piedoso.*

E Eglog. 8.:

Huma só volta de olhos *descuidada.*

Mousinh. Affons. Afric. C. 6. pag. 99 verso:

Quem pode resistir a hum doce e brando
Quebrar de olhos, *que as almas vai roubando?*

E entre os modernos Filint. Elys. Tom. 2. de seus *Versos*:

Mas que he o ouro, e a vida,
A quem perde hum mimoso olhar *de Marcia?*

Bocag. Cant. 1. á Immacul. Conceiç. de N. S.:

Ah! de teus olhos hum volver piedoso
Desarme, ó Virgem bella, o justiçoso
Ente immortal, que os improbos fulmina. &c.

Quando os Francezes dizem v. gr. *este lugar offerece ao observador o mais bello* (coup-d'œil) *golpe de vista*; deve traduzir-se *a mais bella perspectiva*, ou *o mais bello painel*, como se explica *Vieir. Relaç. da Missão de Ibiapaba* §. 8.; *mas depois que se chega ao alto das serras, pagão bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos hum dos mais* formosos paineis, *que por ventura juntou a natureza.* E quando finalmente no titulo de algumas Obras dizem, por ex., *Coup-d'œil sur l'etat actuel de l'Europe*, devemos traduzir *Vista do estado actual* &c., bem como traduzem os Inglezes: *A view of the state* &c., ou se quizermos mais á letra: *Lanço de vista*; ou tambem *Revista sobre o estado* &c..&c.

GOSTO: *O termo gosto* (diz *Dias Gomes, Obr. Poet.* Not. 20 á Eleg. 10.) *no mesmo significado, em que o tomão os Francezes, ja o vemos tão introduzido ha mais de trinta annos em Portugal, que se deve reputar proprio do idioma, no sen-*

tido de bom gosto: *de modo que quer se diga* gosto, *quer* bom gosto *em Artes, tudo he o mesmo; nem se duvida da identidade dos significados, que neste sentido não requerem modificação.* Vej. o que dissemos na palavra *Genio.*

GOVERNANTE: (*gouvernant*) Por *Aia, Ama*, ou *Mestra*, he francezismo escusado.

GRANDE CAMINHO: Assim traduzem alguns erradamente o Francez *grand chemin*, ou *grande route*, que quer dizer *estrada real*, ou *caminho real.*

GRANDE MUNDO: He hoje expressão da moda tomada do Francez *le grand monde*, para significar *a gente mais abalizada, a gente principal do Reino, a Corte*, e tambem *toda a sorte de gente*, ou *gente de todos os estados e caracteres.* V. gr. he *hum homem que tem conversado o grande mundo*, i. e. que *tem tratado com muita gente abalizada, com a gente principal*, com *gente de todas as classes, e condições* &c. &c.

GRIMAÇAS: He puro Francez, pelo qual dizemos *tregeitos, momos, gestos ridiculos e affectados*, e em frase da plebe *gatimanhos.*

GRUPO: (*groupe*) He vocabulo das Artes de *Pintura*, e *Esculptura*, e significa *numero de figuras juntas, e apinhoadas com arte.* Parece necessario, e he auctorizado pelo uso dos Artistas. Em outros casos dizemos *magote*, e talvez *turma.*

GUARDAR O LEITO: (*garder le lit*) He expressão Franceza, que em bom Portuguez quer dizer *estar de cama*, ou *em cama*, por molestia.

H.

Homenagem: A expressão *render homenagem* tem no idioma Portuguez seu proprio significado, e quer dizer: *fazer preito*, ou *dar juramento de fidelidade ao Soberano*, quando delle se recebe alguma Praça, Governo, Terras, ou Feudo. Os Francezes estendêrão esta significação primaria, dizendo figuradamente *rendre ses hommages à quel q'un*, i. e. *acatar*, *re-*

reverenciar, *respeitar*, *venerar alguem*, ou *render culto*, *obsequio*, *dar veneração*, *fazer acatamento* &c. D'aqui o tem tomado os nossos modernos Traductores com a mesma significação, que não reprovamos, com tanto que se empregue moderadamente, e sem affectação. *Garção* diz no mesmo sentido em huma de suas Odes:

Mil garridas, *mil candidas Licoris*
Vencedor me jurárão, *me* renderão
Do riso, *do prazer no Capitolio*
Humilde vassallagem.

E já *Fern. d'Alv.* na *Lusit. Transform.* L. 2. pag. 153 vers. da ed. de 1607 disse:

Troca nesta tristissima viagem
Com morte a vida, *que em tormentos passa*;
O triste que lhe deo d'alma homenagem.

HORDA: (*horde*) Já vem em *Blut.* no *Supplem.*, aonde o auctoriza com huma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1726. Diz-se propriamente das *catervas*, ou *bandos de povos errantes*, *que não tem domicilio certo.*

HUM: Este vocabulo, além da significação que tem como *numeral*, póde em alguns casos haver-se como huma especie de *artigo*, ou *adjectivo articular*, que determina a significação dos nomes, a que se ajunta, restringindo a indefinida extensão das idéas, que elles exprimem. Assim quando dizemos, por ex. *Julio Cesar foi* hum *Principe tão insigne nas letras*, *como nas armas*, aquelle *hum* não he, nem póde ser *numeral*; mas sim *artigo* que limita a extensão da idéa significada pela palavra *Principe.* Os Francezes tem, como nós, este uso, e dizem tambem, v. gr. *Pierre est* un *homme de probité* &c. mas amplião-no muito mais, e empregão a mesma palavra com frequencia, e em certas circunstancias, em que a nossa linguagem a recusa. Devemos pois reflectir na pratica dos bons Classicos, e não nos desviarmos sem necessidade do caminho que elles seguírão. Observando esta regra geral, veremos que ha de algum modo gallicismo nas seguintes frases:

Pas-

Passa o Autor a fallar de huma outra *Profecia*, i. e. *de outra Profecia.*

Qualquer que seja a vossa natureza, vós deveis viver huma outra *vida, fallar* huma outra *linguagem, e ter outras ideas*; quer dizer *viver outra vida, fallar outra linguagem* &c.

Nem nos demove do nosso parecer o exemplo de *Rui de Pina* no *Prologo da Chronica de ElRei D. Duarte*, aonde diz: *nos-achamos logo outros, e sentimos em nós* hum outro *singular melhoramento*; e pouco depois: *ainda por* huma outra *especialidade de obrigatorios exemplos*; porque além de estarmos persuadidos, que nem tudo quanto vem nos Classicos he para se imitar, maiormente no que respeita á Syntaxe, e organisação da frase e discurso; he tambem certo que aquellas palavras *hum outro, huma outra* envolvem huma especie de redundancia, que o uso presente da lingua Portugueza tem rejeitado: por onde indicarião hoje affectação, e darião ao discurso aquelle ar Francez, que sobre tudo se deve evitar. Não menos julgamos reprehensivel a viciosa, e tambem affectada repetição do vocabulo articular *hum* no seguinte periodo, e em outros semelhantes, que a cada passo se encontrão traduzidos muito á letra do Francez.

Póde qualquer chegar a ser hum *grande homem, sem ser dotado de* hum *espirito, e de* hum *genio superior, com tanto que tenha valor*, hum *juizo são, e* huma *cabeça bem organizada.*

Que em melhor Portuguez quer dizer:

Póde qualquer chegar a ser grande homem, sem ser dotado de hum *espirito e genio superior, com tanto que tenha valor, juizo são, e boa cabeça* &c.

Tambem nos parece que se deve evitar, quanto possivel for, o ajuntamento do articular *hum* com as palavras *muito, mais, maior*, &c. v. gr. *hum muito máo coração, hum maior abuso, huma mais certa esperança* &c., e isto por causa do máo soido, que fazem semelhantes expressões &c. Ultimamente advertimos que os nossos Classicos usárão não raras vezes do articular *hum* acompanhado do artigo simples

ples e definido: v. gr. *Fr. Heit. Pint. Dial. da Verd. Amiz.* C. 19. *claro está quam mais uteles e excellentes são* os huns *que* os outros. *Duart. de Rezende Dial. Lelio* ou *Amicitia* de M. T. *Ciceron.* ed. de 1531 *Haverá* o hum *do outro vergonha* &c. Mas este uso acha-se com mui justa razão antiquado, porque a propria natureza dos dois vocabulos o repugna.

HUMILIANTE, ou *HUMILHANTE*: (*humiliant*) Tem boa derivação, e analogia, e parece necessario ao nosso idioma.

HUMOR: Significa no sent. fig. *boa ou má disposição do animo causada dos humores, que constituem o temperamento, e influem nos costumes do homem, e no seu modo de obrar.* (*Blut.*) Entre nós he indifferente para significar *bom* ou *máo humor*, e sempre se lhe ajunta algum adjectivo, que determine a sua significação, v. gr. *bom, mão, alegre, festivo, jovial, aspero, sombrio* &c. Pelo que nos parece gallicismo reprehensivel empregalo em sentido absoluto, como nas seguintes frases: *obrar por capricho, e por humor; não são supposições dictadas pelo humor*; *Obra da singularidade, e do humor.* Muito menos se póde tolerar no sentido de *enfadamento, agastamento*, como v. gr. nesta frase *il temosgnoit beaucoup d'humeur de l'absence de son fils*, que em Portuguez corrente se deve traduzir: *elle se mostrava muito* enfadado, *ou* agastado, *ou mostrava grande* enfadamento *pela ausencia* &c.

I.

JALUZIA: (*jalousie*) Achamos este vocabulo em huma Obra Portugueza original, aonde o Auctor, fallando dos *affectos oratorios*, diz: *Os movimentos de amor, de odio, de medo*, de jaluzia, *e de raiva* &c., tomando *jaluzia* por *ciume*, ou *inveja*, que são os vocabulos Portuguezes, que correspondem ao Francez *jalousie.* Não ignoramos que *Vieira* usou mais de huma vez da palavra *gelozia* nas suas Cartas, entendendo-a no sentido do Italiano *gelozia* por *sollicitude*, *cui-*

cuidado ancioso &c.; mas esta auctoridade, bem que respeitavel em tal materia, não a julgamos só por si bastante a fazer adoptavel aquelle vocabulo; já porque o uso anterior e posterior a *Vieira* recusou esta innovação, e já porque o estilo epistolar sofre algumas vezes semelhantes liberdades, sem que por isso nos auctorise para usarmos dellas em differentes circunstancias. E por certo que ninguem adoptará de *Vieira* a palavra *nombramento* usada por elle na Carta 96 do Tom. 1., nem a palavra *raconto* (*relação*) da Carta 99 do mesmo Tomo, nem finalmente a palavra *aquistar*, que vem no mesmo Tomo Carta 118.

JAMAIS: (*ja-mais*) *Este adverbio* (como advertio *Dias Gomes Obr. Poet.* Not. 4. á Eleg. 2.) *não se deve reputar por gallicismo, pois só a indiscreta frequencia o constitue tal, sendo, como he, usado dos nossos Autores, como Gomes Eannes, Camões, Gabriel Pereira de Castro, e Ferreira.* Nós, em graça dos Leitores menos versados nos Classicos Portuguezes, poremos aqui alguns dos varios modos, com que elles usão deste vocabulo, ou exprimem a sua significação.

Eneid. Port. L. 3. Est. 44:

Porem a quem jamais *pelos sentidos*
Passára, que algum tempo inda os Troyanos
A Hesperia havião de ir?

2.° *Cerc. de Din.* Cant. 2.:

Quando perdida verás a Fortaleza
E a esperança de cobrala jamais?

Arraez Dial. 10. C. 83:

Prometteí a Christo de jamais *o deixardes.*

Mousinh. Affons. Afric. C. 1.:

Lugar de penas e tormento esquivo
Onde jamais *se vio contentamento.*

Eneid. Portug. L. 2. E. 26:

Não descançou jamais *da furia brava.*

Cam. Rim.:

Jamais *vos não ouviráõ*
Os tigres que se amansavão.

Vieir.

Vieir. Carta 33 do Tom. 3.:

O Turco fica fazendo em Constantinopla e Candia os maiores apparatos de guerra, que nunca jamais *se virão.*

Fr. Greg. Bapt. 1. P. *das Dom.* f. 26 verso:

Ja nunca mais *este Senhor castigou sem piedade.*

Cam. Rim.:

Lembre-vos minha tristeza
Que jamais nunca *me deixa.*

Mousinh. Affons. Afr. C. 6.:

Esta fermosa e linda praderia
A quem jamais nenhuma *se igualava.*

Ferreir. Cast. Act. 4.:

Nem haverá ja nunca *no mundo olhos*
Que não chorem de magoa.

Mousinh. Affons. Afric. C. 3.:

Gemeram d' improviso c' hum estrondo
Nunca ja *visto as taboas abaladas.*

Camões Eclog. 2.:

O' immatura morte, que a ninguem
De quantos vida tem nunca *perdoas.*

Paiv. 1. P. de *Serm.* fol. 147 verso:

S. Gregorio conta em Moisés pelo maior serviço que fez nunca *a Deos* . . . . &c. &c.

A' vista do constante uso que fazem os nossos Classicos deste adverbio com a significação de *nunca*, não podemos deixar de notar aqui como gallicismo o emprego que delle fez o doutissimo P. *Pereira*, traduzindo aquellas palavras do *Genes.* IX. 12 *Hoc signum foederis, quod do inter me et vos, in generationes sempiternas*, deste modo, *eis-aqui o sinal do concerto que eu faço* para sempre jamais *entre mim e vós*, aonde parece haver tido presente o Francez *pour ja-mais*, que a cada passo se acha nas Traducções Francezas da S. Biblia, correspondendo ao Latim *in sempiternum, in omne aevum, in generationes sempiternas*, e que nós traduziriamos melhor *para todo o sempre.*

IMBECIL: *IMBECILLE*: *EMBECIL*: De todos estes

modos temos achado trasladado o Francez *imbecille*, entendido como substantivo, ao qual em Portuguez corrente, e de bom cunho, correspondem as palavras Portuguezas *fatuo*, *nescio*, *sandeu*, *pêco*, *insensato*, *parvo*, *tonto*, *desasizado* &c. Devemos porém advertir, que achamos este adjectivo usado na sua natural significação derivado do Latim, em *Arraez* Dial. 10. C. 2.: *Por que me deixastes em minhas fracas forças humanas, que são* imbecilles, *e fracas?* E na Traducção do Livro *De Senectute de Cicero* por *Damião de Goes*, ms. fol. mihi 24: *Cyro, segundo escreve Xenophonte, dixe morrendo ja muim velho, que nunca sentira a velhice mais fraqua nem* imbecil *que a mocidade.*

IMBECILLIDADE: Temos em Portuguez *imbecillidade* por *falta de forças*, *fraqueza de corpo*, ou *animo*; mas em lugar de *tolices*, *sandices*, *parvoices* &c. parece-nos gallicismo desnecessario.

IMMEDIAÇÕES: He vocabulo novo em Portuguez, e derivado do Francez tambem novo *immediations*. Significa o mesmo que *visinhanças*, *arredores*, ou *orredores*, *contornos*, *circumvisinhanças* de algum lugar. Não vemos razão por que seja necessario adoptar-se.

IMMORAL, e *IMMORALIDADE*: Ainda que nos hajão vindo immediatamente do Francez *immoral*, e *immoralité*, comtudo são necessarios, não encontrão a analogia, e são derivados de *moral*, e *moralidade*, que sem duvida nos pertencem, e nos vierão do Latim.

IMPOTENTE: He vocabulo Portuguez, com que significamos o *que não póde gerar*, que *he incapaz para a geração*. Paixões *impotentes* por *desordenadas* he gallicismo, ou talvez Inglezismo, de que não necessitamos, e que não condiz com a primaria significação de *impotente*. *Esforços impotentes*, *meios impotentes* para alcançar qualquer fim, he bom, e póde adoptar-se, com tanto que se evite o perigo de excitar huma idéa accessoria torpe, e indecente.

IMPERISSIVEL: (*imperissable*) He gallicismo grosseiro, e inadoptavel. Em Portuguez dizemos cousa *não pere-*

ce-

cedeira, *immortal*, *perpetua*, *perduravel*, *interminavel*, *sempiterna*, *que sempre dura*, *indestructivel* &c.

IMPETUOSIDADE: He tomado do Francez *impetuosité*, e parece necessario para exprimir a *qualidade de impetuoso*, que se não exprime por *impeto*.

IMPÔR: (*imposer*) Este vocabulo tem na lingua Portugueza suas significações bem sabidas: mas no sentido de *enganar*, *illudir*, *seduzir* com impostura, parece gallicismo, de que não carecemos. As frases Francezas, em que elle figura, podem traspassar-se de differentes maneiras, conforme o pedirem as circunstancias: V. gr. *o aspecto deste homem* impõe, i. e. *engana*, *illude*. *Os exteriores apparatosos* impõe *á multidão*, i. e. *mettem respeito*, *infundem respeito á multidão*. *As tropas já não* impunhão *ao povo*, i. e. *já o não continhão*, já lhe *não mettião respeito*, ou *medo*. *Pretendeis com paralogismos* impôr *á multidão*, i. e. *seduzila*, *embaila*. *Soube* impor ao povo *com falsos milagres*, i. e. *embair o povo* &c. Parece-nos que o termo mais proprio correspondente ao Francez *imposer* neste sentido, he o verbo *embair*, cuja significação he *enganar com imposturas*, *embelecar*, *induzir em erro com boas apparencias* &c. *Arraez Dial.* 3. C. 34. *Os Judeos ousão dizer de Christo que foi blasfemo e* embaidor: e no *Dial.* 7. C. 20: *até chamarem ao Senhor Jesus* embaidor. *A palavra Grega* planos *não significa enganador de qualquer maneira*; *se não de hum certo genero*, *que professa enganar*, *e* embair &c.

IMPORTAÇÃO: *IMPORTADO*: São adoptados na linguagem mercantil, e tem bom fundamento na primaria significação do verbo *importar*, i. e. *trazer para dentro*.

IMPRATICAVEL: Hum Critico moderno reprova como Franceza a expressão *mar impraticavel*: mas *Blut.* traz no seu *Vocabul. caminhos impraticaveis*, e *Rui de Pina* já disse na *Chron. de D. João II.* Cap. 82: *Não houve Provincia de Christãos e infieis*, *amigos*, *e imigos de nós sabida e* praticada, *em que* &c. Tambem dizemos *mar intratavel*, *caminhos intrataveis*, *mar innavegavel* &c.

INABALAVEL: Parece-nos tomado pelos nossos modernos Escritores do Francez *inébranlable*, e somos de parecer, que he innovação escusada no nosso idioma, aonde temos *immovel*, *firme*, *estavel*, talvez *constante*, *immudavel*, *invariavel* &c. Camões usa de *immoto* no mesmo sentido nas *Rim.*:

Aquelle gesto immoto, *e repousado.*

E nos *Lusiad.* C. 2. Est. 28:

Mas por não darem no penedo immoto
Onde percão a vida doce e cara.

No sentido figurado podemos variar a expressão, dizendo com os Classicos: animo *inteiro e inflexivel*, constancia e fortaleza *invencivel*, Leis *immudaveis*, virtude *firme e inexpugnavel*, verdade *inconcussa*, constancia *incontrastavel* &c. Confessamos todavia que *Bluteau* já traz o adjectivo *inabalavel* no *Suppl.*, auctorizando-o com a *Gazeta de Lisboa de 24 de Janeiro de 1726.*

INACÇÃO: *He palavra* (diz *Blut.* no *Vocabul.*) *tomada do Francez inaction. Tenho ouvido alguns Portuguezes cultos usar della. Val o mesmo que cessação de obrar, e ás vezes ocio, negligencia.* Hoje he adoptada, e auctorizada.

INCALCULAVEL: He tomado do Francez; mas tem boa origem e derivação, e parece conveniente adoptar-se. Significa *cousa que se não póde reduzir a calculo*, que *se não póde contar*, *nem avaliar*, *innumeravel*, *sem conto* &c., e no fig. cousa *imponderavel*, *inestimavel* &c.

INCESSANTEMENTE: Significa o mesmo que *continuadamente*, *sem descontinuar*, *sem cessar*, *sem se interromper* &c. Mas quando se toma por *logo*, *sem demora*, *daqui a pouco*, *dentro de pouco tempo* &c., he gallicismo, e seria erro dizer *marcharei incessantemente a Lisboa*; *verei o meu amigo incessantemente* &c.

INCONCEBIVEL: (*inconcevable*) Temos visto muitas vezes empregado este vocabulo em papeis impressos, e por pessoas aliàs doutas. Em melhor Portuguez diremos *incomprehensivel*, *ininteligivel*, e ás vezes *imponderavel.* Mas se se jul-

julgar necessaria a innovação deste vocabulo, deverá então dizer-se *inconceptivel*, e não *inconcebivel*; porque este ultimo, além de ter má pronunciação, he derivado contra a analogia da lingua Portugueza, que fórma, á maneira da Latina, *imperceptivel*, *susceptivel*, *admissivel* &c., e não *impercebivel*, *suscepivel*, ou *suscebivel*, *admittivel* &c.

INCONTESTAVEL: *INCONTESTAVELMENTE*: *He tomado* (diz *Blut.* no *Suppl.*) *do Francez incontestable, que val o mesmo que coisa indubitavel, sobre a qual he inutil contender*: e ahi mesmo auctorisa o adverb. *incontestavelmente* com o *Trat. de Paz* de 1713. Hum e outro tem boa origem e analogia.

INDEMNIZAR: *INDEMNIZAÇÃO*: *INDEMNIDADE*: Parecem trazidos immediatamente do Francez, e de novo introduzidos na nossa lingua, aonde temos os correspondentes *compensar*, *resarcir*, *reparar o damno* &c., mas tem origem no Latim, são adoptados pelo uso geral, e já forão usados nas Leis do Senhor D. José I.

INDOLENCIA: *Ateagora* (diz *Blut.* no *Suppl.*) *não achei esta palavra em Autor Portuguez.* Indolencia *porem, como derivada do Latim, parece necessaria para evitar circumloquio.* Os Francezes tambem dizem *indolence*, e tanto elles como nós á sua imitação, o usamos não só para significar a *insensibilidade á dôr*, (que he a força do termo Latino) mas tambem a *negligencia*, *incuria*, *deleixamento*, *descuido* &c.

INESGOTAVEL: He innovação, imitada por ventura do Francez *inépuisable.* Em lugar della temos *inexhausto*, *perenne*, *perennal*, *manancial* &c. Comtudo se parecer necessario, não he contra a analogia. Nós preferiremos sempre *inexhaurivel.*

INEXHAURIVEL: Os nossos Classicos disserão sempre *inexhausto*; mas *inexhaurivel* conforma com a analogia, he adoptado pelo uso geral, e já vem nos *Estat. nov. da Universid. de Coimbra* T. 3. Cap. 1. n. 1., aonde diz: *ainda que as Sciencias Mathematicas são tantas, e cada huma dellas de tão grande vastidão, e* inexhaurivel *fecundidade* &c.

IN-

INFECTADO: Por *inficionado*, *contaminado*, *infecto*, *tocado do contagio*, *corrompido*, *viciado*, parece-nos gallicismo, não o temos até agora achado em Auctor Classico, nem o julgamos necessario.

INFORTUNADO: (*infortuné*) Por *desafortunado*, *desaventurado*, *desgraçado*, tambem ao principio nos pareceo gallicismo. Mas vem mais de huma vez em *Corte Real*, *Naufrag. de Sepulv.* v. gr. no C. 7.:

. . . . . *e a formosa*
Irmãa de Phebo passa detrimento,
Mostrando-se ali sempre infortunada.

E no C. 8.:

. . . . . *o discurso*
Da peregrinação mortal, *e o triste*
Infortunado *fim de tanta gente*. &c.

INFRACTOR: *INFRACÇÃO*: (*infracteur* &c.) O primeiro já vem em *Blut.* no *Vocab.* no sentido de *quebrantador*, *violador*, *transgressor*, &c. O segundo tambem se usa mui vulgarmente, e *Madureira* o traz na sua *Orthografia*. Hum e outro tem origem Latina, e tem por si a pratica auctorizada.

INSCREVER: *INSCRIPTO*: Estes dois vocabulos, que achamos usados pelos nossos Escritores modernos, ainda que pareção tomados immediatamente do Francez *inscrire*, e *inscript*, tem comtudo boa origem no Latim *inscribere*, e *inscriptus*, e por isso não ousamos reprovalos, muito menos quando são termos technicos da *Geometria*: mas a sua significação póde algumas vezes exprimir-se em Portuguez por differente modo, e com igual propriedade, e energia: v. gr. *o seu nome está* inscripto *na Lista*, i. e. *escrito*, *assentado*, *registado*, *matriculado*, &c. Em lugar de *inscrever em bronze*, *em marmore*, &c. diremos muito melhor *esculpir*, ou *insculpir*, *entalhar*, *abrir*, *talhar*, *cortar*, e tambem *gravar*, que he classico (Vej. *Blut.* na palavra *Gravar*). Finalmente o adj. *inscripto* acha-se huma vez em *Arraez*

raez no *Dialog.* 4. C. 10. aonde diz: *¿Que se fez da Igedita Cidade Cathedral, que chamamos Idanha? ¿Onde fica com seus marmores, e letreiros* inscriptos? (Vej. *Blut.* no *Suppl.* palavra *Inscripto.*)

INSIGNIFICANTE: (*insignifiant*) He vocabulo tomado do Francez; mas adoptado pelo uso geral. Quer dizer: *cousa que nada significa, de pouca monta, de nenhuma importancia, que pouco ou nada vale* &c.

INSINUANTE: Tambem he novo na nossa lingua, e trazido para ella do Francez; mas tem boa origem e derivação, e parece necessario. Já foi usado por *Elpino Duriense* na *Noticia sobre Almeno, e a sua Traducção da Metamorfose de Ovid.*, aonde diz: *a sua voz* insinuante *e vigorosa, como a dos Oradores mais eloquentes de Grecia e Roma*, &c.; e esta auctoridade, bem que moderna, he para nós de grande respeito em tal materia.

INSPECTAR: Do Francez *inspecter*, parece desnecessario, principalmente adoptando-se o outro verbo *inspeccionar*, que temos por melhor, e mais conforme com a analogia. Significa *fazer inspecção*, e talvez *superintender*, &c.

INSTALLAR: *INSTALLADO*: &c. (*installer* &c.) São vocabulos desnecessariamente tomados do Francez ou Inglez. Em boa linguagem Portugueza dizemos *constituir* alguem n'um cargo, ou dignidade, *instituir*, *investir*, *metter de posse*, talvez *estabelecer*, &c.

INSULTANTE: (*insultant*) Tem a seu favor hum uso assás geral: e com tudo temos por melhores os adjectivos *injurioso*, *afrontoso*, *vituperoso*, &c. *Jacintho Freire Vid. de Castr.* L. 2. §. 7. usa de *insultuoso*, e hum Poeta moderno, que se não póde citar sem louvor, diz, fallando da pessoa que insulta:

Mil graças, e risadas entre a bulha
Do vulgo insultador *soar se escutão.*

E em outro lugar:

Tu me vale em meus males: tu castiga
D' um genio insultador *a petulancia.*

IN-

INSURMONTAVEL: Por *insuperavel*, *invencivel*, he gallicismo grosseiro, e escusado.

INSURREIÇÃO: *INSURGENTE*: São vocabulos trazidos modernamente do Francez *insurrection*, *insurgent*, e dizem tanto como *sublevação*, *levantamento*, *sublevado*, *levantado*, &c. Tem boa origem e não desdizem da analogia.

INTERDICTO: (*interdit*) Por *atalhado*, *embargado*, *enleiado*, *suspenso*, *turbado*, *attonito*, he gallicismo desnecessario.

INTERPRENDER: *INTERPRENDIDO*: Usão alguns ignorantemente destas palavras no sentido de *emprender*, ou *tomar por empreza*, *determinar-se a fazer alguma acção difficil e laboriosa*, &c., enganando-se com o Francez *enterprendre*, que traduzem conforme o som material. Em bom Portuguez dizemos *interprender* por *accommetter de improviso*, v gr. *huma praça*, &c., e *interpreza* por *ataque improviso*. *Emprender* tem differente significação, e com elle he que dizemos *emprender huma conquista*, *huma jornada*, *huma guerra*, *huma obra*, &c. Vej. o *Diccion.* de *Moraes* nestas palavras.

INTRIGA: *INTRIGANTE*: &c. São tomados do Francez, mas adoptados pelo uso em geral. Dizem tanto como *enredo*, *enredar*, *enredador*, &c. As palavras *mexerico*, *mexericar*, e *mexeriqueiro*, que algumas vezes se podem usar em lugar de *intriga*, &c., parece-nos que tem huma significação mais restricta, como especie subordinada ao seu genero. *Mexericar* significa propriamente *descobrir*, *e referir cousas occultas*, *que outrem tem dito ou feito*, e isto *com o fim de metter dissensões*, *e semear zizanias*. *Enredar* porém, e *intrigar* he mais generico, e significa *manejar com astucia toda a casta de artificios*, *e maquinações occultas*, para conseguir algum intento, em frase popular *fazer maçadas*, ou *embrulhadas*, &c., que em Latim se exprime bem por *occulto artificio res miscere*; assim como *intrigante* por *dolis et artibus instructus*; *ad negotia implicanda et explicanda calli-*

lidus; e *intriga* por *occultae artes*; *occultarum artium doli*; &c &c. Por onde, neste lugar v. gr. *do Feliz Independente* L. 18: *mais que tudo temo as intrigas dos Principes Latinos*, não poderiamos com toda a propriedade substituir *mexericos* a *intrigas*, e muito menos no outro lugar do L. 19: *e na presença de todos declarou toda* a intriga *do Conde, e de Neucasis.* &c. &c.

INUSITADO: (*inusité*) Pareceo-nos ao principio gallicismo pouco digno de adoptar-se, por não offerecer melhoria alguma a respeito do adj. *desusado*, que diz o mesmo. Todavia *Camões* o empregou, ainda que huma só vez, nos *Lusiad.* C. 2. E. 107.

Ouvindo o instrumento inusitado,

e póde conseguintemente ter lugar em algum caso para variar a linguagem Poetica.

JOGOS DE ESPIRITO: (*jeux d'esprit*) He gallicismo, a que em bom Portuguez corresponde *chistes*, *ditos engenhosos*, e *conceituosos*, *agudezas*, &c. Comtudo temos *jogar de vocabulo*, e *jogo de vocabulo* por *equivoco discreto* em *Vieir. Serm.* Tom. 6. pag. 472, aonde diz: *aqui* jogou de vocabulo *o Evangelista, e usou o equivoco, que eu dizia*, e logo na pag. 473: *aqui está o* jogo do vocabulo, *e o equivoco discretissimo*, &c. Tambem dizemos *fazer jogo* por *fazer zombaria.* Vieir. Cart. 78 do Tom. 3.: *Os que* fazem jogo *dos achaques alheios dizem que me veio este a bom tempo para não ver o que se vê, nem ouvir o que se ouve.* E *D. Franc. Manoel* na *Cart. de Guia* fol. 119 diz: *va mais por* jogo, *que por conselho*, usando de *jogo* por *galanteria*, *brinco*, &c. (Vej. em *Moraes* a palavra *Jogo.*)

JORNAL: Por *Diario* he palavra Franceza, que nos não era necessaria: e sem embargo de ser hoje mui usada, até de pessoas doutas, não a julgamos adoptavel, maiormente attendendo á homonymia, que se deve evitar, quanto possivel for, por ser hum sinal infallivel da pobreza da linguagem.

IRREPROVAVEL: Na significação do Francez *irrepro-*

chable parece-nos gallicismo, e má traducção. Em lugar delle diremos *irreprehensivel*, *inteiro*, *incorrupto*, *de costumes sãos*, *e puros*, &c.

ISOLADO: (*isolé*) Que outros escrevem *insulado*, está hoje muito introduzido nos escritos e conversações: mas nem por isso o julgamos adoptavel. Os nossos bons Auctores por *homem isolado* dizem *homem solitario*; *só*; *só de amigos e parentes*; *desacompanhado*; *só de toda a companhia*; *só por só*, &c.; e por *lugar isolado* dizem *lugar ermo*, *solitario*, *despovoado*, *apartado*, *desamparado*, &c. *Ferreir.* L. 1. Od. 7.:

Sampaio, *tu lá* só de mim *estás.*

Cam. Rim. P. 1.:

Derribai-os, *fiquem* sós
De forças, *fracos*, *imbelles.*

Resend. Chron. de D. João II. C. ult.:

ElRey era só *de parentes.*

Cort. na Ald. ed. 1649 pag. 127:

me roubarão as joias e dinheiro, *que trazia*, *deixandome nestes desvios* desamparada.

Leit. Miscelian. fol. 14 verso:

Lugar muito ermo, só, e apartado.

Vid. de Suso C. 40:

Foi-se esconder n'um lugar apartado, *onde ninguem o podia ver*, *nem ouvir*, &c.

Em alguns casos se exprimirá bem por *estreme* v. gr. nesta proposição: *O opio dado ao enfermo* isoladamente &c., i. e. *estreme sem mistura*; *deve o Medico ser mui circunspecto em applicar o opio* isoladamente, i. e. *estreme*, *só por só*, &c.

JUSTEZA: (*justesse*) Temos no nosso idioma o adjectivo *justo* com a significação de *observador da justiça*, v. gr. *homem justo*, *Rei justo*, e d'aqui derivamos o abstracto *justiça.* E temos tambem o mesmo adj. *justo* com a significação de *exacto*, *adequado*, *pontual*, &c., v. gr. *preço justo*, *medida justa*, *porta justa*, &c., donde podemos sem erro derivar *justeza*, como de *limpo*, *limpeza*; de *claro*, *clareza*; de *agudo*, *agudeza*, &c. Julgamos pois, que este gal-

li-

licismo não he para reprovar-se. No *Exam. de Artilh.* já vem: *a justeza da pontaria.* (Vej. *Moraes* no *Diccion.*) Comtudo por *escrever*, *fallar*, *pensar com justeza*, podemos bem dizer *escrever*, *fallar*, *pensar* com *exactidão*, com *regularidade*, com *precisão*, *adequadamente*, &c.

L.

LANGUIR: He hum verbo Francez, que até agora não temos achado em algum dos nossos Classicos. Significa em Portuguez *desfalecer*, ou *hir desfalecendo*, *estar lasso e quebrado de forças*, *hir-se extenuando*, *hir cahindo em fraqueza*, *hir-se consumindo*, *langnir* &c., e estas expressões, bem que pareção menos concisas que o Francez *languir*, não deixão por isso de ser mui expressivas e energicas, por indicarem mais expressamente o *progressivo* desfalecimento, e descahimento de forças, que he a propria significação daquelle verbo. Comtudo na moderna Traducção da *Lyrica de Horac.* por *Elpin. Duriens.* L. 3. Od. 12, achamos

Nem langue *Baccho em Lestrigonia talha*

traspassando as palavras do Poeta Latino

Nec Lestrygonia Bacchus in amphora languescit *mihi*...

E já semelhantemente parece que quiz *D. Francisco Manoel* derivar o verbo *latir* do Latino *latere*, quando disse na *Cart. de Guia* fol. 106: *tomado d'aquelle adagio latino*, *que entre as hervas mimosas* latia *o aspid peçonhento*; bem como temos o verbo *delir* do Latino *delere*, e a voz *dile* de *delet*, que foi usada por *Arraez* no *Dial.* 1. C. 15.

LAXO: *LAXIDÃO*: *LAXAMENTE*: (*lache*) São vocabulos Portuguezes de bom cunho, cuja significação he bem sabida: mas quando se diz v. gr. *ceder* laxamente *aos movimentos da inveja*, he gallicismo, e deve-se emendar a frase, dizendo *ceder vilmente*, *indignamente*, *infamemente* &c. *Ser accusado de* laxidão *para com a patria*, i. e. *de cobardia*; *o amor da patria triunfará dos* laxos *conselhos de Venus*, i. e.

dos torpes, *baixos*, *indignos* conselhos &c. *O laxo*, *que perde a razão no perigo*, *he hum ser degradado e corrompido*, i. e. *o cobarde*, *o poltrão*, *o infame*, que perde o animo no meio dos perigos, he hum homem baixo, e corrompido &c.

LIBERTINO: *LIBERTINAGEM*: São vocabulos trazidos do Francez. O uso geral porém os tem adoptado, e não sem causa, se com elles significarmos a idéa complexa de *licenciosidade com irreligião*: homem *devasso em costumes*, com *erradas opiniões religiosas*; a qual idéa se não poderia exprimir por outro modo em Portuguez, sem circumloquio.

LIMITROFE: Parece ter-nos vindo immediatamente do Francez *limitrofe* com a significação de *commarcão*, *confinante*, e diz-se dos povos, ou paizes, que *visinhão*, *commarcão*, ou *confinão* entre si. A sua origem he o vocabulo Latino *limitrophus*, que significa o *que está nas fronteiras*. Parece adoptado pelo uso.

M.

MAIS GRANDE: Temos lido em Traducções modernas estas clausulas: *São coisas que determinão* o mais grande *numero de homens*. — *Scipião*, *hum* dos mais grandes *generaes da antiga Roma* — *Eis-aqui* a mais grande *impolitica* &c. — as quaes são mais Francezas, que Portuguezas, devendo dizer-se: o *maior numero*, *hum dos maiores generaes*, *a maior impolitica*, &c. He verdade que lemos tambem em *Arraez Dial. 5.* C. 11: *excellente filosofo he o Rei*, *que os insultos e atrevimentos dos delinquentes castiga com* o mais pouco *sangue que pode*: e em outros Classicos póde ser que se achem outros alguns semelhantes modos de fallar: a sua frequencia porém, na nossa actual linguagem, indicaria affectação de Francezismo, e daria ao discurso aquelle aspecto estrangeiro que a desfigura, e que se deve evitar.

MAL A PROPOSITO: Expressão adverbial Franceza (*mal-à-propòs*) impropriamente tomada para o Portuguez. Signi-

fi-

fica *fóra de proposito*, *sem proposito*, *desapropositadamente*, *intempestivamente* &c.

MANCADO: (*manqué*) Em hum *Compendio de Rhetorica Portugueza*, querendo o Auctor tratar daquelle *vicio da Oração*, a que chamão *neologismo*, ou (como elle interpreta) *extravagancia de crear palavras novas*, diz assim: *este vicio*, *que pode ser reprehensivel pelo seu excesso*, *tem por fim enriquecer a lingua*, *e limitar o muito frequente uso das circumlocuções*: *he racionavel este fim*; *mas tem muitas vezes* mancado. Nas quaes palavras, deixada a incoherencia de hum *vicio*, que *tem por fim enriquecer a lingua*, notamos sómente a palavra *mancado*, que, segundo o nosso parecer, se não póde hoje usar no estilo culto sem censura. Comtudo *Fernão d'Alv.* do *Orient.* a empregou na *Lusit. Transform.* pag. 98 ed. de 1607: *por supprirmos com a diligencia da jornada a falta de tempo que* nos mancava: e *Moraes* cita no *Diccionario* outro lugar de *Alarte*, em abono da mesma palavra.

MANOBRA: (*manoeuvre*) O vocabulo Francez parece significar primariamente *todo o trabalho que se faz para dar movimento a hum navio*, que em bom Portuguez dizemos *mareação*. Daqui o empregárão para significar *os diversos movimentos e operações de hum exercito*, *ou corpo de tropas*; e ultimamente o ampliárão ao sentido moral e figurado, exprimindo por elle todos *os meios*, *recursos*, *e maneios*, que se empregão para obter e concluir qualquer negocio ou empreza. Os Portuguezes modernos o tem usado, á imitação dos Francezes, em todos estes sentidos, que não reprovamos, tanto pela propriedade da expressão, como por ser já de uso frequente, e auctorizado. No primeiro significado de *mareação*, já vem nos *Estat. nov. da Universidade* L. 3. P. 2. n. 5. *Pelas Mathematicas se regulão* as manobras *e derrotas da Pilotagem*, &c.

MANUFACTUREIRO: Parece ser tomado por nós do Francez *manufacturier*, e pelos Francezes do Inglez *manufacturer*, e significa *fabricante*, *Official que trabalha em manufacturas*, talvez *obreiro*. Não o julgamos bem derivado, e

se

se carecessemos delle, deveriamos antes dizer *manufacturador*.

MASSACRO: *MASSACRAR*: *MASSACRADO*: (*massacre* &c.) Andão estes vocabulos tanto em moda, que até já se ouvem com frequencia da boca de pessoas indoutas, e ignorantes do Francez: mas são puros gallicismos, que de nenhum modo podem ter lugar no nosso idioma. Em Portuguez legitimo, e intelligivel dizemos *assassinio*, *matança*, *assassinado*, *assassinar*, *matar cruelmente* &c., e no sentido fig. v. gr. *este homem tem-me* massacrado *com as suas impertinencias*, quer dizer: *tem-me mortificado*, *importunado*, *tem-me matado*, e em linguagem familiar, *tem-me causticado com as suas impertinencias* &c.

MESMO: Este vocabulo he, fallando propriamente, hum adjectivo que exprime a *identidade* das cousas ou pessoas, e he opposto em significação aos adj. *outro*, ou *diverso*. Assim quando dizemos *o mesmo homem*, *ao mesmo tempo*, *no mesmo lugar*, *os mesmos factos*, &c., queremos significar que esse *homem*, *tempo*, *lugar*, e *factos* são identicos a si mesmos considerados em outras circunstancias, de que já temos fallado. Além desta primeira significação, e por virtude della, usamos tambem o adject. *mesmo* junto ao nome, para expressarmos *com enfase* o proprio sujeito que o nome designa, e para fazermos que o leitor, ou ouvinte fixe nelle a sua attenção. Neste sentido dizemos: *Os* mesmos *Reis não são felices*, *se não são virtuosos*: *a virtude he recompensa de* si mesma: *O* mesmo *Deos se humilhou para nos ensinar a ser humildes*, &c.; aonde o adj. *mesmo*, não podendo em rigor significar a *relação de identidade*, que sempre suppõe comparação; serve tão sómente para exprimir com enfase a pessoa ou cousa de que se falla, imitando a particula Latina *met*, que tambem se emprega do mesmo modo, v. gr. *ego* met *vidi*: *hisce* met *oculis vidi*, &c. Estes são os significados, com que entre nós se usa o adjectivo *mesmo*, e quem ler com attenção os Classicos, verá que regularmente o costumão antepôr ao nome, salvo quando he

al-

algum dos pronomes *eu*, *tu*, *elle*, *nós*, *vós*, *elles*, em qualquer das suas differentes fórmas. Achão-se comtudo exemplos em que o adj. *mesmo* vem posposto ao sujeito a que se ajunta: v. gr. em *Duart. Num.* Chron. de D. Affons. III., ed. de 1677 pag. 83: *O Mestre no dia* mesmo *seguinte. João Franco Eneid. Portug.* L. 6. E. 175:

E como seu pai mesmo *a si o igualá.*

Leitão Miscell. pag. 500: *E no lugar* mesmo, *onde o encontrou. Bernard. Serm. e Prat.* P. 1. pag. 306: *Maior prodigio parece que a luz* mesma *se não conheça a si. Mousinh. Affons. Afric.* C. 8:

O monte mesmo *teme o pezo forte,*
Fica o visinho bosque estremecido. &c. &c.

A lição porém dos livros Francezes parece haver introduzido outro uso deste adjectivo, que he pouco conhecido, ou pelo menos mui pouco frequente no idioma Portuguez, do qual daremos alguns exemplos nas seguintes frases:

Ellas são mesmo *preciosas*, i. e. ellas *até são* preciosas.

Poderia mesmo *presumir-se*, i. e. *até poderia presumir-se.*

Dirvos-hei mesmo &c. i. e. *dirvos-hei tambem, ainda mais vos direi*, ou *até vos direi.*

Mas estes exemplos são raros mesmo *em França*, i. e. *até em França, ou ainda em França.* &c. &c.

Não occultaremos porém aqui, que deste mesmo uso se achão exemplos, posto que raros, nos nossos Escritores, como v. gr. em *Camões* 1. P. das Rim. Sonet. 93:

Que se contra mim estaes alevantados,
Eu vos ajudarei mesmo *a matar-me.*

E em *D. Franc. Manoel, Cart. de Guia* fol. 153 verso: *Digo eu, que o cazado por alegrar sua mulher, e familia*, mesmo *de seu movimento, mande fazer em sua caza duas e tres comedias cada anno* &c.

METTER: Tambem deste verbo se usa muitas vezes, empregando-o em frases, em que o não sofre a nossa lingua-

guagem. Daremos alguns exemplos dos muitos, que temos observado:

Sentimentos elevados, que vos mettão *em estado de conhecer o preço das coisas*, i. e. que *vos ponhão* em estado, &c.

Hum Sermão em o qual se não mettesse em obra *nem a Escritura, nem a Tradição*, i. e. em o qual *se não empregasse, se não allegasse, se não fizesse uso*, &c.

Metteo á contribuição *os fructos das arvores*, i. e. *fez contribuir*, &c.

Terras tão dilatadas para cuja acquisição se tinha mettido *tanto interesse*, i. e. em cuja acquisição *se havião empregado* tantos cuidados, ou cuja acquisição *se tinha procurado* com tanta diligencia, &c.

Tudo metteo em obra *para conseguir* &c., i. e. *tudo tentou, tudo moveo, tudo empregou* para conseguir, &c.

MINISTROS DO CULTO: He frase trazida do Francez com reprehensivel affectação, e já póde ser que com menos religioso intento. No nosso bom e antigo Portuguez dizemos *Ministros do Altar, da Igreja, da Religião, Ministros Ecclesiasticos, Clero, Clerezia*, &c.

MOBLADO: *MOBILADO*: *MOBILIADO*: *MOBILHADO*: *MOBELADO*: *AMOBILAR*: *AMOBILAÇÃO*: (*mobillé &c.*) De qualquer modo que se escrevão, são gallicismos escusados. Em Portuguez dizemos *adereçado, ornado, adornado, alfaiado*, e *adereçar, alfaiar, adornar, aparamentar*, &c.

MOÇÃO: (*motion*) Significa primariamente *movimento, toque, impul o* no corpo, e figur. *no animo*. Os Francezes o usárão modernamente para significar, como em Inglez, huma *proposta*, ou *proposição* de algum assumpto, que ha de tratar-se e discutir-se em ajuntamento publico ou particular. Neste sentido he escusado em Portuguez.

MONTAR EM COLERA: He gallicismo grosseiro, que achamos em huma Traducção, impressa na seguinte frase:

a leitura deste papel o fez montar em colera, i. e. *o pôz em grande colera, o encolerizou muito*, &c.

MORDER A TERRA: (*mordre la poussiere*) Pareceo-nos ao principio expressão Franceza, e impropria da nossa lingua; mas achamo-lo depois em Auctores de boa idade, taes como *Arraez* Dial. 4. C. 14: *He natural generoso, mui proprio dos Lusitanos, pugnar pela liberdade, até* morder a terra *com sua boca, e a regar com seu sangue. Naufrag. de Sepulv.* Cant. 9.:

Com bramido espantoso se debruça
O gentio na terra, onde co' a raiva
Mortal as ervas morde, *que do sangue*
Da ferida cruel ja estavão tintas.

E no *Mazagão Defend.* Poem. ms. C. 6.:

. . . . . *o furioso*
Pelouro dá n'um Turco, que estirado
A terra *com a dor mortal* mordia.

Imitação de Virgil. Aeneid. L. XI.:

Procubuit moriens, et humum semel ore momordit.

N.

NEGLIGÉ: He vocabulo puramente Francez, e mui usado das pessoas mimosas e adamadas, quando dizem, v. gr. que alguem *está vestido ao negligé*, i. e. *ao desdem, a descuido, em* ou *com desalinho, desalinhadamente* &c. *Arraez Dial.* 10. C. 47 diz no mesmo sentido: *apertar os cabellos . . . com desordem e descomposição. Sousa Vid. do Arceb.* L. 6. C. 11: *o cabello ondado e louro pelos hombros* sem arte *estendido*; e logo: *o cabello tomado em trauças sobre a cabeça* com mostras de pouco cuidado. *Mousinho, Affons. Afric.* Cant. 12:

As donzellas ao vento derramados
Os cabellos sem ordem, sem concerto. &c. &c.

NUANÇAS: He vocabulo puramente Francez, e hum daquelles que mais difficultosamente se póde traspassar ao

Portuguez sem circumloquio. Parece que significa principalmente *os varios toques de huma mesma côr*; as *differenças insensiveis*, *que se vão dando a huma côr*, *quando se quer passar a outra suavemente*, *e com harmonia*; *a mistura e união de cores diversas com tão suave proporção*, *que não offende*, *antes agrada á vista.* Aos Artistas pertence achar, ou inventar o proprio vocabulo, que deve corresponder ao Francez *nuances*; mas póde ser que tenhão aqui algum lugar *sombras*, *assombrar*, &c. Tambem se usa em Francez para significar em geral *as pequenas differenças*, que tem entre si objectos do mesmo genero, ou as *modificações insensiveis*, que os fazem na realidade differentes, sendo aliàs identicos nas suas qualidades substanciaes, &c.

NULLO: *NULLIDADE*: Tem significação Portugueza, que todos sabem: mas não costumamos dizer *homem nullo*, por *homem inepto*, *de pouca conta*, *que de nada vale*, *que para nada presta*, &c., nem tambem *nullidade* por *ineptidão*, *incapacidade*, &c.

O.

OBRIGANTE: (*obligant*) Por *obsequioso*, *officioso*, *cortez*, *civil*, *urbano*, &c. parece-nos innovação escusada. Em outro sentido usamos do adj. *obrigatorio.* Vej. *Moraes* no *Diccionario.*

OSTENSIVEL: *OSTENSIVELMENTE*: Começão a usar-se em papeis impressos, á maneira dos Francezes, *ostensible*, e *ostensiblement.* Nós dizemos em Portuguez, v. gr. *Carta ostensiva*, i. e. que *se póde mostrar*, que he *para se mostrar*, e podemos daqui derivar analogamente o adverbio *ostensivamente*, quando quizermos dizer que huma cousa se faz *por mostra*, *em apparencia*, *apparentemente*, *só para se vêr*, &c. &c. como por exemplo na seguinte frase Franceza: *cet'homme faisait ostensiblement les fonctions de Sécrétaire*, &c. i. e. este homem fazia *ostensivamente*, *na apparencia*, *quanto ao que se via*, &c., as funcções de Secretario, &c.

P.

P.

PAMPHLETO: Não comprehendemos a razão por que se pretende trazer á nossa lingua este vocabulo tomado do Francez *pamflet*, ou do Inglez *pamphlet*. Em melhor linguagem diremos *livrinho*, *folheto*, *papeleta*, *livrete*, &c.

PARA: Vej. adiante *Por*.

PARALYZAR: *PARALYZADO*: São vocabulos de origem Grega, e tomados por nós immediatamente, ao que parece, do Francez *paralysér*, e *paralysé* no sentido moral, e figurado, v. gr. *paralyzar a auctoridade*, i. e. *tirar-lhe a sua força, e energia, suspender ou enfraquecer a sua acção.* Os nossos Escritores havião prevenido a falta desta expressão, usando de *paraliticar*, e *paraliticado*, ou *aparaliticado*, como lemos em *Paiva* Serm. P. 1. fol. 259 verso, onde diz: *a alma* aparaliticada, *que não sente esta repunhancia interior da fé*: e pag. 262 verso *a alma assi chega a se empedernecer*, *e* paraliticar, *que* &c. Comtudo não reprovamos o uso moderno, visto ser já mui commum, e não encontrar a analogia.

PARQUE: (do Francez *parc*, ou do Inglez *Parck*) Por *tapada*, *contada*, *bosque cercado* para caça, he de *Barros*, *Lucena*, e outros Classicos. No sentido militar *parque de artilharia* parece ser moderno, e trazido do Francez, mas adoptado. Vej. *Blut. Supplem.*

PATRIOTA: *PATRIOTISMO*: Significando *amante da patria*, são vocabulos modernos em Portuguez, e derivados dos Francezes *patriote*, e *patriotisme*, que tambem parecem trazidos do Inglez *patriot*, e *patriotism*. O uso geral os tem adoptado, e não se podem supprir por outro modo sem circumloquio.

PEÇA DE ELOQUENCIA: *PEÇA DE POESIA*: &c. Assim nomeão os Francezes *piéces de eloquence*, *piéces de poesie*, alguns *Discursos Oratorios*, *Poemas* não extensos, &c. Não reprovamos a expressão, visto que a palavra *peça* tambem

se usa em Portuguez, ainda que a diversos respeitos, fallando não de *parte* ou *pedaço* de alguma obra, mas de obras inteiras. V. gr. em *Barros Dec.* 2. L. 2. C. 2. *promettendo de lhe dar livremente a Ilha Baharem, e a Villa Catifa a ella fronteira, por serem* peças *mui visinhas a Lasab.* E em *Sous. Vid. do Arceb.* L 2. C. 31 : *por ordem do Senado d'aquella Republica, lhe foi mostrado o prato, em que Christo Senhor nosso comeo o Cordeiro Pascoal na ultima Cea. He* peça *de preço inestimavel*, &c.

PENIVEL: *PENIVELMENTE*: São gallicismos desnecessarios, em lugar dos quaes diremos *penoso*, *molesto*, *incommodo*, *trabalhoso*, *afanoso*, *que causa pena* &c. e *penosamente*, *trabalhosamente*, &c. &c.

PENSAR: Por *cuidar*, *julgar*, *entender*, *ser de parecer*, *ter para si*, &c., foi sempre usado em Portuguez: mas no sentido mais generico, comprehendendo em sua significação *todas as operações do nosso entendimento*, he palavra moderna, tomada, segundo parece, do Francez *penser*, e com justa razão adoptada: pelo que dizemos hoje em boa linguagem: *homem que pensa bem*, i. e. *que tem idéas exactas*; *que as combina com acerto*; *que discorre com regularidade*, &c.

PENSAR AS FERIDAS: (do Francez *panser*) Por *curar*, *tratar as feridas*, parece expressão nova em Portuguez: mas temos as frases *pensar a criança*, i. e. *alimpala*, *enfaixala*, *amamentala*, *e ter cuidado della*: *pensar o cavallo*, i. e. *dar-lhe de comer*, *tratar delle*, &c., nas quaes o verbo *pensar* se usa com a mesma significação.

PEQUENO: Ainda que este vocabulo seja perfeitamente igual em significação ao Francez *petit*; nem sempre nos he permittido traduzir hum pelo outro; mas cumpre que examinemos o uso de ambas as linguas para não cahirmos indiscretamente em torpes gallicismos. Os Francezes, por ex., se servem com frequencia do adject. *petit* para formarem os seus diminutivos, o que nos não convem imitar em todos os casos, maiormente sendo o nosso idioma tão rico e variado nestas fórmas dos adjectivos. Asim, v. gr. em lu-

10 REIS

lugar desta frase: *Adéla se diverte com hum lindo* pequeno *navio*, diremos muito melhor: *com hum lindo naviozinho*. Em lugar de *abraçai por mim a agradavel* pequena *Adéla*, deve dizer-se *abraçai por mim a linda Adelinha*; *a minha amavel* pequena *Constança*, i. e. *a minha amavel Constancinha*, &c. Outras expresssões ha, em que convem traduzir o Francez *petit* de differente maneira, v. gr. nesta frase: *o papel de desdenhosa he o de hum* pequeno *genio*, deve dizer-se *he de hum animo cativo*, *apoucado*, *acanhado*, *baixo*, &c. *a altivez he o defeito dos* pequenos *genios*, i. e. *das almas baixas*, *apoucadas*, *vís*, &c. E se nestas, ou outras semelhantes frases se julgar alguma vez expressivo o adj. *pequeno*, deverá em tal caso pospôr-se ao substantivo, v. gr. *a altivez he o defeito de huma alma* pequena; porque não he indifferente, em muitas frases Portuguezas e Francezas, o lugar do adjectivo. Finalmente he erro mui grosseiro traduzir *petit-fils* por *pequeno filho*, em lugar de *neto*, como temos encontrado, não poucas vezes, em Traducções impressas.

PERDER A CABEÇA: (*perdre la tête*) Por *enlouquecer*, *tresvariar*, *desatinar*, *ficar alienado*, ou tambem *perder os sentidos*, *desmaiar*, *desfalecer*, &c. he gallicismo escusado.

PERICIVEL: (*périssable*) He erro grosseiro: deve dizer-se, v. gr. *bens perecedeiros*, ou *perecedouros*, *caducos*, *transitorios*, &c. Vej. *Imperissivel*.

PERSONALIDADE: *PERSONALIZAR*: (*personnalité* &c.) Tem já a seu favor hum uso mui geral, e auctorizado, e são derivados com boa analogia. Tambem se podia dizer *pessoalidade* e *pessoalizar*, e este ultimo já o achamos empregado em huma Traducção moderna.

PETIT-MAITRE: ou *PETIMETRE*: He a palavra franceza *petit maitre*, que temos visto usada até em Traducções, e papeis impressos. Podemos exprimila por *peralta*, *peralvilho*, *casquilho*, *mancebo presumido*, *garrido*, *rapaz adamado*, que affecta mil modos e geitos no fallar e trajar, talvez *pedante*, &c. O celebre *Abbade de Jazente* já o empregou em hum dos seus *Sonetos* que andão impressos, dizendo:

Bas-

Basta-me só que ás vezes nas visitas
As vejão petimetres *namorados*,
As oução sem desprezo as Senhoritas.

E em outro:

Se a moda o quer assim, calle a censura,
Em quanto o petimetre *e a dama bella*
Dança com gala, e canta com doçura.

PICANTE: Dizemos em Portuguez *palavras picantes*, *sabor picante*, *remorsos picantes*, *cuidados picantes*, i. e. *pungentes*, *penetrantes*, &c. mas *contraste picante* por *notavel*, *estremado*, *assignalado*, &c., parece gallicismo escusado, bem como *maximas escritas com huma precisão picante*, i. e. *fina*, *delicada*, *viva*, *aguda*, *estremada*, &c.

PICAR A CURIOSIDADE: Por *movela*, *excitala*, tambem parece gallicismo; mas não o julgamos improprio, visto que tambem dizemos *estimulado da curiosidade*, e *estimular a curiosidade*, que he metafora igual.

PICAR-SE de honra, *de nobreza*, *de sabedoria*, &c. (*se piquer*, &c.) He gallicismo, que havemos por inadoptavel no nosso idioma.: nem nos demove deste sentimento a auctoridade de *Bluteau*, que traz estas expressões no seu *Vocabul.*, sem todavia as auctorizar. A nossa linguagem tem muitos modos de exprimir a mesma idéa, com não menos energia, v. gr. *presumir de honrado*, *vangloriar-se de nobre*, *ostentar de sabio*, *jactar-se de erudito*, *gabar-se*, *gloriar-se de bom engenho*, *blasonar de valente*, *caprichar de polido*, *inculcar-se por fidalgo*, *vender-se por esperto*, *abonar-se de judicioso*, &c. He digno de notar-se aqui o uso que faz *Vieira* deste verbo no Tom. 15. dos Serm. pag. 204, aonde diz: *Taes extremos*, *como todos estes*, *faz o Senhor dos exercitos*, *quando* se pica de ciumes *da sua gloria*, &c.

PLACARD: (*placard*) Não sabemos com que fundamento metteo *Moraes* este vocabulo no *Diccionario da Lingua Portugueza*, sendo puro Francez, e tendo nós *edital*, e *cartel* que dizem o mesmo. Hoje se usa tambem *placard* para significar a *insignia*, ou *divisa* das Ordens Militares, pregada,

da, ou bordada sobre o vestido: mas ainda que o fundamento do sentido figurado não seja aqui tão vil, e torpe, como em *crachá*, comtudo não achamos bem clara e expressiva a analogia que ha entre o *edital*, que se préga na parede, e o *habito* ou *divisa* que se borda sobre o vestido. E todos sabem que esta analogia deve ser a base do sentido figurado. Vej. *Crachá*.

PONTO DE VISTA: (*point de vûe*) He termo da *Arte de Pintura*, e significa o ponto que o Artista escolhe para pôr os objectos em perspectiva. Tambem se diz do lugar, donde se póde bem ver o objecto, ou do lugar, onde o objecto se deve collocar para melhor ser visto. He adoptado na linguagem das Artes, e parece necessario. *Bernard. Serm. e Prat.* pag. 125 diz: *huma imagem primorosa, para ver se tem defeito por alguma parte, a viramos de muitos modos, e a contemplamos* a varias luzes, i. e. *em varios pontos de vista.* Em outro sentido dizemos ver hum objecto *debaixo de diversos aspectos*, ou por *mais de huma face*, &c.

POPULAÇA: (*populace*) He palavra Franceza innovada sem necessidade, e diz tanto como o Portuguez *gentalha*, *infima plebe*, ou ainda mais propriamente *a escuma do povo*, *as fezes do povo*, *a escoria do povo*, *a gente da infima relé*, *o mais vil do povo*, &c.

POPULAÇÃO: (*population*) Os nossos bons Escritores dizião com melhor analogia *povoação*; comtudo não reprovamos *população*, que tem a seu favor o uso frequente, e algumas boas auctoridades modernas.

POR: *PER*: *PELO*: *PARA*: &c. São preposições Portuguezas, cujos varios usos e differenças se devem aprender pela assidua lição dos Classicos. Parece-nos porém gallicismo reprehensivel empregalas nas seguintes frases, que trazemos para exemplo de muitas outras que os nossos modernos Escritores tem tomado indevidamente do Francez:

Todo o ente subordinado a outro, e que não tem por elle o respeito que deve ter, &c., i. e. que *lhe não tem* o respeito.

O

O gosto que hum tem pelo *outro*: i. e. que hum tem *do outro*, que hum *faz do outro*, &c.

Inspirar desgosto pela leitura, i. e. *da leitura*, ou *para a leitura.*

Inspirava-lhe hum profundo desprezo por *toda a pessoa que não tivesse valor*; i. e. *de toda* a pessoa, ou *para toda a pessoa.*

Juramento de fidelidade e amor pelo *Principe*, i. e. *ao Principe.*

Eis-aqui os grandes fructos da vossa protecção para *Ulysses*, i. e. *a favor de Ulysses, da protecção que dais a Ulysses.*

Tudo vos assusta por *vosso filho*, i. e. *ácerca delle, a respeito delle.*

Felizmente para *nós*, i. e. *por felicidade nossa.*

A paixão de Zopiro para *Zenobia*: dir-se-ha melhor *por Zenobia.*

Ter inclinação pelas *letras*, i. e. *ás letras*, ou *para as letras. Sous. Vid. do Arceb.* L. 1. C. 2. tambem diz: *parecia que a natureza o criára izento da inclinação* delles (Scil. *dos passatempos pueris.*)

Havia tudo que recear para elle *e sua Mãi*, i. e. *ácerca delle, a respeito delle e de sua Mãi.*

Mortaes, prezareis tão pouco a virtude para *suppordes austero hum semelhante assumpto?* i. e. prezareis tão pouco a virtude, que *vos pareça austero — que tenhais por austero — que supponhais austero*, &c. &c.

PÔR ALGUEM AO FACTO de alguma cousa: He gallicismo que diz tanto como *instruir a alguem dessa cousa, fazer-lha saber, inteiralo della, informalo*, &c.

PORTA-ESPADA: (*porte-épée*) He innovação escusada, visto termos *talim, talabarte, boldrié*, que dizem o mesmo.

PORTA-MANTÓ: (*porte-manteau*) He outro gallicismo desnecessario, em lugar do qual dizemos *mala*, ou *maleta.* Mas se se quizer hum vocabulo proprio, e de significação mais

mais restricta, por que não diremos antes *porta-capa*, ou *porta-capote*, assim como os Italianos dizem *porta-cappe*, *porta mantello*, e os Hespanhoes *porta-capa*, e nós mesmos *porta-bandeira*, e não *porta-insignia* do Francez *porte-enseigne*?

PRATICADO: e *PRATICAVEL*. Vej. *Impraticavel*.

PRÉ: ou *PRÉT*; e no plural *Prets*: São palavras trazidas do Francez *prêt*, empregadas nas *Condições* adjuntas ao Decreto de 27 de Junho de 1762, no Alvará de 9 de Julho de 1763, na Carta de Lei da mesma data §. 6, 9, 13, e no Alv. de 14 de Abril de 1764, e hoje mui geralmente usadas na linguagem, e Leis Militares. A origem e propria significação deste vocabulo militar acha-se na Obra intitulada *E'tat actuel de la Législation sur l'Administration des Troupes*, impressa em 1808 nos seguintes termos: *La solde se payait par mois sur revues, come il se pratique encore aujourd'hui pour les Officiers, et se nommait montre. Le mauvais usage, qu'en faisaient les soldats, qui dissipaient en peu de jours tout ce qui leur revenait pour le mois, força a leur faire une* avance *tous les dix jours par forme de* prêt, *terme en usage, et dans le même sens, dès Charles VII.* &c.

PREJUIZO: Sempre este vocabulo significou em Portuguez *damno*, *defraudamento*, *detrimento*, *perda*, &c.; hoje he mui vulgar dizer-se *prejuizo* em lugar de *preoccupação*, *prevenção*, *opinião antecipada*, &c., do Francez *préjugé*. Não o approvamos, por não ser necessario; e por causa da homonymia: e comtudo não ignoramos que o Latim *praejudicium* tambem significa *juizo antecipado*, e que daqui se poderia deduzir a segunda significação da palavra *prejuizo*.

PREMATURO: Parece ser trazido á nossa lingua do Francez *prématuré*. He já muito geralmente usado, tem boa origem, e não desdiz da analogia. Significa *maduro antes de tempo*, e no sentido figurado corresponde a *antecipado*, *feito antes de tempo* &c.; mas nem sempre estas duas palavras se podem empregar arbitrariamente huma pela outra, por quanto v. gr. *providencias antecipadas* póde dizer-

se, e entender-se *em bom sentido*, das que se dão ou tomão *muito a tempo* a respeito de qualquer negocio: mas *providencias prematuras* parece entender-se sómente *em máo sentido* das que forão *inuteis*, ou ainda *nocivas* por *immaturas*, tomadas *fóra de tempo*, e antes que o negocio tivesse chegado ao ponto em que ellas poderião ser proveitosas &c.

PRESSANTE: (*préssant*) He gallicismo escusado, e vocabulo improprio da nossa lingua. Em bom Portuguez dizemos negocio *urgente*, *forçoso*; circunstancias *apertadas*; razões *forçosas*, *apertadas*, *urgentes*; ordens *apertadas*; motivos *urgentes*, perigo *imminente*, *instante* &c.

PREVALECER-SE: *de alguma cousa*: He frase Franceza. Em Portuguez temos *prevalecer*, i. e. *poder mais*, *levar ventagem*, *levar a melhor* &c.; mas *se prévaloir de quelque chose* quer dizer *valer-se de alguma cousa*, *lançar mão della*, *servir-se*, *ajudar-se della* &c.

PRIMEIRO NASCIDO: (*premier-né*) Por *primogenito*, *filho maior*, *filho mais velho*, he abuso intoleravel, que mais de huma vez temos notado em Traducções impressas.

PRODIGAR: (*prodiguer*) Por *prodigalizar*, *despender prodigamente*, *desperdiçar*, he francezismo escusado.

PROGREDIR: He vocabulo trazido de novo á nossa lingua, á imitação dos Francezes, que tambem o tomárão do Latim *progredi*. Significa *continuar*, *hir por diante*, *fazer progressos*, *hir avante* &c. Não o julgamos de absoluta necessidade. Comtudo na *Carta Regia* de 7 de Março de 1810 já vem o termo *progredindo*.

PROJECTO, e *PROJECTAR*: Do Francez *projet*, e *projetter* são adoptados. Vej. *Blut.* no *Vocabul.*, e seu *Supplem.*

PROPRIEDADE: He erro grosseiro traduzir por este vocabulo a palavra Franceza *propreté* (*limpeza*: *aceio*), como temos observado em algumas Traducções, confundindo-o com *proprieté*, *propriedade*.

Q.

Q.

QUE : He hum vocabulo, que se usa de varias maneiras no idioma Portuguez, e tambem no Francez: mas he erro e abuso traspassalo para a nossa lingua nos seguintes casos:

1.° No principio das proposições *optativas*, *imprecativas* &c. v. gr. Que *saiba todo o mundo os nossos amores*! — Que *eu morra, se isto assim não he*! — Que *elle sirva de pasto aos monstros*! &c. — Neste genero de frases, costumamos dizer em Portuguez: *Permita o Ceo* que *todo o mundo saiba*.... &c., ou *oxalá* que..., ou *praza a Deos* que.... &c., e se quizermos fazer a frase mais ellyptica, e mais concisa, diremos: *Saiba todo o mundo os nossos amores.* — *Morra eu se isto assim não he.* — *Sirva elle de pasto aos monstros*, &c. &c. —

2.° Nas frases compostas de dois ou mais membros, ou incisos, em cada hum dos quaes costumão os Francezes repetir o *que*, como succede nas que começão pelas fórmulas *tandis-que*, *lors-que*, *après-que* &c. v. gr. *quando elles se arrastarem pelo lodo do peccado*, e que *o castigo vier* &c. — *Quando a força circula*, e que *a alegria parece pular nas veias.* — *Depois de ter restituida Helena a Menelau*, e que *Neoptolemo fez sacrificar* &c. — *Em quanto o ardente calor murchava o esmalte dos lirios*, e que *as Driades procuravão as claras fontes.* — *Não tereis mais que hum semblante*, e que *huma palavra*, &c. &c. Nas quaes palavras o segundo *que* he hum pleonasmo vicioso em Portuguez, por ser empregado contra o uso, e boa syntaxe da lingua.

3.° Nas frases, onde o *que* Francez tem a força da particula restrictiva *senão*: v. gr. *como esta prova não póde fazer impressão* que *sobre hum ouvido attento* — *Os lugares oratorios exteriores são aquelles, que sem serem absolutamente estranhos á materia, não tem* que *huma relação indirecta com ella* — &c. As quaes frases em Portuguez corrente querem dizer: *como esta prova* sómente *póde fazer impressão*;

são; ou *como esta prova não póde fazer impressão* senão *sobre* &c. &c.

Muito mais se deve evitar esta especie de gallicismo, quando da traducção litteral se segue escuridade, ou má intelligencia da frase, como por exemplo neste lugar tirado de huma Traducção impressa: *Se os lavradores não alcanção pelo trabalho mais rude e mais constante*, que *huma existencia desgraçada*, *não entrarião já na classe dos associados*, *mas dos escravos*: aonde o *que* separado do verbo *alcanção* pelas expressões intermedias, faz escuro, e quasi ininteligivel o sentido do Auctor, devendo dizer-se: *Se os lavradores*, *por meio do mais rude e constante trabalho*, *não alcançassem* mais que *huma existencia desgraçada*, ou *sómente alcançassem*, ou *nada mais alcançassem que* huma existencia &c. *não deverião ser contados na classe dos Cidadãos*, *mas sim na dos escravos* &c.

Cumpre porém notar aqui 1.° que achamos hum exemplo deste gallicismo em *Lobo Cort. na Ald.* ed. de 1649, pag. 135, onde diz: *não se ama a cousa* que *pelo que he*; 2.° que igualmente nos parece reprehensivel o *que* em lugar de *como*, ou *quanto*, usado nos Versos de *Filinto Elysio* na seguinte frase:

. . . . . *e até das Damas*,
Que a natureza fez tão engenhosas,
Tam validas das Musas, que *de Venus.*

3.° Que muito Portuguezmente usamos do *que* em lugar de *senão*, quando no primeiro membro da frase vem o adjectivo *outro*, *outra cousa* &c. v. gr. em *Arraez Dial.* 5. C. 21: *não sendo a virtude outra cousa*, que *huma medianeira* &c. no *Espelh. de Relig.* pag. 79: *nenhuma outra cousa lhe havião lançado* que *sal e agoa* &c. &c.

QUEIMAR A CABEÇA: (*bruler la tête*) He expressão Franceza, que val tanto como em Portuguez *matar*, ou mais á letra *matar a tiro dado na cabeça.*

R.

R.

RANGO: He tomado indevidamente pelos nossos Traductores modernos do Francez *rang*, por ignorarem que temos em Portuguez o mesmissimo vocabulo, posto que já com outra orthografia e pronunciação. *Duart. Nun.* na *Orthogr. da Ling. Portug.* Cap. 11 diz, que dos *Francezes Limosiis* tomárão os Portuguezes o vocabulo *Rench* por *téa para justa* (fileira de taboas, com que se fechava o campo), e que daqui dizemos *as cousas postas em ordem ou ala* estarem em *rench. Damião de Goes* escreve: *duas renques de homens armados*, i. e. *duas fileiras.* Hoje finalmente se diz com frequencia *pôr em renque*, ou *em renga — huma renga de arvores* &c.; — e nesta Provincia do Minho se tecem certos panos de linho mui raros, a que chamão *rengues*, ou *rengos*, aos quaes, póde ser, alludia D. Francisco Manoel nas suas *Obras Metric.* Tom. 2. pag. 60 col. 1. quando dizia:

Não me cazo co' avoengo,
De Pay de May Deos nos livre,
Sogra astuta Sogro sengo
Pede ora a capa, ora o rengo
Se he cativa, eu não sou livre.

Vej. Blut. nas palavras *Rengue*, e *Rengo*, e o *Diccionario de Moraes* nas mesmas palavras.

RECLAMAR: Tem este verbo suas significações proprias em Portuguez, que se achão nos Diccionarios, e devem ser sabidas: mas com a significação de *invocar*, *implorar*, e tambem *demandar*, *exigir* &c. parece-nos gallicismo reprehensivel. Assim em lugar de *reclamar a auctoridade das Leis — reclamar a justiça do Principe — reclamar os direitos da razão — reclamar o testemunho de alguem em nosso favor* &c. — devemos dizer: *invocar a auctoridade* das Leis — *implorar a justiça* do Principe — *invocar os direitos* da razão — *chamar, invocar em seu favor o testemunho* de alguem &c. — E em

es-

estoutras frases: *as ordens do Soberano reclamão a nossa obediencia — a necessidade de nos salvarmos reclama a nossa união* — diremos: as ordens do Principe *exigem* a nossa obediencia — a necessidade de nos salvarmos *demanda*, *exige* a nossa união &c. &c.

RECRUTA: *RECRUTAR*: &c. *Nestas palavras* (diz *Madureira* na *Orthogr.*) *verterão alguns nossos Portuguezes militares a palavra Franceza* Recrue, *que significa a leva que se faz dos soldados para encher as companhias* &c. Vej. *Blut. Pros. Academ.* P. 1. p. 16. Hoje são palavras adoptadas, e auctorizadas.

REDACTOR: (*redacteur*) Quer dizer *compilador*, *recopilador* &c. Usa-se hoje, principalmente para significar os *compiladores de noticias publicas*; os *Diaristas* tanto *politicos*, como *Litterarios* &c.

REGRESSAR: Dizem alguns, seguindo o Francez moderno *regresser*, em lugar de *retroceder*, *voltar sobre os proprios passos*: mas este vocabulo parece não ser derivado conforme a analogia da lingua, e poder-se escusar em Portuguez.

REINSTALLAR. Vej. *Installar*.

REMARCAVEL: (*remarquable*) He puro gallicismo, e todavia muito da moda. Em Portuguez corrente dizemos *notavel*, *digno de reflexão*, *de reparo*, *insigne*, *conspicuo*, *estremado*, *assignalado*, *abalisado*, *que he para ver-se*, *que he muito de ver* &c.

RENDEZ-VOUS: He Francez estreme, que nós traduziriamos por *parada*, *paragem*, *estancia* &c., v. gr. *sa maison étoit le* rendez-vous *des personnes de la plus grande qualité*; a sua casa era a *estancia*, *a parada* dos homens da mais distincta qualidade, i. e. o *lugar de ajuntamento*, o *ponto*, ou *lugar de união* &c.

RENOMADO: Por *afamado*, *celebre*, *famoso* &c., he gallicismo intoleravel, e escusado.

REPRIMENDA: (*réprimande*) He outro gallicismo de que não temos necessidade alguma, e que significa o mesmo que *reprehensão*, e *correcção*.

RE-

REPROCHAR: (*réprocher*) Quer dizer *exprobar*, *improperar*, *lançar em rosto* algum vicio, ou defeito. He usado por *Gomes Eannes*, *Chron. do Coud. D. Pedro* C. 15; e já o traz *Duarte Num.* (Orig. da Ling. Port. C. 11) entre os vocabulos, que tomamos dos Francezes, posto que *Bluteau* o suppõe derivado da lingua Castelhana. Pelo que não o podemos tachar de gallicismo moderno, como alguns pretendem.

RESSORTE: (*ressort*) He vocabulo puramente Francez, que significa propriamente o *elasterio* ou *mola* do relogio, ou de outra maquina, e no sentido figurado qualquer *meio*, *agente*, *impulso*, ou *expediente activo*, que se emprega para a execução de alguma empreza. Podemos expressalo em bom Portuguez por *móla*, usando da mesma metafora, que os Francezes adoptárão; ou traduzilo por *agente*, *causa activa*, *movel*, *motor principal*, &c. &c., ou em fim usar de outras expressões de igual força, e apropriadas ás circunstancias. V. gr. nesta frase *ce-là est du ressort de la Grammaire*, diremos *isto pertence á Grammatica*, *he da sua competencia. Estas cousas não são* do ressorte *dos systemas filosoficos*, i. e. não são *da sua alçada*; não estão *no alcance* da Filosofia; não *o alcanção* os systemas filosoficos; *excede as balizas* da Filosofia, &c. &c.

RESSURÇAS: (*ressource*) He puro gallicismo, que tão inadvertidamente usão até pessoas doutas, e discretas. Em lugar delle temos *recursos*, *expedientes*, *arbitrios*, *meios*, *traças*, *ardís*, *modos*, *artes*, *invenções*, *manhas*, *industrias* &c.

RESTO: Não reprovamos este vocabulo, que he muito Portuguez; mas o uso immoderado, que delle se faz, dá ás vezes ao discurso hum resabio de francezismo, que se deve evitar variando a expressão. Assim poderemos traduzir v. gr. *o resto dos homens*, i. e. *os de mais homens*; *todo o resto se queimou*, i. e. *tudo o mais*; *o resto do dinheiro*, i. e. *o restante*, *o remanecente*; *os restos da meza*, i. e. *os sobejos*, *os residuos*; *o portador vos dirá o resto*, i. e. vos dirá *o mais*; e assim nas outras frazes, que a cada passo se offerecem.

Quan-

Quando se notão v. gr. os defeitos de alguma pessoa, e se conclue com esta clausula *du reste excellent homme*, seria má traducção dizermos, como hoje mui vulgarmente se diz: *de resto he hum excellente homem.* Em frase Portuguéza diremos: *no mais he hum homem excellente*, ou *aliàs he hum homem excellente*, ou *homem aliàs excellente.* &c. Quanto porém á expressão conjunctiva *au reste*, que hoje se traduz *de resto*, e a cada passo se repete na conversação familiar, confessamos não ter achado huma palavra Portugueza, que exactamente lhe corresponda, devendo por isso supprir-se pelas clausulais *no mais*; *em quanto ao mais*; *no que toca ao mais* (em Latim *ceterum*, ou *quoad cetera*), e algumas vezes, *de mais do que*; *sobre isto*; *com tudo isso*; *porém*, *e de mais*; *todavia* &c. &c.

RETRETA: *Tocar á retreta*, parece que dizem hoje os nossos militares, tomando o vocabulo ou do Hespanhol *retreta*, ou do Francez *retraite.* Segundo o nosso parecer he escusada esta novidade. *Sonner la retraite* quer dizer em Portuguez limpo *tocar a recolher*; *battre en retraite*, *tocar a retirada*; *faire une honorable retraite*, *fazer huma honrosa retirada* &c. &c.

RETROGRADAR: He tomado do Francez *retrograder*, ainda que a sua origem he Latina. Significa o mesmo que *retroceder*, *voltar para traz.* Já vem em *Bluteau* no *Supplem.* com a significação de *retroceder*, *cessar*, *desistir de alguma cousa*, e no *Thesour. de Prud.* achamos *retrogradando por ordem do aureo numero.*

REVANCHE: He puro gallicismo intoleravel. Em Portuguez corresponde-lhe *desforra*, *despique*, *satisfação*, e tambem genericamente *compensação*, ou seja em *recompensa* de acção boa, ou em *vingança* de acção má.

REVERIA: (*reverie*) He outro gallicismo igualmente grosseiro e intoleravel. Este vocabulo significa em bom Portuguez ora *fantasias*, ora *pensamentos*, ora *imaginações loucas*, *delirios*, e talvez *meditações.* Refere-se mui particularmente ao estado de huma pessoa, que inteiramente se acha oc-

occupada de hum pensamento qualquer, de sorte que a nada mais attende; e neste sentido se lhe póde substituir em Portuguez *meditação profunda*, e talvez *alienação*.

REVOLTAR: *REVOLTANTE*: São palavras, que os afrancezados hoje usão com muita frequencia: *isto revolta a razão*; *esta acção revolta a humanidade*; *revolta o bom senso* &c. &c. Mas são puros gallicismos. Os nossos bons Portuguezes dirião: *isto escandaliza a razão*; *indigna a humanidade*; esta acção *faz exasperar*, *provoca*, *irrita*, *incita*, *causa raiva* &c. &c.

RIDICULO: Em Portuguez he hum adjectivo, que significa *cousa digna de riso*, *que move a riso*. Mas não o tomamos como substantivo para dizer, v. gr., *conheço os ridiculos do mundo*, i. e. *o que o mundo tem de ridiculo*, ou conheço *quão ridiculo he o mundo* &c. *Este homem se cobrio de ridiculos*, i. e. *se fez ridiculo*, *se ridiculisou*, ou *se portou ridiculamente* &c.

RIVAL: *RIVALIDADE*: *Até agora* (diz *Bluteau*) *não a achei em Autores Portuguezes*; *mas pela mesma razão que os Italianos*, *Castelhanos*, *e Francezes*, *a podemos admittir*; *porque não temos outra com significado equivalente*: *os Latinos a usárão em competencias amorosas* &c. Porém antes de *Bluteau* já esta voz havia sido empregada por *João Franco Barreto*, *Eneid. Port.* L. 4. E. 122, aonde a desditosa Dido exclama:

Que farei? por ventura hei de tornar-me
Aos primeiros rivaes *escarnecida?*

E antes de *João Franco Barreto*, a usára *Mousinho* no *Affons. Afric.* C. 5.:

Mas elles, *qual o touro impaciente*,
Terror da Sylva, *dos* rivaes *espanto.*

Vej. tambem *Moraes* no *Diccion.* na palavra *Dislate*, aonde traz *rival* auctorizado com o *Viriato Trag.* Depois se tem usado com muita frequencia, de maneira que hoje se deve reputar não só naturalizado, mas classico. Comtudo não devemos esquecer-nos dos vocabulos Portuguezes *competidor*,

e *competencia*, e *emulo*, e *emulação*, *pretensor* &c., que assim como *rival* e *rivalidade* significão não só *competencias amorosas*, mas quaesquer outras, e além disso em alguma occasião serão de melhor effeito na harmonia da locução.

ROLAR: He entre nós verbo neutro, que não admitte significação activa, e (como dizem os Grammaticos) *transeunte*. Pelo que os nossos modernos Traductores commettem solecismo, quando dizem, segundo o uso Francez, *pequenos grãos de ouro correm com a arêa*, *que* rola este rio *em seu magestoso curso*, devendo dizer: *com a arêa*, *que* este rio volve *em seu magestoso curso* &c. Assim *Camões* nos *Lusiad.* Cant. 7. Est. 11:

Não vedes que Pactólo e Hermo rios
Ambos volvem *auriferas arêas*?

E a moderna Traducção das *Metamorph. de Ovid.* por *Almeno* Liv. 2.:

. . . . *donde corria murmurando*
Hum rio, *que* as arêas *quebra e* volve.

ROMANCE: Sempre significou entre nós a *Lingua vulgar*, ou propria de cada Nação. *Camões* Cant. 10. E. 96:

O Rapto rio nota, *que* o romance
Da terra *chama Obi* . . . . . .

Daqui vem *romance*, e *romancear*, i. e. *traducção*, e *traduzir em vulgar*: v. gr. em *Bern. Prat. e Serm.* P. 1. p. 416: *este he* o romance *das seguintes palavras de Santo Agostinho*: e em *Fr. Greg. Bapt.* 1. P. das *Doming.* n. 241: *não* romanceio *as palavras*, *por que são expressamente tudo o que tenho dito* &c.; e tambem *Romances* por certa composição poetica, que semelha muito a prosa. (Vej. *Madur. Orthogr.*) Mas *Romance* por *Novella* he novo e trazido do Francez: hoje porém está adoptado pelo uso geral.

RUTINA, ou *ROTINA*: (*routine*) He gallicismo desnecessario, e porém mui vulgarmente usado. Significa *trilha*, *usança*, *caminho trilhado*, *cousa usual*, *trivial*, *vulgar*, *sabida de todos* &c. Assim em lugar de *seguir a rutina*, di-

re-

remos *seguir a trilha*, ou *o trilho*, *a usança* &c. *Politica de rutina*, i. e. *trivial*, *usual*, *vulgar* &c. &c.

S.

SALTAR AOS OLHOS: He expressão Franceza, que não convem ao nosso idioma. A frase *cela saute aux yeux*, deve traduzir-se *isto he mais claro que a luz*, ou *que a luz do meio dia*, ou *isto he tão claro como o Sol* (Lat. *hoc patet meridiana luce clarius*: ou *id nemo non videt.*) ou tambem *isto está-se metendo pelos olhos.* — *Ne voir pasce qui saute aux yeux*, i. e. *fechar os olhos á luz* (Lat. *caligare in sole*) &c. &c.

SABRE: He tomado do Francez, ou do Inglez *sabre*, e presentemente mui usado dos militares: mas parece desnecessario, visto exprimir o mesmo que o Portuguez *terçado*, *alfange*, e *cimitarra*, ou *semitarra.*

SALVA-GUARDA: (*salve-garde*) He tambem novo em Portuguez, e escusado. Diz o mesmo que *salvo-conducto*, *seguro*, *resalva*, e algumas vezes *sagrado*, *asilo*, *amparo*, *protecção*, *patrocinio* &c.

SANCCIONAR: (*sanctionner*) Por dar *sancção*, *confirmar*, *ratificar* &c., tem origem Latina, he derivado conforme a analogia, e parece necessario para evitar circumloquio, visto ter significação mais restricta que os verbos *confirmar*, e *ratificar.*

SAPADOR: (*sapeur*) Significa em geral o *cavador de enxada*, e no sentido militar o que em Portuguez chamamos *gastador*, i. e. aquelle que no exercito, e nos assedios *trabalha com enxada em albanar caminhos*, *abrir trincheiras*, *fazer fossos* &c. (Vej. *Blut. Vocabul.* palavra *Sapa*) *Moraes* no *Diccion.* palavr. *Sapa*, e *Sapador* diz que *Sapador* he o soldado, que trabalha com *sapa*, e que pertence á companhia dos *Mineiros.* Parece vocabulo de origem Italiana.

SATELLITE: Tomado do Latim *satelles*, i. e. *guarda que acompanha sempre o Principe*, he usado entre nós no sentido astronomico, por *planeta menor*, que gira em torno de

outro maior, como a Lua em roda da Terra. Hoje se diz tambem, como em Francez, por *esbirro*, *beleguim*, *official inferior de Justiça*, e ainda por *qualquer homem asalariado*, que acompanha quasi sempre a outrem para feitos máos, e acções criminosas &c. He metafora expressiva, e em muitos casos aceitavel.

SECUNDAR: *SECUNDADO*: He gallicismo desnecessario, pelo qual dizemos em bom Portuguez *coadjuvar*, *auxiliar*, *apoiar*, *ajudar*, *assistir*, *apadrinhar*, *patrocinar*, &c.

SENSATO: Em lugar de *avisado*, *sisudo*, *prudente*, *considerado*, talvez *judicioso*, *discreto* &c., parece innovação, que nos não era necessaria: mas tem boa origem no Latim, acha-se auctorizado pelo uso geral, e não desdiz da analogia.

SENSO: He vocabulo novo em Portuguez, e derivado immediatamente do Francez *sens*, ainda que de origem Latina, e trazido com sufficiente razão á nossa lingua. Deve todavia usar-se sem affectada frequencia, e sem nos esquecermos das expressões propriamente nossas, com que declaramos os seus diversos sentidos. Assim poderemos variar da maneira seguinte as frazes, em que elle póde ter lugar:

Homem de senso, i. e. homem *de juizo*, homem *prudente*, *de razão*, *de capacidade*, *de tino* &c.

Homem de grande senso, i. e. *de grande juizo*, *de bom juizo*, *de bom entendimento*, *de muita intelligencia*, *mui avisado*, &c.

Homem que não tem senso, i. e. *mentecapto*, *insensato*, *louco*, *desarrazoado*, &c.

Perder o senso, i. e. *enlouquecer*, *perder o juizo*, *desatinar*.

Obrar como homem de senso, i. e. *como homem de juizo*, *de conselho*, *como homem prudente*, *obrar com cordura*, *com sisudeza*, *avisadamente*, &c.

Não

Não ter o senso commum, i. e. *não ter discrição*, *não ter sizo*, &c.

SENTIMENTAL: He palavra innovada em Francez, e do Francez trazida para a nossa lingua; mas havemos que he conveniente adoptar-se, visto ter boa origem e derivação, e não poder-se suprir em todos os casos por outra de igual expressão e valor: porque a palavra *sensitivo*, que parece corresponder-lhe, nem he de significação tão determinada, nem o póde traspassar bem em todas as circunstancias.

SENTIMENTO: Significa em Portuguez a *sensação de prazer*, *pena* &c.; a *dór*, *pena*, ou *paixão* que se toma por alguma cousa; a *opinião* ou *parecer*, que se tem nesta ou naquella materia &c. (Vej. *Blut.* e *Moraes*) Hoje o usamos tambem á imitação dos Francezes, para significarmos com ella o mesmo que com a palavra Portugueza *affecto* no seu sentido generico, e dizemos, v. gr. *ter sentimentos* de humanidade, de compaixão, de benevolencia &c. para com alguem, i. e. *ter affectos* de humanidade &c., *ter bons*, *ou máos sentimentos* para com alguem, i. e. *ser-lhe affecto*, *affeiçoado*, ou *desaffecto*, *desaffeiçoado*, ter *bons* ou *máos sentimentos*, i. e. *bom* ou *máo coração*; ter *sentimentos nobres*, *baixos* &c., i. e. ter *coração nobre*, ter *alma vil* &c.; homem *que não tem sentimentos*, i. e. *impudente*, *desfaçado*, *desavergonhado* &c. He vocabulo justamente adoptado, e muito expressivo.

SERPENTEAR, ou *SERPENTAR*: São tomados do Francez *serpenter*, tem boa derivação do subst. *serpente*, e são formados conforme a analogia. Mas temos exemplo classico de *serpejar* com a mesma significação no *Viriat. Trag.*, imitado na moderna Traducção das *Metamorph. de Ovidio* L. 4.:

E em corpo unido, até entrar nas grutas
Serpejárão *da proxima floresta.*

Tambem se póde dizer *serpear* com boa analogia, bem como dizemos *gotejar* e *gotear*, *rastejar* e *rastear*, *carrejar* e *car-*

carrear &c., e desta fórma o vemos empregado a miude nos *Versos de Filinto Elysio*, por exemplo no Tom. 2.:

Qual serpeia *o regato*
Em socegada veia.

E em outro lugar:

Em seu fluido estilo vai Bernardes
Serpeando *manso e manso* . . . &c.

SEXO: No idioma Portuguez he vocabulo indifferente para significar o *sexo masculino*, ou *feminino*: pelo que parece abuso empregalo absolutamente, e sem modificação, como fazem os Francezes, para significar, quasi por excellencia, *as mulheres*, ou o *sexo feminino*. V. gr. nestas proposições: *no que respeita particularmente ao sexo*, deve dizer-se *ao sexo feminino*, ou *ás mulheres*; *taes mulheres não devem ser contadas entre o sexo*, i. e. taes mulheres *não merecem este nome*; ou *não devem ser contadas entre as pessoas do seu sexo*; *os caprichos do sexo*, i. e. *das mulheres* &c.

SIM: *Esta particula* (diz *Dias Gomes Obras Poet.* not. 13 á Od. 5.) *he mui Portugueza*; *mas o uso immoderado*, *que neste tempo tem feito della Poetas e Oradores*, *quando servilmente imitão os Auctores Francezes*, *e principalmente em clausulas tão proprias da lingua Franceza*, *como estranhas da nossa*, *a constituirão gallicismo*. Parece que este Critico Philologo allude particularmente a certas transições affectadas, que se notão com frequencia nos nossos modernos Oradores Sagrados, e algumas vezes nos Poetas, quando intempestivamente, e fóra de proposito usão das clausulas *sim*; *sim*, *Senhores*; *sim*, *meus Ouvintes*, &c.; as quaes em melhor Portuguez se traspassarião por estas: *na verdade*; *em realidade*; e *por certo que* &c. &c.

SOBRE: He preposição Portugueza, cuja significação e usos devem ser conhecidos. A lição porém dos livros Francezes tem introduzido varios modos de fallar, em que ella se emprega contra o bom uso Portuguez, e com huma frequencia tal, que faz o discurso affectado. Daremos alguns exemplos com as suas correcções.

No-

Nomes inscriptos *sobre a lista*, i. e. assentados *na lista*. (Vej. *Inscrever*)

Concordamos *sobre o fundo* da questão, i. e. *no substancial*, *no essencial*. (Vej. *Fundo*.)

Usurpação *sobre o Clero*, i. e. *feita ao Clero*.

O throno, que hum perfido usurpou *sobre mim*, i. e. que hum perfido *me usurpou*.

Ajuntou-se o Concilio *sobre a petição* do Clero, e povo, i. e. *a pedido*, *a requerimento* do Clero &c.

Tribunal fundado *sobre o modelo* dos tribunaes do Egypto, i. e. estabelecido, ou fundado *conforme o modelo*, *segundo a forma*, ou *á maneira* dos do Egypto, ou *amoldado aos do Egypto* &c.

Domou os paizes, que achou *sobre a sua passagem*, i. e. que encontrou *em sua passagem* &c.

Ganhar terreno *sobre o inimigo*, i. e. *ao inimigo*.

Conquistar a Palestina *sobre os Arabes*, *e Turcos*, i. e. *aos Arabes* &c.

O objecto dessas disposições era fazer temer ao inimigo *sobre o centro* da sua linha, i. e. inspirar-lhe temor *á cerca*, ou *a respeito do centro* &c.

Acreditar alguem *sobre a sua palavra*. Duvidamos que seja expressão classica; mas já vem no Alvará de 14 de Abril de 1764.

Dirigir as suas acções *sobre o plano* combinado da sua futura elevação, i. e. *conforme*, ou *segundo o plano* &c.

Contar *sobre alguem*, ou *sobre alguma cousa*. Vej. *Contar*.

SOBRE O CAMPO: (*sur-le-champ*) Expressão adverbial, que com summa ignorancia tomárão do Francez alguns Traductores nossos. Em lugar della diremos *logo*; *em continente*; *sem demora*; *no mesmo ponto*; *logo no mesmo ponto*; *logo logo*; *sem detença*; *immediatamente*; *promptamente*; *de repente*; *no mesmo instante* &c. &c.

SORTIDA: (*sortie*) Por *invectiva*, *reprehensão aspera*, *vehemente* &c. he puro gallicismo, e abuso intoleravel. Tambem

bem nos parece erro tomalo por qualquer *escaramuça*, ou *correria militar* contra o inimigo: mas no sentido mais restricto de *tentativa que fazem os sitiados contra os sitiadores de huma praça*, he adoptado. Vej. *Moraes* na palavra *Sortida*.

SUBIR: (*subir*) Por *sofrer*, *soportar*, v. gr. *subir a pena*, *subir o jugo* &c., sem embargo de ter fundamento no Latim, he abuso contrario á significação que tem em Portuguez a palavra *subir*.

SUBSISTENCIA: Significando *o necessario para a vida*, *o alimento*, ou *os meios precisos para subsistir*, diz *Bluteau* no *Supplem.*, que he tomado do Francez *subsistence*. Hoje he adoptado.

SUCCESSO: Significa em Portuguez qualquer *acontecimento*, o *exito de qualquer empreza*, ou negocio &c., e he indifferente para exprimir o successo *bom* ou *máo*, *feliz* ou *infeliz*, *prospero* ou *adverso* &c., em tal maneira que só o adjectivo o tira da sua indeterminação, restringindo-lhe a extensão do significado. Pelo que he gallicismo tomalo *absolutamente*, dizendo v. gr. *prégou com successo*, i. e. *com bom successo*; *para cultivar com successo he necessario conhecer o terreno*, i. e. para cultivar com *feliz successo* &c.

SUCCUMBIR: (*succomber*) Parece-nos derivado immediatamente do Francez para o Portuguez. Em lugar delle diziamos v. gr. *succumbir á dor*, *á corrupção*, *ao pezo*, i. e. *render-se á dor* &c. Comtudo *succumbir* tem origem no Latim, he conforme com a analogia, he expressivo, e tem significação mais restricta, e por isso menos equivoca que o verbo *render-se*.

SUPERCHERIA: Traz *Blut.* esta palavra no seu Vocabulario, sem a auctorizar, e diz que significa *engano*, *fraude*, *dolo*, e que alguns a querem derivar de *super*, e *tricherie*, que em Francez val o mesmo, que *engano no jogo*. Nós não a temos até o presente achado em Auctor algum nosso de boa nota, nem a julgamos necessaria, nem digna de adoptar-se: e entendemos que a sua significação se exprimi-

primirá bem por *velhacaria*, *trapaça*, *astucia fraudulenta* &c.

SUPPLANTAR: (*Supplanter*) Significa propriamente *armar cambapé*, ou *dar traça*, *com que alguem caia*, *e se arruine*, *para lhe precedermos*; *usar de saucadilhas*, *lançalas a alguem para derribalo*; *furtar-lhe o arrimo*, *e fazelo cahir para passarmos adiante*; *fazer perder a alguem o credito*, *favor*, *ou auctoridade*; *arruinalo para nos pormos em seu lugar* &c. Tem origem no Latim *supplantare*; não encontra a analogia; he mui expressivo e energico; e não póde supprir-se em Portuguez se não por circumloquio.

SUPPORTAR, ou *SOPORTAR*: Do Latim *supportare*, quer dizer, *levar algum pezo sobre si*, *poder com elle*, *sustentalo estando debaixo* &c.; e com esta mesma significação o usamos no sentido fig., quando dizemos em bom Portuguez: *Soportou o primeiro choque*, *e a primeira furia da peleja*; *soportar a violencia da artilharia*; *soportar o impeto do inimigo*, &c. (Vej. *Blut.* no *Vocab.* palavr. *Soportar*) Daqui vem a outra significação tambem figurada de *sofrer*, *tolerar*, *sobrelevar* algum mal, ou dor, i. e. levala com paciencia. Mas nunca em Portuguez se disse, como dizem os Francezes modernos, *soportar a artilharia com a infantaria*; *soportar o Governo com subsidios*; *soportar a esquerda com alguns batalhões* &c., em lugar de *apoiar*, *auxiliar*, *sustentar*, *assistir*, *ajudar* &c.

SURMONTAR: (*surmonter*) He gallicismo, que diz tanto como o Portuguez *superar*, *vencer* &c., e se for necessario no seu primario e formal sentido, diremos com boa analogia *sobremontar*.

SURPREZA: *SURPRENDER*: &c. Os nossos Classicos dizião *soprezar* por *tomar improvisamente*, v. gr. *soprezar huma praça*, *fortaleza*, *castello* &c., e *soprezado* por *tomado de improviso*, v. gr. *navio soprezado* &c. Hoje se diz tambem *surprender*, e *surpresa* do Francez *surprendre*, e *surprise*, por *tomar alguem desapercebido*, *de subito*, *de impreviso*, *achalo inteiramente no facto* &c. Vej. *Moraes* no *Dic-*

cion. palavr. *Surprender*, aonde diz que he *termo moderno adoptado.* Nós somos de parecer, que se deve corrigir a orthografia, visto que não he regular compôr hum verbo ou nome com huma palavra Portugueza, e outra estrangeira. A analogia pediria, no nosso caso, *sobre-prender*, ao qual preferiremos sempre as boas expressões Portuguezas *sobresaltear*, ou *sobresaltar*, e *sobresalto*, i. e. *accommeter*, ou *tomar de improviso* com alguma novidade, ou cousa inesperada; e *accommettimento imprevisto*, ou o *susto*, e *enleio*, que elle causa. Quando os Francezes dizem, v. gr. *Surprendeo a minha credulidade*, *a minha boa fé*, entende-se *enganou*, *induzio em erro*, *abusou* da minha credulidade &c. &c.

T.

TAPEÇAR: *TAPIZAR*: *TAPEÇADO*: *TAPIZADO*: e *TAPESSAR*: São tomados do Francez *tapisé*, ou *tapissé*, e *tapisser*; mas não são modernos, como ao principio nos parecêrão. Em *Vieira*, *Serm.* Tom. 1. pag. 307 achamos: *paredes ricamente entapizadas.* Nos *Estat. antigos da Universidade* pag. 7: *entapiçar a Capella. Mousinho Affons. Afric.* Cant. IV.:

Era de verde esmalte entapisada
A bella margem . . . . . &c.

E no Cant. VI.:

Logo saltamos dentro, *e no regaço*
Da floresta de verde tapizada.

E finalmente o mesmo *Vieira*, *Serm.* Tom. 15. pag. 266: *o aposento de Sua Alteza* . . . *pelo inverno tinha de mais* os tapizes, &c. Conservemos pois os vocabulos, e sejamos conformes na Orthografia.

TARDIVO: e *TARDIVA*: São vocabulos que lemos em huma Traducção impressa, e que tomariamos por erros typograficos, se os não vissemos repetidos mais de huma vez em ambos os generos, á maneira do Francez *tardif*, e *tardive*, v. gr. *a experiencia filha* tardiva *do tempo*; *o outo-*

no

no tardivo *da idade*; *a marcha* tardiva *do homem* &c. O Portuguez *tardio*, e *tardia* não he nem menos expressivo, nem menos harmonico, e por isso tal innovação he destituida de todo o fundamento rasoavel.

TARTUFO: He vocabulo novo, que parece ter sido introduzido na nossa linguagem pelo Capitão *Manoel de Souza*, na Traducção do *Tartufe* de *Moliere*. Significa o mesmo que o Portuguez *hypocrita*, ou *beato falso*; e seria para desejar, que nem huma só palavra nos fosse necessaria para exprimir semelhante casta de maldade e depravação.

TAXA: Este vocabulo tomado na significação de *imposto*, *tributo*, *direito*, foi modernamente censurado de gallicismo, ou Inglezismo, como derivado do Francez *taxe*, ou do Inglez *tax*. Nós o achamos no Diccionario de *Moraes* auctorizado, no mesmo sentido, com *Goes*, *Chron. de D. Man.* P. 1. Cap. 18; mas não tivemos occasião de verificar este lugar.

TEMIVEL: He palavra já hoje mui vulgarmente usada, e que tem a seu favor algumas boas auctoridades modernas, razão por que o não reprovamos, maiormente não encontrando elle a analogia do idioma. Os nossos bons Portuguezes dizião em lugar delle cousa *temerosa*, *temida*, *para temer*, e tambem elegantemente *cousa para temida*.

TIRADA: He vocabulo tomado do Francez *tirade*, ou do Italiano *tirata*, que significa *passagem hum pouco extensa de alguma obra*, ou *lugares seguidos sem interpolação sobre o mesmo assumpto*. Não o julgamos adoptavel, e em lugar delle usariamos de *rasgo*, ou *lanço*, que respondem aos termos Latinos *tractus*, *jactus*, assim como estes ao Francez *tirade*, e ao Italiano *tirata*; e em Portuguez corrente dizemos *rasgo de eloquencia*, i e. *passagem eloquente seguida*, *e não mui extensa*, e tambem *lanço de casas*, *de cubiculos* &c. para significar huma *serie* delles *seguidos hums a outros* &c.

TOCANTm: (*touchant*) Por *affectuoso*, *terno*, *mavioso*, *pathetico*, *amoroso*, *amavioso*, *meigo*, *carinhoso* &c., *parece ser gallicismo*, diz *Moraes* no *Diccionario*. Comtudo o mesmo

Moraes o usou na Traducção das *Recreações do homem sensivel*, e o P. Pereira na *Dedicat. ao Principe N. S.* impressa á frente da sua Traducção da *Sagr. Bibl.* em 4.° diz que a Senhora D. Maria I. *costumava recitar todos os dias as Horas Canonicas, e nellas a parte mais devota*, e tocante *da Sagrada Escritura*, *quaes são os Salmos*, &c. A' vista destas auctoridades, não ousamos reprovar de todo o vocabulo *tocante*; mas preferiremos sempre algum dos muitos, que em Portuguez lhe correspondem, até porque sendo elle derivado do verbo *tocar*, cuja significação he mui generica, nos parece pouco expressivo.

TODO: *TUDO*: São palavras bem conhecidas em Portuguez; mas he erro empregalas em certas frases, em que os Francezes tomão o seu vocabulo *tout*, com a significação de *inteiramente*, *absolutamente* &c. Assim nesta frase: *esta descoberta vos pertence* toda inteira, diremos em bom Portuguez: *este descobrimento vos pertence inteiramente*, ou *he inteiramente vosso. Usais de adornos de hum gosto* todo novo, i. e. *totalmente novo. Fazeis* tudo *o contrario do que se deve fazer*, i. e. *fazeis totalmente*, ou *absolutamente*, ou *inteiramente* o contrario &c. &c.

TOMAR A PALAVRA: Assim dizem hoje alguns, traduzindo á letra o Francez *prendre la parole*, para significarem o que *se adianta a fallar primeiro que os outros* em algum ajuntamento, e sobre algum negocio, que ahi se trata. Em melhor Portuguez dizemos *tomar a mão*. V. gr. na *Vid. do Arceb.* L. 1. C. 22: *aqui* tomou a mão *o Provincial, e foi proseguindo no mesmo argumento*; e no Liv. 2. C. 10: tomou *o Arcebispo* a mão, *vendo consumida a tarde* &c. Pelo contrario *tomar a palavra* he expressão que nos nossos Classicos significa *receber de alguem a promessa*, *fazelo prometter*: como v. gr. em *Fern. Alv.*, *Lusit. Transf.* Liv. 2. Pros. 10: *mas quero*, *primeiro que peça esta mercê*, tomar-vos a palavra, *que não haveis em nenhum caso de negar-ma* &c.

TRATAMENTO: (*traitement*) Tem no Portuguez sua propria

pria significação: mas tomado por *salario*, *ordenado*, *estipendio*, v. gr. *o tratamento dos Ministros*, *dos Officiaes* &c., he gallicismo escusado.

TRATAR DE RESTO: *TRATAR DE BAGATELLA* &c. São modos de fallar á Franceza. Em Portuguez dizemos *ter em pouco*, *tratar com desprezo*, *desprezar*, *menoscabar*, *vilipendiar*, *ter em pouca conta*, *ter em menos cabo* &c. &c.

TRAVEZES: Lemos em Traducções impressas as seguintes frases: *todos estes* travezes *não são naturaes ao sexo*; *todos* os travezes, *que reinão no mundo*, *não tem tanta força para corromper huma rapariga*, *como huma Mãi dissipada*; *os homens se achão confundidos com as mulheres debaixo dos mesmos* travezes, &c. São outros tantos gallicismos. *Travéz*, e *travezes* tem em Portuguez sua significação propria, e são termos de Fortificação: mas ao Francez *travers* corresponde em Portuguez *irregularidades*, *desregramentos*, *extravagancias*, *desconcertos*, *desmanchos*, *desordens*, *erros*, *avessos* &c.

TREM DE VIDA: Por *modo de vida*, *genero de vida*, *modo de proceder* &c. he frase Franceza, alheia do nosso idioma, e escusada.

TRENÓ: (*traineau*) Significa, segundo *Moraes* no *Diccion.*, *Carro de rojo*, *sem rodas*, *em que se viaja sobre as neves do Norte*. *Bluteau* o tráz no *Supplem.*, e o auctoriza com huma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1723. Poderia talvez exprimir-se por *trilho*, especie de *carro sem rodas*, puxado por bois, e sobre elle huma pessoa em pé, ou assentada, o qual serve para debulhar o trigo. Tambem se traspassaria sem erro pela palavra *zorra*, isto he, carrinho com rodas, para levar e arrastar pedras grossas e outros pezos. Vej. o mesmo *Blut.* nas palavras *Trilho*, e *Zorra*. O elegantissimo *Souza* na *Vid. do Arceb.* L. 2. C. 4. descreve o *traineau* do seguinte modo: *O meio* (diz elle) *que achou o engenho humano para vadiar este passo* (falla da descida dos mais altos picos dos Alpes para o Piemonte) *foi inventar huma maneira de andores*, *ou carretes sem rodas*, *que vão descen-*

cendo, ou caindo pelas serras abaixo, arrastado cada hum por dois homens, que não sabeis se os chameis pilotos, se cocheiros, se cavallos; porque tudo he preciso que sejão nesta perigosa distancia, e tudo são &c.

TURBA: (*tourbe*) Achamos este vocabulo nos *Versos de Filinto Elysio*, onde diz:

Mal haja a turba, *e enxofre negro, e duro,*
Que os engenhos lhe tolda . . . . .

Parece derivado do Francez, e significa certa *terra betuminosa* de que os Hollandezes usão em lugar de lenha e carvão, e que se acha em grande quantidade junto a *Setubal* na *Comporta*. Vej. as *Memor. Econom.* da Academia Real das Sciencias de Lisboa Tom. 1. pag. 182 e 232, aonde se lhe dá o nome de *turba*, ou *turfa*.

U.

ULTERIOR: Era entre nós termo *geografico*, e significava o contrario de *citerior*, v. gr. *Hespanha ulterior*, *Hespanha citerior* &c. Hoje dizemos tambem, como os Francezes, *consequencias ulteriores*, *pretenções ulteriores*, *successos ulteriores* &c.; mas esta significação não desdiz da primeira, tem fundamento no Latim, he expressiva, e em alguns casos parece necessaria.

ULTRAJANTE: (*outrageant*) Os vocabulos *ultrage*, e *ultrajar* ainda não erão muito usados no tempo de *Bluteau*, que todavia os metteo no seu *Vocabulario*. Depois tem-se introduzido tambem o adj. verbal *ultrajante*, que não desdiz da analogia, e significa o mesmo que *injurioso*, *afrontoso*, *contumelioso*. Alguns Escritores modernos preferem *ultrajoso* a *ultrajante*.

UNIDO: (*uni*) Na significação de *igual*, *lizo*, *plano* &c, parece gallicismo. Em Portuguez dizemos *mar igual*, *bonançoso*, *terreno plano*, *estilo igual*, *corrente*, *ligado*, &c. e não *mar unido*, *terreno unido*, *estilo unido* &c.

V.

V.

VIAJANTE: *VIAJEIRO*: *VIAJOR*: *VIAJADOR*. Com todas estas fórmas exprimem os Portuguezes modernos a mesma idéa. Os antigos tinhão o termo *viagem*, que parece significava mais commummente *navegação*, ou *jornada por mar*; e exprimião as *jornadas por terra* pelo vocabulo *jornada*, ou *caminho*, e sendo longas, e em paiz estrangeiro, pela palavra *peregrinação*. Hoje he geralmente adoptado o vocabulo *viagem* para significar humas e outras jornadas, e delle derivamos com boa analogia o verbo *viajar*, pelo qual diziamos d'antes *peregrinar*, *ver mundo*, *andar por terras estranhas*, ou *fazer jornada*, *fazer caminho* &c. De *viajar* se fórma naturalmente o adj. *viajante*, que diz tanto como os antigos *viandante*, e *caminhante*. Porém *viajor* do Francez *voyageur*, e *viajador* do Italiano *viaggiatore* são escusados, como tambem *viagente*, que *Madureira* pretende derivar do Latim *Viam agens*. *Viajeiro*, que achamos usado pelo P. *Pereira*, e por outros Escritores, tambem não he necessario; mas tem melhor analogia, e póde bem derivar-se de *viajem*, assim como de *portagem*, *portageiro*, de *mensagem*, *mensageiro* &c.

VIRULENTO: He termo *Medico*, ou *Cirurgico*, e significa cousa que tem *virus*. No sentido fig. parece ser novo no nosso idioma, e derivado do Francez *virulent*, cousa *maligna*, v. gr. *satyra virulenta*: mas não ha razão de o reprovar.

VISTAS: He notavel o abuso que se tem feito deste vocabulo, depois que nos familiarizamos com os livros Francezes. Indicaremos aqui algumas das frases, em que os nossos modernos Escritores o empregão indevidamente, e lhes substituiremos as convenientes correcções.

Taes tem sido *as vossas vistas*, i. e. *os vossos intentos*.

Obravão com *differentes vistas*, i. e. com differentes *intenções*, ou *intuitos*.

Os

Os designios e *vistas* do Legislador, i. e. os *designios* e *intuitos*.

Lancemos *as nossas vistas*, i. e. *os nossos olhos*. *As vistas* da Europa estão fixadas sobre vós, i. e. a Europa tem *os olhos postos* em vós, ou *fitos* em vós &c.

Fazer alguma cousa *com vistas* de alcançar recompensa, i. e. com *intuito*, com *desenho de alcançar* &c., ou com *o fito*, com *a mira* na recompensa.

Lancei *as minhas ultimas vistas* sobre o Paraizo, i. e. *lancei a ultima vez os olhos* &c.

Este he o assumpto que vou pôr *nas vossas vistas*, i. e. *aos vossos olhos*, que vou propôr *á vossa consideração*, *á vossa reflexão* &c.

A sabedoria das suas *vistas* politicas, i e. dos seus *desenhos*, ou *designios*, e ás vezes dos seus *pensamentos* politicos &c.

Obra admiravel pela profundeza *de vistas moraes e politicas*, i. e. pela profundeza de *conceitos*, de *idéas*, de *reflexões* &c.

Conforme *ás vistas* de Deos, i. e. aos *conselhos* de Deos, aos seus *designios*.

Lançou sobre nós *vistas* de piedade, i. e. *olhos de piedade*, olhos *compassivos* &c.

Os nossos Classicos tambem usavão do vocabulo *presupposto* com a significação de *designio*, *intuito*, *conselho*, *intento* &c. V. gr. *Fern. Alv.*, *Lusit. Transf.* L. 1. pag. 58 verso ediç. de 1607 Pros. 9.: *tiramos do encerrado vale os nossos rebanhos*, *a pacer ao prado*, *encaminhando-os pela estrada ao conhecido pasto*, com presupposto *de tornarmos logo áquelle* lugar *sombrio* &c., e no L. 3. Pros. 4.: *Com este* presupposto *se auzentou Lizarte* &c.

VOLTEJAR: (*voltiger*) He gallicismo desnecessario no nosso idioma, onde temos *voltear*, e ás vezes *revoar*, que dizem o mesmo. Em Relações de acontecimentos militares tambem se diz hoje *voltejadores*, devendo ser com melhor analogia *volteadores*. São Soldados de certas Companhias dos Re-

Regimentos Francezes de Infantaria ligeira, ou de Linha, os quaes se escolhem entre os homens mais vigorosos, ageis, e lestos, mas de pequeno talhe, e são destinados a serem rapidamente levados de hum para outro lugar, pelas tropas a cavallo; pelo que se exercitão particularmente em montar ligeiramente, e de hum salto á garupa do cavalleiro, em descer com promptidão, em se formar rapidamente, e em seguir a pé hum cavalleiro, que marcha a passo, ou de trote &c.

VOLUPTUOSIDADE: Desejava *Bluteau*, que se adoptasse em Portuguez o vocabulo *voluptade*, como necessario para significar com toda a propriedade o que os Latinos exprimem por *voluptas*. (*Pros. Acad.* P. 1. pag. 25, e *Supplem. ao Vocab.*) O uso recusou aquelle novo vocabulo, e preferio *voluptuosidade*, do Francez *voluptuosité*, o qual, segundo o nosso parecer, seria conveniente adoptar-se, ainda que tivessemos *voluptade*, por ser diversa a significação de hum e outro. *Voluptade* significaria então o *deleite*; *voluptuoso* o homem *dado a deleites*; e *voluptuosidade* a *qualidade habitual*, que o constitue voluptuoso.

ARTIGOS, QUE NÃO PODÉRÃO ENTRAR COMMODAMENTE NA ORDEM ALFABETICA.

I.

Abuso dos Pronomes.

ABusa-se dos pronomes *eu*, *elle*, *nós*, *vós*, *elles*, *isto*, *aquelle*, &c. quando se empregão no discurso contra o uso da lingua, e com mais frequencia do que ella tolera, transportando para o Portuguez hum defeito mui notavel, que os Auctores Francezes quererião poder evitar no seu pro-

proprio idioma. Não nos permitte o nosso assumpto entrar a este respeito em discussões grammaticaes. Mas daremos aqui alguns exemplos deste abuso, para que os nossos Leitores reflectindo nelles, e observando a diversa indole de ambas as linguas, possão evitar semelhantes gallicismos, e explicar-se com a devida correcção.

1.° Exemplo. *Se* eu *conseguir o que* eu *desejo*, eu *ficarei contente*. Nesta frase não podem os Francezes deixar de repetir tres vezes o pronome *je*, e he este hum dos grandes defeitos do seu idioma. Em Portuguez porém he viciosa essa mesma repetição, por ser contra o uso e genio da lingua, e porque faz o discurso embaraçado, e froxo, sem necessidade alguma. Deveremos pois dizer: *Se eu conseguir o que desejo*, *morrerei contente*; ou tambem omittindo o primeiro *eu*, se pelo teor antecedente da frase ficar removida toda a ambiguidade, como se se dissesse v. gr.: *Trabalho por levar ao fim a minha pretenção*; *e se conseguir o que desejo*, *morrerei contente*, aonde nem huma só vez entra o pronome *eu*, que segundo o genio, e uso da lingua Franceza se empregaria não menos que quatro vezes.

2.° Exemplo. *Então* nós *sentimos pela primeira vez a frescura da noite . . . da mesma sorte que* nós *tinhamos sentido* &c. . . . nós *nos embrulhámos nas pelles*, *antes que* nós *sahissemos do Paraizo* . . . . nós *nos deitámos na gruta* &c. Eis-aqui em poucas linhas repetido sinco vezes o pronome *nós*, que em Portuguez corrente, e em estilo desempeçado se poderia totalmente omittir, traduzindo assim: *Então* sentimos *pela primeira vez a frescura da noite*, *bem como já* haviamos sentido &c. . . . *antes que* sahissemos *do Paraizo*, nos envolvemos *nas pelles* . . . deitámo-nos *na gruta* &c.

3.° Exemplo. *Para suffocar até os remorsos da consciencia*, elles *tem inventado mil absurdos. A palavra liberdade tem sido* aquella *de que* elles *tem feito hum maior abuso*, *para impôr á multidão*, *e enganar todos* aquelles, *dos quaes* elles *se querem servir para os seus fins.* Parece, na verdade, incrivel que hum ouvido Portuguez se accommode com este modo de

de fallar; mas tal he o poder do habito, que á força de lermos, e imitarmos os livros estrangeiros, quasi nos familiarizamos com as suas maneiras, e talvez as reputamos melhores que as nossas! Este periodo, que he tirado de huma Obra Portugueza original, está cheio de gallicismos: aqui porém sómente nos pertence notar a viciosa repetição dos pronomes *elles*, *aquelles*, que fazem a oração por extremo embaraçada, e desagradavel. Poderia dizer-se mais correntemente: *Para suffocarem até os remorsos da consciencia, inventárão mil absurdos. A palavra liberdade foi a de que mais abusárão para embair o vulgo, e para enganar a todos aquelles, de quem se querião servir para os seus fins.*

4.° Exemplo. Elles *pedírão a dilação de huma hora*: ella *lhes foi concedida*. Nesta frase diremos melhor: *Elles pedírão a dilação de huma hora, que lhes foi concedida*, ou *a qual lhes foi concedida*, ou: *pedírão a dilação . . . que . . .* &c. ou querendo conservar toda a concisão do original: *pedírão a dilação de huma hora*: *foi-lhes concedida*, ou *pedírão* &c. *concedeo-se-lhes*. Semelhantemente nesta frase: *a sua Corte tinha-lhe preparado hum festejo*: *não se dignou* elle *de assistir a elle*. Traduziremos muito melhor dizendo: *a sua Corte lhe havia preparado hum festejo, a que elle se não dignou de assistir*, ou: *havia-lhe a sua Corte preparado hum festejo, a que elle se não dignou de assistir*. &c.

5.° Exemplo. *A nossa maior perda não he* aquella *das riquezas terrestres — a nossa perda foi grande*; *mas aquella dos inimigos foi muito maior*. — Nesta e outras semelhantes frases parece que o pronome *aquella* he gallicismo, e redunda na oração Portugueza, devendo dizer-se: *a nossa maior perda não he* a *das riquezas terrestres — a nossa perda foi grande*; *mas* a *dos inimigos foi muito maior* &c. Não devemos dissimular com tudo, que nos nossos bons Escritores se achão algumas vezes frases semelhantes ás que aqui reprovamos. V. gr. em *Diogo do Couto* Dec. 4. L. 5. C. 2.: *Parece que forão mortos pelos da terra, porque* aquelles *do Sertão são barbarissimos*. Em *Barros* Dec. 3. L. 6. C. 1.: *Fi-*

nalmente com a differença destas cartas, e mds informações das segundas, foi assentado entre aquelles *do Conselho de ElRei, que aquella embaixada era falsa.* Na *Carta de Guia de Cazad.* fol. 181 verso: *Falta-me aqui por advertir alguma coiza a humas certas mãys, e não sei se a alguns pays, que dão seus geitos ás filhas, para que se cazem, particularmente* áquellas *de bom frontespicio* &c. Porém, sem embargo destes exemplos, julgamos que se deve evitar semelhante modo de fallar, todas as vezes que o pronome *aquelle* se não refere a algum objecto já commemorado no discurso, ou não envolve alguma particular emfase, como parece em *Vieira* Tom. 1. de *Serm.* pag. 451, aonde diz: *O mais desventurado homem, de que Christo nos quiz dar hum temeroso exemplo, foi* aquelle *da parabola das Vodas* &c.

6.° Exemplo. Isto *he blasfemia o dizer, que a natureza accende em nós o mais ardente dos nossos desejos para nos enganar.* A palavra *isto* redunda no discurso Portuguez, e he hum gallicismo nascido de se traduzir muito ao pé da letra o Francez *c'est un blasféme*; *c'est un erreur* &c. Em bom Portuguez dizemos *he blasfemia*, ou *he huma blasfemia*, *he hum erro* &c.

7.° Exemplo. Eu *tenho visto muitos meninos, que se divertem a comparar as cousas novas, que os admirão, com* aquellas, *que* elles *já conhecem.* Neste exemplo os pronomes *eu*, *aquelles*, *elles*, podem supprimir-se, fallando todavia Portuguez corrente. V gr: *Tenho visto muitos meninos, que se divertem a comparar as cousas novas, que os admirão, com as que já conhecem*: ou *com as outras que já conhecem*: ou tambem *com aquellas que já conhecem* &c.

Ultimamente não será inutil advertir aqui, que quando reprovamos o abuso dos pronomes, não pretendemos excluilos totalmente do discurso: por quanto além de poderem empregar-se muitas vezes sem erro, nem resabio de gallicismo, ha tambem occasiões, em que he absolutamente indispensavel o seu uso claro e expresso, como, por exemplo, 1.° quando ha opposição entre dois ou mais membros

bros do periodo, e dizemos, v. gr. *eu como, e tu dormes; eu estudo, e tu te divertes; nós trabalhamos, e elles passeião*, &c. 2.° Quando o pede a emfase, ou o ornato do discurso, como v. gr. nesta frase: *Deos he digno do nosso amor*; elle *manda que o amemos*, elle *o pede*; elle *até o sollicita* &c. 3.° Quando sem a expressa declaração do pronome, ficaria escura ou ambigua a frase, ou ainda suspensa por algum tempo a sua verdadeira intelligencia, como succede, por ex., na traducção de huma excellente Obra, cujo primeiro paragrafo diz assim: *Ainda que* tivesse *toda a subtileza de espirito, que se póde desejar nas mais agradaveis sociedades; bem que* tivesse *composto Obras, em que brilhasse todo o fogo da imaginação e do engenho; quando* tivesse *inventado systemas capazes de emmudecer e admirar o Universo; ainda que* tivesse *formado projectos dignos de sustentar, ou realçar os Imperios . . . Se não* tenho *por objecto a religião, a minha alma perde os seus trabalhos* &c. Aonde o verbo *tivesse* repetido quatro vezes nos quatro membros do periodo, devia ser determinado desde o principio pelo pronome *eu*, sem o que fica por muito tempo suspenso o verdadeiro sentido do discurso, e o Leitor ignorando a que pessoa se refere aquelle verbo. &c.

II.

Abuso de alguns Relativos.

1. O relativo Francez *dont* tem, regularmente fallando, a significação dos relativos Portuguezes *cujo, cuja, cujos, cujas, do qual, dos quaes, da qual, das quaes* &c. São pois mal traduzidas as seguintes frases:

Entre os contos das fadas não ha hum só, de que o objecto *seja verdadeiramente moral*, i. e. *cujo objecto*, ou tambem *do qual o objecto* &c.

Outro meio, que vos parecerá talvez frivolo, mas de que *o effeito he certo*, i. e. mas *cujo effeito* &c.

To-

Todos os objectos de quem *as dimensões* são *extraordinarias*, i. e. *cujas dimensões*, ou *as dimensões dos quaes* &c. O Portuguez *quem*, e *de quem*, quasi sempre se refere ás *pessoas*, e não ás *cousas* &c.

Notaremos neste lugar que o vulgo faz muitas vezes errado uso dos relativos *cujo*, *cuja* &c. dizendo, v. gr. *hum homem*, o cujo *he meu amigo*; *huma casa*, cuja *eu edifiquei* &c. devendo ser *hum homem*, *o qual*; *huma casa*, *a qual* &c. E deste erro não forão totalmente izentos os nossos melhores Classicos, entre os quaes o mesmo *Barros* no *Prologo* da Dec. 1. diz (se não ha nestas suas palavras erro typografico): *appresentam estes delineamentos de sua imaginação ao Senhor*, de cujo *ha de ser o edificio*, i. e. ao Senhor, *cujo ha de ser*, ou *de quem ha de ser* &c. E *Duarte Nunes* na *Descripç. de Portug.* C. 75: *Sant-Iago Interciso* de cuja *nação fosse*, *não nos consta*, i. e. *de que nação fosse.*

2.° Tem a lingua Franceza os relativos *qui*, e *que*, dos quaes o primeiro serve de agente ou sujeito do verbo seguinte, e o segundo he regido delle, v. gr. nestas frases: *voi-là* qui *vous en dira de nouvelles*; eis-aqui *quem* vos dirá novidades. — *celui*, que *vous avez vu*; aquelle *que* vistes, ou *a quem* vistes; o primeiro *qui* rege como agente o verbo *dirá*; e o segundo *que* he regido do verbo *vistes*, como objecto, em que se emprega a sua acção. Por não haver em Portuguez a mesma differença nas fórmas destes relativos, e explicarmos huma e outra relação pela unica fórma *que*, acontece não poucas vezes traduzir-se o Francez com ambiguidade, e ficar a frase pouco intelligivel, como nesta, por exemplo:

Feliz o homem que *visita as sepulchraes abobadas*, que *alumia a tocha da morte*; aonde parece á primeira vista, que ambos os *que* se referem a *homem*, quando em Francez o primeiro delles he *qui*, que por si mesmo mostra ser o agente do verbo *visita*, e o segundo he *que*, o qual logo tambem indica ser regido do verbo *alumia*. Convem por tanto, que estas e outras semelhantes frases se traduzão com

com reflexão, a fim de se evitar, quanto possivel for, a ambiguidade. Assim diremos, v. gr. *feliz o homem*, que *visita as sepulchraes abobadas*, alumiadas *pela tocha da morte*, ou *as quaes alumia* &c.

III.

Abuso dos verbos tomados impessoalmente.

Abusa-se dos verbos tomados impessoalmente:

1.° Quando se põe huns apôz outros no mesmo periodo, fazendo a frase embaraçada, ás vezes escura, e quasi sempre de máo soido. V. gr. neste exemplo: Deixa-se *de ser homem de boas intenções, todas as vezes que* se esconde *com expressões equivocas*: *não* se he *obrigado a dizer toda a verdade*; *mas sempre* se está obrigado *a fallar verdade*: que em bom Portuguez poderia traduzir-se assim: *Deixa hum homem de ter boas intenções, todas as vezes que occulta os seus sentimentos debaixo de expressões equivocas. Ninguem he obrigado a dizer a verdade toda*; *mas todos temos obrigação de fallar verdade* &c.

E tambem neste:

Quando se he *educado no seio da grandeza*, tem-se *toda a difficuldade em* persuadir-se *que* se he *semelhante ao resto dos homens, e que o esplendor*, de que *se está cercado, se dissipa como hum vapor*; quer dizer: Quando *alguem*, ou quando *hum homem*, ou quando *huma pessoa* he educada no seio da grandeza, *tem* toda a difficuldade em persuadir-se, que *he semelhante* ao resto dos homens, e que o esplendor, de que *está cercada* &c.

2.° Quando se ajunta o verbo tomado impessoalmente no numero singular com nomes do plural, como nas seguintes expressões, e outras, que a cada passo encontramos nas Traducções Francezas:

Nomeou-se novos Commissarios.

Fez-se duas proposições.

Fa-

Fabricou-se palacios e jardins.
Desejou-se, e abraçou-se religiões commodas.
Via-se grupos numerosos. &c. &c.

Nas quaes se conhece claramente o cunho do Francez: *on nomma des nouveaux commissaires — on voyoit des groupes nombreux — on fit deux motions — on fabrica* &c. &c. — devendo dizer-se segundo o genio da lingua Portugueza: *nomeárão-se novos Commissarios — viáo-se magotes numerosos — fizerão-se duas proposições — fabricárão-se palacios* &c.

Por onde parece defeituosa na Syntaxe esta frase de *Barros* Dec. 3. L. 2. C. 1.: *E como nas terras novamente descobertas primeiro* se nota *pelos marcantes, que as descobrem*, os perigos *do mar*, devendo dizer: *primeiro se notão os perigos.* O mesmo defeito achamos em *João Franco, Eneid. Port.* L. 5. Est. 15, aonde diz:

Ver-se-ha *primeiro* as náos *mais excellentes*
Correr nas salsas ondas á porfia.

em lugar de « *ver-se-hão as náos* » &c.

3.° Nesta e outras semelhantes frases: *Deve-se confessalo*: *este facto não he provavel*, aonde os nossos Traductores enganados pela expressão Franceza: *on le doit confesser*, commettem gallicismo, que a nossa linguagem reprova. Em bom Portuguez diriamos: *Deve-se confessar, que este facto não he provavel*, ou *devemos confessar que este facto* &c. Da mesma sorte no seguinte periodo: « *Esta historia he allegorica*: *não* se deve tomala *ao pé da letra*; *mas vós affirmais que* se deve entendela *em todo o rigor litteral* » pede a Syntaxe, e o modo de fallar Portuguez, que se diga: *esta historia he allegorica, e não se deve tomar ao pé da letra*, (ou *não devemos tomala*, ou *não convem tomala*, ou *não deve ser tomada*) *mas vós affirmais, que ella se deve entender* (ou *deve ser entendida* &c.) *em todo o rigor litteral* &c.

Ultimamente para darmos huma idéa geral dos varios modos de traspassar estas frases impessoaes, a qual sirva de norma aos menos advertidos; convem notar, que a particula Franceza *on*, que nellas commummente se emprega, he hu-

huma contracção, ou corrupção do antigo *hom* (*homem*) que serve de sujeito da proposição; e que as frases *on dit — on voyoit — on fit* &c. equivalem, palavra por palavra, ao Portuguez *homem diz — homem via — homem fez* &c. (*a*)

Pelo que parece necessario que este sujeito, ou outro seu equivalente, appareça claro, ou subentendido na traducção Portugueza de semelhantes frases, ou que estas se possão reduzir ao mesmo sentido por meio de sua analyse grammatical. Eis-aqui os differentes modos, com que em bom Portuguez podemos satisfazer a este fundamental preceito.

1.° Os nossos Classicos imitárão frequentemente á letra o uso Francez dizendo, v. gr. na *Ord. do Sñr. D. Duarte*: « *cá sem razom seria ao afflicto accrescentar* hom *afflicção* » Na Traducção do Livro *de Senectute de Cicero* por *Damião de Goez* ms. fol. *mihi* 21: *tambem isto reputo ser muim misero na velhice, cuidar* homem, *que naquella idade he odioso, e fastioso a toda pessoa.* Nos Serm. de *Paiva*, P. 1. fol. 254 verso: *por que á verdade, de ninguem* homem *corre tanto risco, como de si.* Em *Souza*, *Vid. do Arceb.* L. 3. C. 3.: *grão trabalho, e custosa cousa he fazer* homem *o que deve* &c. &c.

2.° Ainda hoje nos exprimimos a cada passo do mesmo modo, principalmente no estilo familiar, accrescentando a *homem* o adjectivo articular *hum*. V. gr. *não póde* hum homem *ser justo, sem se expôr á perseguição dos máos — não sabe* hum homem *quando lhe vem as infelicidades pela porta — convem que o amigo seja muito experimentado para que* hum homem *lhe confie seguramente os seus maiores segredos.* E deste modo se podem traduzir algumas frases Francezas, v. gr. *On peut être solitaire dans sa maison*; *póde* hum homem *viver solitario no meio da sua familia — Ce qu'on fait contre son gré*,

(*a*) Vej. *Condillac*, *Gramm.* P. 2. C. 7., e *Grammaire Génér. & raison.* P. 2. C. 19., e se conhecerá melhor, quão errada idéa tinha deste vocabulo hum Diccionario nosso, aonde vem definido assim: « *On he hum pronome, que faz os verbos passivos.* »

reussit toujours mal; *sempre* hum homem *se sabe mal no que faz contra sua vontade* &c. &c.

3.° Tambem substituimos ao termo generico, e indefinido *homem* o outro igualmente indefinido e generico *pessoa* com o mesmo adjectivo articular *huma*, e commummente só no estilo familiar. V. gr. nestas frases: *Le monde ne merite point* qu'on *s'en occupe*; o mundo não merece que *huma pessoa* empregue nelle os seus cuidados — On ne *peut encore compter sur rien*; ainda *huma pessoa* não póde dar o negocio por seguro &c.

4.° No estilo culto será talvez melhor usar do mesmo nome generico *homem* porém com o artigo simples *o*: v. gr. *il faut* qu'on *forme son caractère dans la solitude*; convem que *o homem* forme na solidão o seu caracter — *dans la solitude* on *soulage son coeur*; na solidão alivia *o homem* o seu coração — On *croit volontiers ce qu'on souhaite*; facilmente crê *o homem* o que deseja &c.

5.° Tambem se usa do articular *hum*, supprimindo o substantivo *homem*, que facilmente se subentende. V. gr.: *Plus* on *s'eloigne de soi-méme*, *plus on s'ecarte du bonheur*; *quanto mais* hum *foge de si mesmo*, tanto mais se aparta da felicidade — *dans la solitude* on *peut tout ce qu'on veut*; na solidão póde *hum* tudo o que quer — *Là* on *jouit de mille plaisirs innocents*; alli goza *hum* (ou *hum homem*, ou *huma pessoa*, ou *o homem* &c.) de mil prazeres innocentes &c.

6.° Algumas vezes, principalmente no estilo familiar, empregamos, em lugar do substantivo *homem*, o outro substantivo igualmente generico *gente* com o artigo. V. gr.: *ce que* l'on *prodigue*, on l'*ôte à son héritier*: *ce que* l'on *epargne sordidement*, on *se l'ôte à soi-méme*. O que *a gente* desperdiça, tira-o aos seus herdeiros: o que poupa sordidamente, tira-o a si mesmo — L'on *ne sauroit s'empêcher de voir dans certaines familles ce* qu'on *appelle les caprices du hasard*, *ou les jeux de la fortune*; não póde *a gente* deixar de notar em certas familias o que chamão caprichos do acaso, ou jogos de fortuna — &c.

7.°

7.° Outras vezes usamos dos adjectivos articulares *alguem*, *cada hum*, *queiquer*, *qualquer*, sem substantivo expresso, ou ajuntando a *qualquer* o substantivo *pessoa*. V. gr.: *Si l'on m'oppose que c'est la pratique de tout l'Occident*; se *alguem* me oppozer, que esta he a pratica &c. — On *en croira tout ce* qu'on *voudra*; *mais je pense* &c; *cada hum* fará a este respeito o juizo que quizer; mas eu penso &c.; ou: creia *cada hum* o que quizer; mas eu &c. — *Quoi* qu'on *en dise*: *il est une sympathie secrete, qui unit les coeurs*; diga *cada hum* o que quizer: ha huma sympathia occulta, que une os corações — *A' son air marcial*, on *le reconnoit aisément*; ao seu gesto guerreiro *quem quer* (ou *qualquer pessoa*) o reconhecia facilmente &c.

8.° Outras vezes, em lugar do substantivo *homem*, usamos do adjectivo collectivo *todos*, (sc. *todos os homens*), e sendo a proposição negativa, do adjectivo *ninguem* (sc. *nenhum homem*). V. gr. nestas frases: *il l'a dit, et on s'en souvient*; elle o disse, e *todos* se lembrão disso — *il voudrait briller, et* on *se moque de lui*; elle quer brilhar, e *todos* zombão delle. — On *ne sera jamais grand, que par sa grandeur personelle*; *ninguem* jámais será grande, se não pela sua grandeza pessoal — L'on *n'ecrit, que pour être entendu*; *ninguem* escreve, se não para ser entendido. &c.

9.° Tambem se usa, em muitos casos, pôr o verbo absolutamente no plural, e na terceira pessoa, concordando com o substantivo occulto *homens* tomado em geral, ou em particular com aquelles *homens*, ou *pessoas*, de quem se falla; ou finalmente na primeira pessoa, referindo-se a *nós os homens*, ou a nós que *fallamos*, ou *escrevemos*, ou *lemos*, ou *ouvimos*. V. gr nestas frases: On *dit que*; *dizem* que, &c. — On *dira que*; *dirão* que &c. — *Je ne crois, que cêtte étude soit aussi illusoire, aussi dangereuse qu'*on *le dit*; não creio que este estudo seja tão illusorio, tão perigoso, *como dizem* — On *ne s'en tent pas là*: on *m'interdit toute societe*; não se *limitárão* a isto; ou, não se *contentárão* com isto; ou, não *parárão* aqui (sc. *as pessoas*, que me perseguião,

e de que já se tem fallado, ou que se entendem pelo contexto): *prohibirão-me* toda a sociedade &c. — *La fête des tabernacles étoit, comme on a déjà vu, une memoire* &c.; a festa dos tabernaculos era, *como já vimos*, (sc. nós, o que escreve ou falla, e os que ouvem, ou lêm) *huma memoria* &c. — On *a raconté quelle fut la funeste suite de son entreprise*; *temos referido* qual foi a funesta consequencia da sua empreza; ou *já deixamos dito* (sc. *nós o escriptor*) &c. &c.

10.° A's vezes apassiva-se o verbo, ou usando dos auxiliares *ser*, e *estar*, com os participios passivos; ou ajuntando o caso *se* aos sujeitos da terceira pessoa, que não podem empregar a acção em si mesmos. V. gr.: On le *confirma trois fois de suite dans cétte dignité*; tres vezes a fio *foi confirmado* nesta dignidade — On *assembla les E'tats*; *forão celebradas*, ou *celebrárão-se* as Cortes — On connait *les suites deplorables*; *são conhecidas*, ou *são bem sabidas as consequencias* &c. — *Tout prospére dans une monarchie, où* l'on confond *les interets de l'Etat avec eux du Prince*; tudo prospéra n'huma Monarquia, em que os interesses do Estado *se confundem* com os do Principe &c.

11.° Finalmente outras vezes se dá differente construcção á frase; mas tal, que analysada vem a coincidir no mesmo sentido: v. gr. *Il nagea si loin*, qu'on eut *de la peine à le sauver*; nadou tanto ao largo, que *custou muito* (sc. *á gente*) a salvalo — On *touchoit à l'époche de cette solemnité*: on en *profita*; *era chegada* a epocha desta solemnidade: *aproveitárão-se* della — *Les uns prêterent le serment exigé*; *les autres le refusèrent*: on devoit *s'attendre a cette division*; huns derão o juramento que se exigia; outros o recusárão: esta divisão *era de esperar*; ou *devia esperar-se* esta divisão — On sent *que nous voulous parler ici de* &c.; *já se vê*, que queremos fallar aqui de .... &c.; ou *já o Leitor conhece*, que he nossa intenção fallar aqui de .... &c.

IV.

IV.

Abuso dos Verbos auxiliares.

Tem os Francezes, bem como nós os Portuguezes, verbos auxiliares, com cujo soccorro formão algumas vozes dos verbos activos, e todas as dos passivos, v. gr.: *J'ai aimé, je suis aimé, être aimé*; *eu tenho amado, eu sou amado, ser amado* &c., as quaes são formadas do adjectivo *amado, aimé*, e dos auxiliares *être, avoir*; *ser, ter* &c. Porém como o *systema dos tempos dos verbos* he differente em huma e outra lingua, tambem a correspondencia dos auxiliares não he exactamente igual em ambas; e daqui resultão muitos gallicismos, que se tem introduzido em Portuguez, os quaes sómente se pódem evitar (em quanto não temos huma boa Grammatica Portugueza) lendo assiduamente, e com muita reflexão os Auctores Classicos, e observando nelles os usos dos auxiliares, e as circunstancias em que os costumão empregar. Destes gallicismos daremos alguns exemplos para servirem de advertencia aos menos doutos.

Nesta frase: *eu lhe* tenho pedido *a sua palavra de ficar aqui até o fim de Maio, o que ella me* tem promettido; as vozes *tenho pedido*, e *tem promettido*, constituem gallicismo, o qual se corrigiria se dissessemos: *pedi-lhe* a sua palavra de ficar aqui .... &c. o que ella me *prometteo*, ou *pedi-lhe* que me désse palavra... e ella mo prometteo. Por quanto se reflectirmos attentamente no uso Portuguez, veremos que as vozes formadas pelo preterito *tem*, e pelo *supino* dos verbos, v. gr.: *eu tenho amado, eu tenho visto*, &c. não são em Portuguez hum simples preterito, mas sim hum *preterito com successão de tempo, e de actos muitas vezes repetidos*. Pelo que de huma pessoa, v. gr. que não está em casa, não dizemos *tem sabido*, mas simplesmente *sabio*. Da mesma sorte a esta pergunta: *a que hora ceaste hontem*? respondemos: *ceei ás dez horas*, e não: *tenho ceado*. Pelo con-

contrario a estoutra pergunta: *quantas terras tens andado?* respondemos com acerto: *tenho andado muitas*, e em todas *tenho visto* cousas novas &c.

Outro exemplo: *Eu vos certifico*, *minha querida amiga*, *que em oito mezes*, *que* tenho deixado *París*, *não* se tem passado *hum só dia*, *sem felicitar-me do partido que* tenho tomado. Quer dizer em bom Portuguez: *Certifico-vos*, *minha querida amiga*, *que ha oito mezes*, *que* deixei *París*, *não se* tem passado *hum só dia*, *em que me não dê o parabem da resolução que* tomei. &c.

Devemos advertir neste lugar, que quando acabamos de fazer huma acção, v. gr. de *ler hum livro*, *de cear*, *de ver hum espectaculo* &c., e dizemos *tenho lido*, *tenho ceado*, *tenho visto* &c., estas expressões não são formadas do verbo *ter*, como *auxiliar*, e dos *supinos*, para supprir tempos compostos dos verbos *lêr*, *cear*, *ver* &c., mas sim do verbo *ter*, tomado na sua ordinaria significação, e dos adjectivos *lido*, *ceado*, *visto* &c., da mesma sorte que diriamos em Latim, v. gr. a esta pergunta: *Leste o livro*, *que hontem vos dei?* — *Lectum habeo* — *tenho lido. Averiguaste o negocio*, *que vos recommendei?* — *exploratum habeo* — *tenho averiguado* &c. &c.

A' vista do que deixamos dito, não podemos julgar corrente este lugar de *Vieira* no Tom. 3. das *Cartas*, Cart. 56: *aqui não ha novidade mais que a do Governo*, *em que succedeo Antonio de Sousa de Menezes a Roque da Costa Barreto*, *que no mesmo dia* se tem embarcado *mais pobre de fazenda*, *e mais rico de opinião*, *que muitos de seus antecessores*, aonde parece que deveria dizer: *que no mesmo dia se embarcou.* &c.

Tambem se erra, ao nosso parecer, quando se diz, v. gr. *hum dos mais vastos designios*, *que* teve *homem algum jamais* concebido. *Logo que elle* teve percebido, &c.; porque em bom Portuguez não usamos de semelhantes fórmas auxiliares, e dizemos: *hum dos mais vastos designios que homem algum jámais concebeo*, ou *tem concebido.* Logo que elle

per-

percebeo, &c. Salvo quando o verbo *ter* não he meramente *auxiliar*, e se toma na sua natural significação, como já acima dissemos, e parece entender-se no lugar de *Barros*, Dec. 1. L. 10. Cap. 2., aonde diz: *Pero da Nhaya, sem saber o que entre elles passava, como* teve elegido *o lugar para a fortaleza* &c. &c.

Ha tambem em Francez alguns verbos, que podemos chamar *auxiliares*, os quaes não são usados como taes no idioma Portuguez, e por isso se devem traduzir por outros de significação equivalente. V. gr. nestas frases: *A virtude* não saberia *ser timida ao pé do throno dos Reis — este sacrificio* não saberia *ser custoso aos corações, que amão a paz*; o verbo *saberia* constitue hum verdadeiro gallicismo, por ser contra o uso da nossa lingua. Diremos pois em Portuguez corrente: a virtude *não deve* ser timida, ou *não póde* ser timida &c.; este sacrificio *não deve* ser custoso &c.

Da mesma sorte nestas frases: *Nous aimons à croire — nous sommes heureux de pouvoir annoncer* &c. — não se devem traduzir litteralmente os verbos *amamos*, *somos felices*, &c.; mas diremos em estilo Portuguez: *folgamos*, *comprazemo-nos*, *fazemos gosto*, ou *temos prazer em persuadir-nos*, &c. — *temos a dita*, *temos o gosto*, *a satisfação de poder annunciar*, ou *estimamos muito*, ou *folgamos de poder annunciar* &c.

Ha finalmente em Portuguez huma particular elegancia, que muitas vezes se despreza na traducção, e que não parece alheia deste lugar; e consiste em exprimirmos por huma voz auxiliar o *estado actual*, ou o *effeito progressivo e contínuo* da acção significada pelo verbo, v. gr. *eu estava lendo*; *estou escrevendo*; *andei passeando*; *hia-se definhando*; *vai escurecendo*; *vai-se arruinando* &c. &c. A qual elegancia não só dá graça á frase, mas tambem as mais das vezes exprime o persamento com particular força e energia. Por onde deveremos empregala nas seguintes frases, e outras semelhantes:

Dans tout pays, qui se dépeuple, *l'Etat tend à sa ruine*;

ne; em todo o paiz, que *se vai despovoando*, tende o Estado á sua ruina.

Les batiments tomboient *en ruine*; os edificios *hião-se arruinando.*

Elle vit paroitre un homme, qui se promenoit *autour de la maison*; ella vio apparecer hum homem, que *andava passeando* á roda da casa.

Il languisoit *dans la misére*; elle *hia-se definhando*; *hia desfalecendo* na miseria; *hia-se extenuando* de miseria.

La conversation languit; *vai esfriando* a conversação, &c. &c.

V.

Abuso de outras frases, e modos de fallar.

1. He mui frequente em Francez exprimir-se por huma proposição positiva a consequencia negativa, que se quer deduzir, como effeito de alguma causa. O Portuguez não póde *regularmente* imitar esta syntaxe, sem commetter gallicismo, e sem fazer muitas vezes ambiguo o sentido, e até contrario ao que se quer enunciar. Convem pois não traduzir semelhantes frases ao pé da letra; mas exprimir o pensamento em Portuguez corrente e intelligivel. V. gr. nestas frases:

O poder e a sabedoria de Deos brilhão de huma maneira mui evidente para poderem *ser desconhecidos*; deve traduzir-se: *brilhão com tanta evidencia, que não podem ser desconhecidos.*

As nossas leis são bem conhecidas, para que *se faça necessario entrar em novas explicações*, i. e. *são tão conhecidas, que não he necessario entrar* &c.: ou *são tão conhecidas, que não precisão de novas explicações*: ou *são tão conhecidas, que não julgamos necessario.* &c.

O seu crime parece-lhe demasiadamente grande para merecer *perdão*, i. e. *parece-lhe tamanho*, ou *tão excessivamente grande, que não merece perdão.* &c.

2.

2.° Ha na lingua Franceza certas proposições, que tem apparencia de *universaes negativas*; mas que em realidade sómente significão, que o attributo não convem a todos os individuos da classe, ainda que convenha, ou possa convir a alguns delles. Estas proposições exprimem-se de differente modo em Francez e em Portuguez, e cumpre que se tenha presente a sua particular construcção em ambas as linguas, para não cahirmos em erros grosseiros, nem darmos á frase hum sentido falso, ou obscuro. Assim, v. gr. traduziremos as seguintes frases:

Tous les étrangers ne sont pas barbares: *et tous nos compatriotes ne sont pas civilisés* — *Nem todos os estrangeiros* são barbaros; *nem todos os nossos compatriotas* são civilisados.

Toute terre ne porte pas toutes choses — *Nem todas as terras* dão tudo, ou são para tudo. (Em Latim: *non omnis fert omnia tellus.*)

Il est vrai que tous ne donnoient point dans ces excès affreux — He verdade que *nem todos* cahião nestes horriveis excessos.

Les annales d'aucun peuple ne présentent l'exemple d'une telle suite de prodiges. — Não ha povo algum, cujos annaes appresentem huma tal serie de prodigios. &c. &c.

3.° He tambem frequente em Francez usar-se da particula *plus* com a significação de *quanto mais*, no principio de certas frases, que constão de dois membros, e exprimem a proporção de dois objectos entre si. Por se não attender a esta significação, he errada a construcção das seguintes frases:

Mais *eu examinava*, mais *minha admiração crescia.*

Mais *o orgulho cuida avisinhar-se ao seu fim*; mais *elle com effeito se afasta.*

Mais *Vossa Alteza se acostumará a seguir as grandes cousas*, mais *admiração lhe causarão estes conselhos da Providencia.* As quaes se devião traduzir assim:

Quanto mais eu examinava, *tanto mais* crescia a minha admiração.

Quanto mais cuida o orgulho avisinhar-se ao seu fim, *tanto mais* se afasta delle.

Quanto mais Vossa Alteza se acostumar a seguir as cousas grandes, *tanto maior admiração* lhe causaráõ estes conselhos da Providencia &c. &c.

4.° Ha tambem em Francez certas proposições, que podemos chamar *exclusivas*, nas quaes se affirma que huma cousa existiria, se se verificasse a exclusão de outra. Esta exclusão exprime se em Francez pela preposição *sans*, que nesses casos vale tanto como o Portuguez *se não fosse*, *menos que*, ou *a menos que* &c. V. gr. « *J'aurois gagné mon procés* sans vous; *se vós não fosseis*, teria eu ganhado o meu processo, ou teria eu vencido a minha demanda. » He pois necessario que em Portuguez se dê a estas frases o conveniente sentido, para se evitar o gallicismo, que notamos nas seguintes:

Sem o auxilio de Minerva, *Ulysses perecia*, i. e. *se não fosse* o auxilio de Minerva, *pereceria* Ulysses; ou, Ulysses pereceria, *menos que* Minerva o não soccorresse: ou, *se Minerva não soccorresse* a Ulysses; por certo que elle pereceria. &c.

Sem vós eu andaria exposto á inconstancia deste monstro, i. e. *se vós não fosseis*, andaria eu exposto &c.

5.° As expressões Francezas, em que entra o verbo *falloir*, v. gr. *il faut*, *il fallait*, *il fallut*, *il faudra*, *il ne faut*, *il ne faut que*, &c., nem sempre se devem traspassar da mesma maneira, e a ignorancia dos differentes significados, que lhe correspondem em Portuguez, he origem de frequentes erros. Daremos alguns exemplos do modo, com que em differentes circunstancias se devem traduzir, para servirem de advertencia aos menos doutos.

Dans tout état il faut *une religion*: *il en* faut *une a tout homme*; Em todo o estado *he necessaria* huma religião: cada homem *deve tambem ter* a sua.

C'est aujourd'hui qu'il faut *signaler notre valeur*; hoje *cumpre* ostentarmos o nosso valor — hoje he que *devemos* distinguir-nos pelo nosso valor.

Nous

Nous sacrifierons pour eux notre repos, *notre liberté*, *notre sang même et notre vie*, s'il le faut; por elles sacrificaremos o nosso repouso, a nossa liberdade, e até, *se necessario for*, o nosso sangue e a nossa vida.

Les mysteres, s'il en faut *croire les anciens*, *etoient* &c. Os mysterios, *se havemos* de dar credito aos antigos, erão. &c.

Néanmoins il n'en faut *douter*, *il y aura toujours une intime union* &c. Comtudo, *não o duvidemos*, haverá sempre huma intima união. &c.

C'etoit plus qu'il en falloit *pour flatter l'orgueil du pere*, *et de la mere d'Emilie*; era *mais que bastante* para lisongear &c.

Il ne faut *juger des hommes comme d'un tableau*; não *se deve* julgar dos homens, como de hum painel; *cumpre* não ajuizar dos homens &c.

Il ne falloit *pour cela qu'aider les progrès des connoissances*; *bastava* para isto auxiliar o progresso &c. Para isto nada mais *se requeria*, ou nada mais *era necessario*, se não auxiliar &c.

Il ne faut *point supposer les hommes gratuitement criminels*; não *se devem* suppôr os homens gratuitamente criminosos — *Cumpre*, que não supponhamos os homens. &c.

6.° Repetem-se na Oração Franceza alguns vocabulos, cuja repetição em Portuguez seria hum erro. Taes são, por ex: 1.° as *terminações dos adverbios*. V. gr. Obra em tudo *prudentemente*, *e honradamente*, que em melhor Portuguez diremos: obra em tudo *prudente*, *e honradamente*: 2.° em alguns casos os *artigos*, ou os *adjectivos articulares*: v. gr. *o homem levado pelo interesse e a curiosidade*, i. e. *pelo interesse e curiosidade* — *Por seus discursos* e suas *acções*, *se concebião delle mui altas esperanças*, i. e. *por seus discursos e acções*; ou *por seus discursos*, *e por suas acções*. A este respeito não será inutil advertir, que achamos nos Classicos Portuguezes algumas frases, que nos parecem incorrectas, v. g. na *Vid. do Arceb.* Liv. 4. C. 1.: *Esta alçada foi occasião de muito desgosto ao Arcebispo*, e muita despeza; aon-

de parece que se deveria dizer: *foi occasião de muito desgosto, e despeza ao Arcebispo*; ou, *foi occasião de muito desgosto, e de muita despeza.* Em Jacinth. Freir. *Vida de Castro* L. 2. §. 6.: *Começou a gozar a melhor parte da graça de Badur, ou já por sua fortuna, ou sua industria*, i. e. *ou por sua fortuna, ou por sua industria*, &c. &c. 3.° o *que* depois de *mais*: v. gr. *não tereis mais que hum semblante, e que huma palavra*; i. e. *mais que hum semblante, e huma palavra* &c.

7.° Finalmente ha em Francez muitos outros modos de fallar, em cuja traducção se commettem frequentes erros por ignorancia, ou inadvertencia. Como não escrevemos a Arte de traduzir o Francez, apontaremos sómente alguns exemplos, que sirvão de pôr em cautella os menos doutos.

Je crois bien; *je crois assez* — *Creio de boa mente*; *facilmente creio*; ou, como ás vezes diz Vieira, *eu bem creio que* &c.

Fasse le Ciel que — *Permitta o Ceo que*; *Deos permitta que* &c.

Quelle est la disposition du moment *des esprits* — Qual he *ao presente* a disposição dos espiritos; qual he *a actual* disposição; qual he a disposição *em que ao presente se achão* os espiritos &c.

J'eus beau prendre à temoin celui-là même : . . . *il fut sourd* &c.; — *Em vão o tomei por testemunha* a elle mesmo: elle se fez surdo; ou, *por mais que o tomei a elle mesmo por testemunha, fez-se surdo ás minhas vozes* &c.

As frases Francezas em que entrão os vocabulos *trait*, e *coup*, admittem differentes modos de traducção, que se devem ter presentes; v. gr.

Le sceau de sa reconciliation fut un trait *de liberalité* — O sello da sua reconciliação foi hum *lanço* de liberalidade; ou *huma acção* de liberalidade.

Des volumes nombreux suffiroient à peine pour narrer ce qui a trait *a cette partie de notre histoire* — Apenas bastarião numerosos volumes para narrar *o que diz respeito* a esta parte da nossa historia.

Toutes les découvertes, qu'elle fit . . . *furent* des nouveaux

veaux traits, *qui décideront son goût* &c. — Todos os descobrimentos que ella fez . . . forão *novos motivos*, que determinárão o seu gosto &c. &c.

Faire un trait *d'ami* — fazer *huma acção* de amigo.

Faire un beau coup; *un grand coup*; *un coup d'eclat* — fazer *huma acção insigne*; *hum insigne feito*; *huma acção estremada* &c.

Tenir coup à l'etude — *perseverar no estudo* &c. &c.

VI.

Abuso na collocação dos vocabulos.

Seria necessario hum longo discurso para mostrarmos todas as differenças, que ha entre as duas linguas Portugueza e Franceza, na collocação, e ordem dos vocabulos, e frases entre si: mas este assumpto, que aliàs mereceria ser tratado com alguma extensão, não cabe nos limites de hum simples *Glossario*. Bastará reflectirmos aqui em summa, que sem embargo de seguirem ambas estas linguas a ordem directa, e analytica das idéas; tem comtudo a Portugueza muito maior liberdade para usar de transposições, sem fazer o discurso embaraçado, ou obscuro. Assim, v. gr. (como já notou hum Critico illustrado) o que Jacintho Freire escreve com elegancia: *não sepultárão comsigo aquelles valerosos Portuguezes toda a gloria das armas*; verte o Francez com muito menos graça: *ces vaillants Portugais n'ont pas enseveli avec eux toute la gloire des armes*. E o que os Francezes exprimem por esta frase: *ceux qui etoient convaincus d'avoir employé d'indignes voies pour parvenir au commandement, en etoient exclus pour toujours*; póde em muito bom Portuguez traduzir-se por differentes modos, v. gr.: *Os que erão convencidos de haverem empregado meios indignos para alcançar o commando, ficavão excluidos delle para sempre*; ou talvez melhor: *ficavão para sempre excluidos do commando*; ou, *ficavão para sempre reputados inhabeis para o commando*

os

os que erão convencidos de o haverem pretendido por meios indignos. Semelhantemente este verso:

Je chante les combats, et cet'homme pieux,

que he a traducção do primeiro hemistichio da Eneida de Virgilio, e que em Francez não admitte outra ordem de vocabulos, póde traspassar-se ao Portuguez dizendo:

Eu canto as armas, e o Varão piedoso;

ou transpondo, como fez João Franco Barreto na Eneida Portugueza:

As armas e o Varão canto piedoso.

Por onde se vê que o Escritor Portuguez, tendo mais liberdade, que o Francez, para inverter a ordem dos vocabulos, póde muitas vezes escolher a seu arbitrio o lugar, que cada hum delles deve occupar no discurso, a fim de que a expressão fique mais harmonica, e a imagem mais viva e animada.

Segundo este principio, que he verdadeiro, e generico, cumpre que os Traductores Portuguezes, adoptando a prudente liberdade que lhes offerece a sua lingua, procurem evitar a fastidiosa monotonia, que resultaria de huma traducção demasiadamente litteral, e o ar e geito afrancezado de que aliàs se reveste o discurso.

Estas expressões, por exemplo, que a cada passo encontramos nas nossas modernas Traducções: *eu me lembro*; *eu vos certifico*; *eu lhe tenho pedido muitas vezes* &c.; podem, e muitas vezes devem inverter-se, dizendo, segundo o genio da lingua Portugueza: *Lembro-me*; *certifico-vos*; *muitas vezes lhe tenho pedido*; ou, *tenho-lhe pedido muitas vezes*; ou, *tenho-lhe muitas vezes pedido*; ou, *pedido lhe tenho muitas vezes* &c.

Ha outras frases, em que não só he permittida, mas até (segundo o nosso parecer) muitas vezes necessaria a inversão. V. gr. nesta: « *Filippe, tendo mandado pedir aos Lacedemonios huma cousa injusta, lhe respondêrão: não.* » aonde o nome *Filippe* posto no principio da frase, como que requer hum verbo, que em realidade não apparece, ficando o sen-

sentido quasi suspenso, e o espirito do leitor embaraçado. Este defeito porém se desvanecerá, se dissermos ao modo Portuguez: *Tendo Filippe mandado pedir* &c. Da mesma sorte acontece em esta outra frase: *Os armazens das tormentas abrindo-se sahirão delles como em ondas os coriscos e raios*, que em melhor Portuguez pede esta construcção: *abrindo-se os armazens . . . sahirão delles* &c.

Os nossos melhores Classicos não evitárão de todo este defeito. *Barros* na Dec. 4. L. 10. C. 7. principia assim: *As cousas de Diu estando no estado que contamos, o Capitão Antonio da Silveira suspeitando a vinda dos Rumes . . . mandou huma fusta* &c., devendo, ao nosso parecer, usar de transposição deste modo: *Estando as cousas de Diu no estado que contamos, o Capitão Antonio da Silveira, como suspeitasse a vinda dos Rumes, mandou* &c.

Na Dec. 2. L. 1. C. 5. diz tambem: *Havida esta victoria, e os Mouros postos debaixo do palmar, em modo de cerco, assombrava-se Lourenço de Brito ainda tanto com elles* &c., que melhor se diria deste modo: *havida esta victoria, e postos os Mouros debaixo do palmar* &c.

Lobo, Cort. na Ald. Dial. 11., traz tambem este periodo: *Outro estudante do meu tempo, passando parte de huma noite de inverno em casa de hum amigo . . . choveo tanta agoa, e cresceo com tanta furia o Mondego* &c.; aonde o leitor, esperando pelo verbo do sujeito *outro estudante*, acha-se por fim embaraçado na intelligencia da frase, e com esta especie de equivocação, quasi que se desgosta da leitura.

Nem se nos atribua a temeridade, ou presumpção tacharmos assim de defeituosos os nossos bons Auctores. A ignorancia geral que então havia dos principios filosoficos da linguagem, os fazia cahir em muitos erros contrarios á *boa ligação das ideas*, que he a base fundamental de todos os preceitos relativos ao arranjamento dos vocabulos, e á organização interna do discurso: concorrendo tambem para isto a demasiada, e ás vezes servil, imitação da construcção Latina, procedida da errada opinião, naquelle tempo,

e ainda hoje mui vulgar, de que a nossa lingua he filha della, e tem, como tal, o mesmo genio e indole.

Mas voltando ao nosso objecto: tem tambem as linguas seus particulares caprichos (por assim nos explicarmos) que o Escritor polido e exacto deve respeitar: e por isso, ainda que da diversa posição dos vocabulos não resulte ambiguidade, nem má intelligencia da frase, convem todavia não alterar a fórma, que constantemente se tem adoptado para a exprimir. Por exemplo nas seguintes frases:

He desta sorte que o sabio se vinga.
He por isso que eu me resolvi.
He neste projecto que dais á luz a vossa obra.
Foi neste intuito, que o Legislador ordenou &c.

não se encontra ambiguidade ou escuridade alguma; e com tudo o estilo Portuguez demanda differente collocação de vocabulos, e exprime-se desta maneira:

Desta sorte he que o sabio se vinga; ou: *assim he que se vinga o sabio*; ou ainda mais simplesmente: *desta sorte se vinga o sabio.*
Por isso he que me resolvi.
Com este projecto he que dais á luz &c. &c.

Da mesma sorte nesta frase: « *Os principaes artigos do seu commercio são trigo, legumes* &c., *e cem embarcações se carregão todos os annos deste porto para Marselha* » ainda que não haja ambiguidade, seria comtudo muito melhor traduzir assim: *Os principaes artigos do seu commercio são trigo, legumes* &c., *e todos os annos se carregão cem embarcações* &c.

E em estoutra: « *Carteis afixados em todas as ruas erão dirigidos contra esta auctoridade* » dir-se-hia em melhor Portuguez « *em todas as ruas se vião pasquins dirigidos contra* » &c.

Mais necessaria he ainda a inversão nesta frase: « *Marco Aurelio, em huma necessidade urgente, antes do que carregar os povos de novos impostos, vendeo os moveis do palacio imperial* » cujo sentido he: « *Marco Aurelio, em huma necessidade urgente, antes quiz vender os moveis do palacio, do que car-*

carregar os povos » &c.; ou « *mais quiz vender* » ou « *preferio vender* » &c.

Outras vezes, ainda que a collocação Franceza não seja contraria ao estilo Portuguez, podemos todavia variala na traducção aproveitando-nos da liberdade da nossa lingua para fazermos o discurso ou mais corrente, ou mais elegante. Este periodo, v. gr.:

« *Todos aquelles bens, que se não adquirem senão por caminhos obliquos, são raramente de longa duração: o Ceo para punir, sem dúvida, os que os possuem, os faz desapparecer como hum fumo* » se traduziria muito melhor dizendo:

« *Raras vezes tem longa duração* . . . . ou, *raras vezes se logrão por muito tempo* . . . . ou, *he raro serem de longa duração* . . . ou, *raramente são duraveis os bens, que se adquirem por tortuosos caminhos: o Ceo os faz desapparecer como fumo, sem dúvida para punir os que o possuem* » ou:

« *Raras vezes tem longa duração os bens, que sómente se adquirem por caminhos tortuosos: o Ceo* » &c. &c.

Com mais razão se deve variar a collocação dos vocabulos, quando do contrario se segue alguma ambiguidade, obscuridade, ou embaraço na frase, como succede por exemplo, no seguinte periodo, que achamos traduzido do Francez: « *Se vós fosseis lavrador, que esperarieis da bondade do Principe? — Que elle me segurasse o fructo do meu trabalho, e que me deixasse gozalo, dando-lhe eu o seu tributo, com meus filhos e minha mulher* » aonde a frase *pagando-lhe eu o seu tributo, com meus filhos e minha mulher*, faz hum sentido não só ambiguo, senão tambem falso e absurdo, o que se evitaria, arranjando assim o periodo « *Que elle me assegurasse o fructo do meu trabalho, e mo deixasse gozar com meus filhos e mulher, pagando lhe eu o seu tributo* » ou assim « *e que mo deixasse gozar a mim, a meus filhos, e a minha mulher, pagando-lhe eu* » &c. &c.

Não adiantaremos mais as nossas reflexões a este respeito; porque seria impossivel estabelecer regras fixas e invariaveis sobre hum assumpto, que depende quasi intei-

ramente das particulares circunstancias do discurso; e porque o pouco, que temos dito, basta para despertar a advertencia e reflexão dos Traductores, e para os mover a corrigir os multiplicados gallicismos, de que estão cheias as nossas Traducções modernas. Huma só cousa porém tornamos a repetir, e não cessaremos de inculcar, e he que só a assidua lição dos Classicos Nacionaes, e o aturado estudo das suas Obras, junto com o conhecimento dos principios filosoficos da Grammatica Universal, podem vir a libertar a lingua Portugueza das fórmas estrangeiras, que nella se tem introduzido, e restituila á sua nativa pureza e elegancia. Seja pois este o principal cuidado dos eruditos Portuguezes, que amão a sua linguagem, e não se dirá mais por ella o que já com galanteria disse hum Escritor douto: « *Que pelo pouco que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada, que capa de pedinte.* » *Lobo Cort. na Ald.* Dial. 1.°

ME-

MEMORIA

Sobre hum Documento inedito do principio do Seculo XII. em que se mostra, que — O Senhor Conde D. Henrique, achando-se auzente na Palestina, ainda não tinha voltado a Portugal em Maio da Era 1141. (*Anno* 1103.) —

POR FRANCISCO RIBEIRO DOSGUIMARÃES.

1. OS nossos Escritores discordão com pasmosa variedade acerca do facto historico da jornada do Senhor Conde D. Henrique á Palestina. Os mesmos, que sustentão a affirmativa, não se ajustão no anno, nem nas circunstancias; isto he, se foi antes, se depois de casado com a Senhora Rainha Dona Tereza; se foi na qualidade de Guerreiro, e capitaneando as Tropas, que dizem seu Sogro D. Affonso VI. mandára em auxilio daquella primeira Cruzada, e conquista de Jerusalem, em 1099; ou se na segunda expedição em soccorro dos Christãos da Palestina na companhia dos Principes do Norte; ou finalmente se na qualidade de particular, e como Romeiro, instigado por estimulos de piedade, e Religião a emprehender esta remota peregrinação, para que tanto propendia a devoção dos Fieis por aquelles tempos: e até o infatigavel Author da *Nova Malta Portugueza* Part. I. §. 7. e seguintes se lembrou conjecturar, que elle fôra depois do anno 1112, ou pela segunda vez, a Jerusalem, para assim commodamente lhe poder attribuir mais nove annos de vida; porém melhor advertido chegou a retractar-se, posto que indirectamente, no Indice da mesma Obra Part. III. pag. 382.

2. Todos estes Escritores, que vivêrão quatro, e mais Seculos depois do fallecimento do Senhor Conde D. Henrique, recontando aquelle acontecimento, apoiados na Tradi-

dição, o revestírão de circunstancias arbitrarias, ou apparentes conjecturas, que julgárão sufficientes para conciliar a credulidade dos seus leitores, e realçar ainda mais o esplendor, e gloria nacional; mas que o não serão para destruir totalmente os fundamentos da opinião contraria, em quanto se não produzirem testemunhos coevos, que abonem a verdade do facto.

3. Duarte Galvão na *Chronica do Senhor D. Affonso Henriques* Cap. 4. fol. 8 vers. col. 1.ª do Manuscr. do R. Archivo, e pag. 5 col. 2.ª da Ediç. de 1727, escreveo o seguinte: « E neste tempo andando a Era de Nosso Senhor » em mil cento e tres annos, foy este Conde Dom Han» rique a Ultramar aa Casa Sancta de Jherusallem, con» quistada havia quatro annos de Christaõs. . . . E quan» do de lá veo, trouxe muitas relliquias de Sanctos: antre » as quaes foy huum braço de Sam Lucas Evangelista. . . » . . . . E a rogo de Sam Giraldo, que entom era Bis» po de Braga, deu parte delle aa See da dicta Cidade. »

4. Com este Chronista se conformou Manoel de Faria e Sousa no *Epitome das Historias Portuguezas* Part. III. Cap. 1., vacilando com tudo quanto ao anno desta empreza, e deixando a outros o conciliar mais de espaço o tempo, e seguir o mais provavel. (*a*) Porém já o Senador Duarte Nunez do Lião na sua *Chronica do Senhor Conde D. Henrique*, a pag. 43 da Ediç. de 1784 se tinha proposto a confutar nesta parte ao Chronista Duarte Galvão, acumulando conjecturas de bastante pezo, com que parecia ficava desvanecida a verdade, e até a possibilidade daquella empreza militar, ou devota peregrinação.

5. Fr. Antonio Brandão, Escritor sisudo, e assás judicio-

(*a*) Este mesmo Historiador na sua *Europ. Portug.* Tom. II. P. I. Cap. 2. n. 19. pag. 25 se explica com variedade pela maneira seguinte: *Pero supuesto que por algunos años (desde 1103 asta 1109) no se hallan noticias del acá, como tambien sucedió en los de la primera, creible es que se halló en ambas ocasiones de conquista, y de socorro. Ni hallo yo otra suerte de conciliar esta variedad de parceeres.*

cioso, na Part. III. da *Monarch. Lusitan.* Liv. 8. Cap. 22. pag 60 da Ediç. de 1690, rejeitando a opinião de Duarte Nunez, cujos principaes fundamentos ahi substanceou, lhe preferio a pag. 61 col. 1.ª a de Galvão, e dos mais Authores, que affirmão a ida do Senhor Conde D. Henrique a Jerusalem no anno de 1103, parecendo-lhe esta opinião mais provavel —*porque neste anno* (são palavras suas) *forão alguns Portuguezes á Terra Santa* — e para isso produz o testemunho do *Livro dos Testamentos de Santa Cruz de Coimbra*, no principio do qual se acha escrito, que o Arcediago de Coimbra, D. Tello, fôra a Jerusalem na companhia do Bispo da mesma Cidade, D. Mauricio, e *totius Curiæ*; que interpreta por Corte do mesmo Senhor D. Henrique, posto que elle se não ache ahi expressamente nomeado. E acrescenta, que esta opinião tambem se confirma com algumas Memorias antigas, especialmente huma do Mosteiro de Cette no Bispado do Porto, em que se attribue a viagem do Senhor Conde á Terra Santa ao anno de 1103. João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal* Tom. I. pag. 285, tem por segura esta opinião.

6. Seria com tudo aos olhos de huma sã critica reputado Brandão mais afortunado, e cabalmente vencedor na refutação, que emprehendeo neste lugar fazer, da opinião de Duarte Nunez, se tivesse achado, e podesse produzir algum testemunho coevo, terminante, e não suspeito, com que ficassem totalmente desvanecidas as conjecturas, e os fundamentos de seu adversario. Tal he, o de que passo a dar nesta Memoria noticia resumida.

7. A fol. 38 do Livro *Preto* da Sé de Coimbra, Codice respeitavel, e do principio do Seculo XIII., se encontra lançada a Carta *Credulitatis*, isto he, Carta de Convenção entre Eusebio, Prior do Mosteiro de Lorvão, e Mido, Governador do Castello de Bésteiros, ácerca da povoação, e cultura da terra de Santa Comba Dão no territorio de Viseu, que tinha sido doada ao mesmo Mosteiro por Monio Gonçalvez, e Oveco Garcia: Documento do prin-

ci-

cipio do Seculo XII.; inedito, e do qual até ao presente Escritor nenhum, que eu saiba, fez menção.

8. Principia: « In Era M. C. XXXX. I. Sic cepi ego » Eusebius, Prior Laurbonensis Cenobii, reedificare atque » populando restaurare consensu Rectorum patrie, sive » Dominorum Henrricii Comitis, atque Monionis Consulis » Castrum, vocabulo Sancta Columba, territorio Visense, » subtus Castello Balestarios, discurrente rivulo Huone, » quod firmitatis scripture testatum a Dei famulis nomina- » tis inveni, Monio Gunsalviz, et Oveco Garciani. »

9. Continúa dizendo, que mandando aquelle Governador occupar violentamente parte da mesma Terra, se moveo pleito perante Sueiro Mendez, e a Senhora Dona Tereza na ausencia de seu marido, o Senhor D. Henrique, a esse tempo na jornada de Jerusalem: e depois em segunda instancia na presença do Imperador D. Affonso VI., que então estava na Villa de *Lili*, aonde tambem se achou presente sua filha a Senhora Dona Tereza, com outros Magnates. São notaveis as seguintes palavras deste Documento: « Contra hanc itaque populandi ceptionem erectus qui- » dem miles adversans, nomine Midus, Dux supranomi- » nati Castelli Balestarios, sciens jam loca per terminos » testamentis inventos me esse signata, ante mittens ho- » mines suos precepit virtute sue potestatis sibi prodendas, » quia hereditans laborare: de quo facto pervenimus dis- » cordanter contrariantes coram Consulibus terre Suario Me- » nendiz, atque uxore Comitis Henrrici Tharasia, plolis Ade- » fonsi Imperatoris, ad quibus convenienter consilium ac- » cepimus, ut quantum suos homines rumperant, habuisset » *usque ad venitam Comitis de Jerusalem*, *ubi erat*; *et quan-* » *do venisset*, quod ipse mandasset, fecissemus: et concor- » dant in vita ipsi Midi sibi, et Monasterio supradicto Laur- » bano prodendum dijudicare *usque presentiam Henrrici Co-* » *mitis*, *qui et gener Imperatoris*. Hoc acceptum judicium, » et missis utrique fidejussoribus in centum, centum soli- » dos, penitencie ipse supradictus miles ductus, sprevit

» hoc;

» hoc; et accepto itenere perrexit in Castella ad quere-
» landum se Imperatori. Quod ut ego veraciter agnovi,
» cicius post eum pergens, &c. »

10. Depois da Noticia da decisão final deste pleito segue-se huma Convenção entre o Prior Eusebio, e o Governador Mido, celebrada na presença de 14 Testemunhas, incluido o Notario, *Menendus Prebiter*, cuja data he a seguinte: « Facta Carta credulitatis *anno quadragesimo primo* » *post millesima centesima*, *mense Maio*, obtinente Impera-
» tore Adefonso Regnum Spanie Christianorum: Genere
» ejus Henrritio Portugalie, et Colimbria: sub quibus et
» Munio Veilaz Viseo, atque vicinias; coram quo ego
» Midus, qui Kartam facere construxi, et testibus robora-
» vi. &c. »

11. A' vista do extracto deste Documento coevo, tão auctorizado, e sem suspeita alguma de falsidade, que acabo de referir, perdem toda a sua força as conjecturas de Duarte Nunez do Lião. Não he esta a occasião opportuna de entrar no exame individuado de cada huma dellas; porém não devo omittir, que de todas ellas parece ser o mais solido fundamento da opinião de Duarte Nunez o dizer elle, que desde o anno de 1096, em que os Principes Christãos passárão á Terra Santa até ao anno de 1112, em que o Senhor Conde D. Henrique falleceo, se achão Doações firmadas por elle por todos esses annos; ou ao menos interpoladas de maneira que não era possivel no tempo ter ido á Conquista, ou ainda sómente á Romagem: pois para tudo necessariamente devia intervir demora mais ou menos prolongada. Ao que já respondeo Brandão, que no referido anno de 1103, (ou Era de 1141) não ha Escrituras, que convenção a sua assistencia em Portugal, ainda que se encontre em algumas o seu nome, mencionado como Senhor da terra: e poderia affoutamente acrescentar, que não só neste anno de 1103, ou Era de 1141, mas tambem na antecedente, e seguinte de 1140, e 1142 se verifica o mesmo, como se mostra pela Serie Chronologica do Extracto

de

de Documentos, Monumentos, e Codices, que fórma o Appendice IX. da Dissertação VI. no Tom. III. Part. I. das *Dissert. Chronol. e Critic.*, laborando os dous Documentos dos N.os 116 e 120 deste Appendice nos defeitos, ou notas de suspeição, que ahi se ponderão.

12. Por tanto fica sendo muito possivel a jornada do Senhor Conde D. Henrique á Palestina no decurso daquelles tres annos: e já agora não póde padecer a menor duvida á face de prova tão positiva, qual o referido Documento do Livro *Preto*, de que Brandão não chegou a ter noticia; aproveitando-se aliàs a cada passo de Extractos, e Integras de Escrituras deste Codice, que citou ou produzio em abono dos seus Escritos

13. Seja-me ainda permittido reflectir, que este mesmo facto historico, o qual até ao presente se reputava ser tão duvidoso, como era debatido n'um interminavel conflicto de conjecturas, no meado do Seculo passado foi julgado digno assumpto para hum Programma Academico, e distribuido a dous benemeritos Socios. Sobre elle se dissertou eruditamente; (*a*) porém a questão proposta ficou indeci-

(*a*) No Tomo V. da *Collecção da Academia Liturgica* a pag. 430 e seg. se acha a Tabella da distribuição feita em 30 de Junho de 1762 dos Pontos para o anno seguinte, entre os quaes para o dia 16 de Abril de 1763 nesta fórma: — Se dissertará na Historia Ecclesiastica: Se o Conde D. Henrique da Lusitania foi á Palestina a guerra sagrada: *Utrum Henricus Lusitaniæ Comes causa belli sacri Palæstinam ierit.* Dissertarão neste Ponto: O Sñr. Fr. Antonio Caldeira, Monge de S. Bernardo: O Sñr. D. Antonio da Madre de Deos, Conego Regular, em Latim. — Com effeito no Tom. VI. da mesma *Collecção* Congresso VII., desde pag. 403 até 430 se imprimio a Dissertação Latina de D. Antonio da Madre de Deos. E como todos os Socios podião fazer Dissertação em qualquer dos pontos, ainda sem lhe ser distribuida, dissertou tambem em Latim sobre o mesmo ponto Fr. Bernardino de Santa Roza, Dominico: e a sua Dissertação se imprimio no cit. Tom. VI. desde pag. 431 até 449.

Não vi ainda impressa, ou manuscrita a Dissertação do Chronista Fr. Antonio Caldeira, em Portuguez: parece com tudo, que não seria desconhecida ao Traductor, e Annotador da *Histor. de Portugal* por Mr. de La Clede, pelo que deixou escrito no Tom. III. pag. 36 e 37 not. 21. — A jornada para Jerusalem se assentou a requerimento de Pedro no Concilio de Clermont em 1095. Partio o exercito em 1096, e Jerusa-

cisa, como d'antes era, por falta dos competentes subsidios. Para desentranhar estes do pó dos Cartorios do Reino, aonde jazião, e ainda jazem sepultados, se tem afadigado com zello, e actividade os nossos Litteratos ha quasi hum Seculo. Muito se tem conseguido descubrir; mas o que acabo de expôr ajuda a convencer-nos do muito, que ainda resta a fazer.

14. A Academia Real das Sciencias desde o seu glorioso estabelecimento, persuadida constantemente desta verdade, não tem cessado de promover por todos os meios, que estão ao seu alcance, os progressos neste ramo de Litteratura Nacional; nomeando ultimamente huma Commissão de Historia, e Antïguidades; a qual, além de alguns outros trabalhos, que fazem parte desta sua tarefa litteraria, se propôz desde logo a arranjar, e dispor a publicação da vastissima Collecção de Documentos ineditos para a Historia, e Legislação Portugueza, ha tanto tempo promettida; mas até agora demorada por obstaculos insuperaveis.

---

lem foi tomada em 1099. Nesta occasião não foi o Conde D. Henrique a Jerusalem: e *Fr. Antonio Caldeira mostra que nunca lá foi pelas Escrituras, que achou.* —

TABOAS
DO
NONAGESIMO
PARA A LATITUDE DE LISBOA,
REDUZIDA AO CENTRO DA TERRA
38° 27″ 22″,
SUPPONDO A OBLIQUIDADE DA ECLIPTICA
23° 28′ 0″,
POR
FRANCISCO ANTONIO CIERA.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
0 Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	0ˢ 17° 32' 59"	12' 30"	5 12° 27' 1"	55° 12' 59"	5' 42"	60
1	0 17 45 30	12 30	5 12 14 32	55 18 41	5 42	59
2	0 17 57 59	12 29	5 12 2 2	55 24 23	5 41	58
3	0 18 10 28	12 29	5 11 49 33	55 30 4	5 40	57
4	0 18 22 56	12 28	5 11 37 4	55 35 44	5 40	56
5	0 18 35 24	12 27	5 11 24 36	55 41 24	5 40	55
6	0 18 47 51	12 27	5 11 12 9	55 47 4	5 39	54
7	0 19 0 18	12 27	5 10 59 42	55 52 43	5 39	53
8	0 19 12 45	12 26	5 10 47 16	55 58 22	5 38	52
9	0 19 25 10	12 25	5 10 34 50	56 4 0	5 37	51
10	0 19 37 36	12 25	5 10 22 25	56 9 37	5 37	50
11	0 19 50 1	12 24	5 10 10 0	56 15 14	5 37	49
12	0 20 2 25	12 24	5 9 57 35	56 20 51	5 37	48
13	0 20 14 49	12 24	5 9 45 11	56 26 28	5 36	47
14	0 20 27 13	12 23	5 9 32 47	56 32 4	5 35	46
15	0 20 39 36	12 23	5 9 20 24	56 37 39	5 35	45
16	0 20 51 59	12 23	5 9 8 1	56 43 14	5 35	44
17	0 21 4 22	12 22	5 8 55 38	56 48 49	5 34	43
18	0 21 16 43	12 21	5 8 43 16	56 54 23	5 34	42
19	0 21 28 55	12 21	5 8 31 5	56 59 57	5 33	41
20	0 21 41 16	12 20	5 8 18 45	57 5 30	5 32	40
21	0 21 53 36	12 20	5 8 6 24	57 11 2	5 32	39
22	0 22 5 56	12 19	5 7 54 4	57 6 34	5 32	38
23	0 22 18 15	12 19	5 7 41 45	57 22 6	5 31	37
24	0 22 30 34	12 18	5 7 29 26	57 27 37	5 31	36
25	0 22 42 52	12 18	5 7 17 8	57 33 8	5 30	35
26	0 22 55 10	12 17	5 7 4 50	57 38 38	5 29	34
27	0 23 7 27	12 17	5 6 52 33	57 44 7	5 29	33
28	0 23 19 44	12 16	5 6 40 16	57 49 36	5 29	32
29	0 23 32 0	12 15	5 6 28 0	57 55 5	5 28	31
30	0 23 44 15		5 6 15 45	58 0 33		30

XI Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

40 RRIS

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.
0 Horas.

M.	*Longitude.*	*Differ. comm.*	*Longitude.*	*Altura.*	*Differ.*	*M.*
30	0ˢ 23° 44′ 15″	12′ 15″	5ˢ 6° 15′ 45″	58° 0′ 33″	5′ 28″	30
31	0 23 56 30	12 15	5 6 3 30	58 6 2	5 27	29
32	0 24 8 45	12 14	5 5 51 15	58 11 29	5 26	28
33	0 24 20 59	12 14	5 5 39 1	58 16 55	5 26	27
34	0 24 33 14	12 13	5 5 26 46	58 22 21	5 25	26
35	0 24 45 27	12 13	5 5 14 33	58 27 46	5 25	25
36	0 24 57 40	12 13	5 5 2 19	58 33 11	5 25	24
37	0 25 9 53	12 12	5 4 50 6	58 38 36	5 24	23
38	0 25 22 5	12 12	5 4 37 54	58 44 0	5 24	22
39	0 25 34 17	12 11	5 4 25 42	58 49 24	5 24	21
40	0 25 46 30	12 10	5 4 13 30	58 54 48	5 22	20
41	0 25 58 40	12 11	5 4 1 20	59 0 10	5 23	19
42	0 26 10 51	12 11	5 3 49 9	59 5 33	5 21	18
43	0 26 23 2	12 10	5 3 36 58	59 10 54	5 21	17
44	0 26 35 12	12 10	5 3 24 48	59 16 15	5 21	16
45	0 26 47 22	12 9	5 3 12 38	59 21 36	5 20	15
46	0 26 59 32	12 9	5 3 0 28	59 26 56	5 19	14
47	0 27 11 41	12 9	5 2 48 19	59 32 15	5 19	13
48	0 27 23 50	12 9	5 2 36 10	59 37 34	5 18	12
49	0 27 35 59	12 9	5 2 24 1	59 42 52	5 16	11
50	0 27 48 8	12 9	5 2 11 52	59 48 8	5 17	10
51	0 28 0 17	12 8	5 1 59 43	59 53 25	5 16	9
52	0 28 12 25	12 8	5 1 47 35	59 58 41	5 15	8
53	0 28 24 33	12 7	5 1 35 27	60 3 56	5 15	7
54	0 28 36 40	12 7	5 1 23 20	60 9 11	5 14	6
55	0 28 48 47	12 7	5 1 11 13	60 14 25	5 13	5
56	0 29 0 54	12 7	5 0 59 6	60 19 38	5 13	4
57	0 29 13 1	12 6	5 0 46 59	60 24 51	5 13	3
58	0 29 25 7	12 6	5 0 34 53	60 30 4	5 12	2
59	0 29 37 13	12 5	5 0 22 47	60 35 16	5 11	1
60	0 29 49 18		5 0 10 42	60 40 27		0

XI Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

40 REIS

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.

I Hora.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	0ˢ 29° 49′ 18″	12′ 5″	5ˢ 0° 10′ 43″	60° 40′ 27″	5′ 11″	60
1	1 0 1 23	12 5	4 29 58 38	60 45 38	5 11	59
2	1 0 13 28	12 5	4 29 46 33	60 50 49	5 9	58
3	1 0 25 33	12 4	4 29 34 28	60 55 58	5 9	57
4	1 0 37 37	12 4	4 29 22 24	61 1 7	5 9	56
5	1 0 49 41	12 4	4 29 10 20	61 6 16	5 7	55
6	1 1 1 45	12 4	4 28 58 16	61 11 23	5 7	54
7	1 1 13 49	12 4	4 28 46 12	61 16 30	5 6	53
8	1 1 25 53	12 3	4 28 34 8	61 21 36	5 5	52
9	1 1 37 56	12 3	4 28 22 5	61 26 41	5 5	51
10	1 1 49 59	12 3	4 28 10 2	61 31 46	5 4	50
11	1 2 2 2	12 3	4 27 57 59	61 36 50	5 3	49
12	1 2 14 5	12 3	4 27 45 56	61 41 53	5 3	48
13	1 2 26 8	12 2	4 27 33 53	61 46 56	5 3	47
14	1 2 38 10	12 2	4 27 21 51	61 51 59	5 2	46
15	1 2 50 12	12 2	4 27 9 49	61 57 1	5 1	45
16	1 3 2 14	12 2	4 26 57 47	62 2 2	5 1	44
17	1 3 14 16	12 1	4 26 45 45	62 7 3	5 0	43
18	1 3 26 17	12 2	4 26 33 44	62 12 3	4 59	42
19	1 3 38 19	12 1	4 26 21 41	62 17 2	4 58	41
20	1 3 50 20	12 1	4 26 9 40	62 22 0	4 58	40
21	1 4 2 21	12 0	4 25 57 38	62 26 58	4 57	39
22	1 4 14 21	12 1	4 25 45 38	62 31 55	4 56	38
23	1 4 26 22	12 0	4 25 33 37	62 36 51	4 55	37
24	1 4 38 22	12 1	4 25 21 37	62 41 46	4 54	36
25	1 4 50 23	12 0	4 25 9 37	62 46 40	4 53	35
26	1 5 2 23	12 0	4 24 57 37	62 51 33	4 52	34
27	1 5 14 23	12 0	4 24 45 37	62 56 25	4 52	33
28	1 5 26 23	12 0	4 24 33 37	63 1 17	4 51	32
29	1 5 38 23	11 59	4 24 21 37	63 6 8	4 50	31
30	1 5 50 22		4 24 9 38	63 10 58		30

X Horas.

Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.
I Hora.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	1ʰ 5° 50′ 22	11′ 59″	4ʰ 24° 9′ 38″	63° 10′ 58′	4′ 50″	30
31	1 6 2 20	11 59	4 23 57 40	63 15 48	4 49	29
32	1 6 14 19	11 59	4 23 45 41	63 20 37	4 48	28
33	1 6 26 18	11 59	4 23 33 42	63 25 25	4 47	27
34	1 6 38 17	11 59	4 23 21 43	63 30 12	4 46	26
35	1 6 50 16	11 59	4 23 9 44	63 34 58	4 46	25
36	1 7 2 15	11 59	4 22 57 45	63 39 44	4 46	24
37	1 7 14 14	11 59	4 22 45 46	63 44 30	4 45	23
38	1 7 26 13	11 58	4 22 33 47	63 49 15	4 44	22
39	1 7 38 11	11 58	4 22 21 49	63 53 59	4 44	21
40	1 7 50 9	11 58	4 22 9 51	63 58 43	4 43	20
41	1 8 2 8	11 58	4 21 57 52	64 3 26	4 42	19
42	1 8 14 6	11 58	4 21 45 54	64 8 8	4 42	18
43	1 8 26 4	11 58	4 21 33 56	64 12 50	4 40	17
44	1 8 38 2	11 57	4 21 21 58	64 17 30	4 41	16
45	1 8 50 0	11 57	4 21 10 0	64 22 11	4 38	15
46	1 9 1 58	11 57	4 20 58 2	64 26 49	4 38	14
47	1 9 13 55	11 58	4 20 46 5	64 31 28	4 37	13
48	1 9 25 53	11 58	4 20 34 7	64 36 5	4 36	12
49	1 9 37 51	11 58	4 20 22 9	64 40 41	4 36	11
50	1 9 49 49	11 57	4 20 10 11	64 45 17	4 35	10
51	1 10 1 46	11 57	4 19 58 14	64 49 52	4 34	9
52	1 10 13 43	11 58	4 19 46 17	64 54 26	4 33	8
53	1 10 25 41	11 57	4 19 34 19	64 58 59	4 32	7
54	1 10 37 38	11 57	4 19 22 22	65 3 31	4 32	6
55	1 10 49 35	11 57	4 19 10 25	65 8 3	4 31	5
56	1 11 1 32	11 57	4 18 58 28	65 12 34	4 30	4
57	1 11 13 29	11 57	4 18 46 31	65 17 4	4 29	3
58	1 11 25 26	11 56	4 18 34 34	65 21 33	4 29	2
59	1 11 37 22	11 57	4 18 22 38	65 26 2	4 28	1
60	1 11 49 19		4 18 10 41	65 30 30		0

X Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.

11 Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	1ʰ 11° 49′ 19″	11′ 56″	4ʰ 18ᵐ 10′ 41″	65° 30′ 30″	4′ 27″	60
1	1 12 1 15	11 57	4 17 58 45	65 34 57	4 26	59
2	1 12 13 12	11 56	4 17 46 48	65 39 22	4 25	58
3	1 12 25 8	11 56	4 17 34 52	65 43 47	4 24	57
4	1 12 37 4	11 57	4 17 22 56	65 48 11	4 23	56
5	1 12 49 1	11 56	4 17 10 59	65 52 34	4 22	55
6	1 13 0 57	11 56	4 16 59 3	65 56 56	4 21	54
7	1 13 12 53	11 56	4 16 47 7	66 1 17	4 20	53
8	1 13 24 49	11 57	4 16 35 11	66 5 37	4 20	52
9	1 13 36 46	11 56	4 16 23 14	66 9 57	4 19	51
10	1 13 48 42	11 56	4 16 11 18	66 14 16	4 17	50
11	1 14 0 38	11 57	4 15 59 22	66 18 33	4 17	49
12	1 14 12 35	11 56	4 15 47 25	66 22 50	4 17	48
13	1 14 24 31	11 57	4 15 35 29	66 27 7	4 16	47
14	1 14 36 28	11 56	4 15 23 32	66 31 23	4 15	46
15	1 14 48 24	11 56	4 15 11 36	66 35 38	4 14	45
16	1 15 0 20	11 57	4 14 59 40	66 39 52	4 14	44
17	1 15 12 17	11 56	4 14 47 43	66 44 6	4 12	43
18	1 15 24 13	11 56	4 14 35 47	66 48 18	4 12	42
19	1 15 36 9	11 56	4 14 23 51	66 52 30	4 10	41
20	1 15 48 5	11 57	4 14 11 55	66 56 41	4 10	40
21	1 16 0 2	11 56	4 13 59 58	67 0 50	4 9	39
22	1 16 11 58	11 56	4 13 48 2	67 4 59	4 8	38
23	1 16 23 54	11 57	4 13 36 6	67 9 7	4 7	37
24	1 16 35 51	11 56	4 13 24 9	67 13 14	4 6	36
25	1 16 47 47	11 56	4 13 12 13	67 17 20	4 4	35
26	1 16 59 43	11 57	4 13 0 17	67 21 24	4 4	34
27	1 17 11 40	11 56	4 12 48 20	67 25 28	4 2	33
28	1 17 23 36	11 56	4 12 36 24	67 29 30	4 2	32
29	1 17 35 32	11 56	4 12 24 28	67 33 32	4 1	31
30	1 17 47 28		4 12 12 32	67 37 33		30

IX Horas.

Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
II Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	1ˢ 17° 47′ 28″	11′ 57″	4ˢ 12° 12′ 32″	67° 37′ 33″	4′ 1″	30
31	1 17 59 25	11 56	4 12 0 35	67 41 34	3 59	29
32	1 18 11 21	11 56	4 11 48 39	67 45 33	3 58	28
33	1 18 23 17	11 56	4 11 36 43	67 49 31	3 57	27
34	1 18 35 14	11 56	4 11 24 46	67 53 28	3 57	26
35	1 18 47 10	11 55	4 11 12 50	67 57 25	3 55	25
36	1 18 59 5	11 57	4 11 0 55	68 1 20	3 55	24
37	1 19 11 2	11 56	4 10 48 58	68 5 15	3 54	23
38	1 19 22 58	11 57	4 10 37 2	68 9 9	3 54	22
39	1 19 34 55	11 57	4 10 25 5	68 13 3	3 52	21
40	1 19 46 52	11 57	4 10 13 8	68 16 55	3 51	20
41	1 19 58 49	11 56	4 10 1 11	68 20 46	3 51	19
42	1 20 10 45	11 57	4 9 49 15	68 24 37	3 50	18
43	1 20 22 42	11 57	4 9 37 18	68 28 27	3 49	17
44	1 20 34 39	11 56	4 9 25 21	68 32 15	3 48	16
45	1 20 46 35	11 57	4 9 13 25	68 36 3	3 46	15
46	1 20 58 32	11 57	4 9 1 28	68 39 49	3 46	14
47	1 21 10 29	11 56	4 8 49 31	68 43 35	3 45	13
48	1 21 22 25	11 57	4 8 37 35	68 47 20	3 43	12
49	1 21 34 22	11 57	4 8 25 38	68 51 3	3 42	11
50	1 21 46 19	11 57	4 8 13 41	68 54 45	3 41	10
51	1 21 58 16	11 57	4 8 1 44	68 58 26	3 41	9
52	1 22 10 13	11 58	4 7 49 47	69 2 —	3 39	8
53	1 22 22 11	11 57	4 7 37 49	69 5 46	3 38	7
54	1 22 34 8	11 57	4 7 25 52	69 9 24	3 38	6
55	1 22 46 5	11 57	4 7 13 55	69 13 2	3 37	5
56	1 22 58 2	11 57	4 7 1 58	69 16 39	3 35	4
57	1 23 9 59	11 57	4 6 50 1	69 20 14	3 35	3
58	1 23 21 56	11 57	4 6 38 4	69 23 49	3 33	2
59	1 23 33 53	11 58	4 6 26 7	69 27 22	3 33	1
60	1 23 45 51		4 6 14 9	69 30 55		0

IX Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.

III Horas.

M.	*Longitude.*	*Differ. comm.*	*Longitude.*	*Altura.*	*Differ.*	*M.*
0	1ˢ 23° 45′ 51″	11′ 57″	4ˢ 6° 14′ 9″	69° 30′ 55″	3′ 31″	60
1	1 23 57 48	11 58	4 6 2 12	69 34 26	3 30	59
2	1 24 9 46	11 57	4 5 50 14	69 37 56	3 29	58
3	1 24 21 43	11 58	4 5 38 17	69 41 25	3 28	57
4	1 24 33 41	11 57	4 5 26 19	69 44 53	3 26	56
5	1 24 45 38	11 58	4 5 14 22	69 48 19	3 26	55
6	1 24 57 36	11 58	4 5 2 24	69 51 45	3 24	54
7	1 25 9 34	11 58	4 4 50 26	69 55 9	3 24	53
8	1 25 21 32	11 58	4 4 38 28	69 58 33	3 22	52
9	1 25 33 30	11 58	4 4 26 30	70 1 55	3 22	51
10	1 25 45 28	11 59	4 4 14 32	70 5 17	3 20	50
11	1 25 57 27	11 58	4 4 2 33	70 8 37	3 19	49
12	1 26 9 25	11 58	4 3 50 35	70 11 56	3 19	48
13	1 26 21 23	11 59	4 3 38 37	70 15 15	3 18	47
14	1 26 33 22	11 58	4 3 26 38	70 18 33	3 18	46
15	1 26 45 20	11 59	4 3 14 40	70 21 51	3 15	45
16	1 26 57 19	11 59	4 3 2 41	70 25 6	3 15	44
17	1 27 9 18	11 59	4 2 50 42	70 28 21	3 14	43
18	1 27 21 17	11 59	4 2 38 43	70 31 35	3 12	42
19	1 27 33 16	11 59	4 2 26 44	70 34 47	3 12	41
20	1 27 45 15	12 0	4 2 14 45	70 37 59	3 11	40
21	1 27 57 15	11 59	4 2 2 45	70 41 10	3 9	39
22	1 28 9 14	11 59	4 1 50 46	70 44 19	3 9	38
23	1 28 21 13	12 0	4 1 38 47	70 47 28	3 7	37
24	1 28 33 13	12 0	4 1 26 47	70 50 35	3 7	36
25	1 28 45 13	12 0	4 1 14 47	70 53 42	3 5	35
26	1 28 57 13	11 59	4 1 2 47	70 56 47	3 5	34
27	1 29 9 12	12 0	4 0 50 48	70 59 52	3 3	33
28	1 29 21 12	12 1	4 0 38 48	71 2 55	3 2	32
29	1 29 33 13	12 0	4 0 26 47	71 5 57	3 2	31
30	1 29 45 13		4 0 14 47	71 8 59		30

VIII Horas.

Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.

III Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	1ˢ 29° 45′ 13″	11′ 56″	4ˢ 0° 14′ 47″	71° 8′ 59″	3′ 1″	30
31	1 29 57 9	12 0	4 0 2 51	71 12 0	2 59	29
32	2 0 9 9	12 0	3 29 50 51	71 14 59	2 58	28
33	2 0 21 9	12 1	3 29 38 51	71 17 57	2 56	27
34	2 0 33 10	12 1	3 29 26 50	71 20 53	2 55	26
35	2 0 45 11	12 1	3 29 14 49	71 23 48	2 55	25
36	2 0 57 12	12 0	3 29 2 48	71 26 43	2 56	24
37	2 1 9 12	12 0	3 28 50 48	71 29 39	2 54	23
38	2 1 21 13	12 1	3 28 38 47	71 32 33	2 54	22
39	2 1 33 13	12 0	3 28 26 47	71 35 27	2 52	21
40	2 1 45 13	12 0	3 28 14 47	71 38 19	2 51	20
41	2 1 57 13	12 0	3 28 2 47	71 41 10	2 49	19
42	2 2 9 13	12 1	3 27 50 47	71 43 59	2 49	18
43	2 2 21 14	12 3	3 27 38 46	71 46 48	2 47	17
44	2 2 33 17	12 3	3 27 26 43	71 49 35	2 46	16
45	2 2 45 20	12 1	3 27 14 40	71 52 21	2 45	15
46	2 2 57 21	12 1	3 27 2 39	71 55 6	2 44	14
47	2 3 9 22	12 1	3 26 50 38	71 57 50	2 43	13
48	2 3 21 23	12 2	3 26 38 37	72 0 33	2 39	12
49	2 3 33 25	12 1	3 26 26 35	72 3 12	2 37	11
50	2 3 45 26	12 1	3 26 14 34	72 5 49	2 36	10
51	2 3 57 27	12 3	3 26 2 33	72 8 25	2 35	9
52	2 4 9 30	12 2	3 25 50 30	72 11 0	2 34	8
53	2 4 21 32	12 2	3 25 38 28	72 13 34	2 33	7
54	2 4 33 34	12 0	3 25 26 26	72 16 7	2 31	6
55	2 4 45 34	12 1	3 25 14 26	72 18 38	2 31	5
56	2 4 57 35	12 2	3 25 2 25	72 21 9	2 29	4
57	2 5 9 37	12 5	3 24 50 23	72 23 38	2 28	3
58	2 5 21 42	12 2	3 24 38 18	72 26 6	2 26	2
59	2 5 33 44	12 3	3 24 26 16	72 28 32	2 26	1
60	2 5 45 47		3 24 14 13	72 30 58		0

VIII Horas.

Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 45'.

Ascensão recta do Meridiano.

IV Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	2ˢ 5° 45′ 47″	12′ 3′	3ˢ 24° 14′ 13″	72° 30′ 58″	2′ 28″	60
1	2 5 57 50	12 3	3 24 2 10	72 33 26	2 28	59
2	2 6 9 53	12 3	3 23 50 7	72 35 54	2 25	58
3	2 6 21 56	12 3	3 23 38 4	72 38 19	2 25	57
4	2 6 33 59	12 2	3 23 26 1	72 40 44	2 23	56
5	2 6 46 2	12 3	3 23 13 58	72 43 7	2 22	55
6	2 6 58 5	12 3	3 23 1 55	72 45 29	2 20	54
7	2 7 10 8	12 4	3 22 49 52	72 47 49	2 19	53
8	2 7 22 12	12 3	3 22 37 48	72 50 8	2 17	52
9	2 7 34 15	12 4	3 22 25 45	72 52 25	2 17	51
10	2 7 46 19	12 3	3 22 13 41	72 54 42	2 14	50
11	2 7 58 22	12 4	3 22 1 38	72 56 56	2 14	49
12	2 8 10 26	12 4	3 21 49 34	72 59 10	2 15	48
13	2 8 22 30	12 4	3 21 37 30	73 1 25	2 14	47
14	2 8 34 34	12 4	3 21 25 26	73 3 39	2 12	46
15	2 8 46 38	12 5	3 21 13 22	73 5 51	2 11	45
16	2 8 58 43	12 4	3 21 1 17	73 8 2	2 9	44
17	2 9 10 47	12 4	3 20 49 13	73 10 11	2 9	43
18	2 9 22 51	12 5	3 20 37 9	73 12 20	2 6	42
19	2 9 34 56	12 4	3 20 25 4	73 14 26	2 6	41
20	2 9 47 0	12 5	3 20 13 0	73 16 32	2 4	40
21	2 9 59 5	12 5	3 20 0 55	73 18 36	2 3	39
22	2 10 11 10	12 4	3 19 48 50	73 20 39	2 1	38
23	2 10 23 14	12 5	3 19 36 46	73 22 40	2 0	37
24	2 10 35 19	12 5	3 19 24 41	73 24 40	1 56	36
25	2 10 47 24	12 5	3 19 12 36	73 26 36	1 55	35
26	2 10 59 29	12 5	3 19 0 31	73 28 31	1 54	34
27	2 11 11 34	12 5	3 18 48 26	73 30 25	1 52	33
28	2 11 23 39	12 5	3 18 36 21	73 32 17	1 50	32
29	2 11 35 44	12 5	3 18 24 16	73 34 7	1 50	31
30	2 11 47 49	12 5	3 18 12 11	73 35 57		30

VII Horas.

Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
IV Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Diff.	M.
30	2' 11° 47' 49"	12' 7'	3' 18° 12' 11'	73° 35' 57"	1' 46"	30
31	2 11 59 56	12 5	3 18 0 4	73 37 43	1 46	29
32	2 12 12 1	12 5	3 17 47 59	73 39 29	1 46	28
33	2 12 24 6	12 5	3 17 35 54	73 41 15	1 44	27
34	2 12 36 11	12 5	3 17 23 49	73 42 59	1 44	26
35	2 12 48 16	12 5	3 17 11 44	73 44 43	1 42	25
36	2 13 0 21	12 6	3 16 59 39	73 46 25	1 44	24
37	2 13 12 27	12 5	3 16 47 33	73 48 9	1 43	23
38	2 13 24 32	12 6	3 16 35 28	73 49 52	1 42	22
39	2 13 36 38	12 6	3 16 23 22	73 51 34	1 41	21
40	2 13 48 44	12 6	3 16 11 16	73 53 15	1 40	20
41	2 14 0 50	12 6	3 15 59 10	73 54 55	1 38	19
42	2 14 12 56	12 6	3 15 47 4	73 56 33	1 38	18
43	2 14 25 2	12 7	3 15 34 58	73 58 11	1 36	17
44	2 14 37 9	12 6	3 15 22 51	73 59 47	1 35	16
45	2 14 49 15	12 7	3 15 10 45	74 1 22	1 33	15
46	2 15 1 22	12 7	3 14 58 38	74 2 55	1 33	14
47	2 15 13 29	12 7	3 14 46 31	74 4 28	1 31	13
48	2 15 25 36	12 7	3 14 34 24	74 5 59	1 27	12
49	2 15 37 43	12 8	3 14 22 17	74 7 26	1 26	11
50	2 15 49 51	12 7	3 14 10 9	74 8 52	1 25	10
51	2 16 1 58	12 8	3 13 58 2	74 10 17	1 24	9
52	2 16 14 6	12 8	3 13 45 54	74 11 41	1 23	8
53	2 16 26 14	12 9	3 13 33 46	74 13 4	1 20	7
54	2 16 38 23	12 7	3 13 21 37	74 14 24	1 19	6
55	2 16 50 30	12 8	3 13 9 30	74 15 43	1 19	5
56	2 17 2 38	12 8	3 12 57 22	74 17 2	1 18	4
57	2 17 14 46	12 9	3 12 45 14	74 18 20	1 16	3
58	2 17 26 55	12 8	3 12 33 5	74 19 36	1 16	2
59	2 17 39 3	12 9	3 12 20 57	74 20 52	1 14	1
60	2 17 51 12		3 12 8 48	74 22 6		0

VII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
V Horas.

M.	*Longitude.*	*Differ. comm.*	*Longitude.*	*Altura.*	*Differ.*	*M.*
0	2ˢ 17° 51′ 12″	12′ 7″	3ˢ 12° 8′ 48″	74° 22′ 6″	1′ 17″	60
1	2 18 3 19	12 6	3 11 56 41	74 23 23	1 16	59
2	2 18 15 25	12 8	3 11 44 33	74 24 39	1 15	58
3	2 18 27 33	12 6	3 11 32 27	74 25 54	1 13	57
4	2 18 39 39	12 7	3 11 20 21	74 27 7	1 12	56
5	2 18 51 46	12 8	3 11 8 14	74 28 19	1 10	55
6	2 19 3 54	12 7	3 10 56 6	74 29 29	1 10	54
7	2 19 16 1	12 8	3 10 43 59	74 30 39	1 10	53
8	2 19 28 8	12 7	3 10 31 52	74 31 49	1 4	52
9	2 19 40 15	12 9	3 10 19 45	74 32 53	1 5	51
10	2 19 52 24	12 8	3 10 7 36	74 33 58	1 4	50
11	2 20 4 32	12 8	3 9 55 28	74 35 2	1 3	49
12	2 20 16 40	12 8	3 9 43 20	74 36 5	1 0	48
13	2 20 28 48	12 8	3 9 31 12	74 37 5	0 59	47
14	2 20 40 56	12 8	3 9 19 4	74 38 4	0 58	46
15	2 20 53 4	12 9	3 9 6 56	74 39 2	0 56	45
16	2 21 5 13	12 8	3 8 54 47	74 39 58	0 55	44
17	2 21 17 21	12 9	3 8 42 39	74 40 53	0 55	43
18	2 21 29 30	12 8	3 8 30 30	74 41 46	0 53	42
19	2 21 41 38	12 9	3 8 18 22	74 42 39	0 51	41
20	2 21 53 47	12 9	3 8 6 13	74 43 30	0 49	40
21	2 22 5 56	12 9	3 7 54 4	74 44 19	0 48	39
22	2 22 18 5	12 10	3 7 41 55	74 55 7	0 47	38
23	2 22 30 15	12 9	3 7 29 45	74 45 54	0 46	37
24	2 22 42 24	12 8	3 7 17 36	74 46 40	0 46	36
25	2 22 54 32	12 10	3 7 5 28	74 47 26	0 44	35
26	2 23 6 42	12 10	3 6 53 18	74 48 10	0 44	34
27	2 23 18 52	12 10	3 6 41 8	74 48 54	0 42	33
28	2 23 31 2	12 8	3 6 28 58	74 49 36	0 40	32
29	2 23 43 10	12 7	3 6 16 50	74 50 16	0 39	31
30	2 23 55 17		3 6 4 43	74 50 55		30

VI Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.

V Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	2ˢ 23° 55′ 17″	12′ 7″	3ˢ 6° 4′ 43′	74° 50′ 55′	0′ 38″	30
31	2 24 7 24	12 7	3 5 52 36	74 51 33	0 37	29
32	2 24 19 31	12 9	3 5 40 29	74 52 10	0 35	28
33	2 24 31 40	12 10	3 5 28 20	74 52 45	0 34	27
34	2 24 43 50	12 10	3 5 16 10	74 53 19	0 33	26
35	2 24 56 0	12 10	3 5 4 0	74 53 52	0 31	25
36	2 25 8 10	12 10	3 4 51 50	74 54 23	0 30	24
37	2 25 20 20	12 9	3 4 39 40	74 54 53	0 29	23
38	2 25 32 29	12 11	3 4 27 31	74 55 22	0 28	22
39	2 25 44 40	12 9	3 4 15 20	74 55 50	0 27	21
40	2 25 56 49	12 10	3 4 3 11	74 56 17	0 25	20
41	2 26 8 59	12 10	3 3 51 1	74 56 42	0 23	19
42	2 26 21 9	12 7	3 3 38 51	74 57 5	0 23	18
43	2 26 33 16	12 10	3 3 26 41	74 57 28	0 21	17
44	2 26 45 26	12 9	3 3 14 32	74 57 49	0 20	16
45	2 26 57 35	12 10	3 3 2 23	74 58 9	0 18	15
46	2 27 9 45	12 9	3 2 50 14	74 58 27	0 15	14
47	2 27 21 54	12 9	3 2 38 5	74 58 42	0 18	13
48	2 27 34 3	12 9	3 2 25 56	74 59 0	0 15	12
49	2 27 46 12	12 10	3 2 13 47	74 59 15	0 14	11
50	2 27 58 22	12 9	3 2 1 37	74 59 29	0 13	10
51	2 28 10 31	12 10	3 1 49 27	74 59 42	0 11	9
52	2 28 22 41	12 10	3 1 37 18	74 59 53	0 10	8
53	2 28 34 50	12 9	3 1 25 8	75 0 3	0 9	7
54	2 28 47 0	12 12	3 1 12 59	75 0 12	0 8	6
55	2 28 59 12	12 10	3 1 0 49	75 0 19	0 6	5
56	2 29 11 22	12 10	3 0 48 39	75 0 28	0 4	4
57	2 29 23 32	12 9	3 0 36 29	75 0 32	0 3	3
58	2 29 35 41	12 9	3 0 24 19	75 0 35	0 2	2
59	2 29 47 50	12 10	3 0 12 10	75 0 37	0 1	1
60	3 0 0 0		3 0 0 0	75 0 38		0

VI Horas.

Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
XII Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	5' 12° 27' 1"	12' 29"	0° 17° 32' 59"	55° 12' 59"	5' 46"	60
1	5 12 39 30	12 31	0 17 20 30	55 7 13	5 46	59
2	5 12 52 1	12 32	0 17 7 59	55 1 27	5 46	58
3	5 13 4 33	12 32	0 16 55 27	54 55 41	5 45	57
4	5 13 17 5	12 33	0 16 42 55	54 49 56	5 46	56
5	5 13 29 38	12 34	0 16 30 22	54 44 10	5 45	55
6	5 13 42 12	12 35	0 16 17 48	54 38 25	5 45	54
7	5 13 54 47	12 35	0 16 5 13	54 32 40	5 44	53
8	5 14 7 22	12 36	0 15 52 38	54 26 56	5 44	52
9	5 14 19 58	12 37	0 15 40 2	54 21 12	5 44	51
10	5 14 32 35	12 37	0 15 27 25	54 15 28	5 44	50
11	5 14 45 12	12 38	0 15 14 48	54 9 44	5 43	49
12	5 14 57 51	12 38	0 15 2 9	54 4 1	5 49	48
13	5 15 10 29	12 39	0 14 49 31	53 58 12	5 49	47
14	5 15 23 8	12 40	0 14 36 52	53 52 23	5 48	46
15	5 15 35 48	12 40	0 14 24 12	53 46 35	5 48	45
16	5 15 48 28	12 42	0 14 11 32	53 40 47	5 50	44
17	5 16 1 10	12 42	0 13 58 50	53 34 59	5 45	43
18	5 16 13 52	12 43	0 13 46 8	53 29 12	5 48	42
19	5 16 26 35	12 43	0 13 33 25	53 23 24	5 47	41
20	5 16 39 18	12 44	0 13 20 42	53 17 37	5 47	40
21	5 16 52 2	12 46	0 13 7 58	53 11 50	5 46	39
22	5 17 4 48	12 45	0 12 55 12	53 6 4	5 46	38
23	5 17 17 33	12 47	0 12 42 27	53 0 18	5 46	37
24	5 17 30 20	12 47	0 12 29 40	52 54 32	5 50	36
25	5 17 43 7	12 49	0 12 16 53	52 48 42	5 50	35
26	5 17 55 56	12 49	0 12 4 4	52 42 52	5 50	34
27	5 18 8 45	12 50	0 11 51 15	52 37 2	5 51	33
28	5 18 21 5	12 51	0 11 38 25	52 31 11	5 51	32
29	5 18 34 26	12 51	0 11 25 34	52 25 20	5 51	31
30	5 18 47 17		0 11 12 43	52 19 29		30

XXIII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
XII Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	5' 18° 47' 17''	12' 53''	0' 11° 12' 43''	52° 19' 29''	5' 52''	30
31	5 19 0 10	12 57	0 10 59 50	52 13 37	5 51	29
32	5 19 13 7	12 49	0 10 46 53	52 7 46	5 52	28
33	5 19 25 56	12 55	0 10 34 4	52 1 54	5 53	27
34	5 19 38 51	12 55	0 10 21 9	51 56 1	5 52	26
35	5 19 51 46	12 56	0 10 8 14	51 50 9	5 53	25
36	5 20 4 42	12 57	0 9 55 18	51 44 16	5 54	24
37	5 20 17 39	12 58	0 9 42 21	51 38 22	5 56	23
38	5 20 30 37	12 58	0 9 29 23	51 32 26	5 55	22
39	5 20 43 35	13 0	0 9 16 25	51 26 31	5 54	21
40	5 20 56 35	13 1	0 9 3 25	51 20 37	5 55	20
41	5 21 9 36	13 2	0 8 50 24	51 14 42	5 54	19
42	5 21 22 38	13 3	0 8 37 22	51 8 48	5 55	18
43	5 21 35 41	13 4	0 8 24 19	51 2 53	5 54	17
44	5 21 48 45	13 5	0 8 11 15	50 56 59	5 54	16
45	5 22 1 50	13 7	0 7 58 10	50 51 5	5 54	15
46	5 22 14 57	13 7	0 7 45 3	50 45 11	5 53	14
47	5 22 28 4	13 8	0 7 31 56	50 39 18	5 54	13
48	5 22 41 12	13 8	0 7 18 48	50 33 24	5 57	12
49	5 22 54 20	13 10	0 7 5 40	50 27 27	5 57	11
50	5 23 7 30	13 9	0 6 52 30	50 21 30	5 56	10
51	5 23 20 39	13 12	0 6 39 21	50 15 34	5 57	9
52	5 23 33 51	13 13	0 6 26 9	50 9 37	5 56	8
53	5 23 47 4	13 13	0 6 12 56	50 3 41	5 56	7
54	5 24 0 17	13 15	0 5 59 43	49 57 45	5 56	6
55	5 24 13 32	13 15	0 5 46 28	49 51 49	5 56	5
56	5 24 26 47	13 17	0 5 33 13	49 45 53	5 56	4
57	5 24 40 4	13 18	0 5 19 56	49 39 57	5 56	3
58	5 24 53 22	13 18	0 5 6 38	49 34 1	5 56	2
59	5 25 6 40	13 20	0 4 53 20	49 28 6	5 56	1
60	5 25 20 0		0 4 40 0	49 22 10		0

XXIII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
XIII. Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	5ˢ 25° 20′ 0″	13′ 22″	0ˢ 4° 40′ 0″	49° 22′ 10″	5′ 59	60
1	5 25 33 22	13 23	0 4 26 38	49 16 11	5 58	59
2	5 25 46 45	13 23	0 4 13 15	49 10 13	5 59	58
3	5 26 0 8	13 25	0 3 59 52	49 4 14	5 58	57
4	5 26 13 33	13 26	0 3 46 27	48 58 16	5 57	56
5	5 26 26 59	13 26	0 3 33 1	48 52 19	5 59	55
6	5 26 40 25	13 29	0 3 19 35	48 46 20	5 58	54
7	5 26 53 54	13 29	0 3 6 6	48 40 22	5 57	53
8	5 27 7 23	13 30	0 2 52 37	48 34 25	5 58	52
9	5 27 20 53	13 32	0 2 39 7	48 28 27	5 58	51
10	5 27 34 25	13 32	0 2 25 35	18 22 29	5 57	50
11	5 27 47 57	13 33	0 2 12 3	48 16 32	5 57	49
12	5 28 1 30	13 35	0 1 58 30	48 10 35	6 0	48
13	5 28 15 5	13 36	0 1 44 55	48 4 35	5 58	47
14	5 28 28 41	13 38	0 1 31 19	47 58 37	5 59	46
15	5 28 42 19	13 39	0 1 17 41	47 52 38	5 59	45
16	5 28 55 58	13 40	0 1 4 2	47 46 39	5 58	44
17	5 29 9 38	13 42	0 0 50 22	47 40 41	6 0	43
18	5 29 23 20	13 44	0 0 36 40	47 34 41	5 58	42
19	5 29 37 4	13 44	0 0 22 56	47 28 43	5 58	41
20	5 29 50 48	13 45	0 0 9 12	47 22 45	5 59	40
21	6 0 4 33	13 46	11 29 55 27	47 16 46	5 57	39
22	6 0 18 19	13 48	11 29 41 41	47 10 49	5 58	38
23	6 0 32 7	13 49	11 29 27 53	47 4 51	5 58	37
24	6 0 45 56	13 50	11 29 14 4	46 58 53	5 57	36
25	6 0 59 46	13 51	11 29 0 14	46 52 56	5 58	35
26	6 1 13 37	13 54	11 28 46 23	46 46 58	5 57	34
27	6 1 27 31	13 54	11 28 32 29	46 41 1	5 58	33
28	6 1 41 25	13 57	11 28 18 35	46 35 3	5 58	32
29	6 1 55 22	13 57	11 28 4 38	46 29 5	5 57	31
30	6 2 9 19		11 27 50 41	46 23 8		30

XXII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.
XIII Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Diff.	M.
30	6ˢ 2° 9′ 19″	14′ 0′	11ˢ 27° 50′ 41″	46° 23′ 8″	5′ 59″	30
31	6 2 23 19	14 1	11 27 36 41	46 17 9	5 58	29
32	6 2 37 20	14 2	11 27 22 40	46 11 11	5 58	28
33	6 2 51 22	14 5	11 27 8 38	46 5 13	5 59	27
34	6 3 5 27	14 5	11 26 54 33	45 59 14	6 0	26
35	6 3 19 32	14 8	11 26 40 28	45 53 14	5 57	25
36	6 3 33 40	14 8	11 26 26 20	45 47 17	5 56	24
37	6 3 47 48	14 9	11 26 12 12	45 41 21	5 57	23
38	6 4 1 57	14 11	11 25 58 3	45 35 24	5 56	22
39	6 4 16 8	14 12	11 25 43 52	45 29 28	5 57	21
40	6 4 30 20	14 14	11 25 29 40	45 23 31	5 56	20
41	6 4 44 34	14 16	11 25 15 26	45 17 35	5 58	19
42	6 4 58 50	14 17	11 25 1 10	45 11 37	5 57	18
43	6 5 13 7	14 19	11 24 46 53	45 5 40	5 58	17
44	6 5 27 26	14 20	11 24 32 34	44 59 42	5 57	16
45	6 5 41 46	14 22	11 24 18 14	44 53 45	5 58	15
46	6 5 56 8	14 24	11 24 3 52	44 47 47	5 57	14
47	6 6 10 32	14 25	11 23 49 28	44 41 50	5 58	13
48	6 6 24 57	14 28	11 23 35 3	44 35 52	5 56	12
49	6 6 39 25	14 29	11 23 20 35	44 29 56	5 55	11
50	6 6 53 54	14 31	11 23 6 6	44 24 1	5 56	10
51	6 7 8 25	14 32	11 22 51 35	44 18 5	5 55	9
52	6 7 22 57	14 35	11 22 37 3	44 12 10	5 55	8
53	6 7 37 32	14 35	11 22 22 28	44 6 15	5 55	7
54	6 7 52 7	14 42	11 22 7 53	44 0 20	5 55	6
55	6 8 6 49	14 34	11 21 53 11	43 54 30	5 50	5
56	6 8 21 23	14 41	11 21 38 37	43 48 35	5 55	4
57	6 8 36 4	14 42	11 21 23 56	43 42 40	5 55	3
58	6 8 50 46	14 44	11 21 9 14	43 36 44	5 56	2
59	6 9 5 30	14 45	11 20 54 30	43 30 49	5 55	1
60	6 9 20 15		11 20 39 45	43 24 53	5 56	0

XXII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.

XIV Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	6h 9° 20' 15"	14' 47"	11h 20 39' 45"	43° 24' 53"	5' 50"	60
1	6 9 35 2	14 49	11 20 24 58	43 19 3	5 50	59
2	6 9 49 51	14 51	11 20 10 9	43 13 13	5 50	58
3	6 10 4 42	14 53	11 19 55 18	43 7 23	5 51	57
4	6 10 19 35	14 55	11 19 40 25	43 1 32	5 51	56
5	6 10 34 30	14 57	11 19 25 30	42 55 41	5 52	55
6	6 10 49 27	14 59	11 19 10 33	42 49 49	5 51	54
7	6 11 4 26	15 1	11 18 55 34	42 43 58	5 53	53
8	6 11 19 27	15 4	11 18 40 33	42 38 5	5 52	52
9	6 11 34 31	15 6	11 18 25 29	42 32 13	5 53	51
10	6 11 49 37	15 7	11 18 10 23	42 26 20	5 53	50
11	6 12 4 44	15 10	11 17 55 16	42 20 27	5 54	49
12	6 12 19 54	15 10	11 17 40 6	42 14 33	5 50	48
13	6 12 35 4	15 13	11 17 24 56	42 8 43	5 50	47
14	6 12 50 17	15 14	11 17 9 43	42 2 53	5 49	46
15	6 13 5 31	15 17	11 16 54 29	41 57 4	5 49	45
16	6 13 20 48	15 18	11 16 39 12	41 51 15	5 48	44
17	6 13 36 6	15 21	11 16 23 54	41 45 37	5 47	43
18	6 13 51 27	15 23	11 16 8 33	41 39 50	5 47	42
19	6 14 6 50	15 25	11 15 53 10	41 34 3	5 48	41
20	6 14 22 15	15 27	11 15 37 45	41 28 15	5 49	40
21	6 14 37 42	15 29	11 15 22 18	41 22 26	5 49	39
22	6 14 53 11	15 31	11 15 6 49	41 16 37	5 50	38
23	6 15 8 42	15 33	11 14 51 18	41 10 47	5 50	37
24	6 15 24 15	15 37	11 14 35 4	41 4 57	5 45	36
25	6 15 39 52	15 39	11 14 20 8	40 59 12	5 44	35
26	6 15 55 31	15 42	11 14 4 29	40 53 28	5 44	34
27	6 16 11 13	15 43	11 13 48 47	40 47 44	5 44	33
28	6 16 26 56	15 46	11 13 33 4	40 42 0	5 44	32
29	6 16 42 42	15 47	11 13 17 18	40 36 16	5 43	31
30	6 16 58 29		11 13 1 31	40 30 33		30

XXI Horas.

Ascensão recta do Meridiano.

40 REIS

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
XIV Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	6ʰ 16ᵐ 58ˢ 29″	15′ 49″	11ˢ 13° 1′ 31″	40° 30′ 33″	5′ 42″	30
31	6 17 14 18	15 52	11 12 45 47	40 24 51	5 44	29
32	6 17 30 10	15 54	11 12 29 50	40 19 7	5 39	28
33	6 17 46 4	15 56	11 12 13 50	40 13 28	5 40	27
34	6 18 2 0	15 58	11 11 58 0	40 7 48	5 45	26
35	6 18 17 58	16 0	11 11 42 2	40 2 3	5 41	25
36	6 18 33 58	16 2	11 11 26 2	39 56 22	5 40	24
37	6 18 50 0	16 4	11 11 10 0	39 50 42	5 40	23
38	6 19 6 4	16 7	11 10 53 56	39 45 2	5 39	22
39	6 19 22 11	16 9	11 10 37 49	39 39 23	5 38	21
40	6 19 38 20	16 12	11 10 21 40	39 33 45	5 37	20
41	6 19 54 32	16 15	11 10 5 28	39 28 8	5 37	19
42	6 20 10 47	16 17	11 9 49 13	39 22 31	5 36	18
43	6 20 27 4	16 20	11 9 32 56	39 16 55	5 35	17
44	6 20 43 24	16 23	11 9 16 36	39 11 20	5 53	16
45	6 20 59 47	16 27	11 9 0 13	39 5 45	5 34	15
46	6 21 16 14	16 26	11 8 43 46	39 0 11	5 33	14
47	6 21 32 40	16 31	11 8 27 20	38 54 38	5 33	13
48	6 21 49 11	16 32	11 8 10 49	38 49 5	5 32	12
49	6 22 5 43	16 35	11 7 54 17	38 43 33	5 32	11
50	6 22 22 18	16 36	11 7 37 42	38 38 1	5 31	10
51	6 22 38 54	16 41	11 7 21 6	38 32 30	5 30	9
52	6 22 55 35	16 42	11 7 4 25	38 27 0	5 30	8
53	6 23 12 17	16 46	11 6 47 43	38 21 30	5 29	7
54	6 23 29 3	16 48	11 6 30 57	38 16 1	5 28	6
55	6 23 45 51	16 50	11 6 14 9	38 10 33	5 28	5
56	6 24 2 41	16 53	11 5 57 19	38 5 5	5 27	4
57	6 24 19 34	16 56	11 5 40 26	37 59 38	5 26	3
58	6 24 36 30	16 58	11 5 23 30	37 54 12	5 25	2
59	6 24 53 28	17 1	11 5 6 32	37 48 47	5 25	1
60	6 25 10 29		11 4 49 31	37 43 22		0

XXI Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
XV Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	6ˢ 25° 10′ 29″	17′ 5″	11ˢ 4° 49′ 31″	37° 43′ 22′	5′ 23″	60
1	6 25 27 34	17 8	11 4 32 26	37 37 59	5 23	59
2	6 25 44 42	17 12	11 4 15 18	37 32 36	5 22	58
3	6 26 1 52	17 14	11 3 58 8	37 27 14	5 21	57
4	6 26 19 6	17 16	11 3 40 54	37 21 53	5 20	56
5	6 26 36 22	17 18	11 3 23 38	37 16 33	5 20	55
6	6 26 53 40	17 21	11 3 6 20	37 11 13	5 19	54
7	6 27 11 1	17 24	11 2 49 1	37 5 54	5 19	53
8	6 27 28 25	17 26	11 2 31 35	37 0 35	5 18	52
9	6 27 45 51	17 29	11 2 14 9	36 55 17	5 17	51
10	6 28 3 20	17 32	11 1 56 40	36 50 0	5 16	50
11	6 28 20 52	17 34	11 1 39 8	36 44 44	5 16	49
12	6 28 38 26	17 37	11 1 21 34	36 39 28	5 15	48
13	6 28 56 3	17 39	11 1 3 57	36 34 13	5 14	47
14	6 29 13 42	17 43	11 0 46 18	36 28 59	5 13	46
15	6 29 31 25	17 46	11 0 28 35	36 23 46	5 12	45
16	6 29 49 11	17 50	11 0 10 49	36 18 34	5 10	44
17	7 0 7 1	17 52	10 29 52 59	36 13 24	5 10	43
18	7 0 24 53	17 56	10 29 35 7	36 8 14	5 8	42
19	7 0 42 49	17 57	10 29 17 11	36 3 6	5 8	41
20	7 1 0 46	18 3	10 28 59 14	35 57 58	5 6	40
21	7 1 18 49	18 5	10 28 41 11	35 52 52	5 6	39
22	7 1 36 54	18 8	10 28 23 6	35 47 47	5 4	38
23	7 1 55 2	18 11	10 28 4 58	35 42 43	5 3	37
24	7 2 13 13	18 14	10 27 46 47	35 37 40	5 3	36
25	7 2 31 27	18 16	10 27 28 33	35 32 37	5 2	35
26	7 2 49 43	18 21	10 27 10 17	35 27 35	5 1	34
27	7 3 8 4	18 23	10 26 51 56	35 22 34	5 0	33
28	7 3 26 27	18 26	10 26 33 33	35 17 34	4 58	32
29	7 3 44 53	18 29	10 26 15 7	35 12 36	4 57	31
30	7 4 3 22		10 25 56 38	35 7 39		30

XX Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
XV Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	7ˢ 4° 3′ 22″	18′ 33″	10ˢ 25° 56′ 38′	35° 7′ 39″	4′ 55″	30
31	7 4 21 55	18 35	10 25 38 5	35 2 44	4 56	29
32	7 4 40 30	18 40	10 25 19 30	34 57 48	4 54	28
33	7 4 59 10	18 41	10 25 0 50	34 52 54	4 53	27
34	7 5 17 51	18 46	10 24 42 9	34 48 1	4 52	26
35	7 5 36 37	18 48	10 24 23 23	34 43 9	4 51	25
36	7 5 55 25	18 52	10 24 4 35	34 38 18	4 49	24
37	7 6 14 17	18 55	10 23 45 43	34 23 29	4 48	23
38	7 6 33 12	18 59	10 23 26 48	34 28 41	4 48	22
39	7 6 52 11	19 1	10 23 7 49	34 23 53	4 46	21
40	7 7 11 12	19 5	10 22 48 48	34 19 7	4 44	20
41	7 7 30 17	19 8	10 22 29 43	34 14 23	4 44	19
42	7 7 49 25	19 11	10 22 10 35	34 9 39	4 42	18
43	7 8 8 36	19 14	10 21 51 24	34 4 57	4 42	17
44	7 8 27 50	19 17	0 21 32 10	34 0 15	4 40	16
45	7 8 47 7	19 21	10 21 12 53	33 55 35	4 40	15
46	7 9 6 28	19 24	10 20 53 32	33 50 55	4 38	14
47	7 9 25 52	19 26	10 20 34 8	33 46 17	4 37	13
48	7 9 45 18	19 30	10 20 14 42	33 41 40	4 35	12
49	7 10 4 48	19 34	10 19 55 12	33 37 5	4 31	11
50	7 10 24 22	19 37	10 19 35 38	33 32 34	4 31	10
51	7 10 43 59	19 42	10 19 16 1	33 28 3	4 28	9
52	7 11 3 41	19 43	10 18 56 19	33 23 35	4 31	8
53	7 11 23 24	19 48	10 18 36 36	33 19 4	4 28	7
54	7 11 43 12	19 51	10 18 16 48	33 14 36	4 27	6
55	7 12 3 3	19 54	10 17 56 57	33 10 9	4 26	5
56	7 12 22 57	19 58	10 17 37 3	33 5 43	4 24	4
57	7 12 42 55	20 1	10 17 17 5	33 1 19	4 23	3
58	7 13 2 56	20 5	10 16 57 4	32 56 56	4 25	2
59	7 13 23 1	20 8	10 16 36 59	32 52 31	4 19	1
60	7 13 43 9		10 16 16 51	32 48 12		0

XX Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.

XVI Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	7ˢ 13° 43′ 9″	20′ 11″	10ˢ 16° 16′ 51″	32° 48′ 12″	4′ 14″	60
1	7 14 3 20	20 16	10 15 56 40	32 43 54	4 13	59
2	7 14 23 36	20 18	10 15 36 24	32 39 41	4 14	58
3	7 14 43 54	20 23	10 15 16 6	32 35 27	4 13	57
4	7 15 4 17	20 24	10 14 55 43	32 31 14	4 11	56
5	7 15 24 41	20 29	10 14 35 19	32 27 3	4 11	55
6	7 15 45 10	20 32	10 14 14 50	32 22 52	4 8	54
7	7 16 5 42	20 36	10 13 54 18	32 18 43	4 9	53
8	7 16 26 18	20 39	10 13 33 42	32 14 34	4 7	52
9	7 16 46 57	20 43	10 13 13 3	32 10 27	4 6	51
10	7 17 7 48	20 45	10 12 52 20	32 6 21	4 7	50
11	7 17 28 25	20 50	10 12 31 35	32 2 14	4 2	49
12	7 17 49 15	20 53	10 12 10 45	31 58 12	3 53	48
13	7 18 10 8	20 56	10 11 49 52	31 54 19	4 0	47
14	7 18 31 4	21 1	10 11 28 56	31 50 18	3 53	46
15	7 18 52 5	21 3	10 11 7 55	31 46 25	3 54	45
16	7 19 13 8	21 7	10 10 46 52	31 42 31	3 52	44
17	7 19 34 15	21 10	10 10 25 45	31 38 39	3 52	43
18	7 19 55 25	21 13	10 10 4 35	31 34 47	3 49	42
19	7 20 16 38	21 17	10 9 43 22	31 30 58	3 50	41
20	7 20 37 55	21 20	10 9 22 5	31 27 8	3 48	40
21	7 20 59 15	21 24	10 9 0 45	31 23 20	3 47	39
22	7 21 20 39	21 27	10 8 39 21	31 19 33	3 48	38
23	7 21 42 6	21 31	10 8 17 54	31 15 45	3 42	37
24	7 22 3 37	21 35	10 7 56 23	31 12 3	3 40	36
25	7 22 25 12	21 38	10 7 34 48	31 8 23	3 39	35
26	7 22 46 50	21 42	10 7 13 10	31 4 44	3 36	34
27	7 23 8 32	21 44	10 6 51 28	31 1 8	3 35	33
28	7 23 30 16	21 48	10 6 29 44	30 57 33	3 32	32
29	7 23 52 4	21 51	10 6 7 56	30 54 1	3 31	31
30	7 24 13 55		10 5 46 5	30 50 30		30

XIX Horas.

Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
XIV Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	7′ 24° 13′ 55″	21′ 54″	10′ 5° 46′ 5″	30° 50′ 30″	3′ 28″	30
31	7 24 35 49	21 58	10 5 24 11	0 47 2	3 27	29
32	7 24 57 47	22 00	10 5 2 13	30 43 35	3 24	28
33	7 25 19 47	22 4	10 4 40 13	30 40 11	3 22	27
34	7 25 41 51	22 7	10 4 18 9	30 36 49	3 21	26
35	7 26 3 58	22 10	10 3 56 2	30 33 28	3 18	25
36	7 26 26 8	22 18	10 3 33 52	30 30 10	3 17	24
37	7 26 48 26	22 14	10 3 11 34	30 26 53	3 15	23
38	7 27 10 40	22 20	10 2 49 20	30 23 38	3 13	22
39	7 27 33 00	22 24	10 2 27 00	30 20 25	3 11	21
40	7 27 55 24	22 27	10 2 4 36	30 17 14	3 9	20
41	7 28 17 51	22 30	10 1 42 9	30 14 5	3 7	19
42	7 28 40 21	22 33	10 1 19 39	30 10 58	3 5	18
43	7 29 2 54	22 37	10 0 57 6	30 7 53	3 3	17
44	7 29 25 31	22 40	10 0 34 29	30 4 50	3 1	16
45	7 29 48 11	22 43	10 0 11 49	30 1 49	2 59	15
46	8 00 10 54	22 46	9 29 49 6	29 58 50	2 57	14
47	8 00 33 40	22 49	9 29 26 20	29 55 53	2 55	13
48	8 00 56 29	22 51	9 29 3 31	29 52 58	2 53	12
49	8 1 19 20	22 55	9 28 40 40	29 50 5	2 50	11
50	8 1 42 15	22 57	9 28 17 45	29 47 15	2 49	10
51	8 2 5 12	23 1	9 27 54 48	29 44 26	2 46	9
52	8 2 28 13	23 4	9 27 31 47	29 41 40	2 45	8
53	8 2 51 17	23 7	9 27 8 43	29 38 55	2 42	7
54	8 3 14 24	23 10	9 26 45 36	29 36 13	2 40	6
55	8 3 37 34	23 14	9 26 22 26	29 33 33	2 39	5
56	8 4 0 48	23 17	9 25 59 12	29 30 54	2 37	4
57	8 4 24 5	23 20	9 25 35 55	29 28 17	2 34	3
58	8 4 47 25	23 23	9 25 12 35	29 25 43	2 33	2
59	8 5 10 48	23 26	9 24 49 12	29 23 10	2 30	1
60	8 5 34 14		9 24 25 46	29 20 40		0

XIX Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.

XVII Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	8 5° 34' 14"	23' 30"	9 24° 25' 46"	29° 20' 40"	2' 27"	60
1	8 5 57 44	23 33	9 24 2 16	29 18 13	2 26	59
2	8 6 21 17	23 34	9 23 38 43	29 15 47	2 22	58
3	8 6 44 51	23 37	9 23 15 9	29 13 25	2 21	57
4	8 7 8 28	23 38	9 22 51 32	29 11 4	2 18	56
5	8 7 32 6	23 41	9 22 27 54	29 8 46	2 15	55
6	8 7 55 47	23 43	9 22 4 13	29 6 31	2 14	54
7	8 8 19 30	23 45	9 21 40 30	29 4 17	2 11	53
8	8 8 43 15	23 47	9 21 16 45	29 2 6	2 8	52
9	8 9 7 2	23 49	9 20 52 58	28 59 58	2 7	51
10	8 9 30 51	23 51	9 20 29 9	28 57 51	2 3	50
11	8 9 54 42	23 53	9 20 5 18	28 55 48	2 2	49
12	8 10 18 35	23 59	9 19 41 25	28 53 46	1 59	48
13	8 10 42 34	24 1	9 19 17 26	28 51 47	1 57	47
14	8 11 6 35	24 3	9 18 53 25	28 49 50	1 55	46
15	8 11 30 38	24 5	9 18 29 22	28 47 55	1 52	45
16	8 11 54 43	24 7	9 18 5 17	28 46 3	1 50	44
17	8 12 18 50	24 10	9 17 41 10	28 44 13	1 47	43
18	8 12 43 0	24 11	9 17 17 00	28 42 26	1 46	42
19	8 13 7 11	24 14	9 16 52 49	28 40 40	1 43	41
20	8 13 31 25	24 16	9 16 28 35	28 38 57	1 40	40
21	8 13 55 41	24 18	9 16 4 19	28 37 17	1 38	39
22	8 14 19 59	24 19	9 15 40 1	28 35 39	1 36	38
23	8 14 44 18	24 22	9 15 15 42	28 34 3	1 33	37
24	8 15 8 40	24 21	9 14 51 20	28 32 30	1 30	36
25	8 15 33 1	24 23	9 14 26 59	28 31 00	1 28	35
26	8 15 57 24	24 25	9 14 2 36	28 29 32	1 25	34
27	8 16 21 49	24 27	9 13 38 11	28 28 7	1 23	33
28	8 16 46 16	24 29	9 13 13 44	28 26 44	1 21	32
29	8 17 10 45	24 31	9 12 49 15	28 25 23	1 18	31
30	8 17 35 16		9 12 24 44	28 24 5		30

XVIII Horas.

Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 45′.

Ascensão recta do Meridiano.
XVII Horas.

M.	*Longitude.*	*Differ. comm.*	*Longitude.*	*Altura.*	*Differ.*	*M.*
30	8ˢ 17° 35′ 16″	24′ 34″	9ˢ 12° 24′ 44″	28° 24′ 5″	1′ 16″	30
31	8 17 59 50	24 36	9 12 0 10	28 22 49	1 13	29
32	8 18 24 26	24 37	9 11 35 34	28 21 36	1 12	28
33	8 18 49 3	24 40	9 11 10 57	28 20 24	1 9	27
34	8 19 13 43	24 41	9 10 46 17	28 19 15	1 6	26
35	8 19 38 24	24 44	9 10 21 36	28 18 9	1 4	25
36	8 20 3 8	24 44	9 9 56 52	28 17 5	1 0	24
37	8 20 27 52	24 45	9 9 32 8	28 16 5	0 58	23
38	8 20 52 37	24 44	9 9 07 23	28 15 7	0 55	22
39	8 21 17 23	24 47	9 8 42 37	28 14 12	0 53	21
40	8 21 42 10	24 48	9 8 17 50	28 13 19	0 50	20
41	8 22 6 58	24 49	9 7 53 2	28 12 29	0 48	19
42	8 22 31 47	24 50	9 7 28 13	28 11 41	0 45	18
43	8 22 56 37	24 50	9 7 3 23	28 10 56	0 43	17
44	8 23 21 27	24 52	9 6 38 33	28 10 13	0 40	16
45	8 23 46 19	24 53	9 6 13 41	28 9 33	0 38	15
46	8 24 11 12	24 54	9 5 48 48	28 8 55	0 38	14
47	8 24 36 6	24 54	9 5 23 54	28 8 17	0 30	13
48	8 25 1 00	24 50	9 4 59 0	28 7 47	0 30	12
49	8 25 25 50	24 50	9 4 34 10	28 7 17	0 28	11
50	8 25 50 40	24 52	9 4 9 20	28 6 49	0 26	10
51	8 26 15 32	24 52	9 3 44 28	28 6 23	0 22	9
52	8 26 40 24	24 54	9 3 19 36	28 6 1	0 21	8
53	8 27 5 18	24 54	9 2 54 42	28 5 40	0 17	7
54	8 27 30 12	24 56	9 2 29 48	28 5 23	0 16	6
55	8 27 55 8	24 56	9 2 4 52	28 5 7	0 13	5
56	8 28 20 4	24 58	9 1 39 56	28 4 54	0 10	4
57	8 28 45 2	24 58	9 1 14 58	28 4 44	0 8	3
58	8 29 10 0	25 0	9 0 50 0	28 4 36	0 5	2
59	8 29 35 0	25 0	9 0 25 0	28 4 31	0 3	1
60	9 0 0 0		9 0 0 0	28 4 28		0

XVIII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

PLANO

De Extracção de Loterias.

POR

FRANCISCO ANTONIO CIERA.

Nota A AS combinações distinctas dos numeros desde 1 até 50 inclusive, tomando-os tres a tres, são 19.600: tantos são os Bilhetes desta Loteria, e cada hum tem por divisa huma das ditas combinações.

Nota B Mettem-se na Roda da Fortuna os ditos 50 numeros; e extrahem-se sómente cinco, que se vão escrevendo pela ordem da extracção.

Tem premio os Bilhetes, cujos tres, dous, ou sómente hum numero acertar com algum dos cinco extrahidos: são brancos os Bilhetes, em que nenhum dos tres numeros da divisa acertar com os cinco extrahidos.

Sendo 10 as combinações distinctas dos ditos 5 numeros, tomados tres a tres, haverá Bilhetes com premio por acertarem tres numeros	10	
Sendo tambem 10 as combinações distinctas dos ditos 5 numeros, tomados dous a dous, e sendo 45 os numeros não extrahidos, será 10×45 o numero de Bilhetes com premio por acertarem dous numeros	450	
Sendo 990 as combinações distinctas dos 45 numeros, tomados dous a dous, será 990×5 o numero de Bilhetes com premio por acertarem hum só numero dos 5 extrahidos - - - - - - - - - - - -	4.950	
	5.410	pretos
Sendo 14.190 as combinações distinctas dos 45 numeros não extrahidos, tomados tres a tres, será o numero de Bilhetes, em que nenhum dos tres numeros da divisa acerta com os cinco ditos; isto he Bilhetes sem premio, ou brancos - - - - - - - - - - - - - -	14.190	brancos
cuja somma -	19.600	

he precisamente a mesma, que se acha para as combinações distinctas dos 50 numeros tres a tres, como deve ser.

Sup-

Supponhamos com effeito huma Loteria, cujo numero de Bilhetes seja 19.600 a 10$000 rs. cada hum; teremos 196:000$000 rs. para distribuir em premios. Esta distribuição podendo ser de differentes maneiras, vejamos o Plano, ou typo d'huma, que póde servir de governo para quaesquer outras, que melhor pareção &c.

Acertando	Premios	cada hum	todos
Hum só numero:			
(o primeiro), ou (o segundo), ou (o terceiro) (a) - - ,,	2.970	20$000 rs.	59:400$000 rs.
(o quarto), ou (o quinto) - - - - - - - - - - ,,	1.980	30$000	59:400$000
Dous numeros:			
(o 1.°, e 2.°), ou (o 1.°, e 3.°), ou (o 1.°, e 4.°), ou (o 1.°, e 5.°) - - - - - - - - - - - - ,,	180	40$000	7:200$000
(2.°, e 3.°), ou (2.°, e 4.°), ou (2.°, e 5.°), ou (3.°, e 4.°) ,,	180	50$000	9:000$000
(3.°, e 5.°), ou (4.°, e 5.°) (b) - - - - - - - - ,,	90	100$000	9:000$000
Tres numeros:			
(1.°, 2.°, e 3.°), ou (1.°, 2.°, e 4.°), ou (1.°, 2.°, e 5.°), ou (1.°, 3.°, e 4.°) - - - - - - - - - - ,,	4	1:000$000	4:000$000
(1.°, 3.°, e 5.°), ou (1.°, 4.°, e 5.°), ou (2.°, 3.°, e 4.°) ,,	3	4:000$000	12:000$000
(2.°, 3.°, e 5.°) (c) - - - - - - - - - - - ,,	1	8:000$000	8:000$000
(2.°, 4.°, e 5.°) - - - - - - - - - - - - - ,,	1	12:000$000	12:000$000
(3.°, 4.°, e 5.°) - - - - - - - - - - - - - ,,	1	16:000$000	16:000$000
Somma Premios	5.410		196:000$000
Brancos	14.190		
Total	19.600	que a 10$000 rs. dão	

Supponhamos feita huma Loteria pela fórma sobredita, e que no dia da extracção tenhão sahido os cinco numeros seguintes

Primeiro n.°	Segundo n.°	Terceiro n.°	Quarto n.°	Quinto n.°
15	4	33	10	6

Quer-se saber que premio terão os Bilhetes, cujas divisas forem as seguintes, pela distribuição acima:

(8 - 20 - 33) está no caso (*a*); e tem de premio 20$000 rs., por ter acertado o 3.° n.° extrahido » 33.

(2 - 6 - 10) está no caso (*b*); e tem de premio 100$000 rs., por ter acertado o 4.°, e 5.° n.os extrahidos » 10 e 6.

(4 - 6 - 33) está no caso (*c*); e tem de prem. 8:000$000 rs., por ter acertado tres numeros extrahidos 2.°, 3.°, e 5.° » 4, 33, e 6.

(9 - 17 - 44)
(18 - 25 - 32) } brancos, por não terem acertado n.° algum.

Nota (*A*). *Combinações distinctas* são aquellas em que os numeros combinados são todos differentes; por exemplo (2 - 5 - 6), (3 - 14 - 25), (10 - 20 - 30) &c.: aquellas porém em que algum numero se acha repetido, como (2 - 2 - 5), (2 - 5 - 5), (2 - 2 - 2) &c. não são *distinctas*, nem entrão no plano desta Loteria. Os 50 numeros que nella se empregão para formar as divisas dos Bilhetes são 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50. O numero das combinações distinctas de quaesquer quantidades dadas acha-se *multiplicando o numero dellas successivamente pelos dous numeros immediatamente menores, e tomando a sexta parte do producto*; assim 50, multiplicado por 49, dá 2.450, que, multiplicado por 48, dá 117.600, cuja sexta parte he 19.600, igual ao numero das combinações distinctas dos ditos 50 numeros, tomados tres a tres. Para achar as ditas combinações, que hão de servir para as divisas dos Bilhetes, procede-se como segue:

(1, 2, 3), (1, 2, 4), (1, 2, 5) &c. até chegar a (1, 2, 50)
(1, 3, 4), (1, 3, 5), (1, 3, 6) &c. até chegar a (1, 3, 50)
(1, 4, 5), (1, 4, 6), (1, 4, 7) &c. até chegar a (1, 4, 50)
e continuando a proceder do mesmo modo, chega-se a - - - - - - - - - - - - - - (1, 49, 50)

is-

isto feito, passa-se ás Series que principião por 2, que são (2, 3, 4), (2, 3, 5), (2, 3, 6) &c. até chegar a (2, 3, 50) (2, 4, 5), (2, 4, 6), (2, 4, 7) &c. até chegar a (2, 4, 50) (2, 5, 6), (2, 5, 7), (2, 5, 8) &c. até chegar a (2, 5, 50) e assim se vão achando as Series seguintes, que principião por 3, 4, 5, 6, 7 &c. até que finalmente se chega á ultima que não consta senão de huma combinação que he (48, 49, 50).

Nota (*B*) A Roda da Fortuna deve ser feita de modo que se possa abrir, para o Publico ver que antes de principiar a extracção ella nada tem dentro: deve ter na circumferencia huma portinhola, por onde possa caber o braço de quem ha de extrahir os numeros: e deve poder-se revolver á roda de hum eixo, para se misturarem os numeros. Cada numero deve estar escripto n' hum pequeno papel, e com letras sufficientemente grandes, para se verem e conhecerem pela maior parte dos espectadores. Quando se principia a Loteria, fecha-se a *roda*, deixando sómente aberta a portinhola: por esta se vão deitando hum a hum os 50 numeros, tendo o cuidado de os mostrar ao Publico antes de se lançarem nella. Lançados na *roda* os 50 numeros, fecha-se a portinhola, e revolve-se a *roda* para se baralharem bem as sortes. Na parede fronteira aos espectadores deve haver huma taboa sufficientemente larga, e comprida, pintada de preto, para nella se pintarem brancos os numeros á maneira que se vão extrahindo: a grandeza e grossura delles será a que convier para poderem ser percebidos por todo o auditorio: a figura seguinte he a da dita taboa.

Lisboa » anno » mez » dia » hora				
Numeros extrahidos.				
Primeiro	Segundo	Terceiro	Quarto	Quinto
(*a*)	(*b*)	(*c*)	(*d*)	(*e*)

Ti-

Tirado o primeiro numero, mostra-se ao Publico, pinta-se em (*a*), e fexa-se a portinhola para de novo se revolver a *roda*: tirado o segundo numero pinta-se em (*b*) &c.: e assim dos mais, que se escreveráõ pela ordem dos extractos em (*c*), (*d*), (*e*).

Observação.

Na presente Loteria tudo he demostrado ao Publico, que vê 1.° a *roda* sem nada; 2.° que se lhe deitão dentro hum a hum os numeros 1, 2, 3, ... 50; 3.° vê logo ao extrahir quaes são os cinco numeros que sahem; 4.° extrahidos estes, podem contar-se os que ficão extrahindo-os todos hum a hum, e (sem os abrir) contando 1, 2, 3, ... até 45: e depois abrindo a *roda*, o que fórma huma especie de prova. He pois de crer que o Publico abrace antes esta Loteria; e isto não só pelas fortes razões ditas, mas tambem pela brevidade com que em duas horas, quando muito, se sabe logo quaes são os Bilhetes que tem premio.

NOTA.

As Taboas do Nonagesimo *tinhão começado a imprimir-se, em outra Collecção Academica, ainda em vida de seu Auctor, o qual faleceo em 7 de Abril de* 1814: *e como se desencaminhasse o Original das ultimas tres Taboas, estas forão suppridas para a presente edição pelo Correspondente da Academia, e Irmão do Auctor*, Paulo José Maria Ciera. *E este tambem communicou á Academia o manuscrito autographo do* Plano de Extracção de Loterias.

ME.

MEMORIAS
DOS
CORRESPONDENTES.

29 MAR

EXTRACTO DE HUMA MEMORIA

Sobre o estado da Agricultura da Comarca de Caſtellobranco.

Por João de Macedo Pereira da Guerra Forjaz.

A Comarca de Caſtellobranco sendo huma das melhores da Provincia da Beira, e de que os Romanos fazião todo o apreço, não só pelos immensos gados que nella paſtoravão, principalmente nos bellos e dilatados campos da antiga e famosa Cidade de Idanha a velha (1), mas pelos viveres de que abundava, e preciosos metaes que della extrahião; se vê hoje aniquilada, e os seus habitantes reduzidos a summa indigencia, ainda mesmo das cousas de primeira neceſſidade, do que depende sem duvida a sua falta de população.

Por huma consequencia immediata o eſtado da sua Agricultura merece hoje em dia muito pouca attenção: ella se limita unicamente á sementeira d'hum pouco de centeio, cevada, e trigo, e isso mal cultivado; o que faz, que não obſtante serem as terras de boa qualidade, não dem tanto como darião se fossem bem preparadas e agricultadas: parece por conseguinte cousa inutil calcular quaes sejão as suas producções, e que será mais interessante indagar as causas que produzem eſta decadencia.

(1) A Idanha a velha, chamada n'outro tempo *Egitania* ou *Egiditania*, foi Cidade grande no tempo dos Romanos, e huma das mais ricas e populosas das Hespanhas, como ainda hoje moſtrão muitas Inscripções e Monumentos antigos, que se encontrão nas suas ruinas. Actualmente não excede a sua população a vinte visinhos. Veja-se sobre eſte assumpto a *Monarquia Lusitana*; a *Corografia Portugueza*, e as *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Bispado da Guarda* de Manoel Pereira da Silva Leal, &c.

Causas que impedem directamente a Agricultura de Caſtello-branco.

A primeira e principal dellas he sem duvida o deſtructivo, e muito prejudicial abuso dos Paſtos communs e Baldios, e a prohibição dos Tapumes. A segunda a de não usarem de outras sementeiras, senão das do pão de pragana acima dito. A terceira os Pousios das terras. A quarta os muito gados, principalmente Vacum e Caprino, em que até agora tem fundado as suas principaes riquezas. A quinta o nenhum cuidado no arvoredo.

Primeira causa.

Sem nos demorarmos por agora em tratar particularmente dos Baldios, e Communs, nem das divisões que os Economiſtas fazem delles, diremos sómente que se todos são prejudicialissimos aos progressos da Agricultura, como provão a immensidade de Autores que escrevêrão sobre eſta materia, (1) muito mais o são ainda os chamados *Compascuos*, iſto he, os Paſtos communs conſtituidos nas terras dos particulares; pois em toda a parte onde tem sido abolidos, como em Inglaterra, França, Saxonia, Alemanha, Suecia, Dinamarca, e Prussia não só os mesmos particulares, mas tambem a Nação tem reconhecido as maiores vantagens.

Se

(1) Veja-se Rozier no seu *Curso de Agricultura* tom. 3. p. 441 e seguintes *L'Ami des Hommes*, edição de 4.° tom. 5. p. 70. Robinet *Diction. univers.* art. Commune. Smith *Richesse des Nacti.* Camponanes na sua *Educação popular* tom. 4.° p. 72 e 81. *Traité de la Legislation civile et penale* tom. 2.° cap. 6. p. 169 e seguintes. Dikson *Agriculture des Anciens* cap. 38. pag. 324. *Instrucção de S. Magestade Imperial Catharina II. para o novo Codigo de Leis* Cap. 13. pg. 203. e seguintes. *Nouvelle Maison rustique* de Legier. tomo 1.° pg. 899. *Memoria sobre os Tapumes* de Mr. Amoureu pg. 200. *Agricultura completa, e arte de melhorar e tapar as terras*, em Francez tom. 1.° pg. 3. *Tratado pratico e Economico dos Communs.* em toda a obra. *Memorias da Sociedade Economica de Berne.* Filangieri *Sciencia da Legislação.* Otero *De pascuis* S. 1. cap. 21. Duarte Nunes de Oliveira. *Discurso Juridico*, &c.

Se dos Eſtados modernos passarmos aos antigos, veremos que os Egypcios o primeiro e principal Povo daquella Epoca, os Judeos, e poſteriormente os Romanos, não tinhão lei alguma que tal permittisse, e que pelo contrario cada hum era senhor dos seus terrenos em toda a plenitude de Direito, e que ninguem sem crime podia despojallo delles.

A pezar de tudo iſto, introduzio-se entre nós (provavelmente em tempo de continuas guerras, em que a cultura dos campos era incerta, contentando-se os Colonos de tirar os frutos apenas eſtavão maduros) eſte abuso, que não tem lei alguma em que se funde, e contra o qual clama a razão, a juſtiça, e o Direito Social, que neſta parte vão bem de acordo com os principios da Economia Civil.

Com effeito prohibir a hum proprietario que seja senhor dos paſtos das suas terras, que as lavre e semeie quando quizer, e que as tape; prohibir a hum Colono que as defenda da agressão de hum eſtranho, he privallo não só do direito de as desfrutar, mas até de se prevenir contra a usurpação.

Além do que, o homem ama a sua propriedade como hum seguro da sua subsiſtencia, porque vive della; como hum objecto da sua ambição porque manda nella: como hum penhor da sua duração, e se pode assim dizer-se como hum annuncio da sua immortalidade, porque eſtabelece sobre ella a sorte da sua descendencia; por isso eſte amor he olhado como a ſonte de toda a induſtria, e a elle se devem os prodigiosos adiantamentos, que o engenho e trabalho tem feito na arte de cultivar.

Nem eſta influencia se circunscreve á propriedade da terra, eſtende-se tambem á do trabalho. O Colono de hum predio coutado ou tapado, firme nos direitos de proprietario, sente bem todos eſtes eſtimulos; seguro de que só a sua voz he respeitada naquelle recinto, rega-o incessantemente com o seu suor, e a esperança do premio allivia o seu trabalho; tirado hum fruto, prepara a terra para outro;

be-

SEM 05

beneficia-a, alimpa-a, e forçando-a a huma continua germinação, eſtende a sua propriedade mesmo sem alargar os seus limites: he a iſto que principalmente se deve o eſtado florescente da Agricultura nos Paizes que temos indicado.

Seria porém possivel sugeitar o homem a pôr em valor hum terreno, que por ser commum para todos se considera de nenhum? Ha de empregar seus esforços, seus cabedaes, e seus dias em quebrar as penhas, furar os montes, terraplanar os altos, levantar os vales de terras em uso suas, e em effeito alheas? Ha de aventurar o precioso bem da sua vida com as feras, para extinguillas de hum solo, que não he proprio, e de que goza sómente em alguns mezes do anno? Pelo contrario, não seria já tempo de se derrogarem entre nós tão barbaros coſtumes, e de se romperem as cadêas que tanto opprimem a nossa Agricultura, entorpecendo o interesse de seus Agentes? Não seria já tempo de se conhecer que o paſto espontaneo das terras he tambem huma parte da propriedade da mesma terra e do trabalho, e huma porção do producto dos fundos e das fadigas do Colono? Não seria já tempo de se dar por demonſtrado, que os Paizes que mais abundão em Communs são os mais despovoados, dando diſto huma prova tão evidente as dilatadas campinas da Idanha, de Monsanto, do Rosmaninhal, de Monforte, e suas visinhanças, e muitas outras da Provincia do Alémtéjo? (1)

Se-

(1) Nos Territorios de Serpa e Moura abolio-se o uso dos Paſtos communs de todo o genero pela seguinte Provisão. » Dona Maria por Gra» ça de Deos, Rainha de Portugal, &c. Faço saber que sendo me pre» sente em Consulta da Minha Real Junta do Commercio, Agricultura, » Fabricas e Navegação destes Reinos e seus Dominios, as repetidas » queixas dos Lavradores das Villas de Serpa e Moura, e os muitos e » gravissimos inconvenientes, que resultão da abusiva pratica dos Paſ» tos communs ou Compascuos, já por si mesmo abandonada em muitas » terras daquella Comarca e Provincia, como contraria aos direitos do Do» minio e Propriedade, e aos progressos e augmento da Agricultura, e » só introduzida e fomentada pela ambição, e interesse dos Creadores, » que sem terras nem lavoura procurão sustentar os seus gados com os » paſtos alheios á cuſta e com jactura dos Proprietarios e Lavradores; co» mo igualmente as multiplicadas desordens, que nascem dos arraiamen-

Segunda causa.

Não usarem os Lavradores de outro genero de sementeiras que não sejão as de centeio, trigo, e cevada, he a segunda causa da decadencia da Agricultura desta Comarca. Todos sabem que o successivo cultivo de plantas cereaes do mesmo genero enfraquece pouco a pouco os terrenos, e os suja e impossibilita por fim para qualquer cultura: por isso todos os bons Agronomos recommendão a intercalação destas sementeiras com outras de diversos generos; e hoje em dia fazem os Inglezes disso o ponto mais essencial da sua cultura; o que tudo he absolutamente desconhecido neste Districto.

Não aconteceria assim, se ao menos se adoptasse a cultura do milho grosso. No descobrimento da America foi achado este grão como ordinario sustento daquelles povos, e dalli passou para Cadiz, donde hum Portuguez dos campos de Coimbra trouxe menos de hum alqueire delle, que sendo semeado produzio abundantissimamente, e dalli se estendeo a sua cultura por quasi todo o Reino. He certo que a sua producção não he igual em todos os terrenos; mas

» tos das terras de restolhice, que as Cameras e os Juizes de Fora da-
» quellas Villas tem arrogado a si, de que resultão continuadas dissen-
» sões e pleitos: Tendo consideração a todo o referido, e ao mais que me
» constou pelas exactas informações a que Mandei proceder, conforman-
» do-me com o parecer do mesmo Tribunal: Sou servida declarar e ha-
» ver por extincto, cassado, e abolido o abuso dos referidos Pastos com-
» muns, como tambem os arraiamentos das terras de restolhice, pratica-
» dos pelas Cameras, e Juizes de Fora das Villas de Serpa e Moura; Or-
» denando que os Lavradores fiquem integrados no livre uso, fruição e
» dominios das suas terras e paltagens, e que nem as Cameras, nem os
» Juizes de Fora procedão mais aos ditos arraiamentos. E attendendo outro
» sim a que esta minha determinação e providencia, sendo immediatamen-
» te executada, viria a causar grandissimo damno aos Creadores, ficando
» repentinamente privados dos pastos, e sem o tempo necessario de se pro-
» verem por outros meios para a sustentação de seus rebanhos: Hei por
» bem que a sobtedita prohibição só tenha o seu cumprimento e effeito
» passado hum anno depois da data desta. E nesta conformidade o man-
» do a todas as Justiças, &c. Lisboa aos 17 de Agosto de 1793. . . . . .

mas nos que são sufficientemente humidos, e nos em que he ajudado do calor até a sua devida madureza, dá huma colheita, que ás vezes excede toda a expectação, como ha poucos annos succedeo em Silvares, Termo do Fundão, onde hum Lodeiro junto ao rio Zezere, semeado com hum alqueire de milho, produzio duzentos alqueires. (1)

As margens dos rios Ponsul, e Ouravil desta Comarca tem Lodeiros da mesma natureza, que poderião ser as terras mais productivas de Portugal, pelos muitos nateiros que nelles ficão, pelos estrumes dos immensos gados que pastão nos montes, das suas visinhanças, e até pelos destroços dos vegetaes que descem dos mesmos montes, carreados pelas chuvas. Nestes lugares, e em muitos valles condenados agora a huma perpetua esterilidade, produziria o milho abundantissimas colheitas, e não se verião os povos na precisão de hir buscallo aos Lugares das faldas da Serra da Estrella, onde os seus moradores, mais agronomos, e menos indolentes, procurão no cultivo do milho, batatas, e outros artigos, com que satisfazer as suas necessidades, e acudir ás dos seus deleixados visinhos.

Ter-

(1) Poderiammos citar outros exemplos da ferrilidade de muitos terrenos desta Comarca; e não passaremos em silencio, que os Povos de Monforte da Beira, e Malpica, temendo expôr as suas searas á destruição do inimigo commum, procurarão ha dous annos hum abrigo entre o Téjo e Ouravil, no monte da Cubeira e suas visinhanças, Termo do Rosmaninhal; e alli fizerão as suas roças, semeárão trigo, centeio, e cevada, muita parte com o sacho e enxada, e foi tal a producção, que o menos que tiverão foi quinze por hum. No segundo anno tornárão a semear as mesmas terras e produzirão a vinte e a vinte e dous, e alguns mais curiosos tiverão huma boa producção de baratas e de muitos outros legumes; sendo tão ferril o terreno, que nascendo por acaso junto a huma das Cabanas huma pevide de Melancia, criou o pé sem cultura alguma doze Melancias grandes e dezaseis mais pequenas. Hum exemplo domestico me faz ver hum Carapreiro, que no mesmo anno em que foi enxerrado produzio cinco Maçans, das quaes se colhêrão tres bem sazonadas e perfeitas.

Terceira causa.

O Pouzio dos campos he sem a menor duvida outra das principaes causas da decadencia da Agricultura deſta Provincia; não sendo até agora licito a pessoa alguma semear a sua terra, sem ser na Folha determinada: assim ficão bons terrenos muitos annos de relva, e ha outros que nunca se cultivão; por isso como ha de o Proprietario fazer caso de hum terreno, que ou nunca se agricultа, ou quando muito produz de dez a dez annos, de vinte a vinte annos; não sendo então senhor de outra cousa senão de huma modica porção de centeio e trigo, que nelle colhe?

Eſte descanço que se dá as terras provêm talvez em parte de hum principio geralmente adoptado, de que as terras já não são o que forão, e se achão quasi de todo exhauſtas: mas já Columella combatendo eſte mesmo erro, dizia » que o Autor da Natureza communicou á terra hu» ma fecundidade perpetua; pois tendo delle recebido hu» ma mocidade divina e eterna, que a fez appellidar Mãi » commum de todos, porque ella nos tem nutrido do seu » seio, e nutrirá sempre quanto subsiſte; não ha que te» mer que caia em caducidade, nem na velhice propria » do homem. Não he pois á intemperie do ar, nem aos » annos que se deve attribuir a eſterilidade dos terrenos, » mas unicamente ao despreso e negligencia que se tem » com elles. &c.

Venha porém daqui ou de outro qualquer motivo eſte abuso dos Pouzios, já desconhecidos na Inglaterra, porém praticados ainda na Hespanha e Portugal; he notavel que usando-se em algumas outras partes do nosso Reino por desleixo e incuria dos particulares, aqui seja por necessidade e obrigação. E não he iſto lezar ao Proprietario nos seus mais sagrados Direitos, impedindo-o não só de trabalhar as suas terras segundo a sua vontade, e a seu modo, mas ainda de ser senhor de todo o seu producto?

Em quanto se permite a observancia de humas praticas tão alhêas de toda a equidade e juſtiça, o que se pode esperar da cultura deſte Diſtrito? Não seria occasião de attender aos clamores de tantos Agronomos que se tem reunido contra o mais funeſto de todos os syſtemas de cultura? ..... Porém parece que o nosso seculo he cégo, e que he o mesmo que o Profeta tinha em viſta quando exclamava *Depopulata est Regio, luxit humus, quoniam devastatum est triticum, confusum est vinum, elanguit oleum.*

Quarta causa.

Os muitos gados, principalmente Vacum e Caprino, em que até agora os indolentes moradores deſta Comarca tem fundado a maior Parte das suas riquezas, e os quaes são criados sómente nos Paſtos communs, e nunca á mangedoira, como recommendão os mais habeis Agronomos, he tambem outra causa da decadencia da Agricultura neſte Diſtricto; porque confiados no pingue redito do seu producto, abandonão por ella a cultura das terras; e como aonde se cria muito gado, diz hum grande Autor, sempre se cria pouca gente, daqui procede tambem a sua depopulação. Igualmente se enganão eſtes povos quando pertendem com os Paſtos communs segurar a multiplicação dos gados, porque os mesmos Communs reduzidos a propriedades particulares, tapados e lavrados poderião sem hesitação ſuſtentar maior numero delle. Ainda porém que a asserção contraria fosse verdadeira, não he mais rica e poderosa a Nação que abunda em homens e fructos, do que em animaes?

Os Egypcios, por eſtes ou semelhantes motivos, detestavão os Paſtores de Ovelhas, e os fazião expatriar de algumas Provincias. (1) Huma providencia tão rigorosa não deve servir de exemplo para se imitar: a Agricultura tem necessidade de gados, mas a multidão deſtes, pricipalmente sen-

(1) *Detestantur Ægyptii omnes pastores ovium.* Genes. Cap. 46.

sendo sustentada sómente nos Pastos communs, nunca poderá dar ganho nem interesse consideravel.

Quinta causa.

Outro singular abuso que ha nesta Comarca, e principalmente em Monforte da Beira, he que produzindo espontaneamente as suas terras immensas arvores de sobro e azinho, usão dellas em commum, ainda mesmo que se achem nas terras dos particulares; e como assim ninguem toma privativamente interesse na sua conservação, soccede que ainda aquellas que escapão ao fogo, e á fouce roçadoura as decotão todos os annos para darem a rama aos bois, e outros gados, e deste modo nunca chegão a prosperar: podendo pois ser incalculavel o seu producto, torna-se por estas causas totalmente nullo, sem bastarem providencias nenhumas para impedir esta desordem. (1)

Quaesquer que sejão as razões em que ella se funde, não podem deixar de ser totalmente futeis. As Arvores em lugar de prejudicarem a Lavoura fornecem meios para o seu adiantamento, não só pela madeira que dão para os seus utensilios, mas pela folha, que cahindo e apodrecendo no chão, faz engrossar as terras, produzindo o *humus* ou terra vegetal: a mesma Arvore que secou e apodreceo em hum lugar, dá mais sustancia ao terreno do que este lhe havia subministrado em quanto viva: vejão-se as bellas experiencias de Mr. Hales na sua *Statica dos Vegetaes*, a Mr. Duhamel, e a Memoria do Sr. Constantino Botelho entre as

(1) Por huma ordem da Intendencia Geral da Policia datada de 27 de Maio de 1780 se mandão resalvar estas arvores, e enxertar tambem os zambugeiros, de que abunda o Paiz. Mas estas providentes determinações, os Acordãos da Camera de Castello-branco, tomados em virtude dellas, e até os Avisos Regios de 6 de Maio de 1803, e 15 de Junho do mesmo anno sobre este objecto, tem sempre ficado inuteis, prevalecendo o detestavel erro de se desfrutarem em commum semelhantes arvores, quando ellas por todo o direito pertencem aos proprietarios dos terrenos em que se crião.

de Agricultura premiadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, tom. I. pag. 241.

Mas independente deſtas utilidades geraes, os sobros em particular tem outras em o seu mesmo fructo, que não são de pouca monta. Os mais habeis Agricultores do Paiz convem em que he mais util alimpar hum chaparro de sobro, do que plantar huma oliveira ou limpar huma azinheira. O sobro produz nos ramos exteriores a bolota temporã, e nos interiores outra mais serodia, que por vir no tempo das geadas faz engordar o gado: além disso, he arvore maior do que as azinhiras; e algumas tem aqui produzido hum moio de lande.

Com eſta lande ou crua, ou secando-a á maneira de castanha, se poderião crear muitos Porcos, principalmente nos limites de Monforte, cujos campos, que tem dez legoas de circunferencia, produzem quantidade de sovereiros. Que utilidades resultarião áquelle povo se não só eſtes, mas tambem os earvalhos que alli abundão, se resalvassem e guardassem? Que cumulo de riquezas lhes não darião não só o fruto, mas as suas madeiras, (1) e cortiça, que hum dia podem vir pelo Téjo de Malpica a Abrantes, e dahi para eſta Cidade. Eſte seria sem duvida hum dos melhores ramos da Agricultura e Commercio de huma porção deſte Paiz tambem pelas carnes de Porco, de que então poderia fazer abundar a Capital.

Meios de remediar estes males.

Como não baſta indicar os abusos, pareceo-nos conveniente propôr os meios para elles se extinguirem, que a nosso ver são os seguintes.

1.°

(1) A pezar das Leis que prohibem cortar arvores, e chaparros de sobro e azinho dez leguas em diſtancia do Téjo, cada vez o Arvoredo vai sendo mais raro. Nenhum Lavrador devia cortar Arvore sem plantar primeiro oito ou dez. As Arvores dão frescura e abrigo nos terrenos seccos, ajudão a esgotar a terra nos terrenos humidos, e tem muitas outras vantagens; sendo certo que huma Povoação falta de madeira he summamente incómmoda.

1.° Determinar que não haja impedimento algum para se tapar qualquer porção de terreno que se quizer; fazendo que esta providencia, que já se tem dado para algumas propriedades em particular (1), se generalise por todas.

2.° Repartir os Baldios, e promover tanto nelles como nos outros terrenos toda a qualidade de cultura, de que logo mostrarei que a terra he susceptivel.

3.° Fazer com que os Lavradores tenhão mais instrucção, pois a falta actual de producções depende tambem muito de não serem as terras bem lavradas, sendo os arados ruins, arranhando a relha mal á superficie da terra, e fazendo-se todos os outros trabalhos imperfeita, e imcompetentemente; pois nem sabem adubar, nem fazer estrumeiras, apezar de terem tantos matos, e tão proximos ás suas Povoações, deixando até perder a palha nas eiras, sem della se servirem para cousa alguma.

4.° Introduzir novas especies de trigo, como por exemplo, o Tremez, que aqui não he conhecido. Introduzir tambem a cultura do milho e feijão, que como dissemos, seria em lugares tão vantajosa, principalmente sabendo aproveitar as agoas que lhes deo a natureza, e fazendo Lodeiros junto dos rios e ribeiras, de que abunda o Paiz.

5.° Fazer vir de fora, ou mesmo de dentro do Reino, alguns Colonos, que ensinassem aquelles povos, que não tem outras idéas mais que as da sua pratica, dando-lhes Baldios para poderem cultivar, e obrigando mesmo os Proprietarios ricos a afforar-lhes algumas terras que não podessem agricultar: methodos que os Authores economicos tanto recommendão, e que reputamos hum dos mais poderosos meios para adiantar nesta Comarca, e em outras do Reino, os progressos da Agricultura.

6.°

(2) Assim por exemplo obteve o Coronel Francisco de Albuquerque Pinto Maldonado e Castro, huma Provisão para poder tapar humas terras no sitio da Rebouça, limite de Castello-branco; e sendo-lhe embaraçado o cumprimento desta, decidio-se com tudo a final, que tivesse o seu devido effeito.

6.° Prohibir que as Arvores dos particulares se não desfrutem como propriedade publica, antes que eſtes as possuão em dominio pleno; pois eſta liberdade fará despertar os interesses dos mesmos proprietarios, e reſtabelecer a actividade que tem amortecido os referidos abusos, soffrendo no seu Arvoredo a escravidão, que os sugeita ao arbitrio alheio.

7.° Fazer que se enxertem os immensos zambujos (1) e pereiras bravas, de que eſte Paiz he abundantissimo, havendo principalmente junto ao Rosmaninhal legoas de terrenos, que não tem outro mato senão de Catapreiro, com que eſte Paiz, actualmente eſteril, podia vir a ser com pouco cuſto hum dos mais fructiferos da Beira, como tenho já principiado a moſtrar praticamente.

De outros generos de cultura que se podião estabelecer nesta Comarca.

Além das providencias que acabamos de porpôr, seria muito conveniente introduzir diversos generos de cultura além dos actuaes que eſtão em uso. Nós já fallámos no milho; mas ha muitos outros que prosperarião do mesmo modo; taes são os seguintes.

1.° As Amoreiras, para cuja cultura o Paiz he muito proprio principalmente nos grandes e dilatados Diſtrictos de Idanha a nova, e velha, Monsanto, e Monforte; assim como tambem para a criação dos bichos de seda, que se ultima aqui em muito menos tempo do que n'outras partes, como muitas vezes tenho experimentado; e sendo a seda que produzem mais fina e melhor, he para laſtimar que eſta cultura se não generalize mais, e que as mulheres muitas ve-

zes

(1) Ninguem hoje duvida que os zambugeiros enxertados dáo as melhores oliveiras. Não só por elles se utilizão as proprias penhas, pois entre ellas nascem e se criáo; mas até arrancando-se com as raizes podem ser transplantados. O grande olival que S. A. tem na granja de Castello branco, quasi todo he de zambujos arrancados nas coſtas do Tejo, Ouravil e outros lugares do Diſtricto de Monforte.

zes ociosas se não fação entreter neste importante ramo de industria.

2.° Os Pinheiros, para o que ha as terras mais proprias e bellas, sendo os poucos que ha de tão boa qualidade, que a sua madeira não sente a mesma corrupção que costuma ter nos outros Paizes do Reino, antes permanece tão duravel e incorruptivel como a de Castanho.

3.° A Vinha, e Pomares, de que podia ser abundante, pois segundo o Licenciado Jacintho Arias de Quintanaduenas, (que escreveo as Antiguidades de Alcantara, donde era natural e onde viveo sempre, o que influe bastante em a sua veracidade) as margem do Téjo até Portugal estavão já todas plantadas de Vinhas, Olivaes, e Pomares; sendo o vinho tal que hia para Flandes, e para o Imperador Carlos V. estando em Juste, e achando-se agora quasi de todo anniquilado, por causa, (diz elle) dos Communs, que fizerão destruir tudo.

4.° As Batatas, vegetal o mais interessante que conhecemos pela abundancia da sua producção, por se dar na maior parte dos terrenos, e pelos multiplicados usos, em que podem empregar-se. Nesta Comarca produzem ellas magnificamente, e no Lugar de Malpica, á força de persuações do Parocho, se tem augmentado já a sua cultura. Este anno recolhi eu de quinze alqueires de semeadura, quatro moios, e espero para o seguinte, tendo semeado sessenta alqueires, ser igualmente bem succedido (1).

5° O Linho Gallego. O pouco Linho que até agora se tem cultivado he o chamado Mourisco, persuadidos os Lavradores de que por falta de agoa se não podia cultivar outro.

(1) Entre os usos das Baratas hum dos mais interessantes he fazer-se dellas muito bom pão. Este anno fiz cozer algumas, e cortando-as depois em pequenas talhadas as sequei ao Sol; e estando já seccas moi-as em hum moinho de centeio: posso segurar que juntando a esta farinha outra igual porção de trigo, deo hum pão excellente. Na Obra de Mr. Marshal, intitulada *Agricultura pratica da Inglaterra* tom. 2.° da Traducção Franceza, pg. 364. descreve-se hum methodo para este vegetal supprir o Sabão, que não me lembro ter lido em outro algum Autor.

tro. Eu fiz semear em Monforte o Gallego, mais cedo do que se coſtuma nos lugares regadios, e prosperou tão bem, que já hoje eſtá eſta cultura em grande augmento.

Causas que embaração indirectamente os progressos da Agricultura nesta Comarca.

Tendo até aqui demonſtrado as causas que directamente impedem os progressos da Agricultura na Comarca de Caſtellobranco, só me reſta mencionar os que lhe obſtão indirectamente, iſto he, aquelles que embaração a livre circulação das suas producções.

He tão evidente e reconhecida a importancia das communicações interiores, que segundo diz Bielfeld (1) não ha prova mais evidente do atrazamento ou decadencia de huma Nação, do que acharem-se os seus caminhos impraticaveis e deſtruidos. Entre nós ha muitos terrenos inuteis, porque se não sabe delles; são tão desconhecidos como as Terras Auſtraes. Hum grande caminho que atravessa hum Paiz he hum raio de luz, que o esclarece em toda a sua extensão.

O nosso Governo convencido deſta verdade algumas providencias tem dado para a conſtrucção de novas eſtradas; sem embargo do que na maior parte do Reino, principalmente na Beira baxa, são ellas tão ruins, que nem ainda acavallo se podem transitar. Seria pois da maior utilidade que se fizessem capazes, muito principalmente as de Abrantes a Villa velha, e para o Fundão, e Covilhã, e outras, por meio das quaes se communicassem os povos dalém da Serra da Eſtrella, e com muita especialidade a eſtrada da Serra do Assor e Manteigas; sendo a primeira assim mesmo como eſtá (feita ha annos por alguns visinhos da mesma Serra) a que fornece incessantemente viveres aos povos deſta Comarca; e iſto não só dos generos daquelle Paiz, mas muito principalmente daquelles, que vem de Avei-

(1) Vid. Bielfeld. *Institutions Politiques* tom. I. Cap. 5. pg. §. XLIII.

Aveiro, e da Figueira, embarcados pelo Mondego até a Foz d'Alva.

He certo que obras deſta natureza exigem fundos muito consideraveis; redundando porém ellas em utilidade e proveito não só do Eſtado, mas tambem dos individuos particulares, he indubitavel que para supplemento das rendas publicas se deve exigir o trabalho, e concurso deſtes mesmos individuos; o que sendo feito sem diſtincção de pessoas, e dirigido por homens capazes, em quem os Povos confiem, não póde ser de grande pezo, principalmente attendendo á felicidade que promettem para as gerações futuras.

Não poucos Authores lembrando-se do que fez Alexandre, Sylla, Cesar, e muitos Principes modernos, querião que eſtes trabalhos em tempo de paz fossem feitos pelos Soldados. Alguns Eſtados, principalmente a Suecia, ganhárão consideravelmente com eſta singular providencia; e se ella em tempo opportuno se adoptasse em Portugal, que emprezas se não terião podido conseguir com tão poderoso auxilio! Quanto não teria crescido a Agricultura e o Commercio por hum meio tão suave! E a que ponto por conseguinte não teria já hoje subido a força do Eſtado!

Igualmente interessantes que as communicações terrestres são as maritimas, e neſta parte de Portugal regada pelo rio Téjo, podia elle dar vantagens muito consideraveis, sendo a sua navegação mais extensa do que he actualmente. A eſte respeito propuz ao Governo deſtes Reinos hum Plano, que foi adoptado pela Portaria de 6 de Abril de 1812, (1) e já acompanhado de meus filhos fiz a navega-

(1) » O Principe Regente Nosso Senhor attendendo á representação » de João de Macedo Pereira da Guerra Forjaz, que a beneficio dos trans- » portes, e do Publico pertende desembaraçar á sua cuſta a navegação » do Tejo até o Porto de Malpica, e ainda mais adiante se for possivel: » Manda que elle possa fazer á sua cuſta todas as obras que forem in- » dispenssaveis para facilitar a dita navegação. E ordena que todos os Mi- » niſtros, e mais Juſtiças do diſtricto, o auxiliem com a sua jurisdicção » a fim de se conseguir tão util e importante objecto. E para que as mes- » mas obras sejão feitas com a devida regularidade, e sem prejuiso de

ção deſta Cidade até ao porto de Malpica, e deſte por tres vezes ao de Villa velha de Rodão, fazendo subir d'hum a outro porto hum barco carregado de milho para a Tropa: por isso não acho difficuldade em que se possa navegar de Inverno, e mesmo na Primavera até ao dito porto de Malpica, desfeitos alguns obſtaculos que ainda occorrem.

Eſte Rio já noutro tempo foi navegavel até muito mais acima: José Antonio Benqueri na bella traducção que fez da Agricultura do Arabe Abu Zacaria Aben Ahmed em 1802, obra bem digna de ler-se, affirma assim como muitos Authores, que antigamente hião os barcos de Toledo para Lisboa, e vice versa: hoje porém seria iſto hum impossivel, porque o Téjo já não eſtá como no tempo de Carlos I. Rei de Hespanha, e de seu Auguſto Filho, que foi quando se promoveo com mais calor a navegação dos Rios Guadalquivir, do Téjo, do Ebro, e dos canaes do Xarrama e Manzanares; (1) e por isso julgo, que o projecto da navegação para cima de Malpica seria além de inutil, extremamente difficultoso, como o poderia demonſtrar sendo necessario.

Ou-

» terceiro, Ordena que o Engenheiro Anaſtasio Joaquim Rodrigues as re-
» gule, e dirija de acordo com o referido João de Macedo Pereira da
» Guerra Forjaz, ao qual permitte por tres annos, tres Barcos privativos
» para seu uso e serviço, que possão navegar de Abrantes até o dito
» porto de Malpica, livres de todos e quaesquer embargos, e embaraços
» em compensação da despeza que fizer. O Intendente Geral da Policia
» mande passar as Ordens necessarias, ficando na intelligencia de que pe-
» la Repartição dos Negocios da Guerra se expede a que respeita ao dito
» Engenheiro. Palacio do Governo em seis de Abril de mil oitocentos e
» doze. = Com a Rubrica dos Governadores do Reino =

(1) Foi neſta mesma época que o célebre Engenheiro João Baptiſta Antonelli escreveo de Thomar huma Carta a Fillipe II. offerecendo-se a franquear a navegação interior de toda a Hespanha. Veja-se eſta Carta nas Obras de D. Benito Baile. *Elementos de Mathematica*, tom. 9.º pg. 2. Vejão-se tambem sobre a navegação do Téjo as Cartas do erudito Jesuita André Barriel, publicadas por D. Antonio Valladares, em huma escrita a D. Carlos de Simon Pontero em 19 de Setembro de 1785, digna na verdade de ler-se, por dar a hiſtoria circunſtanciada da navegação daquelle famoso Rio.

Outro Rio de cuja navegação eſta parte da Provincia receberia grande beneficio he o Zezere. Eſte célebre Rio, que tem a sua origem na Serra da Eſtrella no sitio onde chamão os Cantaros, em que tambem nascem o Mondego e Alva, já se navega huma legoa para sima de Punhete, e ainda se poderia subir até junto de Dornes, onde eſtá situada a Fabrica de Ferro, a hum porto que os nacionaes chamão a Machuca; ſegundo atteſtão os Engenheiros que ha annos forão mandados para eſte fim: o que seria huma das obras mais proficuas e vantajosas para huma grande parte das Provincias da Beira, e Eſtremadura, e até para as conduções dos Exercitos, por ser a eſtrada melhor e mais abreviada para eſtes pontos. Feitas eſtas duas obras ver-ſe-hia renascer a actividade, animada pela circulação e consumo dos generos, augmentar-se-hia a povoação, e abrir-se-hião as fontes da riqueza em grandes territorios, que podendo ser os mais ferteis, são os mais despovoados e incultos de Portugal.

De varias preciosidades deste Terreno.

Não he porem sómente dos frucos da Agricultura que eſte Terreno poderia tirar riquezas consideraveis, outras tem elle escondidas dentro do seu seio, nas preciosas minas de que abunda, sendo a principal dellas a de Ouro do Rosmaninhal. Junto a eſta Villa, huma das mais antigas da Comarca, ha huma terra a que os moradores chamão a Folha do ouro, a qual já mais se agricultа, sem que se encontrem algumas folhetas deſte metal; e ha poucos annos hum Paſtor de Monforte descobrio huma que eu vi, e que pezava huma oitava, sendo certo que tem apparecido de muito maior pezo. Eſta mina não sei que fosse ainda ensayada, mas o seu ouro he puriſſimo, e de mais quilates que algum do Brasil; o que tudo faria a sua extracção summamente vantajosa.

Após eſta mina do Rosmaninhal segue-se a de S. Miguel de Axa, conhecida ha baſtantes tempos; fez-se já hu-

ma tentativa para se extrahir a Prata, que ella contém em grande abundancia, a qual com tudo não foi avante talvez por falta de meios dos emprendedores, ou por outros motivos que ignoramos. Além da Prata contêm ella Chumbo, e Zinco, mineraes em que despendemos annualmente grandes sommas, que poderião ficar-se conservando no Paiz.

Do mesmo Chumbo ha tambem em Monforte minas riquissimas; pois segundo o ensayo da que se descobrio no sitio do Pereiral, contêm hum quintal do mineral perto de oitenta arrateis de metal purissimo. Esta mina he tanto mais estimavel, que perto daquelle destricto ha lenha de toda a qualidade, e passa além disso nas visinhanças o Rio Ouravil, que de Inverno he muito abundante d'agoa.

Nas Serras do sobredito Povo de Monforte ha varias minas de Ferro, que sem duvida forão trabalhadas em outros tempos, como se vê pela quantidade de escorias que ainda alli se conservão, e que devêrão ser reconhecidas, porque dão todos os indicios de serem muito abundantes.

Os moradores deste Lugar tem fabulado muito sobre estas minas, affirmando terem sido trabalhadas pelos Mouros: he certo porem que elles não tratárão deste objecto em Portugal, e que os restos de trabalhos, que ainda se observão, datão do tempo dos Romanos, mais industriosos do que os seus successores.

CONCLUSÃO.

SE de quanto até aqui temos dito se colhe por huma parte o infeliz e miseravel estado, em que se acha a Comarca de Castellobranco, conhece-se pela outra que com bastante facilidade ella se poderia tornar rica e respeitavel: acima indicámos os meios de effeituar esta mudança, mas talvez ainda com elles se não alcance o desejado fim, em quanto os nossos Lavradores não adquirirem maior consideração, e não forem tirados do estado, em que hoje tem decahido. Se a antiga Grecia fez Deoses dos seus primeiros Agricul-

cultores, porque razão não serão entre nós tratados ao menos como homens reſpeitaveis? Porque rezão será desconhecido o lugar que lhe compete na Sociedade? O Lavrador he huma das pessoas mais interessantes e necessarias do Eſtado, e sem a qual não pode por modo algum subsiſtir; elle he o chefe dos seu subditos, provê a sua subsiſtencia, occupa-os, mantem-nos em ordem e subordinação, deſtina a cada hum o trabalho que melhor lhe compete, e vella a fim de que sejão executados os seus preceitos, dos quaes depende não só a sua prosperidade, mas tambem a do Paiz.

E que de conhecimentos não necessita elle para desempenhar bem as suas obrigações? Tem que examinar os climas, as differentes especies de terras, de culturas, e de producções, os não valores reaes ou suppoſtos, as suas causas passageiras ou conſtantes, a proporção entre as despezas e os reditos, os preços dos viveres, a sua consummação pronta ou dilatada, os recursos do Paiz, a extensão e qualidade do seu Commercio, as cousas cuja acquisição cuſta menos e produz mais, e huma infinidade de outros objectos, cujo conhecimento requer talentos, inſtrucção, e actividade.

Se os Lavradores fossem olhados debaixo deſte ponto de viſta, e eſtimados á proporção, a sua sorte seria bem diversa; apreciando então o seu eſtado, a sua alma se engrandeceria pelo vigoroso exercicio de todas suas faculdades: depois de terem apropriado a ſi parte dos seus cabedaes, elles conhecerião que a outra parte devia ser deſtribuida a bem da humanidade; elles se animarião a empregar o laborioso Paisano em arrotear novas terras, e farião outras tantas conquiſtas para o Eſtado: augmentada por eſte modo a sua induſtria, o Artiſta acharia meios de se occupar, e os seus visinhos de subsiſtirem; eſte manancial de riquezas nunca se esgota, não causa suſtos nem remorsos, e he o mais digno de huma alma generosa, e que se apraz de fazer o bem dos seus semelhantes.

ME-

MEMORIA

Sobre a descripção, e vantagens de huma cadeira obstetricia da invenção do Professor Stein, *depois reformada, e emendada principalmente pelo Professor* Osiander, *escripta pelo*

D.or JUSTINIANNO DE MELLO FRANCO.

INTRODUCÇÃO.

TOdo o animal busca no afflicto momento do parto hum lugar cómmodo, e huma poſtura adequada á configuração da sua bacia. Os homens porem alterando as leis de seu inſtincto, á medida que aperfeiçoão suas faculdades intelectuaes, tem, segundo o coſtume dos differentes paizes, adoptado varias poſturas, a maior parte das quaes são desarrazoadas, incómmodas, e mesmo damnosas á mãi, e á criança. A situação, que a experiencia nos tem moſtrado, ser a mais conveniente para o bom exito do parto, he a posição, em que as parturientes podem mais cómmodamente fazer os esforços necessarios, e descançar d'elles nos intervallos das dores, iſto he, a poſtura meia deitada, e iſto mais, ou menos segundo as circunſtancias o exigem.

A experiencia, meſtra de todas as cousas, foi com o andar do tempo moſtrando os inconvenientes de varias cadeiras, que diversos Authores inventárão; mas entre todas a que merece a preferencia, he a que tiver as seguintes condições, poſtas em pratica por *Stein*, e *Osiander*, ás quaes (segundo me parece) addicionei algumas, que facilitão muito o seu uso. Deve ter por tanto:

1.° Coſtas moveis, que se possão levantar, e abaixar, segundo a necessidade.

2.°

2.° A maior simplicidade possivel.

3.° Facilidade em se desmanchar, e armar; mas de construcção forte.

4.° A commodidade de transformar-se em huma cama sem grande movimento da parturiente.

5.° A de transportar-se facil, e decentemente.

6.° A de ser finalmente de preço accommodado.

As cadeiras obstetricias de que desde *Voelter* para cá se tem usado, e que elle descreveo em 1679, são as unicas de que desgraçadamente as nossas Parteiras ainda usão, não obstante serem mal construidas, e não preencherem de modo algum os fins para que são feitas; por que tendo as costas quasi perpendiculares, e immoveis, não podem admittir senão huma unica postura das parturientes. He desnecessario trazer aqui a historia das differentes cadeiras, bancos, e leitos obstetricios, que varias Nações tem adoptado. (1)

Só direi, que *Deventer* em 1740 foi o primeiro, que substituio ás cadeiras com costas perpendiculares, e immoveis, outras mais bem construidas, cujas costas se podião abaixar, e por isso prestavão muito mais cómmodo ás parturientes. Esta lembrança de *Deventer* foi melhorada por muitos parteiros, e publicada nas suas obras, ficando porem sempre, como tudo he no principio, muito longe da devida perfeição.

A historia dos melhoramentos desta cadeira obstetricia de *Deventer* nada interessa; e por isso só darei o devido nome de inventor da cadeira obstetricia, que me empenho em descrever, ao celebre Professor *Stein* de *Cassel.* Este grande Parteiro vendo os incommodos, e desastres, que causavão as informes cadeiras obstetricias, e conhecendo quanto seria util huma bem construida, publicou em 1772 hum

(1) *Sieboldii commentatio de cubilibus sedilibus que obstetriciis Gottinga* 1790. Aqui se acha a historia de todas as cadeiras, e leitos obstetricios até o nosso tempo.

hum Opusculo (1), em que descrevia huma de sua invenção, a qual se podia facilmente converter em leito.

Ainda que não tivesse todas as qualidades acima expostas, esta cadeira todavia comprehendia as propriedades essenciaes, hoje levadas a grande perfeição.

Este Opusculo fez-se tão raro, que me não foi possivel alcançar hum só exemplar, nem mesmo o vi na grande Bibliotheca de Gottinga. *Richter*, Professor nesta Universidade, traz hum annuncio na sua *Bibliotheca Chirurgica* vol. 2. caderno 2. pg. 171; e nos *Elementos da arte obstetricia de Plenck* se acha a estampa desta cadeira, ou leito obstetricio.

Todos os Parteiros, e Chirurgiões da maior reputação reconhecêrão a utilidade desta invenção; e rapidamente começou a generalizar-se o seu uso com gramde, e reconhecido proveito da Humanidade (vede Richter no lugar citado).

O Professor *Osiander* discipulo de *Stein*, quando acabou os seus estudos, e voltou para a Suabia, sua patria, levou huma destas cadeiras da invenção de seu Mestre; e tendo-a experimentado por espaço de oito annos na extensa, prática, que o seu grande merecimento lhe proporcionára, como habilissimo Parteiro, insigne Medico, e homem de probidade, tirou sempre della as maiores vantagens; e levado por tanto do bem da Humanidade deo nova descripção da mesma cadeira em 1790 com alguns melhoramentos principalmente na parte economica. Soube além disto de tal modo haver-se com os artifices do seu paiz, que póde offerecer ao publico cadeiras destas completas pelo modico preço de trinta e tres florins do Rheno, ou pouco mais ou menos dez mil trezentos e sessenta réis da nossa moeda. Elle tambem teve o gosto de ver, que apezar da aversão natural do povo a tudo o que he novidade, e que apezar do cégo apego, que tem aos seus costumes, sómente por serem antigos, muitos dos Parteiros, e Partei-

(1) *Kurtze Beschreibung ein neues Geburts Stuhls, ü Bettes Cassel* 1772.

teiras de paizes diſtantes mandárão buscar deſtas cadeiras, que em pouco tempo se espalhárão por todo o Norte.

No anno de 1804 tive o goſto de conhecer, e tratar familiarmente com eſte insigne Parteiro dos nossos tempos, Director, e Lente no Hospital obſtetricio de Gottinga, e meu obsequioso Meſtre. Eſte incançavel, e philantropico homem não perdendo de viſta o adiantamento e perfeição da sua Arte, nunca deixou de reformar, e emendar alguns deſeitos, que a reflectida experiencia lhe hia moſtrando, de sorte que as cadeiras de partos, de que agora usa, differem baſtantemente das de *Stein*, principalmente nos cómmodos, e no modo de usar dellas. Eu fui por mais de quatro annos teſtemunha ocular das commodidades, que ellas procurão ás afflictas parturientes, principalmente nos partos longos, e difficeis. Por isso não posso deixar de laſtimar as minhas compatriotas, vendo-as martyrisar nas cadeiras vulgares de coſtas immoveis, que deverião já ter sido proscriptas por todos os Parteiros, que pertendem merecer eſte nome. Com sincero desejo de lhes ser util, lhes offereço hum importante meio, pelo qual poderáõ suavisar, e supportar com mais cómmodo os trabalhos do afflicto momento a que as deſtinára a Natureza.

Vantagens desta cadeira obstetricia, de que carecem as outras usadas até agora.

ESta cadeira parece ter hoje em dia chegado á sua perfeição (1), pois se acha tão reformada, que nenhuma das partes, que a compõem, he inutil, ou superflua.

Nenhum Parteiro póde ignorar, que he necessario adequar a poſtura da parturiente á diversa inclinação, e con-

(1) Ainda que a cadeira de que aqui trato parecia não dar já lugar a melhoramentos, com tudo as mudanças que lhe fiz, e que occorrêrão ao pôr em prática a sua conſtrucção, senão são de essencial proveito em quanto ao uso della nos partos, a fazem de certo muito mais simples, e consideravelmente mais barata. Eſtes melhoramentos descrevellos-hei em hum appendix no fim da explicação das figuras.

figuração da Bacia, e situação da criança, o que he de summa importancia. Quantas parturientes não tem sido martyrisadas muitas horas, e ainda dias nas cadeiras vulgares, fazendo nellas esforços baldados, e exhaurindo as forças com grande risco da sua vida, até que por fim recorrem ao Parteiro; o qual se he habil, depois de examinar o estado, e configuração da parturiente, nada faz senão dar-lhe outra situação, e em poucos instantes se adianta o parto, e nasce sem difficuldade a criança, quasi sempre morta, ou mui fraca, a qual teria nascido viva, e forte, se apostura da mãi fosse desde o principio adequada ás circunstancias. O mesmo accontece com a expulsão das secundinas, que quasi sempre sahem sem custo, logo que se espera o tempo necessario; e se dá á parturiente a situação reclinada, isto he, geralmente fallando, quasi deitada. Conservando-se porem a parturiente sentada nas cadeiras com costas perpendiculares, em que se não póde recostar, muitas vezes as secundinas não podem sahir, e dá isto lugar a que Parteiros ignorantes temtem a extracção dellas, sendo muitas vezes a consequencia desta inconsideração hemorragias perigosissimas, e rompimento do cordão umbilical, &c.

Além das differentes inclinações da bacia, que fazem necessarias as diversas posturas da parturiente, ha muitos accidentes, que logo no principio do parto, ou no decurso delle requerem huma posição mais ou menos reclinada, e até de todo deitada, taes são os froxos, convulsões, desmaios, prolapsos do utero, ou da vagina, hernias, &c. Muitas vezes fica a parturiente tão fraca depois de operações trabalhosas, por exemplo, da versão da criança, extracção della com o Forceps &c, que não poderia ser transportada para a cama, sem correr risco de algum froxo, que, de certo lhe acabaria os poucos restos de vida: tendo sido porem feita a operação nesta cadeira de que trato, em alguns minutos se proporciona á parturiente huma boa cama, sem ella fazer movimento algum, e aqui fica mui cómmodamente o tempo necessario para recobrar forças, e

po-

poder ser levada sem perigo para o seu leito, que acha limpo, e enxuto; o que não seria possivel, se se tivesse feito a operação na mesma cama em que houvesse de ficar.

Nem nas cadeiras vulgares com costas immoveis, nem nos leitos obstetricios póde o Parteiro fazer qualquer operação difficil, porque nas cadeiras com costas perpendiculares não póde deixar de offender o Perineo; e nos leitos não estão as partes bastantemente livres para elle poder operar, e além disso por mais roupa que haja, nunca póde haver o aceio, que ha nas cadeiras de *Stein*, nas quaes o assento aberto dá sahida aos liquidos, e mesmo aos escrementos, que cahem em hum vaso qualquer, que se metta debaixo da cadeira. Deste modo fica a parturiente sempre enxuta, e póde com os mesmos vestidos ser levada para a cama, não tendo necessidade de mudar de roupa, o que lhe póde ser nocivo.

A abertura do assento não deve ser como nas cadeiras vulgares em fórma de meia lua, mas sim na de hum parallelo gramo, cujos angulos sejão arredondados na parte posterior.

A fórma da meia lua da abertura do assento das cadeiras vulgares tem os incómmodos seguintes.

A parturiente ou está sentada, de fórma que o Parteiro não póde operar livremente, por estarem parte dos orgãos genitaes sobre a borda posterior do assento da cadeira, ou para evitar isto, deve a parturiente sentar-se tanto para diante, que lhe não sirva de apoio ao corpo, senão huma pequena parte das coxas, postura incómmoda, que não póde supportar por muito tempo. Se a parturiente he de estatura pequena, he obrigada a alargar muito as coxas para se poder segurar, o que lhe impede então fazer os esforços necessarios, e se os faz nesta postura expõem-se ou a huma hernia, ou prolapso do utero, da vagina, ou lezão do perineo, &c. &c. Pelo contrario na cadeira, de que tratamos, com a abertura oblonga, póde tanto huma pessoa alta, ou baixa, magra, ou gorda estar cómmodamen-

te sentada, ficando sempre as partes da geração desembaraçadas para as operações manuaes, ou inſtrumentaes, para a applicação de injecções, bahos de vapor &c, tudo decentemente praticado, pois póde eſtar a parturiente sempre coberta. Já fica dito que por meio deſta abertura se póde conservar o maior accio. Sobre eſte assento ha hum coxim do mesmo feitio, que póde ou ser inteiro, ou em duas métades, bem eſtofado de clina, ou mesmo ainda de pello de cabra, porque conserva melhor a fórma, e não faz tão facilmente cova. Eſte coxim deve ser coberto de coiro, ou de oleado para resiſtir á humidade. O oleado porem tem o incómmodo de se pegar ás coxas da parturiente com o calor, o qual porem se remedeia facilmente, cobrindo o assento com huma toalha.

Quando a parturiente tem necessidade de descançar no decurso do parto, ou depois delle, para impedir a corrente do ar, ha huma taboa, que se corre por meio de huma corrediça feita no mesmo assento da cadeira, e que tapa ou de todo, ou em parte a abertura mencionada.

Eſta mesma taboa póde servir para hum assento muito cómmodo, e de altura proporcionada para o Parteiro, por meio de quatro pés, que se atarraxão em quatro buracos, que tem a taboa pela parte, que corresponde á inferior do assento da cadeira. Do mesmo feitio deſta taboa deve haver hum coxim, que encha exactamente o vão da cobertura do assento para cómmodidade da parturiente, quando a cadeira lhe deve por algum tempo servir de cama, podendo servir tambem para hum assento macio ao Parteiro, e para metter debaixo dos joelhos, quando elle he obrigado a ajoelhar, e a fazer neſta poſtura operações longas. He tão necessario, que o operador tenha modos de se collocar cómmodamente, como he á parturiente eſtar na devida, e cómmoda situação; por quanto faltando áquelle o vigor que deve empregar, ficará eſtá sem o preciso soccorro.

Vi algumas vezes o Professor *Osiander*, sem embargo de

de ser mui robuſto, e de ter todas as commodidades poſsiveis, ser obrigado a descançar para poder ultimar algumas operações: e lembra-me principalmente hum parto artificial mui trabalhoso com o Forceps, que elle concluio empregando cento e quarenta tracções, mas nas ultimas estava elle já tão abatido, que incumbio a hum de seus discipulos finalizar eſta grande operação, que ainda no tempo de *Stein* se teria terminado pela horrivel perforação (1), ou operação cesariana. A criança nasceo ainda viva, mas durou só algumas horas. A mãi deixou o Hospital inteiramente boa.

Todos sabem quanto alivio dá ás parturientes a compressão no lugar dos rins, ou cadeiras; a qual se consegue por meio de hum traveceiro de coiro, da largura do assento da cadeira; e como deva ser bem eſtofado de clina, fóra da occasião das dores póde servir para a parturiente recoſtar a cabeça.

Os braços da cadeira são eſtofados, e não podem moleſtalla. Na extremidade deſtas ha duas maçanetas, que servem para as parturientes se pegarem puxando-as a si, ao mesmo tempo que firmão os pés nos eſtribos, que depois descreveremos; o que facilita muito o parto; e quando as circunſtancias exijão, que a parturiente eſteja tão reclinada, que não possa chegar ás maçanetas, prendem-se neſtas humas fitas fortes, e largas para não magoarem as mãos, e a ellas se segura do mesmo modo que ás maçanetas.

Hu-

(1) Só quando a bacia he absoluramente mal conſtruida, he que se deve recorrer a huma operação tão barbara, e tão perigosa; ou tambem quando a cabeça da criança, ou toda ella he de tamanho tal, que seja impossivel a passagem pelas aberturas da bacia, o que porém raras vezes acontece em bacias bem conſtruidas. Seja a posição da criança qualquer que for, por meio de huma versão da criança mais ou menos trabalhosa, ou com o soccorro do Forceps, do gancho rombo, e da alevanca nenhum parto he impossivel, já se entende perdendo a criança muitas vezes a vida, mas ao menos salvando a mãi dos perigos infaliveis dos instrumentos de corte, para a perforação, e desmembração da criança, cuja idéa só baſta para fazer horror, principalmente sendo dirigidos eſtes terriveis ferros por homens ignorantes, que sem consciencia sacrificão impunemente á sua sordida cobiça tantas victimas.

Huma das grandes vantagens deſta cadeira he o apoio ſeguro, e cómmodo para os pés da parturiente. Eſte apoio he conſtruido, de modo que serve a todas as eſtaturas, porque segundo a necessidade póde-se fazer mais, ou menos longo, mais, ou menos alto, como se vê na explicação das figuras. Eſta he huma das reformas mais provcitosas, que se tem feito a eſtas cadeiras. Nenhum Parteiro póde ignorar quanto o apoio firme dos pés lhes facilita, e apressa o parto, pondo ainda as mais fracas em eſtado de fazer grandes, e provcitosos esforços sem se fatigarem.

Para mais segurança das operações em que o Parteiro tem de empregar grandes forças, pode-se fazer fixa a cadeira no sobrado, por meio dos fechos de correr pregados pela parte de fóra aos pés da cadeira, e taboa, que serve para segurar o eſtribo. Eſtes fechos tem a ponta aguda, e podem cravar-se facilmente no sobrado, de sorte que por mais forças, que faça o Parteiro, a cadeira não se póde mover. Havendo iſto baſtão para ajudar quando muito duas pessoas, o que não succede principalmente nos leitos obſtetricios, ou nos outros modos, que o Parteiro he obrigado a adoptar na falta deſta cadeira.

Todos os Praticos sabem, quanto he difficil achar meios de armar hum lugar cómmodo para o parto, principalmente em casa de gente pobre, onde he muitas vezes impossivel; e ainda quando iſto se consiga, nunca tem as commodidades da cadeira de que tratamos. Além deſtas difficuldades ha a grande perda de tempo, de que depende ás vezes a vida das mãis, e das crianças. Pelo contrario eſta cadeira além dos cómmodos acima ditos, he mui facil de transportar; porque se desmancha, e póde ser levada com toda a decencia n'huma caixa propria, a toda a hora que for necessaria; e armar-se com muita facilidade como se verá da explicação das figuras. Em poucos minutos tem o Parteiro hum lugar mui cómmodo, e seguro para qualquer operação, sem necessidade de muita roupa, que he de qualquer outro modo indiſpensavel. Eſtas mui consideraveis vanta-

gens

gens são as que fazem esta cadeira preferivel a todas as outras, e seria muito para desejar, que as nossas parteiras desterrassem as antigas principalmente de costas immoveis, se he que conhecem outras, que são quasi sempre prejudiciaes, ou pelo menos não podem deixar de magoar muito as parturientes, e tornar-lhes as dores muito mais insupportaveis.

EXPLICAÇÃO DAS FIGURAS.

FIGURA I.

REpresenta a cadeira vista meia de face meia de perfil com as ferragens pertencentes.

a. a. a. As costas moveis da cadeira.

b. b. Ponto em que andão as costas da cadeira por meio de hum eixo de cada lado.

c. c. c. c. c. Buracos em que andão cavilhas de ferro bastantemente fortes para segurar as costas da cadeira com o pezo do corpo da paturiente. Estes buracos devem corresponder exactamente aos do outro lado, e devem ser numerados, de sorte que com mais facilidade, se mettão as cavilhas nos lugares certos.

Estas cavilhas devem andar pela parte de fora para mais cómmodamente poderem mudar-se de hum buraco para o outro. Sendo estas cavilhas mais compridas do que a grossura dos braços da cadeira, sobresahem pela parte de dentro quanto he bastante para segurar as costas.

d. d. Maçanetas a que a parturiente se pega, ou a que se atão fitas. Devem ser de modo que não magoem as mãos. Isto he, ou bem polidas, ou melhor ainda estofadas.

e. e. Taboas em que andão os estribos. Estas taboas tirão-se para fora, quando se quer transportar a cadeira (1).

f. f. f. Buracos por meio dos quaes se podem fazer mais

(1) Segundo os melhoramentos de que trato no appendix não he necessario o tirar estas taboas. Veja-se a *Fig. VII.*

mais ou menos compridos os eſtribos, ou mais ou menos altos conforme a eſtatura da parturiente. Com huma cavilha de ferro se fixão em qualquer ponto que se queira, os eſtribos por meio deſtes buracos que correspondem a outros que tem os eſtribos.

g. Hum fecho de correr, que serve para fixar as taboas dos eſtribos nos pés anteriores da cadeira para que não possa jogar (1).

h. h. h. Fechos de correr com ponta aguda, que servem quando he preciso para fazer a cadeira fixa cravando-os no sobrado.

i. i. Eſtribos concavos do feitio quasi de hum çapato em que se firma a parturiente, o qual para mais cómmodo póde ser eſtofado pela banda de dentro.

k. k. Parte do eſtribo que serve para eſte se poder mover, e mudar para mais curto, ou mais comprido sem tocar no pé da parturiente, e sem a mover.

l. l. Parte dos braços da cadeira, que devem ser estofados.

m. m. Assento da cadeira.

n. n. Abertura oblonga, em que encaixa a taboa representada pela Figura II.

o. o. Corrediça do assento da cadeira, em que anda a dita taboa.

FIGURA II.

REpresenta a taboa, que serve para tapar a abertura oblonga do assento, e ao mesmo tempo atarraxando-lhe quatro pés serve de banco para o Parteiro.

a. a. a. Relevo por meio do qual anda na corrediça do assento da cadeira.

b. b. b. b. Os quatro pés que se atarraxão na dita taboa, e por meio dos quaes serve tambem de banco.

FI-

(1) Como digo no appendix he eſte fecho desnecessario. Veja-se a *Fig. VII.*

FIGURA III.

REpresenta a taboa dos eſtribos pela parte de dentro. (Veja-se tambem a eſte respeito o appendix a eſta Memoria.)

a. a. a. Corrediças em que andão os eſtribos.

b. b. b. Buracos onde se mettem as cavilhas para segurar os eſtribos no ponto que se quizer.

c. c. Lemes com que encaixa nos pés dianteiros da cadeira. Eſtes lemes devem ter quadrada aquella parte, que emcaixa nos pés da cadeira.

d. d. Risco, ou traço que paſſa por cima dos buracos, o qual correspondendo áquelle, com que são marcados os dos eſtribos pela parte de dentro, facilita a armação da cadeira.

e. e. A face anterior de hum dos pés dianteiros da cadeira, em que se vê o modo por que encaixão os lemes quadrados das taboas dos eſtribos.

FIGURA IV.

REpresenta hum dos eſtribos pela parte de dentro.

a. a. a. Buracos marcados com os riscos parallelos, de que tratámos.

b. Concavidade do eſtribo do feitio de hum çapato, cuja superficie deve ser bem liza, e mesmo eſtofada, para não magoar os pés da parturiente.

c. Parte do eſtribo feita ao geito da mão, para se poder mover com mais facilidade.

d. Feitio do relevo, que anda nas corrediças das taboas dos eſtribos. Elle deve encaixar exactamente, sem porem andar muito apertado.

FIGURA V.

REpresenta a parte posterior da cadeira, que pelo que fica dito não carece de mais explicação.

FIGURA VI.

REpresenta o traveceiro redondo, e estofado de clina, que serve para amparar as cadeiras da parturiente.

APPENDIX.

A' explicação das Figuras.

AO pôr em execução a construcção da cadeira obstetricia de que trato nesta memoria, occorrêrão varias mudanças, as quaes fazem não só mais simples a dita cadeira, mas tambem diminuem muito o seu preço, huma condição mui importante para a introducção della.

FIGURA VII.

REpresenta a parte anterior da cadeira pela parte de dentro, e hum dos estribos na sua corrediça competente.

a. a. a. a. Caixilho ou grade em que andão os estribos, em vez das taboas descriptas acima na *Fig. I. e. e.* Estas taboas tinhão o inconveniente de serem inteiriças, e por isso ser necessario hum grande pedaço de taboa, e de huma grossura não vulgar, o que augmenta muito o preço da cadeira. Por meio dos caixilhos fica muito mais barato, do mesmo modo seguro, e até mais elegante.

b. b. b. Machas femeas por meio das quaes andão os caixilhos annexos aos pés anteriores da cadeira. Estas machas femeas, são mais convenientes do que os lemes quadrados em que fallei na explicação da *Fig. I. e. e.*, primeira-

meu-

mente porque achando-se feitas, são muito mais baratas, do que os lemes, que he necessario mandar fazer expressamente; em segundo lugar fica a armação da cadeira muito mais simples, não sendo necessario se não abrir, ou fechar estes caixilhos para usar della. *c. c. c.* Corrediças pela parte de dentro em que anda o estribo, as quaes não necessitão de mais explicação. *d. d.* Estribo que anda nas corrediças, e que se faz fixo segundo he necessario, pelo modo acima dito na explicação da *Fig. I.*

As corrediças, e os estribos por este modo poupão o fecho de correr para segurar as taboas dos estribos (*Fig. I. g.*), o que tambem augmenta o preço da cadeira.

Parecêrão-me muito importantes estas mudanças por tenderem a fazer o preço desta cadeira mais cómmodo, e por contequencia mais facil a introducção della.

A madeira mais propria para a constrúcção desta cadeira, he o páo de nogueira por ser forte, e ao mesmo tempo leve, condições tão necessarias para a facilidade dos transportes.

Sem embargo desta ser a madeira mais propria, com tudo he muito cara, e para as cadeiras vulgares das parteiras seria o páo de pinho muito bastante, disistindo mesmo dos estofados, que fazem a perfeição da cadeira, mas não são de extrema necessidade.

ALGUMAS ADVERTENCIAS

Sobre o modo de usar desta cadeira obstetricia.

A Cadeira deve-se pôr o mais perto possivel da cama em que ha de ficar a parturiente, de modo porem que fique de todas as partes livre para se poder andar á roda della. Para com mais facilidade ser levada a parida para a sua cama, devem colocar-se as costas da cadeira para a parte

te dos pés da cama. Deſte modo duas pessoas podem sem grande movimento leva-la para a cama deſtinada, pegando huma das pessoas pela parte da cabeça, e virando pela parte de fora para a banda dos eſtribos, que vem a ser a cabeceira da cama, em quanto a outra que pega pelos pés vai virando entre a cadeira, e a cama, deſte modo com o movimento de meio circulo se acha a parida sem ter sido muito incommodada com a mudança no lugar deſtinado para descançar dos seus trabalhos.

Deve-se ter cuidado em que a cadeira fique bem assente no chão. Em operações grandes, ou quando o sobrado he desigual, deve-se fixar por meio dos fechos de correr em que acima fallamos. Poſta a cadeira deſte modo encacaixão-se depois as taboas dos eſtribos, correm-se os fechos, que as segurão (1), e poem-se tudo prompto para logo que seja necessario se sentar nella a parturiente.

Não he meu intento expôr aqui nem os differentes periodos do parto em que segundo as circumſtancias a parturiente deve subir á cadeira, nem as diversas posições, que deve tomar nella: só direi, que nos partos inteiramente naturaes, e quando a parturiente he bem configurada, póde ella a seu arbitrio nos dous primeiros periodos andar, sentar-se, ou deitar-se para a parte esquerda; e só quando a vesicula eſtá perto de arrebentar deve sobir á cadeira. Neſtes partos deve por via de regra ser o angulo, que fazem as coſtas da cadeira com a linha orisontal do assento de 130 até 135 gráos.

Tendo a parturiente tomado eſta posição, e tendo-se-lhe amparado as cadeiras com o travesseiro redondo em que fallámos, então se ajuſtão os eſtribos á eſtatura da parturiente, de modo que as coxas devem descançar até á cur-

va

(1) Segundo as mudanças que fiz a eſta cadeira, e que expuz no appendix, em lugar de se encaixarem as taboas dos eſtribos, só se abrem para fóra, pois andão unnexas á cadeira por meio de humas machas-femeas; em lugar de correr os fechos, mettem-se logo os eſtribos, e elles mesmos fazem com que a cadeira fique do mesmo modo segura sem tanta complicação.

va da perna sobre o assento, firmando os pés nos estribos de sorte que a parte da perna do joelho para baixo faça com a linha orisontal das coxas pouco mais ou menos hum angulo igual ao que fazem as costas com a mesma linha.

Então pega a parturiente nas maçanetas, que se achão na parte anterior, e superior dos braços da cadeira, ou nas fitas, que nellas estão atadas, e assim puxando para si, ao mesmo temo que se firma nos pés, sem porém escorregar com o assento para diante, póde fazer os maiores esforços, que devem ser bem regulados pelo Parteiro, ou Parteira, para se não gastarem forças sem utilidade. Quasi sempre he necessario reclinar mais para traz as costas da cadeira, á proporção que o parto se vai adiantando: para o que se mudão as cavilhas de ferro para os buracos mais baixos, que sendo marcados com numeros de huma e outra banda com a maior brevidade se acertão as cavilhas (1).

Os quatro pés, que com a taboa, que tapa a abertura do assento, fórmão o banco para o Parteiro, devem-se logo atarraxar, visto que os ditos pés não impedem, que esta taboa entre na corrediça, que ha no assento da cadeira. Quando o Parteiro se queira sentar para alguma indagação, não tem mais do que puxar para fóra a dita taboa, e assenta logo o banco como deve ficar.

Debaixo da cadeira deve-se estender algum panno ou esteira, e sobre este pôr hum vaso assaz grande para que o sangue, e as aguas do parto não sujem a casa.

Se a parturiente tem necessidade de banhos de vapôr ás partes genitaes, poem-se a agua quente, ou o que se tem destinado para o banho, em hum vaso alto debaixo da abertura do assento, e puxa-se a tapadoira mais ou menos pa-

(1) Nisto differe esta cadeira não só da do Professor *Stein*, mas tambem da reformada pelo Professor *Osiander*. Eu adoptei este modo de segurar as costas da cadeira, por me parecer mais simples, o mesmo mais seguro. Compare-se a estampa da cadeira obstetricia de *Stein* nos Elementos da Arte obstetricia por *Pleuck*.

para fóra segundo a necessidade. Antes da parturiente sobir á cadeira, deve veſtir-se, como faz tenção de ficar na cama, iſto he, hum mandrião lalgo, e nada mais do que huma saia leve em cima da camiza, a qual se deve arregaçar, e dobrar igualmente, ficando debaixo do osso sacro, e cobrindo o ventre, e as coxas pela parte de diante.

Tanto a camiza, como a saia devem dobrar-se de modo que não magoem as coſtas da parturiente, antes lhe devem servir de amparo ás cadeiras ajudadas do traveceiro redondo acima dito. As coxas da parturiente ficão nuas pela parte de baixo assentes na cadeira, o que lhes he suave pela fresquidão do assento eſtofado, e coberto de coiro.

A saia baſta para cobrir decentemente, mas para maior cautela, e quando iſto não embaraça ao Parteiro, pode-se cobrir a parturiente até os pés com hum lançol.

Acabado o parto, e depois de levar a parida para a cama com facilidade se lhe desata, ou desprega a saia, e ella se acha logo em enxuto, sem ter o trabalho de mudar de roupa, e correr o risco de se conſtipar, o que he muito facil, pois quasi sempre eſtão em transpiração quando acabão eſte trabalho.

A caixa, em que ella se transporta, deve ser exactamente feita á medida da altura que tem a cadeira desde o chão até a parte superior dos braços, porque as coſtas virão-se para diante, e de baixo dos pés se arrumão eſtribos, coxins, &c. &c. &c.

Agora só me reſta proteſtar, pelo que vi, e pratiquei, que deſte modo suavisarão as minhas Compatriotas as dores, e trabalhos, a que a Natureza as condemnára. Nem posso deixar de lamentar, que na minha Patria não haja hum Eſtabelecimento Publico, onde se formem Parteiros, e Parteiras, que sirvão de auxilio, e não de ruina ás desgraçadas, que os hão miſter; sendo aliàs indubitavel que sem boas Escolas nunca haverá hum bom Parteiro. Digno he por tanto eſte objecto da mais sé-

ria

ria attenção do nosso Augusto Soberano, que por esta falta todos os dias se empobrece de vassallos. A Humanidade reclama efficazes providencias a este respeito; e he de esperar que não esteja longe o remedio para tanto mal, se esta necessidade for representada a hum Principe, como temos a fortuna de ter, Pai de seus vassallos, se lhe forem lembrados os meios de o remediar. Que sustos, que amarguras não padeceráõ as Senhoras Portuguezas nas suas prenhezes, vendo-se no risco de poderem ter hum parto difficil, ou trabalhoso, sem terem a doce consolação de que sem duvida lhes assistirá então hum Professor, que as auxilie. Perdêrão ha pouco em Lisboa hum dos homens, em quem em taes circunstancias punhão com mais confiança seus afflictos olhos: fallo do virtuoso, e habil Parteiro João Baptista, que chegou á força de muito, e aturado uso a fazer-se destro por extremo nesta preciosissima arte.

AN-

ANNAES VACCINICOS DE PORTUGAL,

Ou Memoria Chronologica da Vaccinação em Portugal, desde a sua introducção até o estabelecimento da Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

POR ANTONIO DE ALMEIDA.

QUando me propuz a escrever os Annaes Vaccinicos de Portugal, muito bem previ que não podia desempenhar cabalmente este assumpto, não só por me faltarem o talento, capacidade, e conhecimentos necessarios para escolher, ordenar, e analysar os materiaes de que elles devião ser compostos; como tambem porque não me seria facil obter todas as noticias particulares dos Facultativos, que se empregárão em tão importante objecto. Assim não se deve esperar de mim na presente Memoria mais do que marcar épocas geraes, que sirvão de guia a quem com melhores meios intente completar a obra, que eu esboço. Se algum Facultativo fizer reparo em não ser contemplado por mim, deve persuadir-se que esta falta não he voluntaria, e estimarei faça sciente o Publico dos seus serviços filantropicos, pois assim vinga a sua fama, e emenda a minha falta.

§. I.

Introducção da Vaccinação em Portugal no anno de 1799.

Eduardo Jenner, Medico em Berkley, publicando em Junho de 1798 huma obra com o titulo de *Indagação sobre as causas, e effeitos das bexigas das vaccas*, aturdio os Medicos Inglezes com a novidade das suas observações e con-

conclusões, e attrahio a attenção de alguns para rivalisarem com elle na verificação de factos, que aliàs erão materia de infructuosa disputa entre grande numero de outros; pois logo em Novembro do mesmo memoravel anno de 1798 publicou o Dr. Pearson a sua obra, que tem por titulo *Indagação sobre a historia da Vaccina, com o principal fim de extinguir as bexigas*; na qual examinando as proposições e inferencias do Dr. Jenner, com o criterio e candura que exigia a importancia do objecto, elle deduzio consequencias analogas ás daquelle sabio observador.

O Dr. Jenner não afrouxou com as observações Vaccinicas, antes logo no principio do anno de 1799 dêo á luz outro Tratado, que intitulou *Ulteriores observações sobre as bexigas de Vacca, ou Vaccina*, em que confirma o poder anti-varioloso da Vaccina. Os mais Medicos, e Cirurgiões Inglezes forão adoptando a doutrina de Jenner, apoiada por Pearson, e confirmada pelas suas observações particulares: assim se foi generalisando a Vaccinação em Inglaterra, não obstante a opposição do Dr. Woodville, encarregado da inoculação das bexigas no Hospital de Londres, o qual publicou em Maio do mesmo anno a *Relação de huma serie de inoculações Vaccinicas; com notas e observações sobre a Vaccina, considerada como substituta das bexigas*, em cuja obra quer destruir a prerogativa anti-variolosa da Vaccina.

Em quanto em Inglaterra se disputava, e obrava assim ácerca da Vaccina, não ficou o Continente da Europa simples espectador: o Dr. Balhorn, e o Cirurgião Strohmeyer, trazendo-a daquelle Paiz para Hannover no principio do anno de 1799, plantárão nelle o fermento que gradualmente se foi propagando para outros Estados. Portugal tambem não foi tardio em semear no seu territorio tão benefica producção, graças a seus sabios e curiosos Facultativos: e ainda que me não seja possivel determinar a época precisa da introducção da Vaccina em Lisboa, com tudo posso asseverar por documentos, que foi neste mesmo anno de 1799 que occorreo tão fausto acontecimento. O Auctor do arti-

go 4. do N.° 3. da *Bibliotheca Universal* expressamente assim o diz em huma nota a pag. 120. *Em 1799 inoculou-se de Vaccina no Hospital de inoculação de Lisboa; e em todos os inoculados se verificárão os effeitos, que os Vaccinadores Estrangeiros tem observado.* Os Redactores do *Investigador Portuguez* em o N.° de Janeiro de 1812 vol. 2. a pag. 352 referem que logo pouco depois do descobrimento do Dr. Jenner, entrárão a vaccinar em Lisboa muitos Medicos, e Cirurgiões Portuguezes, e entre elles nomea Francisco Tavares, José Correa Picanço, Manoel Luiz Alvares de Carvalho, Manoel Vieira da Silva, Francisco José de Almeida, Norberto Antonio, Antonio de Almeida, Fr. Custodio de Campos, e Theodoro Fereira de Aguiar. He verdade que este modo de fallar não fixa exactamente a época feliz da introducção da Vaccina em Lisboa, porém a Carta do Medico Francisco José de Almeida aos Redactores do *Investigador*, datada de Lisboa aos 30 de Março de 1811 referida no mesmo Numero, diz que elle vaccina ha doze annos com bom successo; e por tanto aqui temos afiançada a época de 1799 por hum Medico sabio, e de caracter; e por consequencia confirmado por mais este testemunho o que se refere na nota da *Bibliotheca Universal*. ¿Acaso as Vaccinações feitas no Hospital da inoculação das bexigas de Lisboa serião aquellas encumbidas por S. A R. o Principe Regente Nosso Senhor ao seu Cirurgião da Camara Theodoro Ferreira de Aguiar, de que faz menção o *Investigador* no vol. 3. a pag. 59 referindo-se á Gazeta do Rio de Janeiro N.° 80? Eu não pude obter mais clarezas sobre este ponto historico, nem nos lugares citados se indica o anno do mandado de S. A. R.: mas nem por isso fica menos manifesto, que Portugal principiou a adoptar a Vaccinação na mesma época em que ella começou a propagar-se no Continente da Europa, e que a Cidade de Lisboa foi o primeiro lugar de Portugal onde ella se praticou por Facultativos Nacionaes.

Tudo o que está expendido até aqui destruirá intei-

ra-

ramente a errada opinião, que se possa ter formado de que só em 1801 he que se introduzio a Vaccinação em Portugal, originada da lição de huma Memoria traduzida do Alemão em Portuguez pelo Dr. Domeier. Este Medico Inglez parece estar persuadido, que antes do anno de 1801, se não tinha introduzido a pratica da Vaccinação em Portugal; por quanto referindo-se na sobredita Memoria, da qual farei menção no seu lugar, os Paizes a que tinha chegado este benefico descobrimento até o anno de 1800, e concluindo o §. a pag. 10 com estas palavras: *ElRei de Hespanha interessa-se vivamente na sua vulgarisação*, sem que falle em Portugal, acrescenta o Dr. Domeier em huma nota: *Depois que chegámos a Lisboa no mez de Fevereiro deste anno, jà temos inoculado com o puz da Vaccina cincoenta e tres individuos com tanta felicidade, que nenhum delles careceo do mais insignificante remedio da Botica* &c. Estas expressões sem alguma outra declaração, na occasião em que se tratava da introducção da Vaccina pelos diversos Paizes da Europa, parece tendem a querer fazer acreditar que só depois da sua chegada a Lisboa em Fevereiro de 1801, he que se deve contar com a introducção da Vaccina em Portugal, e por consequencia que foi elle Domeier o primeiro Vaccinador. Tanto mais nos devemos persuadir que esta era a opinião do Auctor da nota, e Traductor da Memoria, porque: 1.° no Additamento que elle compoz, e anda anexo á Memoria, principia assim a pag. 39: *Podendo acontecer, que alguns Fysicos depois da leitura deste opusculo se inclinem a praticar a inoculação das Vacciuas, sem nunca'as terem visto, julgamos* &c.; e 2.° porque a pag. 33 diz assim: *Sua Ex. a Duqueza do Cadaval tem todo o direito ás mais ternas lagrimas de gratidão, por ser a primeira que como Mãi illustrada pizou aos pès as preocupações do vulgo contra a inoculação, segurando a seus filhos a vida, a saude, a formosura.*

Não he esta a primeira vez que os Estrangeiros se enganão a respeito das nossas cousas; e os Medicos, e Cirurgiões Portuguezes já não estranhão a falsa opinião que

delles fazem alguns destes Escriptores. Se o Dr. Domeier conversasse em 1801 com os Facultativos Portuguezes, saberia que já naquelle tempo lhes não erão desconhecidos os seus Jenners, e Pearsons, e que grande parte delles manejão as linguas vivas para beberem na fonte os novos descobrimentos, que se fazem nos diversos Paizes a favor da humanidade enferma, e se apressão a pôllos em pratica com o maior zelo; e que isto tinha acontecido particularmente com a Vaccina, sendo adoptada no anno de 1799 pelos Facultativos Nacionaes. Graças aos Facultativos Portuguezes, que tanto se interessão pela saude dos seus compatriotas, como pelo credito nacional da sua nobre, e honrada Profissão.

§. II.

Interessa-se o Governo na verificação dos effeitos da Vaccina. Primeiras producções literarias em Portuguez sobre este objecto em 1801.

Sendo a Vaccina o preservativo das bexigas, e formando a população do Paiz hum dos objectos mais interessantes de qualquer Estado, não póde hum Governo providente e paternal olhar com indifferença para hum descobrimento, que não só lhe augmenta o numero dos braços, mas tambem lhe poupa a maior parte dos Cidadãos, invalidos e inuteis pelas resultas frequentes das bexigas. Não era pois de esperar, que o nosso paternal Governo desprezasse hum objecto tal; mas o genio Nacional, pouco amante da novidade, não tinha sido excitado assaz pelas primeiras tentativas, e o Reino todo deplorou a morte do Serenissimo Principe da Beira pelas bexigas, aos 11 de Junho de 1801. Talvez este golpe despertasse mais a lembrança de fazer verificar por experiencias Nacionaes os factos referidos pelos Facultativos Estrangeiros, mesmo dentro do nosso Paiz, como os do Dr. Domeier acima referidos, e igualmente os já experimentados nas primeiras tentativas de alguns Facul-

ta-

tivos Nacionaes. He certo que o Governo incumbio este importante negocio a alguns, mas ignoro aquelles a quem se dirigio, á excepção de Manoel Joaquim Henriques de Paiva, e do Dr. João Antonio Monteiro. Aquelle assim o declara na Dedicatoria, e Prefação ao Publico, datada aos 30 de Setembro de 1801 da Obra intitulada *Preservativo das bexigas* &c., de que logo fallarei, dizendo que elle estava encarregado por S. A. R. para verificar com observações, e experiencias os effeitos da Vaccina, mas que a pezar de poder já confirmallos com algumas observações em Portugal, com tudo em quanto não tinha huma enfiada de observações exactas e verdadeiras, tomava a seu encargo dar ao Publico a noticia da origem, progressos, e operação da Vaccina. Do que se collige, que este sabio Medico, praticando a Vaccinação, reunia factos, que inteirassem o Governo da bondade della. O Dr. João Antonio Monteiro, hoje Lente de Metallurgia na Universidade de Coimbra, trouxe laminas vaccinicas vindas de Cadix para esta Cidade, para nella fazer as experiencias por ordem do Ex.mo D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Associou este ao Dr. Angelo Ferreira Diniz, então Medico dos Expostos, para tão filantropico serviço; porém as suas tentativas forão inuteis, e infructuosas desta vez, não se propagando a Vaccina nem nos Expostos, nem nos outros a quem se fez a enxertia.

Entre tanto já o prélo Portuguez trabalhava, e no segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa N.° 40, em 10 de Outubro foi annunciada a primeira producção litteraria sobre a Vaccina, escripta em Portuguez debaixo do titulo de « *Memoria sobre a utilidade da inoculação das bexigas vaccinas, traduzida do Alemão, e offerecida a todos os Professores de Medicina e Cirurgia, Pais de familias, e Chefes de Corporações, por hum amigo da humanidade; com hum Additamento de varias noticias tiradas dos papeis publicos de Paris, e huma exposição dos signaes da verdadeira Vaccina.* Lisboa 1801. » Ainda que no titulo desta obra se não declara o traductor, com tudo não padece duvida ser o Dr. Domeier, porque

a

a nota a pag. 10 diz « *Nota do Dr. Domeier* »; e o Additamento expressamente assim o declara. A Memoria he extrahida do *Magazin de Bronswic* N.os 45 e 46: o Additamento he do Dr. Domeier, e nelle dá huma breve noticia das bexigas Vaccinas verdadeiras, ou duvidosas, e declara o modo da operação, sem especificar a qualidade que deve ter o humor vaccino para estar apto para a Vaccinação, ou em que periodo se deve extrahir para produzir Vaccina legitima: a terceira parte he hum Extracto do *Monitor* de França. Não me propuz dar noticia particular das obras que não são nacionaes, e por isso me limito ao pouco que acabo de dizer. O Dr. Domeier merece o nosso agradecimento, por se interessar tanto na propagação da Vaccinação, escrevendo e praticando.

Em quanto se espalhava no publico esta obra, grassavão em Lisboa as bexigas, que não tardárão a acometer huma filha do Ex.mo Duque de Lafões. Foi só então que se instou com os Medicos para que vaccinassem ao Ex.mo Duque de Miranda, o qual vivia na mesma casa em que sua Irmã estava bexigosa, e recebia da sua amavel Mãi os carinhos proprios, apezar de ser ella quem mais se disvelava com o tratamento da sua filha enferma. Os bem fundados discursos do Ex.mo Duque vencêrão a renitencia dos Facultativos, que vaccinárão o Duquezinho duas vezes; mas no quinto dia da segunda Vaccinação aos 14 de Novembro morreo em convulsões, apparecendo-lhe pelo rosto signaes de errupção variolosa. Hum tal acontecimento fez estrondo em Lisboa, e dêo occasião para os antagonistas da Vaccina erguerem orgulhosos o colo, e intimidarem com as suas declamações o povo, sempre desconfiado das novidades. Porém louca enfatuação!... A Vaccina para ser victoriosa não necessita das armas da impostura; tem a seu favor milhares de individuos salvos sem a menor molestia. Quando mesmo o Duquezinho de Miranda fosse victima da Vaccinação, de balde lançaria elle lamentos tristes, porque suas vozes ficarião suffocadas pelos alegres vivas de milhares de ven-

vencedores das bexigas. E porque alguns forão victimas da inoculação das bexigas naturaes ¿ deixou ella de ser adoptada pela maior parte das Nações cultas da Europa? O facto presente, olhado com imparcialidade e sem prevenção, não authoriza as declamações anti-vaccinicas, pois a lembrança sómente de existirem bexigas na mesma casa, e de má qualidade, era bastante para se dever suspender o juizo de attribuir á Vaccina hum acontecimento tão alheio da sua marcha, ainda a mais irregular. E não apparecendo no Duquezinho outros symptomas senão aquelles, que costumão preceder a huma erupção variolosa tão violenta, que as forças da natureza succumbem antes de a effectuar ¿ para que no concurso de duas causas, havemos de lançar mão daquella, até agora reputada innocente, e esquecer a outra tantas vezes desgraçadamente observada? Mas tal he a fraqueza, e prevenção humana!... A experiencia sendo cousa tão difficultosa, todos se presumem aptos para a fazer, e daqui dimanão erros tão funestos á humanidade. Deixemos ao tempo o vingar esta afronta da Vaccinação, ainda que della se sirva algum espirito singular e turbulento; e admiremos a circunspecta, e sabia reflexão do Exmo Duque de Lafões aos Facultativos para os persuadir. *« Se meu filho não está ainda contagiado, a Vaccinação o póde livrar de tão terrivel molestia; e se elle já o está, eu sou superior ao vulgo para julgar effeito da Vaccinação, o que só he devido ás bexigas. »*

Não tardou a ser annunciada no primeiro Supplemento á Gazeta de Lisboa N.° 48 em 4 de Dezembro outra obra sobre a Vaccina com o titulo seguinte *Preservativo das bexigas, e dos seus terriveis estragos, ou historia da Vaccina, dos seus effeitos ou symptomas, e do methodo de fazer a vaccinação &c. publicado de Ordem e Mandado do Principe Regente Nosso Senhor por Manoel Joaquim Henriques de Paiva, Medico da Camera do mesmo Senhor, Censor Regio &c. Lisboa* 1801 em hum volume de 8.° com estampas. Como esta obra he producção Portugueza, darei della mais ampla noticia.

O

O Author exprime a Sua Alteza Real a sua extrema satisfação, por ter sido escolhido para verificar em Portugal as observações feitas com a Vaccina nos outros Paizes, e declara que, na impossibilidade de dar já observações proprias, publica a presente obra extrahida dos trabalhos da Junta Medica de Paris, e do Dialogo de D. Pedro Hernandes na Hespanha sobre a Vaccina. No 1.° artigo explica como se origina a Vaccina no ubere das Vaccas, e a fórma della: no 2.° dá as propriedades do humor Vaccino, a saber: liquido, contagioso, e preservativo das bexigas: no 3.° refere como chegando estes factos á noticia do Dr. Jenner, elle tentou por si as experiencias da Vaccinação, e as publicou em 1798, sendo logo imitadas e seguidas: no 4.° expõe a innocencia da operação, por não carecer de previa preparação, não ser dolorosa, nem acompanhada de incidentes de consideração, e facil de executar em qualquer idade do vaccinando: no 5.°, 6.°, e 7.° descreve a marcha da Vaccina desde a enxertia até ao fim, e os symptomas que a acompanhão nas suas especies de verdadeira e falsa: no 8.° ensina o modo de fazer a Vaccinação, o lugar em que se deve praticar, e os instrumentos com que, fazendo tudo mais palpavel por meio de estampas: no 9.° diz quaes são as qualidades do humor Vaccino apto para o contagio, os dias, e as circunstancias em que se deve tirar: no 10.° expende algumas das circunstancias mais adequadas para se fazer melhor a operação, e haver prospero fim della: no 11.° e 12.° indica o modo de conservar o humor Vaccino, e como se deve usar delle: no 13.° finalmente mostra a preferencia da Vaccinação sobre a innoculação. A clareza e boa deducção da presente obra a fez digna de ser publicada debaixo dos auspicios de S. A. R.; e do titulo della se manifesta, que o nosso Augusto Principe não só auxiliava as experiencias vaccinicas, mas tambem promovia a impressão de obras, que instruissem os seus fieis Vassallos sobre tão importante objecto: assim tivesse havido a lembrança de a mandar distribuir *gratis* pelos Magistrados, Parochos, Medi-

dicos, Cirurgiões, e Boticarios do Reino, pois talvez se conseguisse que a Vaccina não fosse olhada ainda hoje por huns com duvida, e por outros indifferentemente.

§. III.

Não se perde de vista a Vaccinação em Portugal até ao anno de 1803, e publicão-se outras obras sobre este assumpto.

Ainda que eu não posso produzir provas especificas da Vaccinação em Portugal, no periodo de tempo que decorreo desde 1801 até 1803 inclusivamente, com tudo as darei geraes, e que afianção não se ter posto de parte a continuação de tão efficaz beneficio. A Gazeta de Lisboa N.° 22 em data de 31 de Maio de 1803, referindo o bom effeito da Inoculação das bexigas em Moçambique, promovida pelos paternaes cuidados do Principe Regente, conclue: *He de esperar, que em breve se ouvirá da Vaccina o que neste tempo escrevia o Fysico Mór sobre a Inoculação.* A' vista do que, palpavelmente se póde deduzir que até este tempo se não tinha descontinuado a pratica da Vaccinação, antes os seus felizes resultados se hião disseminando de sorte, que se esperava do tempo a persuasão do seu benefico effeito, do qual o Governo se não achava ainda cabalmente inteirado, pois que promovia nas Colonias a Inoculação. A *Bibliotheca Universal* no Artigo 4.° do N.° 3.° a pag. 120 conclue a nota que já citámos a pag. 43 desta Memoria por esta maneira; *e o mesmo succedeo a respeito dos vaccinados nestes ultimos annos*: e como a sobredita obra data a sua impressão de 1803, fica evidente saber o Author da continuação da Vaccinação neste espaço de tempo.

Em quanto huns Facultativos se occupavão em verificar e propagar a Vaccina pela sua pratica, outros trabalhavão em obras, que illuminassem a Nação sobre este tão desusado como importante objecto. Duas são as producções litterarias, que se concluírão neste anno de 1803, e ainda

que forão annunciadas ao publico, huma a 24 de Abril, e a outra a 27 do mesmo mez e anno de 1804; com tudo a data das suas impressões he do anno de 1803, e por tanto julgo não alterar a essencia da Historia, referindo a este anno a sua noticia.

A primeira que sahio ao publico, foi o artigo 4.° do N.° 3.° da *Bibliotheca Universal* pertencente ao mez de Março de 1803 pag. 103, constante de 47 paginas, divididas n'huma introdução, e dous capitulos. Naquella se diz que o fim do Seculo passado se póde honrar por nelle se ter descoberto a Vaccinação, quando no principio do mesmo se tinha introduzido a Inoculação, descobrimentos estes os mais uteis á Humanidade, e adquiridos ambos não pelas discussões scientificas das escolas, mas pelo acaso e pratica rustica: expõe-se huma abreviada historia da Inoculação em Inglaterra e mais Paizes, dos obstaculos que encontrou na França, e da adopção geral della na Europa, até que quando se esperava ver chegado á sua ultima perfeição este esforço do espirito da observação humana, então flameja a Vaccina alcançada por hum similhante modo. No primeiro capitulo narra o Author, como pelo descobrimento da Vaccina pelo Dr. Jenner se entrárão a reproduzir factos, que indicavão ser esta pratica, e seu conhecimento muito antigos, principalmente em Irlanda, aonde se póde buscar a origem do mesmo nome desde os povos Celtas, bem como entre os povos do Norte da Alemanha, e tambem da Italia; mas todas estas lembranças erão factos isolados, e de que nada se tinha deduzido naquelle tempo, produzindo-se sómente depois que o sagaz Jenner pela sua observação tirou as duas novas conclusões; de que a Vaccina he preservativo das bexigas, e que só se communica por Vaccinação, e não por effluvios: refere depois como Pearson, Simmons, e Woodville seguírão em Inglaterra as pizadas de Jenner, e pela concordancia geral dos factos se foi popularizando a Vaccina por differentes partes da Europa, mórmente na occasião de contagio das bexigas, instituindo-se Estabelecimentos

tos publicos para a manutenção e propagação deste utilissimo remedio, nomeando os principaes Facultativos que tiverão parte nesta gloriosa empresa. No capitulo segundo começa a descrever a marcha da Vaccina nos tres periodos que denomina de inercia, de inflammação, e dessicação, caracterizando-os nos 27 dias da sua duração com os symptomas regulares, que costumão occorrer: nota de passagem algumas irregularidades que acontecem, bem como que a Vaccina não muda de caracter pela transmutação em individuos de differentes cores: descreve as duas especies de Vaccina falsa, de que fallão os DD. Odier, e Decarro; e tambem os dois generos de accidentes que acompanhão algumas vezes a Vaccina, a saber a ulcera, e as erupções rozada e miliar: declara finalmente em que época se deve tirar a materia vaccinica para se propagar, bem como o modo de fazer esta operação. Tudo he expendido com methodo e clareza, e pela lição desta obra se adiantão mais os conhecimentos, já adquiridos pelas duas obras de que fizemos menção no §. II.

A segunda obra publicada neste anno de 1803 he a traducção das obras do Dr. Jenner com o titulo de *Indagação sobre as causas e effeitos das bexigas de Vaccas* &c. *por Eduardo Jenner. M. D. F. R. I. Segunda edição publicada em Londres em* 1800, *traduzida do original Inglez por Ordem de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor por J. A. M. Lisboa* 1803. O Traductor desta obra he João Antonio Monteiro, de que já fallei no §. II. Comprehende ella o primeiro tratado que Jenner imprimio no mez de Junho de 1798 debaixo do titulo acima referido; o segundo tratado do mesmo Author impresso no principio do anno de 1799 com o titulo de *Ulteriores observações sobre as bexigas de Vacca ou Vaccina*; e o terceiro Tratado do mesmo Dr. intitulado *Continuação de factos e observações relativas ás bexigas de Vacca ou Vaccinas.* Este ultimo tratado he de 1800, e os dous antecedentes forão reimpressos, e reunidos nesta edição com o terceiro. No fim destes tres tratados de Jenner

vem igualmente traduzidas noticias concernentes á Vaccina nos annos de 1801, 1802, e 1803 tiradas do *Correio Mercantil*, e da *Gazeta de Madrid*, que não só comprovão o proseguimento dos bons effeitos da Vaccina como preservativo das bexigas, mas tambem do terrivel mal da peste, dando igualmente conhecimento da Expedição vaccinica, que o Governo Hespanhol mandou para as suas Colonias. Tambem ahi se encontra huma tabella com o *Quadro comparativo das bexigas naturaes, das bexigas inoculadas, e da Vaccina inoculada, nos seus effeitos sobre os individuos, e a Sociedade*; obra de João Addington, e traducção de Theodoro Ferreira de Aguiar, de quem já fallei no §. I. Não entra no meu plano especificar a composição desta obra, por não ser Nacional; mas do titulo della, e de seu Author se deduz o interesse que os Facultativos podem tirar da sua lição, vendo na fonte as primeiras tentativas de tão importante descobrimento, podendo a mesma obra servir-lhes de norma para conseguirem igual gloria, aproveitando-se de factos rusticos, que a bem deduzida experiencia poderá levar a descobertas da primeira utilidade para o genero humano. Na mesma obra temos mais hum testemunho de que o nosso Governo se não descuidava de hum objecto que tanto interessa o Estado.

§. IV.

Estabelecimento Vaccinico da Universidade de Coimbra. Expedição Vaccinica para o Brazil. Propagação pela Beira, e Algarve no anno de 1804.

O benemerito e bem conhecido Vice-Reitor da Universidade de Coimbra Dr. José Monteiro da Rocha, como sabio, e zeloso Patriota, não se descuidou em ordenar no Hospital da Universidade estabelecimento proprio, em que se puzesse em pratica a Vaccinação, havendo de antemão

mão conseguido materia vaccinica directamente de Londres, e de Lisboa, como melhor constará do termo da Congregação seguinte. *Em Congregação de Medicina de 15 de Março de 1804, a que presidio o Ill.mo Sr. José Monteiro da Rocha, Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, forão apresentados dous vidrinhos de puz vaccino, havidos por diligencia do mesmo Senhor, e com grande proveito da Nação, que deve começar assim a perder os prejuizos contra esta preciosa descoberta; hum dos quaes tinha vindo em direitura de Londres, outro de Lisboa O Dr. Bento Joaquim de Lemos, actual Director do Hospital da Universidade foi incumbido de apromptar camas, e fazer os diarios das pessoas que fossem vaccinadas: e por não haver mais que tratar se dêo por acabada a presente Congregação, de que eu Francisco Soares Franco, Secretario da Faculdade de Medicina, fiz este termo* &c. Na verdade a decisão da Faculdade de Medicina n'uma materia tal, devia ter grande influencia para augmentar a boa opinião do Povo, a quem hião tambem incitando a maior parte dos Lentes, e Oppositores da mesma Universidade. Porém esta tão util determinação não chegou a tomar a consistencia necessaria: a sahida daquelle Vice-Reitor para occupar o distincto emprego de Mestre dos nossos Serenissimos Principes interrompeo por algum tempo a pratica da Vaccinação, que com tudo ainda depois por varias vezes tornou a começar; em fim a desgraçada invasão das Tropas Francezas em Portugal pôz termo a tudo, de sorte que nem mesmo houve a fortuna de se conservarem as observações, que tinha feito o Director do Hospital o Dr. Bento Joaquim de Lemos, as quaes se extraviárão com os seus outros papeis.

Entretanto se a Vaccinação perdeo de alguma sorte este apoio Academico, não perdeo a opinião dos Facultativos, que a entrárão a espalhar. Entre estes merece hum distincto lugar o Dr. Angelo Ferreira Diniz, Lente da Faculdade de Medicina, o qual a foi conduzir e propagar pessoalmente a Pereira, Tentugal, Arazede, S. Silvestre, S. Martinho do Bispo, Condeixa, e Ceira, conseguindo por es-

este modo alistar no numero dos Vaccinadores Guilherme Neuton, Medico de Pereira, Francisco Manoel de Mello Sousa e Alvim, Medico de Tentugal, Francisco Ferreira, Medico de S. Martinho do Bispo, o Dr. Serafim José de Castilho, Prior Arcipreste de Arazede, com o Reverendo Antonio Pedro, e o Major de Milicias Francisco Antonio de Castro em S. Vicente. O mesmo mencionado Lente persuadia e animava a propagação da Vaccina em outras terras, mandando Vaccina para Soure, Figueira &c. com que conseguio mais a cooperação de João O' Conor, Medico da Figueira, João Justiniano Vieira, Medico de Soure, o Dr. José de Jesus Marques, Opposítor em Canones, que a fez propagar na Villa de Botão. Outro Lente de Medicina, que merece lugar distincto nesta bemfazeja empreza, he o Dr. Bento Joaquim de Lemos, o qual tambem a propagou n'uma parte consideravel da Beira. Tanto póde o exemplo dos homens sabios!

Foi neste mesmo anno que o Dr. Lazaro Doglioni a introduzio no Reino do Algarve, e com bom successo, como referem os Redactores do *Investigador Portuguez* no numero do mez de Janeiro de 1812 a pag. 352.

O segundo facto memoravel desta época foi a introducção da Vaccina nos Estados do Brazil. Por Ordem do Governo foi a materia vaccinica fresca enviada de Lisboa para a Bahia em rapazes, a quem se hia propagando ordenadamente, e houve a felicidade de chegar no dia 30 de Dezembro á Bahia no ultimo rapaz, e no periodo proprio para a propagação; a qual foi immediatamente feita pelo Dr. José Avelino de Barbosa por ordem do Governador, a quem S. A. R. tinha encarregado esta tão saudavel empresa. Brazileiros! eis chega ao vosso continente o presente mais rico, e a mercadoria mais inapreciavel! Accudi ao novo trafico que a Mãi Patria vos envia, e bemdizei o nosso benefico Principe que tanto de vós se lembra! Já o seu paternal cuidado tinha animado entre vós a inoculação das bexigas, mas inteirado da efficacia da Vaccina, apressa-

sa-se a communicar-vo-la. Assim os seus Agentes desempenhem as suas providas e paternaes intenções.

§. V.

No anno de 1805 vaccinão-se os Serenissimos Infantes de Portugal, e propaga-se a Vaccinação na Provincia do Minho, e Conquistas.

O presente anno de 1805 faz huma época memoravel nos Fastos vaccinicos de Portugal pelo acontecimento da Vaccinação dos Serenissimos Infantes Dona Isabel Maria, e D. Miguel. As enfermidades do Serenissimo Sñr. D. Miguel retardárão a execução desta operação, da qual o Governo estava já tão capacitado, que tinha expedido Ordens as mais terminantes para ella se propagar nas Colonias. Foi no dia 6 de Julho que o habil e perito Cirurgião mór do Reino José Correa Picanço, meu Mestre, vaccinou a Serenissima Senhora Dona Isabel Maria; e depois com materia vaccinica della, o Serenissimo Sñr. Infante D. Miguel no dia 14; nos quaes ambos correo a Vaccina os seus periodos regulares sem a menor molestia, como se póde ver no Diario que o Governo mandou publicar no Supplemento á Gazeta N.° 32 em 9 de Agosto, para que animados os Paes de familia com este importantissimo exemplo, o seguissem, e imitassem, não devendo haver escusa ou desculpa alguma: pois não se havião de sacrificar a incertezas vidas tão preciosas como as daquelles Serenissimos Senhores, por huns Pais tão ternos e amantes, que jámais consentirão na inoculação variolosa delles pelas incertezas a que he sugeita; e por huns vassallos tão ficis e zelosos. Aqui cumpre-me notar, que não deve fazer duvida alguma o que se refere na mesma Gazeta sobre a vinda da Vaccina de Inglaterra no anno de 1800, pois o que referimos no §. I. a este respeito, prova o contrario exuberantemente.

Igual conceito merece a meu ver o que nella se refe-

re

re sobre a propagação da Vaccina na Provincia do Minho, pois não encontro memoria alguma, que faça ser a introducção deste saudavel beneficio anterior ao anno de 1805. Ignoro a época prefixa da primeira Vaccinação, mas por carta de 6 de Abril de 1813 me participa a philantropica Vaccinadora do Porto Dona Maria Isabel Wanzeller, que ella recebêra as instrucções sobre a Vaccina, e a materia, do Cirurgião Manoel da Cunha, principiando assim na sua brilhante carreira aos 15 de Agosto de 1805 na sua Quinta de Fiães; na qual tem interessado a Humanidade e a Patria tanto, como em ter ella vaccinado desde aquelle dia até 4 de Abril de 1813 o numero de 7920 creaturas (*a*). Tão relevantes serviços feitos por huma pessoa de hum sexo destinado ordinariamente a outras occupações, não merecião jazer no esquecimento, e por isso a Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias não só a premiou com huma medalha de ouro, mas tambem a nomeou sua Correspondente: recompensa a meu ver assás lisongeira, e que lhe deve crear emulas. Alguns Facultativos se empregárão tambem por algum tempo na Vaccinação pela Cidade do Porto, entre os quaes numéro a Carlos Vieira de Figueiredo, e a José Joaquim Vaz Pinto.

A este devo o vaccinar-me huma filha, que fiz conduzir áquella Cidade, não só para a livrar do terrivel contagio varioloso, mas tambem para persuadir ao povo da Cidade de Penafiel com o exemplo o benefico presente da Vac-

(*a*) *A pag.* 137 *dos* Opusculos da Vaccina *diz a Senhora Dona Maria Isabel Wanzeller em huma carta que alli se transcreve, que principiára a vaccinar na sua Quinta dos Fiães aos* 15 *de Agosto de* 1809, *e que desde este dia até aos* 7 *de Fevereiro de* 1813 *tinha vaccinado* 4428 *pessoas: quasi o mesmo se repete em as* Memorias de Mathematica e Fysica da Academia *Tom.* 3. *part.* 2. *pag. LXXXI, onde consta que desde a época acima mencionada até o fim de Abril de* 1813 *tinhão sido vaccinados pela mesma Senhora* 5030 *individuos. Havendo pois discrepancia entre estes artigos e o da Memoria que agora se publica: recorreo-se de novo á mesma Senhora, a qual rectificando aquella primeira Conta, certificou a Instituição Vaccinica da exactidão da presente, tanto a respeito da época em que principiára a vaccinar, como do numero dos vaccinados.*

Vaccina que lhe offertava dos braços de minha filha. Não foi o povo duro inteiramente, e pela cooperação do Boticario Francisco José Ferreira se vaccinárão nesta occasião acima de 300 pessoas. Continuei em diversos tempos a repetir a operação até á invasão dos Francezes, na qual perdi os meus apontamentos, assim como algumas outras cousas litterarias, de que ainda me lembro magoado; e por isso ignoro o numero total dos vaccinados.

Neste mesmo tempo começou a vaccinar Francisco Manoel de Barros, Medico do Partido de Filgueiras, com sua mulher, progredindo neste interessante serviço até a desastrosa época acima mencionada, segundo elle mesmo refere no *Jornal de Coimbra* N.° 3. pag. 227.

Ao passo que no Reino de Portugal se hia propagando a Vaccina, acontecia o mesmo na Bahia, Rio de Janeiro, e Goa, como se póde ver nos Supplementos ás Gazetas de Lisboa N. 13, N. 16, N. 18, N. 30, N. 39, e na Gazeta N. 40, em cujas particularidades não entro por não serem do meu objecto.

§. VI.

Progressos da Vaccina nos annos de 1806 *e* 1807 *pelas Provincias da Beira, Minho, e Algarve. Extracto da Carta do Fysico mór da India sobre o mesmo objecto.*

A Vaccinação quasi amortecida em Coimbra e suas visinhanças, tornou a ser excitada pelo Dr. Angelo Ferreira Diniz. Este benemerito Lente de Medicina, animado pelo seu philantropico genio, fez algumas viagens pelas visinhanças de Coimbra, conduzindo comsigo crianças vaccinadas, laminas, e agulhas vaccinicas para propagar a Vaccina, e e instruir aquelles que se destinassem para tão saudavel emprego; e n'uma digressão que fez á Cidade de Braga, foi exercendo em Santo Antonio d'Arrifana, Porto, Barca da Trofa, S. Mamede de Villa Chã, e ultimamente na Ci-

dade de Braga a Vaccinação, de cujos resultados e operações forão testemunhas oculares o Dr. João Correa Botelho, Lente de Theologia, e o Dr. Narciso Joaquim de Araujo Soares, Lente de Leis. Foi então pela primeira vez que se introduzio a Vaccinação em Braga, porém com pouco fructo, como refere o Medico do Partido da mesma Cidade J. J. da Costa na sua conta de Fevereiro de 1803, (*Jornal de Coimbra* N.° 5. a pag. 19); e por isso esta Cidade chora amargamente os funestos resultados do contagio varioloso, que nella se desenvolveo, com a morte de muitas pessoas no fim do anno de 1814. Em Ovar o Cirurgião Francisco Leonardo de Carvalho começou a vaccinar neste anno de 1806 (*Jornal de Coimbra* N.° 6. a pag. 83); e em Alpedrinha o Dr. José Nunes Chaves, com materia que obteve de Alcantara de Hespanha (Opusculo 9. a pag. 122). No Algarve pôz o Dr. Abrantes em acitividade a Vaccinação já de todo abandonada, e a este habil Medico se deve o louvavel costume de fazer vaccinar os individuos do Exercito Portuguez. (*Investigador Portuguez* N.° 5. a pag. 42) Ainda que não posso produzir provas das mais partes do Reino em que a Vaccinação prosperou, com tudo ha toda a probabilidade do seu progresso, até ao tempo das perturbações politicas e militares do Reino.

No Supplemento á Gazeta de Lisboa N. 51 de 21 de Março de 1806 acha-se inserta huma carta, que o Fysico mór do Estado da India escreveo ao Governador e Capitão General do mesmo Estado, sobre a inoculação da Vaccina naquelle Paiz, a qual vou extractar por conter particularidades dignas de nota. Nella se declara que a facilidade da operação, e os seus bons effeitos tem vencido a preoccupação do povo para se sujeitar a ella: indica-se a marcha regular da Vaccina nos quatorze dias, com as suas variedades, mesmo as provenientes da côr dos individuos, e symptomas que algumas vezes occorrem, notando os dias em que mais ordinariamente acontecem: dizem-se os dias em que ha maior abundancia de materia vaccinica, e em estado

do proprio para se poder extrahir : nota-se que a Vaccinação nas crianças de menor idade he mais benigna, augmentando os symptomas progressivamente, e havendo nos adultos affecção geral, quasi sempre com febre primaria ou secundaria : descrevem-se as duas variedades de Vaccina espuria, huma das quaes póde muito bem equivocar-se com a legitima, á excepção da rapidez do desenvolvimento, e da falta de affecção geral ; e a outra não, pela sua apparencia verrucosa, e secreção de hum ichor córado : mostra-se que naquelle Paiz he mui ordinario sobrevirem á Vaccina erupções, que alguns pretendião serem bexigas, mas que pelo seu cuidadoso exame se devem reputar effeitos do calor e da sarna, pela falta de lavagem no tempo da Vaccinação : explica-se de quem com mais segurança se deve extrahir a materia vaccinica, em que dia, e com que qualidades ; modo de fazer a Vaccinação ; maneira de conservar sempre materia fresca, e de vaccinar com esta : nota-se a igualdade da marcha, e symptomas da Vaccina pelo espaço de tres annos de transmissão, e por tanto que se não deve esperar que ella pelo seu enfraquecimento deixe de continuar a ser o preservativo das bexigas : refere-se não se ter até ao presente descoberto cousa que deva embaraçar a Vaccinação, pois ha observações da sua marcha em todas as idades, e constituições, em sãos, ou valetudinarios, nos que sofrem affecções de pelle, e mesmo nos cobertos de lepra.

Não devo acabar este paragrafo sem declarar que os serviços vaccinicos do Dr. Angelo Ferreira Diniz são credores do maior reconhecimento da Patria. Vaccinações, revaccinações, inoculação ; tudo tem sido tentado por este Facultativo para com imparcialidade verificar o que se acha escripto pelos sabios Estrangeiros. São dignas de particular memoria as suas observações ; e se a Patria lhe he devedora por tão relevantes serviços em que ainda continua, eu lhe devo todas as noticias sobre a Vaccinação de Coimbra e suas visinhanças, e por tanto seja-me licito tributar-lhe aqui os meus devidos agradecimentos.

§. VII.

Enfraquecimento ou quasi interrupção da Vaccinação nos annos de 1808 *até* 1810. *Producção do Dr. Heliodoro.*

Em quanto se lutava em Portugal contra as oppressões de hum Governo intruso, caviloso, e despotico; e os Cidadãos de todas as classes se esmeravão e competião em fazer os sacrificios mais generosos a favor da lealdade, e liberdade; pouco se podia esperar das observações scientificas. Não se colhem fructos sasonados desta arvore, sendo combatida pelo despotismo, e furores da Guerra. Entre tanto porém não se pôz de parte inteiramente a Vaccinação; ainda pela Beira se vaccinava no tempo da invasão de Soult no Minho, como observou o Dr. Angelo Ferreira Diniz; elle mesmo ainda em Dezembro de 1809 recebeo laminas vaccinicas, mandadas pelo Dr. Francisco Tavares, meu sabio Mestre; e he provavel houvessem mais alguns destes exemplos.

Foi no anno de 1808 que o Dr. Heliodoro Jacinto de Araujo Carneiro, encarregado pelo Principe Regente Nosso Senhor de consultar e observar os Hospitaes e Escolas mais celebres de Medicina na Europa, escreveo em Londres *Reflexões e observações sobre a pratica da inoculação da Vaccina, e as suas funestas consequencias.* Este Portuguez, seguindo as pizadas dos Doutores Woodville, Mosely, Rowly, e Birch, que se oppozerão á introducção da Vaccina, despreza a estrada trilhada pelos Doutores Jenner, Pearson, Deccarro, Heim, Hufeland, Sacco, Marshall, Lavater, Moreschi, Stromayer, Bulhorn, Scassi, Gregori, e Spence, que em differentes partes da Europa seguirão o mesmo norte, observárão os mesmos effeitos, sempre reproduzidos pela mesma maneira, ainda que em diversas circunstancias; e emfim não dá attenção ás observações, que os seus Nacionaes rectificavão ao mesmo tempo em que elle escrevia. As cri-

criticas circunstancias em que nos achavamos escondêrão aos nossos olhos este parto da singularidade, até que foi reproduzido no anno de 1810; estampando-se em Lisboa huma reimpressão da edição de Londres, que se annunciou na Gazeta N. 91 em 16 de Abril. Os Pais de familia estremecêrão com a sua leitura, principalmente no Reino do Algarve, aonde a Vaccinação tornava a introduzir-se pela terceira vez, como refere o Dr. Lazaro Doglioni na sua carta de 28 de Novembro de 1810 aos Redactores do *Investigador Portuguez* (N.° 2. a pag. 173): não aconteceo porém assim aos Medicos, e Sabios, os quaes desde logo olhárão a obra, que abaixo faremos mais conhecida, com o despreso que merece; entre tanto concluiremos com as palavras do Dr. Bernardino Antonio Gomes *esta obra he tal, que o seu Author parece ter tido em a fazer o mesmo intuito de Herostrato, quando queimou o templo de Diana em Epheso; isto he, quiz fazer-se celebre por huma singularidade, pela qual merecia soffrer realmente a mesma pena, que se impôz ao seu prototypo.* (Collecção de Opusculos sobre a Vaccina N. 2. a pag. 23.)

§. VIII.

Estabelecimento vaccinico no Rio de Janeiro em 1811, e resposta á obra do Dr. Heliodoro.

Este anno não offerece particularidades vaccinicas no Paiz: havia quasi as mesmas causas do anno antecedente, pelo bulicio da guerra, para se não colher fructo abundante, mas as sementes lançadas anteriormente não deixarião de germinar em alguns destrictos.

Foi neste mesmo anno, no dia 17 de Janeiro, que entrou em exercicio o Estabelecimento vaccinico, que S. A R. mandou formar na Corte do Rio de Janeiro á custa da Sua Real Fazenda; por neste mesmo dia ter chegado áquella Cidade a materia vaccinica, que por Ordem do mesmo Augus-

gusto Principe se tinha mandado buscar á Cidade da Bahia. (*Investigador Portuguez* N.° 3. pag. 59.)

No mesmo anno appareceo hum Portuguez defendendo a Vaccina contra o Dr. Heliodoro. Os Redactores do *Investigador Portuguez* (N.° 2. pag. 173) tomão á sua conta a defeza della, e o duelo parece-me decisivo, porque as armas dos contendores são fortes. Produzindo elles o extracto da obra mencionada, dizem logo que ella se deve julgar inteiramente suspeita, por ser escripta por hum Author prevenido contra a Vaccina, e que se fundamenta n'um facto (a morte do Duquezinho de Miranda) que elle diz que víra, quando os Redactores provão ser falsa esta asserção: respondem ao argumento produzido contra o Dr. Jenner ácerca da origem, preparação, e modificação da materia vaccinica dos arestins dos cavallos para as tetas das vaccas, pela confissão do mesmo Jenner, chamando a isto conjecturas: rebatem a imputação feita a Jenner de se ter deixado persuadir pela tradição popular dos habitantes de Gloucestershire sobre o preservativo das bexigas, dizendo que por isso mesmo que o facto era referido por pessoas despidas de toda a prevenção, he que elle fórma hum argumento mais forte de persuasão: vingão a criminação feita ao Dr. Jenner pela introducção do virus bestial, que póde inficcionar o systema, e produzir para o futuro males maiores; trazendo á lembrança a obrigação em que está a humanidade aos Facultativos, que introduzírão no curativo o Opio, o Sublimado, e Arsenico, &c. apezar de serem venenos; notando que ha já bastante tempo que se vaccina, e podia o virus bestial estar desenvolvido, e até agora não se notão molestias algumas novas; aconselhando ao Author não se sustente de vacca, nem de carnes de animaes para evitar o virus bestial, que de similhante sustento se póde originar: mostrão que a distincção de Vaccina verdadeira e falsa que Jenner descobrio he tão indispensavel, que só quem nunca vaccinou he que póde duvidar della: respondem que nada valem as declamações de alguns contra a Vac-

Vaccina, pois que o Mercurio, e o Opio ainda não deixárão de ser remedios efficacissimos, porque tiverão, e tem detractores: despresão o argumento da reproducção dos delirios da Alchimia, e Transfusão; mostrando que a experiencia he quem decide; que aquelles delirios se desvanecerão, e a Vaccina não só se propaga pela Europa, mas que tambem já della participão com vantagem as outras partes do Mundo: dizem finalmente que o Dr. Mosely, Rowly, e Birch não conseguirão tirar o credito á Vaccina, por quanto sendo chamados á Camera dos Communs em Londres para responderem ao Dr. Jenner, resultou desta conferencia ser prohibida a inoculação das bexigas, supprimir-se a Dissertação de Rowly, e continuar-se com os Estabelecimentos vaccinicos. Taes e tão energicos argumentos destroem todo o edificio que o Dr. Heliodoro pretendia levantar sobre as ruinas da Vaccina; e certamente S. A. R. o Principe Regente N. S. fez pouco apreço do fructo das indagações a que foi mandado o Author, pois vemos que apezar da sobredita obra mandou organisar no Rio de Janeiro hum Estabelecimento vaccinico.

§. IX.

Continuação dos extractos do Investigador *sobre a Vaccina no anno de* 1812. *Estabelecimento da Instituição vaccinica.*

No Numero pertencente ao mez de Janeiro de 1812 a pag. 352 do N.° 2. dão os Redactores do *Investigador* noticia da Introdução da Vaccina na Cidade de Lisboa, pouco depois do descobrimento do Dr. Jenner, como já mencionei no §. I.: produzem o testemunho do Cirurgião Antonio de Almeida para vingar o successo da morte do Duquezinho de Miranda, attribuido á Vaccina, como notei no §. II.: referem como na Hespanha se propagou a Vaccina rapidamente, estabelecendo-se por Ordem Regia huma Junta vaccinica no anno de 1805, e mandando-se no de 1806 para as Colonias huma Expedição vaccinica, a qual interrompeo os seus serviços em 1808 pelas causas politicas que occorrêrão: noticião como em

em París se formou huma Junta Central Vaccinica no anno de 1800, que não tem cessado nas suas utilissimas observações até ao anno de 1810 (e ainda até aos nossos dias), o que tambem acontecia com as mais Juntas estabelecidas em diversas partes da Europa, afiançando todas os beneficos resultados da Vaccinação, a pezar das declamações do Dr. Heliodoro.

O exemplo de tantos, e tão proficuos Estabelecimentos vaccinicos, espalhados pelos diversos Estados da Europa; aquelle do nosso Augusto Principe no Rio de Janeiro; o socego em que já estava a Nação, vendo longe das nossas fronteiras a guerra bem assombrada, erão sobejos motivos para estimular os Facultativos a continuar na propagação do presente, que a Providencia nos tinha liberalisado: mas obstaculos indispensaveis, quando se tem a tratar com toda a classe de Cidadãos, não podião ser vencidos por esforços particulares; era preciso que interviesse nisto huma authoridade. ¿E a quem competia com mais razão arrostar os prejuizos populares, desfazer as duvidas, e espalhar as luzes, do que a huma Corporação de Sabios? A Academia Real das Sciencias de Lisboa tomou em consideração tão interessante objecto, e formou com oito Medicos seus Socios huma Instituição Vaccinica para dirigir, animar, e propagar a Vaccinação por todo o Reino, a qual principiou o seu benefico exercicio no dia 7 de Junho de 1812.

Os progressos que a Vaccinação tem feito desde esta época; as providencias que a Instituição tem dado; a coadjuvação do nosso Governo; e as observações, que se vão adquirindo sobre tão importante materia, fazem objecto da Collecção, que a Academia vai publicando. ¡Praza ao Ceo que tão util e interessante Estabelecimento não afrouxe, para ainda termos a felicidade de ver cessar entre nós o terrivel contagio das bexigas!

EX-

EXTRACTO

De huma Memoria sobre a decadencia das minas de Ouro da Capitania de Minas Geraes, e sobre varios outros objectos Montanisticos.

POR GUILHERME, BARÃO DE ESCHWEGE.

ACHando-me nomeado Inspector das minas da Capitania de Minas Geraes, devia-se com toda a razão esperar de mim, e era do meu dever, communicar á Academia Real das Sciencias ao menos hum resumo dos meus trabalhos e observações mineralogicas, geologicas, e metallurgicas, feitas em aquelle mesmo Paiz.

Esta tão celebre Capitania tem sido com razão admirada, desde o seu descobrimento, pelo Ouro e pedras preciosas que della se tem tirado, e os Naturalistas estrangeiros tiverão sempre pezar de que se achasse tão longe de seus olhos: eu mesmo confessarei de mim, que o desejo de viajar por estes Paizes foi o principal estimulo, que me incitou a sahir da minha Patria, e a aceitar as offertas do Governo Portuguez.

Realisados os meus designios, authorisado por Avisos Regios, e auxiliado em todos os meus passos pelo dignissimo Governador desta Capitania o Ill.mo e Ex.mo Conde de Palma, não tardei muito em conhecer que as minas d'Ouro (aquellas que fixárão primeiro a minha attenção) hião em bastante decadencia. Os Reaes Quintos do Ouro tinhão chegado ainda no anno de 1753 a cento e dezoito arrobas, e não obstante o accrescimo da população, diminuírão constantemente desde aquelle tempo, de tal sorte que hoje em dia importão em pouco mais de vinte arrobas. Este facto

por si só dizia bastante; restava-me porém indagar as causas desta decadencia, como expressamente me tinha sido recomendado pelo Governo; e este exame obrigou-me naturalmente a subir ao tempo do descobrimento das mesmas minas, isto he, ao anno de 1695, em que os Paulistas mandárão a primeira amostra daquelle Ouro ao Senhor D. Pedro II.

Não parece que então se dessem outras providencias para a exploração, e extracção daquelle Metal, se não a de nomear-se hum Provedor dos Quintos, franqueando-se a exploração aos descobridores; mas seis annos depois deo-se huma nova fórma á arrecadação do mesmo Quinto, nomeando-se Superintendentes, Escrivães, Thesoureiros, e Registos nos caminhos que conduzem fóra da Capitania, a fim de que nenhum Ouro sahisse della sem guia, pela qual se mostrasse haver pago a Sua Magestade o dito Quinto.

Como o Governo só tinha dado providencias a respeito da arrecadação dos Direitos da Coroa, tudo o mais ficou em desordem; os Paulistas erão incapazes de dirigir por si os trabalhos montanisticos n'aquelles novos estabelecimentos; e esqueceo o meio de que tinhão usado com tanto fructo os visinhos Hespanhoes, mandando vir de Alemanha directores, e trabalhadores em grande numero para as suas minas da America; em fim alguns destes descobridores, descontentes com o pouco interesse, e outros cedendo á força dos Europeos, que para alli concorrião, desamparárão estes estabelecimentos, de que os Europeos se achárão de posse pelos annos de 1708 e 1709.

No anno de 1710 assentou-se que os Quintos se cobrassem por batéas; mas os inconvenientes que disto resultárão forão causa, que este systema de arrecadação durasse pouco tempo. Com effeito em 1713 obrigárão-se os Povos a pagar em satisfação dos Reaes Quintos trinta arrobas de Ouro por anno, com a condição de se levantarem os Registos dos caminhos. Este offerecimento foi aceito, e esteve em vigor em os annos de 1714, 15, e 16.

No

No anno de 1717 tinha já crescido grandemente o numero daquelles habitantes, e por isso julgou-se tambem conveniente accrescentar os Quintos: assim obrigárão-se os Povos a pagar nos annos futuros vinte e cinco arrobas de Ouro, ficando além disso livres para a Fazenda Real os direitos das entradas. Mas a desigualdade com que os mesmos Povos erão fintados para esta Contribuição, dêo lugar a queixas e representações; até que huma Lei do Senhor Rei D. João V. em o anno de 1719 determinou que não tivesse mais vigor aquella finta, e que para cobrar os Quintos do Ouro se estabelecesse á custa da Fazenda Real huma ou mais Casas de fundição, nas quaes se fundisse, e reduzisse a barras todo o Ouro extrahido das minas, prohibindo-se a sua exportação para fóra da Capitania, huma vez que não fosse fundido.

Esta Lei causou então grandes descontentamentos entre os mineiros, e foi motivo de algumas desordens: para evitar estas, e condescender com o desejo dos Povos, aceitou-se a nova prestação de trinta e sete arrobas de Ouro por anno, a qual continuou até 1724, estabelecendo-se finalmente em o anno seguinte as Casas de fundição, que anteriormente tinhão sido ordenadas.

Em 1734 dêo Sua Magestade as Ordens necessarias para pôr em pratica a commutação do Quinto do Ouro em Capitação dos Escravos, e censo das Industrias; mas conhecendo-se logo que este methodo seria ruinoso aos moradores das Minas Geraes, ajustou-se no mesmo anno que os Povos se obrigassem a dar cem arrobas de Ouro; inteirando a dita quantia, no caso de que as Casas de fundição a não produzissem.

Hum novo Governador que chegou em 1735 mudou este systema, e fez com que se pozesse outra vez em pratica a cobrança do Quinto por meio da Capitação, ruina infalivel para todos aquelles que não tiravão Ouro.

Era já tempo que se acabassem tantas alterações, e em 1751 foi novamente abolida a Capitação, e estabelecidas

as Casas de fundição, como ainda hoje se conservão, e de que ao diante fallarei.

Além destas differentes determinações a respeito do methodo de cobrar os Quintos, tinhão-se tomado outras, durante este mesmo periodo, sobre outros objectos bastantemente importantes, e que he necessario não passar totalmente em silencio; taes forão as Leis, que regulárão a repartição dos terrenos e agoas; o Regimento dos Guardas móres dado em 1702; e alguns Privilegios concedidos aos mineiros. Mas tanto estas providencias, como as que acima mencionámos, conhece-se que forão principalmente dirigidas a obter os fins, sem se pôr grande cuidado na escolha dos meios; isto he, sem se determinarem os modos de conservação e melhoramento da mineração do Ouro: era isto sem duvida nascido da falta de conhecimentos daquelle tempo, o que não he para admirar, visto que agora mesmo (como diz o Dr. José Bonifacio de Andrada em a sua Memoria inscrida no *Patriota* do mez de Julho de 1814) « he tal » a cegueira e o desleixo, que mui pouca gente ha entre » nós, que esteja capacitada das grandes vantagens e pro- » veitos que comsigo trará a lavra regular das nossas mi- » nas, e huma boa Administração metallurgica. »

Esta falta de laboração regular, e de huma Administração adequada, he sem duvida a que desde o descobrimento das minas foi causa dos males que actualmente se experimentão. Verdade bem obvia, que ficou com tudo occulta a algumas Pessoas aliàs instruidas, que tratárão deste objecto; pois segundo ellas as causas desta decadencia são a falta do Ouro (sim na superficie, mas certamente não no interior, onde nunca se chegou, nem se sabe chegar), a pobreza dos mineiros, a falta de Negros, os abusos nas concessões dos Guardas móres, as Demandas sobre terras e agoas, e sobre os privilegios a que chamão *Trintada*, e a divisão das Fabricas, por morte de hum mineiro que seja Pai de Familias, em fim o máo methodo de mineração, ponto este em que tocão levemente, e de que não estão bem

bem persuadidos, por não terem ainda visto praticar outro melhor.

He certo que todos estes males influem sensivelmente na decadencia das minas, mas todos elles procedem de duas unicas causas, e são terem-se franqueado ao Povo as minas de Ouro sem limitação, e sem inspecção sobre os seus trabalhos; e na falta absoluta de Leis montanisticas, adequadas a este Paiz.

Quem conhece as sabias Leis montanisticas da Alemanha; quem vê por meio dellas abrir e lavrar com vantagem as minas mais pobres; quem sabe que a Sciencia metallurgica naquelle Estado tem chegado ao ponto de se extrahir com lucro huma pequenissima porção de Ouro, por exemplo $\frac{1}{4}$ de grão de oito arrobas de terras metaliferas; fica bem pasmado das riquezas immensas deste Paiz, e da imperfeição dos seus trabalhos, em que sómente se aproveita o Ouro, que se mostra visivel n'huma batéa de terra, que não conterá mais que huma arroba, lançando-se fóra toda a terra, em que se não acha alguma faisca visivel.

Os mineiros do Paiz aproveitão só o que podem separar mecanicamente e de huma maneira a mais imperfeita. Assim, contando todas as perdas que soffrem, causadas pela sua ignorancia, desde que tirão o Ouro do seu leito natural, até que sahe fundido da Casa da fundição, e da da Moeda, não será por certo exagerado quem avaliar estas perdas em a metade do mesmo Ouro: convir-se-ha facilmente nisto considerando-se o seguinte.

(1.° No trabalho dos Vieiros e Camadas nunca chegão ao fundo; o minimo obstaculo que se encontra, ou a falta de Ouro visivel, faz esmorecer o mineiro: não sabendo remediallo, e temendo perder mais serviços huma vez que continue, larga o trabalho, e principia n'outro lugar, arranhando só a superficie do terreno.

(2.° Para a apuração da terra extrahida não sabem outro methodo, senão o da lavagem; e isto sem engenho ou máquina alguma, aproveitando sómente o Ouro mais grosso

e

e pesado; pois o mais fino o arrasta a agoa comsigo para os Rios. Não fallamos no Ouro que se acha chimicamente ligado com outras substancias, e que desapparece de todo nestes trabalhos; nelle he que o mineiro soffre a maior perda.

(3.° A perda nas Fundições. Desde o principio das Casas de Fundição usou-se sempre, e usa-se ainda com grande prejuizo da Fazenda Real, para a apuração e fundição do Ouro, do Muriato de Mercurio (*Solimão*) o qual vem por hum preço subido dos Paizes estrangeiros. He bem sabido que elle se decompõe na fundição, passando o Acido muriatico a oxidar o Ferro, Cobre, e outros metaes com que ordinariamente o Ouro está misturado. O Mercurio, que então se volatiliza com grande velocidade, arrasta comsigo mecanicamente em os seus vapores muitas particulas de Ouro; e eis-aqui porque os trabalhos das Fundições quasi sempre differem, mostrando menos perda hum do que outro, em Ouro do mesmo toque.

Cheguei a esta Capitania, e visitei muitas e muitas lavras della, com o maior enthusiasmo de espalhar entre os mineiros algumas luzes para huma mineração regular, e apuração mais perfeita; muitos me vierão consultar, notavão o que eu dizia; até me não poupei a despezas para mandar fazer modellos de Engenhos, a fim de mostrar as suas vantagens. Principiei esta doutrina com os mineiros mais opulentos, que podião servir de exemplo aos outros, e não descancei com estas diligencias, até me desenganar inteiramente de que todo o meu trabalho era baldado. Huns riem-se de cousas de que nunca ouvirão fallar, cuidando que são chimeras; outros tem a condescendia de fingirem estar persuadidos do que digo; outros estão realmente convencidos, mas não tem animo de largar a pratica antiga; outros finalmente reconhecem as vantagens que lhe proponho, mas não tem resolução de despender o dinheiro que exige a construcção de alguma maquina, ou hum serviço regular, em que não se póde tirar Ouro logo nos primeiros dias.

Des-

Deste comportamento dos mineiros o que devo concluir he, que o que principalmente lhes falta são exemplos; estou certo que elles logo os imitarião, se o Governo ou alguma Sociedade patriotica lhes desse, debaixo da inspecção de homens formados na Sciencia montanistica. No estado actual dos seus conhecimentos (que se limitão ao que aprendêrão maiormente dos Escravos negros da Costa da Mina) mais depressa compra o mineiro hum Escravo por 200 ou 300$ rs. do que gasta 20$ rs. em huma maquina que lhe pouparia os braços de seis Escravos. Mas he já tempo de passarmos a outros assumptos.

As immensas riquezas que esta Capitania offerece em mineral de Ferro, espantão o conhecedor, não havendo parte nenhuma do Mundo até agora examinada pelos Mineralogistas, que apresente maior abundancia delle. Montes e Serranias inteiras estão cobertas de *Ferro micaceo*, *magnetico*, *especular*, e *vermelho*. Parece, segundo todas as noticias que pude alcançar, que os Escravos negros da Costa da Mina derão as primeiras luzes aos mineiros do conhecimento deste mineral, e da extracção do Ferro.

Muitos Ferreiros então se occupárão em o extrahir para o gasto das suas officinas: e o numero destes fabricantes tem crescido consideravelmente depois da chegada de Sua A. R. a estes Estados, por ter aquelle Senhor franqueado a factura do Ferro: mas estes fabricantes trabalhão ainda, para assim dizer, ás cegas; sem ao menos terem engenho para puxar o Ferro em barra, senão os braços dos seus Escravos.

A muitos destes fabricantes dei idéas para melhorarem o seu trabalho; nenhum porém se aproveitou tanto destas instrucções como F. Nunes, da Itaubira do Mato-dentro, que no mez de Abril do anno proximo passado puxou o primeiro Ferro com hum malho movido por huma roda d' agoa.

He para lastimar a escacez de matos, e sobre tudo nos districtos ferreos desta Capitania, produzida principalmente

te pelo methodo barbaro da cultura das terras, queimando-se para este fim as mais bellas florestas. Esta Capitania poderia supprir de Ferro todo o mundo, sem nunca exhaurir as suas riquezas; mas esta escacez de lenhas he causa de não se poder extender tanto hum ramo de industria tão proveitoso.

Não podendo pois pelos motivos sobreditos extrahir-se este metal em tanta abundancia e perfeição, nem por preço tão commodo, como exigem as necessidades desta Capitania, abraçou o Ill.mo e Ex.mo Conde de Palma a minha proposta de erigir á custa de alguma Sociedade huma Fabrica maior; e não pedindo eu mais do que dez mil cruzados para a sua erecção, não se encontrou difficuldade alguma, ajuntando o mesmo Snr. dez accionistas: assim depois da approvação de S. A. R. pela Carta Regia de Agosto de 1811 metteo-se logo a mão á obra, e tive a satisfação de fundir e puxar o primeiro ferro no Faustissimo dia dos Annos da Rainha N. Senhora em 17 de Dezembro de 1812. Este dia será perpetuamente memoravel para a Fabrica de Ferro de Congonhas do Campo, e a mesma Fabrica sello-ha tambem sempre na historia das Fabricas de Ferro do Brazil, por ser a primeira e unica nestes Estados, que até agora trabalhou em grande.

Construi cinco fornalhas á maneira dos Suecos, quatro das quaes estarão em continuo trabalho. A imperfeição que ainda se observa nos mestres (todos Brasileiros e ensinados por hum fundidor Alemão) desapparecerá pouco a pouco, e espero chegar ao ponto de dar cento e cincoenta arrobas de Ferro em barra por semana. Entre tanto já assim mesmo remedea esta Fabrica as maiores necessidades de Ferro nas visinhanças de Villa Rica, e por metade do preço por que se costuma comprar o Ferro estrangeiro.

Suppondo que ella não produza mais de quatro mil arrobas annuaes, já lucra a Capitania vinte e quatro mil cruzados, que alias havião de sahir para fóra, não mettendo em conta outros vinte e quatro mil cruzados, que os compra-

do-

dores poupão em Quintos e carretos, sendo o preço ordinario e medio do Ferro de fóra, posto em Villa Rica, 4$800 rs. por arroba. O mineiro em consequencia disso, assim como o lavrador, já póde ter os seus instrumentos por metade do preço do que anteriormente tinha, o que he huma vantagem extraordinaria.

As exagerações, que fizerão os primeiros descobridores, da riqueza de huma mina de Galena, que encontrárão nos certões do Rio Abaeté, andando a garimpar diamantes, chamárão a attenção do Governo, que me incumbio de fazer a este respeito os exames necessarios.

Está esta mina no meio de hum inculto certão de matos; e existia hum unico velho, que depois do descobrimento tinha chegado a ella por hum Ribeirão, chamado da Galena, que desagôa no Rio Abaeté. Para se mandarem amostras d'aquella mina a S. A. R. gastavão cinco dias pelo dito Ribeirão acima; e como nunca se tomou o rumo delle, custou muito abrir huma *picada* por terra, que alli se dirigisse. Consegui-o finalmente no mez do Julho do anno passado; mas longe de achar, como dizião, huma serra inteira de Galena, achei hum Veiro da *posança* de hum palmo, que atravessa de Norte a Sul rochas calcarias secundarias. Esta Galena he acompanhada de Spatho calcareo, Quartzo, Brunispatho, Verde de cobre, Pyrites de cobre, *Fahlertz*, e Blenda brunea.

Depois de huma demora de tres mezes n'aquelle certão, estando convencido que se não devia abandonar aquella mina, e que ao contrario se deveria erigir hum estabelecimento regular, formei hum plano da futura administração della. Entre tanto deixei hum Mestre mineiro Alemão, e huns poucos de Escravos para continuarem os trabalhos. Além disso, como esta mina se acha desviada quasi vinte e cinco legoas do povoado, foi-me preciso para manter a gente occupada, mandar derrubar os matos, e cultivar terras nas visinhanças.

No presente anno augmentei o numero dos Escravos,

e passei outra vez quatro mezes n'aquelle certão, cuidando principalmente em fazer estradas, e augmentar a cultura das terras; convencido sempre de que se não deve abandonar este estabelecimento. Os trabalhos da lavra fazem-se por Poços e Galerias.

A Prata que contém esta Galena he outra tanta, como costumão conter as Galenas das minas de Alemanha. Já me tinha provado isto hum ensayo feito no Laboratorio de Coimbra, e no da Real Fabrica das Sedas de Lisboa, em companhia do Sñr. Dr. José Bonifacio d'Andrada: repetindo-o na Casa da Fundição de Villa Rica, novamente se confirmárão as minhas observações.

Em algumas partes desta Capitania acha-se tambem Cobre, mas á excepção do Cobre nativo em pó, que se encontra nos corregos, e n'huma camada de Argilla schistosa-bituminosa nas visinhanças do Arrayal do Inficionado, não pude descobrir o seu leito natural; vi só amostras de Cobre vermelho e *Fahlertz* em grandes pedaços, que me dizião ter-se achado na falda de huma terra, que tem lavras de Ouro, ao pé da Fazenda dos *Caldeirões*, pertencente á Familia dos Macieis em Villa Rica.

A respeito do Cobre nativo em pó, dei todas as providencias para o seu exame: mas como não me foi possivel assistir com a minha presença, o dono da Lavra, que devia fazer estes exames, não fez caso das minhas direcções; e em consequencia não resultou nada de hum trabalho em que se consumírão mais de quatro mezes.

Cinabre nativo acha-se no Cascalho (*caillou roulé*, *Geschieb*) d'alguns corregos de Tripui, meia legoa de Villa Rica. Todos estes corregos nascem nas faldas da Serra de Caxoeira, e não vem muito longe. Esta Serra (formada principalmente de Greda, sobreposta a hum Schisto argilloso-ferruginoso, que passa muitas vezes a Argilla schistosa) contém certamente em si vieiros do dito mineral, que na flor da terra são lavados pelas torrentes da chuva, e suas particulas conduzidas aos corregos visinhos, onde apparecem mui-

muito roladas. O accaso deve aqui descobrir o que todas as minhas indagações até ao presente não produzirão.

Achou-se, ainda ha pouco, Estanho nas areas do Rio Paraupeba; o seu estado he o do *Cornisch-Zinertz*, ou Estanho lenhoso de Cornoailhes; mas he em tão pequena quantidade, que não faz conta aproveitallo. As margens deste Rio, e o terreno visinho são formados de *Gneis*, e he de esperar que se encontrarão aqui vieiros do dito Metal.

Em humas lavras de Ouro perto do Arrayal de Congonhas do Campo, achei o Chumbo vermelho n'hum Vieiro de Quartzo e area branca mui decomposta, e que atravessa rochas de pedra de Sabão. Este vieiro estava só trabalhado á flor da terra, e largou-se o trabalho apenas se encontrou o Quartzo menos decomposto, e mais rijo. Disserão-me, que na parte em que o Chumbo vermelho era mais abundante, tambem alli era o Vieiro mais rico em Ouro. Ainda até agora não pude persuadir o dono da lavra a continuar este serviço, aproveitando o mesmo Chumbo vermelho, que até então não conhecião e deitavão fóra.

Além destes Metaes que examinei, tenho noticia que se achão os seguintes.

(1.° Platina; ao pé do Arrayal da Conceição do Serro, de que possuo amostras; e no Rio Abaeté e suas visinhanças.
(2.° Chumbo; em differentes partes nas margens do Rio de S. Francisco.
(3.° Estanho; no Rio de Antonio Dias.
(4.° Bismutho; no Rio Guarapiranga, em S. Anna do deserto.
(5.° Cobalto; ao pé do Arrayal de Tejuco, no Serro do frio.
(6.° Cobre; no sitio de S. Domingos Comarca do Serro.
(7.° Manganez; em toda a Capitania.
(8.° Zinco; acha-se em quantidade grande no sitio chamado Tocaios, nas margens do Rio Jequetinhonha &c. &c.

Pelo que acabamos de expor tão resumidamente, se vêm as riquezas que esta Capitania offerece em Metaes; e sendo tal a sua posição geografica, que pouco ou nenhum proveito se póde nella tirar da Agricultura, dever-se-hião fazer to-

dos os esforços para promover a exploração, e trabalho regular das Minas, e estabelecer as competentes Fabricas.

(*Post-scriptum.*)

Esta Memoria, escrita em Villa Rica no mez de Novembro de 1813, não pôde por varios motivos ser remettida senão em Fevereiro de 1815. Entre tanto o estado das Minas tem tido pequena alteração. A Fabrica de Ferro de Congonhas do Campo he ainda a unica, que trabalha em grande nos Estados do Brazil com bastante proveito.

Com tudo as Fabricas pequenas de Particulares tem-se augmentado muito, principalmente na Itaubira do Matodentro, onde o numero das fornalhas já chega a doze.

A mina de Galena de Abaeté continúa ainda nos seus trabalhos; mas como os fundos destinados para ella não passavão de cinco mil cruzados, e como faltão Mestres habeis para a sua mineração, nunca poderá neste estado de cousas tirar-se della hum grande proveito. No presente anno (1815) pretendo fazer a fundição de duas mil arrobas de Galena pura, que foi tirada por quatro Escravos mineiros em tempo de dois annos e meio; e como as despezas até agora não subirão a mais de tres mil cruzados, espero podellos tirar do producto das Fundições.

Restava-me ainda dar o plano da Administração regular e economica das Minas e Fundições; e eu offereço á Academia as bases delle a fim de que, mandadas examinar por Pessoas sabias e zelosas do bem publico, possa finalmente apresentar-se hum plano completo e perfeito para se administrarem as Minas deste Paiz, principalmente da Capitania de Minas: o que he necessarissimo, principalmente para as de Ouro, cuja decadencia ainda continúa, não tendo chegado o Quinto no anno passado para pagar as despezas da extracção diamantina, e das Casas de Fundição.

FIM.

ME-

MEMORIAS,

QUE SE CONTÉM NA II. PARTE DESTE QUARTO TOMO.

HISTORIA.

DISCURSO contendo a Historia da Academia Real das Sciencias, desde 25 de Junho de 1814 até 24 de Junho de 1815: por José Bonifacio de Andrada e Silva. - - - - - - - - - - - - - - - Pag. I

Conta annual da Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias, pronunciada na Sessão Publica de 1815: por Bernardino Antonio Gomes. - - - - - - - XXX

Pragramma para o anno de 1817. - - - - - - - LVI

Elogio Historico de João Guilherme Christiano Müller, recitado na Assembléa Publica da mesma Academia de 24 de Junho de 1815: por Francisco Manoel Trigozo d'Aragão Morato. - - - - - - - - - LVII

Memorias dos Socios.

Glossario das Palavras e Frases da Lingua Franceza, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na Locução Portugueza moderna; com o juizo critico das que são adoptaveis nella: por Fr. Francisco de S. Luiz. - - - - - - - - - - - - - 1

Memoria sobre hum Documento inedito do principio do Seculo XII., em que se mostra, que — O Sñr. Conde D. Henrique, achando-se ausente na Palestina, ainda não tinha voltado a Portugal em Maio da era 1141 (Anno 1103) —: por Francisco Ribeiro Dosguimarães. - - - - - - - - - - - - - - - - 147

Taboas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa, reduzida ao centro da Terra 38° 27′ 22″, suppondo a obli-

quidade da Ecliptica 23° 28′ 0″: por Francisco Antonio Ciera. - - - - - - - - - - - - - - - 155
Plano de Extracção de Loterias: pelo mesmo. - - - 180

Memorias dos Correspondentes.

Extracto de huma Memoria sobre o estado da Agricultura da Comarca de Castello-branco: por João de Macedo Pereira da Guerra Forjaz. - - - - - - - 3
Memoria sobre a descripção, e vantagens de huma cadeira obstetricia da invenção do Professor Stein, *depois reformada, e emendada principalmente pelo Professor* Osiander: *escrita* por Justiniano de Mello Franco. - - - - - - - - - - - - - - - 22
Annaes Vaccinicos de Portugal, ou Memoria Chronologica da Vaccinação em Portugal, desde a sua introducção até o estabelecimento da Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias de Lisboa: por Antonio de Almeida. - - - - - - - - - - - - - - - 40
Extracto de huma Memoria sobre a decadencia das minas de Ouro da Capitania de Minas Geraes, e sobre varios outros objectos Montanisticos: por Guilherme B. de Eschwege. - - - - - - - - - - - - 65

CA-

CATALOGO

Das Obras já impressas, e mandadas publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; com os preços, por que cada huma dellas se vende brochada.

I. BREVES Inſtrucções aos Correspondentes da Academia, sobre as remessas dos productos naturaes, para formar hum Museo Nacional, *folheto* 8.° - - - - - - - - - 120

II. Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal, remettidas á Academia, por João Antonio Dalla-Bella, Socio da mesma, 1 vol. 4.° - - - - - - - 480

III. Memoria sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal, remettida á Academia, pelo mesmo, 1 vol. 4.° - - - - - - - 480

IV. Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2 vol. 8.° 960

V. Paschalis Josephi Mellii Freirii Hiſtoriae Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - 640

VI. Ejusdem Inſtitutiones Juris Civilis, et Criminalis Lusitani, 5. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 2400

VII. Osmïa, Tragedia coroada pela Academia, *folh.* 4.° - - 240

VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, *folh.* 4.° 160

IX. Veſtigios da Lingua Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, compoſto por ordem da Academia, por Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - 480

X. Dominici Vandelli, Viridarium Grysley Lusitanicum Linnæanis nominibus illuſtratum, 1 vol. 8.° - - - - - - - - - 200

XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Aſtronomico para o anno de 1789, calculado para o Meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - 360

O mesmo para os annos seguintes até 1809 inclusivamente.

XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Induſtria em Portugal, e suas Conquiſtas, 5 vol. 4.° - - 4000

XIII. Collecção de Livros ineditos de Hiſtoria Portugueza, desde o Reinado do Senhor Rei D. Dinis, até ao do Senhor Rei D. João II. 4. vol. *fol.* - - - - - - - - - - - - - - 7200

XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folh.* 8.° - - - - - - - *gr.*

XV.

XV. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, 1 vol. 4.° - - - - - - - 360

XVI. Documentos Arabicos da Hiſtoria Portugueza, copiados dos Originaes da Torre do Tombo com permissão de S. Mageſtade, e vertidos em Portuguez, por ordem da Academia, por Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - 480

XVII. Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escritas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*; publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma, 1 vol. 8.° *mai.* - - 480

XVIII. Flora Cochinchinensis; sistens Plantas in Regno Cochinchinæ nascentes. Quibus accedunt aliæ observatæ in Sinensi Imperio, Africa Orientali, Indiæque locis variis. Labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiæ Scientiarum Academiæ Ulyssiponensis Socii: jussu Acad. R. Scient. in lucem edita, 2 vol. 4.° *mai.* - 2400

XIX. Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Hiſtoria, e Eſtudo critico da Legislação Portugueza; mandada publicar pela Academia Real das Sciencias, e ordenada por José Anaſtasio de Figueiredo, Correspondente da mesma Academia, 2 vol. 4.° - - - - - - - - - - - 1800

XX. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco José de Almeida, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - 360

XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1 vol. 8.° - - - - - - - - - 600

XXII. Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das Aguas Mineraes das Caldas da Rainha, publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco Tavares, Socio Livre da mesma Academia, *folh.* 4.° - - - - - - - - - 120

XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza, 8 vol. 4.° - - - 6400

XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino, por Joaquim José Ferreira Gordo, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - 400

XXV. Diccionario da Lingua Portugueza, 1.° vol. *fol. mai.* - - 4800

XXVI. Compendio da Theorica dos Limites, ou Introducção ao Methodo das Fluxões, por Francisco de Borja Garção Stockler, Socio da Academia, 8.° - - - - - - - - - - - - 240

XXVII. Ensaio Economico sobre o Commercio de Portugal, e suas Colonias, offerecido ao Serenissimo Principe da Beira o Senhor D. Pedro, e publicado de ordem da Academia Real das Scien-

Sciencias, pelo seu Socio D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, segunda edição corregida, e accrescentada pelo mesmo Auctor, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - 480

XXVIII. Tratado de Agrimensura, por Estevão Cabral, Socio da Academia, em 8.° - - - - - - - - - - - - - - 240

XXIX. Analyse Chymica da Agua das Caldas, por Guilherme Withering, em Portuguez e Inglez, *folh.* 4.° - - - - - - 240

XXX. Principios de Tactica Naval, por Manoel do Espirito Santo Limpo, Correspondente do Num. da Academia, 1 vol. 8.° 480

XXXI. Memorias da Academia Real das Sciencias, 4 vol. *fol.* - 8000

XXXII. Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XXXIII. Observações Historicas e Criticas para servirem de Memorias ao systema da Diplomatica Portugueza, por João Pedro Ribeiro, Socio da Academia, Parte I. 4.° - - - - - - - 480

XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Logarithmicarum, et Trigonometricarum, 1 vol. 4.° - - - - - - - - 960

XXXV. Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes, 1 vol. 4.° - 800

XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches, Pringle, &c. sobre as Causas e Prevenções das Doenças dos Exercitos, por Alexandre Antonio das Neves, para distribuir-se ao Exercito, *folh.* 12.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - *gr.*

XXXVII. Advertencia dos meios para preservar da Peste. *Segunda edição, accrescentada com o* Opusculo de Thomaz Alvares sobre a Peste de 1569. *folh.* 12.° - - - - - - - - - - 120

XXXVIII. Hippolyto, Tragedia de Euripides, vertida do Grego em Portuguez, pelo Director de huma das Classes da Academia; *com o texto*, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - 480

XXXIX. Taboas Logarithmicas, calculadas até á setima casa decimal, publicadas de ordem da Real Academia das Sciencias, por J. M. D. P. 1 vol. 8.° - - - - - - - - - - 480

XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza, posterior á publicação do Codigo Filippino, por João Pedro Ribeiro, Part. 1.ª 2.ª 3.ª e 4.ª - - - - - - - - - - 3600

XLI. Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Secretario da Academia Real das Sciencias, I.° vol. 8.° - - - - - - 800

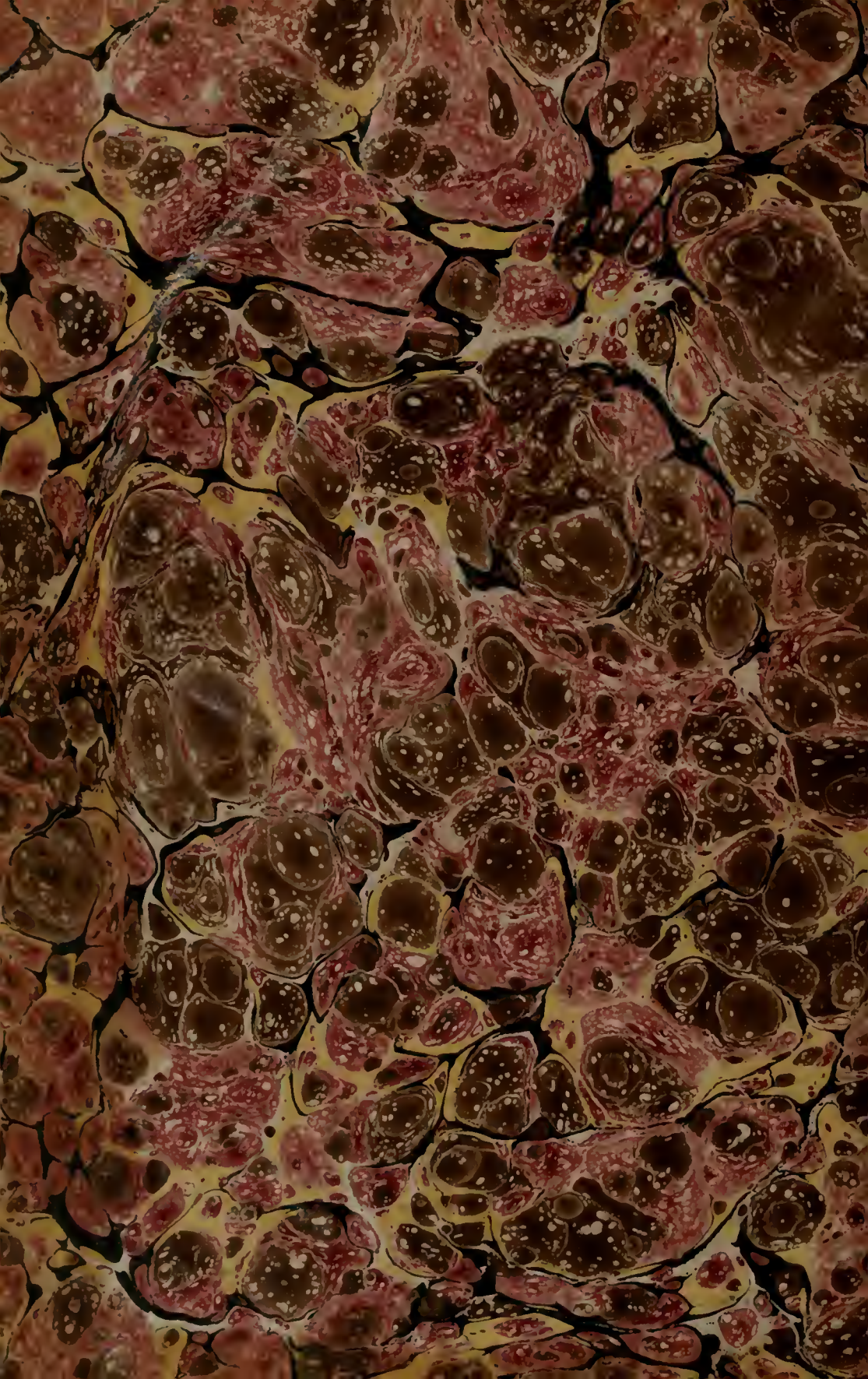
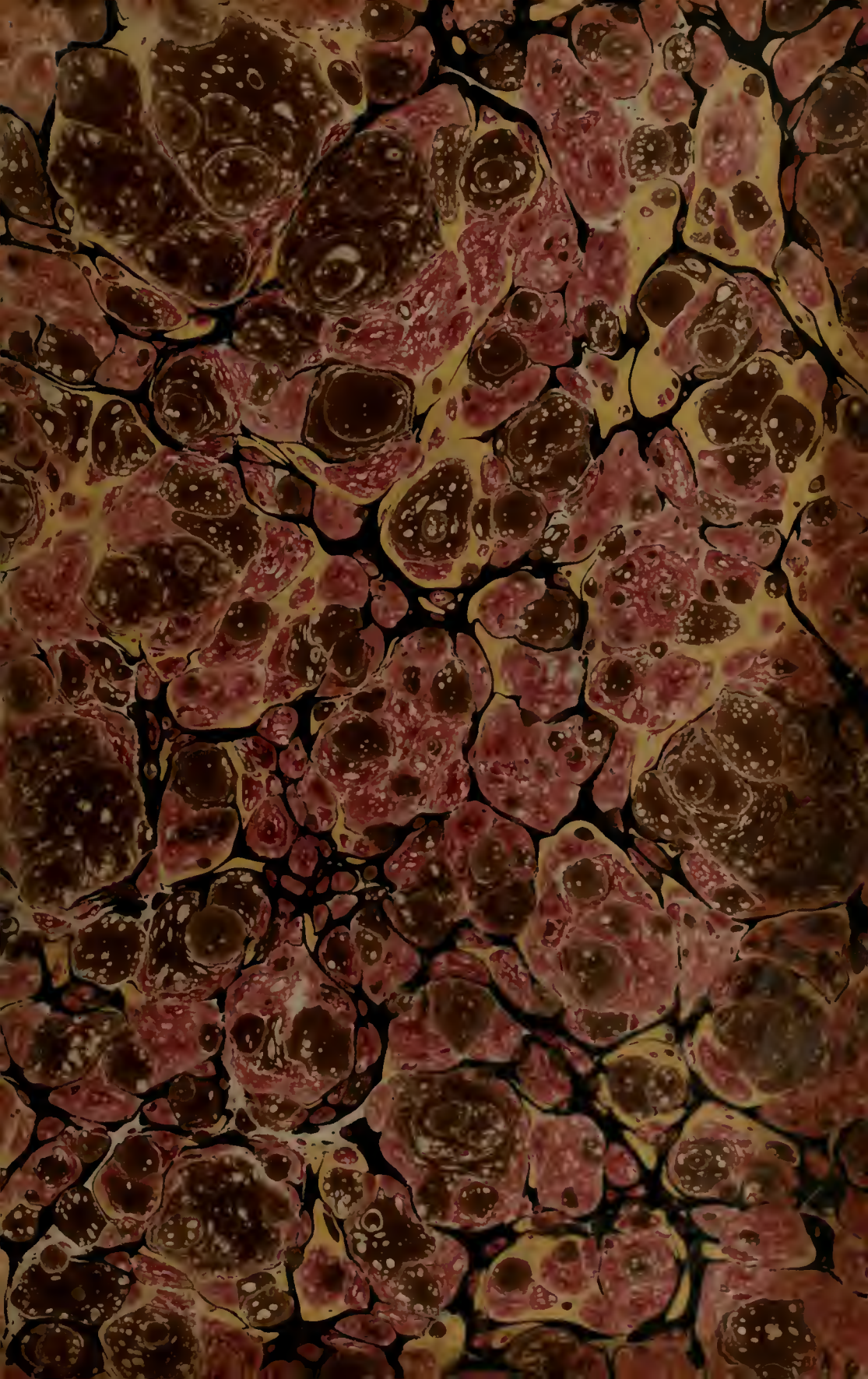
XLII. Collecção dos principaes Auctores da Historia Portugueza, publicada com notas pelo Director da Classe de Litteratura da Academia Real das Sciencias, 8 vol. em 8.° - - - - - 4800

XLIII. Dissertações Chronologicas, e Criticas, por João Pedro Ribeiro, 3 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - 2400

XLIV. Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Na-

Nações Ultramarinas, Tom. I. Numeros 1.° 2.° 3.° e 4.° - - 600
O Tomo II. - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 800
XLV. Hippolyto, Tragedia de Seneca; e Phedra, Tragedia de Racine: traduzidas em verso, pelo Socio da Academia Sebastião Francisco Mendo Trigozo, *com os textos*, 1 vol. 4.° - 600
XLVI. Opusculos sobre a Vaccina: Num. I. até XIII. - - - 300
XLVII. Elementos de Hygiene, por Francisco de Mello Franco, Socio da Academia: Parte I. e II. - - - - - - - - - - 600
XLVIII. Memoria sobre a necessidade e utilidade do Plantio de novos bosques em Portugal, por José Bonifacio de Andrada e Silva, Secretario da Academia Real das Sciencias, 1 vol. 4.° 400
XLIX. Taboas Auxiliares para uso da Navegação Portugueza, compiladas de ordem da Academia R. das Sciencias, 1. vol. 4.° 600
L. Elementos de Geometria, por Francisco Villela Barbosa, Lente de Mathematica na Academia Real da Marinha, e Socio da Academia Real das Sciencias, 1. vol. 8.° - - - - - - - 800

Eſtão no prélo as seguintes.

Documentos para a Hiſtoria da Legislação Portugueza, pelos Socios da Academia João Pedro Ribeiro, Joaquim de Santo Agoſtinho de Brito Galvão, e outros.
Collecção dos principaes Hiſtoriadores Portuguezes.
Collecção de Noticias para a Hiſtoria e Geografia das Nações Ultramarinas.
Taboas Trigonometricas, por J. M. D. P.
Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Tom. 2.°
Obras escolhidas do Padre Vieira.
Memoria sobre os Foraes.

Vendem-se em Lisboa *nas lojas dos* Mercadores de Livros na Rua das Portas de Santa Catharina, *e em* Coimbra *e no* Porto *tambem pelos mesmos preços.*